

MISTER

The Royal Borough of Kensington and Chelsea
CHELSEA EMBANKMENT, SW

EL James

Autora de CINQUENTA TONS DE CINZA



MISTER

E L James

TRADUÇÃO DE
CÁSSIA ZANON, CATHARINA PINHEIRO,
MARIA CARMELITA DIAS E JULIA SOBRAL CAMPOS



Copyright © 2019 by Erika James Limited

TÍTULO ORIGINAL

The Mister

PREPARAÇÃO

Ilana Goldfeld

Nina Lopes

REVISÃO

Marina Góes

Daniel Austie

Juliana Pitanga

DESIGN E FOTO DE CAPA

© Erika Mitchell

Imagem de capa reproduzida com a permissão do Royal Borough of Kensington and Chelsea.

FOTO DE CONTRACAPA

© Kwangmoozaa / Shutterstock

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Antonio Rhoden

REVISÃO DE E-BOOK

Carolina Rodrigues

Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0516-3

Edição digital: 2019

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Sumário

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Prólogo

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Quatorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezesete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Capítulo Trinta e Um](#)

[Capítulo Trinta e Dois](#)

[Capítulo Trinta e Três](#)

[Músicas interpretadas por Alessia](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outros títulos da autora](#)

[Leia também](#)

Para tia Elba

*Obrigada por sua sabedoria, força, bom humor e sanidade, mas, acima
de tudo, pelo seu amor*

Prólogo

Não. Não. Não. O escuro, não. A escuridão sufocante, não. O saco plástico, não. O pânico toma conta dela, tirando o ar de seus pulmões. Não consigo respirar. Não consigo respirar. O gosto metálico do medo surge em sua garganta. Preciso fazer isso. É o único jeito. Fique parada. Fique quieta. Respire devagar. Respire de leve. Como ele disse. Vai acabar logo. Vai acabar e então eu estarei livre. Livre. Livre.

Vá. Agora. Corra. Corra. Corra. Vá. Ela corre depressa e com esforço, mas não olha para trás. O medo a faz avançar enquanto ela desvia de alguns clientes noturnos durante a fuga. A sorte está a seu lado: as portas automáticas estão abertas. Ela passa voando por baixo das decorações natalinas espalhafatosas e pela entrada do estacionamento. Corre sem parar. Entre os carros estacionados e pela floresta. Corre por sua vida, seguindo um caminhezinho de terra entre espinheiros, pequenos galhos atingindo seu rosto. Ela corre até seus pulmões doerem. *Vá. Vá. Vá. Não pare.*

Frio. Frio. Muito frio. O cansaço turva sua mente. O cansaço e o frio. O vento uiva por entre as árvores, por suas roupas, dentro de seus ossos. Ela se encolhe sob um arbusto e com as mãos dormentes junta as folhas caídas, para criar um ninho. *Sono.* Ela precisa dormir. Deita no chão duro e frio, cansada demais para ter medo e cansada demais para chorar. *As outras. Será que conseguiram fugir? Ela fecha os olhos. Será que conseguiram escapar? Tomara que estejam livres. Que estejam aquecidas... Como é que tudo acabou assim?*

Ela acorda. Está deitada entre latas de lixo, envolta em jornais e papelão. Tremendo. Sente muito frio. Mas precisa seguir adiante. Tem um endereço. Agradece ao Deus de sua avó pelo endereço. Com os dedos trêmulos, ela desdobra o papel. É para onde precisa ir. *Agora. Agora. Agora.*

Um pé na frente do outro. Andar. É só o que pode fazer. Andar. Andar. *Andar.* Dormir na soleira de uma porta. Acordar e andar. Andar. Ela bebe água da pia do McDonald's. O cheiro da comida é tentador.

Está com frio. A fome corrói seu estômago. Ela anda e anda, seguindo o mapa. Um mapa roubado. Roubado de uma loja. Uma loja com pisca-piscas e música natalina. Ela segura o pedaço de papel com o pouco de força que lhe resta. Está gasto e rasgado por causa do tempo que passou escondido em

sua bota. *Cansada*. Tão cansada. *Suja*. Tão suja, com frio e assustada. Aquele lugar é sua única esperança. Ela ergue a mão trêmula e toca a campainha.

Magda estava esperando por ela. Sua mãe lhe escreveu explicando. Ela a recebe de braços abertos. E então dá um passo apressado para trás. *Minha nossa, menina. O que aconteceu? Achei que você vinha na semana passada!*

Capítulo Um

Sexo sem compromisso tem muitas vantagens. Nenhuma obrigação, nenhuma expectativa e nenhuma decepção. Só preciso lembrar o nome delas. Quem foi a última? Jojo? Jeanne? Jody? Tanto faz. Foi uma foda anônima que gemia para caramba, tanto na cama quanto fora dela. Fico deitado observando os reflexos ondulantes do rio Tâmis no teto, sem conseguir dormir. Inquieto demais para isso.

Hoje à noite é Caroline. Ela não se encaixa na categoria “foda anônima”. Nunca vai se encaixar. Onde eu estava com a cabeça? Fechando os olhos, tento calar a vozinha que questiona constantemente a decisão de ir para a cama com minha melhor amiga... de novo. Ela está dormindo ao meu lado, seu corpo esguio banhado pela luz prateada da lua de janeiro, suas pernas compridas entrelaçadas às minhas, sua cabeça no meu peito.

Isso é errado, muito errado. Esfrego o rosto, tentando afastar o desprezo que sinto por mim mesmo, e ela se remexe, mudando de posição, acordando do cochilo. Uma unha pintada percorre minha barriga, alcançando os músculos do abdômen, então contorna meu umbigo. Sinto seu sorriso sonolento à medida que desliza os dedos em direção aos meus pelos pubianos. Segurando a mão dela, trago-a até os meus lábios.

— Não foi estrago suficiente para uma noite, Caro?

Beijo um dedo de cada vez para que a rejeição não doa. Estou cansado e abatido por causa da culpa insistente e intrometida que me corrói por dentro. É Caroline, pelo amor de Deus, minha melhor amiga e mulher do meu irmão. Ex-mulher.

Não. Ex-mulher, não. Viúva dele.

É uma palavra triste e solitária para uma circunstância triste e solitária.

— Ah, Maxim, por favor. Me faça esquecer — sussurra ela, dando um beijo morno e molhado no meu peito.

Afastando o cabelo claro do rosto, ela me olha por trás dos cílios longos, os olhos brilhando de desejo e sofrimento.

Seguro seu lindo rosto com as mãos e balanço a cabeça.

— Não devíamos.

— Não. — Ela leva os dedos aos meus lábios, me calando. — Por favor. Eu preciso.

Solto um gemido. Vou para o inferno.

— Por favor — implora ela.

Merda, isso aqui é o inferno.

E como também estou sofrendo — porque também sinto falta do meu irmão — e Caroline é minha única ligação com ele, meus lábios encontram os dela e eu a deito de costas.

Quando acordo, estreito os olhos porque o quarto está inundado pela luz clara do sol de inverno. Ao me virar de lado, fico aliviado ao ver que Caroline foi embora, deixando para trás um rastro de arrependimento... e um bilhete em meu travesseiro:

Jantar hoje à noite com papai e o enteadinho?

Venha, por favor.

Eles também estão sofrendo.

*Bjo,
I amo*

Merda.

Não é isso que eu quero. Fecho os olhos, grato por estar sozinho em minha cama e, apesar de nossas atividades noturnas, satisfeito por termos decidido voltar a Londres dois dias depois do funeral.

Como foi que perdi tanto o controle da situação?

Só uma saideira, ela tinha dito, e eu encarei seus grandes olhos azuis transbordando mágoa e soube o que ela queria. Era o mesmo olhar que me lançara na noite em que soubemos do acidente de Kit e de sua morte prematura. Um olhar ao qual não pude resistir. Já havíamos quase partido para a ação muitas vezes, mas naquela noite eu me entreguei ao destino e, com uma inevitabilidade infalível, trepei com a esposa do meu irmão.

E agora nós havíamos feito aquilo de novo, apenas dois dias depois do enterro dele.

Olho para o teto e franzo a testa. Sou um exemplar patético de ser humano, sem dúvida. Mas, bem, Caroline também é. Pelo menos ela tem

uma desculpa: está de luto, com medo do futuro, e sou seu melhor amigo. A quem mais ela poderia recorrer em um momento de necessidade? Mas eu exagerei na hora de *consolar* a viúva sofredora.

Com a testa ainda franzida, amasso o bilhete e o jogo no piso de madeira. Ele rola para baixo do sofá, que está coberto de roupas minhas. A sombra da água flutua acima de mim, a luz e a escuridão parecem me provocar. Fecho os olhos para afastá-las da mente.

Kit era um homem bom.

Kit. Kit querido. O preferido de todos, até mesmo de Caroline; afinal, ela o escolheu. A visão do corpo arrasado e acabado do meu irmão sob um lençol no necrotério do hospital invade meus pensamentos. Inspiro fundo, tentando apagar a lembrança, mas um nó se forma na minha garganta. Ele merecia coisa melhor do que a querida Caro e eu, o irmão inútil. Ele não merecia essa... traição.

Merda.

Quem estou querendo enganar?

Eu e Caroline merecemos um ao outro. Ela satisfaz minha vontade, e eu, a dela. Estamos de comum acordo e somos dois adultos *teoricamente* livres. Ela gosta. Eu gosto, é o que faço de melhor: trepar com mulheres bonitas e sensuais até altas horas da madrugada. É minha recreação favorita, uma chance de me ocupar com algo, com alguém. Trepar me deixa em forma, e, no auge da paixão, descubro tudo que preciso saber sobre aquela mulher: como fazê-la suar e se ela grita ou chora quando goza.

Caroline é uma chorona.

Caroline acabou de perder o marido.

Merda.

E eu perdi meu irmão mais velho, minha única estrela guia nos últimos anos.

Merda.

Quando fecho os olhos, vejo o rosto pálido e morto de Kit outra vez, e a perda é um abismo dentro de mim.

Uma perda irreparável.

Por que diabo ele estava andando de moto naquela noite escura e cheia de gelo? Não dá para entender. Kit é — *era* — o irmão sensato, a pessoa

confiável, o rei da responsabilidade. De nós dois, era Kit quem honrava o nome e a reputação da família e quem se comportava direito. Tinha um emprego no centro, além de gerenciar os negócios familiares importantes. Não tomava decisões precipitadas, não dirigia como um louco. Era o irmão ajuizado. Era presente. Não era o bagunceiro pródigo que eu sou. Não, eu sou o outro lado da moeda de Kit. Minha especialidade é ser a ovelha negra da família. Ninguém espera nada de mim, isso eu garanto. Sempre.

Eu me sento sob a luz forte da manhã, mal-humorado. Está na hora de ir para a academia, no porão. Correr, trepar e fazer esgrima — tudo isso me deixa em forma.

* * *

COM AS BATIDAS de uma música animada nos ouvidos e o suor escorrendo pelas costas, puxo ar para dentro dos pulmões. O impacto dos pés na esteira esvazia minha mente enquanto foco em levar meu corpo ao limite. Geralmente, quando corro, fico concentrado e grato por ao menos sentir *alguma coisa*, ainda que essa coisa seja apenas pulmões, braços e pernas ardendo com o esforço. Hoje não quero sentir nada, não depois dessa semana de merda. Só quero a dor física da exaustão. Não a dor da perda.

Corra. Respire. Corra. Respire.

Não pense em Kit. Não pense em Caroline.

Corra. Corra. Corra.

Enquanto reduzo o ritmo, a esteira desacelera e percorro o último trecho dos oito quilômetros de corrida mais devagar, dando espaço para que os pensamentos febris retornem. Pela primeira vez em bastante tempo, tenho muito o que fazer.

Antes da morte de Kit, eu passava os dias me recuperando da noite anterior e planejando a diversão da semana seguinte. E só. Essa era minha vida. Não gosto de chamar atenção para o vazio da minha existência, mas no fundo sei quanto sou inútil. A consequência de contar com um fundo fiduciário generoso desde os vinte e um anos foi nunca ter enfrentado um dia de trabalho de verdade na vida. Ao contrário do meu irmão mais velho. Kit trabalhava muito. Mas, ao mesmo tempo, não tinha escolha.

Hoje, no entanto, vai ser diferente. Sou o executor do testamento dele, o que é uma piada. Escolher a *mim* foi um último deboche, tenho certeza, mas agora que ele está enterrado no jazigo da família, o testamento precisa ser lido e... bem, cumprido.

E Kit morreu sem deixar herdeiros.

Um tremor me percorre quando a esteira para. Não quero pensar nas implicações disso. Não estou pronto.

Pego meu iPhone, passo a toalha em volta do pescoço e subo a escada correndo até meu apartamento no sexto andar.

Tiro a roupa, jogo tudo no quarto e sigo para o banheiro da suíte. No chuveiro, enquanto lavo o cabelo, reflito sobre como lidar com Caroline. Nos conhecemos desde a escola. Nos identificamos um com o outro e isso nos aproximou, dois adolescentes de treze anos em um colégio interno e com pais divorciados. Eu era o novato, e ela me acolheu. Nos tornamos inseparáveis. Ela é e sempre será meu primeiro amor, minha primeira transa... minha desastrosa primeira transa. E, anos depois, ela escolheu meu irmão, não a mim. Mas, apesar de tudo, continuamos bons amigos e nos mantivemos fisicamente distantes... até a morte de Kit.

Merda. Isso tem que acabar. Não quero nem preciso dessa complicação. Enquanto faço a barba, olhos verdes sérios me fuzilam no espelho. *Não estrague as coisas com Caroline. Ela é uma das poucas amigas que você tem. Sua melhor amiga. Fale com ela. Tenham uma conversa madura. Ela sabe que vocês são incompatíveis.* Aceno para o meu reflexo, um pouco mais decidido em relação a ela, e enxágua a espuma do rosto. Jogo a toalha no chão e vou me vestir. Pego uma calça jeans preta, embolada em uma pilha em uma das prateleiras, e fico aliviado ao encontrar pendurados uma camisa branca recém-passada e um paletó preto lavado a seco. Tenho um almoço com os advogados da família. Calço as botas e pego um casaco para me proteger do frio lá fora.

Merda, hoje é segunda-feira.

Lembro que Krystyna, minha diarista polonesa anciã, deve vir no fim da manhã para limpar a casa. Pego a carteira, deixo um dinheiro na mesinha do hall, programo o alarme e saio, trancando a porta. Abro mão do elevador e desço de escada.

No Chelsea Embankment, o ar no calçadão está límpido e fresco, marcado apenas pelo vapor da minha respiração gelada. Para além do rio Tâmisa, sombrio e cinzento no outro lado da rua, olho fixamente para o Peace Pagoda, o monumento dedicado à paz, na margem oposta. É isso que eu quero, um pouco de paz, mas isso pode demorar muito ainda. Espero ter algumas respostas na hora do almoço. Erguendo o braço, chamo um táxi e peço ao motorista que me leve até Mayfair.

* * *

NO ESPLENDOR GEORGIANO da Brook Street, os advogados da Pavel, Marmont e Hoffman cuidam da minha família desde 1775.

— Hora de ser adulto — murmuro para mim mesmo ao empurrar a requintada porta de madeira.

— Boa tarde, senhor — diz a jovem recepcionista com um sorriso radiante, a pele morena corando.

Ela é bonita, de um jeito discreto. Em circunstâncias normais, eu conseguiria seu telefone em cinco minutos de conversa, mas não é para isso que estou ali.

— Tenho hora marcada com o Sr. Rajah.

— Seu nome?

— Maxim Trevelyan.

Seus olhos percorrem a tela do computador, ela balança a cabeça e franze a testa.

— Sente-se, por favor — diz, indicando duas poltronas de couro marrons no saguão de paredes forradas, e eu me sento na mais próxima, pegando o *Financial Times* daquela manhã.

A recepcionista fala ao telefone com certo nervosismo enquanto examino a capa do jornal sem assimilar nada. Quando ergo os olhos, Rajah está vindo me cumprimentar, passando pelas portas duplas com a mão estendida.

Fico de pé.

— Lorde Trevethick, meus sinceros pêsames por sua perda — diz Rajah quando trocamos um aperto de mãos.

— Só Trevethick, por favor — respondo. — Ainda preciso me acostumar com o título do meu irmão.

Meu título... agora.

— Claro.

O Sr. Rajah assente com uma deferência educada que me irrita.

— Gostaria de se juntar a nós? Estamos almoçando na sala dos sócios, e devo dizer que temos uma das melhores adegas de Londres.

* * *

HIPNOTIZADO, OBSERVO AS chamas bruxuleantes da lareira do meu clube em Mayfair.

Conde de Trevethick.

Esse sou eu. Agora.

É inconcebível. É arrasador.

Como invejei o título do meu irmão e sua posição na família quando era mais jovem. Kit foi o filho preferido desde que nasceu, sobretudo para minha mãe, afinal ele era o herdeiro, não o reserva. Conhecido como Visconde Porthtowan desde o nascimento, Kit tornou-se o décimo segundo Conde de Trevethick aos vinte anos, após a morte repentina de nosso pai. Aos vinte e oito, sou o sortudo décimo terceiro. Embora eu tenha invejado o título e tudo que ele carrega, agora que é meu sinto que estou invadindo o terreno de Kit.

Você trepou com a condessa dele ontem à noite. É mais do que uma invasão.

Bebo um gole do Glenrothes e ergo o copo.

— Um brinde aos que se foram — sussurro, sorrindo com a ironia.

Glenrothes era o uísque preferido do meu pai e do meu irmão e, a partir de hoje, esse *vintage* de 1992 será o meu.

Não sei ao certo quando aceitei a sorte de Kit ou o próprio Kit, mas aconteceu em algum momento do fim da adolescência. Ele tinha o título e a garota, e eu precisava me conformar. Mas agora é tudo meu. Tudo.

Até a esposa. Bem, pelo menos ontem à noite.

Mas a ironia é que Kit não incluiu Caroline no testamento.

Nada.

Era isso que ela temia.

Como pode ter sido tão descuidado? Ele escrevera um testamento novo quatro meses atrás, mas não deixara nada para ela. Os dois estavam casados havia apenas dois anos...

Onde ele estava com a cabeça?

Certo, é possível que ela conteste. E quem poderia culpá-la?

Esfrego o rosto.

O que vou fazer?

Meu celular vibra.

ONDE VOCÊ ESTÁ?

É Caroline.

Coloco o aparelho no silencioso e peço outra bebida. Não quero vê-la esta noite. Quero me perder em outra pessoa. Alguém novo, sem amarras, e acho que vou atrás de um pouco de cocaína também. Pego de novo o telefone e abro o Tinder.

* * *

— MAXIM, QUE APARTAMENTO deslumbrante.

Ela observa a água turva do Tâmisia brilhando sob a luz do Peace Pagoda. Pego seu casaco e o deixo no encosto do sofá.

— Quer uma bebida ou algo mais forte? — pergunto.

Não vamos ficar muito tempo na sala. No mesmo instante, ela joga o cabelo preto brilhante por cima do ombro. Seus olhos castanhos, contornados a lápis, estão fixos em mim.

Ela passa a língua pelos lábios pintados, ergue uma sobrancelha e pergunta:

— Mais forte? — Seu tom é sedutor. — O que você bebe?

Ah... não captou a deixa, então nada de cocaína, mas mesmo assim ela está bem saidinha. Eu me aproximo de forma que ela tenha que erguer a cabeça para me olhar. Tomo cuidado para não tocar nela.

— Não estou com sede, Heather.

Falo baixo, satisfeito por ter lembrado seu nome. Heather engole em seco e entreabre os lábios.

— Eu também não — sussurra ela, e seu sorriso provocante alcança os olhos.

— O que você quer?

Vejo seu olhar se mover até minha boca. É um convite. Faço uma pausa para ter certeza de que estou interpretando aquilo do jeito certo, então abaixo o rosto e a beijo. É um toque breve: lábios nos lábios e depois nada.

— Acho que você sabe o que eu quero.

Ela ergue as mãos para passar os dedos pelo meu cabelo e me puxar de volta para sua boca quente e convidativa. Tem gosto de conhaque com um

leve traço de cigarro. O sabor me distrai. Não me lembro de tê-la visto fumando no clube. Eu a puxo com força, uma mão na sua cintura enquanto a outra percorre todas as curvas de seu corpo. Ela tem uma cintura fina e seios grandes e firmes, que pressiona de forma provocante contra o meu corpo. Será que prová-los vai ser tão gostoso quanto tocá-los? Minhas mãos alcançam sua bunda, e eu intensifico o beijo, explorando a boca ávida.

— O que *você quer? — sussurro contra seus lábios.*

— Você.

Sua voz sai arfante e urgente. Ela está excitada. Muito. Começa a desabotoar minha camisa. Fico parado enquanto ela a afasta dos meus ombros e a deixa cair no chão.

Será que como essa mulher aqui ou na minha cama? O conforto vence, e eu seguro sua mão.

— Venha comigo.

Puxo-a delicadamente, e ela me segue pelo corredor até o quarto.

Está arrumado, como eu sabia que estaria.

Deus abençoe Krystyna.

Acendo as luzes da cabeceira no interruptor da parede e a acompanho até a cama.

— Vire de costas.

Heather obedece, mas cambaleia de leve nos saltos altos.

— Parada.

Seguro seus ombros e a puxo com força, então viro sua cabeça para ver seus olhos. Estão fixos nos meus lábios, mas ela os ergue. Olhos límpidos. Alertas. Focados. Está sóbria o bastante. Encosto o rosto em seu pescoço, provando sua pele macia e cheirosa com a língua.

— Acho que está na hora de deitar.

Abro o zíper do seu vestido vermelho curto e o afasto dos ombros, parando ao expor seu colo e o início dos seios em um sutiã vermelho. Acaricio o tecido de renda com o polegar. Ela geme e arqueia as costas, pressionando os seios contra as minhas mãos.

Ah, isso.

Meus polegares se enfiam sob o tecido delicado e contornam os mamilos

enrijecidos enquanto ela estende as mãos para trás à procura do botão da minha calça jeans.

— Temos a noite inteira — murmuro, soltando-a e recuando um passo para que o vestido caia e se amontoe aos seus pés.

Um fio-dental vermelho revela uma bunda bem desenhada.

— Vire. Quero ver você.

Heather joga o cabelo por cima do ombro ao dar meia-volta e me lança um olhar ardente por trás dos cílios. Seus seios são magníficos.

Eu sorrio. Ela sorri.

Isso vai ser divertido.

Estendendo os braços, ela agarra o cós da minha calça jeans e puxa com força, de forma que seus seios gloriosos encostam mais uma vez no meu peito.

— Me beije — geme ela, a voz baixa e exigente.

Ela passa a língua pelos dentes de cima. Meu corpo reage, e a calça fica apertada.

— É um prazer obedecer, madame.

Seguro sua cabeça, meus dedos tocando seu cabelo sedoso, e beijo-a de novo, mais bruscamente dessa vez. Ela retribui, agarrando meu cabelo enquanto nossas línguas se encontram. Ela para e ergue a cabeça para mim com um brilho lascivo no olhar, como se finalmente estivesse me vendo e gostando do que vê. Então seus lábios fervorosos estão mais uma vez nos meus.

Nossa, ela quer muito.

Dedos hábeis encontram o botão da minha calça e ela me puxa. Rindo, pego suas mãos e a empurro delicadamente, fazendo nós dois cairmos na cama.

* * *

HEATHER. O NOME dela é Heather e está dormindo profundamente ao meu lado. Olho para o relógio de cabeceira: são cinco e quinze da manhã. Ela fode bem, sem dúvida. Mas agora quero que vá embora. Quanto tempo vou precisar ficar aqui ouvindo a sua respiração fraca? Talvez eu devesse ter ido ao apartamento dela, assim poderia ir embora logo cedo. Mas o meu era mais perto, e nós estávamos impacientes. Enquanto olho para o teto, repasso

mentalmente nossa noite, tentando lembrar algum detalhe sobre ela, se é que reparei em algum. Trabalha na televisão — ou TV, como diz — e precisa estar no escritório cedo, o que significa que deve partir daqui a pouco, imagino. Mora em Putney. É gostosa. É solícita. Sim, muito solícita. Gosta de ficar de frente durante o sexo, goza em silêncio e tem uma boca talentosa, que sabe exatamente como reanimar um homem cansado. Meu pau se remexe com a lembrança e cogito acordá-la para mais. Seu cabelo escuro está espalhado pelo travesseiro, e ela exibe uma expressão serena enquanto dorme. Ignoro a pontada de inveja que essa tranquilidade me causa e me pergunto se eu encontraria a mesma paz caso a conhecesse melhor.

Ah, pelo amor de Deus. Só quero que ela vá embora.

Você tem problemas com intimidade. É a voz irritante de Caroline ecoando em minha mente.

Caroline. Merda.

Três mensagens de texto chorosas e várias chamadas não atendidas dela me deixaram puto. Minha calça jeans está largada no chão. Pego o celular no bolso de trás. Dando uma olhada na pessoa adormecida ao meu lado — não, ela nem se mexeu —, leio as mensagens.

KD VOCÊ?

ME LIGA!

CHATEADA

Qual é o problema dela?

Caro sabe como é o esquema, me conhece há bastante tempo. Uma trepada rápida não vai mudar o que sinto por ela. Eu a amo... do meu jeito, mas como amiga, uma boa amiga.

Franzo a testa. Não vou ligar para ela. Não quero. Não sei o que dizer.

Covarde, sussurra minha consciência. Preciso dar um jeito nisso. Acima de mim, os reflexos do Tâmis ondulam, livres e simples, me provocando, me fazendo lembrar o que perdi.

Liberdade.

E o que tenho agora.

Responsabilidade.

Merda.

A culpa me invade. A sensação é estranha e nada bem-vinda. Kit deixou tudo para mim. *Tudo*. E Caroline não ficou com nada da herança. Ela é a

viúva do meu irmão. E nós trepamos. Claro que me sinto culpado. E, no fundo, sei que ela também. Por isso foi embora no meio da noite sem me acordar, sem se despedir. Quem dera a mulher do meu lado fizesse o mesmo.

Digito uma mensagem rápida para Caro.

Ocupado hoje. Tudo bem aí?

São cinco da manhã. Caroline deve estar dormindo. Estou a salvo. Vou lidar com ela mais tarde, hoje... ou amanhã.

Heather se mexe, e suas pálpebras se abrem, piscando.

— Oi — diz ela, com um sorriso hesitante.

Eu retribuo, mas o sorriso dela some.

— Tenho que ir.

— Ir? — pergunto, a esperança crescendo em mim. — Não precisa.

Consigo não soar falso.

— Preciso, sim. Tenho que trabalhar e acho que não posso aparecer com esse vestido vermelho no escritório. — Ela se senta, segurando a colcha de seda para esconder as curvas. — Foi... bom, Maxim. Se eu deixar meu número, você vai me ligar? Prefiro falar no telefone do que trocar mensagens pelo Tinder.

— Claro — minto com facilidade.

Puxo o rosto dela até o meu e a beijo com carinho. Seu sorriso é tímido. Levantando-se, ela enrola a colcha com firmeza ao redor do corpo e começa a recolher as roupas no chão.

— Quer que eu chame um táxi? — pergunto.

— Posso pegar um Uber.

— Eu chamo.

— Está bem, obrigada. Vou para Putney.

Ela me diz o endereço, eu visto a calça jeans e saio do quarto, pegando meu celular, para lhe dar um pouco de privacidade. É estranho como algumas mulheres se comportam na manhã seguinte: tímidas e silenciosas. Não é mais a sereia lasciva e exigente da noite anterior.

Depois de pedir o carro, fico observando o Tâmesa escuro lá fora. Quando Heather finalmente aparece, me dá um pedaço de papel.

— Meu número.

— Obrigado — digo, enfiando o papel no bolso da calça. — Seu carro vai chegar em cinco minutos.

Heather fica parada, pouco à vontade, a timidez pós-coito tomando conta dela. Enquanto o silêncio entre nós se prolonga, ela examina o cômodo, olhando para tudo, menos para mim.

— Muito lindo seu apartamento. Espaçoso — elogia, e sei que está recorrendo a banalidades para disfarçar o incômodo.

Ela nota o violão e o piano.

— Você toca?

Segue na direção dos instrumentos.

— Toco.

— Por isso é tão hábil com as mãos — diz ela, então franze a testa, percebendo que falou aquilo em voz alta, e suas bochechas coram.

— Você toca? — pergunto, ignorando o comentário.

— Não... Nunca fui além do grupo de flauta doce na escola.

O alívio suaviza seus traços, provavelmente porque ignorei o comentário sobre minhas mãos.

— E isso tudo? — indaga ela, apontando para minha mesa de som e o iMac no canto.

— Sou DJ.

— Ah, é?

— Sim. Toco duas vezes por mês em uma boate em Hoxton.

— Por isso tantos vinis.

Ela observa as prateleiras na parede onde fica minha coleção de discos.

Eu assinto.

— E fotografia?

Ela acena com a mão para as paisagens em preto e branco penduradas em telas grandes na sala.

— Sim. Às vezes do outro lado da câmera também.

Ela parece confusa.

— Modelo. Geralmente de revista.

— Ah, faz sentido. Você é mesmo um homem de muitas facetas.

Ela sorri, sentindo-se mais confiante. Com razão. É uma deusa.

— Sou mil e uma utilidades — respondo com um sorriso autodepreciativo, e o dela desaparece, substituído por uma expressão intrigada.

— Algo errado? — pergunta ela.

Errado? Do que diabo ela está falando?

— Não. Nada.

Meu celular vibra: uma mensagem avisando que o carro dela chegou.

— Ligo para você — digo, pegando o casaco dela e estendendo para que o vista.

— Sei que não vai ligar. Mas não se preocupe. Tinder é assim mesmo. Eu me diverti.

— Eu também. — Eu é que não vou contradizê-la. Sigo-a até a porta. — Quer que acompanhe você até lá embaixo?

— Não, obrigada. Sou bem grandinha. Tchau, Maxim. Foi um prazer conhecer você.

— Igualmente... Heather.

— Muito bem. — Ela dá um sorriso radiante, satisfeita por eu ter lembrado seu nome, e é impossível não retribuir. — Assim é melhor. Espero que você encontre o que está procurando.

Na ponta dos pés, ela me dá um beijo casto na bochecha. Dá meia-volta e cambaleia nos saltos altos até os elevadores. Franzo a testa diante da sua imagem se afastando e observo sua bela bunda se mover sob o vestido.

O que estou procurando? Que merda ela quis dizer?

Tenho tudo isso aqui. Acabei de ter você. E amanhã vai ser outra pessoa. Do que mais eu precisaria?

Por alguma razão desconhecida, as palavras dela me irritam, mas eu as ignoro e volto para a cama, aliviado por ela ter ido embora. Quando tiro a calça jeans e deslizo para debaixo do lençol, suas palavras desafiadoras de despedida ecoam em minha mente.

Espero que você encontre o que está procurando.

De onde ela tirou essa merda?

Acabei de herdar uma vasta propriedade na Cornualha, uma em Oxfordshire, outra na Nortúmbria e uma pequena parte de Londres... Mas a que preço?

O rosto pálido e sem vida de Kit surge diante de mim.

Merda.

Tantas pessoas dependem de mim agora, muitas, gente demais: arrendatários rurais, trabalhadores das propriedades, empregados domésticos em quatro casas, as construtoras em Mayfair...

Inferno.

Vá se foder, Kit. Vá se foder por ter morrido.

Fecho os olhos e tento conter as lágrimas que não vou derramar. Com as palavras de despedida de Heather ecoando, caio em sono profundo.

Capítulo Dois

Alessia enfia as mãos no fundo dos bolsos do antigo casaco de Michal na vã tentativa de aquecer os dedos frios. Encolhida no cachecol, ela atravessa a garoa gelada de inverno em direção ao prédio residencial no Chelsea Embankment. É quarta-feira, seu segundo dia lá sem Krystyna, e ela está voltando ao apartamento grande com o piano.

Apesar do clima, sente-se vitoriosa, porque sobreviveu ao trajeto no trem lotado e apertado sem a ansiedade de sempre. Está começando a entender que Londres é assim mesmo. Gente demais, barulho demais e engarrafamentos demais. Porém, o pior de tudo é o fato de ninguém se falar a não ser para dizer “com licença” quando esbarra em você ou “vá para o fundo do vagão, por favor”. Todos se escondem atrás dos jornais gratuitos, ouvem música nos fones de ouvido ou olham fixo para os celulares ou livros eletrônicos, evitando qualquer contato visual.

Naquela manhã, Alessia tivera a sorte de encontrar um assento no trem, mas a mulher ao seu lado passara a maior parte do trajeto gritando no celular sobre seu encontro malsucedido da noite anterior. Alessia tentou ignorar e ler o jornal gratuito para melhorar seu inglês, mas queria mesmo era escutar música, não a reclamação barulhenta daquela mulher. Terminada a leitura, ela fechou os olhos e imaginou montanhas majestosas salpicadas de neve, pastagens onde o ar tinha aroma de tomilho e era dominado pelo zumbido das abelhas. Alessia sente saudade de casa. Saudade da paz e do silêncio. Saudade da mãe e do piano.

Flexiona os dedos dentro dos bolsos enquanto relembra sua música de aquecimento, ouvindo as notas em alto e bom som, vendo-as em cores vivas. Quanto tempo faz desde a última vez que tocou? Sua empolgação cresce ao pensar no piano à sua espera no apartamento.

Atravessa a entrada do prédio antigo em direção ao elevador, quase sem conseguir conter o entusiasmo, e segue até a cobertura. Durante algumas horas, todas as segundas, quartas e sextas, aquele lugar maravilhoso com cômodos grandes e arejados, chão de madeira escura e piano de cauda é todo dela. Alessia abre a porta, preparada para desativar o alarme, mas, para sua surpresa, o sistema não emite um bipe. Talvez esteja quebrado ou desativado. Ou... *Não*. Ela se dá conta, horrorizada, de que o dono deve estar em casa. Ouvindo com atenção, tentando detectar qualquer sinal de vida, ela para no

corredor amplo com paredes decoradas com fotos de paisagens em preto e branco. Não ouve nada.

Mirë.

Não. “*Que bom.*” *Inglês. Pense em inglês.* Quem quer que more ali deve ter ido trabalhar e se esquecido de ativar o alarme. Ela nunca viu o sujeito, mas sabe que tem um trabalho bom, porque o apartamento é imenso. De que outra forma poderia bancar aquilo? Ela suspira. Ele pode até ser rico, mas é um porco. Alessia já esteve ali três vezes, duas delas com Krystyna, e o apartamento está sempre uma bagunça, demandando horas de arrumação e faxina.

O dia cinzento se infiltra pela claraboia ao final do corredor, então Alessia liga o interruptor, e o lustre de cristal acima dela ganha vida, iluminando a passagem. Ela tira o cachecol de lã e o pendura com o casaco no armário ao lado da entrada. Pega na sacola plástica os tênis velhos que Magda lhe deu e substitui as botas e meias molhadas por eles, satisfeita por estarem secos e aquecerem seus pés. Sua camiseta e o casaquinho finos não são páreo para o frio. Ela esfrega os braços com força para reanimá-los um pouco enquanto atravessa a cozinha e entra na lavanderia. Ali, larga a sacola de compras na bancada. Tira de dentro o uniforme de náilon grande demais que Krystyna lhe deu e o veste por cima da roupa, então amarra um lenço azul-claro na cabeça, tentando manter o cabelo grosso e trançado sob controle. No armário debaixo da pia, pega o kit de limpeza e, do alto da máquina de lavar, tira um cesto de roupa, seguindo para o quarto *dele*. Se ela se apressar, pode terminar a faxina antes da hora e ter o piano para si por um tempinho.

Ela abre a porta, mas fica paralisada na entrada no quarto.

Ele está aqui.

O homem!

Dormindo sem roupa, de barriga para baixo e esparramado na cama enorme. Ela fica ali, ao mesmo tempo em choque e fascinada, com os pés enraizados no piso de madeira enquanto observa. Ele ocupa o colchão inteiro, enroscado em seu edredom, mas nu... muito nu. Seu rosto está virado para ela, mas coberto por cabelos castanhos desgrehados. Um dos braços está sob o travesseiro, e o outro, estendido na direção de Alessia. Ele tem ombros largos e definidos, e uma tatuagem cheia de detalhes no bíceps, parcialmente escondida pelo lençol. O bronzeado das costas some à medida que os quadris se estreitam e dão lugar a covinhas e um traseiro pálido e forte.

Traseiro.

Ele está pelado!

Lakuriq!

Zot!

As pernas longas e musculosas desaparecem sob um nó de edredom cinza e lençol de seda prateada, embora o pé fique visível na beirada do colchão. Ele se remexe, os músculos das costas se contraem e suas pálpebras se abrem, revelando olhos verdes desfocados, porém luminosos. Alessia prende a respiração, convencida de que ele ficará zangado por ter sido acordado. Os olhares dos dois se encontram, mas ele muda de posição e vira o rosto para o outro lado. Então se acalma e volta a dormir. Aliviada, ela solta o ar.

Shyqyr Zotit!

Corada de constrangimento, ela sai do quarto na ponta dos pés e corre pelo corredor comprido até a sala, onde larga o kit de limpeza no chão e começa a recolher as roupas espalhadas.

Ele está aqui? Como pode ainda estar na cama? A essa hora?

Com certeza está atrasado para o trabalho.

Ela olha para o piano, sentindo-se traída. Hoje ela ia tocar. Não teve coragem na segunda-feira e estava ansiando por isso. Hoje seria a primeira vez! Ela ouve em sua mente o “Prelúdio em Dó Menor”, de Bach. Seus dedos tocam as notas com raiva, e a melodia ecoa em sua cabeça em vermelhos, amarelos e laranjas vivos, um acompanhamento perfeito para o ressentimento. A obra atinge o ápice e então desacelera até terminar, enquanto ela joga uma camiseta no cesto de roupa suja.

Por que ele tem que estar aqui?

Ela sabe que sua decepção é irracional. A casa é dele. Mas insistir nisso a distrai de pensar *nele*. É o primeiro homem nu que Alessia já viu, um homem nu com olhos verdes cheios de vida, da cor das águas profundas e calmas do rio Drin em um dia de verão. Ela franze a testa, sem querer pensar no seu país. Ele olhou direto para ela. Ainda bem que não acordou. Pegando o cesto de roupas, ela volta na ponta dos pés até a porta entreaberta do quarto e espia para descobrir se ainda está dormindo. Ouve o barulho do chuveiro.

Ele está acordado!

Ela cogita sair do apartamento, mas descarta a ideia. Precisa do trabalho, e se fosse embora ele poderia demiti-la.

Com cuidado, abre um pouco mais a porta e ouve a cantoria desafinada ecoando no banheiro da suíte. Com o coração a mil, corre para dentro do quarto para recolher as roupas espalhadas pelo chão, então volta apressada à segurança da lavanderia, perguntando-se por que seu coração está acelerado.

Inspira fundo para se acalmar. Foi uma surpresa encontrá-lo ali, dormindo. Sim. É isso. Só isso. Não tem nada a ver com o fato de tê-lo visto nu. Não tem nada a ver com o rosto bonito, o nariz reto, os lábios carnudos, os ombros largos... os braços musculosos. Nada. Foi só um choque. Ela não esperava encontrar o dono do apartamento naquela manhã, e vê-lo daquela forma foi perturbador.

Sim. Ele é bonito.

Ele todo. O cabelo, as mãos, as pernas, as costas...

Muito bonito. E olhou bem para ela com aqueles olhos verdes e límpidos.

Uma lembrança mais sombria surgiu em sua mente. Uma lembrança de casa: olhos azuis e frios, severos de raiva, a fúria recaindo sobre ela.

Não. Não pense nele!

Alessia leva as mãos ao rosto e esfrega a testa.

Não. Não. Não.

Ela fugiu. Está ali. Está em Londres. A salvo. Nunca mais vai ver *aquele* homem.

Ajoelhando-se, ela coloca as roupas sujas na máquina de lavar, como Krystyna lhe mostrou. Verifica os bolsos da calça jeans preta, de onde tira algumas moedas e a costureira camisinha que ele parece ter em toda calça. No bolso de trás, encontra um pedaço de papel com um número de telefone e o nome Heather anotados. Enfia o bilhete e as moedas no próprio bolso, joga uma das cápsulas de sabão na máquina e liga.

Em seguida, esvazia a secadora e liga o ferro de passar. Hoje vai começar passando roupa e ficar escondida na lavanderia até que ele vá embora.

E se ele não for?

E por que ela está se escondendo dele? É seu patrão. Talvez ela devesse se apresentar. Conheceu todos os outros empregadores, o que não foi um problema, com exceção da Sra. Kingsbury, que a segue por todo canto criticando seus métodos de limpeza. Ela suspira. A verdade é que todas as pessoas para quem trabalha são mulheres, menos ele, e ela desconfia dos homens.

— Tchau, Krystyna! — diz ele, afastando-a dos pensamentos e da gola da camisa que está passando.

A porta da frente se fecha com um ruído abafado, e tudo fica em silêncio. Ele foi embora. Ela está sozinha e murcha de alívio diante da tábua de passar.

Krystyna? Ele não sabe que ela substituiu Krystyna? Agatha, a amiga de Magda que arranhou aquele trabalho, não o avisou sobre a mudança de funcionária? Alessia decide que mais tarde, à noite, vai checar se o dono do apartamento foi informado. Termina de passar outra camisa, pendura-a num cabide, então vai até a mesinha no hall e vê que ele deixou dinheiro. Isso com certeza significa que não vai voltar.

Seu dia melhora imediatamente. Ela corre de volta para a lavanderia com energia renovada e pega uma pilha de roupas passadas e as camisas dele, indo até o quarto.

A suíte principal é o único cômodo do apartamento que não é branco: paredes cinza e madeira escura. Há um espelho grande de moldura dourada pendurado acima da maior cama de madeira que Alessia já viu. E, na parede diante da cama, há duas fotos grandes, em preto e branco, de mulheres com as costas nuas viradas para a câmera. Desviando o rosto, ela examina o quarto. Está uma bagunça completa. Rapidamente pendura as camisas no closet — um cômodo maior que o quarto dela — e deixa as roupas dobradas em uma das prateleiras. O closet continua uma bagunça, e está assim desde a primeira vez que ela esteve ali com Krystyna, na semana anterior. Krystyna sempre ignorava o caos e, por mais que Alessia sentisse vontade de dobrar e guardar tudo, daria um trabalho e tanto e ela não tinha tempo, não se quisesse tocar piano.

De volta ao quarto, Alessia abre as cortinas e observa o rio Tâmis pelas janelas que vão do chão ao teto. Parou de chover, mas o dia está cinza; a rua, a água, as árvores no parque mais além, está tudo cinza-claro, muito diferente do seu país.

Não. Meu país agora é este. Ela ignora a tristeza que sobe feito maré dentro dela e coloca os itens que tirou dos bolsos das roupas dele em um pratinho na mesa de cabeceira. Então começa a limpar e a arrumar o quarto.

A última tarefa ali é esvaziar a lixeira. Ela tenta não olhar para as camisinhas usadas enquanto despeja o conteúdo em um saco de lixo preto. Ficou chocada da primeira vez que fez aquilo, e o choque permanece. Como um homem pode usar tantas?

Eca!

Alessia percorre o restante do apartamento, limpando, espanando e polindo, mas evita o único cômodo em que não tem permissão para entrar. Por um instante, ela se pergunta o que há por trás da porta fechada, mas não tenta abri-la. Krystyna foi muito clara ao dizer que o local era proibido.

* * *

ELA TERMINA DE limpar o chão com meia hora de antecedência. Guarda o kit de limpeza na lavanderia e transfere as roupas da máquina de lavar para a de secar. Tira o uniforme e desamarra o lenço azul, enfiando-o no bolso de trás da calça jeans.

Deixa o saco preto cheio de lixo perto da porta da frente. Quando sair, vai levá-lo às lixeiras no beco ao lado do prédio. Ansiosa, ela abre a porta da frente e espia o corredor. Nem sinal dele. Ela vai conseguir. Não teve coragem da primeira vez que fez faxina ali sozinha, com medo de que ele voltasse. Mas, como ele se despediu ao sair, ela ia arriscar.

Alessia segue apressada pelo corredor até a sala e senta diante do piano, parando um pouco para apreciar o momento. Preto e brilhante, está banhado pela luz do impressionante lustre pendurado logo acima. Os dedos dela acompanham o logotipo dourado em forma de lira e as palavras abaixo dele.

STEINWAY & SONS

No suporte há um lápis e a composição que está ali inacabada desde o primeiro dia que ela entrou no apartamento com Krystyna. Enquanto observa as páginas, as notas soam em sua mente, um lamento triste, solitário e cheio de melancolia, notas não resolvidas e incompletas em tons de azul e cinza. Ela tenta conectar a melodia profunda e reflexiva ao homem indolente, porém bonito, que vira nu naquela manhã. Talvez ele seja compositor. Ela olha o cômodo amplo à sua volta e nota a mesa antiga no canto, amontoadas com um computador, um sintetizador e o que talvez sejam duas mesas de som. Sim, parecem ser de um compositor. E há também a parede repleta de vinis antigos que ela tem que espanar; o patrão na certa é um ávido colecionador de música.

Ela afasta os pensamentos e observa as teclas. Quanto tempo faz desde que tocou pela última vez? Semanas? Meses? De repente, uma angústia aguda tira o ar de seus pulmões, fazendo-a arfar, e lágrimas surgem em seus olhos.

Não. Aqui, não. Ela não vai desabar ali. Agarra o piano, tentando afastar o sofrimento e a saudade de casa, percebendo que já faz mais de um mês desde

que tocou pela última vez. Tanta coisa aconteceu desde então...

Ela estremece e inspira fundo, obrigando-se a se acalmar. Estica os dedos e acaricia as teclas.

Branco. Preto.

O simples toque a tranquiliza. Quer saborear aquele momento precioso e perder-se na música. Com delicadeza, Alessia aperta as teclas, produzindo um mi menor. O som é límpido e forte, de um verde ousado e nítido, a cor dos olhos do Mister, e o coração de Alessia se enche de esperança. O piano está perfeitamente afinado. Ela começa a tocar uma melodia de aquecimento, “Le Coucou”; as teclas se movem com facilidade, em um fluxo suave e fluido. Seus dedos percorrem vividamente as teclas, e todo o estresse, o medo e o sofrimento das últimas semanas somem e enfim se calam enquanto ela se perde nas cores da música.

Um dos endereços dos Trevelyan em Londres fica em Cheyne Walk, a uma caminhada rápida do meu apartamento. Construída em 1771 por Robert Adam, a Residência Trevelyan era onde Kit morava desde a morte do nosso pai. Para mim, guarda muitas memórias de infância — algumas felizes, outras nem tanto — e agora é minha para eu fazer o que quiser. Bem, ao menos está aguardando ser passada para mim. Confrontando mais uma vez minha nova realidade, balanço a cabeça e levanto a gola do casaco, tentando bloquear o frio intenso que parece emanar mais de dentro de mim do que de fora.

O que eu faço com essa casa?

Faz dois dias que não vejo Caroline, e sei que ela está furiosa comigo e que vou ter de enfrentá-la cedo ou tarde. De pé diante da porta, cogito usar minha chave. Sempre tive uma cópia, mas sair entrando sem ter avisado parece uma intrusão.

Inspiro fundo e bato duas vezes. Após alguns instantes, a porta se abre, e Blake, o mordomo da família desde antes de eu nascer, aparece.

— Lorde Trevethick — diz ele, baixando a cabeça calva e segurando a porta aberta.

— Isso é mesmo necessário, Blake? — pergunto, entrando no saguão. Ele fica em silêncio enquanto pega meu casaco. — Como vai a Sra. Blake?

— Vai bem, milorde. Mas muito triste com os acontecimentos recentes, é

claro.

— Como todos nós. Caroline está em casa?

— Sim, milorde. Acredito que Lady Trevethick esteja na sala de visitas.

— Obrigado. Posso subir sozinho.

— Certo. Gostaria de um café?

— Sim, por favor. Ah, e, Blake, como eu disse na semana passada, “senhor” é suficiente.

Blake faz uma pausa, então meneia a cabeça.

— Sim, senhor. Obrigado, senhor.

Quero revirar os olhos. Eu era o Honorável Maxim Trevelyan, e referiam-se a mim ali como “Mestre Maxim”. “Lorde” só se aplicava ao meu pai, depois ao meu irmão. Vou levar algum tempo para me acostumar com meu novo título.

Subo a ampla escadaria e atravesso o patamar até a sala de visitas. Está vazia, à exceção dos sofás forrados e dos móveis elegantes estilo Rainha Ana que estão na família há gerações. A sala de visitas dá para um jardim de inverno com uma vista espetacular do Tâmis, do píer de Cadogan e da ponte Albert. Encontro Caroline ali, acomodada em uma poltrona, envolta em um xale de caxemira, olhando pelas janelas. Segura um lençinho azul nas mãos.

— Oi — digo ao entrar.

Ela vira o rosto coberto de lágrimas para mim, os olhos vermelhos e inchados.

Merda.

— Onde você estava, cacete? — pergunta ela, irritada.

— Caro — começo, pronto para apaziguá-la.

— Não me venha com “Caro”, seu babaca — rebate ela, ficando de pé, os punhos fechados.

Merda. Ela ficou mesmo brava.

— O que eu fiz agora?

— Você sabe o que fez. Por que não atendeu minhas ligações? Faz dois dias!

— Eu tinha muita coisa para pensar e estava ocupado.

— Você? Ocupado? Maxim, você não saberia o que é estar ocupado nem se enfiassem um monte de afazeres no seu pau.

Fico quieto, depois rio ao imaginar a cena.

Caroline relaxa um pouco.

— Não me faça rir quando estou brava com você.

Ela faz biquinho.

— Você é muito eloquente.

Abro os braços e ela se aninha em mim.

— Por que você não ligou? — pergunta, retribuindo meu abraço, sua raiva se dissipando.

— É muita coisa para processar — sussurro, envolvendo-a. — Precisava de tempo para pensar.

— Sozinho?

Não respondo. Não quero mentir. Na segunda à noite foi... hum... Heather. E ontem à noite foi... Qual era o nome dela? Dawn.

Caroline funga e se afasta dos meus braços.

— Foi o que eu pensei. Conheço você muito bem, Maxim. Como ela era?

Dou de ombros enquanto uma imagem dos lábios de Heather em torno do meu pau me vem à mente.

Caroline suspira.

— Você é um galinha — diz ela, com o desdém habitual.

Como posso negar?

Caroline sabe melhor do que ninguém sobre minhas conquistas noturnas. Ela tem uma coleção de apelidos preferidos para me descrever e vive me repreendendo por minha promiscuidade.

Mas ainda assim foi para a cama comigo.

— Você está trepando durante o luto enquanto eu tive que suportar um jantar com papai e o enteadinho sozinha. Foi horrível — afirma ela. — E me senti sozinha ontem à noite.

— Sinto muito — digo, porque não sei o que falar.

— Você se encontrou com os advogados? — ela muda de assunto, me lançando um olhar firme.

Assinto, e tenho de admitir que essa é mais uma razão pela qual ando evitando Caroline.

— Ah, não — resmunga ela. — Você está sério demais. Fiquei sem nada, não foi?

Seus olhos estão arregalados de medo e sofrimento.

Levo as mãos aos ombros dela e conto delicadamente:

— Ficou tudo para mim, como herdeiro.

Caroline geme e cobre a boca enquanto seus olhos se enchem de lágrimas.

— Desgraçado — sussurra ela.

— Não se preocupe, vamos dar um jeito — murmuro, e a abraço mais uma vez.

— Eu amava ele — afirma, a voz baixa e hesitante, como a de uma criança.

— Eu sei. Nós dois o amávamos.

Mas sei que ela também amava o título e a riqueza de Kit.

— Você vai me expulsar daqui?

Pego o lenço da mão dela e seco seus olhos.

— Não, é claro que não. Você é a viúva do meu irmão e minha melhor amiga.

— Só isso?

Ela abre um sorriso amplo, mas rancoroso, e eu beijo sua testa em vez de responder à pergunta.

— Seu café, senhor — diz Blake na entrada do jardim de inverno.

Imediatamente abaixo os braços e me afasto de Caroline. Blake entra, o rosto impassível, segurando uma bandeja com xícaras, leite, um bule de café e meus biscoitos preferidos: digestivos de chocolate.

— Obrigado, Blake — respondo, tentando ignorar o calor que vem subindo subitamente pelo meu pescoço.

Aja com confiança.

Blake coloca a bandeja na mesa ao lado do sofá.

— É só isso, senhor?

— Por enquanto, sim, obrigado. — Meu tom sai mais ríspido do que eu pretendia.

Blake deixa o cômodo, e Caroline serve o café. Meus ombros relaxam de alívio com a saída do mordomo. E ouço a voz da minha mãe no meu ouvido: *Não na frente dos empregados.*

Ainda estou segurando o lenço úmido de Caroline. A visão que fez franzir a testa, recordando o fragmento de um sonho que tive na noite anterior... ou teria sido hoje de manhã? Uma moça, um anjo? Talvez a Virgem Maria ou uma freira de azul parada na porta do meu quarto, me olhando enquanto eu dormia.

O que isso quer dizer? Não sou religioso.

— O que foi? — pergunta Caroline.

Balanço a cabeça.

— Nada — murmuro, pegando a xícara de café que ela me oferece e devolvendo seu lenço.

— Aliás, acho que posso estar grávida — diz ela.

O quê? Fico pálido.

— De Kit. Não de você. Você é ridiculamente cuidadoso.

Claro. O chão parece se abrir debaixo de mim.

O herdeiro de Kit!

Tem como tudo isso ser mais complicado?

— Bem, se estiver, vamos resolver o que fazer — respondo, sentindo-me ao mesmo tempo aliviado com a possibilidade de toda aquela responsabilidade passar para o filho de Kit e com uma súbita e avassaladora sensação de perda.

O título é meu. Por enquanto.

Merda. Tem como tudo isso ficar ainda mais confuso?

Capítulo Três

Meu telefone vibra enquanto estou no banco de trás de um táxi preto a caminho do escritório. É Joe.

— E aí, cara — diz ele. — Como você está?

Seu tom de voz é sério, e sei que está se referindo ao meu estado de espírito depois da morte de Kit. Não o vejo desde o funeral.

— Sobrevivendo.

— Topa uma disputa?

— Adoraria. Mas não posso. Tenho reuniões o dia todo.

— Coisa de conde?

Eu rio.

— É. Coisa de conde.

— Que tal mais para o fim da semana? Minha espada está enferrujando.

— Sim. Eu topo. Ou quem sabe sair para beber.

— Ok, vou ver se Tom já voltou.

— Beleza. Obrigado, Joe.

— Sem problemas, cara.

Desligo. Estou de mau humor. Sinto falta de poder fazer o que quiser, cacete. Se quisesse lutar esgrima no meio do dia, eu podia. Joe é meu parceiro de treino e um dos meus amigos mais próximos. Mas preciso ir para o escritório trabalhar mais uma vez.

Kit. A culpa é sua.

* * *

A MÚSICA ESTÁ altíssima no Loulou's. O som do baixo reverbera em meu peito. Prefiro assim. O barulho diminui a necessidade de conversa fiada. Abro caminho entre as pessoas para chegar ao bar. Preciso de uma bebida e de um corpo quente e ávido.

Passei o último dia e meio em reuniões entediantes com dois gestores de fundos que cuidam dos consideráveis portfólio de investimentos e fundo de

caridade da família Trevethick; os administradores imobiliários da Cornualha, Oxfordshire e Nortúmbria; o gestor que cuida das propriedades de Londres; e com a construtora que está reformando os três quarteirões de mansões em Mayfair. Oliver Macmillan, diretor de operações de Kit e seu braço direito, esteve presente em todas elas. Oliver e Kit eram amigos desde o Eton College; ambos haviam frequentado a London School of Economics, até que Kit largou os estudos para cumprir seu dever aristocrático após a morte do nosso pai.

Oliver é magro, com um tufo de cabelo louro rebelde e olhos de cor indeterminada que não deixam passar nada. Nunca fui com a cara dele. É implacável e ambicioso, mas sabe lidar com um balanço patrimonial como ninguém e também com os inúmeros funcionários do Conde de Trevethick.

Não sei como Kit gerenciava tudo e ainda trabalhava como gestor de fundos na cidade. Meu irmão era um canalha esperto e habilidoso.

Engraçado também.

Sinto saudade dele.

Peço um gim Grey Goose com tônica. Talvez ele fosse bem-sucedido porque tinha Macmillan na retaguarda, e me pergunto se a lealdade de Oliver vai se estender a mim ou se ele vai tirar proveito da minha ingenuidade enquanto tento entender todas as minhas novas responsabilidades. Não sei. Mas a verdade é que não confio nele, e faço uma anotação mental para tentar me manter circunspecto durante nossos encontros.

A única luz no fim do túnel nos últimos dois dias foi um telefonema da minha agente dizendo que tenho um trabalho semana que vem. Foi com grande prazer que eu disse àquela velha medonha que não estaria disponível para trabalhar como modelo no futuro próximo.

Eu ia sentir falta?

Não sabia. Modelar podia ser absurdamente tedioso, mas, depois que saí de Oxford, o trabalho me tirava da cama e me dava uma desculpa para me manter em forma. Também tive a oportunidade de conhecer mulheres lindas e magras.

Tomo um gole da bebida e olho ao redor. É isso que quero agora: uma mulher linda, disponível, magra ou não.

Afinal, hoje é a Quinta-Feira da Foda.

A risada rouca chama minha atenção, e nossos olhares se encontram. Noto a admiração e o tom de desafio em seu olhar, e meu pau reage, empolgado. Tem belos olhos cor de avelã, cabelo castanho comprido e brilhante, e está bebendo shots. Além disso, está deslumbrante com um vestido curto de couro e botas de salto fino até as coxas.

Sim. Ela serve.

* * *

SÃO DUAS DA manhã quando entramos no meu apartamento. Pego o casaco de Leticia e ela logo se vira, passando os braços pelo meu pescoço.

— Vamos para a cama, engomadinho — sussurra ela e me beija.

Com força. Sem preliminares. Seu casaco ainda está na minha mão e tenho que me equilibrar na parede para impedir que a gente caia. Seu ataque me pega de surpresa. Talvez ela esteja mais bêbada do que eu pensava. Sua boca tem gosto de batom e Jägermeister, uma mistura intrigante. Entrelaço os dedos no seu cabelo e me afasto, libertando minha boca.

— Tudo no seu tempo, linda — censuro, rente aos seus lábios. — Vou guardar seu casaco.

— Foda-se o casaco — diz ela, e me beija outra vez.

Muita língua.

Prefiro foder você.

— Desse jeito não vamos chegar ao quarto.

Levo as mãos aos seus ombros e a empurro delicadamente para trás.

— Vou dar uma olhada no seu apartamento, então, seu modelo-fotógrafo-DJ — provoca ela, o leve sotaque irlandês contrastando por completo com seu jeito atirado.

Enquanto a sigo pelo corredor até a sala, o salto alto dela batendo no piso de madeira, me pergunto se vai ser tão atirada assim na cama também.

— Você atua? Linda vista, por sinal — diz ela ao olhar pela parede de vidro que dá para o rio Tâmbisa. — Belo piano — acrescenta, e vira o rosto para mim, os olhos acesos de excitação. — Já fodeu em cima dele?

Nossa, que boca suja.

— Não recentemente. — Largo o casaco dela no sofá. — Não sei se quero agora. Prefiro foder com você na cama.

Ignoro sua indireta em relação à minha carreira instável. Não contei a ela que tenho um império sob meus cuidados. Ela sorri, o batom borrado e sem dúvida parcialmente em minha boca. Não gosto dessa imagem e esfrego os lábios. Ela vem na minha direção e puxa as lapelas do meu paletó, me forçando a chegar mais perto.

— Está bem, engomadinho, me mostre o que sabe fazer.

Ela leva as mãos ao meu peito e passa as unhas no meu esterno até a barra do paletó.

Merda! Quase dói. Ela tem garras vermelhas, não unhas, garras que combinam com o batom. Afasta o paletó dos meus ombros, deixando-o cair no chão, e começa a abrir os botões da minha camisa. Considerando sua avidez, fico aliviado que ela faça isso com calma em vez de simplesmente rasgar minha camisa, porque eu gosto bastante dela! Afastando-a do meu corpo, ela deixa a peça cair aos meus pés e enfia as unhas nos meus ombros. De propósito.

— Ah! — grito de dor.

— Tatuagem legal — diz ela, enquanto as mãos descem dos meus ombros até os braços e em direção ao cóis da calça jeans, suas unhas deixando rastros na minha barriga.

Ai! Nossa, como ela é agressiva.

Seguro sua mão e a trago para mim, beijando-a com força.

— Vamos para a cama — digo encostado na sua boca, e, antes que possa responder, pego sua mão e a puxo atrás de mim até o quarto.

Lá, ela me empurra na cama e mais uma vez arranha minha barriga, seus dedos encontrando o botão da minha calça jeans.

Cacete! Ela gosta de brutalidade.

Eu me desvencilho e seguro suas mãos com um braço só, para evitar suas unhas.

Quer jogar duro? Eu também sei.

— Seja boazinha — aviso. — E você primeiro! — Eu a solto, afastando-a de mim para ter uma boa visão. — Tire a roupa. Agora — ordeno.

Ela passa o cabelo por cima do ombro e leva as mãos ao quadril, exibindo uma expressão divertida de desafio com a boca.

— Rápido — digo.

Os olhos de Leticia ficam sombrios, e ela faz uma pausa.

— Diga “por favor” — sussurra.

Eu sorrio.

— Por favor.

Ela ri.

— Adoro seu sotaque de rico.

— Acaso do destino, meu bem. Não tire as botas — acrescento.

Ela retribui meu sorriso, passa o braço para trás e abre com facilidade o zíper do vestido de couro justo. Balançando o quadril de um lado para outro, ela rebola para tirar a roupa, que escorrega em torno das botas. Sorrio. Leticia é deslumbrante. Magra, com seios pequenos e firmes, está usando uma calcinha de renda preta e um sutiã da mesma cor, além das botas até as coxas. Agora livre do vestido, ela vem rebolando em minha direção com um sorriso sensual e convidativo e pega minha mão. Com uma força surpreendente, me puxa até a cama, então leva as mãos ao meu peito e me empurra com tanta força que eu caio na colcha.

— Tire — manda ela, apontando para minha calça, de pé, os pés bem separados.

— Tire você — murmuro.

Ela não precisa de mais estímulo e sobe na cama, montando em mim, rebolando sobre o meu quadril. Ela arranha meu abdômen com as unhas e alcança minha braguilha.

Ai!

Putá merda! Ela é perigosa.

Eu me sento depressa, surpreendendo-a, e a deito de costas, montando nela e segurando seus braços de cada lado da cabeça. Ela se remexe embaixo de mim, tentando me derrubar.

— Ei! — protesta, me fuzilando com os olhos.

— Acho que você precisa ser amarrada. Você é perigosa. — Minha voz sai suave enquanto observo sua reação.

Pode dar certo ou não.

Os olhos dela se arregalam, não sei se de medo ou excitação.

— Você é? — sussurra ela.

— Perigoso? Eu? Não. Não tanto quanto você. — Soltando-a, estendo o braço até a mesa de cabeceira e pego na gaveta uma amarra de seda comprida e algemas de couro. — Quer brincar? — pergunto, erguendo os dois itens. — Você que sabe.

Ela me olha, as pupilas dilatadas de desejo e ansiedade.

— Não vou machucar você — garanto, porque não é meu estilo. — Só vou manter você na linha.

Mas a verdade é que estou com medo de que ela me machuque.

Um sorriso provocador e sedutor surge em sua boca.

— A de seda — diz ela.

Sorrio e jogo as algemas no chão: dominação como forma de defesa pessoal.

— Escolha uma palavra de segurança.

— Chelsea.

— Boa escolha.

Amarro a seda em torno do seu pulso esquerdo e passo-a por entre as barras da cabeceira da cama; então, pegando o braço direito, amarro com habilidade sua outra mão. Com os braços esticados, as unhas se tornam inofensivas, e ela está deslumbrante.

— Se você se comportar mal, vou colocar uma venda nos seus olhos também — murmuro.

Ela se remexe.

— Vai me dar uns tapas? — Sua voz é mais baixa que um sussurro.

— Se você for boazinha.

Ah, isso vai ser divertido.

* * *

ELA GOZA RÁPIDO e muito alto. Gritando e puxando os braços.

Ergo a cabeça entre suas pernas e me sento, minha boca escorregadia e molhada, depois a viro de costas e dou um tapa em sua bunda.

— Só um segundo — resmungo enquanto coloco a camisinha.

— Rápido!

Cacete, ela é exigente!

— Como quiser — rosno, e meto dentro dela.

* * *

OBSERVO SEU PEITO subir e descer enquanto dorme. Por hábito, sigo meu ritual de relembrar tudo que sei sobre a mulher com quem acabei de foder. Duas vezes. Leticia. Advogada de direitos humanos, sexualmente agressiva. Mais velha que eu. Gosta de ser amarrada. Gosta muito. Em geral, pela minha experiência, mulheres decididas e assertivas gostam desse tipo de coisa. Ela morde e grita quando goza. Sonora. Divertida... Exaustiva.

* * *

ACORDO COM UM susto. Em meu sonho, eu procurava algo elusivo, uma visão que aparece e desaparece, etérea e azul. Então, assim que a vi, caí num abismo amplo e profundo. Estremeço.

O que foi isso?

O sol fraco de inverno entra pelas janelas enquanto reflexos do Tâmis brinçam no teto. O que me acordou?

Leticia.

Nossa, ela é um animal. Não está dormindo ao meu lado, e não ouço ninguém no chuveiro. Talvez já tenha ido embora. Aguço os ouvidos para descobrir se há algum ruído no apartamento.

Silêncio. Eu sorrio. Nada de conversa fiada. Fico otimista até lembrar que tenho um almoço marcado com minha mãe e minha irmã. Resmungo e puxo o cobertor por cima da cabeça. Vão querer falar sobre o testamento.

Putá merda.

“A Viúva”, como Kit se referia a ela, é uma mulher formidável. Por que diabos não voltou a Nova York, eu não sei. Sua vida é lá, não aqui.

Algo cai no chão com um baque em algum lugar do apartamento. Eu me sento.

Merda. Leticia ainda está aqui.

Isso significa que vou ter que conversar. Com relutância, levanto da cama, visto devagar a calça jeans mais próxima e vou ver se ela é tão selvagem à luz do dia quanto é no escuro.

Atravesso o corredor descalço, mas não há ninguém na sala nem na cozinha.

Que porra é essa?

Dou meia-volta na entrada da cozinha e paro. Esperava ver Leticia, mas há uma moça magra de pé no corredor, me encarando. Seus olhos são grandes e escuros, iguais aos de uma corça assustada. Ela veste um uniforme azul horroroso, uma calça jeans barata e desbotada e tênis velhos, e um lenço na cabeça esconde seu cabelo.

Não diz nada.

— Oi. Quem diabos é você? — pergunto.

Capítulo Quatro

Zot! Ele está aqui e está bravo.

Alessia fica paralisada quando os olhos verdes ardentes dele encontram os dela. Alto, esguio, seminu, sua presença é imponente. O cabelo dele é um emaranhado castanho com mechas douradas que brilham sob o lustre do corredor. Os ombros são tão amplos quanto ela lembrava, mas a tatuagem no braço é muito mais detalhada; só consegue distinguir uma asa. O tufo de pelos no peito fica ralo na altura do abdômen trincado. Então recomeça abaixo do umbigo e desce até a calça jeans. A calça justa e preta tem um rasgo no joelho. Mas é o formato preciso dos lábios carnudos dele e dos olhos cor de primavera em um rosto lindo, com a barba por fazer, que a faz desviar os olhos. Sua boca fica seca, e ela não sabe se é de nervosismo ou... ou... se tem a ver com a aparência dele.

Ele é tão bonito!

Bonito demais.

E está seminu! Mas por que está bravo? Será que ela o acordou?

Não! Ele vai tirar o piano dela.

Em pânico, Alessia baixa os olhos enquanto pensa no que dizer e agarra o cabo da vassoura para se manter ereta.

Quem é essa criatura tímida de pé no corredor? Estou totalmente confuso. Já nos vimos? A imagem de um sonho esquecido se revela como uma Polaroid na minha memória, um anjo de azul pairando ao lado da minha cama. Mas isso foi dias atrás. Será que era ela? E agora ali está, no corredor, o rosto travesso pálido, os olhos baixos. Os nós dos dedos vão ficando cada vez mais brancos à medida que aperta o cabo da vassoura, como se ela a ancorasse à Terra. O lenço na cabeça esconde seu cabelo, e um uniforme de náilon antiquado e grande demais engole seu corpinho. Ela parece completamente deslocada.

— Quem é você? — pergunto outra vez, com um tom mais delicado, sem querer assustá-la.

Olhos arregalados, da cor de um bom café espresso, e emoldurados pelos

cílios mais compridos que já vi, me olham e então voltam a se fixar no chão.

Merda!

Uma espiada daqueles olhos escuros e insondáveis e eu já me sinto... perturbado. Ela é pelo menos uns vinte centímetros mais baixa que eu, deve ter um metro e sessenta e cinco; e eu, um metro e noventa. Seus traços são delicados: maçãs do rosto altas, nariz arrebitado, pele branca e bonita e lábios pálidos. Parece precisar de alguns dias ao sol e de uma refeição farta.

É óbvio que está fazendo faxina. Mas por que ela? Por que aqui? Substituiu a antiga diarista?

— Cadê Krystyna? — pergunto, um pouco frustrado com seu silêncio.

Talvez seja a filha de Krystyna, ou a neta.

Ela continua olhando para o chão, a testa franzida. Os dentes brancos e certinhos mordiscam o lábio superior enquanto ela se recusa a me encarar.

Olhe para mim, peço mentalmente. Quero erguer seu queixo, mas ela levanta a cabeça, como se lesse minha mente. Seus olhos encontram os meus, e ela lambe o lábio superior com nervosismo. Meu corpo inteiro se contrai quando uma onda quente e forte de desejo me atinge como uma bola de demolição.

Putá merda!

Estreito os olhos enquanto a irritação substitui o desejo. O que há de errado comigo? Por que uma mulher que nunca vi antes na vida tem esse efeito em mim? É irritante. Sob belas sobranceiras arqueadas, seus olhos se arregalam ainda mais, e ela dá um passo para trás, se atrapalhando com a vassoura, deixando-a escorregar e cair no chão com um baque. Ela se abaixa com graça e facilidade para pegá-la e, ao ficar de pé de novo, olha fixamente para o cabo, um rubor colorindo aos poucos suas bochechas enquanto murmura algo ininteligível.

Minha nossa! Estou intimidando a coitada?

Não é minha intenção.

Estou irritado comigo mesmo. Não com ela.

Ou talvez a razão seja outra.

— Talvez você não esteja me entendendo — digo mais para mim mesmo, e passo a mão pelo cabelo enquanto tento me controlar.

O domínio de Krystyna da língua inglesa se resumia às palavras “sim” e

“aqui”, o que com frequência resultava em muitos gestos meus quando eu precisava que ela fizesse coisas além da faxina habitual. Essa moça também deve ser polonesa.

— Sou faxineira, Mister — sussurra ela, os olhos ainda baixos, os cílios compridos acima das bochechas luminosas.

— Cadê Krystyna?

— Ela voltou para Polônia.

— Quando?

— Semana passada.

Isso é novidade. Por que diabo eu não sabia disso? Eu gostava de Krystyna. Fazia faxina aqui em casa há três anos e já conhecia todos os meus segredinhos sujos. E eu nem pude me despedir.

Talvez seja temporário.

— Ela volta? — pergunto.

As rugas na testa da moça ficam mais profundas, mas ela fica calada e fixa seu olhar nos meus pés. Por alguma razão desconhecida, isso me deixa constrangido. Levando as mãos ao quadril, dou um passo para trás e fico ainda mais perplexo.

— Há quanto tempo você está aqui?

Ela responde com outra pergunta, em uma voz arfante e quase inaudível:

— Na Inglaterra?

— Olhe para mim, por favor — peço.

Por que reluta tanto em erguer os olhos?

Seus dedos magros apertam o cabo da vassoura outra vez, como se estivesse prestes a usá-la como arma, então engole em seco e levanta a cabeça, me encarando com os grandes olhos castanhos e brilhantes. Olhos dentro dos quais eu poderia me afogar. Minha boca fica seca, e meu corpo me surpreende novamente.

Cacete!

— Estou na Inglaterra desde três semanas.

Sua voz sai clara e mais alta, com um sotaque que não reconheço, e, enquanto fala, ela projeta o queixo delicado na minha direção, de forma

desafiadora. Seus lábios agora estão rosados, o inferior mais volumoso que o outro, e ela o lambe mais uma vez.

Nossa!

Estou excitado de novo. Dou mais um passo para longe dela.

— Três semanas? — resmungo, chocado com a minha reação a ela.

Por que isso está acontecendo?

O que ela tem?

Ela é linda para cacete, grita a vizinha em minha mente.

Sim. Para uma mulher vestindo um uniforme de náilon, é linda demais.

Concentre-se. Ela não respondeu à pergunta.

— Não. Eu quis dizer há quanto tempo está aqui, no meu apartamento.

De onde veio essa garota? Vasculho meu cérebro. A Sra. Blake tinha encontrado Krystyna por um contato qualquer. Mas sua substituta continua calada.

— Você fala inglês? — pergunto, tentando fazê-la falar. — Qual o seu nome?

Ela franze a testa, me olhando como se eu fosse um idiota.

— Sim. Eu falo inglês. Meu nome é Alessia Demachi. Estou no seu apartamento desde as dez da manhã.

Uau. Ela fala mesmo inglês.

— Certo. Bom. Tudo bem, Alessia Demachi? Meu nome é...

O que devo dizer? Trevethick? Trevelyan?

— Maxim.

Alessia acena de leve com a cabeça e, por um instante, acho que vai fazer uma reverência, mas fica imóvel, segurando o cabo da vassoura e me despindo com seu olhar ansioso.

De repente, tenho a impressão de que as paredes do corredor estão se fechando e me sufocando. Quero fugir dessa desconhecida e de seus olhos penetrantes.

— Bom, é um prazer conhecer você, Alessia. É melhor continuar sua faxina, então.

De repente me lembro de algo e acrescento:

— Aliás, pode trocar os lençóis da minha cama.

Aceno na direção do quarto.

— Você sabe onde ficam as roupas de cama, certo?

Ela assente, mas não se mexe.

— Vou para a academia — resmungo, sem saber por que estou dando satisfações.

Enquanto ele caminha pelo corredor em direção ao quarto, Alessia murcha ao lado da vassoura e inspira fundo, aliviada. Observa os músculos das costas dele se contraindo e relaxando até lá embaixo, onde duas covinhas aparecem bem acima do cós da calça jeans. É uma distração... uma distração e tanto. Ele distrai ainda mais de pé do que deitado. Desaparece dentro do quarto, e ela fecha os olhos, desapontada.

Ele não pediu que ela fosse embora, mas talvez ligue para Agatha, a amiga de Magda, e a mande encontrar outra pessoa para limpar o apartamento. Afinal, ele pareceu bem bravo por ter sido atrapalhado por ela, e depois ficou mais bravo ainda.

Por quê?

Alessia franze a testa e tenta acalmar o pânico crescente enquanto observa a sala e o piano.

Não. Isso não pode acontecer. Ela vai implorar para ficar, se for necessário. Não quer ir embora. Não pode. O piano é sua única fuga. Sua única felicidade.

E também há o Mister em si. Aquele abdômen trincado, os pés descalços e o olhar intenso ardem em sua imaginação. Ele tem um rosto angelical, um corpo... bem... Alessia fica vermelha. Não devia pensar nessas coisas.

Ele é muito bonito.

Não. Pare. Concentre-se.

Com gestos frenéticos, ela continua varrendo o piso de madeira, tirando sujeiras inexistentes. Vai precisar ser a melhor faxineira que aquele homem já teve se não quiser ser substituída. Decidida, ela vai até a sala para varrer, arrumar e polir.

Dez minutos depois, ouve a porta da frente bater quando está terminando de afofar as almofadas pretas do sofá em L.

Que bom. Ele saiu.

Vai imediatamente até o quarto dele para trocar os lençóis. Está bagunçado como sempre — roupas e algemas estranhas no chão, cortinas semiabertas e lençóis embolados —, mas ela logo recolhe todas as roupas e desfaz a cama. Alessia se pergunta por que há um pano de seda comprido amarrado na cabeceira, mas desfaz o nó e o coloca na mesa de cabeceira, ao lado das algemas. Ao jogar um lençol branco limpo na cama, imagina para que servem todas aquelas coisas. Não tem a menor ideia e não quer tentar adivinhar. Arruma o resto da cama, então vai limpar o banheiro.

Corro como nunca antes. Faço oito quilômetros na esteira em tempo recorde, mas não consigo parar de repassar a conversa com a nova diarista.

Droga. Droga. Droga.

Eu me abaixo e levo as mãos aos joelhos, tentando recuperar o fôlego. Estou correndo da porcaria da diarista — faxineira, sei lá o que ela se considera —, fugindo de seus grandes olhos castanhos.

Não. Estou fugindo da minha reação a ela.

Aqueles olhos vão me perseguir o dia todo. Enxugo o suor da testa, e uma visão dela com o lenço na cabeça, ajoelhada diante de mim, surge em minha mente.

Meu corpo se retesa.

De novo.

E isso é só de pensar nela.

Cacete.

Com raiva, enxugo o suor do restante do rosto com uma toalha e decido fazer um pouco de musculação. Sim. Isso deve tirá-la da minha cabeça. Pego os dois halteres mais pesados e começo minha série.

Na verdade, levantar peso me dá mais espaço para pensar. Para ser sincero, estou confuso com minha reação a ela. Não me lembro de já ter conhecido alguém que causasse esse efeito em mim.

Talvez seja estresse.

É. É a explicação mais lógica. Estou sofrendo pela morte de Kit e lidando com as consequências.

Kit, você é um babaca por ter me deixado com toda essa responsabilidade.

É avassalador. Avassalador para cacete.

Afasto qualquer pensamento sobre meu irmão e *ela* e me concentro no exercício, contando os movimentos de contração dos bíceps.

E ainda tenho que almoçar com minha mãe daqui a duas horas.

Merda.

Alessia está na lavanderia, colocando as roupas molhadas na secadora, quando ouve a porta da frente bater outra vez.

Não! Ele voltou.

Feliz por estar escondida no menor cômodo do apartamento, ela abre a tábua de passar e começa com as poucas roupas recém-lavadas. Ele certamente não vai entrar ali. Quando termina de passar a quinta camisa, ouve a porta bater outra vez e sabe que ele saiu. Fica irritada por ele não ter gritado “tchau” como antes, quando achava que ela era Krystyna, mas deixa o sentimento de lado e termina de passar as roupas o mais rápido possível.

Ao acabar, vai até o quarto para ver se ele deixou alguma bagunça. As roupas de ginástica estão espalhadas pelo chão, claro. Com cuidado, ela pega cada peça. Estão úmidas de suor, mas, para sua surpresa, ela não acha aquilo tão repulsivo quanto achava antes de conhecê-lo. Coloca as roupas no cesto e vai conferir o banheiro. O aroma fresco e limpo do sabonete que ele usou paira no ar. Fechando os olhos, ela inspira, e de repente é transportada de volta às árvores altas e perenes ao redor da casa de seus pais em Kukës. Ela saboreia a fragrância, ignorando a pontada de saudade de casa. Londres é seu lar agora.

Limpa a pia e termina a faxina com meia hora de antecedência. Corre direto para a sala e senta diante do piano. Enquanto seus dedos acariciam as teclas, a melodia do “Prelúdio em Dó Sustenido Maior”, de Bach, preenche o apartamento, as notas dançando em cores vibrantes por todo o cômodo, acalmando sua alma aflita.

Entro no restaurante preferido da minha mãe em Aldwych. Cheguei mais cedo, mas não estou nem aí. Preciso de uma bebida, não somente para esquecer meu encontro com a nova diarista, mas porque será necessário um pouco de coragem líquida para lidar com minha mãe.

— Maxim!

Dou meia-volta, e atrás de mim está a única mulher no mundo que eu venero. Maryanne, minha irmã um ano mais nova, cruza o saguão. Seus olhos, da mesma cor que os meus, se acendem quando me viro em sua direção, e ela joga os braços ao redor do meu pescoço, o cabelo ruivo batendo em meu rosto, já que é poucos centímetros mais baixa que eu.

— Oi, M.A., eu estava com saudade — digo, abraçando-a.

— Maxie.

Sua voz falha.

Merda. Aqui não.

Eu a abraço com mais força, torcendo para que ela não chore, e fico surpreso com a emoção pura fazendo minha garganta arder. Ela funga, e seus olhos estão vermelhos quando a solto. Isso não é do seu feitio. Ela costuma agir como nossa mãe, que mantém as emoções sob rédeas firmes.

— Ainda não acredito que ele se foi — diz ela, pegando um lenço.

— Eu sei, também não. Vamos nos sentar e pedir uma bebida.

Seguro seu cotovelo, e seguimos a recepcionista pelo restaurante grandioso com painéis de madeira. É um ambiente clássico e antigo: abajures de bronze, forros de couro verde-escuro, toalhas de linho branco e taças de cristal brilhantes. Estamos cercados pelo burburinho de conversa de homens e mulheres de negócios e o tinido de talheres na porcelana elegante. Eu me concentro na visão da bunda bem delineada da recepcionista, coberta por uma saia-lápis justa, e no som de seus saltos finos no chão azulejado polido enquanto ela nos leva até nossa mesa. Puxo uma cadeira para Maryanne e nos sentamos.

— Dois Bloody Mary — peço à recepcionista quando ela nos entrega dois cardápios, me lançando um olhar malicioso que não retribuo.

Pode até ter uma bela bunda e um sorriso charmoso, mas não estou no clima. O encontro com a diarista e a lembrança daqueles olhos escuros e ansiosos me deixaram apreensivo. Fecho a cara, afastando o pensamento, e volto toda a atenção para minha irmã quando a recepcionista se afasta com

um biquinho decepcionado.

— Quando voltou da Cornualha? — pergunto.

— Ontem.

— Como vai a Viúva?

— Maxim! Você sabe que ela odeia esse apelido.

Suspiro de forma exagerada.

— Certo, como vai a Nave Mãe?

Maryanne me fuzila com o olhar por um instante, mas então sua expressão desmorona.

Merda.

— Desculpe — murmuro, culpado.

— Ela está muito mexida, mas é difícil perceber. Você sabe como ela é.

— Os olhos de Maryanne ficam turvos, e ela parece incomodada. — Acho que está escondendo alguma coisa.

Concordo, assentindo. Entendo bem demais aquilo. Minha mãe raramente revela uma fissura em sua armadura. Não chorou no enterro de Kit; era a própria definição de compostura. Frágil, mas graciosa como sempre. Eu também não chorei. Estava ocupado demais com uma ressaca infernal.

Engulo em seco e mudo de assunto:

— Quando você volta a trabalhar?

— Segunda-feira — responde Maryanne com um muxoxo triste.

De todos os filhos Trevelyan, foi Maryanne quem se distinguiu academicamente. Da escola Wycombe Abbey, ela foi estudar medicina na Corpus Christi, em Oxford, e agora é médica no Hospital Royal Brompton, onde se especializa em medicina cardiorácica. Seguiu sua vocação, um chamado que surgiu no dia em que nosso pai sofreu um ataque cardíaco fulminante. Ela tinha quinze anos e queria salvá-lo. A morte dele mexeu com cada um de nós de formas diferentes, e com Kit mais do que a todos, já que ele teve de largar a faculdade e assumir o título de conde. Já eu perdi meu único aliado parental.

— Como está Caro?

— Sofrendo. Com raiva de Kit por não ter deixado nada para ela no

testamento, aquele babaca idiota — resmungo.

— Quem é babaca idiota? — indaga uma voz abrupta com sotaques variados.

Rowena, a Condessa Viúva de Trevethick, está de pé ao nosso lado, o cabelo castanho-avermelhado, arrumada e elegante com seu terninho Chanel imaculado e colar de pérolas.

Eu me levanto.

— Rowena — digo, dando um beijinho seco na bochecha virada para mim, então puxo uma cadeira para que ela se sente.

— Isso é jeito de cumprimentar sua mãe de luto, Maxim? — repreende Rowena enquanto se senta e coloca a bolsa Birkin no chão a seu lado.

Ela estende o braço por cima da mesa e segura a mão de Maryanne.

— Oi, querida. Não ouvi você sair.

— Eu só precisava de um pouco de ar fresco, mãe — responde Maryanne, segurando a mão de nossa mãe.

Rowena, a Condessa de Trevethick, manteve o título apesar de ter se divorciado do nosso pai. Passa a maior parte do tempo entre Nova York, onde mora e gosta de se divertir, e Londres, onde é editora da revista feminina *Dernier Cri*.

— Vou querer uma taça do Chablis — diz ela ao garçom quando ele traz os dois Bloody Mary para a mesa.

Ela arqueia uma sobrancelha em sinal de reprovação quando nós dois tomamos longos goles.

Ainda é absurdamente magra e bonita, sobretudo diante das lentes. Foi a *it girl* de sua geração e se tornou musa de vários fotógrafos, incluindo meu pai, o décimo primeiro Conde de Trevethick. Ele era devotado a ela; seu título e dinheiro a seduziram para o casamento, mas, quando ela o deixou, ele nunca se recuperou. Quatro anos após o divórcio, ele morreu de coração partido.

Eu a observo disfarçadamente. Seu rosto está liso como o de um bebê, sem dúvida resultado do seu último *peeling*. A mulher é obcecada em manter a juventude e só sai da dieta rigorosa de sucos de legumes — ou seja qual for a última moda alimentícia — por uma eventual taça de vinho. Não há dúvidas de que minha mãe é linda, mas o que tem de bonita tem de falsa, e meu pobre pai pagou o preço.

— Soube que se encontrou com Rajah — diz ela diretamente para mim.

— Sim.

— E?

Ela me olha daquele seu jeito míope, pois é vaidosa demais para usar óculos.

— Deixou tudo para mim.

— E Caroline?

— Nada.

— Sei. Bem, nós não podemos deixar a coitada morrer de fome.

— Nós? — pergunto.

Rowena cora.

— Você — diz ela, a voz fria. — Não pode deixar a coitada morrer de fome. Por outro lado, ela tem o fundo fiduciário, e quando o pai passar dessa para uma melhor, ela vai herdar uma fortuna. Kit foi sábio, nesse sentido.

— A menos que a madrasta dela a deserde — respondo, e bebo mais um gole muito necessário de Bloody Mary.

Minha mãe crispa os lábios.

— Por que não lhe arranja um trabalho? Quem sabe na reforma de Mayfair? Ela tem um olho bom para design de interiores e vai precisar de uma distração.

— Acho que devemos deixar Caroline decidir o que fazer.

Não consigo evitar o ressentimento na voz. Esse é o jeito arrogante como minha mãe lida com a família que ela desertou tantos anos atrás.

— Você aceita que ela fique na Residência Trevelyan? — pergunta, ignorando meu tom de voz.

— Rowena, não vou deixá-la na rua.

— Maximilian, quer fazer o favor de se dirigir a mim como “mãe”?

— Quando você passar a se comportar como uma, posso considerar essa possibilidade.

— Maxim — alerta Maryanne, e seus olhos verdes estão ferozes.

Sentindo-me como uma criança repreendida, fecho a boca e espio o

cardápio antes que diga algo do qual vou me arrepender depois.

Rowena continua, ignorando minha grosseria:

— Precisamos finalizar todos os detalhes do memorial. Acho que conseguimos fazer isso pouco antes da Páscoa. Vou pedir a um dos meus redatores que faça o discurso em homenagem a Kit, a menos que...

Ela para quando sua voz falha, fazendo com que eu e Maryanne desviemos o olhar do cardápio, surpresos. Seus olhos se enchem de lágrimas e, pela primeira vez desde que enterrou o filho mais velho, parece ter sua verdadeira idade. Ela segura um lenço com monograma e o leva aos lábios, enquanto se recompõe.

Droga.

Estou me sentindo um merda. Ela perdeu o filho mais velho... o filho preferido.

— A menos que...? — pergunto.

— Você ou Maryanne possam escrever algo — sussurra ela com um olhar inusitado de súplica para nós dois.

— Claro — diz Maryanne. — Vou escrever.

— Não. Eu é que devia escrever. Vou complementar o que falei no funeral. Podemos pedir a comida? — sugiro, querendo mudar de assunto e me sentindo incomodado com a rara demonstração de emoção da minha mãe.

* * *

ROWENA REMEXE A salada enquanto Maryanne cata o resto da omelete no prato com o garfo e a faca.

— Caroline disse que talvez esteja grávida — anuncio, ao comer mais uma garfada de bife.

A cabeça de Rowena se ergue depressa, e ela estreita os olhos.

— Ela disse mesmo que estavam tentando — acrescenta Maryanne.

— Bem, se estiver, pode ser minha única chance de ter um neto, e também de essa família manter o título de conde por mais uma geração.

Rowena lança um olhar acusatório para nós dois.

— Mas com isso você viraria avó — digo secamente, ignorando o resto do comentário. — O que seu último crush em Nova York acharia disso?

O gosto de Rowena por rapazes às vezes mais jovens do que seu filho mais novo é conhecido. Ela me fuzila com o olhar enquanto como mais um pedaço de bife, mas eu a encaro, desafiando-a a dizer algo. Estranhamente, pela primeira vez na vida, sinto como se tivesse vantagem em relação à minha mãe. É uma novidade; passei grande parte da adolescência buscando sua aprovação e falhando.

Maryanne fecha a cara para mim. Dou de ombros e corto mais um pedaço do bife delicioso, enfiando-o na boca.

— Nem você, nem Maryanne dão qualquer sinal de que vão ter um relacionamento estável, e Deus me livre de ver as propriedades passarem para o irmão do pai de vocês. Cameron é uma causa perdida — resmunga Rowena, escolhendo ignorar minha insolência.

Meu encontro com Alessia Demachi surge em minha mente, e eu franzo a testa. Olho para Maryanne, e ela também está carrancuda, olhando para a comida que sobrou no prato.

É assim?

— E aquele rapaz que você conheceu quando estava esquiando em Whistler? — pergunta Rowena a Maryanne.

* * *

JÁ COMEÇA A escurecer quando volto para o apartamento. Cansado e um pouco bêbado, suportei o interrogatório forense da minha mãe sobre a situação de todas as propriedades, o arrendamento e os imóveis para aluguel em Londres e a reforma dos apartamentos em Mayfair, sem contar o valor do portfólio Trevethick. Quis lembrá-la que nada disso era da conta dela, mas sinto um orgulho inédito por ter respondido com detalhes a cada uma de suas perguntas. Até Maryanne ficou impressionada. Oliver Macmillan me ensinou direitinho.

Quando me sento no sofá diante da televisão grande em meu apartamento vazio e limpíssimo, minha mente volta, como fez o dia todo, à conversa que tive pela manhã com a diarista de olhos escuros.

Onde ela está agora?

Quanto tempo vai ficar na Inglaterra?

Como fica sem aquele uniforme imenso?

De que cor é seu cabelo? Escuro como as sobrancelhas?

Quantos anos ela tem? Parece nova. Nova demais, talvez.

Nova demais para quê?

Eu me remexo, incomodado, e mudo várias vezes de canal. Talvez minha reação a ela tenha sido um caso isolado. Quer dizer, ela parecia até uma freira. Talvez eu tenha uma quedinha por freiras. Rio sozinho desse pensamento ridículo. Meu celular vibra, e é uma mensagem de texto de Caroline.

Como foi o almoço?

Cansativo. A Viúva se comportou do mesmo jeito de sempre.

Vou ser a viúva oficial se você casar! :(

Por que ela está me dizendo isso? Além do mais, não tenho interesse em me casar com ninguém. Bom... não agora. O discurso da minha mãe sobre netos me vem à mente, e faço que não com a cabeça. Filhos. Não. Simplesmente não. Não agora, pelo menos.

Isso não vai acontecer tão cedo!

Que bom.

O que você está fazendo?

Estou em casa vendo TV.

Está tudo bem?

Posso passar aí?

A última coisa que quero é Caroline mexendo com a minha cabeça ou com qualquer outra parte do meu corpo.

Não estou sozinho.

É só uma mentirinha boba.

Pelo visto ainda é um galinha. :P

Você me conhece bem.

Boa noite, Caro.

Olho para o celular aguardando uma resposta, mas o aparelho permanece em silêncio, então volto minha atenção para a TV e percebo que não há nada que eu queira ver. Desligo.

Inquieto, eu me sento à escrivaninha e verifico os e-mails no iMac. Há algumas mensagens de Oliver sobre várias questões envolvendo as propriedades com as quais não quero lidar nessa sexta à noite. Podem esperar até segunda-feira. Olho a hora e fico surpreso ao descobrir que são só oito da noite, cedo demais para sair, e a ideia de ir a uma boate lotada também não me atrai.

Sentindo-me preso, mas sem querer sair do apartamento, vou até o piano e me sento. Uma composição que comecei semanas antes está abandonada

no suporte. Sigo as notas, a melodia ressoando em minha mente, e, quando dou por mim, meus dedos estão nas teclas, tocando. A imagem de uma jovem de azul com olhos muito escuros que me desnudam vem à tona. Notas novas se formam em um turbilhão, e eu continuo improvisando, indo além de onde tinha parado na composição.

Caramba!

Com uma onda de empolgação rara, eu me interrompo, pego o celular no bolso e encontro o aplicativo de gravação. Aperto o botão de gravar e recomeço. As notas se espalham pelo cômodo. Evocativas. Melancólicas. Me perturbando. Me inspirando.

Sou faxineira, Mister.

Sim. Eu falo inglês. Meu nome é Alessia Demachi.

Alessia.

Quando olho meu relógio de pulso, já passa da meia-noite. Alongando os braços acima da cabeça, examino o rascunho à minha frente. Está concluído. Escrevi uma obra inteira e me sinto realizado. Há quanto tempo eu tentava fazer isso? E bastou conhecer minha nova diarista para finalmente conseguir. Balanço a cabeça e, para variar, vou para a cama cedo e desacompanhado.

Capítulo Cinco

É com ansiedade que Alessia destranca a porta do apartamento com piano. Ela fica desapontada ao ser recebida pelo silêncio do alarme, o que significa que o Mister de olhos verdes que a deixa atordoada está em casa. Ele invadiu seus sonhos desde que ela o viu esparramado e nu na cama. No fim de semana, em momentos tranquilos, ela só conseguia pensar nele. Não entende por quê, mas talvez seja por causa do olhar breve e penetrante que ele lhe lançou no corredor, ou porque é bonito, alto e esguio, com covinhas nas costas acima do traseiro musculoso e atlético...

Pare!

Seus pensamentos estão rebeldes e descontrolados.

Ela tira as botas e as meias molhadas em silêncio, então atravessa o corredor descalça até a cozinha. A bancada está cheia de garrafas de cerveja e caixas de comida de restaurante, mas Alessia se esconde na segurança da lavanderia. Coloca as botas e as meias em cima do aquecedor, na esperança de que sequem antes de ela ir embora.

Tirando o gorro e as luvas molhadas, ela os pendura no gancho ao lado do boiler, então tira a parca que Magda lhe deu. Pendura-a no mesmo gancho e franze a testa ao ver a água pingando no azulejo. Sua calça jeans também está encharcada por causa do temporal. Ela treme de frio ao tirá-la e veste o uniforme, grata pelo saco plástico que o manteve seco. A barra bate abaixo dos joelhos, portanto não fica indecente sem a calça jeans. Dá uma espiada na cozinha e verifica que ele não está lá. Ainda deve estar dormindo. Então ela enfia a calça molhada na secadora e liga a máquina. Pelo menos vai estar seca na hora de voltar para casa. Ela pega uma toalha seca na pilha de roupas limpas e esfrega com força os pés vermelhos por causa do frio, massageando os dedos para tentar reanimá-los. Quando voltam a ficar aquecidos, ela calça os tênis.

— Alessia?

Zot!

O Mister acordou! O que será que ele quer?

Com a rapidez que seus dedos gelados permitem, ela pega o lenço no saco plástico e amarra em torno da cabeça, ciente de que seu cabelo trançado

também está molhado. Inspirando fundo, ela sai da lavanderia e o encontra de pé na cozinha. Passa os braços ao redor do corpo para se aquecer.

— Oi — diz ele com um sorriso.

Alessia olha para ele. Seu sorriso é radiante, ilumina o rosto bonito e os olhos cor de esmeralda. Ela desvia o olhar, atordoada pela beleza e constrangida pelo rubor em seu rosto.

Mas é verdade que se sente um pouco mais aquecida.

Ele ficou tão bravo da última vez que a viu... O que causou essa mudança de atitude?

— Alessia? — repete.

— Sim, Mister — responde ela, mantendo os olhos baixos.

Pelo menos desta vez ele está vestido.

— Eu só queria dizer oi.

Ela volta a olhar para ele, mas não entende o que quer. Seu sorriso é discreto, e a testa está franzida.

— Oi — diz, sem saber o que é esperado dela.

Ele acena com a cabeça e troca o peso do corpo de um pé para o outro, hesitante. Ela acha que o Mister vai dizer mais alguma coisa, mas ele dá meia-volta e sai da cozinha.

Como sou imbecil! Só consegui pensar nessa garota o fim de semana todo, e o melhor que consigo falar é “Eu só queria dizer oi”?

Qual o meu problema, porra?

Volto para o quarto e vejo pegadas molhadas no corredor.

Ela andou descalça na chuva? Claro que não!

Meu quarto está escuro, e a vista do Tâmis é monótona e nada inspiradora. A chuva lá fora é torrencial. Batia com força na janela esta manhã, e o barulho me acordou. *Merda*. Ela deve ter andado debaixo dessa tempestade. Mais uma vez, eu me pergunto onde ela mora e se vem de longe. Tinha a esperança de conversar com ela mais cedo para conseguir esses detalhes, mas sei que não a deixo à vontade.

Sou eu que não a deixo à vontade ou são os homens em geral?

O pensamento me perturba. Talvez *eu* é que não fique à vontade. Afinal, ela me fez sair do apartamento na semana passada, e pensar que eu fugi para evitá-la é desconcertante. Decido que isso não vai se repetir.

O fato é que ela me inspirou. Passei o fim de semana todo imerso na minha música. Uma distração de todas as minhas novas e indesejadas responsabilidades e um alívio para a dor... ou talvez eu tenha encontrado uma forma de canalizar essa dor, não sei. Tenho três obras completas, dois esboços e me sinto tentado a inserir letra em uma delas. Ignorei celular, e-mail, todo mundo e, pelo menos uma vez na vida, encontrei consolo em minha própria companhia. Foi uma revelação. Quem diria que posso ser tão produtivo? O que não entendo é por que ela me afetou dessa forma se só trocamos algumas palavras. Não faz sentido, mas também não quero pensar demais no assunto.

Pego o celular na mesa de cabeceira e olho para a cama. Os lençóis estão uma bagunça.

Caramba, eu sou um porco.

Arrumo a cama depressa. Da pilha de roupas largadas no sofá, pego um casaco de capuz preto e o visto por cima da camiseta. Está frio. Se está com os pés molhados, ela também deve estar com frio. Paro no corredor e aumento a temperatura do termostato. Não gosto de pensar que ela está com frio.

Ela sai da cozinha carregando um cesto de roupas vazio e um balde de plástico cheio de produtos de limpeza e panos. Com a cabeça baixa, passa por mim e vai até o quarto. Observo seu corpo se afastar dentro do uniforme desproporcional: pernas compridas e pálidas, um leve rebolado no quadril estreito... É uma calcinha cor-de-rosa que estou vendo por baixo do náilon? Debaixo do lenço na cabeça, uma trança castanha grossa desce pelas costas até logo acima da calcinha rosa, e balança de um lado para outro enquanto ela anda. Sei que eu devia parar de olhar, mas a calcinha me distrai. Ela cobre a bunda e vai até a cintura. Deve ser a maior calcinha que já vi na vida. E meu corpo fica agitado como se eu fosse um garoto de treze anos.

Cacete! Gemo mentalmente, me sentindo um tarado, e resisto à tentação de segui-la. Em vez disso, vou até a sala e me sento em frente ao computador para trabalhar, respondendo aos e-mails de Oliver e ignorando meu desejo e minha diarista, Alessia Demachi.

Alessia fica surpresa ao ver a cama dele feita. Todas as vezes que foi ao apartamento encontrou o quarto bagunçado. Ainda há uma pilha de roupas no sofá, mas parece mais arrumada do que das outras vezes. Ela escancara as cortinas e observa o rio lá fora.

— Tâmis — sussurra a palavra, a voz um pouco trêmula.

Está escuro e cinza, tal como as árvores nuas na margem oposta... Nada a ver com o Drin. Nada a ver com seu lar. Londres é um lugar urbano e abarrotado de gente. Em seu país, ela vivia cercada de campos férteis e montanhas cobertas de neve. Afasta o pensamento porque dói demais. Está ali para trabalhar, e quer aquele trabalho por causa do bônus extra que é o piano. Ela se pergunta se ele vai passar o dia todo em casa, e a possibilidade a incomoda. Sua presença vai impedir que ela toque as músicas preferidas.

Mas, pensando pelo lado positivo, ela vai poder vê-lo.

O homem que vem dominando seus sonhos.

Precisa parar de pensar nele. *Agora*. Com o coração apertado, começa a pendurar no closet as roupas espalhadas. Algumas ela acha que precisam ser lavadas, então as coloca no cesto de roupa suja.

* * *

O AROMA DE sempre-verde e sândalo paira no banheiro. Um cheiro agradável, masculino. Ela faz uma pausa para inspirar fundo e saboreá-lo, como havia feito antes. Os olhos atraentes dele lhe vêm à mente... seus ombros largos... sua barriga lisa. Ela borrija o espelho com o produto de limpeza e esfrega com vigor.

Pare! Pare! Pare!

Ele é o patrão e nunca vai se interessar por ela. Afinal, é apenas a faxineira.

Sua última tarefa no quarto é tirar o lixo. Incrédula, ela o encontra vazio. Nenhuma camisinha usada. Coloca a lixeira de volta, ao lado da mesa de cabeceira, e, por algum motivo inexplicável, o lixo vazio a faz sorrir.

Recolhendo as roupas sujas e o material de limpeza, ela observa por um instante as duas fotos em preto e branco na parede. Ambas de mulheres nuas. Em uma delas, a mulher está ajoelhada, a pele muito clara, quase translúcida. As solas dos pés, o traseiro e a curva graciosa de suas costas estão visíveis, e ela segura o cabelo louro no alto da cabeça, fazendo algumas mechas soltas tocarem o pescoço. A modelo, ao menos daquele ângulo, é

linda. A segunda fotografia é um close e mostra as linhas do pescoço de uma mulher, o cabelo para o lado e o arco de sua coluna, desde as primeiras vértebras até as nádegas. Sua pele cor de ébano é iluminada, acariciada pela luz. É deslumbrante. Alessia suspira. A julgar pelas fotos, ele deve gostar de mulheres, e ela se pergunta se ele mesmo é o fotógrafo. Talvez algum dia possa tirar fotos suas. Ela balança a cabeça para afastar esses devaneios e volta à cozinha para lidar com o caos das caixas de comida, garrafas de cerveja e louça suja.

Separei todas as cartas e os e-mails de condolências para responder num outro dia; ainda não estou pronto para lidar com tudo isso. Como Kit conseguia se manter a par de todos os subsídios agrícolas, da criação animal e de todas as outras merdas envolvendo cultivo e pastagem em nossos milhares de hectares de terra? Por um breve instante, desejo ter estudado agronomia ou administração na universidade, em vez de belas-artes e música.

Kit estava estudando economia na London School of Economics quando nosso pai morreu. Como filho obediente que era, largou o curso e se inscreveu na universidade do Ducado da Cornualha para estudar processos agrícolas e gestão de negócios. Com doze mil hectares para gerenciar, hoje eu entendo que foi uma decisão sensata. Kit sempre foi sensato, exceto quando andou de moto no meio do inverno, nas pistas congeladas de Trevethick. Levo as mãos ao rosto ao me lembrar do seu corpo machucado, estirado no necrotério.

Por quê, Kit, por quê?, pergunto pela milésima vez.

O clima cada vez pior do outro lado da parede de vidro reflete meu humor. Fico de pé e vou observar a vista. Há duas barcas no rio indo em direções opostas, uma lancha da polícia dirigindo-se para o leste e o ônibus fluvial rumando ao píer Cadogan. A cena me intriga. Apesar de todo esse tempo morando perto do píer, nunca peguei o ônibus fluvial. Quando criança, sempre quis que minha mãe levasse Maryanne e eu para passear nele, mas isso nunca aconteceu. Ela estava sempre ocupada demais. Sempre. E nunca pediu a nenhuma das nossas diversas babás que nos levasse. É mais um ressentimento que tenho em relação a Rowena. É claro que Kit já não estava conosco na época; tinha ido para o colégio interno.

Balançando a cabeça, dou a volta no piano e olho para a partitura na qual trabalhei durante todo o fim de semana. Ver as páginas melhora meu humor, então faço uma pausa longe do computador e me sento para tocar.

Das três cozinhas que Alessia cuida, aquela é sua favorita. A parede, os armários e as bancadas são de vidro azul-claro, fácil de limpar. É elegante e organizada, muito diferente da cozinha caótica e rústica da casa de seus pais. Ela observa o forno, conferindo se por acaso o Mister cozinhou algo, mas constata que continua limpíssimo. Alessia suspeita que jamais foi usado.

Está secando o último prato quando a música começa. Ela para, reconhecendo de imediato a melodia. É do rascunho que já viu tantas vezes no piano, mas a melodia continua para além do que ela já leu, as notas suaves e tristes caindo em tons melancólicos de azul e cinza ao seu redor.

Ela precisa ver isso.

Com cuidado para não fazer barulho, Alessia deixa o prato na bancada e sai da cozinha. Dá uma espiada na sala e o encontra sentado ao piano. De olhos fechados, ele sente a música, cada nota estampada em seu rosto. Enquanto o observa — de testa franzida, cabeça inclinada, lábios entreabertos —, ela fica sem ar.

É cativada.

Por ele.

Pela música.

Pelo talento.

A composição é triste, cheia de ânsias e dores, e as notas ecoam por sua mente em tons mais leves de azul e cinza agora que ela o observa. Ele realmente é o homem mais bonito que ela já viu. É ainda mais bonito do que... *Não!*

Olhos azuis e frios me observam. Furiosos.

Não. Pare de pensar naquele monstro!

Ela afasta a lembrança. Dói demais. Volta a se concentrar no Mister enquanto a melodia melancólica se aproxima do fim. Antes que ele a veja, Alessia volta para a cozinha na ponta dos pés. Não quer deixá-lo bravo outra vez sendo flagrada espiando em vez de trabalhando.

Quando termina de limpar a bancada, Alessia repassa a composição mentalmente. E agora o único cômodo que falta limpar é a sala, onde ele está.

Tomando coragem, ela pega a cera e um pano, pronta para encará-lo. Fica parada na entrada enquanto ele olha o computador. Quando nota a

presença dela, sua expressão é de grata surpresa.

— Posso, Mister? — pergunta ela, indicando o cômodo com a lata de cera.

— Claro. Entre. Faça o que precisa fazer, Alessia. E meu nome é Maxim.

Ela dá um breve sorriso e começa com o sofá, afofando as almofadas e empurrando migalhas para o chão com a mão.

Bom, essa, sim, é uma distração...

Como posso me concentrar com ela se mexendo para lá e para cá, tão próxima? Finjo ler a planilha revisada de custos para a reforma dos prédios de Mayfair, mas na verdade a estou observando. Ela se move com uma graça fluida e sensual, debruçando-se sobre o sofá, braços ágeis e tonificados se estendem, e mãos delicadas com dedos compridos recolhem as migalhas das almofadas. Fico todo arrepiado, meu corpo inteiro sob uma tensão deliciosa, focado na presença dela no cômodo.

Tem como isso ficar mais ilícito? Ela está tão perto, mas tão inalcançável. Afofando as almofadas pretas do sofá, seu uniforme estica sobre a bunda, revelando a calcinha cor-de-rosa.

Minha respiração fica entrecortada, e me esforço para reprimir um gemido.

Porra, eu sou mesmo um tarado.

Ela termina de arrumar o sofá e olha em minha direção. Tento parecer concentrado na planilha, mas os pelos da minha nuca se arrepiam. Pegando a lata de cera, ela passa um pouco no pano em sua mão e dirige-se ao piano. Lançando outro olhar rápido e ansioso para mim, começa o processo lento de polir o instrumento até deixá-lo brilhando. Ela se debruça sobre ele, o uniforme subindo pelas pernas.

Meu Deus!

Com um ritmo decidido e regular, ela dá a volta no piano, polindo e esfregando, sua respiração ficando mais rápida e forte pelo cansaço. É uma tortura. Fecho os olhos e imagino como eu poderia provocar a mesma reação nela.

Merda. Cruzo as pernas para esconder a reação natural do meu corpo. Isso está ficando ridículo. Ela só está limpando o maldito piano.

Depois espana as teclas, que não emitem som algum. Mais uma vez olha para mim, e eu desvio depressa a vista para os números na planilha, que flutuam na página, sem fazer sentido algum. Quando ousa olhar em sua direção, ela está abaixada, pensativa, e parece avaliar o rascunho no suporte. Está observando minha composição com a testa franzida, como se estivesse concentradíssima.

Ela sabe ler música?

Será que está lendo o que compus?

Ela ergue a cabeça e seu olhar encontra o meu. Seus olhos se arregalam de constrangimento, e ela umedece o lábio superior com a língua enquanto as bochechas coram.

Cacete.

Desviando os olhos, ela se abaixa atrás do piano, suponho que para espanar as pernas ou o banco.

Não consigo aguentar.

Levo um susto com o toque do celular. É Oliver.

— Alô — digo, com a voz rouca, grato como nunca por uma interrupção.

Preciso sair da sala.

Droga, eu tinha prometido a mim mesmo que não ia deixar que ela me expulsasse de novo.

— Trevethick?

— Sim. Oliver. O que foi?

— Temos um problema de planejamento que acho que vai precisar da sua atenção.

Vou até o corredor enquanto Oliver faz um discurso sobre soffits e paredes de apoio nas obras em Mayfair.

Quando ele sai da sala, é como se uma tempestade tivesse passado no céu para provocar caos em outro lugar... no corredor, talvez. Alessia suspira aliviada, grata por ele ter saído. Escuta sua voz grave, mas melodiosa, falando ao telefone. Talvez ela nunca tenha prestado tanta atenção em outra pessoa.

Precisa parar de pensar nele e se concentrar na faxina! Termina de

espanar o piano, mas não consegue se livrar da sensação estranha de que ele a observava durante a faxina.

Não. É impossível.

Por que ele estaria me observando?

Talvez estivesse avaliando suas habilidades de faxineira tal como a Sra. Kingsbury. Alessia sorri diante da ideia boba e percebe que está bem mais aquecida do que quando chegou. Não sabe se o calor vem do cômodo ou de dentro dela.

Aquecida pela presença dele.

A linha de raciocínio ridícula provoca outro sorriso. Enquanto ele não está na sala, ela aproveita a oportunidade para correr e pegar o aspirador de pó. O Mister está no fim do corredor, apoiado contra a parede, suas pernas compridas em destaque enquanto bate o pé no chão, agitado. Ele fala baixo, mas a observa entrar na cozinha. Ela leva o aspirador até a sala e o encontra de novo à escrivaninha, ainda falando no celular. Ele fica de pé ao vê-la.

— Só um minuto, Oliver. Pode continuar — diz para ela, e acena na direção da sala, dando permissão a Alessia para passar o aspirador enquanto sai de novo dali.

Ele abriu o casaco de capuz preto. Por baixo, ela vê uma camiseta cinza com gola em V, uma coroa alada e as palavras LA 1781 escritas. Ela cora ao notar um pouco do pelo do peito dele escapando da gola. Ouve a voz da mãe em sua mente, lhe dando uma bronca com aquele seu tom de voz particular: *Alessia! O que está fazendo?*

Estou admirando um homem, mamãe.

Um homem que acho bonito.

Um homem que deixa meu sangue mais quente.

Ela imagina a expressão escandalizada da mãe, e isso a faz sorrir.

Ah, mamãe, é tão diferente aqui na Inglaterra. Homens. Mulheres. Como se comportam. As interações.

A mente de Alessia vai para um lugar mais sombrio. Para *ele*.

Não. Não pense naquele monstro.

Ela está segura agora, ali em Londres com o Mister. E precisa se concentrar em manter o emprego.

O aspirador é de uma marca chamada Henry. Pintados no cilindro vermelho, há dois olhos grandes e um sorriso. Sempre que ela vê Henry, não consegue conter o sorriso. Ela o liga na tomada e começa a aspirar o tapete e o piso de madeira. Quinze minutos depois, Alessia termina.

O Mister não está no corredor quando ela devolve Henry ao seu canto de dormir, no armário da lavanderia. Alessia lhe dá um tapinha amigável antes de fechar a porta do armário e entrar na cozinha.

— Oi — diz o Mister, entrando na cozinha também. — Preciso sair. Seu dinheiro está na mesinha do hall. Pode trancar tudo e ligar o alarme?

Ela assente, tão impressionada com o sorriso amplo dele que se obriga a olhar para o chão. Dentro dela, porém, uma alegria desabrocha feito uma flor por ele estar saindo e ela poder tocar piano.

Ele hesita por um instante antes de lhe estender um grande guarda-chuva preto.

— Fique à vontade para usar isso. Ainda está chovendo canivete lá fora.

Canivete?

Alessia fica chocada. Olha depressa para o rosto dele, e seu coração acelera diante do sorriso caloroso e da generosidade. Ela aceita o guarda-chuva.

— Obrigada — sussurra.

— De nada. Até quarta, Alessia — diz ele, deixando-a na cozinha.

Alguns instantes depois, ela ouve a porta da frente se fechar.

Alessia olha o guarda-chuva. É clássico, com pegador de madeira e anel dourado. É bem do que ela precisa. Impressionada com o gesto do Mister, ela vai até a sala e senta diante do piano. Apoia o guarda-chuva na extremidade do teclado e, em homenagem ao clima horroroso, começa a tocar o prelúdio “Gota d’Água”, de Chopin.

Eu me deleito com a lembrança do sussurro de Alessia: “Obrigada.” Estou ridiculamente satisfeito comigo mesmo. Pude enfim ajudá-la, com aquele gesto simples. Não estou acostumado com boas ações, embora seja grande a probabilidade de minha gentileza ser motivada por segundas intenções, as quais não quero analisar muito a fundo agora, já que podem confirmar que sou o babaca superficial que acho que sou. Ainda assim, estou satisfeito com

o gesto, e essa é uma sensação nova.

Com energia renovada, passo pelo elevador e desço correndo a escada principal até o térreo. Não quero sair, mas tenho uma reunião com Oliver e os funcionários da construtora da obra em Mayfair. Olho para minha roupa e torço para que não estejam esperando me ver de terno. Não faz meu estilo.

Não. É o estilo de Kit, que tinha um armário inteiro de ternos Savile Row feitos sob medida.

Do lado de fora, desvio das gotas de chuva e chamo um táxi.

* * *

— ACHO QUE A reunião correu bem — disse Oliver.

Assinto enquanto atravessamos o saguão novo de calcário de um dos edifícios reformados. Operários com coletes de alta visibilidade e capacetes amarelos trabalham ao nosso redor enquanto voltamos à fachada interditada do prédio. A poeira no ar faz minha garganta arder. Preciso beber alguma coisa.

— Você leva jeito para isso, Trevethick. Acho que a construtora gostou das suas sugestões.

— Maxim. Por favor, use meu nome, Oliver. Você usava antes.

— Está certo, milorde.

— Puta merda.

— Maxim.

Oliver me lança um breve sorriso.

— Vamos precisar de um designer de interiores para adquirir tudo para o apartamento-modelo, provavelmente no mês que vem. Criei uma lista com três profissionais que Kit costumava usar.

Kit? Kit era Kit. Por que não posso ser Maxim?

— Caroline pode ser uma boa ideia — arrisco.

— Ah, é? Lady Trevethick?

— Minha mãe que sugeriu.

Oliver se retesa.

Ah, é? O que Oliver tem contra Caroline? Ou será que foi a menção a Rowena que o fez se retesar? Ela costuma causar esse efeito nas pessoas.

— Vou falar com ela, mas me mande o nome dos outros e o portfólio deles — digo.

Oliver faz que sim, então eu tiro o capacete amarelo e o entrego a ele.

— Até amanhã — diz ele, e empurra a porta frágil entre os painéis de madeira que ocultam a fachada do prédio.

A chuva finalmente parou, mas está escuro. Puxo a gola do casaco para cima e espero um táxi enquanto decido se vou para o clube ou para casa.

* * *

DANDO A VOLTA no piano de cauda, penso em Alessia debruçada sobre ele enquanto polia a madeira até deixá-la lustrosa. Está brilhando. Quem poderia imaginar que eu ficaria tão atraído por uma mulher vestindo um uniforme de náilon e uma calcinha cor-de-rosa imensa?

Como ela pode ter se infiltrado em meus pensamentos em tão pouco tempo? Não sei nada sobre ela, só que é diferente de todas as mulheres que já conheci. As que fazem parte da minha vida são ousadas, seguras, sabem o que querem e como conseguir. Ela não é assim. Acanhada e totalmente concentrada no trabalho, Alessia parece ter medo de falar comigo... quase como se quisesse ser invisível. Ela me intriga. Sua aceitação tímida do guarda-chuva me vem à mente e me faz sorrir. Ficou tão surpresa e grata, e eu me pergunto como deve ser sua vida, se um gesto tão simples significou tanto para ela.

Sento-me ao piano e leio meu rascunho, recordando a expressão dela enquanto observava minha composição. Talvez saiba ler música. Vai ver até toca. Fico curioso para saber o que achou, mas percebo que só estou especulando. Minha única certeza agora é o desejo sofrido que vem do meio das minhas pernas.

Foda-se. Saia de casa e trepe com alguém.

Mas eu fico diante do piano, tocando uma música atrás da outra.

Alessia está deitada na pequena maca dobrável que serve de cama em um quarto minúsculo na casa de Magda. Sua cabeça está a mil; ela tem muita coisa para fazer, mas seus pensamentos voltam mais uma vez para o Mister de olhos verdes. Ela o vê ao piano. Os olhos fechados, a testa sempre franzida e a boca entreaberta enquanto sente a música, e depois a expressão amigável ao lhe entregar o guarda-chuva. O cabelo bagunçado e os lábios curvados

formando um sorriso convidativo. Ela se pergunta como seria beijá-los.

Passa a mão pelo próprio corpo, sobre os seios.

Ele poderia beijá-la ali mesmo.

Ela suspira, abraçando a fantasia, e desce mais a mão, então imagina que é a mão dele.

Tocando-a.

Ali.

Ela começa a se acariciar, contendo os gemidos, ciente das paredes finas do quarto.

Pensa nele enquanto seu corpo se prepara.

Subindo.

Mais alto.

O rosto dele.

As costas.

As pernas compridas.

Ela sobe mais.

O traseiro firme.

A barriga lisa.

Ela geme ao gozar e, exausta, adormece.

Sonha com ele.

Eu me remexo na cama.

Ela está de pé na porta. Uma visão de azul.

Entre. Venha se deitar comigo. Quero você.

Mas ela dá meia-volta e vai até a sala.

Está polindo o piano.

Veste apenas uma calcinha cor-de-rosa.

Estico o braço para tocá-la, mas ela desaparece.

E eu acordo.

* * *

MERDA.

Estou duro. Tão duro que dói.

Cacete. Preciso sair mais de casa.

Logo resolvo minha situação.

Quando foi a última vez que fiz isso? Preciso trepar. Amanhã. É o que vou fazer. Viro de lado e caio em um sono agitado.

* * *

NA TARDE SEGUINTE, Oliver está me mostrando as contas de cada uma das propriedades. Nossos escritórios ficam perto da praça Berkeley, em uma casa georgiana que meu pai converteu em escritório nos anos 1980. O edifício é dos Trevethick e abriga duas outras empresas nos andares superiores.

Tento me concentrar nos números que estamos discutindo, mas estou ciente de que a porta da sala de Kit está aberta. Isso me distrai. Ainda não consigo trabalhar lá. Quase dá para ouvi-lo falando ao telefone, rindo de alguma piada ruim que eu fiz ou repreendendo Oliver por algum erro. Quase espero vê-lo entrar ali, vindo da rua. Ele ficava tão à vontade no comando desse universo. Fazia parecer fácil.

Mas sei que ele invejava minha liberdade.

Não tem problema você sair transando com Londres inteira, Reserva. Mas alguns de nós precisam trabalhar para viver.

Estou de pé diante do corpo sem vida e fraturado de Kit, ao lado da médica da emergência.

“Sim. É ele”, confirmo.

“Obrigada, Lorde Trevethick”, murmura ela.

Foi a primeira vez que alguém usou o título para se referir a mim...

— Então acho que podemos deixar as coisas como estão no próximo trimestre e depois reavaliemos — diz Oliver, me trazendo de volta. — Mas acho que você precisa visitar as propriedades.

— Sim. Eu devia mesmo.

Em algum momento...

Estou apenas vagamente a par da história recente das três propriedades,

mas sei que, graças ao bom comando de meu avô, meu pai e meu irmão, todas são lucrativas. Ao contrário de vários outros lordes, os Trevelyan não têm dificuldades financeiras.

A Residência Angwin, em Cotswolds, Oxfordshire, está prosperando. É aberta a todos, tem um vasto jardim central, uma brinquedoteca e um zoológico, uma sala de chá e pastos para uso público. Tyok, na Nortúmbria, está inteiramente alugada por um americano rico que se acha lorde. Kit e Oliver costumavam questionar o motivo de ele não ter comprado uma mansão própria, e agora me faço a mesma pergunta. A Mansão Tresyllian, na Cornualha, por sua vez, abriga uma das maiores fazendas orgânicas do Reino Unido. John, meu pai, o décimo primeiro Conde de Trevethick, fora pioneiro da agricultura orgânica, enquanto todos os seus contemporâneos zombavam da iniciativa. Mais recentemente, para diversificar o portfólio e aumentar o rendimento, Kit concebeu e construiu uma série de casas de luxo para férias no limite da propriedade. A demanda é alta, sobretudo no verão.

— Agora vamos conversar sobre como *você* pretende usar as propriedades daqui para a frente e de quantos funcionários vai precisar.

— Ah, é?

Fico desapontado e tento me manter presente enquanto Oliver fala. Minha mente divaga. Amanhã Alessia estará de volta. Ela é a única funcionária na qual estou interessado no momento, e por todas as razões erradas. O exercício intenso daquela manhã não ajudou em nada a diminuir meu fascínio por ela.

Estou encantado e mal conheço a garota.

Meu celular vibra com uma mensagem de Caroline. Quando leio suas palavras, meu couro cabeludo começa a pinicar e sinto um nó na garganta.

Não estou grávida. :(

Não tenho nada de Kit.

Nem um filho dele.

Merda! O sofrimento me abate de repente, como em uma emboscada.

— Oliver, vamos encerrar por hoje. Aconteceu uma coisa.

— Sim, senhor — responde Oliver. — Amanhã?

— Sim. Por que não vai ao meu apartamento amanhã? Pode ser no meio da manhã.

— Está bem, mi... Maxim.

— Ótimo. Obrigado.

Digito uma resposta para Caroline.

Estou indo aí.

Não. Quero sair.

Vamos encher a cara.

Ok. Onde?

Está em casa?

Não. No escritório.

Ok. Encontro com você no centro.

Loulou's?

Não. Soho House.

Greek Street.

Tem menos gente conhecida.

Vejo você lá.

O clube privado está lotado, mas encontro uma mesa no segundo andar, perto da lareira acesa. Prefiro a intimidade do número 5 da Hertford Street, que considero meu clube, mas também sou membro do Soho House, assim como Caroline. Eu me sento e não preciso esperar muito até que ela chegue. Parece cansada, triste e esquelética. Sua boca está curvada para baixo, e seus olhos, turvos e inchados. O cabelo loiro está despenteado, e ela veste calça jeans e casaco. O casaco de Kit. Não é a Caroline animada que conheço. Meu coração aperta quando ela se aproxima. Vejo minha dor em seu rosto.

Fico de pé, mas não digo nada quando ela se joga em meus braços e a abraço forte.

Ela funga.

— Oi — sussurro em seu ouvido.

— A vida é uma merda — murmura ela.

— Eu sei. — Espero que meu tom de voz seja tranquilizador. — Quer se sentar? Se ficar de frente para mim, ninguém vai ver que está chateada.

— Minha cara está tão ruim assim?

Ela parece ofendida, mas com um toque de humor. É um vislumbre da Caroline que conheço. Beijo sua testa.

— Nunca, Caro, querida.

Ela sai do meu abraço.

— Você é cheio de charminho — resmunga, mas percebo que não está brava.

Ela senta na cadeira de veludo à minha frente.

— Quer beber o quê?

— Um Soho Mule.

— Boa pedida.

Chamo o garçom e faço o pedido.

— Você não saiu nesse fim de semana — comenta Caroline.

— Andei ocupado.

— Sozinho.

— Sim — digo, e é bom não mentir.

— O que houve, Maxim?

— Como assim?

Lanço um olhar de não-faço-ideia-do-que-você-está-falando.

— Conheceu alguém? — pergunta ela.

Cacete!

Pisco quando uma imagem de Alessia deitada em cima do piano só de calcinha rosa me vem à mente.

— Conheceu! — exclama Caroline, surpresa.

Eu me remexo no banco e faço que não com a cabeça.

— Não.

Minha negativa é enfática.

Caroline ergue uma sobrancelha.

— Está mentindo.

Merda. Não foi enfática o bastante.

— Como você sabe? — pergunto, como sempre admirado com sua capacidade de perceber quando minto.

— Eu não sabia, mas você sempre se entrega tão fácil... Conte tudo.

Droga!

— Não há nada para contar. Passei o fim de semana sozinho.

— Só isso já quer dizer muita coisa.

— Caro, eu e você estamos lidando com a ausência de Kit de jeitos diferentes.

— E... o que você está escondendo de mim?

Suspiro.

— Quer mesmo que eu fale sobre isso?

— Quero — diz ela, e noto o brilho maroto em seus olhos, fazendo lembrar que a Caroline de verdade não está muito longe.

— Tem uma pessoa. Mas ela não sabe que eu existo.

— Sêrio?

— É. Sêrio. Não é nada. Só uma fantasia.

Caroline parece intrigada.

— Isso não é do seu feitio. Você nunca se distraiu com uma de suas, hum... conquistas.

Não consigo conter uma gargalhada seca.

— Ela não é uma conquista... Nem de longe.

Mal consegue olhar para mim!

O garçom chega com nossas bebidas.

— Quando foi a última vez que comeu? — pergunto.

Caroline dá de ombros, e balanço a cabeça.

— Deve estar deixando a Sra. Blake maluca. Vamos comer. Pode trazer o cardápio? — peço ao garçom, que assente e se afasta.

Levo meu copo até o dela.

— Aos amores ausentes.

Torço para mudarmos de assunto.

— Ao Kit — sussurra ela.

Nós dois sorrimos um para o outro com tristeza, unidos em nosso amor pelo mesmo homem.

* * *

SÃO DUAS DA manhã quando voltamos, inebriados, para o meu apartamento. Caroline não quer ir para casa. *Não quero ir. Não é minha casa sem Kit.*

Não tenho como discordar.

Chegamos cambaleando no corredor e eu digito o código no alarme, silenciando o apito incessante.

— Tem um pouco de pó? — pergunta Caroline sem rodeios.

— Não. Hoje, não.

— O que tem para beber?

— Acho que você já bebeu demais.

Ela me lança um sorriso torto, embriagado.

— Está cuidando de mim?

— Sempre vou cuidar de você, Caro. Sabe disso.

— Então me leve para a cama, Maxim.

Ela joga os braços ao redor do meu pescoço, o rosto erguido com uma expectativa turva e os olhos desfocados atentos à minha boca.

Merda. Seguro seus ombros e a mantenho afastada.

— Não. Vou colocar você na cama.

— Como assim?

Caroline faz uma careta.

— Você está bêbada.

— E?

— Caroline. Isso precisa acabar.

Beijo sua testa.

— Por quê?

— Você sabe por quê.

O rosto dela se enrugou, e seus olhos se enchem de lágrimas enquanto ela cambaleia para longe de mim.

Solto um grunhido.

— Não. Por favor, não chore. — Puxo-a de volta para o meu abraço. — Não podemos mais fazer isso.

Desde quando meus escrúpulos me impedem de trepar?

Minha intenção era sair esta noite e encontrar uma mulher gostosa e disponível.

— É porque você conheceu alguém?

— Não.

Sim.

Talvez.

Não sei.

— Vamos lá, vou colocar você na cama.

Passo o braço por seus ombros e a acompanho até meu quarto de hóspedes, raramente usado.

* * *

EM DETERMINADO MOMENTO da noite, sinto o colchão afundar quando Caroline sobe ao meu lado na cama. Aliviado por ter me lembrado de vestir a calça do pijama, puxo-a para os meus braços.

— Maxim — sussurra ela, e ouço o tom convidativo em sua voz.

— Durma — resmungo, e fecho os olhos.

Não me importo que ela tenha sido esposa do meu irmão. Caro é minha melhor amiga e a mulher que mais me conhece no mundo. Também é um corpo quente e um consolo, e eu estou sofrendo, mas não vou transar com ela de novo.

Não. Isso acabou.

Ela apoia a cabeça em meu peito, beijo seu cabelo e caio logo no sono.

Capítulo Seis

Alessia não consegue conter a empolgação. Segura com mais força o guarda-chuva e entra no apartamento de Maxim. Dessa vez, nota com prazer que o alarme não toca.

Ele está aqui!

Na noite anterior, em sua cama estreita, sonhou com ele mais uma vez — os olhos verde-esmeralda, o sorriso brilhante e o rosto expressivo — tocando piano, envolvido pela música. Acordou sem fôlego e cheia de desejo. E da última vez que o viu, ele teve a gentileza de lhe emprestar o guarda-chuva, o que a manteve seca no caminho para casa e durante todo o dia seguinte. Ela não havia sido tratada com muita gentileza desde que chegara em Londres, exceto por Magda, é claro. Por isso, o gesto dele teve um significado ainda maior. Ela tira as botas e deixa o guarda-chuva no corredor, indo depressa até a cozinha. Está animada para vê-lo.

Mas para na entrada.

Ah, não!

Uma mulher loura vestindo apenas uma camisa masculina — uma camisa *dele* — está na cozinha fazendo café. Ela olha para cima e dá um sorriso educado, mas caloroso. Alessia recupera a capacidade de se mover e atravessa a cozinha em direção à lavanderia com a cabeça baixa, em choque.

— Bom dia — diz a mulher. Ela parece ter acabado de sair da cama.

Da cama dele?

— Bom dia, senhora — murmura Alessia ao passar pela moça.

Chegando à lavanderia, para por um instante para processar a reviravolta dos acontecimentos.

Quem é essa mulher com esses olhos azuis imensos?

Por que ela está vestindo a camisa dele? Uma camisa que Alessia havia passado na semana anterior.

Essa mulher está *com* ele. Só pode. Por que outro motivo estaria andando pela casa vestindo a camisa dele? *Devem ser íntimos.*

Íntimos.

Claro que ele tem alguém. Um alguém lindo.

Como ele.

Os sonhos de Alessia se despedaçam e caem a seus pés. Ela fecha a cara, pois o desapontamento deixa seu coração apertado. Suspirando, tira o gorro, as luvas e a parca e veste o uniforme.

O que esperava? Ele nunca se interessaria por ela — afinal, é apenas a faxineira. Por que desejaria alguém como ela?

A pequena bolha de alegria que sentiu naquela manhã — a primeira depois de muito tempo — estourou. Ela calça os tênis e monta a tábua de passar. Sua animação anterior se torna uma lembrança distante quando Alessia é forçada a encarar a realidade. Da secadora, pega a roupa limpa, transferindo-a para o cesto. Aquele é o lugar dela. Foi para isso que foi criada: para cuidar da casa e de um homem.

Ainda pode admirá-lo de longe, como vem fazendo desde que o viu nu na cama. Disso ninguém pode impedi-la.

Desanimada, respira fundo enquanto enche o ferro com mais água.

Alessia está na porta. Uma visão em azul.

Lentamente, tira o lenço e solta a trança.

Balance o cabelo para mim.

Ela sorri.

Entre. Deite-se comigo. Quero você.

Mas ela se vira e está na minha sala de estar.

*Polindo o piano. Estudando minha composição. Vestindo apenas
uma calcinha rosa. Estendo a mão para tocá-la, mas ela
desaparece.*

*Está de pé no corredor. Os olhos arregalados. Segurando uma
vassoura.*

Nua.

Ela tem pernas compridas. Eu as quero ao redor da minha cintura.

— Fiz café para você — sussurra Caroline.

Resmungo, relutando em acordar. Grande parte do meu corpo também está aproveitando o sonho. Felizmente, estou deitado de barriga para baixo, então minha ereção se espreme contra o colchão, escondida da minha cunhada.

— Você não tem comida em casa. Vamos sair para tomar café da manhã ou peço a Blake que nos traga algo?

Resmungo de novo, meu jeito de dizer “foda-se, me deixe em paz”. Mas Caroline é persistente.

— Conheci sua nova diarista. Ela é muito jovem. O que aconteceu com Krystyna?

Merda! Alessia está aqui?

Rolo e vejo Caroline sentada na beirada da cama.

— Quer que eu volte para a cama? — pergunta ela com um sorriso tímido, indicando o travesseiro com a cabeça.

— Não — respondo, olhando para seu estado adorável, mas desganhado.
— Você fez café vestida assim?

— Aham. — Ela franze a testa. — Por quê? Meu corpo ofende você? Ou está puto porque vesti uma camisa sua?

Faço a gentileza de rir, estendo a mão e aperto a dela.

— Seu corpo nunca ofenderia ninguém, Caro. Você sabe disso.

Mas Alessia vai entender tudo errado...

Porra. Por que me importo com isso?

Caroline contorce a boca num sorriso irônico.

— Mas você não está interessado — diz ela, a voz suave de repente. — É porque conheceu alguém?

— Caro. Por favor. Não vamos falar sobre isso de novo. Nós não podemos. Além do mais, você disse que estava naqueles dias.

— Isso nunca foi problema para você — ironiza ela.

— Meu Deus, quando foi que eu conversei com você sobre isso?

Levo as mãos à cabeça e olho horrorizado para o teto.

— Anos atrás.

— Bom, me desculpe por ter compartilhado tanto.

Mulheres! Porra, elas lembram de tudo.

— E por que você precisava me lembrar disso? — Seu rosto perde o bom humor e a tristeza reaparece. Seu olhar petrificado se fixa nas janelas e ela fala baixinho, com a voz franca e angustiada: — Nós tentamos engravidar durante dois anos. Dois anos inteiros. Era o que nós dois queríamos. — Lágrimas começam a escorrer pelo rosto dela. — Agora ele se foi e eu perdi tudo. Não tenho nada.

Ela apoia a cabeça nas mãos e começa a chorar.

Porra. Eu sou um idiota. Sentando-me na cama, eu a puxo para meus braços e a deixo chorar. Pego um lenço de papel da caixa na mesa de cabeceira.

— Aqui. — Entrego a ela, que agarra o lenço como se aquilo contivesse o sentido da vida, e eu prossigo, com a voz baixa, suave e triste: — Não podemos continuar fazendo isso durante o luto. Não é justo com nenhum de nós nem com Kit. E você não perdeu tudo. Tem seu dinheiro. E ainda tem a casa. Podemos fornecer uma quantia regular para você, se for preciso. Na verdade, Rowena acha que você devia fazer o design de interiores dos apartamentos de Mayfair. — Beijo o cabelo dela. — Você sempre vai ter a mim, mas não como diversão, Caro, e sim como amigo e cunhado.

Caroline funga e limpa o nariz. Ela se inclina para trás e me encara com olhos azuis desolados, cheios de lágrimas.

— É porque eu escolhi ele, não é?

Fico desapontado.

— Não vamos falar sobre isso de novo.

— É porque você conheceu outra pessoa? *Quem é ela?*

Não quero ter essa conversa.

— Vamos tomar café.

* * *

TOMO BANHO E me visto em tempo recorde e fico aliviado ao perceber que Caroline ainda está no quarto de hóspedes quando levo minha xícara de café vazia até a cozinha. Meu coração dispara só de pensar em ver Alessia.

Por que estou nervoso? Ou estou empolgado?

Para minha decepção, ela não está na cozinha, então me arrisco na copa, onde a vejo passando uma das minhas camisas. Sem ser notado, eu a observo.

Ela passa a ferro com a mesma sensualidade graciosa que percebi no outro dia, fazendo gestos longos e suaves, a testa franzida de concentração. Ela termina a camisa e de repente olha para cima. Seus olhos se arregalam quando me vê, o rosto corando com um brilho rosado.

Cara, ela é linda.

— Bom dia — digo. — Não queria assustar você.

Ela coloca o ferro no apoio e olha fixo para ele, e não para mim, a testa mais franzida do que antes.

Qual o problema? Por que ela não me olha?

— Vou levar minha cunhada para tomar café da manhã.

Por que estou dizendo isso a ela?

Mas Alessia pisca repetidas vezes, balançando os cílios, e sei que está processando a informação. Acrescento depressa:

— Se você puder trocar os lençóis do quarto de hóspedes, agradeço.

Ela fica paralisada, então assente, evitando meu olhar, mordendo o lábio superior.

Ah... Quero sentir esses dentes em mim.

— Vou deixar o dinheiro como sempre...

Ela ergue o rosto, me lança um olhar sombrio com aqueles olhos bonitos e expressivos e minhas palavras secam na garganta.

— Obrigada, Mister — sussurra.

— Meu nome é Maxim.

Quero ouvi-la dizer meu nome com seu sotaque sedutor, mas ela fica muda naquele uniforme horrível e me lança um sorriso tenso.

— Maxim! — chama Caroline, depois entra na copa agora lotada. — Oi de novo — diz a Alessia.

— Alessia, esta é minha amiga e cunhada... hum... Caroline. Caroline, Alessia.

A situação é estranha. Fico surpreso por me sentir constrangido apresentando as duas.

Caroline me lança um olhar intrigado, que ignoro, mas dirige um sorriso gentil a Alessia.

— Alessia, que nome bonito. É polonês? — pergunta.

— Não, senhora. Italiano.

— Ah, você é da Itália.

— Não, sou da Albânia.

Ela dá um passo para trás e começa a mexer em uma linha solta do uniforme.

Albânia?

Vejo que ela não quer falar sobre isso, mas estou tão curioso que insisto:

— Você está bem longe de casa. Veio estudar aqui?

Ela nega com a cabeça e começa a puxar a linha, mais evasiva do que nunca. Está claro que não vai responder.

— Maxim! Vamos — diz Caroline, puxando meu braço, com uma expressão intrigada. — Foi ótimo conhecer você, Alessia — acrescenta.

Eu hesito.

— Tchau — digo, relutante em deixá-la.

— Tchau — sussurra Alessia, e o observa seguir Caroline para fora da cozinha.

Cunhada?

Ela ouve a porta da frente se fechar.

Cunhada.

Kunata.

Ao voltar para o ferro de passar, diz as palavras em voz alta em inglês e albanês, e o som e o significado a fazem sorrir. Mas é estranho a cunhada estar ali, vestindo as roupas dele. Alessia dá de ombros. Já viu programas de TV americanos suficientes para saber que o relacionamento entre homens e mulheres é diferente no Ocidente.

Mais tarde, ela tira os lençóis da cama do quarto de hóspedes. A roupa de cama é moderna, chique e branca como o restante do apartamento, mas o aspecto mais agradável dela é que foi usada. Com um sorriso de alívio, pega um conjunto limpo no armário e arruma a cama.

Desde que viu Caroline, um pensamento ficou atormentando Alessia. No quarto do Mister, tem a chance de satisfazer sua curiosidade. Passa os braços em volta do corpo e se aproxima da lixeira com cuidado. Respirando fundo, espia lá dentro.

Sorri.

Nenhuma camisinha.

Alessia limpa e arruma o quarto com um pouco da alegria que sentira mais cedo naquela manhã.

— É ela? — pergunta Caroline.

— O quê? — ironizo dentro do táxi que nos leva para a King's Road.

— A sua diarista.

Merda.

— O que tem minha diarista?

— É ela?

— Não seja ridícula.

Caroline cruza os braços.

— Isso não é um não.

— Não vou nem me dar ao trabalho de responder.

Observo pela janela embaçada do táxi as ruas sem graça de Chelsea enquanto sinto um rubor subindo pelo pescoço, me traindo.

Como foi que me entreguei?

— Nunca vi você tão solícito com os funcionários.

Faço uma careta para ela.

— Falando em funcionários — digo —, foi a Sra. Blake quem arranjou Krystyna para mim?

— Acho que sim. Por quê?

— Bem, fiquei um pouco surpreso por ela ter simplesmente ido embora sem nem sequer se despedir e depois a Srta. Albânia ter assumido o lugar. Ninguém me disse nada.

- Maxim, se não gosta da garota, mande ela embora.
- Não é isso que estou dizendo.
- Bom, você está agindo de um jeito esquisito demais em relação a ela.
- Não estou, não.
- Então tudo bem, Maxim.

A boca de Caroline se contrai em uma linha tensa enquanto ela cruza os braços e olha pela janela do táxi, deixando-me a sós com meus pensamentos.

O que eu realmente quero é informação sobre Alessia Demachi. Enumero o que sei. Fato um: ela é albanesa, não polonesa. Sei muito pouco sobre a Albânia. O que a trouxe para o Reino Unido? Quantos anos ela tem? Onde mora? Ela vem de muito longe toda manhã? Mora sozinha?

Eu poderia segui-la até em casa.

Stalker!

Eu poderia perguntar a ela.

Fato dois: Alessia está relutante em falar. Ou está relutante em falar *comigo*? A ideia me deprime, e eu olho para as ruas molhadas de chuva, emburrado como um adolescente carente.

Por que essa mulher me confunde?

É por ser tão misteriosa?

Por ter uma origem completamente diferente da minha?

Por trabalhar para mim?

Isso a torna alguém que deveria estar além dos meus limites.

Porra.

A verdade é que quero levá-la para a cama. Pronto. Admiti. É o que eu quero e estou com um caso grave de dor entre as pernas que comprova isso. Para piorar, não sei como fazer isso acontecer, sobretudo porque ela não fala comigo. Nem sequer olha para mim.

Será que Alessia me acha repulsivo?

Talvez seja isso. Talvez simplesmente não goste de mim.

Que inferno, eu não sei *o que* ela pensa de mim. Estou em desvantagem. Até onde sei, ela poderia estar vasculhando minhas coisas neste instante, aprendendo mais a meu respeito. Entendendo como eu sou. Faço uma

careta. Talvez seja por isso que ela não gosta de mim.

— Ela parece ter muito medo de você — observa Caroline.

— Quem? — pergunto, embora saiba perfeitamente de quem ela está falando.

— Alessia.

— Sou o chefe dela.

— Está claro que você é muito sensível em relação a ela. Acho que ela tem medo porque está louca por você.

— O quê? Agora você está alucinando. Ela mal consegue ficar no mesmo cômodo que eu.

— Mais um motivo.

Caroline dá de ombros. Franzo a testa. Ela suspira.

— Ela não consegue porque gosta de você e não quer deixar isso na cara.

— Caro, ela é minha diarista. Só isso — falo de maneira enfática, me esforçando para fazê-la mudar de assunto, embora ouvir aquilo tenha me dado alguma esperança.

Ela sorri quando o táxi para em frente ao Bluebird. Entrego uma nota de vinte libras ao taxista, ignorando o olhar de Caroline.

— Pode ficar com o troco — digo a ele quando saímos.

— Que exagero de gorjeta — resmunga Caroline.

Não digo nada, perdido em pensamentos sobre Alessia Demachi, e seguro a porta para Caroline entrar.

— Então sua mãe acha que devo dar um jeito de me recompor e voltar ao trabalho? — pergunta Caroline enquanto somos conduzidos para nossa mesa.

— Ela acha que você é muito talentosa e que trabalhar nos apartamentos de Mayfair vai ser uma distração bem-vinda.

Caroline faz um beicinho.

— Acho que preciso de tempo — sussurra ela, e seus olhos ficam sombrios de tristeza.

— Eu entendo.

— Só faz duas semanas que enterramos Kit.

Ela leva o suéter de Kit ao nariz e inspira.

— Eu sei, eu sei — digo, e me pergunto se o cheiro dele continua ali.

Também sinto falta dele. E, na verdade, se passaram treze dias desde o enterro. Vinte e dois dias desde que ele morreu.

Engulo o nó que se forma na minha garganta.

* * *

COMO NÃO TREINEI de manhã, subo de escada até o apartamento. O café da manhã demorou mais do que eu pretendia, e Oliver deve chegar a qualquer momento. Parte de mim também espera que Alessia ainda esteja lá. Quando me aproximo da porta da frente, ouço música vindo lá de dentro.

Música? O que está acontecendo?

Enfio a chave na fechadura e abro a porta com cuidado. É Bach, um dos prelúdios em sol maior. Talvez Alessia tenha colocado para tocar no meu computador. Mas como? Ela não sabe a senha. Sabe? Talvez tenha inserido o celular dela no sistema de som, embora, considerando a parca puída que usa, não pareça alguém que tenha um smartphone. Nunca a vi com um, pelo menos. A música preenche o apartamento, iluminando os cantos mais escuros.

Quem diria que minha diarista gosta de clássicos?

Esta é mais uma pecinha do quebra-cabeça de Alessia Demachi. Fecho a porta sem fazer barulho, mas, quando chego ao corredor, fica claro que a música não vem do aparelho de som. Vem do meu piano. Bach. Fluido e leve, tocado com uma destreza e uma compreensão que só ouvi de artistas do padrão de concerto.

Alessia?

Nunca fiz meu piano soar assim. Tirando os sapatos, arrasto os pés pelo corredor e espio pela porta que dá para a sala.

Ela está sentada ao piano, de uniforme e lenço no cabelo, balançando-se um pouco, completamente absorta, os olhos fechados, concentrada, enquanto as mãos se movem com graciosa habilidade pelas teclas. A música flui através dela, ecoando nas paredes e no teto em uma performance impecável, digna de um pianista profissional. Fico admirado ao observá-la tocar, com a cabeça baixa.

Ela é brilhante.

Em todos os sentidos.

E estou completamente fascinado.

Ela termina o prelúdio e eu volto para o corredor sem querer chamar atenção, sem me atrever a respirar. No entanto, sem perder o ritmo, ela vai direto para a fuga. Eu me apoio na parede e fecho os olhos, impressionado com sua arte e com o sentimento que Alessia coloca em cada trecho da música. Eu me deixo levar pelo som e de repente me dou conta de que ela não está lendo a partitura. Está tocando de cor.

Meu Deus. Ela é uma virtuose da porra!

E me lembro da concentração intensa no rosto dela ao examinar minha composição enquanto tirava o pó do piano. Claramente estava lendo a música.

Merda. Ela toca desse jeito e estava lendo a minha composição?

A fuga termina, e, à perfeição, ela começa outra peça. Mais uma vez Bach, “Prelúdio em Dó Sustenido Maior”, eu acho.

Por que ela está trabalhando com faxina se tem todo esse talento, cacete?

A campainha toca e, de repente, a música para.

Merda.

Ouçoo o barulho alto do banco do piano sendo arrastado pelo chão e, sem querer ser flagrado escutando escondido, corro de meia pelo corredor e abro a porta.

— Boa tarde, senhor.

É Oliver.

— Entre — digo, um pouco sem fôlego.

— Entrei por conta própria lá embaixo. Espero que não se importe. O senhor está bem? — pergunta Oliver ao entrar.

Ele para e olha para Alessia, que agora está de pé no hall, sua silhueta delineada contra a luz da porta da sala. Quando abro a boca para lhe dizer alguma coisa, ela corre para a cozinha.

— Sim. Estou bem. Pode entrar. Só preciso trocar uma palavrinha com a minha diarista.

Oliver franze a testa, confuso, mas vai até a sala.

Respiro fundo e passo as mãos pelo cabelo, tentando conter meu... espanto.

Que porra foi essa?

Entro na cozinha, onde encontro uma Alessia em pânico, lutando para colocar a parca.

— Desculpe. Desculpe. Desculpe mesmo — murmura ela, incapaz de olhar para mim.

Está com o rosto pálido e tenso, como se estivesse segurando as lágrimas.

Merda.

— Ei, está tudo bem. Espere, vou ajudar você com isso — falo com gentileza ao segurar o casaco dela.

É tão barato, fino e desagradável quanto parece. Tem o nome MICHAL JANECZEK bordado no colarinho. Michal Janeczek? O namorado dela? Meu couro cabeludo começa a pinicar e sinto todos os pelos da nuca se arrepiarem. Talvez seja por isso que ela não quer falar comigo. Tem namorado.

Porra. A decepção é real.

Deslizo o casaco sobre seus braços e ombros.

Ou talvez ela simplesmente não goste de mim.

Puxando o casaco com mais firmeza junto ao corpo, ela se afasta de mim enquanto se atrapalha com o uniforme, que enfia em um saco plástico.

— Desculpe, Mister — diz ela mais uma vez. — Isso não vai se repetir. Não vai. — E a voz dela embarga.

— Alessia, pelo amor de Deus. Foi um prazer ouvir você tocar. Pode tocar sempre que quiser.

Mesmo que tenha namorado.

Ela olha para o chão e eu não resisto. Dando um passo à frente, estendo a mão e levanto delicadamente o queixo dela para ver seu rosto.

— Estou falando sério. Sempre que quiser. Você toca muito bem.

E, antes que eu possa me conter, deixo o polegar traçar seu lábio inferior.

Minha nossa. Tão macio.

Tocar nela é um erro.

Meu corpo reage imediatamente. *Porra.*

Ela inspira fundo e seus olhos ficam arregalados.

Solto o braço e o deixo cair ao lado do corpo.

— Desculpe — sussurro, chocado por estar tocando na garota.

Mas as palavras de Caroline voltam à minha mente: *Ela gosta de você e não quer deixar na cara.*

— Preciso ir — diz Alessia, e, sem se incomodar em tirar o lenço da cabeça, passa depressa por mim e dispara para a porta da frente.

Quando ela se vai, percebo que deixou as botas para trás. Eu as apanho, corro até a porta e a abro, mas ela desapareceu. A aflição é imensa ao ver que, de tão velhas, as botas têm as solas gastas.

Por isso as pegadas molhadas.

Ela deve ser pobre, se é isso que veste. Fazendo uma careta, levo as botas de volta à cozinha e olho pela porta de vidro que dá na saída de incêndio. O tempo está bom hoje, então, mesmo de tênis, ela não vai molhar os pés.

O que deu em mim para tocar nela? Foi um erro. Esfrego o polegar e o indicador um no outro, me lembrando da suavidade daquele lábio. Solto um gemido e balanço a cabeça. Estou chocado e envergonhado por ter passado do limite. Respirando fundo, me junto a Oliver na sala.

— Quem era? — pergunta Oliver.

— Minha diarista.

— Ela não está na lista de funcionários.

— Isso é um problema?

— É. Como você paga a ela? Com dinheiro?

O que ele está insinuando?

— Sim. Em dinheiro — disparo.

Oliver balança a cabeça.

— Você é o Conde de Trevethick agora. Ela precisa entrar na folha de pagamento.

— Por quê?

— Porque a Receita e Alfândega da Sua Majestade não vai ver com bons olhos que você paga alguém em dinheiro. Acredite em mim, estão de olho

em todas as nossas contas.

— Não entendi.

— Todos os funcionários têm que passar pelos livros. Você a contratou?

— Não. Foi a Sra. Blake.

— Tenho certeza de que não vai ser um grande problema. Só preciso dos dados dela. A moça é do Reino Unido, certo?

— Bem, não. Ela diz que é albanesa.

— Ah... Então talvez ela precise de visto de trabalho... A menos que esteja estudando, é claro.

Ah, merda.

— Vou conseguir os dados para você. Podemos falar sobre os outros funcionários? — pergunto.

— Por favor. Que tal começarmos com os da Residência Trevelyan?

Alessia corre para o ponto de ônibus, sem saber por que está correndo ou de quem. Como pôde ter sido tão estúpida a ponto de ser flagrada? Ele disse que não se importava que ela tocasse piano, mas será que deve acreditar nele? Pode estar ligando para a amiga de Magda naquele exato momento para demiti-la! Confusa e com o coração acelerado, senta-se no banco para esperar o ônibus para a estação Queenstown Road. Não tem certeza se o coração está acelerado por causa da corrida enlouquecida ao longo do Chelsea Embankment ou pelo que aconteceu no apartamento do Mister.

Toca o lábio inferior com as pontas dos dedos. Fechando os olhos, recorda o choque delicioso que sentiu quando ele a tocou. Seu coração acelera mais uma vez, deixando-a ofegante.

Ele a tocou.

Como faz em seus sonhos.

Como faz em sua imaginação.

Tão gentil.

E suave.

Não é isso que ela quer?

Talvez ele goste dela...

Fica sem ar uma vez mais.

Não. Ela não pode pensar assim.

É impossível.

Como ele poderia gostar dela? Ela não passa de uma faxineira.

Mas ele a ajudou a vestir o casaco. Ninguém nunca havia feito isso. Alessia olha os próprios pés.

Zot!

Percebe que deixou as botas no apartamento. Será que devia voltar para buscá-las? Ela não tem nenhum outro calçado além do que está usando e das botas, um dos poucos bens que trouxe de casa.

Mas não pode voltar. Tem outra pessoa na casa. Se o irritou por ter tocado piano, ele certamente vai ficar ainda mais bravo se ela o interromper. Alessia vê o ônibus ao longe e decide recuperar as botas na sexta-feira, se ainda tiver o emprego.

Roça os dentes no lábio superior. Ela precisa daquele trabalho. Se for demitida, Magda pode colocá-la na rua.

Não, isso não vai acontecer.

Magda não seria tão cruel, e Alessia ainda tem as casas da Sra. Kingsbury e da Sra. Goode para limpar, embora nenhuma tenha um piano. No entanto, não é só do piano que Alessia precisa. Ela precisa do dinheiro. Magda e o filho dela, Michal, vão emigrar em breve para o Canadá. Vão se juntar ao noivo de Magda, Logan, que mora e trabalha em Toronto. Alessia vai ter que encontrar outro lugar para morar. Magda cobra dela cem libras por semana pelo quarto minúsculo e, pela pesquisa que fez no computador de Michal, sabe que o valor é uma pechincha. Encontrar outro lugar para morar em Londres por tão pouco vai ser um desafio.

Fica feliz ao pensar em Michal. Ele é generoso com seu tempo e seu computador. Alessia tem um conhecimento limitado do mundo tecnológico, já que seu pai era muito rígido em relação ao uso do velho computador de casa. Mas Michal não é. Ele está em todas as redes sociais: Facebook, Instagram, Tumblr, Snapchat; adora todas. Alessia sorri pensando na selfie que ele tirou dos dois na véspera. Ele gosta de tirar selfies.

O ônibus chega e, ainda se sentindo zozza pelo toque do Mister, Alessia embarca.

— Bem, esse é um resumo de toda a equipe. Ficam faltando as informações da diarista para colocá-la na folha de pagamento — diz Oliver. Estamos sentados diante da pequena mesa de jantar que tenho na sala, e eu esperava que nossa reunião já estivesse encerrada. — Agora tenho uma proposta para o senhor — acrescenta.

— Qual?

— Acho que seria melhor fazer uma visita cuidadosa e inspecionar as duas propriedades que estão sob seu controle direto. Poderemos ir a Tyok quando o inquilino desocupar.

— Oliver, eu morei nessas propriedades em vários momentos da minha vida. Por que preciso inspecioná-las?

— Porque agora você é o chefe, Maxim. Isso vai mostrar aos funcionários que se importa e está comprometido com eles e com a longevidade das propriedades.

O *quê*? Minha mãe comeria meu fígado se eu sentisse qualquer coisa menos do que isso. Para ela, o título, a linhagem e a família sempre foram tudo. O que é irônico, considerando que ela jogou tudo para o alto. Mas não antes de passar para Kit a paixão pela história e pelo legado da família. Ela o ensinou muito bem. Ele sabia quais eram seus deveres. E, como o homem bom que era, fez jus ao desafio.

Assim como Maryanne, que também conhece nossa história.

Eu nem tanto.

Maryanne aprendeu por osmose. Era uma criança curiosa.

Eu estava sempre muito distraído, perdido no meu mundinho.

— É claro que estou comprometido com os funcionários e as propriedades — resmungo.

— Mas eles não sabem disso, senhor — diz Oliver, calmamente. — E... bem, seu comportamento da última vez em que estive lá... — A voz dele falha.

Sei que está se referindo à noite antes do funeral, quando bebi boa parte da adega que Kit mantinha. Eu estava com raiva. Sabia o que a morte dele significava para mim. E não queria a responsabilidade.

E estava em choque.

Com saudade dele.

Ainda sinto saudade dele.

— Eu estava de luto, porra — reclamo, na defensiva. — Ainda estou. Eu não pedi por nada isso.

Não estou preparado para essa obrigação enorme.

Por que meus pais não previram isso?

Minha mãe nunca me fez sentir como se eu pudesse ser bom em alguma coisa. Sempre se concentrou no meu irmão. Tolerava os dois filhos mais novos. Nos amava, até, à sua maneira.

Mas adorava apenas Kit.

Todo mundo adorava Kit. Meu irmão mais velho, louro, de olhos azuis, inteligente, confiante e exagerado.

O herdeiro.

Oliver ergue as mãos em um gesto conciliador.

— Eu sei. Eu sei. Mas você tem algumas portas para abrir.

— Bem, talvez a gente possa marcar a viagem para as próximas semanas.

— O quanto antes melhor.

Não quero sair de Londres. Fiz um pequeno progresso com Alessia e a ideia de não vê-la por alguns dias é... desagradável.

— Quando, então? — disparo.

— Não tem momento melhor do que o presente.

— Você está brincando.

Oliver faz que não com a cabeça.

Porra.

— Vou pensar um pouco — resmungo, e sei que estou emburrado feito uma criança mimada.

Sou a própria definição de criança mimada.

Os dias em que eu podia fazer o que quisesse se foram.

Mas eu não devia descontar minha raiva em Oliver.

— Tudo bem. Liberei minha agenda para os próximos dias para ir com o senhor.

Ah, que ótimo.

— Está bem — murmuro.

— Amanhã, então.

— Claro. Por que não? Vamos fazer um progresso real — digo, cerrando os dentes.

— Maxim, sei que é muita coisa para assimilar, mas ter seus funcionários motivados vai fazer uma diferença enorme. Eles só conhecem um lado seu.

— Faz uma pausa, e sei que está se referindo à minha reputação nada imaculada. — Conversar com os administradores das propriedades no território deles já vai ter um significado imenso. A reunião que vocês tiveram na semana passada foi muito curta.

— Está bem, está bem, você me convenceu. Eu já concordei, não foi?

Sei que estou sendo petulante, mas é porque, no fundo, não quero ir.

Bem, não quero ir e deixar Alessia.

Minha diarista.

Capítulo Sete

É uma tarde fria e sombria de terça-feira. Exausto, eu me apoio na chaminé da velha mina e fico observando o mar. O céu está escuro e sinistro, e sinto um vento córnico cortante. Há uma tempestade se formando e as ondas batem contra os penhascos abaixo, furiosas, o som aumentando e ecoando pelo prédio em ruínas. Os primeiros pingos congelantes de granizo da tempestade que se aproxima atingem meu rosto.

Quando crianças, Kit, Maryanne e eu costumávamos brincar dentro e ao redor das ruínas daquela mina de estanho no limite da propriedade Trevethick. Kit e Maryanne sempre eram os heróis e eu, o vilão. *Que adequado*. Já era um estereótipo naquela época. Sorrio com a lembrança.

Uma fortuna considerável foi feita em cima daquelas minas, e os lucros incharam os cofres dos Trevethick ao longo dos anos. Mas elas foram fechadas no final do século XIX, quando se tornaram menos lucrativas, e os trabalhadores emigraram para lugares como Austrália e África do Sul, onde a indústria de mineração ainda florescia. Pousei a mão na pedra desgastada da chaminé, fria e áspera ao toque, mas ainda de pé depois de tantos séculos.

Como os Condes de Trevethick...

Minha visita foi um sucesso. Oliver acertou ao insistir que eu visitasse as duas propriedades. E estou começando a reavaliar minhas dúvidas em relação a ele, que não fez nada além de me orientar na direção certa. Talvez realmente preze pela manutenção da prosperidade da linhagem Trevethick. Agora os funcionários sabem que podem contar comigo e que não quero fazer mudanças radicais. Descobri que sou um defensor da teoria de que “em time que está ganhando, não se mexe”. Dou um sorriso triste. Também sou preguiçoso demais para ser qualquer outra coisa, por ora. Mas a verdade é que, sob a autoridade e a gestão hábil de Kit, as propriedades Trevethick estavam prosperando. Espero conseguir mantê-las assim.

Mas me deixou cansado ser líder e otimista nos últimos dias e de ouvir todo mundo. Não estou acostumado a despender tanta energia positiva. Conheci muita gente ali e em Angwin, Oxfordshire. Pessoas que eu nunca tinha visto e que agora trabalham para mim. Frequento os dois locais desde criança e nunca tive a menor ideia de quanta gente havia nos bastidores. Foi exaustivo conhecer todo mundo. Muita conversa, muita atenção, muito

incentivo, muitos sorrisos, sobretudo quando não estava com vontade de sorrir.

Olho para a trilha que leva até o mar e penso em Kit e eu quando crianças, correndo até a praia lá embaixo. Kit sempre ganhava. Sempre. Mas, também, ele era quatro anos mais velho do que eu. E então, no final de agosto, armados com potes, baldes e qualquer outra coisa que servisse, éramos três crianças colhendo amoras das amoreiras que cercavam o caminho, com as quais nossa cozinheira, Jessie, preparava crumble para a sobremesa do jantar. Também levava maçã, e era a favorita de Kit.

Kit. Kit. Kit.

Era sempre ele.

O herdeiro. Não o reserva.

Porra.

Por que correr nas pistas escorregadias em uma noite gelada?

Por quê? Por quê? Por quê?

E agora ele está sob a ardósia fria e dura da cripta dos Trevelyan.

A dor fecha minha garganta.

Kit.

Chega.

Assovio chamando os cães de caça de Kit. Com o comando, Jensen e Healey, dois setters irlandeses, retornam de suas brincadeiras e vêm correndo em minha direção. Eles têm nomes de carros. Kit era obcecado por todo tipo de veículo com quatro rodas, especialmente os mais rápidos. Desde muito pequeno, desmontava um motor e o remontava em um piscar de olhos.

Era um cara realmente versátil.

Os cachorros pulam em mim e faço carinho em suas orelhas. Eles moram na Mansão Tresyllian, na propriedade Trevethick, e quem cuida deles é Danny, a caseira de Kit. Não. A *minha* caseira, cacete. Pensei em levá-los para Londres, mas meu apartamento não é lugar para dois cachorros acostumados a percorrer o interior da Cornualha e a caçadas emocionantes. Kit adorava esses bichos, mesmo eles sendo cães de caça inúteis. E Kit adorava caçar.

Torço o nariz de desgosto. O mercado de caça esportiva é bastante lucrativo, o que significa que as casas de férias passam o ano todo reservadas.

Banqueiros e gestores de investimentos buscam emoções atrás do gatilho durante as temporadas de caça. Surfistas ricos e suas famílias alugam da primavera ao outono. Surfar eu curto. Tiro ao prato eu curto. Mas não sou fã de matar aves indefesas. Meu pai, por outro lado, assim como meu irmão, adorava o esporte. Ele me ensinou a atirar, e eu entendo que a caça ajuda a manter a propriedade lucrativa.

Levanto a gola, enfio as mãos mais no fundo dos bolsos do casaco e me viro para voltar para a casa. Me sentindo triste e inquieto, ando devagar pela grama molhada, os cães logo atrás.

Quero voltar para Londres.

Quero voltar para perto *dela*.

Meus pensamentos insistem em focar na minha doce diarista, com seus olhos escuros, seu rosto lindo e um talento musical extraordinário.

Sexta-feira. Vou vê-la na sexta. Desde que não a tenha espantado.

Alessia sacode o guarda-chuva para se livrar da neve que começou a cair rapidamente e com força no caminho até o apartamento do Mister. Não espera que ele esteja em casa. Afinal, na semana anterior, deixou dinheiro inclusive para pagar o dia de hoje. Mas ela sempre tem esperança. Sente falta da presença dele. Do sorriso dele. Pensa nele constantemente.

Inspirando fundo, Alessia abre a porta. O silêncio que a recebe a faz perder a cabeça.

Nenhum barulho de alarme.

Ele está aqui.

Ele voltou.

Mais cedo.

A mochila de couro largada no corredor também confirma a presença, assim como as pegadas enlameadas no hall. O coração dela dispara. Está emocionada: vai vê-lo outra vez.

Cuidadosamente, deixa o guarda-chuva no suporte ao lado da porta, para evitar que caia e o acorde, caso esteja dormindo. Ela o pegou emprestado na segunda à noite. Não pediu, mas achou que ele não iria se importar, já que era para mantê-la a salvo da chuva gelada a caminho de casa.

Casa?

Sim... A casa de Magda é sua agora. Não Kukës. Tenta não pensar em seu antigo lar.

Tira as botas e percorre o corredor na ponta dos pés, entra na cozinha e vai até a lavanderia. Calçando os tênis e vestindo o uniforme, coloca o lenço no cabelo e decide o que limpar primeiro. Como ele esteve fora desde sexta-feira, está tudo limpo. Não há roupas para passar e lavar, e o closet dele está finalmente organizado, apesar de lotado. A cozinha ainda está limpa e impecável, do jeito que ela deixou na segunda à tarde. Está tudo intocado. Ela precisa limpar o piso do hall, mas antes vai tirar o pó das prateleiras em que ficam os discos e depois lavar as janelas da sala. A varanda tem uma parede de vidro que dá para o Tâmis e o parque Battersea, mais além. Pegando o spray limpa-vidros e um pano do armário, Alessia segue para a sala.

Para no meio do caminho.

O Mister está ali. No sofá. Com os olhos fechados, os lábios entreabertos, o cabelo desarrumado e arrepiado, ele dorme profundamente. Está vestido, ainda de sobretudo, que, no entanto, está aberto, revelando o suéter e a calça jeans. As botas imundas estão apoiadas no tapete. Sob a luz branca que entra pela parede de vidro, Alessia observa o rastro revelador de lama seca no caminho até a porta.

Olha fixamente para ele, encantada, e se aproxima, absorvendo-o por inteiro. O rosto dele está relaxado, mas um pouco pálido. O maxilar está com a barba por fazer, e os lábios carnudos estremecem a cada inspiração. Ele parece mais jovem e menos inatingível enquanto dorme. Se tivesse coragem, ela poderia estender a mão e acariciar sua barba. Será que é macia ou áspera? Ela sorri com aquela bobagem. Não é tão corajosa e, por mais tentador que seja, não quer irritá-lo, acordando-o.

O que mais a preocupa é que ele parece desconfortável. Pergunta-se rapidamente se deveria acordá-lo para que vá para a cama, mas, nesse momento, ele se vira, suas pálpebras se abrem e os olhos turvos dele encontram os dela. Alessia prende a respiração.

Seus cílios escuros se agitam sobre os olhos sonolentos, ele sorri e estende a mão.

— Aí está você — murmura ele, e seu sorriso sonolento a faz entrar em ação.

Como acha que ele quer ajuda para se levantar, ela dá um passo à frente e segura a mão dele. Em um só movimento, ele a puxa para o sofá, beijando-a rapidamente e passando o braço ao redor do corpo dela, colocando-a deitada por cima dele, com a cabeça em seu peito. Ele murmura algo incompreensível, e ela se dá conta de que ainda deve estar dormindo.

— Senti sua falta — sussurra o Mister, passando a mão de leve pela cintura dela, apoiando-a em seguida no quadril, pressionando Alessia contra ele.

Ele está dormindo?

Ela fica paralisada em cima daquele corpo, as pernas entre as dele, o coração disparado em um ritmo insano, ainda segurando o limpa-vidros e o pano com uma das mãos.

— Você tem um cheiro tão bom.

Quase não dá para ouvir o que ele diz. Ele inspira fundo, relaxando o corpo embaixo dela, e sua respiração lentamente volta ao ritmo do sono.

Ele está sonhando!

Zot! O que fazer? Alessia está deitada tensa e imóvel em cima dele, apavorada e fascinada ao mesmo tempo. Mas e se...? E se ele...? Todos os tipos de cenários terríveis lhe passam pela cabeça, e ela fecha os olhos tentando controlar a própria ansiedade. Não é isso o que ela quer? Que vem desejando em seus sonhos? Que deseja secretamente em seus momentos de privacidade? Alessia escuta a respiração dele. Inspira. Expira. Inspira. Expira. Constante. Lenta. Ele está dormindo mesmo. Ela se apoia nele, pensando, e, com o passar do tempo, relaxa um pouco. Vê alguns pelos do peito dele pela gola em V da camiseta e do suéter. Tentador. Ela encosta o rosto no peito dele, fecha os olhos e sente o perfume que já reconhece.

É tranquilizador.

Ele tem cheiro de sândalo e dos pinheiros em Kukës. De vento, chuva e exaustão.

Pobre homem.

Está cansado...

Ela junta os lábios e dá um leve beijo na pele dele.

E seu coração dispara.

Eu o beijei!

Tudo o que quer é continuar onde está, aproveitar aquela experiência nova e emocionante. Mas não pode. Sabe que é errado. Sabe que ele está dormindo.

Fechando os olhos por mais um minuto, Alessia se delicia com o peito dele subindo e descendo sob o corpo dela. Anseia por passar os braços ao redor dele e se enroscar ali. Mas não pode. Larga o limpa-vidros e o pano em cima do sofá e então sacode suavemente o ombro dele.

— Por favor, Mister — sussurra ela.

— Hummm — resmunga ele.

Ela sacode com um pouco mais de força.

— Por favor. Mister. Acorde.

Ele ergue a cabeça e abre os olhos. Sua expressão passa de confusão a horror.

— Por favor. Acorde — diz ela mais uma vez.

Ele afasta as mãos, soltando-a.

— Merda!

Ele se senta e fica olhando para ela boquiaberto, completamente arrasado enquanto ela se afasta. Mas, antes que Alessia saia correndo, ele agarra sua mão.

— Alessia!

— Não! — grita ela.

E ele a solta imediatamente.

— Desculpe — diz ele. — Eu achei... achei... eu estava... eu devia estar sonhando. — Ele se levanta devagar, o semblante cheio de remorso, as mãos para cima, em sinal de submissão. — Sinto muito. Não queria assustar você.

Ele passa as mãos pelo cabelo e esfrega o rosto, como se estivesse tentando acordar. Alessia está a uma boa distância, mas o examina e nota que ele parece muito tenso e cansado.

E balança a cabeça em busca de clareza.

— Desculpe — repete. — Passei a noite toda dirigindo. Cheguei em casa às quatro da manhã. Devo ter caído no sono quando me sentei para desamarrar os cadarços. — Os dois olham para as botas dele e para os pedaços de lama seca que ficaram pelo caminho. — Ops. Desculpe — diz,

dando de ombros envergonhado.

Do fundo do coração, ela sente florescer a compaixão por aquele homem. Ele está exausto e pedindo desculpas por bagunçar a própria casa? Isso não está certo. Até ali não demonstrou a ela nada além de bondade, emprestando o guarda-chuva, ajudando-a a vestir o casaco e, quando a flagrou no piano, fez elogios e foi generoso, dizendo que ela podia tocar.

— Sente — diz ela, estimulada pela compaixão.

— Como?

— Sente — diz com mais firmeza, e ele obedece.

Ela se ajoelha aos pés dele e começa a desamarrar os cadarços.

— Não — retruca ele. — Você não precisa fazer isso.

Alessia afasta as mãos dele, ignorando-o, e desamarra os cadarços, puxando uma bota de cada vez. Então se levanta, confiante de que é a coisa certa a fazer.

— Agora vá dormir — diz ela, e, segurando as botas com uma das mãos, estende a outra para ajudá-lo a se levantar.

Ele desvia a atenção dos olhos para os dedos dela, claramente hesitante. Depois de um instante, segura a mão dela, que o levanta do sofá. Com gentileza, ela o acompanha pelo corredor até o quarto. Lá, solta sua mão, puxa o edredom e aponta para a cama.

— Durma — diz ela, passando por ele a caminho da porta.

— Alessia — chama antes que ela saia do quarto. Parece abatido e inseguro. — Obrigado.

Ela assente e sai, ainda segurando as botas imundas. Fecha a porta e fica ali encostada, levando a mão ao pescoço em um esforço para conter as emoções. Respira fundo. Alessia havia passado de insegurança e confusão a encantamento e espanto e depois a compaixão e assertividade no intervalo de poucos minutos.

E ele a beijou.

E ela o beijou.

Leva os dedos aos lábios. Foi breve, mas não desagradável.

Nem um pouco desagradável.

Senti sua falta.

Ela respira fundo novamente para acalmar o coração disparado. Precisa voltar para a realidade. Ele estava dormindo. Sonhando. Não sabia o que estava dizendo ou fazendo. Ela poderia ser qualquer uma. Balança a cabeça para afastar a decepção. Ela não passa de uma faxineira. O que ele poderia ver nela? Um pouco desanimada, mas com o equilíbrio restaurado, ela recolhe a mochila de couro do Mister e volta para a lavanderia para limpar as botas e separar as roupas para lavar.

Olho fixo para a porta fechada do quarto, me sentindo o homem mais burro do mundo. Como pude ser tão idiota? Eu a assustei.

Merda.

Não tenho chance com ela.

Ela apareceu no meu sonho, uma visão em azul — mesmo com aquele uniforme medonho —, e eu lhe dei as boas-vindas.

Esfrego o rosto, frustrado. Saí da Cornualha às onze da noite, e o trajeto de cinco horas foi exaustivo. Foi estupidez sair de lá tão tarde. Quase caí no sono várias vezes. Tive que abrir as janelas do carro, embora estivesse congelando, e cantar com o rádio para me manter acordado. E a ironia, na verdade, é que voltei dirigindo até em casa só para vê-la. A previsão do tempo havia mencionado uma ameaça de nevasca, e eu não queria ficar preso na Cornualha por uma semana... então voltei para casa mais cedo.

Porra.

Estraguei tudo.

Mas ela se ajoelhou aos meus pés, desamarrou meus sapatos e me levou para a cama como se eu fosse uma criança. Me levou para a cama para dormir. Dou uma risada. Para dormir!

Quando foi a última vez que alguém fez isso por mim?

Não me lembro de nenhuma mulher me colocando na cama sem se deitar também...

E eu a assustei.

Sentindo nojo de mim mesmo, tiro as roupas e as jogo no chão. Estou cansado demais para fazer qualquer coisa além de me arrastar para a cama. Ao fechar os olhos, me pego desejando que ela tivesse me despido inteiro e se juntado a mim... ali. Solto um gemido ao me lembrar do perfume doce e

intenso dela, rosas e lavanda, e da maciez do seu corpo em meus braços. Me sentindo ao mesmo tempo melancólico e excitado, caio no sono e me rendo a ela em meus sonhos.

* * *

ACORDO COM UM susto e um sentimento estranho de culpa. Meu celular vibra na mesa de cabeceira. Não fui eu que coloquei ele ali. Atendo, mas é tarde demais. Uma chamada perdida de Caroline. Coloco o aparelho de volta na mesinha, notando que minha carteira, meu dinheiro trocado e uma camisinha também estão ali. Levo alguns segundos, e então me lembro.

Ai, meu Deus. Alessia.

Eu a agarrei.

Idiota.

Fecho os olhos com força para fugir da vergonha que toma conta de mim.

Porra. Que. Merda.

Eu me sento na cama, e, claro, minhas roupas sumiram. Ela deve ter esvaziado os bolsos do jeans. Parece algo tão íntimo, vasculhar meus pertences, os dedos dela passando pelas minhas roupas, pelas minhas coisas.

Queria os dedos dela em mim.

Isso não vai acontecer, seu idiota. Você assustou a coitada.

Quantas casas ela limpa, aliás? Quantos bolsos vasculha? A ideia não me agrada. Talvez eu devesse contratá-la em tempo integral. Mas aí a dor chata no meu estômago nunca iria passar... a menos que... a menos que... Só há uma maneira de me livrar dessa dor.

Merda. Isso não vai acontecer.

Que horas são? Não há nenhum brilho no teto. Olhando pela janela, encontro apenas uma parede branca.

Neve.

A nevasca prevista chegou. Olho para o despertador e confirmo que são quinze para as duas da tarde. Ela ainda deve estar aqui. Pulo da cama e visto uma calça jeans e uma camiseta de manga comprida que pego no closet.

Alessia está na sala, limpando as janelas. Todos os sinais do meu passeio enlameado pelo apartamento desapareceram.

— Oi — digo, e espero para ver como ela reage.

Meu coração está saltando pela boca. Parece que tenho quinze anos de novo.

— Oi. Dormiu bem?

Ela me lança um olhar breve, mas indecifrável, então foca no pano que está segurando.

— Sim, obrigado. E me desculpe pelo que aconteceu mais cedo.

Sentindo-me ridículo e constrangido, aceno na direção do sofá onde ocorreu meu delito. Ela assente e me recompensa com um sorrisinho tímido, e seu rosto ganha um tom rosado encantador.

Olho pelas janelas atrás dela, onde a vista está encoberta por flocos de neve rodopiantes. A nevasca está forte e lá fora há uma torrente turbulenta de branco.

— Não costuma nevar assim em Londres — digo, indo para o lado dela, perto da janela.

Estamos falando do tempo?

Ela se afasta de mim, mas olha fixamente pelas janelas. A neve está tão densa que mal dá para ver o rio lá embaixo.

Ela estremece e passa os braços ao redor do corpo.

— Você mora muito longe? — pergunto, preocupado em como ela vai voltar para casa com aquela tempestade.

— No oeste de Londres.

— Como costuma ir para casa?

Ela pisca algumas vezes enquanto processa o que eu disse.

— Trem — responde.

— Trem? De onde?

— Hum... Queenstown Road.

— Vou ficar surpreso se os trens ainda estiverem saindo.

Vou até minha mesa no canto da sala, mexo no mouse, e meu iMac ganha vida. Uma foto de Kit, Caroline, Maryanne e eu com os dois setters irlandeses de Kit aparece na tela, e imediatamente sinto uma onda de nostalgia e tristeza. Balançando a cabeça, pesquiso as últimas notícias sobre o transporte local.

— Hum... South Western Trains?

Ela faz que sim com a cabeça.

— Todos os serviços foram suspensos.

— Sus-pen-sos?

Ela franze a testa.

Ah, não entendeu.

— Os trens não estão funcionando.

— Ah.

Alessia permanece com uma expressão confusa, e acho que a escuto repetir “suspensos” várias vezes baixinho, formando a palavra com os lábios.

— Você pode ficar aqui — ofereço, tentando não focar em sua boca e sabendo perfeitamente que ela não vai aceitar, ainda mais depois do modo como me comportei mais cedo. Recuo e acrescento: — Prometo manter as mãos longe de você.

Ela balança a cabeça um pouco rápido demais para o meu gosto.

— Não. Preciso ir.

Ela torce o pano nas mãos.

— Como?

Ela dá de ombros.

— Posso ir andando.

— Não seja ridícula. Vai ter hipotermia.

Ainda mais usando aquelas botas e aquele casaco deprimente.

— Preciso voltar para casa.

Ela é durona.

— Eu levo você.

Como assim? Aquilo simplesmente saiu da minha boca?

— Não — diz ela com outro aceno enfático da cabeça, arregalando os olhos.

— Não vou aceitar não como resposta. Como seu... hum, patrão, eu insisto.

Ela fica pálida.

— Isso. Vou só acabar de me arrumar — olho meus pés — e saímos. Por favor. — Faço um gesto na direção do piano. — Se quiser, pode tocar.

Então me viro e volto para o quarto, me perguntando por que me ofereci para levá-la até em casa.

Porque é a coisa certa a fazer?

Porque quero passar mais tempo com ela.

Alessia o vê sair descalço da sala. Está atordoada. Ele vai levá-la em casa? Ela vai ficar sozinha no carro com ele?

Isso está certo?

O que a mãe dela diria?

Imagina a mãe de braços cruzados e o rosto fechado em desaprovação silenciosa.

E o pai?

Instintivamente, ela leva as mãos ao rosto.

Não. O pai não aprovaria.

Seu pai só havia aprovado um homem.

Um homem cruel.

Não. Não pense nele.

O Mister vai levá-la em casa. Ela fica feliz por ter memorizado o endereço da casa de Magda. Ainda se lembra da caligrafia descuidada da mãe rabiscada no pedaço de papel que fora seu salva-vidas. Ela estremece e olha mais uma vez para fora. Vai estar frio, mas, se for rápida, pode sair enquanto o Mister está se arrumando e não o incomodar. Mas a ideia de caminhar toda aquela distância não é agradável. Ela já fizera percursos muito mais longos. E havia levado seis ou sete dias com um mapa roubado. Estremece de novo. Uma semana que gostaria de esquecer. Além disso, ele disse que ela podia tocar piano. Lança um olhar ardente para o Steinway, bate palmas de animação e corre para a lavanderia, onde troca de roupa em segundos. Já munida de suéter, cachecol e gorro, Alessia volta correndo para o piano.

Deixando o casaco em cima de uma cadeira, ela se senta na banquetta e

respira fundo. Coloca as mãos nas teclas, apreciando o toque frio e familiar do marfim. O piano a tranquiliza. É como sua casa. Seu porto seguro. Olhando mais uma vez pela janela, ela começa “Les jeux d’eau à la Villa d’Este”, sua peça favorita de Liszt, a música girando ao redor do piano, dançando em tons brilhantes de branco, como os flocos de neve lá fora. As lembranças do seu pai, os seis dias desabrigada e a desaprovação da mãe se perdem nas cores e nos redemoinhos da música.

Apoiado no batente da porta, eu a observo, hipnotizado. Sua performance é fenomenal, cada nota medida e tocada com precisão e emoção. A música flui sem esforço através dela... vindo dela. Toda e qualquer nuance está presente em seu rosto lindo enquanto ela sente a peça. Uma peça que eu não conheço.

Ela tirou o lenço da cabeça. Eu estava me perguntando se o usava por motivos religiosos, mas talvez seja apenas para os momentos de faxina. Tem um cabelo volumoso e escuro, quase preto. Enquanto toca, uma mecha se solta da trança e enrola perto da bochecha. Como será aquele cabelo solto e caindo sobre seus ombros nus? Fecho os olhos, imaginando-a nua, como faço nos sonhos, deixando a música tomar conta de mim.

Será que algum dia eu me cansaria disso? De ouvi-la tocar?

Abro os olhos.

De observá-la? Sua beleza. Seu talento.

Tocando uma peça tão complexa de cor. A garota é um gênio.

Enquanto estive fora, pensei que havia exagerado seu desempenho na minha imaginação. Mas, não. A técnica é impecável.

Ela é impecável.

Em todos os sentidos.

Ela termina, a cabeça baixa, os olhos fechados, e eu aplaudo.

— Isso foi de tirar o fôlego. Onde você aprendeu a tocar tão bem?

Seu rosto fica corado quando ela abre os olhos escuros, mas um sorriso tímido ilumina sua expressão, e ela dá de ombros.

— Em casa — responde.

— Você pode me contar durante o trajeto. Vamos?

Ela se levanta e é a primeira vez que a vejo sem aquele uniforme horroroso de nylon. Minha boca fica seca. Ela é mais magra do que eu pensava, mas tem curvas delicadas, totalmente femininas. Está usando um suéter verde justo com decote em V. O volume suave dos seios estica a lã e marca sua cintura estreita. A calça jeans que está vestindo mostra o movimento delicado dos quadris esguios.

Porra.

Ela é maravilhosa.

Tira rapidamente os tênis, que coloca no saco plástico, e calça as velhas botas marrons.

— Você não usa meias? — pergunto.

Ela nega com um gesto de cabeça enquanto se abaixa e amarra as botas, mas está com o rosto corado mais uma vez.

Seria um costume albanês?

Olho pela janela, satisfeito por levá-la para casa. Não só vou passar mais tempo com ela como vou descobrir onde mora e impedir que seus pés congelem.

Estendo a mão.

— Me dê seu casaco — digo, e ela dá um sorriso hesitante enquanto a ajudo a vesti-lo.

Esse trapo nunca vai mantê-la aquecida.

Quando ela se vira de frente para mim, percebo uma cruz de ouro pequena pendurada no pescoço e um brasão no suéter. De uma escola?

Merda.

— Quantos anos você tem? — pergunto, subitamente em pânico.

— Tenho vinte e três.

Idade suficiente. Ótimo.

Balanço a cabeça, aliviado.

— Vamos? — pergunto.

Ela assente e, pegando o saco plástico, me segue para fora do apartamento.

Esperamos em silêncio pelo elevador que vai nos levar até a garagem, no

porão.

No elevador, Alessia fica o mais longe possível. É nítido que ela não confia em mim.

Depois do meu comportamento da manhã, posso mesmo ficar surpreso com isso?

A ideia me deprime e tento parecer o mais calmo e descontraído possível, mas estou absoluta e completamente ciente da presença dela. De todo o seu corpo. Ali naquele espaço pequeno.

Talvez não seja só eu. Talvez ela não goste de homens. Como essa ideia me incomoda ainda mais, prefiro nem pensar nisso.

A garagem é pequena, mas, como minha família é proprietária do prédio, tenho vagas para dois carros. Não preciso de dois, mas tenho mesmo assim: um Land Rover Discovery e um Jaguar F-Type. Não sou amante de carros, como Kit. Ele era um colecionador ávido, e agora sua frota de carros antigos e raros é minha. Gosto de um motor novo e sem complicações. Só Deus sabe o que vou fazer com a coleção de Kit. Preciso perguntar a Oliver. Vendê-la, quem sabe? Doar a um museu em nome de Kit?

Perdido nesses pensamentos, aperto a chave remota do Discovery, que pisca dando boas-vindas e destrava. Com a suspensão 4x4, vai percorrer com facilidade as ruas cobertas de neve. Só agora percebo que o carro está imundo, ainda coberto de lama e fuligem da viagem, e, quando abro a porta do carona para Alessia, vejo o amontoado de lixo deprimente no chão.

— Espere um pouco — digo, juntando os copos de café vazios, os pacotes de biscoitos e as embalagens de sanduíches.

Enfio tudo em um saco plástico que encontro no assento e jogo no banco de trás.

Por que tão desleixado?

Uma vida inteira de babás, colégios internos e funcionários para limpar minha bagunça tem um preço.

Com o que espero ser um sorriso tranquilizador, faço um sinal para Alessia entrar. Não tenho certeza, mas ela parece conter um sorriso. Talvez esteja achando graça da bagunça.

Espero que sim.

Ela se aconchega no banco, os olhos arregalados para o painel.

— Qual é o endereço? — pergunto, dando a partida.

— Church Walk, número quarenta e três, Brentford.

Brentford! Meu Deus. No fim do mundo.

— Sabe o CEP?

— TW8 8BV.

Coloco o destino no GPS e saio da vaga. Apertando um botão no painel, o portão da garagem sobe lentamente, revelando o turbilhão branco do lado de fora. A neve já está com uns dez centímetros de altura e continua caindo depressa.

— Nossa — digo, quase que para mim mesmo. — Nunca vi nada parecido. — Eu me viro para Alessia. — Neva na Albânia?

— Sim. Neva muito na minha cidade.

— E qual é a sua cidade?

Saio da garagem e sigo para o final da rua.

— Kukës.

Nunca ouvi falar.

— É uma cidade pequena. Diferente de Londres — esclarece Alessia.

Soa um sinal de alerta.

— Por favor, coloque o cinto de segurança.

— Ah. — Ela está surpresa. — Lá não costumamos usar.

— Bom, aqui é lei, então aperte o cinto.

Ela puxa a faixa por cima do peito, olha para baixo, e prende a fivela.

— Pronto — diz ela, satisfeita consigo mesma, e é minha vez de conter o sorriso.

Talvez ela não ande muito de carro.

— Você aprendeu a tocar piano em casa? — pergunto.

— Minha mãe me ensinou.

— Ela toca tão bem quanto você?

Alessia nega com a cabeça e depois diz:

— Não.

Então estremece. Não sei se está com frio ou com medo de alguma coisa. Aumento a temperatura do ar e viramos no Chelsea Embankment. As luzes da Albert Bridge piscam através da neve caindo.

— É bonito — murmura Alessia enquanto passamos.

— É, sim.

Como você.

— Vou devagar, ok? — acrescento. — Não estamos acostumados com neve assim em Londres. — Pelo menos as ruas estão relativamente tranquilas quando saímos do Embankment. — E então, o que trouxe você a Londres, Alessia?

Ela me encara com os olhos arregalados, então franze a testa e baixa o olhar.

— Trabalho? — sugiro.

Ela assente, mas parece murchar como um balão, se retraindo.

Merda. Sinto um calafrio. Tem alguma coisa errada. *Muito errada.* Tento tranquilizá-la.

— Tudo bem. Não precisamos falar sobre isso. — Rapidamente, continuo: — Mas me diz, como você se lembra tão bem de cada nota das peças?

Ela levanta a cabeça e é evidente que fica mais confortável com esse assunto. Bate na própria têmpora.

— Eu vejo a música. Como uma pintura.

— Memória fotográfica?

— Memória fotográfica? Não sei. Eu vejo a música em cores. E as cores me ajudam a lembrar.

— Nossa. — Já ouvi falar disso. — Sinestesia.

— Si-nas-te... — Ela para, sem conseguir pronunciar a palavra.

— Sinestesia.

Tenta mais uma vez, agora com um pouco mais de sucesso.

— O que é isso? — pergunta.

— A pessoa vê as notas como se fossem cores.

— É. Isso mesmo.

Ela assente com entusiasmo.

— Bem, isso faz sentido. Ouvi dizer que muitos músicos bem-sucedidos são sinestésicos. Você vê mais alguma coisa em cores? — Ela parece intrigada. — Letras? Números?

— Não. Só música.

— Nossa. Incrível mesmo. — Sorrio para ela. — Eu estava falando sério naquele dia. Você pode usar o piano lá de casa sempre que quiser. Adoro ouvir você tocar.

Ela lança um sorriso tão glorioso que o sinto entre as pernas.

— Está bem — sussurra ela. — Eu gosto de tocar.

— E eu gosto de ouvir.

Retribuo o sorriso e ficamos em um silêncio tranquilo.

* * *

QUARENTA MINUTOS MAIS tarde, entro em uma rua sem saída em Brentford e chegamos na frente de uma modesta casa geminada. Já anoiteceu, mas vejo uma cortina sendo aberta na sala e o rosto de um jovem claramente visível por causa da iluminação da rua.

Namorado dela?

Porra. Preciso saber.

— Aquele é seu namorado? — pergunto, e meu coração dispara, batendo forte nos ouvidos enquanto aguardo a resposta.

Ela dá uma risada suave e musical que me faz sorrir também. É a primeira vez que a ouço rir, e quero ouvir de novo... e de novo.

— Não. É Michal, filho de Magda. Ele tem quatorze anos.

— Ah. Ele é alto!

— É, sim. — O rosto dela se ilumina, e eu sinto uma pontada momentânea de ciúme. É óbvio que ela gosta dele. — Esta é a casa de Magda.

— Entendi. Sua amiga?

— Sim. Amiga da minha mãe. Elas são... Amigas por correspondência?

— Eu não sabia que isso ainda existia. Elas se visitam?

— Não. — Ela comprime os lábios e olha para as próprias unhas. —

Obrigada por me trazer em casa — sussurra, encerrando a conversa.

— Foi um prazer, Alessia. Desculpe por hoje de manhã. Não quis saltar em cima de você.

— Saltar?

— Hum... pular. Como um gato.

Ela ri mais uma vez, o rosto iluminado e lindo.

Eu seria capaz de me acostumar com esse som.

— Você estava sonhando — diz ela.

Com você.

— Quer entrar e beber uma xícara de chá?

Agora é minha vez de rir.

— Obrigado, mas vou poupar você disso. E eu gosto mais de café.

Ela parece intrigada.

— Temos café.

— É melhor eu voltar. Vai levar um tempo, com as ruas assim.

— Obrigada de novo por me trazer aqui.

— Vejo você na sexta-feira.

— Sim. Sexta.

Ela dá um sorriso radiante. Fico embasbacado diante daquela beleza.

Ela sai do carro e segue até a entrada da casa. A porta se abre, lançando uma luz suave sobre o caminho coberto de neve, e o rapaz alto está parado na entrada. Michal. Ele faz uma cara feia para mim quando ligo o carro.

Dou risada.

Nada de namorado. Então, manobro o Discovery, aumento o volume da música e volto para casa com um sorriso ridículo no rosto.

Capítulo Oito

— Quem era aquele homem? — pergunta Michal, a voz fria e dura, olhando feio para o carro.

Ele só tem quatorze anos, mas é bem mais alto que Alessia, com o cabelo preto despenteado e braços e pernas finos e desengonçados.

— Meu patrão — responde ela, enquanto espia da entrada da casa e observa o carro se afastar.

Ela fecha a porta atrás de si e, incapaz de conter a alegria, dá um abraço rápido e espontâneo em Michal.

— Tudo bem.

Michal se desvencilha do abraço, com o rosto corado, mas os olhos castanhos brilhando com uma alegria constrangida. Alessia sorri para o rapaz, que, ao retribuir timidamente o gesto, revela sua paixão. Ela dá um passo para trás, tomando cuidado para não ser carinhosa demais com ele. Não quer magoá-lo. Afinal, ele e a mãe têm sido tão generosos com ela.

— Cadê Magda?

— Na cozinha. — A expressão de Michal muda para o desânimo. O mesmo acontece com o tom de voz. — Tem alguma coisa errada. Ela não para de fumar.

— Ah, não.

Com um pressentimento, Alessia sente o pulso acelerar. Tira o casaco, pendura-o em um dos ganchos na entrada e se dirige à cozinha. Magda está sentada junto à minúscula mesa de fórmica, segurando um cigarro. A fumaça sobe em círculos, formando uma nuvem. Apesar de pequena, a cozinha está organizada e limpa como de costume, e o rádio balbucia alguma coisa em polonês ao fundo. Magda levanta a cabeça, aliviada ao vê-la.

— Que bom que você conseguiu chegar em casa mesmo com a neve. Eu estava preocupada. Teve um bom dia? — pergunta, mas Alessia percebe o sorriso forçado e a tensão nos lábios enquanto ela dá uma longa tragada do cigarro.

— Tive. Está tudo bem? Seu noivo está bem?

Magda é poucos anos mais nova que a mãe de Alessia, embora em geral

pareça no mínimo dez anos mais jovem. Loura e curvilínea, com olhos castanhos que se iluminam com seu senso de humor travesso, ela deu um teto para Alessia. Agora, porém, está com um ar cansado, a pele pálida e os lábios crispados. A cozinha fede a cigarro, o que normalmente Magda detesta — mesmo sendo fumante.

Ela sopra a fumaça no cômodo.

— Está. Meu noivo está bem. Não tem nada a ver com ele. Feche a porta e sente aqui.

Alessia sente um tremor percorrer sua espinha. Talvez Magda peça para ela ir embora. Ela fecha a porta da cozinha, puxa a cadeira de plástico e se senta.

— Alguns homens do serviço de imigração vieram aqui hoje, procurando você.

Ah, não.

Alessia empalidece, e ouve o sangue martelar nos ouvidos.

— Foi depois que você saiu para o trabalho — acrescenta Magda.

— O q-que... você disse para eles? — balbucia Alessia ao mesmo tempo em que tenta conter o tremor das mãos.

— Não conversei com eles. Foi o vizinho, o Sr. Forrester, que falou. Bateram na porta dele porque a gente não estava aqui. Ele não gostou nada da cara dos homens e disse que nunca tinha ouvido falar de você. Contou ainda que Michal e eu estávamos viajando, na Polônia.

— Eles acreditaram?

— Acreditaram. Pelo menos o Sr. Forrester acha que sim.

— Como me descobriram?

— Não sei. — Magda faz uma careta. — Quem sabe como essas coisas funcionam? — Dá mais uma tragada no cigarro. — Tenho que escrever para a sua mãe.

— Não! — Alessia agarra a mão de Magda. — Por favor.

— Eu já escrevi e avisei que você chegou bem. O que foi uma mentira.

Alessia enrubesce. Magda não sabe toda a história de sua jornada até Brentford.

— Por favor. Não quero deixar minha mãe preocupada.

— Alessia, se pegarem você, vai acabar sendo deportada para a Albânia...
— Magda se interrompe.

— Eu sei — sussurra Alessia, e uma gota de suor escorre por suas costas enquanto o medo forma um nó na garganta. — Eu não posso voltar. — Movimentava os lábios sem emitir som algum.

— Você sabe que Michal e eu vamos embora em duas semanas. Você precisa achar um lugar para ficar.

— Eu sei. Eu sei. Vou achar.

Alessia sente o estômago revirar de ansiedade. Toda noite ela repassa suas possibilidades antes de dormir. Até o momento, economizou trezentas libras do trabalho como diarista. Vai precisar do dinheiro para o depósito quando for alugar um quarto. Com a ajuda de Michal e do laptop dele, vai tentar encontrar um lugar para morar.

— Vou começar a preparar o jantar — diz Magda, com um suspiro, apagando o cigarro.

A fumaça sai do cinzeiro em um redemoinho, misturando-se à tensão que paira sobre o cômodo.

— Eu ajudo — acrescenta Alessia.

* * *

ALGUM TEMPO DEPOIS, Alessia está encolhida em sua cama dobrável, olhos fixos no teto. Remexe no crucifixo de ouro do cordão. A luz do poste lá fora atravessa as cortinas finas e se projeta sobre o papel de parede velho e descascado. Sua cabeça está a mil e ela tenta não entrar em pânico. Mais cedo, após pesquisar na internet durante uma hora, ela havia encontrado um quarto em uma casa perto da estação de Kew Bridge. Magda comentou que não ficava muito longe dali. Alessia marcou para conhecer o lugar na sexta-feira depois do expediente no apartamento do Mister. Ela mal pode pagar o valor do aluguel, mas precisa se mudar, ainda mais agora que o serviço de imigração está em seu encalço. Ela não pode ser deportada. Não pode voltar para a Albânia.

Simplesmente não pode.

Alessia se vira para evitar o fecho de luz e se aconchega no edredom fino. Um turbilhão de pensamentos passa por sua cabeça. É avassalador. Ela quer afastá-los.

Não pense na Albânia.

Não pense na viagem.

Não pense nas outras moças... em Bleriana.

Ela fecha os olhos, e na mesma hora visualiza o Mister adormecido no sofá, o cabelo bagunçado, os lábios entreabertos. Lembra-se de como foi estar deitada sobre ele. Lembra-se do beijo rápido. Imagina-se deitada em cima dele de novo, sentindo seu cheiro e beijando sua pele e sentindo as batidas constantes de seu coração contra o seio.

Senti sua falta.

Ela geme.

Noite após noite ele habita seus pensamentos. É um homem atraente. Mais do que atraente — é lindo e gentil.

Adoro ouvir você tocar.

Ele a levou para casa de carro. Não precisava.

Você pode ficar aqui.

Ficar com ele?

Talvez ela pudesse pedir ajuda ao Mister.

Não. Aquela situação era problema dela. Alessia não tem culpa, mas a responsabilidade de resolver aquilo é unicamente sua. Chegou até ali por esforço próprio. E voltar para Kukës não era uma opção, de jeito nenhum. Não voltaria para *ele*.

Ele está me sacudindo com força. Pare com isso. Pare com isso agora.

Não. Não pense nele!

Ele é o motivo de ela ter vindo para a Inglaterra. Ela se afastou milhares de quilômetros dele, o máximo que conseguiu.

Pense no Mister. Apenas no Mister.

Suas mãos descem por seu corpo.

Pense apenas nele...

Como ele a tinha chamado? Qual é o nome?

Sinestesia... Ela repete e repete a palavra sem parar enquanto mexe a mão e voa, cada vez mais alto.

* * *

NA MANHÃ SEGUINTE, ela acorda e se depara com um maravilhoso mundo todo branco. O silêncio é quase total. Até o ruído distante do trânsito é abafado pelo manto de neve cintilante. Alessia fica olhando para fora da janela do quarto, ainda encolhida sob as cobertas, e sente o mesmo prazer da infância, quando nevava em Kukës. Depois, lembra-se que naquele dia vai limpar a casa da Sra. Kingsbury. Olhando pelo lado bom, fica em Brentford, a apenas uma curta caminhada de distância. Pelo lado ruim, trata-se da Sra. Kingsbury, que anda atrás dela pela casa toda, criticando a maneira como faz a limpeza. Alessia desconfia, porém, que a Sra. Kingsbury só reclama por ser uma senhora idosa e solitária. Apesar das queixas, ela sempre oferece chá e biscoitos quando Alessia termina o trabalho. As duas sentam-se juntas e conversam, e a Sra. Kingsbury tenta fazê-la ficar o maior tempo possível. Alessia não entende por que ela mora sozinha. Já viu fotos de família em cima da lareira. Por que não há ninguém cuidando dela? Nana, por exemplo, morou na casa deles, com seus pais, depois que o avô morreu... Quem sabe a Sra. Kingsbury não precisa de um inquilino? Alguém que possa cuidar dela? Ela tem espaço, sem dúvida, e, além do mais, Alessia também está sozinha.

Vestindo apenas uma calça de pijama surrada com estampa do Bob Esponja e uma camisa velha do Arsenal, peças antigas de Michal, Alessia pega as roupas que vai usar naquele dia e dispara escada abaixo, atravessando a cozinha para chegar ao banheiro.

Magda tem sido generosa, oferecendo as roupas velhas de Michal. Ela vive reclamando que ele cresce rápido demais, mas isso tem sido bom para Alessia. A maioria das roupas que tem eram dele. Com exceção das meias. As de Michal ficam com buracos enormes, então não dá para passá-las adiante. Ela tem dois pares de meias, e só.

Você não usa meias?

Alessia fica ruborizada, lembrando-se do comentário do Mister no dia anterior. Ela não teve coragem de contar que não tem dinheiro para comprar meias novas, porque está poupando para o depósito do aluguel de um quarto.

Ela liga o chuveiro elétrico acima da banheira e espera um pouco até a água aquecer. Tira a roupa, entra na banheira e se lava o mais rápido possível com o fiozinho de água que cai.

Minhas mãos estão apoiadas na parede do box do banheiro. Estou ofegante, e a água escaldante cai como cascata sobre mim. Eu me rebaixei a me

masturbar no chuveiro... de novo.

Porra. No que minha vida se transformou?

Por que você simplesmente não sai e transa com alguém?

Os olhos dela, da cor de um espresso delicioso, me espiam entre cílios longos.

Dou um gemido.

Isso tem que parar.

Ela é minha diarista, porra. Noite passada, mais uma vez, eu me revirei de um lado para outro, sozinho na cama. A risada dela ecoava sem parar nos meus sonhos. Ela parecia despreocupada e feliz, tocava piano para mim vestindo nada além daquela calcinha rosa, o cabelo caindo longo e cheio por sobre os seios.

Ah...

Nem mesmo malhar até a exaustão essa manhã serviu para tirá-la da cabeça.

Só há uma maneira.

Isso não vai rolar.

Mas o sorriso que ela me lançou quando saiu do carro me dá alguma esperança, e vou vê-la amanhã. Com esse pensamento positivo, fecho a torneira e pego uma toalha. Enquanto faço a barba, verifico o celular. Oliver me mandou uma mensagem. Ele está preso na Cornualha por causa do tempo, o que significa que posso passar a manhã respondendo a e-mails de condolências e depois almoçar com Caroline e Maryanne. E hoje à noite vou sair com meus amigos.

* * *

— FINALMENTE CONSEGUI TIRAR você da toca. E aí? Agora devo chamar você de “Lorde Trevethick” ou de “milorde”? — pergunta Joe enquanto ergue o copo de cerveja em um brinde.

— Verdade. Não sei se agora chamo você de Trevethick ou Trevelyan — resmunga Tom.

— Vou atender a qualquer um dos dois — respondo dando de ombros. — Ou ao meu nome... vocês sabem, Maxim.

— Vou chamar você de Trevethick de agora em diante... Apesar de ser

difícil de acostumar. Mas é seu título, e eu bem sei que meu pai é todo sensível com o dele!

— Ainda bem que eu não sou seu pai, né, porra. — Levanto uma sobrancelha.

Tom revira os olhos.

— Não vai ser a mesma coisa sem o Kit — balbucia Joe, seus olhos escuros, dessa vez sérios, reluzindo com a luz da lareira.

— Verdade. Que ele descanse em paz — acrescenta Tom.

Joseph Diallo e Thomas Alexander são meus amigos mais antigos e próximos. Quando fui expulso de Eton, meu pai me mandou para Bedales. Lá conheci Joe, Tom e Caroline. Nós, garotos, nos unimos por nossa paixão em comum por música e, na época, pelo nosso desejo por Caroline. Formamos uma banda, e Caroline... bem, ela acabou escolhendo meu irmão.

— Descanse em paz, Kit — murmuro, e acrescento baixo: — Saudades de você, seu merda.

Nós três estamos acomodados no espaço reservado do Coopers Arms, um pub agradável e aconchegante não muito longe do meu apartamento. Conversando diante da lareira, já estamos na segunda rodada de cerveja, e começo a sentir o efeito do álcool.

— Como está sendo para você, cara? — pergunta Joe, jogando para o lado os dreads na altura do ombro.

Além de exímio esgrimista, Joe tem uma carreira promissora como estilista de moda masculina. Seu pai, imigrante do Senegal, é um dos mais bem-sucedidos gerentes de fundos de investimentos do Reino Unido.

— Bem, eu acho. Mas não tenho certeza se estou pronto para a responsabilidade.

— Entendo — diz Tom.

Com os cabelos ruivos e olhos cor de âmbar, Tom é o terceiro filho de um baronete, que seguiu a tradição da família e se alistou no Exército. Como tenente na tropa de elite Coldstream Guards, participou de algumas missões no Afeganistão e viu muitos dos companheiros morrerem. Dois anos antes, foi afastado por conta dos ferimentos causados por um IED, um artefato explosivo improvisado, em Cabul. Sua perna esquerda está inteira graças a uma peça de titânio, já o humor é mais instável. Tanto Joe quanto eu

aprendemos a reconhecer a vontade de arrumar confusão no olhar de Tom, e sabemos quando é prudente mudar de assunto ou tirá-lo do recinto. A pedido dele, nunca mencionamos O Incidente.

— Quando é o memorial? — pergunta Tom.

— Eu estava conversando sobre isso com Caroline e Maryanne no almoço. Pensamos em fazer depois da Páscoa.

— Como está Caroline?

Eu me remexo na cadeira.

— De luto. — Dou de ombros, lançando um olhar neutro a Tom.

Ele me observa, estreitando os olhos, o interesse desperto.

— Tem alguma coisa que você não está contando para a gente...

Merda.

Após O Incidente, Tom não ficou apenas agressivo, mas também irritantemente perspicaz.

— Vamos lá, Trevelyan, desembucha. O que é?

— Não. Não é da conta de vocês. Como está Henrietta?

— Henry? Está ótima, obrigado, mas ela continua lançando umas indiretinhas, dando a entender que preciso tomar vergonha na cara e fazer a porra do pedido — responde Tom com um olhar aflito.

Joe e eu damos uma risada.

— Você está condenado, cara — diz Joe, e dá um tapinha nas costas dele.

De nós três, Tom é o único em um relacionamento sério. Henrietta é uma santa. Ela cuidou dele enquanto se recuperava das sequelas dos ferimentos, e lida com toda a merda que se seguiu, o transtorno de estresse pós-traumático, o mau humor... Ela é um partidão.

Já Joe e eu gostamos de curtir a vida sem compromissos. Bem, eu gostava. Uma visão de Alessia Demachi e seus cabelos negros invade a minha mente sem ser convidada.

Quando foi a última vez que eu fiz sexo?

Simplesmente não consigo me lembrar. *Merda.*

— E Maryanne? — pergunta Joe, me tirando do meu devaneio.

— Ela está bem. De luto também.

— Será que ela precisa de alguém para consolá-la?

Alguém para consolá-la como eu consolei Caroline?

— Cara! — repreendo, zombando.

Regras da casa. Irmãs são proibidas. Balanço a cabeça. Joseph ainda tem uma quedinha pela minha irmã. Maryanne poderia arrumar alguém bem pior. Joe é um cara legal, mas decido cortar a onda dele.

— Ela conheceu um cara quando estava esquiando em Whistler. Ele mora em Seattle e é psicólogo ou algo do tipo. Ela está planejando se encontrar com ele em breve, eu acho.

Joe me lança um olhar.

— Sério? — Esfrega o cavanhaque estiloso, os olhos questionadores. — Bem, se ele vier para cá, vamos checar se está à altura dela.

— Ele deve vir no mês que vem. Ela está bem animada.

— Sabe, agora que você é o conde, vai ter que providenciar um herdeiro e um reserva — diz Tom.

— Sei, sei. Ainda tenho tempo de sobra para isso.

Foi isso que sempre fui. O Reserva... O apelido que Kit me deu.

No fim das contas, o título e as propriedades precisaram mesmo de um reserva.

— É. De jeito nenhum você está pronto para sossegar, cara. Você é tão galinha quanto eu. E eu preciso de um parceiro para sair comigo — diz Joe com um sorriso largo.

— Vamos lá, Trevelyan, você já trepou com Londres inteira — provoca Tom, e não sei se ele está indignado ou impressionado.

— Vai se foder, Tom — digo, e todos nós caímos na gargalhada.

A proprietária do pub soa o sino do bar, anunciando que estão prestes a fechar.

— Está na hora, cavalheiros, por favor! — grita ela.

— Vamos lá para casa? — convido.

Tanto Tom quanto Joe aceitam, e nós três terminamos nossas bebidas.

— Consegue ir andando até lá? — pergunto ao Tom.

— Vai se foder. Eu vim até aqui, não vim?

— Vou interpretar isso como um sim.

— Eu vou participar de uma corrida de cinco quilômetros em abril, seu babaca.

Levanto as mãos, desistindo do assunto. Sempre esqueço que fisicamente ele está recuperado...

O dia está claro e ensolarado, mas incrivelmente frio, um daqueles em que a respiração de Alessia a precede, formando uma nuvem de vapor enquanto ela caminha apressada pelo Chelsea Embankment. Ainda existem grandes porções de neve nas calçadas, mas as ruas foram desobstruídas. O tráfego voltou ao normal, e Londres, à ativa. O trem de Alessia demorou naquela manhã, por isso ela está um pouco atrasada. No entanto, teria caminhado de Brentford até lá feliz da vida só para vê-lo.

Alessia abre um sorriso. Encontra-se, enfim, na porta do apartamento do Mister, seu lugar preferido no mundo todo. Encaixa a chave na fechadura e se prepara psicologicamente para ouvir o som do alarme, mas fica aliviada diante do silêncio. Ao fechar a porta, surpreende-se com o odor. O apartamento está impregnado com um cheiro enjoativo de álcool.

Fazendo uma careta por causa do fedor inesperado, Alessia tira as botas e, descalça, vai até a cozinha sem fazer barulho. As bancadas estão repletas de garrafas de cerveja vazias e caixas de pizza engorduradas.

Ela dá um salto ao ver um jovem atraente e em forma parado em frente à porta aberta da geladeira, tomando suco de laranja direto da embalagem. A pele do rapaz é escura, ele tem cabelo longo e embaraçado e veste apenas uma cueca *boxer*. Alessia o fita, boquiaberta. Ele se vira em sua direção, e o rosto dele se abre em um largo sorriso de dentes brancos e perfeitos.

— Ora, ora, como vai? — cumprimenta ele, os olhos escuros arregalados em admiração.

Alessia enrubesce e balbucia:

— Olá. — Depois sai apressada para a lavanderia.

Quem é esse homem?

Sem jeito, ela tira o casaco e pega na sacola de plástico o uniforme e o lenço de cabeça. Por fim, enfia os pés nos tênis.

Alessia dá uma espiada na cozinha pela porta da lavanderia. O Mister,

vestindo uma camiseta preta e a calça jeans rasgada, está próximo à geladeira tomando suco de laranja com o estranho.

— Acabei de assustar sua diarista descalça. Já comeu? Ela é bem gostosa.

— Vai se foder, Joe. E não me surpreende nada que você tenha assustado a garota. Vista alguma coisa, seu exibicionista.

— Desculpe, Vossa Senhoria. — O estranho toca no cabelo e abaixa a cabeça em uma reverência.

— Vai se foder de novo — diz o Mister sem muita convicção e toma outro grande gole do suco de laranja. — Pode usar meu banheiro.

O homem de cabelo escuro ri e, virando-se para sair, nota Alessia assistindo à conversa. Ele abre um sorriso largo e acena para ela, atraindo a atenção do Mister. Os olhos dele se iluminam e um sorriso lento se forma em seu rosto. Alessia não tem outra opção senão sair do esconderijo.

— Joe, esta é Alessia. Alessia, Joe. — Há um tom de advertência na voz dele, mas Alessia não sabe se o aviso é para ela ou para Joe.

— Bom dia, Alessia. Por favor, desculpe meus trajes, ou a falta deles.

Joe faz uma reverência, desta vez teatral, e, quando se apruma de novo, seus olhos escuros revelam um brilho de quem está se divertindo. Seu corpo é esguio e torneado. Como o do Mister. Cada músculo de seu abdômen é muito bem-definido.

— Bom dia — murmura ela.

O Mister dirige um olhar carrancudo a Joe, que ignora e pisca para Alessia antes de sair da cozinha devagar, assobiando.

— Desculpe por isso — diz o Mister enquanto volta seus olhos cor de esmeralda na direção dela. — Como você está hoje? — Lentamente, ele volta a abrir um sorriso.

O rubor de Alessia se acentua enquanto seu coração dá cambalhotas. Por mais banal que seja, qualquer pergunta que ele faça sobre o bem-estar dela a anima.

— Estou bem. Obrigada.

— Fico contente que você tenha conseguido vir. Os trens estão funcionando normalmente?

— Só um pouco atrasados.

— Bom dia. — Um homem com o cabelo de um ruivo cor de fogo entra mancando na cozinha, de cueca *boxer* e com um ar carrancudo.

— Pelo amor de Deus — resmunga o Mister entre dentes, e passa a mão pelo cabelo desgrenhado.

Alessia observa aquele novo amigo. Alto e bonito, seus membros são bem proporcionados, com cicatrizes de um tom arroxado horrível que se entrecruzam pela perna esquerda e pela lateral esquerda do corpo, como os trilhos de um entroncamento ferroviário.

O estranho flagra Alessia observando suas cicatrizes.

— Ferimentos de guerra — resmunga.

— Sinto muito — murmura ela, e olha para o chão, desejando que ele se abra e a engula por completo.

— Tom, quer café? — oferece o Mister, e Alessia tem a impressão de que ele está tentando acabar com a súbita tensão no ambiente.

— Com certeza. Preciso de alguma coisa para essa ressaca horrorosa.

Alessia volta a passos rápidos à lavanderia para começar a passar as roupas. Pelo menos ali ela não está à vista e não vai ofender nenhum amigo do Mister.

Observo Alessia recuar apressada para a área de serviço, sua trança balançando de um lado para outro, batendo na cintura.

— Quem é a moça bonita?

— Minha diarista.

Tom balança a cabeça, um sinal lascivo de aprovação. Fico feliz ao vê-la voltar para a toca, longe dos olhares intrometidos dos dois. A reação deles me deixa desconfortável. De repente, e para minha surpresa, tenho um sentimento de posse. Essa é uma emoção desconhecida. Não quero que meus amigos a comam com os olhos. Ela é minha. Bem, ela é minha funcionária.

Você é o Conde de Trevethick agora. Ela vai ter que entrar para a folha de pagamento.

Merda.

Ela é *quase* minha funcionária. Preciso regularizar a situação dela o

quanto antes. Não quero Oliver nem a Receita Federal em cima de mim.

— O que aconteceu com a Krystyna? Eu gostava da velhota — diz Tom enquanto coça o rosto.

— Voltou para a Polônia. Agora, será que você pode se vestir, porra? Tem uma dama presente! — resmungo.

— Dama?

Tom empalidece diante do olhar que lanço, e para variar ele não reage à provocação.

— Desculpe, amigão. Vou lá me vestir. Para mim, só com leite, sem açúcar. — Ele sai da cozinha arrastando os pés e volta ao quarto de hóspedes.

Eu me repreendo por ter convidado meus amigos para ficarem aqui no dia que Alessia está trabalhando. Não vou cometer esse erro de novo.

Alessia conseguiu evitar os homens a maior parte da manhã, e fica feliz quando eles finalmente vão embora.

Ela considerou até se esconder no quarto proibido, mas Krystyna tinha sido inflexível. Ela não pode entrar ali.

Tirou os cobertores do sofá na sala e desfez e refez a cama do quarto de hóspedes. O quarto *dele* agora está arrumado, e ela ficou surpresa e muito contente ao perceber que a lixeira continuava sem nenhum sinal de camisinhas usadas. Talvez ele as esteja descartando em outro lugar. Ela não insiste nessa linha de raciocínio, porque a deprime. Entra no closet para guardar a roupa passada e recolher a suja. Só se passaram poucos dias, mas o lugar está uma bagunça de novo.

O Mister está sentado no computador, trabalhando, fazendo o que quer que ele faça. Alessia ainda não tem ideia de como ele se sustenta. Ela se recorda do sorriso que iluminou o rosto dele logo que ele a viu naquela manhã. Aquele sorriso brilhante, contagioso. Rindo como uma idiota, ela examina a pilha de roupas no chão do closet. Ajoelhando-se, pega uma camisa, depois dá uma olhada rápida para a porta entreaberta. Satisfeita por estar sozinha, leva a camisa ao rosto, fecha os olhos e sente o cheiro.

Tão bom...

— Aí está você — diz ele.

Alessia dá um pulo e ajeita a postura na mesma hora, tão rápido que

tropeça para trás. Duas mãos fortes agarram seus braços e a impedem de cair.

— Calma — diz ele, e delicadamente a segura até que se equilibre. Assim que isso acontece, ele a solta, para a infelicidade dela, mas o toque ainda ecoa pelo seu corpo. — Eu estava procurando um suéter. O dia está claro, mas frio. Você está bem agasalhada?

Ela assente de forma bem enérgica, tentando recuperar o fôlego. Nesse exato momento, compartilhando aquele pequeno espaço com ele, ela está aquecida até demais.

Maxim procura em uma pilha de roupas no chão e franze a testa.

— Está uma bagunça, eu sei — murmura, com uma expressão encabulada no rosto. — Sou um bagunceiro patológico.

— Pa-to-lo-gi...

— Patológico.

— Não conheço essa palavra.

— Ah... hum... Ela se refere a um comportamento extremo.

— Entendi — responde Alessia, e torna a baixar os olhos para as roupas, concordando com um aceno da cabeça. — Sim. Patológico. — Ela faz uma expressão irônica, e ele ri.

— Vou organizar isso — diz ele.

— Não. Não. Deixe que eu arrumo. — Alessia o dispensa com um gesto.

— Não precisa.

— É o meu trabalho.

Ele abre um sorriso largo e pega um suéter creme volumoso em uma das prateleiras. Seu braço esbarra no ombro de Alessia, que fica paralisada enquanto seu coração bate em ritmo mais que acelerado.

— Desculpe — diz ele, parecendo meio desapontado ao deixar o closet.

Depois que ele sai, Alessia recobra o controle.

Será que ele não percebe o efeito que provoca em mim?

E ele a flagrou cheirando sua camisa. Ela tapa o rosto. Ele deve achar que ela é uma idiota. Morrendo de vergonha e brava consigo mesma, Alessia fica de joelhos e começa a organizar a pilha de roupas, dobrando o que não precisa ser lavado e colocando no cesto tudo o que está sujo.

Não consigo manter minhas mãos longe dela. Arrumo qualquer pretexto.

Deixe a garota em paz, cara.

E se eu a toco, ela trava. Volto à sala devagar, sentindo-me abatido. Ela simplesmente não gosta de mim.

Essa é a primeira vez que isso acontece?

Acho que sim. Nunca tive dificuldades com mulheres antes. Elas sempre foram um passatempo fácil para mim. Com uma conta bancária gorda, um apartamento em Chelsea, um rosto bonito e uma família aristocrática, nunca tive esse tipo de problema.

Nunca.

A não ser agora.

Eu devia convidá-la para sair para comer alguma coisa.

Ela parece precisar de uma refeição decente.

E se ela disser não?

Então pelo menos eu vou saber.

Caminho junto à parede de vidro da sala, parando para olhar o Peace Pagoda por alguns minutos e tentando criar coragem.

Por que é tão difícil? Por que ela?

Ela é linda. É talentosa.

Ela não está interessada.

Talvez seja simples assim.

A primeira mulher que me disse um não.

Ela não disse não. E talvez me dê uma chance.

Chame. Alessia. Para. Sair.

Respiro fundo e volto para o corredor. Ela está parada do lado de fora do meu quarto escuro, olhando para a porta e segurando um cesto de roupa suja.

— É um quarto para revelar fotos — explico enquanto avanço na direção dela.

Seus belos olhos castanhos encontram os meus. Ela está curiosa. E eu me lembro de em algum momento ter pedido a Krystyna para não limpar o

cômodo. Já faz um tempo que eu mesmo não entro.

— Posso mostrar para você. — Fico satisfeito quando ela não recua como de costume. — Quer ver?

Ela confirma com um gesto de cabeça, e, quando eu pego o cesto de roupa suja, meus dedos roçam nos dela. Meu coração bate com força contra minhas costelas.

— Deixe que eu pego isso. — Minha voz está rouca, e tento acalmar a palpitação no meu peito. Apoiando o cesto no chão, atrás de mim, abro a porta, acendo a luz e dou um passo para o lado para deixá-la entrar.

Alessia entra no pequeno cômodo. Está iluminado por uma luz vermelha e cheira a substâncias químicas misteriosas e ar abafado e parado. Ao longo de uma das paredes, há armários sob uma bancada escura, com grandes bandejas plásticas em cima. Bem acima dos armários estão prateleiras abarrotadas de frascos e pilhas de papel e fotografias. Embaixo das prateleiras, há um varal vazio com alguns pregadores.

— É só uma câmara escura — diz ele, e acende a luzinha do alto, de forma que a luz vermelha desaparece.

— Fotografia? — pergunta Alessia.

— É um hobby. Em certo momento da vida, pensei que pudesse fazer isso profissionalmente.

— As fotografias do apartamento... Foi o senhor que tirou?

— É, fui eu. Todas elas. Algumas foram encomendas, mas... — A voz dele falha.

As paisagens e os nus.

— Meu pai era fotógrafo. — Ele se vira para um armário de vidro atrás dele repleto de câmeras. Abre uma das portas e apanha uma delas.

Alessia vê o nome “Leica” inscrito na frente.

Segurando a câmera na altura dos olhos, observo Alessia através das lentes. Tudo o que vejo são seus olhos escuros, cílios longos, maçãs do rosto salientes e lábios cheios e entreabertos. Sinto um aperto entre as pernas.

— Você é linda — sussurro, e pressiono o obturador.

Alessia balança a cabeça e cobre o rosto com as mãos, embora elas mal escondam seu sorriso. Tiro outra foto.

— É, sim. Olhe.

Viro a tela da câmera para que ela possa ver a imagem. Alessia encara o próprio rosto, capturado ali nos mínimos detalhes, depois olha para mim. E me sinto perdido na magia daquele olhar tão escuro.

— Viu? — murmuro. — Você é deslumbrante.

Estico a mão e levanto o seu queixo e, me inclinando, chego mais perto pouco a pouco, de forma que ela tenha uma chance de se afastar. E então roço meus lábios nos dela.

Ela fica ofegante, e, quando me distancio dela, leva os dedos à boca, seus olhos se arregalando.

— É assim que eu me sinto — sussurro, meu coração batendo violentamente.

Será que ela vai me dar um tapa? Será que vai fugir?

Ela me encara. Uma visão etérea na luz esmaecida, ela ergue a mão, hesitante, e passa as pontas dos dedos pelos meus lábios. Fico sem reação, e fecho os olhos à medida que seu toque delicado reverbera por todo o meu corpo.

Nem ousar respirar.

Não quero afugentá-la.

Sinto seu toque leve como pluma em todos os lugares.

Em todos os lugares.

Merda.

Antes que seja capaz de me controlar, eu a puxo para mim e a abraço. Ela se derrete contra o meu corpo, seu calor se infiltrando em mim.

Ah, nossa, só de sentir essa mulher...

Deslizo os dedos por baixo do lenço que cobre sua cabeça e o removo delicadamente. Agarrando sua trança pela nuca, eu a puxo de leve, com gentileza, levando sua boca à minha.

— Alessia — sussurro, e a beijo de novo, devagar, delicadamente,

tentando não assustá-la.

Ela fica imóvel em meus braços, e depois agarra meus bíceps, fechando os olhos, me aceitando.

Eu a beijo com mais intensidade, minha língua brincando com os lábios dela, e ela abre a boca.

Cacete.

Ela tem um gosto quente, de ternura e sedução. Sua língua hesita, vacilante contra a minha. Me envolve. Me excita.

Tenho que me conter. Tudo o que mais quero é me enterrar nessa mulher — mas acho que ela não vai deixar. Eu interrompo o beijo.

— Qual é o meu nome? — murmuro, com os lábios presos aos dela.

— Mister — sussurra ela, enquanto passo o polegar na sua bochecha.

— Maxim. Diga Maxim.

— Maxim. — Mais um sussurro.

— Isso. — Adoro ouvir meu nome com o sotaque de Alessia.

Viu, não foi tão difícil.

De repente, ouvimos o som insistente e alto de alguém batendo na porta da entrada.

O que é isso? Como conseguiram entrar no prédio?

Relutante, dou um passo para trás.

— Não saia daqui. — Levanto um dedo em sinal de aviso.

— Abra a porta, Sr. Trev... an! — grita uma voz do lado de fora do apartamento. — Imigração!

— Ah, não — murmura Alessia, levando as mãos ao pescoço, os olhos arregalados de medo.

— Fique calma.

A batida faz a porta sacudir mais uma vez.

— Sr. Trev...yan! — A voz está nitidamente mais alta.

— Eu resolvo isso! — resmungo, irritado com a interrupção.

Deixo Alessia na câmara escura e atravesso o corredor.

Pelo olho mágico, avalio os homens do lado de fora. Um deles é baixo, o outro alto, e os dois vestem ternos cinza baratos e parcas pretas. Não passam a impressão de serem funcionários públicos. Faço uma pausa, refletindo se devo atender ou não. Porém, tenho que descobrir por que estão aqui e se a situação tem algo a ver com Alessia.

Encaixo a corrente de segurança no fecho e abro a porta.

Um dos homens tenta entrar à força, mas, com o meu corpo pressionado contra a porta, a corrente permanece no lugar. É o mais baixo. Atarracado e com início de calvície, ele exala agressividade por cada poro de seu corpo e pelos olhos maliciosos e astutos.

— Onde ela está, senhor? — rosna o homem.

Eu me retraio.

Quem são esses marginais?

O comparsa do careca se aproxima atrás dele: magro, calado e ameaçador. Os pelos da minha nuca ficam arrepiados, em estado alerta.

— Posso ver suas credenciais? — Minha voz é igualmente ameaçadora.

— Abra a porta. Somos da imigração. Acreditamos que o senhor tem em seu apartamento uma requerente de asilo que teve o pedido negado. — O sujeito fortão torna a falar e suas narinas se dilatam de raiva. Ele tem um nítido sotaque do Leste Europeu.

— Vocês precisam de mandado para fazer uma busca — retruco, sibilando e adotando o comportamento autoritário que se adquire depois de uma vida de privilégios e muitos anos em uma das melhores escolas particulares da Grã-Bretanha.

O fortão hesita por um instante, e sinto algo podre no ar.

Quem são esses sujeitos, porra?

— O mandado, cadê? — repito, com rispidez.

O careca encara o comparsa com ar de dúvida.

— Cadê a moça? — pergunta o indivíduo alto e magro.

— Não tem ninguém aqui, só eu. Quem vocês estão procurando?

— Uma garota...

— É o que todos estamos procurando, não é? — retruco e sorrio, com sarcasmo. — Agora, sugiro que vocês deem o fora daqui e só voltem com

uma merda de um mandado, ou vou chamar a polícia. — Tirando o celular do bolso de trás da calça, deixo ele bem à mostra. — Mas só para esclarecer, não tem nenhuma moça aqui, muito menos uma imigrante ilegal. — Minto com facilidade, um talento que também adquiri durante os vários anos em que frequentei uma das melhores escolas particulares da Grã-Bretanha. — Devo chamar a polícia?

Eles dão um passo para trás.

Naquele momento, a Sra. Beckstrom, que mora no apartamento ao lado, abre a porta segurando Hércules, seu irritante e estridente cachorrinho.

— Olá, Maxim — cumprimenta ela.

Abençoada seja a Sra. Beckstrom.

— Muito bem, Sr. Trev... Trev. — Ele não consegue pronunciar meu sobrenome.

É Lorde Trevethick para você, seu merda!

— Vamos voltar com um mandado. — O homem se vira, faz um movimento com a cabeça para chamar o companheiro, e os dois seguem em direção à escada, passando muito perto da Sra. Beckstrom.

Ela os encara e depois sorri para mim.

— Boa tarde, Sra. B. — digo com um aceno de cabeça e fecho a porta.

Como esses dois delinquentes descobriram que Alessia estava aqui? Por que estão atrás dela? O que ela fez? Não existe uma agência de “imigração”. É a Agência de Fronteiras que faz isso, e o nome é esse há anos. Inspiro profundamente, na esperança de diminuir minha ansiedade, e volto à câmara escura, onde, suspeito, Alessia estará tremendo em um canto.

Mas ela não está lá.

Nem na cozinha.

Minha preocupação se transforma em um pânico generalizado à medida que corro pelo apartamento, chamando por ela. Alessia não está nos quartos nem na sala. O último lugar em que procuro é a área de serviço. A porta que dá para a saída de emergência está entreaberta, e o casaco e as botas de Alessia desapareceram.

Ela fugiu.

Capítulo Nove

Alessia desce a escada de incêndio voando, o coração disparado pela adrenalina e pelo medo. Assim que alcança o térreo, se vê em um beco lateral. Deve estar segura ali. O portão que dá para a rua nos fundos do edifício está trancado por dentro. Por precaução, ela se abaixa entre duas caçambas onde os moradores do prédio do Mister Maxim jogam seus lixos. Inclina-se contra a parede de tijolos e se esforça para respirar, tentando recuperar o fôlego.

Como eles a encontraram? *Como?*

Ela havia reconhecido a voz de Dante na hora, e todas as lembranças reprimidas vieram à tona com um ímpeto apavorante.

O escuro.

O cheiro.

O medo.

O frio.

O cheiro. Meu Deus. O cheiro.

Lágrimas brotam em seus olhos, e Alessia pisca, tentando contê-las. Ela os levou até *ele*! Ela sabe como aqueles homens são cruéis e do que são capazes de fazer. Deixa escapar um soluço alto e coloca a mão na boca enquanto se encolhe no chão frio.

Ele pode estar ferido.

Não.

Ela precisa conferir. Não pode fugir se ele estiver machucado.

Pense, Alessia. Pense.

A única pessoa que sabe que ela está aqui é Magda.

Magda!

Não. Será que eles encontraram Magda e Michal?

O que fizeram com os dois?

Magda.

Michal.

Mister... *Maxim*.

Sua respiração é violenta, curta, seca, o pânico começa a obstruir sua garganta. Ela acha que vai desmaiar, mas de repente seu estômago se revira, a bile sobe à garganta e, antes que perceba, Alessia está inclinada para a frente, vomitando o café da manhã no chão. Enquanto o enjoo não passa, ela apoia as mãos na parede de tijolos até não restar mais nada no estômago. O esforço físico a deixa exausta, mas um pouco mais calma. Limpando a boca com o dorso da mão, ela se levanta, meio tonta, e espia o beco para conferir se alguém a ouviu. Ainda está sozinha.

Graças a Deus.

Pense, Alessia, pense.

A primeira coisa a fazer é conferir se o Mister está bem. Inspirando profundamente, deixa o abrigo das caçambas de lixo e volta a subir a escada de incêndio. Avança com cautela, movida pela autopreservação. Precisa saber se eles foram embora, mas não pode ser vista. São seis andares; no quinto, ela já está sem fôlego. Sobe bem devagar o nível seguinte e espia entre as grades de metal para dentro do apartamento. A porta da lavanderia está fechada, mas dá para ver a sala. A princípio, não há sinal de vida, mas então, de repente, o Mister irrompe no cômodo, e Alessia percebe que ele está procurando alguma coisa na escrivaninha. Ele fica lá um minuto antes de tornar a sair do ambiente às pressas.

O corpo dela relaxa contra a grade de metal. Ele está bem.

Graças a Deus.

Tendo matado sua curiosidade e com a consciência tranquila, Alessia desce a escada mais uma vez, cambaleando, convicta de que precisa conferir se Magda e Michal também estão bem.

Quando volta ao beco, calça as botas e se encaminha para o portão nos fundos do prédio, que dá para a rua de trás, não para o Chelsea Embankment. Ela hesita por um instante. Talvez Dante e Ylli, seu comparsa, estejam à sua espera. É claro que poderiam estar ali fora. Com o coração em um ritmo frenético, ela abre o portão e examina a rua. O único movimento é o de um carro esportivo verde-escuro acelerando no final da via; não há sinal de Dante e de Ylli. Tirando o gorro de lã da bolsa, ela o veste, enfia o cabelo para dentro, e segue em direção ao ponto de ônibus.

Anda apressada pela rua. Está lutando contra o impulso de correr,

sabendo que isso chamaria atenção indesejada. Mantém a cabeça baixa e as mãos nos bolsos e, a cada passo, reza para o Deus da sua avó manter Magda e Michal a salvo. Ela repete e repete o pedido, alternando entre sua língua nativa e o inglês.

Ruaji, Zot.

Ruaji, Zot.

Deus, proteja os dois.

Fiquei imóvel no corredor pelo que pareceu uma eternidade. Estou morrendo de medo, e sinto o sangue pulsar nos ouvidos, o som alto como o de um trovão.

Onde ela está, porra?

Que porra foi essa em que ela se meteu?

O que eu faço?

Como ela vai enfrentar aqueles caras sozinha?

Cacete. Preciso encontrá-la.

Para onde ela foi?

Para casa.

Brentford.

Isso.

Sigo pelo corredor até a sala e pego as chaves do carro na escrivaninha, depois corro para a porta de casa, parando apenas para apanhar o casaco.

Estou enjoado, meu estômago revirando.

Não tem como aqueles caras serem da “imigração”.

Quando chego à garagem, pressiono o botão do controle, esperando destravar o Discovery, mas o carro que dá sinal de vida é o Jaguar.

Merda. Na pressa, peguei a chave errada.

Foda-se.

Não tenho tempo para voltar lá em cima e pegar a certa. Salto para dentro do Jaguar e dou a partida. O motor ronca, e tiro o carro da vaga. A porta da garagem se abre pouco a pouco, e viro à esquerda, seguindo a toda a

velocidade até o fim da rua, depois à esquerda de novo em direção ao Chelsea Embankment. Mas isso é o mais longe que consigo chegar. O trânsito está lento porque é sexta à tarde, o começo da hora do rush. As ruas engarrafadas me deixam mais ansioso e não ajudam em nada o meu humor já péssimo.

Repasso minha interação com os marginais várias vezes, procurando qualquer pista do que pode ter acontecido com Alessia. Eles pareciam ser do Leste Europeu. Tinham uma aparência agressiva. Alessia fugiu — então, ou ela os conhece, ou acredita que são mesmo do serviço de “imigração”, o que deve significar que ela está na Inglaterra ilegalmente. Isso não me surpreende. Ela interrompeu de maneira abrupta qualquer conversa sobre o que estava fazendo em Londres.

Ah, Alessia. No que você se meteu?

E onde você se meteu?

Torço para que ela tenha voltado a Brentford, porque é para lá que estou indo.

Alessia está sentada no trem, nervosa, revirando entre os dedos o pequeno crucifixo de ouro pendurado no pescoço. Pertencia à sua avó, o único bem que lhe restara da querida Nana. Ela gosta tanto daquele crucifixo. Nas horas de desespero, ele lhe traz conforto. Embora seus pais não sejam religiosos, a avó era... No momento, ela remexe no pingente e continua repetindo seu mantra.

Deus, proteja os dois.

Deus, proteja os dois.

Sua ansiedade é esmagadora. Eles a encontraram. Mas como? Como eles ficaram sabendo de Magda? Magda e Michal precisam estar bem. Em geral, Alessia gosta de andar de trem, mas hoje está lento demais. Quando ele chega a Putney, Alessia sabe que ainda vai demorar vinte minutos até Brentford.

Por favor, depressa.

Seus pensamentos voltam ao Mister Maxim. Pelo menos ele está a salvo, por ora.

Seu coração vacila.

Maxim.

Ele me beijou.

Duas vezes.

Duas vezes!

Ele disse palavras bonitas. Sobre ela.

Você é linda.

Você é deslumbrante.

E ele a beijou!

É assim que *eu me sinto*.

Se as circunstâncias fossem diferentes, Alessia estaria em êxtase. Ela toca os lábios com os dedos. Foi um momento bom e ruim, ao mesmo tempo. Seus sonhos finalmente se realizaram, apenas para serem destruídos por Dante — de novo.

Não tem como ela se envolver com o Mister. *Não*. Maxim. O nome dele é Maxim.

Ela levou um perigo terrível até a casa dele. E precisa protegê-lo.

Zot! Seu emprego.

Ela vai perder o emprego. Ninguém quer encenca batendo à sua porta, nem criminosos como Dante fazendo ameaças.

O que ela vai fazer?

Precisa ser cuidadosa ao voltar para a casa de Magda. Não pode deixar Dante descobrir onde ela está.

Não mesmo.

Ela precisa se proteger, também.

O medo provoca um nó em sua garganta, e ela sente um calafrio. Alessia se abraça, tentando evitar que a angústia aumente. Todos os sonhos e as esperanças estão perdidos. E, em um raro momento de autopiedade, ela balança o corpo para a frente e para trás, tentando encontrar algum conforto e aliviar o medo.

Por que o trem tem que demorar tanto?

Ele para na estação Barnes, e as portas se abrem.

— Por favor. Por favor, depressa — sussurra Alessia, e seus dedos encontram o crucifixo de ouro mais uma vez.

Dirijo a toda pela A4, minha mente pulando de Alessia para aqueles homens e depois para Kit enquanto costuro pelo trânsito.

Kit? O que você faria?

Ele saberia o que fazer. Sempre sabia.

Eu me lembro do último Natal. Kit estava tão bem. Maryanne e eu encontramos ele e Caroline em um festival de jazz em Havana. Alguns dias depois, nós todos voamos para São Vicente e Granadinas e pegamos um barco para Bequia a fim de passarmos o Natal juntos em uma mansão particular que alugamos. Maryanne seguiu para Whistler, onde iria esquiar e passar o Réveillon com amigos, e Caroline, Kit e eu voltamos para a Inglaterra para o ano-novo.

Foi uma semana incrível.

E um dia depois do ano-novo, Kit morreu.

Ou se matou.

Pronto. Eu pensei nisso.

A suspeita que não falei para ninguém.

Droga, Kit. Seu merda.

A A4 vira M4, e dou uma olhada nas torres altas que dominam a paisagem de Brentford e sinalizam que estou perto. Saio da autoestrada, atingindo a pista escorregadia a oitenta quilômetros por hora. Diminuo a velocidade, mas felizmente as luzes do cruzamento estão verdes e consigo atravessar, agradecendo por ter deixado Alessia em casa no começo da semana e saber onde ela mora.

Seis minutos depois, estaciono na frente da casa dela, salto do carro e percorro às pressas o curto caminho até a porta. Ainda há montinhos de neve na grama e os restos tristes de um boneco de neve. O som da campainha ressoa em algum lugar lá dentro, mas ninguém responde. A casa está vazia.

Merda.

Onde ela está?

A apreensão me consome. *Onde ela poderia estar?*

Ela vem de trem. É claro!

Eu tinha visto a placa da estação quando virei na Church Walk. Saio correndo em disparada, voltando pela rua de Alessia, e viro à direita para a estrada principal. A estação fica a menos de duzentos metros à minha esquerda.

Graças a Deus é muito perto.

Enquanto desço as escadas da estação correndo, vejo um trem esperando na plataforma mais distante, mas está indo em direção a Londres. Paro e me concentro. Só há duas plataformas, e estou na que recebe os trens chegando. Tudo o que tenho a fazer é esperar. Uma tela no alto anuncia que o próximo trem chega às 15h07. Checo meu relógio; são 15h03.

Eu me apoio em uma das pilastras brancas de ferro que sustentam o telhado da estação e aguardo. Há alguns outros passageiros esperando também. A maioria, como eu, procura abrigo por conta do clima péssimo. Observo as rajadas do vento gelado soprarem um pacote vazio de salgadinhos pela plataforma até os trilhos do trem. Mas aquilo não prende minha atenção por muito tempo. A cada poucos segundos, olho de relance os trilhos vazios, rezando para o trem de Londres aparecer.

Vamos. Vamos. Repito, como se minha vontade fosse o suficiente para fazê-lo chegar.

Finalmente o trem chega, virando a curva devagar — devagar demais, porra —, e entra na estação e para. Fico de pé com a coluna muito ereta, o estômago revirando de ansiedade à medida que as portas do trem se abrem e algumas pessoas desembarcam.

Doze pessoas.

Nada de Alessia.

Putá merda.

Quando o trem deixa a estação, volto a checar a tela. O próximo chega em quinze minutos.

Nem é tanto tempo.

É uma eternidade, cacete!

Droga.

Fico feliz que, mesmo na pressa para sair do apartamento, tenha me lembrado do casaco. Está um frio de rachar. Junto as mãos na frente da boca

e sopro, bato os pés no chão e puxo a gola do casaco tentando me manter aquecido. Enfiando as mãos nos bolsos, ando para a frente e para trás na plataforma enquanto espero.

Meu celular vibra, e, por algum motivo louco, penso que pode ser Alessia, mas é claro que não, porque ela não tem meu número. É Caroline. E o que quer que ela queira, pode esperar. Ignoro a ligação.

Após intoleráveis quinze minutos, o trem de 15h22 vindo de Waterloo aparece. Ele diminui a velocidade quando se aproxima da estação e, depois de um minuto agonizante, para.

O tempo parece ficar em suspenso.

As portas se abrem, e Alessia é a primeira a desembarcar.

Ah, até que enfim, porra.

O alívio que sinto quase me faz cair de joelhos, mas só a visão dela já me acalma.

Quando Alessia o vê, ela para e fica completamente perplexa. Os demais passageiros passam pelos dois, enquanto ela e Maxim se encaram, absorvendo um ao outro. As portas se fecham com um sibilo de ar comprimido, e o trem sai da estação devagar, deixando os dois sozinhos.

— Olá — diz ele, quebrando o silêncio, ao se aproximar dela. — Você saiu sem se despedir.

A expressão dela desaba, e seus olhos se enchem de lágrimas, que descem pelas bochechas.

A angústia de Alessia acaba comigo.

— Ah, querida — sussurro, e abro os braços.

Ela leva as mãos ao rosto e começa a chorar com vontade. Perdido, eu a abraço e a mantenho próxima de mim.

— Calma. Eu estou aqui — murmuro contra o gorro verde. Ela funga, e levanto seu queixo e planto um beijo em sua testa. — Estou aqui, está tudo bem..

Alessia arregala os olhos e se afasta.

— Magda? — murmura, alarmada.

— Vamos.

Seguro sua mão e subimos às pressas a escada de metal que leva à rua. Sua mão está fria, e tudo o que mais quero é levá-la para um lugar seguro. Porém, antes de mais nada, preciso saber o que está acontecendo. Em que encrenca ela está metida. Só espero que Alessia se abra comigo.

Caminhamos rápido, mas em silêncio, voltando ao número 43 da Church Walk. Quando chegamos, Alessia tira a chave do bolso, destranca a porta e nós entramos.

A entrada é minúscula e parece ainda menor por causa das duas caixas de papelão em um canto, daquelas usadas em mudanças. Alessia tira o gorro e a parca, que penduro nos ganchos na parede.

— Magda! — chama ela, voltando-se para o andar superior, enquanto me livro do meu casaco e o coloco junto ao dela, mas ninguém responde.

A casa está vazia. Eu a sigo até a cozinha mínima.

Meu Deus, este lugar é um ovo!

A cozinha é antiquada, típica da década de 1980, mas está limpa, e, da soleira da porta, observo Alessia encher a chaleira. Ela está com uma calça jeans apertada e o mesmo suéter verde do outro dia.

— Café? — oferece.

— Por favor.

— Quer leite ou açúcar?

Balanço a cabeça.

— Não, obrigado. — Detesto café instantâneo e só consigo beber puro, mas esse não é o momento de contar isso a ela.

— Pode sentar — diz Alessia, e aponta para a mesinha branca.

Obedeço e aguardo, observando-a preparar nossas bebidas. Não vou apressá-la.

Ela prepara um chá para si mesma — forte, com açúcar e leite — e logo me passa uma caneca com a inscrição BRENTFORD FC e o logotipo do time. Sentando-se na cadeira em frente à minha, ela baixa os olhos para o conteúdo da sua caneca, com o emblema do Arsenal, e um silêncio desconfortável se instala entre nós.

Chega um ponto em que não consigo mais me conter.

— Você vai me contar o que está acontecendo? Ou vou ter que adivinhar?

Ela não responde, mas morde o lábio superior. Em circunstâncias normais, o gesto me levaria à loucura, mas vê-la tão perturbada me deixa sério.

— Olhe para mim.

Finalmente seus grandes olhos castanhos encontram os meus.

— Me conte. Eu quero ajudar.

Seus olhos se arregalam com o que acredito ser medo, e ela balança a cabeça.

Solto um suspiro.

— Tudo bem. Vamos tentar o jogo das vinte perguntas.

Ela parece confusa.

— Você responde cada pergunta com sim ou não.

Alessia franze ainda mais a testa e agarra o pequeno crucifixo de ouro no colar.

— Você teve um pedido de asilo negado?

Alessia me fita e depois faz um pequeno movimento negativo.

— Muito bem. Você está aqui legalmente?

Ela empalidece, o que, por si só, já me dá a resposta.

— Ilegal, então?

Depois de um instante, ela balança a cabeça de novo.

— O gato comeu a sua língua? — Espero que ela note que falo em tom de brincadeira.

Seu rosto se ilumina, e ela dá um meio sorriso.

— Não — responde, as bochechas ganhando um pouco de cor.

— Assim é melhor.

Ela toma um gole do chá.

— Fale comigo. Por favor.

— O senhor vai contar para a polícia?

— Não. Claro que não. É com isso que está preocupada?

Ela faz que sim.

— Alessia, não vou contar. Você tem a minha palavra.

Apoiando os cotovelos na mesa, ela junta as mãos e descansa o queixo. Uma gama de emoções conflitantes cruza o seu rosto à medida que o silêncio aumenta e enche o cômodo. Permaneço de boca fechada, implorando mentalmente para ela falar. Passado algum tempo, seus olhos escuros encontram os meus. Estão cheios de determinação. Ela se endireita na cadeira e coloca as mãos no colo.

— O homem que apareceu na sua casa, o nome dele é Dante. — Sua voz é um sussurro repleto de dor. — Ele me trouxe, e também outras moças, da Albânia para a Inglaterra. — Ela baixa o olhar para a caneca de chá.

Um calafrio percorre a minha coluna até o couro cabeludo, e sinto uma sensação horrível de vazio no estômago. De algum modo, acho que sei o que ela vai me contar.

— Nós achávamos que vínhamos para cá para trabalhar. Para arranjar uma vida melhor. A vida em Kukës é difícil para algumas mulheres. Os homens que nos trouxeram... Fomos enganadas...

Sua voz suave falha no meio da frase, e fecho os olhos à medida em que sou tomado por repulsa e cólera.

É tão ruim quanto eu imaginava.

— Tráfico de mulheres? — murmuro, e presto atenção à reação de Alessia.

Ela assente, os olhos fechados com força.

— Para sexo. — Suas palavras mal podem ser ouvidas, mas percebo a vergonha e o horror nelas.

Dentro de mim, uma fúria como eu nunca havia sentido começa a arder. Aperto os punhos tentando controlar a raiva.

Alessia está pálida.

E tudo a seu respeito começa a fazer sentido.

Sua reserva.

Seu medo.

De mim.

De homens.

Merda. Merda. Merda.

— Como você fugiu? — pergunto, tentando manter minha voz neutra.

Nós dois nos sobressaltamos com o ruído de uma chave na porta da frente. Apreensiva, Alessia dá um pulo e fica de pé; eu também, fazendo a cadeira cair no chão.

— Fique aqui — rosno, abrindo a porta da cozinha.

Uma mulher loura na casa dos quarenta anos está na entrada. Ela engole em seco, assustada, quando me vê.

— Magda! — grita Alessia. Ela me contorna e corre para abraçar a amiga.

— Alessia! — exclama a outra, retribuindo o abraço. — Você está aqui. Eu pensei... pensei... Me desculpe. Me desculpe — balbucia Magda, a angústia perceptível na voz, ao mesmo tempo em que começa a chorar. — Eles estiveram aqui de novo. Aqueles homens.

Alessia segura Magda pelos ombros.

— Me conte. O que aconteceu?

— Quem é esse? — Desconfiada, Magda faz um movimento na minha direção com o rosto marcado de lágrimas.

— Este é... o Mister Maxim. É o apartamento dele que eu limpo.

— Eles foram até lá?

— Foram.

Magda engole em seco e leva as mãos à boca.

— Me desculpe mesmo — murmura.

— Talvez Magda queira tomar um chá, e aí ela pode nos contar o que aconteceu — digo, com delicadeza.

* * *

NÓS TRÊS ESTAMOS sentados à mesa enquanto Magda solta uma baforada de um cigarro cuja marca nunca ouvi falar. Ela me ofereceu um, mas rejeitei. O último cigarro que fumei desencadeou uma série de acontecimentos que resultou na minha expulsão da escola. Eu tinha treze anos e estava acompanhado de uma garota que morava nos arredores de Eton.

— Não acho que eles sejam do serviço de imigração. Eles tinham uma

foto sua com Michal — comenta Magda com Alessia.

— O quê? Como assim? — pergunto.

— É. Eles acharam no Facebook.

— Não — exclama Alessia, cobrindo a boca com as mãos em um gesto de pavor. Ela me fita. — Michal tirou as *selfies* comigo.

— As *selfies*? — pergunto.

— É. Para o Facebook — responde Alessia, franzindo a testa.

Disfarço minha expressão de quem achou aquilo engraçado.

— Eles disseram que sabiam qual escola Michal frequentava — continua Magda. — Sabiam tudo sobre ele. Todos os dados pessoais dele estão no Facebook. — Ela dá uma longa tragada no cigarro, a mão tremendo.

— Eles ameaçaram vocês? — O rosto de Alessia está pálido.

Magda confirma.

— Eu não tinha escolha. Estava com medo. Me desculpe. — A voz dela é pouco mais que um sussurro. — Eu não tinha como entrar em contato com você. Dei para eles o endereço de onde estava trabalhando.

Bom, isso ao menos esclarece essa parte do mistério.

— O que eles querem com você, Alessia? — pergunta Magda.

Alessia me dirige um olhar breve e suplicante, e percebo que Magda não conhece todos os detalhes a respeito de como Alessia chegou a Londres. Passo a mão pelo cabelo.

O que fazer? Isso é muito mais do que eu tinha esperado...

— Vocês entraram em contato com a polícia? — pergunto.

Tanto Magda quanto Alessia falam ao mesmo tempo:

— Nada de polícia.

São enfáticas.

— Têm certeza? — Posso entender a reação de Alessia, mas não a de Magda. Talvez ela também esteja aqui ilegalmente.

— Nada de polícia — repete Magda, batendo a mão com força sobre a mesa, assustando tanto Alessia quanto eu.

— Tudo bem — digo, levantando as palmas das mãos para tranquilizá-la.

Nunca conheci gente que não confiasse na polícia.

É evidente que Alessia não pode ficar em Brentford; tampouco Magda e o filho. Os delinquentes que apareceram na minha porta estavam prestes a atacar.

— Só vocês três moram aqui? — pergunto.

Ambas confirmam com um gesto de cabeça.

— Onde está o seu filho agora?

— Na casa de um amigo. Está seguro lá. Liguei para ele antes de voltar para casa.

— Não acho que seja seguro para Alessia permanecer aqui, nem mesmo para você. Aqueles homens são perigosos.

Alessia concorda.

— Muito perigosos — murmura.

O rosto de Magda empalidece.

— Mas o meu trabalho... A escola do meu filho. Só vamos ficar aqui por mais duas semanas antes de irmos...

— Magda, não! — Alessia tenta mantê-la calada.

— Para o Canadá — continua Madga, desconsiderando a objeção de Alessia.

— Canadá? — Olho para Alessia e depois para Magda.

— Isso. Michal e eu vamos emigrar. Vou casar de novo. Meu noivo mora e trabalha em Toronto. — Vejo a ternura em seu sorriso breve.

Dou-lhe meus parabéns e volto minha atenção para Alessia.

— E você, o que vai fazer?

Ela dá de ombros, como se tudo estivesse sob controle.

— Vou achar outro canto para morar. *Zot*. Fiquei de ver um lugar hoje mesmo. — Ela dá uma olhada no relógio da cozinha. — Agora! — Ela se levanta, em pânico.

— Não acho que seja uma boa ideia — interfiro. — E, francamente, essa é a menor das suas preocupações no momento.

Alessia é uma trabalhadora ilegal: como vai encontrar um lugar para morar?

Ela volta a se sentar.

— Aqueles homens podem voltar a qualquer momento. Não teriam o menor problema em pegar você no meio da rua.

Sinto um calafrio. Eles estão atrás dela.

Babacas de merda.

O que eu posso fazer?

Pense. Pense.

Poderíamos todos nos esconder na Residência Trevelyan em Cheyne Walk, mas Caroline faria muitas perguntas, e eu não quero isso — é tudo muito complicado. Eu poderia levar Alessia de volta para casa — mas eles já estiveram lá. Quem sabe uma das outras propriedades? A casa de Maryanne? Não. Talvez eu pudesse levá-la para a Cornualha. Ninguém nos encontraria lá.

E, à medida que avalio minhas opções, percebo que não quero perdê-la de vista.

Nunca.

Esse pensamento me surpreende.

— Quero que você venha comigo — digo para Alessia.

— O quê? — pergunta ela, surpresa. — Mas...

— Posso encontrar um lugar para você ficar. Não se preocupe. — *Por Deus, tenho várias propriedades à disposição.* — Mas você não está segura aqui. Pode vir comigo.

— Ah.

Volto minha atenção para Magda.

— Magda, do meu ponto de vista, você tem três opções, já que não quer envolver a polícia. Por enquanto, podemos colocar você em um hotel próximo daqui ou arranjar uma casa para você na cidade. Ou posso organizar algum tipo de escolta de vigilância para você e seu filho, aí vocês permanecem aqui.

— Não tenho condições de pagar um hotel. — A voz de Magda vai murchando à medida que olha para mim, pasma.

— Não se preocupe com o dinheiro — replico.

Faço os cálculos na cabeça. Não é muito, considerando a situação. E Alessia vai ficar segura.

Vale cada centavo.

E talvez Tom me dê um desconto. Afinal, somos amigos.

Magda me estuda, o olhar fixo e intenso.

— Por que o senhor está fazendo isso? — pergunta, desconcertada.

Pigarreio e me faço a mesma pergunta.

Porque é a coisa certa a fazer?

Não. Não sou assim tão altruísta.

Porque quero ficar sozinho com Alessia? É. *Esse é o motivo verdadeiro.* Mas, dado o que ela já passou, Alessia não vai querer ficar sozinha comigo. *Ou será que vai?*

Passo a mão pelo cabelo, pouco à vontade com minhas reflexões. Não quero me debruçar muito sobre meus motivos.

— Porque Alessia é uma funcionária valiosa — respondo.

É. Isso parece convincente.

Magda me olha cheia de suspeita.

— Você vem comigo? — pergunto a Alessia, ignorando a expressão hesitante de Magda. — Vai estar segura.

Alessia está perplexa. O olhar firme de Maxim é sincero. Ele está oferecendo uma saída. Esse homem que ela mal conhece. No entanto, ele se deu ao trabalho de vir de Chelsea até ali para checar se ela estava bem. Esperou por ela na estação. Abraçou-a enquanto ela chorava. Alessia só consegue se lembrar de outras duas pessoas que fizeram o mesmo por ela: sua mãe e sua avó. À exceção de Magda, ninguém na Inglaterra a tratou com tanta bondade. É uma oferta generosa. Generosa demais. E Dante e Ylli são problemas exclusivamente dela. Ela não quer meter o Mister nessa confusão. Quer protegê-lo daqueles dois. Mas ela está na Inglaterra ilegalmente. Sem passaporte. Dante o confiscou junto com todos os seus pertences, ou seja, ela não tem saída.

E Magda vai partir em breve para Toronto.

O Mister Maxim está esperando sua resposta.

O que ele vai querer em troca da ajuda?

Alessia sabe tão pouco a respeito dele. Não sabe nem no que trabalha. Tudo o que sabe é que a vida que ele leva é muito diferente da dela.

— É só para manter você segura. Sem compromissos — diz ele.

Sem compromissos?

— Não quero nada em troca — esclarece ele, como se pudesse ler a mente de Alessia.

Sem compromissos.

Ela gosta dele. Mais do que isso. Ela está um pouco apaixonada por ele — mas entende que é só uma coisa boba. E, mesmo assim, ele é a única pessoa para quem contou como chegou à Inglaterra.

— Alessia, por favor, me responda — insiste Maxim com uma expressão ansiosa, os olhos bem abertos, receptivos e francos. Ele irradia preocupação. Será que pode confiar nele?

Nem todos os homens são monstros, não é?

— Tudo bem — murmura antes que possa mudar de ideia.

— Ótimo. — Ele soa aliviado.

— O quê? — dispara Magda, fitando Alessia com ar de surpresa. — Você conhece este homem?

— Ela vai ficar segura comigo — rebate ele. — Vou cuidar bem dela.

— Eu quero ir, Magda — sussurra Alessia.

Se ela for, Magda e Michal ficarão a salvo.

Magda acende outro cigarro.

— O que você quer fazer? — O Mister Maxim volta sua atenção para Magda, que olha de Alessia para ele, confusa.

— Você não me disse o que aqueles homens querem, Alessia — comenta Magda.

Alessia não havia entrado em detalhes quanto à viagem para a Inglaterra. Não tinha jeito. Sua mãe e Magda são melhores amigas, e ela não queria que Magda mandasse um e-mail contando o que tinha acontecido. A mãe teria ficado arrasada.

Alessia balança a cabeça e fala:

— Não posso. Por favor.

Magda bufa, irritada.

— E sua mãe? — diz, dando mais um trago.

— Ela não pode ficar sabendo.

— Não sei, não.

— Por favor — implora Alessia.

Magda solta um suspiro resignado e se volta para Maxim:

— Não quero sair da minha casa.

— Muito bem. Então vou providenciar uma equipe de vigilância. — Ele se levanta, alto, magro e incrivelmente bonito, e tira o iPhone do bolso da calça. — Preciso fazer algumas ligações. — E sai da cozinha sob o olhar das duas, fechando a porta.

Quando foi dispensado do Exército por invalidez, Tom Alexander montou uma firma de segurança em Londres. Seus clientes são pessoas importantes e muito ricas. Pessoas como eu.

— No que que você se meteu, Trevelyan?

— Não faço ideia, Tom. Tudo o que eu sei é que preciso de segurança vinte e quatro horas para uma mulher com um filho em Brentford.

— Brentford? Hoje à noite?

— Isso.

— Você tem uma sorte do cacete por eu estar em condições de ajudar.

— Eu sei, Tom. Eu sei.

— Vou até aí eu mesmo com meu melhor funcionário. Dene Hamilton. Acho que você já o conheceu. Serviu comigo no Afeganistão.

— Ah, sim, eu me lembro.

— Vejo você daqui a uma hora.

* * *

ALESSIA ESTÁ NA entrada, usando a parca do filho de Magda e segurando duas

sacolas de plástico.

— É só isso? — Soo tão perplexo quanto me sinto.

Não acredito que ela só tem isso.

Alessia fica pálida e baixa os olhos.

Franzo a testa.

A garota não tem nada.

— Tudo bem. Eu levo as sacolas — ofereço.

Ela passa as sacolas para mim e continua sem conseguir me olhar nos olhos. Fico surpreso com a leveza dos pertences.

— Para onde vocês vão? — pergunta Magda.

— Tenho uma casa no West Country. Vamos ficar por lá durante alguns dias enquanto decidimos o que fazer.

— Vou conseguir ver Alessia de novo?

— Espero que sim. — *Mas ela não volta aqui de jeito nenhum enquanto aqueles babacas estiverem à solta.*

Magda se vira para Alessia.

— Adeus, minha doce menina — sussurra.

Alessia abraça Magda com força.

— Obrigada — diz, enquanto as lágrimas começam a escorrer. — Por me salvar.

— Shh, querida — murmura Magda. — Eu faria tudo pela sua mãe. Você sabe disso. — Ela solta Alessia e a mantém a um braço de distância. — Você é tão forte e corajosa. Vai deixar sua mãe orgulhosa. — Segura o rosto de Alessia com as mãos e beija sua bochecha.

— Dê adeus a Michal por mim — A voz de Alessia está tensa, cheia de ternura e tristeza.

E sinto um aperto no coração.

Será que estou fazendo a coisa certa?

— Nós vamos sentir saudades. Quem sabe você não vai ao Canadá algum dia para conhecer o meu noivo maravilhoso?

Alessia assente, mas está emocionada demais para falar qualquer coisa, e

sai pela porta da frente tentando conter as lágrimas. Eu a sigo, carregando tudo o que ela tem no mundo.

Do lado de fora, Dene Hamilton examina a rua. Alto, de ombros largos, cabelo preto cortado rente, ele é mais ameaçador do que sugere seu terno cinza elegante. Assim como Tom, ele serviu no Exército, o que fica claro por sua postura alerta. Ele vai trabalhar em turnos com outro guarda-costas que chega amanhã de manhã. A equipe de Tom vai proteger Magda e Michal vinte e quatro horas, sem parar, até os dois irem para o Canadá.

Faço uma pausa para apertar a mão de Hamilton.

— Tudo sob controle, Lorde Trevethick — diz, os olhos escuros brilhando sob o poste enquanto inspeciona a rua e não deixa nada escapar.

— Obrigado — respondo. Ainda sou pego desprevenido ao ser chamado pelo título. — Você tem o meu número. Entre em contato comigo se Magda e o rapaz precisarem de qualquer coisa.

— Faremos isso, senhor. — Hamilton assente, cortês.

Sigo Alessia. Ela vira o rosto quando passo o braço em torno dela, talvez para ocultar o fato de que ainda está chorando.

Será que estou fazendo a coisa certa?

Com um aceno vigoroso para Magda, de pé na soleira da porta, e para Hamilton, levo Alessia até o Jaguar. Destro as portas e abro a do carona para ela, que hesita, a expressão tensa. Afago seu queixo com as costas da mão.

— Eu estou aqui. — O tom da minha voz é suave, para tranquilizá-la. — Você está segura.

Alessia atira os braços ao redor do meu pescoço e me abraça forte, o que me pega completamente de surpresa.

— Obrigada — sussurra e, antes que eu possa reagir, ela me solta e entra no carro.

Ignoro o nó que aperta minha garganta, guardo as duas sacolas no porta-malas e entro no carro.

— Vai ser uma aventura — digo, tentando animá-la.

Mas Alessia me encara, os olhos transbordando de tristeza.

Engulo em seco.

Estou fazendo a coisa certa.

É verdade.

Estou.

Mas talvez não pelos motivos certos.

Eu solto o ar, aperto a ignição, e com um ronco o motor ganha vida.

Capítulo Dez

Viro à esquerda para a A4 e acelero pela estrada. Alessia está encolhida no banco do carona, mas pelo menos se lembrou de colocar o cinto. Está olhando para os prédios industriais e concessionárias de automóveis pelos quais passamos, mas de vez em quando esfrega a manga do suéter no rosto, e sei que ainda está chorando.

Como as mulheres conseguem chorar tão baixinho?

— Quer parar para comprar uns lenços? — pergunto. — Desculpe, não tenho nenhum aqui.

Ela balança a cabeça, mas não olha para mim.

Entendo por que está mexida. *Que dia*. Se eu estou assustado com o desenrolar dos acontecimentos, ela deve estar esgotada. Completamente esgotada. Acho que é melhor deixá-la pôr os pensamentos em ordem. Além do mais, está tarde e preciso fazer algumas ligações.

Encontro o número de Danny pelo painel de navegação do carro. O som da ligação chamando ecoa no carro pelo sistema integrado de viva-voz. Depois de dois toques, ela atende.

— Mansão Tresyllian — diz em seu sotaque irlandês familiar.

— Danny, sou eu, Maxim.

— Mestre Maxim... Quer dizer...

— Tudo bem, Danny, não se preocupe — eu a interrompo, lançando um rápido olhar a Alessia, que agora me observa. — O Esconderijo ou o Mirante estão disponíveis este fim de semana?

— Acho que os dois estão, meu...

— E na semana que vem?

— O Mirante está reservado para uma sessão de tiro ao prato.

— Vou ficar com o Esconderijo, então.

Apropriado.

— Eu preciso... — Olho de relance para o rosto pálido de Alessia. — Eu preciso que dois dos quartos sejam arrumados e que itens de higiene pessoal

e algumas roupas minhas sejam trazidas da Mansão.

— O senhor não vai ficar na Mansão?

— Não, pelo menos não no momento.

— O senhor disse dois quartos?

Eu esperava que fosse só um...

— Isso, por favor. E você pode pedir a Jessie que abasteça a geladeira para o café da manhã e, talvez, para um lanchinho mais tarde? E vinho e cerveja. Ela pode improvisar.

— Com certeza, milorde. Quando o senhor chega?

— Mais tarde, ainda esta noite.

— Pois não. Está tudo bem, senhor?

— Tudo ótimo. Ah, Danny, o piano poderia ser afinado?

— Providenciei isso ontem. O senhor mencionou que queria todos afinados quando estivesse aqui.

— Ótimo. Obrigado, Danny.

— Não há de quê, meu...

Pressiono o botão de desligar antes que ela termine de falar.

— Quer ouvir música? — pergunto a Alessia.

Ela se vira, os olhos vermelhos na minha direção, e sinto um aperto no peito.

— Certo — digo, sem esperar resposta.

Pesquisando no mesmo painel, encontro um álbum que espero que ela ache relaxante e pressiono *play*. O interior do carro é tomado pelo som de violões, e fico um pouco mais calmo. Temos uma longa viagem pela frente.

— Quem é? — pergunta Alessia.

— Um cantor e compositor chamado Ben Howard.

Ela examina a tela por um momento e volta a olhar pela janela.

Reflito sobre todas as minhas interações anteriores com Alessia à luz do que ela me contou hoje. Agora entendo por que ela fica tão hesitante perto de mim, e isso me deixa com um peso no coração. Nas minhas fantasias, imaginei que quando, enfim, ficássemos sozinhos, ela fosse sorrir e relaxar,

olhando para mim com adoração. A realidade é bem diferente.

Bem diferente.

E, no entanto... Não me importo. Quero estar com ela.

Eu a quero em segurança.

Eu a quero...

A verdade é essa.

Nunca me senti assim antes.

Tudo aconteceu tão rápido. E ainda não sei se estou fazendo a coisa certa. Mas sei que não posso abandoná-la à mercê daqueles bandidos. Quero protegê-la.

Que atitude mais nobre.

Meus pensamentos vão ficando mais sombrios quando mergulho em devaneios mórbidos do que ela pode ter presenciado e suportado. Esta menina nas mãos daqueles monstros.

Cacete. Aperto o volante com mais força. A raiva aumenta como ácido sulfúrico queimando minhas entranhas.

Se algum dia eu colocar as mãos nesses caras...

Minha fúria é assassina.

O que fizeram com ela? Quero saber.

Não. Não quero saber.

Quero.

Não quero.

Olho para o painel.

Merda. Estou correndo muito.

Vai com calma, amigo.

Tiro um pouco o pé do acelerador.

Calma.

Respiro fundo, tentando me controlar.

Fique tranquilo.

Quero que ela me conte tudo. Tudo o que viu. Mas agora não é o

momento para isso. Todos os meus planos, todas as minhas fantasias não vão dar em nada se ela não suportar estar com um homem... qualquer homem.

E me dou conta de que não posso tocá-la.

Merda.

Alessia tenta, mas não consegue evitar as lágrimas. Ela está confusa, afogada nas próprias emoções.

No medo.

Na esperança.

No desespero.

Será que pode confiar no homem ao seu lado? Ela se colocou nas mãos dele. Por vontade própria. Ela já fez isso antes — com Dante —, e a história não acabou muito bem.

Ela não conhece o Mister Maxim. Não de verdade. Ele a tratou com bondade, sempre, desde que se conheceram — e o que ele fez por Magda supera muito o que se esperaria de qualquer homem justo. Antes de conhecer Maxim, Magda era a única pessoa na Inglaterra em quem Alessia confiava. A amiga de sua mãe havia salvado sua vida. Ela a acolhera, alimentara e vestira, além de ter encontrado trabalho para Alessia através de uma rede de polonesas que vivem em West London e ajudam umas às outras.

E agora Alessia está indo embora, para longe daquele porto seguro. Magda garantiu que uma das outras moças cuidaria das casas da Sra. Kingsbury e da Sra. Goode enquanto ela estivesse fora.

Quanto tempo ela passará fora?

E para onde vai?

Ela fica tensa. Será que Dante está indo atrás deles?

Ela se abraça com força. Pensar em Dante lhe lembra o pesadelo que foi a viagem até a Inglaterra. Ela não quer pensar nisso. Nunca mais. Mas é algo que a atormenta em momentos de tranquilidade e em pesadelos. O que aconteceu com Bleriana, Vlora, Dorina e as outras meninas?

Por favor, que elas tenham escapado também.

Bleriana tinha só dezessete anos, era a mais nova de todas.

Alessia estremece. A música que está tocando no carro fala de viver nas profundezas do medo. Alessia fecha os olhos com força. Sente um aperto no estômago, o medo com que tem convivido por tanto tempo, e as lágrimas continuam rolando.

Nós estacionamos em uma parada na M5, pouco depois das dez da noite. Estou com fome, apesar do sanduíche de queijo que Magda preparou para mim em Brentford. Alessia está dormindo. Espero um pouco para ver se ela acorda agora que o carro parou. Sob a luzes do estacionamento, ela parece serena e etérea — a curva de suas bochechas claras, os cílios escuros e a mecha rebelde da trança enrolada sob o queixo. Considero não perturbar seu sono, mas decido que não posso deixá-la sozinha no carro.

— Alessia — sussurro, e seu nome soa como uma oração. Fico tentado a passar a mão pela bochecha dela, mas resisto e repito seu nome baixinho.

Ela acorda sobressaltada, ofegante e com os olhos arregalados, estudando freneticamente o entorno. Quando seu olhar encontra o meu, ela para.

— Ei, sou eu. Você estava dormindo. Quero comer alguma coisa, e preciso ir ao banheiro. Quer vir comigo?

Ela pisca várias vezes, os cílios compridos agitando-se sobre os olhos expressivos, mas dispersos.

Ela é linda.

Esfregando o rosto, ela olha o estacionamento, e todo o seu corpo se tensiona e parece irradiar ansiedade. Mais do que o normal.

— Por favor, Mister, não me deixe sozinha — diz baixinho.

— Não pretendo fazer isso. Qual é o problema?

Ela balança a cabeça, agora mais pálida.

— Vamos — digo.

Do lado de fora, eu me alongo enquanto ela sai do carro e quase corre ao vir para o meu lado, os olhos vasculhando os arredores.

O que aconteceu?

Ofereço a mão a ela, que a aceita, apertando-a com força. Então, para o meu prazer e surpresa, ela segura meu bíceps com a outra mão e cola o corpo em mim.

— Sabe... Hoje mais cedo, você me chamou de Maxim — digo, tentando fazê-la sorrir. — Gosto muito mais dessa opção do que Mister.

Ela me dirige um olhar ansioso.

— Maxim — sussurra, mas volta a se concentrar em percorrer o estacionamento com os olhos.

— Alessia, você está segura.

Ela não parece acreditar.

Isso nunca vai acabar.

Solto a mão dela e seguro seus ombros.

— Alessia, o que foi? Por favor, me diga.

Sua expressão muda, os olhos assustados e tristes.

— Por favor — imploro, observando o vapor das nossas respirações se misturando no ar frio.

— Eu fugi — sussurra ela.

Merda! O resto da história dela... vou ouvir aqui, em uma parada no meio da M5.

— Continue — eu a encorajo.

— Era um lugar igual a este. — Ela olha ao redor outra vez.

— Como assim? Uma parada de estrada?

Ela confirma.

— Eles pararam. Queriam que a gente se lavasse. Que a gente ficasse limpa. Estavam sendo... hum... gentis. Ou foi o que algumas das meninas pensaram. Fizeram parecer que era para o nosso... hum... Qual é a palavra? Nosso... hum... bom. Bem. Nosso bem. Mas se a gente ficasse mais limpa, nosso preço ia ser mais alto.

Cacete. Isso vai me deixar com raiva outra vez.

— Antes. Na viagem. Eu ouvi eles conversando. Em inglês. Sobre o motivo pelo qual estávamos indo para a Inglaterra. Eles não sabiam que eu entendia. E eu sabia o que eles iam fazer.

— Merda!

— Conte para as outras meninas. Algumas não acreditaram em mim. Mas três acreditaram.

Putá merda! Não era só ela!

— Estava de noite, como agora. Um dos homens, Dante, levou três de nós até os banheiros. Nós corremos. Todas nós. Não dava para ele pegar todas. Estava escuro. Corri para a mata. Eu corri e corri... Para longe. Não sei o que aconteceu com as outras meninas. — Sua voz está tingida pela culpa.

Ah, meu Deus.

Não aguento mais. Perturbado com o que essa menina tão jovem enfrentou, eu a abraço com força.

— Eu estou aqui — falo baixinho, me sentindo totalmente presente, exposto e revoltado por ela.

Ficamos ali alguns segundos, minutos — não sei por quanto tempo —, no estacionamento frio, e por fim, hesitante, ela passa os braços em torno de mim e relaxa no meu abraço, retribuindo-o. Ela se encaixa perfeitamente nos meus braços. Posso apoiar o queixo na cabeça dela, se quiser. Ela olha para mim, e é como se estivesse me vendo pela primeira vez. Seus olhos escuros são intensos. Cheios de perguntas. Cheios de promessa.

Fico com a respiração presa na garganta.

No que ela está pensando?

Seu olhar vai para meus lábios e ela levanta a cabeça, deixando claro seu objetivo.

— Você quer que eu te beije? — pergunto.

Ela faz que sim com cabeça.

Cacete.

Hesito. Jurei não tocar nela. Mas Alessia fecha os olhos, oferecendo-se a mim. E não consigo resistir. Eu planto um beijo delicado e puro em seus lábios, e, com um gemido, o corpo dela se derrete junto ao meu.

O barulho desperta minha libido. Solto um gemido, olhando para seus lábios entreabertos.

Não.

Não agora.

Não aqui.

Não depois de tudo pelo que ela passou.

Não em uma parada no meio da estrada.

Beijo a testa dela.

— Venha. Vamos comer.

Surpreso com meu autocontrole, pego a mão dela e vamos para dentro da loja.

Alessia segue Maxim sem o soltar enquanto cruzam o asfalto. Ela se concentra no abraço tranquilizante, no beijo carinhoso, e não no que aconteceu da última vez que estive em uma parada como aquela. Segura-o com mais força. Ele a faz esquecer, e ela é grata por isso. As portas se abrem e eles entram no prédio, mas ela fica paralisada.

O cheiro. *Zot*. O cheiro.

Fritura.

Doces.

Café.

Desinfetante.

Alessia estremece ao se lembrar de ter sido arrastada para os banheiros. Nenhum dos passantes percebeu seu drama.

— Você está bem? — pergunta Maxim.

— Estou lembrando.

Ele aperta a mão dela.

— Eu estou aqui. Venha. Eu preciso mesmo ir ao banheiro. — Ele lhe dirige um sorriso triste.

Alessia engole em seco.

— Também preciso — admite ela, envergonhada, e o segue até os banheiros.

— Infelizmente, não posso entrar com você. — Maxim inclina a cabeça, indicando a entrada. — Vou estar aqui fora quando você sair, está bem? Vá em frente.

Mais calma, Alessia respira fundo e entra no banheiro, lançando um último olhar para ele antes de virar na entrada. Não há fila para as cabines.

As duas mulheres que se encontram ali, uma mais velha e a outra mais nova, estão lavando as mãos. Nenhuma parece ter sido contrabandeada do Leste Europeu.

Alessia se repreende.

O que ela estava esperando?

A senhora mais velha, que deve ter pelo menos cinquenta anos, vira-se para usar o secador de mãos, percebe que Alessia está olhando para ela e sorri. Sentindo-se encorajada e mais confiante, Alessia entra em uma cabine.

Quando ela sai do banheiro, Maxim está lá, encostado na parede oposta, alto e musculoso, com um polegar no cós do jeans. Seu cabelo está despenteado e bagunçado, os olhos verde-claros intensos. Ele sorri ao vê-la, o rosto se iluminando como o de uma criança no ano-novo, e estende a mão para Alessia, que fica feliz em aceitá-la.

A cafeteria é uma Starbucks, Alessia a reconhece das várias que viu em Londres. Maxim pede um duplo espresso para si e, a pedido dela, um chocolate quente.

— E o que você vai querer comer? — pergunta ele.

— Não estou com fome.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Você não comeu nada na casa da Magda. Sei que não comeu nada lá em casa, também.

Alessia também vomitou o café da manhã, mas não quer contar isso a ele. Balança a cabeça. Está chateada demais com tudo o que aconteceu naquele dia para comer.

Maxim bufa, frustrado, e pede um panini.

— Ou melhor, dois — informa à barista, olhando de relance para Alessia.

— Pode deixar — responde a funcionária com um sorriso sugestivo.

— Vamos querer para viagem. — Maxim entrega à atendente uma nota de vinte libras.

— Pois não. — A barista pisca, jogando charme.

— Ótimo, obrigado.

Ele não retribui o sorriso. Em vez disso, dirige sua atenção a Alessia.

— Eu tenho dinheiro — diz Alessia.

Maxim revira os olhos.

— Deixa comigo.

Eles vão até o fim do balcão aguardar o pedido. Alessia se pergunta o que vai fazer para conseguir mais dinheiro. Ela economizara um pouco, mas precisa do que tem para dar como caução no aluguel de um quarto. Embora ele tenha dito que poderia providenciar um para ela.

Ele quis dizer um quarto no apartamento dele? Ou em outro lugar?

Ela não sabe. E não faz ideia de quanto tempo vão ficar, nem de para onde estão indo, nem de quando terá a oportunidade de voltar a trabalhar. Ela gostaria de perguntar, mas em sua cultura não cabe à mulher questionar o homem.

— Ei, não se preocupe com dinheiro — diz Maxim.

— Eu...

— Não se preocupe. Por favor. — Ele tem um ar sério.

Ele é generoso. Mais uma vez, Alessia se pergunta no que ele trabalha. Ele tem aquele apartamento enorme, dois carros. Arranjou seguranças para Magda. Ele é compositor? Compositores ganham muito dinheiro na Inglaterra? Ela não sabe.

— Posso ver seu cérebro trabalhando daqui. O que foi? Pode perguntar. Eu não mordo — diz Maxim.

— Quero saber no que você trabalha.

— A minha profissão? — Maxim sorri.

— Você é compositor?

Ele ri.

— De vez em quando.

— Pensei que fosse o que você fazia. Gostei das suas peças.

— Gostou? — O sorriso dele aumenta, mas ele parece um pouco envergonhado. — Seu inglês é muito bom.

— Você acha? — Alessia cora com o elogio inesperado.

— Acho.

— Minha avó era inglesa.

— Ah, então está explicado. O que ela estava fazendo na Albânia?

— Ela visitou nos anos 1960 com sua amiga Joan, mãe de Magda. Quando crianças, Magda e minha mãe trocavam cartas. Sempre moraram em países diferentes, mas continuaram sendo grandes amigas, mesmo nunca tendo se encontrado.

— Nunca?

— Não, mas minha mãe gostaria de conhecer Magda, um dia.

— Dois paninis de queijo e presunto — diz a barista, interrompendo-os.

— Obrigado. — Maxim recebe a sacola. — Vamos. Você pode me contar mais no carro — diz ele a Alessia ao pegar seu café. — Traga sua bebida.

Alessia o segue para fora do Starbucks, mantendo-se sempre bem perto.

No carro, Maxim toma o espresso, apoia a embalagem vazia no compartimento para copos, e, retirando metade do panini da embalagem, dá uma mordida enorme.

O cheiro delicioso da comida toma conta do carro.

— Hummm — murmura Maxim com um prazer exagerado. Enquanto mastiga, olha de lado para Alessia.

Ela fita a boca dele e lambe os lábios.

— Quer um pouco? — oferece ele.

Ela faz que sim com a cabeça.

— Aqui, pode se servir.

Ele lhe entrega o segundo panini, e então dá partida com um sorriso convencido. Alessia permite-se uma mordidinha. Uma tira de queijo derretido gruda nos lábios dela. Ela a coloca na boca com os dedos e os lambe. Percebendo que está faminta, dá outra mordida. É delicioso.

— Melhor? — pergunta Maxim, a voz baixa.

Alessia sorri.

— Você é esperto como o lobo.

— Esperto é meu sobrenome — comenta ele, parecendo presunçoso, e Alessia não consegue não rir.

Caramba, que som maravilhoso é o riso dela.

No posto de gasolina, estaciono ao lado da bomba de alta octanagem.

— Vai ser rapidinho. Coma. — Sorrio e saio do carro.

Mas Alessia sai logo atrás de mim, segurando o panini, e vem para o meu lado, perto da bomba.

— Já está com saudade? — brinco, tentando deixar o clima mais leve.

Os lábios dela formam o que parece um sorriso, mas seus olhos esquadrinham tudo a nosso redor. Ela está apreensiva, e este lugar está deixando-a mais nervosa. Encho o tanque.

— É caro — exclama Alessia ao ver o preço.

— É, acho que sim. — E me dou conta de que nunca prestei muita atenção no preço do combustível. Nunca precisei. — Venha, vamos pagar.

Na fila para o caixa, Alessia fica ao meu lado, de vez em quando mordendo o panini e examinando as prateleiras com um olhar que parece de encanto.

— Você quer alguma coisa? Uma revista? Um salgado? Um doce? — ofereço.

Ela balança a cabeça.

— Tem tanta coisa pra comprar aqui.

Olho ao redor. Tudo me parece tão comum.

— Vocês não têm lojas na Albânia? — brinco.

Ela faz beicinho.

— Claro que temos. Em Kukës tem muitas lojas, mas não como essa.

— Ah, é?

— Essa é organizada e limpa. Muito arrumada. De um jeito patológico.

Rio.

— Um caso de organização patológica?

— Sim, o contrário de você.

Dou uma gargalhada.

— As lojas não são arrumadas na Albânia?

— Não em Kukës. Não assim.

No caixa, passo meu cartão de crédito na máquina, consciente de que ela está observando cada movimento meu.

— Seu cartão é mágico — diz Alessia.

— Mágico?

E preciso concordar com ela. De fato. Não fiz nada para ganhar o dinheiro que está pagando pelo combustível. Minha fortuna não passa de um acaso do destino.

— É — murmuro. — Mágico.

De volta ao carro, entramos e eu espero antes de dar partida.

— O que foi? — pergunta Alessia.

— Cinto de segurança.

— Eu me esqueço. É como fazer sim e não com a cabeça.

Como é que é?

— Na Albânia, mexemos a cabeça de um lado para o outro para dizer sim, e de cima para baixo para dizer não — explica ela.

— Uau. Isso deve ser confuso.

— O jeito de vocês é confuso. Magda e Michal tiveram que me ensinar.

Segurando a outra metade do meu panini, dou partida no carro e pego a estrada secundária para retornar à M5.

Então ela troca o sim pelo não? Será que devo reinterpretar as conversas que tivemos de acordo com essa nova informação?

— Aonde estamos indo? — pergunta Alessia olhando para a noite escura logo à frente.

— Minha família tem uma casa na Cornualha. Fica a mais três horas, mais ou menos.

— Fica longe.

— De Londres? Fica.

Ela dá um gole no chocolate quente.

— Fale sobre sua cidade — peço.

— Kukës? É uma cidade pequena. Não acontece nada de mais... É...

hum... qual é a palavra? Sozinha?

— Isolada?

— Isso. Isolada. E... rural. — Ela dá de ombros e parece relutante em me contar mais.

— A Cornualha é rural. Você vai ver. Mais cedo, você estava me contando sobre sua avó.

Ela sorri. Parece mais feliz em falar da avó. Foi isso que imaginei quando elaborei nosso plano de fuga essa tarde, uma conversa fácil e tranquila em que eu descobrisse mais sobre ela. Eu me encosto no banco e a encaro com expectativa.

— Minha avó e sua amiga Joan foram para a Albânia como missionárias.

— Missionárias? Na Europa?

— Sim. Os comunistas proibiram a religião. A Albânia foi a primeira nação atea.

— Ah. Eu não fazia ideia.

— Ela foi ajudar os católicos. Contrabandeava livros de Kosovo para a Albânia. Você sabe, Bíblias. O que ela fazia... era perigoso. Ela conheceu um albanês e... — Alessia faz uma pausa e sua expressão se torna mais suave.

— Eles se apaixonaram. E... como vocês dizem? O resto é história.

— Perigoso? — perguntei.

— Sim. Ela tinha muitas histórias de cabelos arrepiados.

— Cabelos arrepiados? — pergunto, sorrindo. — Acho que você quis dizer “de arrepiar os cabelos”.

Ela sorri.

— De arrepiar os cabelos.

— E a mãe da Magda?

— Ela se mudou para a Polônia como missionária e se casou com um polonês — diz ela, como se fosse óbvio. — Elas eram melhores amigas, e suas filhas viraram melhores amigas.

— E foi por isso que você foi para a casa dela quando fugiu.

— Sim. Ela tem sido uma grande amiga para mim.

— Fico feliz por você ter tido alguém.

E agora você tem a mim.

— Você quer a outra metade do seu panini?

— Não, obrigada.

— Pode dividir comigo?

Alessia me encara por um momento.

— Tudo bem — responde ela, e o pega no saco, oferecendo-o.

— Pode dar a primeira mordida.

Ela sorri e faz exatamente isso, em seguida o entrega a mim.

— Obrigado.

Dou um sorriso rápido. Estou aliviado por ela parecer mais feliz.

— Mais música?

Ela faz que sim enquanto mastiga.

— Você escolhe. É só apertar aquele botão e rolar as faixas.

Alessia olha para o painel com uma expressão concentrada e começa a explorar minhas playlists. Está completamente imersa na tarefa. Iluminado pela tela, seu rosto está sério e compenetrado.

— Não conheço nenhuma — murmura.

Devolvo-lhe o panini.

— Escolha uma.

Seus dedos tocam a tela, e sorrio ao ver o que ela escolheu.

Bhangra. Por que não?

Um homem começa a cantar *a cappella*.

— Que língua é essa? — pergunta Alessia, e dá outra mordida.

Um pedaço derretido de muçarela escapa pelo canto de sua boca. Com o dedo indicador, ela o coloca de volta na boca, chupando o dedo para limpar. Isso desperta meu corpo.

Aperto o volante com força.

— Punjabi, eu acho.

Começamos a ouvir o barulho da banda, e Alessia me devolve o panini. Ela se balança no banco acompanhando o ritmo.

— Nunca ouvi nada parecido com isso.

— Às vezes, uso isso como parte de um *set* quando trabalho como DJ. Quer mais? — pergunto, oferecendo o que sobrou da comida.

Ela balança a cabeça.

— Não, obrigada.

Enfio o restante na boca, satisfeito por ter conseguido fazer Alessia comer mais.

— DJ? — pergunta.

— Você sabe, desses que tocam na boate. Para as pessoas dançarem. Trabalho como DJ duas noites por mês em Hoxton.

Olho para Alessia, que me encara com uma expressão de quem não está entendendo.

Ela não faz a menor ideia do que estou falando.

— Certo, vou ter que te levar a uma boate.

Alessia ainda parece não compreender, mas continua batendo os pés segundo o ritmo. Balanço a cabeça. Quão protegida foi a criação dessa menina?

Considerando o que ela passou, não o bastante. Que tipo de horror ela foi obrigada a suportar? Minha mente mergulha num turbilhão, meus pensamentos me deixam deprimido.

Mas aí me lembro do desabafo dela no estacionamento.

Ela fugiu.

Fugiu!

“Eles queriam que a gente ficasse limpa... nosso preço ia ser mais alto.”

Respiro fundo.

Espero, pelo bem dela, que tenha conseguido evitar qualquer tipo de horror. Mas, por algum motivo, duvido. Só a viagem deve ter sido um pesadelo. Tento contemplar a magnitude do que ela passou e do que já alcançou. Ela fugiu. Encontrou um lugar para morar. Um emprego. E fugiu mais uma vez, essa tarde, do meu apartamento. Mesmo não tendo nada, ela é uma garota bastante engenhosa: criativa, talentosa, corajosa e linda. Meu peito, de repente, se enche de orgulho.

— Você é mesmo incrível, Alessia — sussurro, mas ela está perdida na música e não me ouve.

* * *

JÁ PASSA DA meia-noite quando entro no caminho de cascalho e estaciono em frente à garagem do Esconderijo, uma das casas de luxo da propriedade Trevethick. Não quero que Alessia fique intimidada com a Mansão Tresyllian — talvez em outro momento. A verdade é que a quero só para mim. Há muitos funcionários na casa principal, e ainda não pensei no que vou dizer sobre ela nem *para* ela a respeito da propriedade. Por enquanto, ela não sabe quem eu sou, o que tenho nem o que envolve a minha herança. E estou gostando disso... Estou gostando muito disso.

Alessia dorme no banco do carona. Deve estar exausta. Estudo seu rosto. Mesmo sob a luz dura da lâmpada de segurança da garagem, seus traços são leves e delicados em repouso.

Bela adormecida.

Eu poderia passar horas só olhando para ela. Alessia faz uma careta por um instante, e me pergunto com o que está sonhando.

Comigo?

Penso em levá-la no colo para dentro da casa, mas descarto a ideia. Os degraus da frente são íngremes e às vezes podem ficar escorregadios. Eu poderia acordá-la com um beijo. Ela deveria ser acordada com um beijo, como uma princesa. Estou sendo ridículo, e lembro que jurei não encostar nela.

— Alessia — sussurro. — Chegamos.

Abrindo os olhos, ela me fita sonolenta.

— Oi — diz.

— Oi, linda. Chegamos.

Capítulo Onze

Alessia pisca para espantar o sono e olha pelo para-brisa. Tudo o que vê é uma luz intensa sobre uma enorme porta de aço e uma porta de madeira menor ao lado. O resto está mergulhado na escuridão, embora ela esteja ouvindo um ruído baixo ao longe. Com o aquecedor desligado, o ar gelado do inverno invade o carro. Alessia estremece.

Ela está aqui. *Sozinha com ele.*

Ela lhe dirige um olhar preocupado. Sentada na escuridão com esse homem que mal conhece, questiona se tomou a decisão certa. As únicas pessoas que a viram partir com ele foram Magda e o segurança.

— Vamos — diz Maxim.

Ele vai até o porta-malas pegar as sacolas dela, seus sapatos esmagando o cascalho.

Tentando deixar de lado a preocupação, ela abre a porta do carro e pisa no cascalho.

Está frio do lado de fora. Ela puxa a parca para junto do corpo enquanto o vento congelante assobia em seus ouvidos. O ruído distante fica mais alto. Ela se pergunta o que é. Maxim coloca o braço em torno dela, parecendo querer protegê-la da baixa temperatura. Juntos, eles caminham até a porta de madeira cinzenta. Ele a destranca e faz Alessia entrar na frente. Ele aperta um interruptor na parte interna do pilar do portão, e luzinhas embutidas na lateral dos degraus de pedra iluminam o caminho que leva a um pátio.

— Por aqui — diz ele, e ela o segue pelos degraus íngremes.

Uma casa imponente de estilo contemporâneo, iluminada por lâmpadas instaladas no chão, surge diante deles. Alessia fica maravilhada com tanta modernidade — as paredes brancas com vidraças banhadas de luz. Maxim destranca a porta da frente e a conduz até o interior. Ele aperta mais um interruptor, e luminárias discretas revelam o espaço de alabastro.

— Pode me dar seu casaco — diz ele, e ela retira a parca.

Eles estão em um corredor aberto diante de uma cozinha cinza-chumbo estreita e impressionante, parte de um ambiente maior e espaçoso com piso de madeira. Nos fundos, há dois sofás turquesa com uma mesa de centro

entre eles, e logo depois uma prateleira cheia de livros.

Livros! Ela olha admirada para eles e repara em outra porta ao lado das prateleiras.

A casa é enorme.

A escada ao lado de Alessia fica atrás de uma vidraça. Os degraus de madeira parecem suspensos no ar, mas estão presos a um bloco maciço de concreto que percorre o centro da escada e se estende aos andares superiores e inferiores.

É a casa mais moderna em que ela já esteve. E, apesar de tudo, é aconchegante.

Alessia começa a desamarrar a bota, enquanto Maxim vai até a cozinha e apoia as sacolas dela e os casacos dos dois sobre a bancada. Ao descalçar as botas, fica surpresa com o calor do piso.

— Aqui estamos nós — diz ele, indicando o ambiente ao redor. — Bem-vinda ao Esconderijo.

— Esconderijo?

— É o nome desta casa.

Do outro lado da cozinha, fica a sala de estar, com uma mesa de jantar branca para doze pessoas e dois sofás grandes também brancos diante de uma elegante lareira de aço.

— Parece maior do que do lado de fora — diz Alessia, intimidada pela grandiosidade do lugar.

— Engana. Eu sei.

Quem limpa este lugar? Deve levar horas!

— E esta casa é sua?

— É. É uma casa que alugamos. Está tarde, e você deve estar exausta, mas gostaria de beber ou comer alguma coisa antes de ir dormir?

Alessia não saiu do lugar desde que entrou no corredor.

Ele também é dono desse lugar? Deve ser um compositor de muito sucesso.

Ela responde a oferta movendo a cabeça de cima para baixo.

— Você quer dizer sim? — pergunta ele com um sorriso.

Ela também sorri.

— Vinho? Cerveja? Algo mais forte? — oferece ele, e ela se aproxima.

De onde ela vem, as mulheres não costumam beber álcool, embora já tenha surrupiado um *raki* ou dois, mas só nos dois últimos anos, no ano-novo. Seu pai não aprova que ela beba.

Seu pai não aprova muitas coisas...

Sua avó já tinha dado vinho para ela. Mas Alessia não gostara.

— Cerveja — responde, porque só via homens bebendo cerveja, e para contrariar o pai.

— Boa escolha. — Maxim sorri, e tira da geladeira duas garrafas marrons. — *Pale ale*, pode ser?

Ela não sabe o que isso significa, então concorda com a cabeça.

— Copo? — pergunta ele ao abrir as duas garrafas.

— Sim. Por favor.

De outro armário, ele tira um copo grande e com habilidade esvazia uma das garrafas nele.

— Saúde — diz, e entrega a bebida a Alessia.

Ele dá uma batidinha no copo dela com a garrafa de cerveja que pegou para si e dá um gole generoso, os lábios em torno do gargalo. Ele fecha os olhos, saboreando, e, por algum motivo, ela sente que precisa desviar o olhar.

Os lábios dele.

— *Gëzuar* — sussurra ela.

Ele ergue as sobrancelhas, surpreso ao ouvi-la falando a língua nativa. É um brinde feito principalmente por homens, mas ele não sabe disso. Ela dá um gole, e o líquido gelado cor de âmbar desce por sua garganta.

— Hummm. — Ela fecha os olhos para apreciar e dá mais um gole, maior desta vez.

— Você está com fome? — A voz dele está rouca.

— Não.

A visão dela desfrutando do simples prazer de beber uma cerveja me anima. Mas agora, provavelmente pela primeira vez na vida, não tenho palavras. Não

sei o que ela espera. É estranho. Não temos nada em comum, e a intimidade que compartilhamos no carro parece ter desaparecido.

— Vamos, vou mostrar a casa para você.

Estendo a mão e a levo até a sala de estar.

— Sala de visitas. Hum... Ou sala de estar, acho. Foi tudo feito sem divisões.

Indico de forma geral todas as direções do ambiente.

Agora que entrou na sala, Alessia nota o piano vertical branco brilhando encostado na parede logo ao lado.

Um piano!

— Você pode tocar o quanto quiser enquanto estiver aqui — diz Maxim.

Seu coração dispara, e ela sorri com alegria quando ele solta sua mão. Ela ergue a tampa. Lê-se no interior:

KAWAI

Ela não reconhece o nome, mas não se importa. Aperta o dó médio, que ecoa num tom impecável pela sala espaçosa.

— *E përkryer* — comenta, ofegante.

Perfeito.

— A varanda é ali. — Maxim aponta para a vidraça na extremidade da sala. — Depois é o mar.

— O mar? — repete ela, virando rapidamente a cabeça para ele à espera de confirmação.

— Isso — responde ele, confuso e se divertindo com a reação dela.

Ela corre até a vidraça.

— Nunca vi o mar! — sussurra, estreitando os olhos na tentativa de enxergar em meio à escuridão nebulosa e comprimindo o nariz contra o vidro frio no desespero de conseguir enxergar algo. Para sua decepção, ela não encontra nada além da varanda, só o breu da noite.

— Nunca? — Maxim parece incrédulo ao se colocar ao lado dela.

— Nunca — responde.

Alessia observa as marcas deixadas por seu nariz e sua respiração na janela. Limpa aquilo com a manga da camisa.

— Vamos caminhar na praia amanhã — diz ele.

O sorriso de Alessia se transforma em um bocejo.

— Você está cansada. — Maxim dá uma olhada no relógio — É meia-noite e meia. Quer ir para a cama?

Alessia fica paralisada, olhando para ele enquanto seu coração acelera, e a pergunta fica em suspenso, cheia de possibilidades.

Para a cama? Sua cama?

— Vou mostrar seu quarto — murmura ele, mas nenhum dos dois sai do lugar.

Eles se encaram, e Alessia não consegue decidir se está aliviada ou decepcionada. Talvez, mais decepcionada do que aliviada.

— Você ficou séria — sussurra ele. — Por quê?

Ela continua muda, incapaz ou relutante em articular o que está pensando ou sentindo. Está curiosa. Ela gosta dele. Mas não sabe nada sobre sexo.

— Não — diz ele, como se estivesse falando consigo mesmo. — Vamos, eu levo você até lá.

Ele pega as sacolas de plástico na bancada da cozinha, e Alessia o segue escada acima. No topo dos degraus, há um patamar bem-iluminado com duas portas. Maxim abre a segunda e acende a luz.

O quarto cor de gelo é espaçoso e arejado, com uma cama king size encostada à parede mais afastada e uma janela grande em uma das laterais. A roupa de cama também é gelo, mas as várias almofadas sobre ela combinam com as cores da pintura de uma paisagem marítima e seus tons dramáticos pendurada sobre a cama.

Maxim convida Alessia a entrar no cômodo com um gesto da mão e deixa suas sacolas sobre um banco forrado com um tecido de bordados coloridos. Ao se aproximar da cama, a jovem observa seu reflexo na janela escura. Maxim se aproxima e fica parado às suas costas. Refletido no vidro, ele é alto, magro e mais do que bonito, enquanto ela parece apenas abatida e desarrumada. Eles são diferentes em todos os aspectos, e isso nunca havia ficado tão claro.

O que ele vê em mim? Sou só a faxineira.

Sua mente retorna à cunhada dele na cozinha do apartamento. Ela estava elegante e cheia de estilo, mesmo usando só uma camisa masculina. Alessia vira a cabeça para não se sentir mais ridicularizada pelo próprio reflexo, enquanto Maxim fecha a persiana e continua lhe mostrando o cômodo.

— Aquele é o banheiro da sua suíte — diz ele com delicadeza, apontando para a porta do banheiro e a afastando daqueles pensamentos tristes.

Meu próprio banheiro!

— Obrigada — diz ela, mas as palavras parecem longe de estar à altura da dívida que tem para com ele.

— Ei — diz ele, de pé à sua frente, os olhos vivos cheios de compaixão. — Eu sei que tudo aconteceu muito rápido, Alessia. E mal nos conhecemos. Mas eu não podia deixar você à mercê daqueles homens. Quero que entenda isso.

Ele pega uma mecha do cabelo de Alessia que se soltou da trança e a coloca carinhosamente atrás da orelha dela.

— Não se preocupe. Está segura aqui. Não vou tocar em você. A não ser que você queira.

Alessia sente de leve o cheiro dele, sempre-verde e sândalo. Ela fecha os olhos, tentando controlar as emoções.

— Esta é a casa de veraneio da minha família — continua ele. — Pense no tempo que vamos passar aqui como férias. Um lugar para pensar, refletir, para a gente se conhecer e se afastar de todas as coisas horríveis que aconteceram na sua vida.

Alessia sente um nó na garganta e morde o lábio superior.

Não chore. Não chore. Mos qaj.

— Meu quarto fica logo ao lado, caso você precise de alguma coisa. Mas agora está muito tarde, e nós dois precisamos dormir um pouco. — Ele dá um beijo carinhoso na testa dela. — Boa noite.

— Boa noite. — A voz dela sai rouca e quase inaudível.

Ele se vira e sai, e ela finalmente fica sozinha no quarto mais glorioso em que já foi convidada a dormir. Ela olha do quadro para a porta do banheiro e para a cama magnífica, e vai lentamente se deixando cair no chão. Abraçando o próprio corpo, Alessia começa a chorar.

Penduro a parca dela e a minha jaqueta no armário de casacos e pego minha cerveja na bancada da cozinha, dando um bom gole.

Que dia!

Aquele primeiro beijo tão doce — chego a gemer só de pensar —, aqueles filhos da mãe nos interrompendo, e depois o desaparecimento repentino dela e eu correndo feito um louco só para chegar àquele fim de mundo de West London.

E a confissão dela. *Vítima de tráfico sexual.*

Cacete — foi um choque e tanto.

E agora estamos aqui. Sozinhos.

Esfrego o rosto, tentando digerir tudo. Eu devia estar cansado depois de tanto tempo dirigindo e de todos os problemas e desafios do dia, mas estou agitado. Olhando para o teto, identifico o lugar onde Alessia deve estar no andar de cima, onde torço para que esteja dormindo tranquilamente. Ela é o verdadeiro motivo da minha inquietação. Precisei de todo o meu autocontrole para não a puxar para os meus braços e... E o quê? Mesmo depois de tudo o que ela me contou, não consigo me concentrar em nada acima da minha cintura. Pareço um maldito adolescente cheio de tesão.

Deixe a moça em paz.

Mas a verdade é que eu ainda a quero, e minhas bolas, que chegam a estar doloridas de tanta frustração, sabem bem disso.

Caramba. Depois de tudo que Alessia passou, ela merece um tempo.

Ela não precisa das minhas segundas intenções.

Precisa de um amigo.

Droga. Qual é o meu problema?

Pego minha cerveja e esvazio a garrafa, depois pego o copo de Alessia. Ela mal tocou na bebida. Dou um bom gole e passo a mão pelo cabelo. Sei muito bem qual é o meu problema.

Eu a quero. Muito.

Estou apaixonado.

Pronto, acabei de admitir para mim mesmo. Ela invadiu os meus pensamentos e os meus sonhos desde a primeira vez que a vi.

Eu estou louco por ela. Para cacete.

Mas, em todas as minhas fantasias, ela compartilha do mesmo desejo. Eu a quero, é verdade. Mas a quero toda molhada e me querendo — quero que ela sinta tesão por mim. Sei que eu poderia seduzi-la, mas neste momento, se ela dissesse sim, seria por todas as razões erradas.

Além disso, prometi que não a tocaria a não ser que ela quisesse.

Fecho os olhos.

Quando foi que eu ganhei uma consciência?

Lá no fundo, sei a resposta. A desigualdade entre nós é gritante.

Ela não tem nada.

Eu tenho tudo.

E se eu tirasse vantagem dela, o que isso faria de mim? Nem um pouco melhor do que aqueles filhos da mãe com sotaque do Leste Europeu. Eu a trouxe para a Cornualha porque quero protegê-la deles — e agora preciso protegê-la de mim mesmo.

Porra.

Estou em território inexplorado.

Enquanto termino de beber o resto da cerveja, me pergunto o que está acontecendo na Mansão. Decido que vou lá amanhã para descobrir, e também vou avisar a Oliver onde estou. Duvido que haja qualquer coisa urgente para resolver, e tenho certeza de que ele entrará em contato se houver. Posso trabalhar daqui. Estou com o celular, embora quisesse ter trazido o laptop.

Agora preciso dormir um pouco.

Deixando o copo vazio e a garrafa de cerveja na bancada, apago as luzes e subo as escadas. Paro em frente ao quarto dela e ouço.

Merda!

Ela está chorando.

Tive minha cota de mulheres chorando nas últimas quatro semanas: Maryanne, Caroline, Danny, Jessie. Uma imagem do corpo inerte de Kit me vem à mente, e meu próprio luto toma conta de mim, uma dor inflamada e inesperada.

Porra, Kit. Por quê?

De repente, sinto-me exausto. Penso em deixá-la chorando, mas hesito diante da porta enquanto o som perfura meu coração entristecido. Não posso deixar Alessia nesse estado. Com um suspiro, reúno forças e bato delicadamente na porta, entrando em seguida.

Ela está encolhida no chão, a cabeça nas mãos, no mesmo lugar onde a deixei. Sua tristeza é um reflexo da minha.

— Alessia. Ah, não — exclamo, puxando-a para mim. — Calma — murmuro, a voz embargada.

Sento-me na cama, aninhando-a no meu colo, e enterro o rosto em seu cabelo. Fechando os olhos, sinto seu perfume doce e a aperto, abraçando-a e embalando-a com carinho.

— Eu estou aqui — sussurro, apesar do nó na garganta.

Não pude proteger meu irmão dos demônios que o levaram a sair de moto numa noite gelada, mas posso ajudar essa menina linda, essa menina tão linda e corajosa. Ela para de soluçar, e apoia a mão aberta sobre meu coração acelerado, deixando-a ali não sei por quanto tempo. Por fim, fica quieta e relaxa encostada em mim.

Ela dormiu.

Nos meus braços.

Em segurança.

Que privilégio — abraçar uma bela adormecida.

Dou um beijo leve em sua cabeça e a coloco na cama, depois a cubro com a colcha. Sua trança serpenteia no travesseiro, e por um momento penso em soltá-la, mas ela balbucia alguma coisa ininteligível em seu idioma, e não quero acordá-la. Fico me perguntando mais uma vez se habito seus sonhos como ela habita os meus.

— Durma, linda — sussurro, e apago a luz antes de sair.

Fecho a porta com cuidado para que a claridade não a acorde, em seguida apago a luz do corredor e vou até o meu quarto, deixando a porta entreaberta.

Para o caso de ela precisar de mim...

Pressiono o botão para fechar a persiana eletrônica, que desce sobre as janelas francesas com vista para o mar. No closet, tiro as roupas, pego um pijama que Danny trouxe da casa principal e visto as calças. Em Londres, eu

raramente uso pijama, mas na Cornualha, com todos os funcionários presentes, não tenho opção. Deixando as roupas numa pilha no chão, vou para o quarto e me deito. Apago o abajur na mesa de cabeceira e fico olhando para a escuridão.

Amanhã será um dia melhor. Amanhã, terei a linda Alessia Demachi só para mim. Deitado na cama, começo a questionar se estou em meu juízo perfeito. Afastei Alessia de tudo o que ela conhece. Ela não tem nada, nenhum amigo, está completamente só. Bem, ela tem a mim, e por isso preciso me comportar.

— Você está virando um velho de coração mole — murmuro e caio num sono exausto e sem sonhos.

É o som estridente do grito dela que me acorda.

Capítulo Doze

Levo alguns segundos para me situar, e ela grita outra vez.

Merda.

Alessia.

Pulo da cama, com a adrenalina deixando todos os meus sentidos alertas. Acendo a luz do corredor e entro de uma vez no quarto dela. Alessia está sentada na cama. Ela vira abruptamente a cabeça diante do ruído e da luz, os olhos desesperados de terror.

Então abre a boca para gritar de novo.

— Alessia, sou eu, Maxim.

Suas palavras saem atropeladas:

— *Ndihmë. Errësirë. Shumë errësirë. Shumë errësirë!*

O quê?

Eu me sento ao seu lado na cama e ela se joga em cima de mim, quase me derrubando, e passa os braços ao redor do meu pescoço.

— Ei.

Eu a tranquilizo quando recupero o equilíbrio, e a abraço, acariciando seu cabelo.

— *Errësirë. Shumë errësirë. Shumë errësirë* — sussurra ela sem parar, agarrada a mim, tremendo como um potrinho recém-nascido.

— Inglês. Em inglês.

— O escuro — murmura no meu pescoço. — Odeio o escuro. É muito escuro aqui.

Ah, porra, ainda bem.

Eu já tinha imaginado diversos cenários de horror e estava pronto para lutar contra quantos monstros fosse necessário, mas relaxo diante de suas palavras. Mantendo um braço em volta dela, eu me debruço e acendo a luz da cabeceira.

— Melhor? — pergunto, mas ela não me solta. — Está tudo bem. Está

tudo bem. Eu estou aqui — repito várias vezes.

Passados alguns minutos, ela para de tremer e seu corpo relaxa. Ela recosta na cama e seus olhos encontram os meus.

— Me desculpe — sussurra ela.

— Shh. Não se preocupe. Estou aqui.

Alessia olha para o meu peito e um rubor lento colore suas bochechas.

— É, eu costumo dormir pelado. Considere-se sortuda por eu ter vestido uma calça — brinco.

A boca dela relaxa.

— Eu sei — diz, me olhando por baixo dos seus cílios compridos.

— Sabe?

— Sim. Você dorme pelado.

— Você já me viu?

— Já.

O sorriso dela é inesperado.

— Bem, não sei o que achar disso.

Fico satisfeito que o terror que Alessia sentiu no escuro tenha passado, mas ela continua olhando ao redor do cômodo com ansiedade.

— Desculpe. Não quis acordar você — diz ela. — Estava assustada.

— Foi um pesadelo?

Ela assente.

— E quando abro os olhos e está... está tão escuro... — Ela estremece.

— Não sabia se estava sonhando ou acordada.

— Acho que isso faria qualquer um gritar. Aqui não é como em Londres. Não tem poluição luminosa em Trevethick. O escuro aqui é... escuro.

— Sim. Como o... — Ela se interrompe e estremece com repugnância.

— Como o quê? — sussurro.

O humor e a provocação em seus olhos sumiram, substituídos por uma expressão atormentada e tensa. Virando o rosto, ela olha para o próprio colo.

Esfrego suas costas quando ela fica em silêncio.

— Me conte — peço.

— No... Como se diz? *Kamion*... Caminhão. No caminhão — continua ela, subitamente inspirada.

Engulo em seco.

— Caminhão?

— Sim. Que nos trouxe à Inglaterra. Era de metal. Como uma caixa. E escuro. E frio. E o cheiro...

É quase impossível ouvir o que ela diz.

— Cacete — digo baixinho e a abraço de novo.

Ela parece mais relutante em me abraçar desta vez, provavelmente porque estou sem camisa, mas não vou deixar que lide sozinha com esses pesadelos horrorosos. Em um movimento ágil, fico de pé, ainda a segurando contra o meu peito.

Ela prende a respiração, surpresa.

— Acho que é melhor você dormir comigo.

Sem aguardar a resposta, eu a levo até meu quarto, acendo as luzes e a faço sentar no chão ao lado do closet. Lá dentro, pego a camisa do pijama e entrego a ela. Aponto para o banheiro.

— Pode se trocar lá dentro. Você não deve estar confortável com essa calça jeans e esse casaco de escola.

Faço uma careta para o suéter de lã verde.

Ela pisca depressa.

Merda. Talvez eu tenha ido longe demais.

De repente, fico um pouco constrangido.

— A menos, é claro, que você prefira dormir sozinha.

— Eu nunca dormi com um homem — sussurra ela.

Ah.

— Não vou encostar em você. Vamos só dormir... Assim, da próxima vez que você gritar, vou estar ao seu lado.

É claro que eu gostaria de fazê-la gritar de outro jeito.

Alessia hesita, olhando da cama para mim, e seus lábios se comprimem

com o que acredito ser determinação.

— Quero dormir aqui com você — sussurra ela, marchando para dentro do banheiro, sem fechar a porta antes de encontrar o interruptor.

Aliviado, olho fixamente para a porta do banheiro.

Ela tem vinte e três anos e nunca dormiu com um homem?

Não vou pensar nisso agora. Já passa das três da manhã e estou cansado.

Alessia observa seu rosto pálido no espelho. No reflexo, vê olhos arregalados e com olheiras. Inspirando fundo, repele os resquícios do pesadelo: estava dentro do contêiner de novo, só que dessa vez sem as outras garotas.

Estava sozinha.

No escuro.

Com frio.

Com aquele cheiro.

Ela estremece e tira a roupa. Tinha se esquecido de onde estava até que *ele* apareceu.

Mister Maxim. Salvando-a outra vez.

Seu Skanderbeg... O herói da Albânia.

Já está virando um hábito.

E ela vai dormir com ele.

Ele vai manter seus pesadelos longe.

Se seu pai descobrisse, a mataria. E sua mãe... Ela visualiza a mãe desmaiando ao saber que Alessia está dormindo com um homem. Um homem que não é seu marido.

Não pense em papai e mamãe.

A querida mãe de Alessia a mandara para a Inglaterra achando que tinha salvado a filha.

Mas estava enganada. Muito enganada.

Ah, mamãe.

Por enquanto, ela está a salvo com Mister Maxim. Veste a camisa grande

demais do pijama. Desfaz a trança, sacode o cabelo, tenta domá-lo com os dedos, mas desiste. Reunindo as roupas debaixo do braço, ela abre a porta.

O quarto dele é maior e mais arejado que o outro. Também é cor de gelo, mas ali os móveis são de madeira polida, combinando com a cama antiga que domina o ambiente. Ele está de pé do outro lado da cama e seus olhos se arregalam quando a vê.

— Aí está você — diz, a voz rouca. — Estava começando a achar que ia ter que mandar uma equipe de busca.

Os olhos dela desviam dos olhos verdes impressionantes dele para a tatuagem no braço. Ela só tinha visto partes, mas agora, mesmo do outro lado do cômodo, consegue ver por inteiro.

Uma águia de duas cabeças.

Albânia.

— O que houve? — Ele segue o olhar dela e foca na tatuagem. — Ah, isso. Foi uma tolice da juventude.

Ele parece um pouco envergonhado e franze a testa, aparentemente intrigado com o interesse dela. Alessia não tira os olhos da tatuagem enquanto se aproxima dele. Maxim ergue o cotovelo para que ela possa ver melhor.

Desenhado em seu bíceps há um escudo preto com a imagem de uma águia de marfim com duas cabeças acima de cinco círculos amarelos que formam um V invertido. Alessia larga as roupas no banco ao pé da cama e ergue a mão para tocar o braço dele, olhando para Maxim como se pedisse permissão.

Prendo a respiração enquanto ela traça o desenho da tatuagem com o dedo, roçando minha pele, seu toque leve reverberando por todo o meu corpo, na direção da minha virilha, e eu reprimo um gemido.

— Esse é o símbolo do meu país — sussurra ela. — A águia de duas cabeças está na bandeira da Albânia.

Que coincidência!

Ranjo os dentes. Não sei quanto tempo consigo aguentar seu toque sem retribuir.

— Mas não esses círculos amarelos — acrescenta ela.

— Chamam-se besantes.

Minha voz sai muito rouca.

— Besante.

— Isso. Representa uma moeda.

— Essa palavra também existe em albanês. Por que você tem essa tatuagem? O que significa?

Olhos sedutores me observam.

O que posso falar?

É o brasão da minha família.

Não quero explicar a heráldica Trevelyan às três da manhã. E a verdade é que fiz a tatuagem para provocar minha mãe. Ela odeia tatuagens... Mas como poderia reclamar de uma com o brasão da família?

— Como eu disse, não passou de uma tolice da juventude. — Meus olhos desviam para os lábios dela. Engulo em seco. — Está tarde demais para conversar sobre isso. Vamos dormir.

Puxo a colcha da cama e dou um passo para o lado para que Alessia possa subir. Ao fazê-lo, ela revela as pernas esguias e compridas por baixo da camisa.

Que tortura!

— Que palavra é essa, “tolice”? — pergunta enquanto dou a volta na cama.

Está apoiada no cotovelo, seu cabelo escuro maravilhoso cai em ondas rebeldes sobre os ombros, por cima do contorno dos seios e pela cama. Está linda, e eu vou ter que manter as mãos longe do seu corpo.

— “Tolice”, nesse caso, significa uma ação insensata — explico, me juntando a ela na cama.

Quase rio da ironia da minha definição.

Se dormir ao lado dessa garota linda não é tolice, não sei o que é.

— Tolice — sussurra ela, deitando a cabeça no travesseiro.

Diminuo a luz da cabeceira para que haja um pequeno brilho no escuro, mas não a apago, caso Alessia acorde outra vez.

— Isso. Tolice. — Eu me deito e fecho os olhos. — Vá dormir.

— Boa noite — murmura ela com a voz suave e doce. — E obrigada.

Gemo. Vai ser uma tortura. Viro para o lado, para longe dela, e começo a contar carneirinhos.

*Estou deitado no gramado ao lado do grande muro de pedra que
cerca a horta da cozinha na Mansão Tresyllian.*

O sol do verão aquece minha pele.

*O aroma da lavanda que cerca o gramado e a fragrância doce das
rosas que sobem pelo muro flutuam ao meu redor.*

Estou aquecido.

Estou feliz.

Estou em casa.

Uma risada feminina chama minha atenção.

*Viro a cabeça, atraído pelo som, mas o sol me cega e só consigo ver
sua silhueta. O cabelo preto comprido voa com a brisa, e ela
está envolta em um uniforme azul translúcido, que ondula em
torno de seu corpo magro.*

Alessia.

*O aroma das flores se intensifica e eu fecho os olhos para sentir seu
perfume doce, inebriante.*

Quando os abro, ela sumiu.

* * *

ACORDO COM UM susto. A luz da manhã vaza pelas frestas entre as persianas. Alessia invadiu meu lado da cama e está aconchegada debaixo do meu braço, a mão em punho sobre meu abdômen, a cabeça no meu peito. A perna entrelaçada à minha.

Ela está quase em cima de mim.

E dorme profundamente.

Meu pau está muito desperto, duro como pedra.

— Ai, meu Deus — sussurro, e roço o nariz no cabelo dela.

Lavanda e rosas.

Inebriante.

Meu batimento cardíaco se acelera enquanto listo mentalmente todas as possibilidades da situação: Alessia nos meus braços. Pronta. Esperando. É tão tentador, ela está tão perto... perto demais. Se eu me virar de lado, ela vai ficar de costas e eu finalmente vou aninhá-la. Olho para o teto, torcendo para manter o controle. Sei que, se eu me mexer, ela vai acordar, então me torturo mais um pouco e fico parado, apreciando a doce agonia de tê-la quase em cima de mim. Pego uma mecha do seu cabelo entre os dedos e fico surpreso com a maciez. Ela se remexe, as mãos em punho se espalmam e seus dedos se esticam na minha barriga, tocando o começo dos meus pelos pubianos.

Cacete!

Estou muito duro e o que mais quero é agarrar a mão dela e colocar na minha ereção. Provavelmente vou explodir se fizer isso.

— Humm — geme ela.

Suas pálpebras se abrem e ela me olha com uma expressão sonhadora.

— Bom dia, Alessia.

Estou sem ar.

Ela arfa e se afasta para abrir um pouco de espaço entre nós dois.

— Eu estava gostando da sua visita ao meu lado da cama — provoco.

Ela puxa a coberta até o queixo, as bochechas coradas, o sorriso tímido.

— Bom dia — diz.

— Dormiu bem? — pergunto, me virando de lado, de frente para ela.

— Sim. Obrigada.

— Está com fome?

Sei que eu estou. Mas não de comida.

Ela assente.

— Isso quer dizer sim?

Ela parece intrigada.

— Ontem no carro você disse que na Albânia é o contrário.

— Você lembrou.

Ela parece surpresa e feliz.

— Lembro tudo que você diz.

Quero dizer que ela está linda esta manhã. Mas me contenho. Estou me comportando.

— Gostei de dormir com você — diz ela, me confundindo.

— Bom, somos dois.

— Não tive pesadelos.

— Que bom. Eu também não.

Ela ri, e eu tento me lembrar do sonho que me acordou. Só sei que ela estava nele. Como sempre.

— Sonhei com você.

— Eu?

— Sim.

— Tem certeza de que não foi um pesadelo? — provoca ela.

Sorrio.

— Absoluta.

Ela ri. Tem um sorriso encantador. Dentes brancos perfeitos. Lábios rosados e entreabertos, um possível convite.

— Você está muito atraente.

As palavras saem da minha boca em um momento de descuido. Seus olhos castanho-escuros se dilatam, me prendendo.

— Atraente?

Ela prende a respiração.

— É.

O silêncio entre nós se prolonga enquanto nos encaramos.

— Não sei o que fazer — sussurra ela.

Fecho os olhos e engulo em seco enquanto suas palavras da noite anterior ecoam na minha mente.

Eu nunca dormi com um homem.

— Você é virgem? — pergunto e abro os olhos para examinar seu rosto.

Ela cora.

— Sou.

A afirmação simples e direta é como um banho de água fria na minha libido. Só transei com uma virgem, e foi Caroline. Também era minha primeira vez, e foi um desastre que quase nos expulsou da escola. Depois disso, meu pai me levou para um bordel de luxo em Bloomsbury.

Se vai começar a trepar, Maxim, é melhor aprender.

Eu tinha quinze anos e Caroline partiu para outra...

Até a morte de Kit.

Putá merda.

Vinte e três anos e Alessia ainda é virgem? Claro que sim. O que eu esperava? Ela é diferente de todas as mulheres que já conheci. E está me encarando com esses olhos grandes repletos de expectativa. Questiono mais uma vez a maluquice de tê-la trazido aqui.

Ela franze a testa, a expressão cheia de ansiedade.

Merda.

Estendendo o braço, passo o polegar no lábio inferior dela, um pouco projetado para a frente. Ela inspira fundo.

— Quero você, Alessia. Muito. Mas quero que você me queira também. Acho que precisamos nos conhecer melhor antes de levar adiante o que quer que isso seja.

Pronto. Essa foi a resposta adulta. Certo?

— Está bem — sussurra ela, mas parece insegura e talvez um pouco decepcionada.

O que ela espera de mim?

Sei que preciso de um pouco de distância entre nós para pensar. Aqui, na minha cama, ela é uma distração, uma linda distração com lábios macios. Eu me sento e seguro o rosto dela entre as mãos.

— Vamos curtir as férias — murmuro e a beijo, saindo da cama.

Agora não é o momento.

Não é justo com ela.

E não é justo comigo.

— Está indo embora? — pergunta Alessia se sentando na cama.

O cabelo cai sobre ela como um véu. Seus olhos estão tomados de preocupação; sua aparência é naturalmente sensual, engolida pela camisa do meu pijama.

— Vou tomar banho e depois fazer café da manhã para nós.

— Você cozinha?

Rio do espanto dela.

— Cozinho. Quer dizer, sei preparar ovos com bacon.

Dou um sorriso acanhado e entro no banheiro.

* * *

DROGA.

Me aproveito de mim mesmo no banho mais uma vez.

A água escorre pelo meu corpo e, me apoiando com a mão espalmada no mármore, gozo rápido, pensando na mão dela na minha barriga e em volta do meu pau.

Uma virgem.

Por que estou dando tanta importância a isso? Pelo menos ela não foi violentada por aqueles babacas. A raiva sobe pela minha garganta quando penso naqueles homens a seguindo. Pelo menos está a salvo aqui na Cornualha. Já é alguma coisa.

Talvez ela seja religiosa. Disse que a avó era missionária e usa um crucifixo de ouro no pescoço. Ou talvez sexo antes do casamento seja um tabu na Albânia. Não faço ideia. Lavo o cabelo e o corpo com o sabonete que Danny deixou para mim.

Não era isso que eu tinha em mente quando a trouxe para cá. Sua inexperiência é um problema. Gosto de mulheres sexualmente aventureiras, que sabem o que estão fazendo, o que querem e que conhecem seus limites. Ser o primeiro homem de uma mulher é uma grande responsabilidade. Seco o cabelo com a toalha.

É um trabalho difícil, mas alguém tem que fazê-lo.

Por que não eu?

Olho para o cafajeste no espelho.

Cara. Cresça.

Talvez ela queira um relacionamento sério.

Já tive dois namoros longos, mas nenhum durou mais do que oito meses. Ou seja, não tão longos assim. Charlotte era socialmente ambiciosa e passou para os braços de um baronete de Essex. Arabella gostava demais de drogas para o meu gosto. Quer dizer, quem não gosta de cheirar uma carreira de vez em quando? Mas todo dia? Sem condições. Acho que agora está em outra clínica de reabilitação.

Um relacionamento com Alessia? O que isso implicaria?

Estou me precipitando aqui. Passando a toalha ao redor da cintura, volto para o quarto. Ela não está mais no cômodo.

Cacete. Meu coração se acelera.

Será que ela fugiu? De novo?

Bato na porta do quarto dela. Nada. Entro, então fico aliviado ao ouvir o chuveiro.

Pelo amor de Deus, controle-se.

Deixo-a e vou me vestir.

Alessia acha que nunca mais vai sair daquele banho. Em sua casa em Kukës, o chuveiro era rudimentar e era preciso passar o rodo no chão a cada uso. Na casa de Magda, o chuveiro ficava acima da banheira. Este aqui tem um espaço próprio fechado e a água quente sai da maior ducha que ela já viu. Ainda maior do que a do banheiro do apartamento do Mister Maxim. É maravilhoso e diferente de tudo que ela já experimentou. Ela lava o cabelo e raspa cuidadosamente o corpo com a lâmina descartável que Magda lhe deu.

Esfrega-se com o sabão líquido que trouxe de casa. Sua mão ensaboada passa pelos seios e ela fecha os olhos.

Quero você, Alessia. Muito.

Ele a quer.

Sua mão desce.

Em sua imaginação, é a mão *dele* em seu corpo. Tocando-a. De um jeito íntimo.

Ela também o deseja.

Lembra-se de ter acordado nos braços do Mister sentido o calor e a força do corpo dele em sua pele. Sente um frio na barriga com a lembrança enquanto sua mão se move. Mais rápido. Mais rápido. E mais rápido. Ela se apoia nos azulejos aquecidos. E ergue a cabeça. Sua boca se abre e ela inspira fundo.

Maxim.

Maxim.

Ah.

Seus músculos lá de dentro se tensionam quando ela goza.

Abre os olhos, arfando.

É isso que ela quer... não é?

Será que pode confiar nele?

Sim.

Ele não fez nada que traísse sua confiança. Na noite anterior, a protegeu dos pesadelos, foi gentil e delicado. Deixou que ela dormisse com ele para que não tivesse mais medo.

Ela se sente segura com ele.

Há muito tempo não se sentia assim. É uma sensação nova, por mais que ela saiba que Dante e Ylli ainda estão atrás dela.

Não. Não pense neles.

Ela gostaria de saber mais sobre homens. Homens e mulheres em Kukës não interagem como na Inglaterra. Em seu país, os homens interagem com homens, e as mulheres, com mulheres. Sempre foi assim. Como não tem irmãos e sempre era separada dos primos em eventos sociais, sua experiência se limita aos poucos alunos que conheceu na universidade e ao pai, claro.

Alessia passa as mãos pelo cabelo.

Mister Maxim é diferente de todos os homens que já conheceu.

Com a água caindo no rosto, ela decide parar de pensar em problemas. Hoje, como Maxim disse, estão de férias. Suas primeiras férias.

Envolvendo o cabelo com uma toalha e o corpo com outra, ela entra no quarto. Uma batida rítmica vem lá de baixo. Ela ouve. A música parece contrastar com o que ela sabe a respeito dele. Suas composições passam a ideia de um homem mais introspectivo e calmo do que aquela música aos

berros.

Ela espalha as roupas pela cama. Todas, à exceção da calça jeans e do sutiã, foram dadas por Magda e Michal. Ela franze a testa, desejando ter algo mais atraente para usar. Veste uma blusa bege de manga comprida e a calça. É um pouco sem graça, mas vai ter que servir. É o que ela tem.

Alessia seca o cabelo com a tolha, depois o penteia e deixa solto, então desce a escada. Pela parede de vidro que cerca a escadaria, observa Maxim na cozinha. Está diante do fogão com um casaco cinza-claro, calça jeans preta rasgada e um pano de prato no ombro. Está fritando bacon — o cheiro é delicioso — e dançando ao ritmo da música que ecoa pelo cômodo. Alessia não consegue conter o sorriso. Enquanto faxinava o apartamento dele, ela nunca encontrou qualquer indício de que o Mister soubesse cozinhar.

De onde ela vem, os homens não cozinham.

Nem dançam enquanto cozinham.

Os ombros amplos contraídos, o quadril pequeno se mexendo e os pés descalços batendo no chão ao ritmo da música são fascinantes. Ela sente uma tensão deliciosa na barriga. Ele passa os dedos pelo cabelo úmido, então vira o bacon. Ela fica com água na boca.

Humm... o cheiro.

Humm... a visão dele.

Ele se vira de repente e seu rosto se ilumina quando a vê na escada. Seu sorriso enorme é igual ao dela.

— Um ovo ou dois? — grita ele acima da música.

— Um — diz ela, descendo a escada até o cômodo grande.

Ela dá meia-volta e fica sem ar ao olhar pelas janelas que vão do chão ao teto.

O mar!

— *Deti! Deti!* O mar! — grita, correndo até as portas de vidro que dão para a varanda.

Diminuo o fogo e corro até as portas da varanda para me juntar a Alessia, que está pulando de um pé para o outro, incandescente de empolgação.

— Podemos ir até o mar?

Ela pula para cima e para baixo feito uma criança, os olhos cheios de alegria.

— Claro. Aqui.

Destravo a porta da varanda e a puxo para a gente sair. Uma lufada de vento glacial nos pega de surpresa. Está muito frio, mas ela sai correndo, sem se importar com o cabelo molhado, os pés descalços ou a blusa fina.

Essa mulher não tem nenhuma roupa decente?

Pego o cobertor cinza jogado no sofá e vou atrás dela. Passo os braços e o cobertor ao redor do seu corpo, abraçando-a enquanto ela admira a vista. Seu rosto está iluminado, maravilhado.

O Esconderijo e nossas três outras casas de veraneio foram construídos sobre um promontório rochoso. Uma pequena trilha sinuosa no fim do jardim leva até a praia lá embaixo. O dia está claro e sem nuvens. O sol brilha, mas está muito frio e o vento uiva. O mar tem um tom gelado de azul, salpicado de espuma branca, e escutamos as ondas quebrando nos penhascos de cada lado da enseada. Há um cheiro fresco e salgado no ar. Alessia se volta para mim com uma expressão de encanto absoluto.

— Ande, vamos comer. — Eu me lembro do café da manhã no fogo. — Você vai ficar doente aqui fora. Vamos até a praia depois do café.

Voltamos para dentro e eu fecho a porta.

— Só falta fazer os ovos! — grito mais alto que a música.

— Vou ajudar! — grita de volta Alessia, me seguindo até a cozinha, ainda envolta no cobertor.

Diminuo o volume do Sonos pelo aplicativo no celular.

— Assim é melhor.

— Música interessante — diz Alessia com um tom que insinua que talvez não seja seu estilo.

— É *house* coreana. Toco algumas dessas músicas quando trabalho como DJ. — Tiro os ovos da geladeira. — Dois ovos?

— Não, um.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Ok. Só um. Vou comer dois. Pode fazer as torradas. O pão está na

geladeira e a torradeira, logo ali.

Trabalhamos juntos na cozinha, e tenho mais uma chance de observá-la. Com os dedos compridos e hábeis, ela pega os pães na torradeira e passa manteiga em cada fatia.

— Pronto.

Pego dois pratos na gaveta de aquecimento e coloco-os na bancada, prontos para receber as torradas.

Ela sorri e eu sirvo o resto do nosso café da manhã.

— Não sei você, mas eu estou morrendo de fome.

Largo a frigideira na pia, pego os dois pratos e a acompanho até a mesa de jantar, onde arrumei dois lugares.

Alessia parece impressionada.

Por que isso me dá a sensação de ter finalmente conquistado algo?

— Sente-se aqui. Assim pode apreciar a vista.

— Como estava? — pergunta Maxim.

Os dois estão sentados à grande mesa de jantar, Alessia na cabeceira, onde nunca tinha se sentado, apreciando a vista do mar.

— Delicioso. Você é um homem de muitos talentos.

— Você nem imagina... — diz ele secamente, a voz um pouco rouca.

E por algum motivo seu tom de voz e a maneira como ele a olha fazem com que Alessia fique sem ar.

— Ainda quer dar uma volta?

— Quero.

— Está bem.

Pegando o celular, ele disca um número. Alessia se pergunta para quem está ligando.

— Danny — diz ele. — Não. Estamos bem. Pode trazer um secador de cabelo para cá... Ah, já tem? Ok. Então preciso de um par de galochas ou botas de caminhada... — Ele olha para o rosto de Alessia. — Qual tamanho? — pergunta.

Ela não tem ideia do que ele está falando.

— Quanto você calça? — explica ele.

— Trinta e oito.

— Isso é, hum... tamanho cinco, e meias, se tiver alguma. Sim. Para uma mulher... Não importa. E um casaco quente decente... Sim. Para uma mulher... Magra. Pequena. O mais rápido possível. — Ele ouve por um instante. — Fantástico — diz, e desliga.

— Eu tenho casaco.

— Mas não vai esquentar você direito. E não sei como é o esquema das meias na Albânia, mas está frio lá fora.

Ela fica sem graça. Só tem dois pares de meias porque não pode comprar mais — e não podia pedir outro para a Magda. Ela já tinha feito muito.

Dante e Ylli confiscaram a bagagem de Alessia, e quando ela chegou em Brentford, Magda queimou a maioria das roupas que vinha usando. Não tinham mais condições de serem usadas.

— Quem é Danny?

— Ela mora aqui perto — responde Maxim, voltando a atenção para os pratos vazios e ficando de pé para tirar a mesa.

— Pode deixar — diz ela, chocada que ele esteja fazendo aquilo. — Vou lavar os pratos também.

Ela pega os pratos da mão dele e os coloca na pia.

— Não. Eu vou fazer. Deve ter um secador de cabelo na cômoda, dentro do armário do seu quarto. Vá secar o cabelo.

— Mas...

Claro que ele não vai lavar a louça! Nenhum homem faz isso!

— Sem “mas”. Eu vou arrumar. Você já cuidou da minha bagunça muitas vezes.

— Mas é meu trabalho.

— Hoje, não. Você é minha convidada. Vá. — Articula cada palavra. Seu tom é ríspido. Um arrepio de apreensão percorre suas costas. — Por favor — acrescenta ele.

— Está bem — sussurra Alessia e corre para fora da cozinha, confusa e

sem saber se ele está bravo com ela.

Por favor, não fique bravo.

— Alessia — chama ele.

Ela para diante da escada e olha para os próprios pés.

— Você está bem?

Ela faz que sim, então sobe correndo.

Que porra foi essa?

O que eu disse? Observo a silhueta dela se afastando e reparo que evita me encarar de propósito.

Merda.

Eu a magoei, mas não sei como nem por quê. Fico tentado a ir atrás dela, mas decido não fazer isso e começo a encher a lava-louça e a limpar a cozinha.

Vinte minutos depois, enquanto estou guardando a frigideira, o interfone toca.

Danny.

Olho para o alto da escada, torcendo para que Alessia apareça, mas não há sinal dela. Aperto o botão para liberar a entrada de Danny e desligo a música, sabendo que ela não vai aprovar.

O ruído agudo do secador ecoa em seus ouvidos enquanto Alessia penteia o cabelo sob o vento quente. A cada escovada, seu batimento cardíaco se acalma mais um pouco.

Ele falou igualzinho ao pai dela.

E ela reagiu como sempre fazia com o pai, saindo de perto. Baba nunca a perdoara, nem à sua mãe, pelo fato de a única filha ser menina. Mas era sua pobre mãe quem suportava o peso da raiva dele.

Mas Mister Maxim não tem nada a ver com seu pai.

Nada.

Ela termina de secar o cabelo e sabe que o único jeito de se recompor e esquecer a família por um tempo é tocar piano. Música é sua fuga. Sempre foi sua única fuga.

Quando ela desce, Mister Maxim sumiu. Ela se pergunta para onde ele foi, mas seus dedos anseiam por tocar. Senta-se diante do pequeno piano vertical branco, abre o tampo e, sem preâmbulos, começa o “Prelúdio em Dó Menor”, de Bach. A música brilha pelo cômodo em tons de laranja e vermelho, afastando qualquer pensamento sobre seu pai e libertando-a.

Quando ela abre os olhos, vê que Maxim estava observando.

— Foi incrível — sussurra ele.

— Obrigada.

Ele dá mais um passo na direção de Alessia e acaricia seu rosto com as costas dos dedos, então ergue o queixo dela, fazendo-a se perder naquele olhar magnético. Os olhos de Maxim têm uma cor espetacular. De perto, ela percebe que o contorno das íris é de um verde mais escuro — da cor de um pinheiro de Kukës —, enquanto, perto da pupila dilatada, o tom é mais claro, como uma samambaia na primavera. Quando ele se inclina, ela acha que vai beijá-la. Mas não o faz.

— Não sei o que fiz para magoar você — diz ele.

Ela leva os dedos à boca dele, silenciando-o.

— Você não fez nada de errado — sussurra.

Os lábios dele se comprimem para dar um beijo em seus dedos, e ela puxa a mão.

— Bem, se fiz, me desculpe. Quer dar aquela voltinha na praia agora?

Alessia sorri.

— Sim.

— Está bem. Vai ter que se agasalhar bem.

Alessia está impaciente. Praticamente me puxa pelo caminho de pedra. Descemos até a praia e ela não consegue mais se controlar. Solta minha mão e corre em direção ao mar bravo, derrubando o gorro e deixando o cabelo voar ao vento.

— O mar, o mar! — grita ela e rodopia com os braços abertos.

Sua irritação de antes é esquecida, seu sorriso está enorme e o rosto, iluminado de alegria. Caminho pela areia grossa e pego o gorro de lã caído.

— O mar! — grita de novo, mais alto que o rugido da água, gesticulando loucamente, os braços parecendo um moinho agitado, recebendo cada onda que quebra na beira da praia.

É impossível não sorrir. Seu entusiasmo descontrolado por esse evento inédito é envolvente e emocionante demais. Sorrio enquanto ela dá gritinhos e dança pulando para trás, evitando as ondas grandes que estouram.

Está ridícula, com galochas e um casaco enorme. Seu rosto está corado, seu nariz, cor-de-rosa, e ela está absolutamente deslumbrante. Meu coração fica apertado.

Ela corre na minha direção com uma inocência infantil e segura minha mão.

— O mar! — grita de novo, e me arrasta em direção às ondas.

Eu vou de bom grado, entregando-me à sua alegria.

Capítulo Treze

Eles caminham de mãos dadas pela orla e param diante de uma ruína antiga.

— Que lugar é esse? — pergunta Alessia.

— É uma mina de estanho abandonada.

Alessia e Maxim se apoiam na chaminé, observando o mar agitado coberto de espuma branca enquanto o vento frio assobia.

— É tão lindo aqui — diz ela. — É selvagem. Lembra meu país.

Só que sou mais feliz aqui. Me sinto... segura.

E isso só porque estou com Mister Maxim.

— Também amo esse lugar. Foi aqui que eu cresci.

— Na casa onde estamos?

Ele desvia o olhar.

— Não. Essa meu irmão construiu recentemente.

A boca de Maxim se curva para baixo e ele parece perdido.

— Você tem irmão?

— Tinha — sussurra ele. — Ele morreu.

Ele enfia as mãos no fundo dos bolsos do casaco e olha para o mar com uma expressão sombria, dura como pedra.

— Sinto muito — diz ela, e, pela expressão sofrida e sincera dele, suspeita que a morte do irmão seja recente. Ela pousa a mão no braço dele. — Sente falta dele?

— Sinto — sussurra Maxim, virando o rosto para ela. — Muita. Eu o amava.

Ela fica surpresa com a honestidade.

— Tem mais família?

— Uma irmã. Maryanne. — Seu sorriso carinhoso é breve. — E minha mãe também. — O tom de voz fica evasivo.

— Seu pai?

— Meu pai morreu quando eu tinha dezesseis anos.

— Ah. Sinto muito. Sua irmã e sua mãe moram aqui?

— Já moraram. Às vezes vêm visitar — responde ele. — Maryanne trabalha e mora em Londres. É médica.

Ele dá um sorriso orgulhoso.

— *Ua*. — Alessia fica impressionada. — E sua mãe?

— Fica mais em Nova York.

Sua resposta é seca. Não quer falar sobre a mãe.

E ela não quer falar sobre o pai.

— Tem minas perto de Kukës — diz, para mudar de assunto, e olha para a chaminé de pedra cinza.

Parece a da estrada para Kosovo.

— É mesmo?

— Aham.

— De quê?

— *Krom*. Não sei a *palavra*.

— Cromo?

Ela dá de ombros.

— Não sei o inglês.

— Acho melhor eu investir em um dicionário inglês-albanês — murmura Maxim. — Venha, vamos até o vilarejo. Podemos almoçar por lá.

— Vilarejo?

Alessia não viu qualquer sinal de casas durante a caminhada.

— Trevethick. É um vilarejo logo depois da colina. Popular entre os turistas.

Alessia acompanha o passo dele.

— As fotos no seu apartamento são daqui? — pergunta ela.

— As paisagens? Sim. São daqui, sim — responde Maxim com um sorriso. — Você é muito observadora — acrescenta.

E, a julgar por suas sobrancelhas erguidas, Alessia percebe que ficou

impressionado. Ela dá um sorriso tímido e ele segura sua mão enluvada.

Eles saem da trilha e seguem por uma via estreita demais para ter calçada. As sebes dos dois lados são altas, mas afastadas da estrada. Os espinheiros e arbustos sem folhas são organizados e aparados, e estão cobertos aqui e ali por montinhos de neve. Eles descem e viram em uma curva fechada, então o vilarejo de Trevethick surge no fim do caminho. As casas de pedra caiada são muito diferentes de tudo que Alessia já viu. Parecem pequenas e antigas, mas ainda assim charmosas. O lugar é pitoresco — imaculado —, sem qualquer lixo. De onde ela vem, há lixo e dejetos de obras nas ruas, e a maioria dos prédios é feita de concreto.

Na orla, dois cais de pedra se estendem para abraçar o porto, onde três barcos de pesca grandes estão ancorados. Perto da orla há alguns estabelecimentos: duas butikues, uma loja de conveniência, uma pequena galeria de arte e dois pubs. Um se chama Watering Hole e o outro, The Two-Headed Eagle. Um letreiro pendurado do lado de fora mostra o escudo que Alessia reconhece.

— Olhe! — Ela aponta para o emblema. — Sua tatuagem.

Maxim dá uma piscadela.

— Está com fome?

— Estou — responde ela. — Foi uma caminhada longa.

— Bom dia, milorde.

Um idoso com cachecol preto, casaco de forro verde e boina está saindo do Two-Headed Eagle. É seguido por um cachorro desgrehado de raça indeterminada com um casaquinho vermelho e o nome BORIS bordado em dourado nas costas.

— Padre Trewin.

Maxim aperta a mão dele.

— Como vai, meu jovem?

Ele dá tapinhas no braço de Maxim.

— Bem, obrigado.

— Fico feliz em saber. E quem é essa bela moça?

— Padre Trewin, nosso vigário, essa é Alessia Demachi, minha... amiga, que veio do exterior para nos visitar.

— Boa tarde, querida — diz Trewin estendendo a mão.

— Boa tarde — responde ela, apertando a mão dele, surpresa e satisfeita por ele falar com ela diretamente.

— O que está achando da Cornualha?

— É muito agradável por aqui.

Trewin dá um sorriso bondoso e volta-se para Maxim.

— Ver você na missa amanhã é pedir demais, certo?

— Quem sabe, padre...

— Temos que dar o exemplo, meu filho. Lembre-se disso.

— Eu sei. Eu sei — diz Maxim, resignado.

— Está frio, hein? — o padre Trewin muda de assunto.

— Está sim.

Trewin assobia para Boris, que está sentado pacientemente, aguardando o fim das gentilezas.

— Caso tenha esquecido, a missa começa às dez.

Ele cumprimenta os dois com um movimento de cabeça e segue pela estrada.

— Vigário quer dizer padre, não é? — pergunta Alessia enquanto Maxim abre a porta do pub e a acompanha para dentro do local aquecido.

— Isso. Você é religiosa? — pergunta ele, surpreendendo-a.

— N...

— Boa tarde, milorde — diz um homem grande de cabelo ruivo e pele branca, interrompendo a conversa.

Ele está atrás de um bar impressionante, repleto de jarros decorativos e copos grandes pendurados. Há uma lareira acesa na outra extremidade do salão e vários bancos altos de cada lado de uma fileira de mesas, ocupados por homens e mulheres que podem tanto ser locais ou turistas, Alessia não sabe. No teto estão penduradas cordas, redes e equipamentos de pesca. O ambiente é caloroso e simpático. Há inclusive um casal se beijando no fundo. Constrangida, Alessia desvia os olhos e se aproxima dele.

— Oi, Jago — digo ao barman. — Tem mesa para dois, para o almoço?

— Megan vai acomodar vocês. — Jago aponta para um canto.

— Megan?

Merda.

— É, ela trabalha aqui agora.

Cacete.

Olho de esguelha para Alessia e ela parece intrigada.

— Tem certeza de que está com fome?

— Sim — responde Alessia.

— Cerveja Doom Bar? — pergunta Jago, olhando com uma apreciação descarada para Alessia.

— Sim, por favor.

Tento não o fuzilar com o olhar.

— E para a senhorita?

A voz de Jago fica suave, seus olhos ainda focados em Alessia.

— O que você quer beber? — pergunto.

Ela tira o gorro, soltando o cabelo. Suas bochechas estão coradas de frio.

— A cerveja que tomei ontem — diz ela.

Com os cachos escuros e soltos chegando quase à cintura, os olhos brilhantes e o sorriso radiante, ela é uma beldade. Estou seduzido. Total e completamente. Não posso culpar Jago por encará-la.

— Meia cerveja para a madame — digo sem olhar para ele.

— O que houve? — pergunta Alessia, começando a abrir o zíper do casaco forrado de Maryanne.

Então percebo que estava olhando fixamente para ela. Balanço a cabeça e ela dá um sorriso tímido.

— Oi, Maxim. Ou será que devo dizer “milorde” agora?

Merda.

Dou meia-volta e vejo Megan na minha frente, a expressão tão sombria quanto suas roupas.

— Mesa para dois? — diz ela, com um tom de voz e um sorriso falsos.

— Sim, por favor. Tudo bem?

— Tudo — dispara ela, e sinto um aperto no peito, a voz do meu pai ecoando na minha mente.

Não transe com as garotas locais, menino.

Dou um passo para o lado para que Alessia passe na frente e seguimos os passos pesados de Megan. Ela nos leva a uma mesa no canto, ao lado de uma janela com vista para o cais. É a melhor mesa do lugar. Já é alguma coisa.

— Está bom para você? — pergunto a Alessia, ignorando Megan de propósito.

— Sim. Está — responde ela, com uma expressão confusa diante do mau humor de Megan.

Puxo uma cadeira e ela se senta. Jago chega com nossas bebidas e Megan se afasta, imagino que para buscar os cardápios... ou um bastão de críquete.

— Saúde — digo, erguendo o copo.

— Saúde — responde Alessia. Após alguns goles, acrescenta: — Acho que Megan não está muito feliz com você.

— É, também acho. — Dou de ombros, ignorando o assunto. Não estou com a menor vontade de conversar com Alessia sobre Megan. — Enfim, o que você estava dizendo sobre religião?

Ela me olha desconfiada, como que avaliando a situação com Megan, então continua:

— Os comunistas baniram a religião no meu país.

— Você mencionou isso no carro ontem.

— Sim.

— Mas você usa um crucifixo de ouro.

— Cardápios — interrompe Megan, nos entregando dois cartões laminados. — Vou voltar para anotar os pedidos em um instante.

Ela dá meia-volta abruptamente e dirige-se para o bar. Eu a ignoro.

— O que você estava dizendo?

Alessia observa a saída de Megan com um olhar desconfiado, mas não comenta nada. Continua:

— Era da minha avó. Ela era católica. Costumava rezar escondida.

Alessia acaricia o crucifixo de ouro.

— Então não existe religião no seu país?

— Agora existe. Desde que nos tornamos uma república, quando os comunistas caíram, mas na Albânia não é muito importante.

— Ah, achei que religião significasse muito nos Bálcãs.

— Não na Albânia. Somos um... Como é mesmo que se diz? Estado laico. Religião é muito pessoal. Sabe, só entre a pessoa e seu Deus. Lá em casa somos católicos. A maioria das pessoas na minha cidade é muçulmana. Mas não damos muita importância — responde ela, me questionando com o olhar. — E você?

— Eu? Bem, teoricamente faço parte da Igreja Anglicana. Mas não sou nada religioso.

As palavras do padre Trewin ecoam na minha mente.

Temos que dar o exemplo, meu filho.

Putá merda.

Talvez eu devesse ir mesmo à igreja amanhã. Kit sempre comparecia pelo menos um ou dois domingos ao mês quando estava aqui.

Já eu, nem perto disso.

É mais uma maldita responsabilidade que tenho agora.

— E os ingleses são como você? — pergunta Alessia, me trazendo de volta à conversa.

— Quanto a religião? Alguns, sim. Outros, não. O Reino Unido é multicultural.

— Isso eu sei — diz ela, sorrindo. — Quando eu viajo de trem por Londres, ouço muitas línguas.

— Você gosta? De Londres?

— É barulhento, cheio e muito caro. Mas é empolgante. Eu nunca tinha ido a uma cidade grande.

— Nem mesmo Tirana?

Graças à minha educação elitista, sei qual é a capital da Albânia.

— Não. Nunca viajei. Nunca tinha visto o mar até você me trazer aqui.

Ela olha melancolicamente pela janela e me dá a oportunidade de examinar seu perfil: cílios compridos, nariz arrebitado, lábios carnudos. Eu me remexo no banco, o sangue fervendo.

Calma.

Megan surge com o rosto sério e raivoso, o cabelo para trás, e meu problema desaparece.

Nossa, ela ainda está chateada. Foi um verão sete anos atrás. Só um verão, porra.

— Estão prontos para fazer os pedidos? — pergunta ela, me fuzilando com o olhar. — O peixe do dia é bacalhau.

Ela faz aquilo soar como um insulto.

Alessia franze a testa e olha rapidamente para o cardápio.

— Vou querer a torta de peixe, por favor — peço, e, irritado, inclino a cabeça, desafiando Megan a dizer alguma coisa.

— Para mim também — completa Alessia.

— Duas tortas de peixe. Vinho?

— Estou bem com a cerveja. Alessia?

Megan se volta para a linda Alessia Demachi.

— E você? — pergunta com rispidez.

— Cerveja está bom para mim também.

— Obrigado, Megan — resmungo, em tom de advertência, e ela me encara. *Provavelmente vai cuspir na minha comida... ou, pior, na de Alessia.*

— Merda — xingo baixinho enquanto a observo voltar para a cozinha batendo os pés. Alessia examina minha reação. — É uma história de anos atrás — explico, puxando a gola do casaco, constrangido.

— Que história?

— Entre mim e Megan.

— Ah — diz Alessia, com um tom inexpressivo.

— É coisa do passado. Mas e a sua família? Você tem irmãos? — pergunto, desesperado para mudar de assunto.

— Não — diz ela de forma seca, e é óbvio que ainda está pensando em mim e Megan.

— Pais?

— Tenho pai e mãe. Como todo mundo.

Ela ergue uma das suas lindas sobancelhas.

Ah. A deliciosa Demachi também sabe se defender.

— E como eles são? — pergunto, contendo um risinho.

— Minha mãe é... corajosa. — Sua voz fica baixa e melancólica.

— Corajosa?

— Sim.

Sua expressão fica sombria e ela olha pela janela mais uma vez.

Certo. Esse assunto é obviamente proibido.

— E o seu pai?

Ela balança a cabeça e dá de ombros.

— É um homem albanês.

— E o que isso significa?

— Bem, meu pai é antiquado, e eu não... Como se diz? Não me vou bem com ele.

Sua expressão murcha de leve, me informando que isso também é assunto proibido.

— “Me dou bem” — corrijo. — Me conte sobre a Albânia, então.

O rosto dela se ilumina.

— O que quer saber?

Ela me olha sob os cílios compridos e escuros e minha calça fica apertada entre as pernas mais uma vez.

— Tudo — sussurro.

Eu a observo e a escuto, fascinado. É fervorosa e eloquente e pinta um nítido retrato do país que é seu lar. Ela me conta que a Albânia é um lugar especial em que a família está no centro de tudo. É um país muito antigo, influenciado ao longo dos séculos por várias culturas com ideologias diferentes. Explica que o país faz fronteira tanto com o Ocidente quanto com o Oriente, mas que tem se inspirado cada vez mais na Europa. Tem orgulho da sua cidade natal. Kukës é um vilarejo pequeno no norte, perto da fronteira

com Kosovo, e ela fica animada ao falar sobre os lagos, rios e ravinas espetaculares, mas, acima de tudo, sobre as montanhas que cercam o lugar. Seus olhos brilham ao falar sobre a paisagem, e fica claro que é disso que sente falta em sua terra natal.

— E é por isso que gostei daqui — diz ela. — Pelo que vi, a paisagem na Cornualha também é linda.

Somos interrompidos por Megan e as tortas de peixe. Ela larga os pratos na mesa e se afasta sem dizer nada. Sua expressão é amarga, mas a torta está quente e deliciosa, e não parece que tenham cuspidido nela.

— O que o seu pai faz? — pergunto com cautela.

— Tem uma garagem.

— Vende gasolina?

— Não. Conserta carros. Pneus. Coisas de mecânico.

— E sua mãe?

— É dona de casa.

Quero perguntar por que deixou a Albânia, mas sei que isso vai fazer com que se lembre da sua jornada penosa até o Reino Unido.

— E o que você fazia em Kukës?

— Ah, eu estava estudando, mas a universidade fechou, então às vezes trabalho em uma escola com crianças pequenas. E às vezes toco piano...

Sua voz falha e não sei se é porque ela sente saudades ou por outro motivo.

— Me fale mais sobre o seu trabalho.

Fica claro que ela quer mudar de assunto e, como ainda não quero contar a ela o que faço, falo sobre minha carreira de DJ.

— E passei dois verões em San Antonio, em Ibiza. Lá, sim, é lugar de festa.

— É por isso que você tem tantos discos?

— É — respondo.

— E qual é seu tipo de música preferido?

— Todos. Não tenho um estilo preferido. E você? Quantos anos tinha quando começou a tocar?

— Eu tinha quatro.

Uau. Cedo.

— Estudou música? Digo, teoria musical?

— Não.

Isso consegue ser ainda mais impressionante.

Ver Alessia comer é recompensador. Suas bochechas estão rosadas, seus olhos brilham, e eu suspeito que esteja um pouco alterada depois de duas cervejas.

— Quer mais alguma coisa? — pergunto.

Ela faz que não.

— Então vamos.

Jago traz a conta. Acho que Megan se recusou, ou está no intervalo. Pago a conta e pego a mão de Alessia ao sairmos do pub.

— Só quero passar rapidinho na loja — digo.

— Está bem.

O sorriso torto de Alessia me faz rir.

As lojas de Trevethick fazem parte da propriedade; os moradores locais as alugam. São bastante lucrativas entre a Páscoa e o ano-novo. A única que é de fato útil é o armazém. Estamos a quilômetros da cidade grande mais próxima, e lá há uma imensa variedade de produtos. Um sininho toca quando entramos.

— Se estiver precisando de alguma coisa, é só me falar — digo a Alessia, que está olhando a seção de revistas, balançando o corpo de leve.

Vou até o balcão.

— Posso ajudar? — pergunta a vendedora, uma jovem que não reconheço.

— Vocês têm luzes noturnas? Para crianças?

Ela sai de trás do balcão e procura nas prateleiras de um corredor próximo.

— São as únicas que temos.

Ergue uma caixa com um dragãozinho de plástico dentro.

— Vou levar uma.

— Vai precisar de pilhas — informa a vendedora.

— Então vou levar também.

Ela pega o pacote e volta para o balcão, onde vejo camisinhas.

Bem, vai que eu dou sorte.

Procuro Alessia para ver se está por perto, mas ela está folheando uma das revistas.

— E um pacote de camisinhas.

A moça fica vermelha e eu fico feliz por não conhecê-la.

— Qual prefere? — pergunta ela.

— Aquelas ali.

Aponto para a minha marca favorita. Ela enfia rapidamente o pacote em um saco plástico junto com a luz noturna.

Depois de pagar, me junto a Alessia na frente da loja, onde ela está olhando a pequena seção de batons.

— Quer alguma coisa? — pergunto.

— Não. Obrigada.

Sua recusa não me surpreende. Nunca a vi de maquiagem.

— Podemos ir?

Ela pega minha mão e nós voltamos para a estrada.

— Que lugar é aquele? — pergunta Alessia, apontando para uma chaminé distante parcialmente visível enquanto subimos o caminho até a mina antiga.

Eu conheço o lugar, é claro; fica no topo da ala oeste da Mansão Tresyllian. Meu lar ancestral.

Droga.

— Aquele lugar? Pertence ao Conde de Trevethick.

— Ah.

Ela franze a testa por um instante e nós seguimos em silêncio enquanto travo uma batalha interna comigo mesmo.

Diga a ela que você é a porra do Conde de Trevethick.

Não.

Por que não?

Vou dizer. Não agora.

Por que não?

Quero que ela me conheça primeiro.

Conheça você?

Passe tempo comigo.

— Podemos ir à praia de novo?

Os olhos de Alessia estão brilhando de animação outra vez.

— Claro.

Ela está hipnotizada pelo mar. Corre com alegria desenfreada até a beira. As galochas protegem seus pés das ondas que quebram na praia.

Ela está... em êxtase.

Mister Maxim lhe deu o mar.

Com um prazer estonteante, ela fecha os olhos, abre os braços e respira o ar frio e salgado. Não se lembra de já ter estado tão... plena. Pela primeira vez em muito tempo, se sente um pouquinho feliz. Sente uma conexão forte com a paisagem fria e selvagem que, de alguma forma, a faz lembrar sua terra natal.

É uma sensação de pertencimento.

Está completa.

Virando-se, ela olha para Maxim, de pé na praia com as mãos nos bolsos, observando-a. O vento bagunça o cabelo dele, as mechas douradas reluzindo ao sol. Os olhos do Mister estão cheios de alegria e têm um brilho verde-esmeralda ardente.

Ele é de tirar o fôlego.

E o coração dela está cheio. Cheio até a borda.

Ela ama esse homem.

Sim. Ela o ama.

Está animada. Empolgada. E apaixonada. É assim que deve ser. Alegre. Satisfatório. Libertador. Essa compreensão envolve seu corpo como o vento da Cornualha que joga o cabelo no seu rosto.

Está apaixonada pelo Mister Maxim.

Todos os seus sentimentos não articulados vêm à tona, borbulhantes, e em seu rosto surge um sorriso que é pura luz. O sorriso que ele lhe devolve é estonteante e, por um segundo, ela ousa ter esperanças.

Talvez um dia ele sinta o mesmo.

Ela se aproxima dele dançando e, em um momento de descuido, se joga em cima dele, passando os braços ao redor do seu pescoço.

— Obrigada por me trazer aqui! — exclama, sem fôlego.

Ele sorri para ela enquanto a abraça com força.

— O prazer foi meu — diz.

— Vai ser! — brinca ela, e ri quando os olhos dele se arregalam e a boca se abre.

Ela o deseja. Ele todo.

Rodopia para longe dos braços dele e volta para a beira da água.

Minha nossa, ela está alterada, talvez até um pouco bêbada. E linda. Estou encantado.

De repente, escorrega e cai quando uma onda arrebenta em cima dela.

Merda.

Em pânico, vou correndo ajudar. Ela tenta se levantar e escorrega de novo, mas quando a alcanço, está rindo. E encharcada. Ajudo-a a ficar em pé.

— Acho que chega de nadar por hoje — brinco. — Está muito frio. Vamos levar você para casa.

Seguro sua mão. Alessia dá um sorriso torto e me segue pela areia em direção à trilha. Fazemos uma pausa após alguns passos, e ela parece não querer sair da praia, mas ainda está sorridente e aparentemente bem feliz. Não quero que pegue um resfriado.

De volta ao calor do Esconderijo, puxo-a para meus braços.

— Essas risadinhas são irresistíveis.

Dou um beijo rápido nela e tiro seu casaco molhado. Sua calça jeans está encharcada, mas por sorte o resto das roupas parece seco. Esfrego seus braços com força para aquecê-la.

— É melhor você trocar de roupa.

— Está bem.

Alessia sorri e vai para a escada. Pego o casaco dela — bem, o casaco de Maryanne — e o penduro acima do aquecedor no hall, para secar. Tiro as botas e as meias, que também estão molhadas, e entro no armário de casacos.

Quando saio, ela desapareceu, e presumo que tenha subido para pegar uma calça jeans seca. Eu me sento em um dos banquinhos da cozinha e ligo para Danny, para resolver o jantar.

Em seguida, telefono para Tom.

— Trevethick. Como está, cara?

— Bem, obrigado. Alguma notícia de Brentford?

— Não. Está tudo tranquilo na frente ocidental. Como estão as coisas na Cornualha?

— Frias.

— Sabe, meu velho, andei pensando. É um esforço e tanto o que você está fazendo pela sua diarista. É uma moça bonita e tal, mas espero que valha a pena.

— Ela vale.

— Nunca imaginei que você gostasse de uma donzela em apuros.

— Ela não é uma don...

— Espero que já tenha chegado nos finalmente.

— Porra, Tom, isso não é da sua conta.

— Tudo bem. Tudo bem. Mas imagino que isso queira dizer que não.

Ele ri.

— Tom — digo, em tom de alerta.

— Ok, ok, Trevethick. Pode ficar calminho. Está tudo certo por aqui. É só

isso que precisa saber.

— Obrigado. Me mantenha informado.

— Pode deixar. Tchau.

Ele desliga.

Olho para o celular.

Babaca.

Mando um e-mail para Oliver.

Para: Oliver Macmillan

Data: 2 de fevereiro de 2019

De: Maxim Trevelyan

Re: Paradeiro

Oliver

Estou na Cornualha cuidando de um assunto pessoal, hospedado no Esconderijo. Não sei quanto tempo vou ficar aqui.

Tom Alexander vai me mandar a fatura pelos serviços prestados através da empresa de segurança dele, e o pagamento deve sair das minhas finanças pessoais.

Se precisar entrar em contato comigo, por e-mail é melhor, já que o celular não pega direito aqui, como você sabe.

Obrigado.

MT

Então mando uma mensagem de texto para Caroline.

Na Cornualha. Vou ficar aqui por um tempo.

Espero que esteja tudo bem com você. Mx

Ela responde imediatamente:

Quer que eu vá?

Não. Coisas a fazer.

Obrigado por oferecer.

Está me evitando?

Não seja boba.

:(Não acredito em você.

Vou ligar para a Mansão.

Não estou na Mansão.

Onde você está, então?

E que merda está fazendo aí?

Caro, fique tranquila.

Ligo na semana que vem.

O que está aprontando?
Estou intrigada e com saudade.
Tenho que ver o Enteadinho de novo essa noite.
bjo bjo
C

Boa sorte. Mx

Cacete, como vou explicar a Caroline o que está acontecendo aqui? Passo as mãos pelo cabelo, esperando encontrar inspiração. Nada me ocorre, então vou atrás de Alessia. Ela não está em nenhum dos quartos do andar de cima.

— Alessia! — chamo, ao voltar à sala, mas não há resposta.

Desço correndo e verifico rapidamente os três quartos de hóspedes do primeiro andar, a sala de jogos e de cinema.

Nada dela.

Merda.

Tento acalmar o pânico crescente e subo correndo outra vez, atravessando o spa para ver se ela está na hidromassagem ou na sauna.

Nem sinal.

Cadê ela, cacete?

Vou até a copa.

E lá está ela, sentada de pernas cruzadas no chão, lendo um livro enquanto a secadora ligada faz barulho.

— Aí está você.

Disfarço a frustração, sentindo-me ridículo por ter me preocupado. Ela me observa com olhos castanhos calorosos e eu me sento no chão ao seu lado.

— O que está fazendo?

Estou sem fôlego, então me apoio na parede. Ela aproxima os joelhos do corpo e estica a blusa branca por cima deles, escondendo as pernas. Apoia o queixo nos joelhos, com a expressão constrangida e o rosto adoravelmente cor-de-rosa.

— Estou lendo enquanto espero a calça secar.

— Percebi. Por que não se trocou?

— Trocou?

— Não vestiu outra calça.

Ela fica ainda mais corada.

— Não tenho outra calça. — Seu tom de voz é baixo e cheio de vergonha.

Caramba.

Então me lembro dos dois sacos plásticos tão simples que coloquei no porta-malas do carro. É tudo que ela tem.

Fechando os olhos, apoio a cabeça na parede atrás de mim, me sentindo um completo idiota.

Ela não tem nada.

Nem roupas. Nem meias.

Merda.

Confiro as horas. Está tarde demais para fazer compras. Além disso, bebi duas cervejas, então não posso... não dirijo depois de beber.

— Está tarde agora. Amanhã vamos a Padstow comprar roupas novas para você.

— Não tenho dinheiro para roupas novas. Minha calça já vai secar.

Ignorando o comentário, olho para o livro em suas mãos.

— O que está lendo?

— Encontrei isso nas estantes de livros.

Ela ergue *Jamaica Inn*, de Daphne du Maurier.

— Está gostando? A história se passa na Cornualha.

— Acabei de começar.

— Pelo que lembro, acho que gostei quando li. Olhe, devo ter algo que você possa usar.

Fico em pé e estendo a mão. Segurando o livro, ela cambaleia um pouco ao se levantar, e a barra da blusa está molhada.

Merda. Assim ela vai ficar resfriada.

Tento não olhar para suas pernas nuas. Tento não imaginá-las ao redor da minha cintura. Não consigo.

E ela está usando a Calcinha Rosa.

Que tortura.

Meu desejo é como uma dor lenta e latejante.

Vou ter que tomar banho. De novo.

— Venha.

Minha voz é puro desejo, mas, felizmente, ela parece não perceber. Subimos a escada e ela entra no quarto de hóspedes enquanto eu espio o closet para ver que outras roupas Danny trouxe para cá.

Alguns instantes depois, Alessia surge na porta vestindo uma calça de pijama do Bob Esponja e uma camiseta do Arsenal.

— Tenho isso — diz ela com um sorriso de desculpas ainda semiembriagado.

Paro de vasculhar.

Até mesmo com uma calça de pijama ridícula e desbotada e uma blusa de time de futebol ela está deslumbrante.

— Serve.

Sorrio ao me imaginar puxando a calça e deslizando-a por suas pernas.

— Eram do Michal — diz ela.

— Imaginei.

— Já estavam pequenas nele.

— E parecem um pouco grandes em você. Amanhã vamos comprar algumas roupas novas.

Ela abre a boca para protestar, mas levo um dedo aos seus lábios.

— Shh.

São macios sob a minha mão.

Como eu quero esta mulher.

Ela faz um biquinho, beijando meu dedo; seus olhos se desviam para a minha boca e ficam ainda mais escuros. Prendo a respiração.

— Por favor, não me olhe assim — sussurro, afastando o dedo dos seus lábios.

— Assim... como? — Quase não dá para ouvir sua voz.

— Você sabe. Como se me quisesse.

Ela cora e olha para os próprios pés.

— Desculpe — sussurra.

Merda. Falei besteira de novo.

— Alessia.

Diminuo o espaço entre nós de modo que meu corpo quase toca o dela. O aroma encantador de lavanda e rosas misturado com o ar salgado do mar invade e inebria meus sentidos. Acaricio sua bochecha, e ela apoia o rosto lindo na palma da minha mão.

— Eu quero você — murmura ela, erguendo olhos sedutores para mim.
— Mas não sei o que fazer.

Passo o polegar no seu lábio inferior.

— Acho que você bebeu demais, linda.

Ela pisca e seus olhos ficam turvos com uma expressão que não compreendo. Então, erguendo o queixo, ela se vira e sai do quarto.

Que porra foi essa?

— Alessia! — chamo e a sigo, mas ela me ignora e desce a escada.

Suspiro e me sento no primeiro degrau, esfregando o rosto. Estou confuso. E estou tentando — de verdade — fazer tudo certo.

A ironia da situação me faz rir.

Conheço aquele olhar.

Caramba. Já o vi várias vezes.

Um olhar que pede: me coma, me coma agora.

Não foi por isso que eu a trouxe aqui?

Mas ela está bêbada, e não tem ninguém, não tem nada. Nada mesmo.

Tem a mim.

Por completo.

E se eu transar com ela, vou estar me aproveitando.

Simples.

Portanto, não posso.

Merda.

As notas sofridas do piano preenchem a casa de repente. É um prelúdio melancólico de Bach em mi bemol menor. Eu o conheço bem porque caiu em uma prova de música quando era adolescente. Ela toca magnificamente bem, revelando toda a emoção e profundidade da obra. Seu talento é fenomenal. E consegue articular tudo o que sente através da música. Está irritada. Furiosa. Comigo.

Droga.

Talvez eu devesse aceitar sua oferta: trepar com ela e levá-la de volta a Londres. Mas mesmo quando a ideia me ocorre, sei que não posso fazer isso.

Tenho que encontrar um lugar para ela morar.

Esfrego o rosto outra vez.

Ela poderia morar comigo.

O quê? Não.

Nunca morei com ninguém.

Seria tão ruim assim?

A verdade é que não quero que nada de mal aconteça a Alessia Demachi. Quero protegê-la.

Suspiro.

O que está acontecendo comigo?

Alessia derrama sua confusão no prelúdio de Bach. Quer esquecer tudo. O olhar dele. A dúvida. A rejeição. A música se move lentamente dentro dela e pelo cômodo, preenchendo-o com as cores sombrias do arrependimento. Enquanto ela toca, se entrega à melodia e esquece. Esquece tudo.

Quando as notas finais saem, ela abre os olhos e Mister Maxim está de pé ao lado da bancada da cozinha, observando-a.

— Oi — diz ele.

— Oi — responde ela.

— Desculpe. Não quis magoar você. Foi a segunda vez hoje.

— Você é muito do contra — diz Alessia, tentando dar voz à sua confusão. E acrescenta em seguida: — São as minhas roupas?

— O quê?

— Que você não gosta.

Afinal, ele insistiu tanto que queria comprar roupas novas para ela. Alessia fica de pé e com uma coragem atípica rodopia diante dele. Espera que aquilo o faça sorrir.

Vai na sua direção, ele olha para a blusa de time de futebol e a calça de desenho animado dela e esfrega o queixo, como se refletisse sobre a situação.

— Adoro o fato de você estar vestida como um menino de treze anos. — Seu tom de voz é seco, mas também repleto de humor.

Alessia dá uma risadinha. Alta. Contagante. E ele ri junto.

— Assim é melhor — sussurra ele. Segura o queixo dela e a beija. — Você é uma mulher atraente, Alessia, independentemente do que esteja vestindo. Não deixe que eu ou ninguém a faça pensar diferente. É também muito, muito talentosa. Toque outra coisa para mim. Por favor.

— Está bem — diz ela, mais calma pelas palavras gentis dele, e senta-se diante do piano outra vez.

Ela lhe lança um sorriso breve e cúmplice e começa a tocar.

É a minha música.

A que terminei de compor depois de conhecê-la.

Ela decorou. E a toca muito melhor do que eu. Comecei a escrever essa música quando Kit estava vivo... e agora ouço minha dor e meu arrependimento nas harmonias que enchem a sala. A dor do luto me atinge como um maremoto, estourando sobre mim, me afogando. Um nó se forma na minha garganta e tento conter a emoção, mas ela cresce, dificultando minha respiração. Eu a observo, enfeitiçado, mas dói demais quando a música perfura meu coração e toca o vazio profundo que é a ausência de Kit. Alessia está de olhos fechados. Concentrada e perdida na melodia triste e solene.

Tentei ignorar meu sofrimento. Mas ele está aqui. Desde o dia em que Kit morreu. Eu disse a Alessia que o amava. E é verdade. Eu o amava mesmo. Meu irmão mais velho.

Mas eu nunca disse isso a ele.

Nenhuma vez.

E agora sinto saudade de uma forma que ele nunca vai saber.

Kit.

Por quê?

As lágrimas surgem nos meus olhos e eu me encosto na parede, tentando conter a angústia e o desamparo. Cubro o rosto com as mãos.

Alessia prende a respiração e para.

— Desculpe — sussurra.

Faço que não com a cabeça, sem conseguir falar ou olhar para ela. Ouço o banco se arrastar no chão e sei que ela se afastou do piano. Então sinto-a perto de mim, e ela toca meu braço. É um gesto solidário. E acaba comigo.

— Isso me fez lembrar do meu irmão. — As palavras saem com dificuldade pelo nó na minha garganta. — Nós o enterramos aqui, três semanas atrás.

— Ah, não. — Ela soa arrasada e passa os braços ao meu redor, me surpreendendo. — Eu sinto muito — sussurra.

Enfio o rosto no cabelo dela e inspiro seu cheiro tranquilizante. Não consigo impedir as lágrimas.

Merda.

Ela minou minha resistência.

Não chorei no hospital. Não chorei no enterro. Não choro desde a morte do meu pai, quando eu tinha dezesseis anos. No entanto, aqui e agora, com ela, eu me solto. E choro de soluçar em seus braços.

Capítulo Quatorze

Alessia entra em pânico e seu coração acelera. Confusa, ela o abraça; a mente envolta em um turbilhão.

O que ela fez?

Mister Maxim. Mister Maxim. Maxim.

Alessia pensou que ele acharia divertido que ela soubesse a peça dele.

Mas não, ela o fez lembrar de sua dor. Sente o remorso pesando no estômago. Três semanas não é nada. Não surpreende que ele ainda esteja de luto. Ela o puxa para mais perto e acaricia suas costas. Alessia lembra como se sentiu quando a avó faleceu. Só Nana a entendia. A única pessoa com quem podia conversar de verdade. Tinha morrido um ano atrás.

A garganta de Alessia arde e ela engole em seco. Maxim está vulnerável e triste, e tudo o que ela quer é que ele sorria novamente. Ele fez muito por ela. Alessia passa as mãos pelos ombros dele, segue até a nuca e, segurando a cabeça, vira o rosto na direção do dela. O olhar de Maxim não demonstra qualquer expectativa. Tudo o que se vê naqueles olhos verdes luminosos é tristeza. Então ela o puxa devagar para que a boca dele encoste na sua e o beija.

Gemo quando os lábios dela roçam nos meus. O beijo é tímido, mas tão inesperado e, ah, tão doce... Fecho bem os olhos, lutando contra a minha dor.

— Alessia.

O nome é uma bênção. Aninho a cabeça dela nas minhas mãos, passando os dedos pelo cabelo macio e sedoso enquanto aceito seu beijo hesitante e inexperiente. Ela me beija uma, duas, três vezes.

— Estou aqui — sussurra ela.

As palavras dela me tiram o ar. Quero esmagá-la e nunca mais soltar. Não me lembro da última pessoa que me consolou em uma hora de necessidade.

Alessia beija meu pescoço. Meu queixo. E meus lábios mais uma vez.

E eu permito.

Aos poucos, minha dor diminui, deixando apenas desejo em seu rastro. Meu desejo por ela. Venho controlando essa atração desde que a vi de pé no corredor segurando aquela vassoura, mas Alessia derrubou todas as minhas barreiras. Expôs minha dor. Minha necessidade. Meu tesão. E eu não tenho como resistir.

Ela segura e acaricia meu rosto, ainda molhado de lágrimas, e seu toque percorre meu corpo como um tornado. Estou perdido. Perdido em sua compaixão, coragem e inocência. Perdido em seu toque.

Meu corpo reage.

Porra.

Eu a quero. Eu a quero agora. Sempre quis.

Inclino a cabeça dela para trás e seguro sua nuca com uma das mãos, ainda com os dedos entrelaçados em seu cabelo. Passo a outra mão por sua cintura e a puxo para perto do meu corpo. Intensifico o beijo, os lábios mais insistentes. Alessia arfa de leve e eu aproveito o momento para provocar sua língua com a ponta da minha. Ela é tão doce quanto parece, e está gemendo.

Fico tão aceso quanto o Piccadilly Circus.

Ela empurra meu peito, interrompendo de repente nosso beijo, e me encara com uma expressão de espanto e admiração.

Merda. O que foi?

Ela está sem fôlego, corada, com as pupilas dilatadas...

Cara, ela é maravilhosa. Não quero parar.

— Você está bem?

Um sorriso tímido ergue os cantos da sua boca e ela assente.

Isso quer dizer sim ou não?

— Sim? — Preciso que ela esclareça.

— Sim — sussurra ela.

— Você já foi beijada?

— Só por você.

Não sei o que responder.

— De novo — suplica ela, e eu não preciso de mais nada.

Meu sofrimento é uma lembrança distante. Estou definitivamente no

agora com essa garota linda e inocente. Meus dedos se entrelaçam ainda mais no cabelo dela e eu deixo sua cabeça cair levemente para trás, para que sua boca fique outra vez perto da minha. Eu a beijo de novo, tentando afastar seus lábios com a língua e, desta vez, encontro a ponta da língua dela.

Um gemido sai do fundo da minha garganta, meu corpo tomado pelo tesão pressionando o jeans preto.

Ela desliza as mãos pelos meus bíceps e se agarra a mim enquanto nossas línguas se acariciam, se provocam e se saboreiam. Sem parar.

Eu poderia beijá-la o dia inteiro.

Todos os dias.

Deslizo as mãos por suas costas, até o traseiro perfeito.

Ai. Meu. Deus.

Colocando a mão espalmada em sua bunda, eu trago Alessia para perto da minha ereção.

Ela arfa e afasta os lábios, mas não me solta. Respira pesadamente, os olhos da cor da noite, arregalados, chocados.

Porra.

Encaro seu olhar assustado e, reunindo cada milímetro de autocontrole, pergunto:

— Quer parar?

— Não — diz ela logo.

Porra, ainda bem.

— Qual o problema? — pergunto.

Ela balança a cabeça.

— É isto? — pergunto, pressionando meus quadris contra o corpo dela de novo.

Alessia arfa.

— Sim, linda. Eu quero você.

Ela abre um pouco os lábios e inspira.

— Eu quero tocar você. Em todos os lugares — sussurro. — Com as mãos. Com os dedos. Com os lábios. E com a língua.

Seus olhos escurecem mais.

— E quero que você me toque — acrescento com a voz rouca.

Os lábios dela formam um “O” perfeito e silencioso. Mas ela desvia os olhos dos meus e os desce da minha boca para o meu peito, depois me encara novamente.

— Rápido demais? — pergunto.

Ela nega com um gesto de cabeça. E fecha os dedos no meu cabelo, puxando-o, levando meus lábios de volta aos dela.

— Ah — murmuro perto do canto da sua boca, sentindo o prazer descendo até o meio das minhas pernas. — Isso, Alessia. Toque em mim. Quero que você me toque.

Preciso do toque dela.

Ela me beija e, hesitando, empurra a língua por entre meus lábios. E eu aceito tudo o que ela tem a dar.

— *Ah, Alessia.*

Nós nos beijamos. E mais e mais até eu achar que vou explodir. Afasto um pouco o elástico da calça de pijama e deslizo a mão para a pele quente e macia da bunda dela. Alessia fica imóvel por um instante, então agarra e puxa meu cabelo com mais força, e me beija com vontade... de um jeito voraz e febril.

— Calma — sussurro. — Vamos devagar.

Ela engole em seco e coloca as mãos nos meus braços, parecendo um pouco envergonhada.

— Gosto das suas mãos no meu cabelo — garanto.

Para compensar, deslizo os dentes do queixo dela até a orelha. O gemido de Alessia é macio e rouco quando ela apoia a cabeça na palma da minha mão.

Esse gemido é como música para meu pau.

— Você é tão linda — sussurro, agarrando seu cabelo, puxando devagarinho.

Ela ergue o queixo e eu encho seu pescoço de beijos suaves até chegar à orelha. Com a outra mão, continuo apertando a bunda, meus lábios buscando mais uma vez os dela, provocando e explorando sua boca, dando e

recebendo enquanto os lábios dela descobrem os meus e os meus, os dela. Traço uma trilha de beijos pelo pescoço, sentindo a pulsação intensa sob sua pele.

— Quero fazer amor com você — sussurro.

Alessia fica imóvel.

Aninho seu rosto com as mãos e acaricio seus lábios com o polegar.

— Fale comigo. Você quer parar? — Ela morde o lábio superior, voltando rapidamente os olhos para a janela, onde o sol está rosado com a chegada do anoitecer. — Ninguém pode nos ver — garanto.

Ela sorri com hesitação, mas sussurra:

— Não pare.

Acaricio seu rosto com as costas dos dedos e me perco em seu olhar escuro.

— Tem certeza de que quer fazer isso?

Ela assente.

— Me diga, Alessia. Preciso ouvir você dizer.

Beijo o canto da sua boca mais uma vez, e ela fecha os olhos.

— Sim.

E suspira.

— Ah, baby — murmuro. — Passe as pernas em volta de mim. — Agarro sua cintura e a levanto com facilidade. Ela coloca as mãos nos meus ombros. — Pernas. Em volta de mim. — Com o rosto brilhando com o que espero que seja tesão e excitação, ela engancha as pernas na minha cintura e passa os braços pelo meu pescoço. — Se segure.

Subo a escada enquanto ela beija meu pescoço.

— Você tem um cheiro tão bom — diz ela, como se estivesse falando sozinha.

— Ah, linda, você também.

Eu a solto na cama e volto a beijá-la.

— Quero ver você.

Minhas mãos encontram a barra da camisa de futebol dela, e a levanto com gentileza por cima da cabeça. Ainda que esteja de sutiã, ela cruza os

braços na frente dos seios, enquanto o cabelo cai novamente em uma cascata escura e cacheada até a cintura.

Ela é tímida.

Ela é inocente.

Ela é estonteante.

Estou excitado e emocionado ao mesmo tempo, mas quero que ela se sinta confortável.

— Quer fazer isso no escuro?

— Não — responde logo. — O escuro não.

Claro. Ela odeia escuridão.

— Está bem. Está bem. Eu entendo — digo. — Você é maravilhosa. — Minha voz sai sem fôlego e extasiada enquanto largo a camisa dela no chão.

Afasto o cabelo do rosto dela, segurando seu queixo. Eu a beijo sem parar, suavemente, até que ela relaxa, espalmando as mãos no meu peito e me beijando de volta. Ela me segura pelo suéter e me puxa.

Olho para ela.

— Quer que eu tire isso?

Ela assente com entusiasmo.

— Qualquer coisa por você, linda. — Arranco o suéter e a camiseta e jogo tudo ao lado da camisa do Arsenal. Ela desvia os olhos e observa meu peito nu, e eu fico imóvel... permitindo ser observado. — Toque em mim — sussurro.

Ela arfa.

— Eu quero, de verdade. E eu não mordo.

A menos que você me peça...

Seus olhos se iluminam e, cuidadosamente, ela coloca a mão sobre o meu coração.

Porra.

Tenho certeza de que ele dá cambalhotas embaixo daqueles dedos.

Fecho os olhos, aproveitando a sensação.

Ela se inclina para a frente e beija minha pele onde o coração está

disparado.

Sim.

Afasto o cabelo do pescoço dela e roço os lábios, descendo até chegar aos ombros e a alça do sutiã. Sorrio contra a pele perfumada dela. O sutiã é cor-de-rosa. Com o polegar e o indicador, afasto a alça do ombro, a respiração irregular dela em meus ouvidos.

— Vire-se — murmuro.

Alessia ergue os olhos ardentes para os meus e fica de costas para mim. Ela cruza os braços, cobrindo-se mais uma vez. Afasto o cabelo do outro ombro dela e beijo o pescoço enquanto passo um braço ao seu redor, pela barriga, agarrando o quadril dela. Eu a puxo na minha direção, aninhando a ereção no alto da bunda dela.

Gemo em sua orelha e ela se contorce. *Meu. Deus.*

Com muito cuidado, baixo a outra alça, passando os dedos pelos ombros dela e deixando um rastro de beijos suaves e molhados por sua pele.

Ela tem a pele macia. E imaculada. E quase perfeita.

Tem uma pintinha na nuca, embaixo da corrente que leva a cruz de ouro. Dou um beijo bem naquele ponto. Ela tem cheiro de limpeza e saúde.

— Seu cheiro é uma delícia — murmuro entre um beijo e outro enquanto abro o sutiã dela.

Subo um pouco o braço e sinto o peso dos seios dela no antebraço. Alessia inspira forte e segura o sutiã contra o corpo com os braços cruzados.

— Calma — murmuro.

Enquanto a mantenho perto de mim, passo os dedos pela barriga dela e pelo quadril. Então enfio o polegar no elástico da calça do pijama e fico deslizando o dedo pela barriga enquanto mordisco o lóbulo da sua orelha.

— *Zot* — murmura Alessia.

— Eu quero você — sussurro, e mordisco de novo. — E, na verdade, eu mordo.

— *Edhe unë të dëshiroj.*

— Inglêss.

Beijo aquele ponto atrás da orelha dela e deslizo a mão para dentro da calça do pijama, passando os dedos pelo sexo dela.

É depilada!

O corpo de Alessia fica tenso quando roço o polegar no seu clitóris. Uma. Duas. Três vezes. Na quarta, ela inclina a cabeça para trás, apoiando-a no meu ombro, e geme.

— Sim — sussurro e continuo acariciando-a. Provocando. Excitando. Com os dedos.

Ela baixa os braços, deixando o sutiã cair. Então agarra minhas pernas, puxando a calça jeans e segurando-a com força. Ela abre a boca enquanto mantém os olhos bem fechados, arfando.

— Isso. Assim.

Provoco sua orelha com os dentes. E ela morde o lábio superior enquanto meus dedos continuam estimulando.

— *Tê lutem, tê lutem, tê lutem.*

— Inglês.

— Por favor. Por favor — repete ela em inglês com a voz rouca.

E eu continuo dando o que ela quer. O que ela precisa.

As pernas dela começam a tremer. E eu aperto o braço que está ao seu redor. Ela está perto.

Será que Alessia sabe?

— Estou aqui — sussurro, e ela me agarra tão forte que quase interrompe a circulação das minhas pernas. Continua gemendo e de repente grita enquanto seu corpo entra em uma convulsão lenta, e ela se desfaz nos meus braços. Eu a seguro durante o orgasmo, e ela solta o corpo para trás, em cima do meu. — Ah, Alessia — murmuro no seu ouvido e, levantando-a nos braços, puxo a colcha e a deito na cama.

O cabelo dela se espalha de forma selvagem pelos travesseiros e por cima dos seios, escondendo tudo de mim menos os mamilos rosa-escuros.

Porra.

Banhada pela luz suave e rosada do anoitecer, ela é perfeita. Mesmo com uma calça de pijama do Bob Esponja.

— Você faz ideia de como está linda agora? — pergunto, e ela fixa os olhos extasiados em mim.

— *Ua* — sussurra. — Não. Inglês. Nossa.

— Nossa. Sim.

Minha calça jeans parece estar vários números menor, e eu quero arrancar aquela calça de pijama e me enterrar nela. Mas ela precisa de tempo. Eu sei disso. Queria que meu pau entendesse também. Sem tirar os olhos dela, abro o botão e o zíper do jeans para dar um espaço necessário para a minha ereção.

Talvez seja melhor tirar a calça.

Abaixo o jeans e o deixo cair no chão, ficando só de cueca. Respiro fundo e tento controlar a respiração.

— Posso me juntar a você? — pergunto.

Com os olhos arregalados, ela assente, e eu não preciso de mais nenhum sinal. Eu me deito ao seu lado, apoiado no cotovelo. Pego uma mecha do seu cabelo, impressionado com a maciez, e fico enrolando e desenrolando nos dedos.

— Você gosta? — pergunto.

Ela dá um sorriso tímido, mas sensual.

— Sim. Gosto.

Ela passa rapidamente a língua pelo lábio superior. Sufoco um gemido e, estendendo a mão, levo as costas do indicador até a bochecha dela, descendo pelo queixo e o pescoço. Meus dedos param na pequena cruz de ouro.

Assim que vejo a cruz, paro.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — pergunto.

Seus olhos insondáveis encaram os meus, e é como se ela estivesse examinando minha alma. Isso me deixa sério. E me sinto mais nu do que de fato estou.

Ela engole em seco.

— Sim.

— Se você não gostar de alguma coisa, ou se não quiser fazer alguma coisa, me diga. Está bem?

Ela assente e ergue a mão para acariciar meu rosto.

— Maxim — sussurra ela, e eu me abaixo para roçar os lábios nos dela.

Ela geme e enfia as mãos no meu cabelo, e sua língua toca e umedece

meu lábio superior. Sinto o desejo me queimar como um incêndio. Seguro o queixo dela e aprofundo nosso primeiro beijo na horizontal. Eu a quero. Inteira. Aqui. Agora.

Eu me deleito com a reação e o beijo dela. Explorando. Provando. Desejando.

Abandonando sua boca, levo os lábios até seu queixo, passo pelo pescoço e pelo colo. Afasto o cabelo dela para o lado, revelando meu alvo. Ela arfa, cravando os dedos no meu couro cabeludo enquanto lambo suavemente seu mamilo e o coloco inteiro na boca. E sugo. Com força.

— Ah — grita ela.

Sopro de leve e ela se contorce ao meu lado. Passo a mão por seu quadril e subo até o outro seio. Segurando-o gentilmente, acaricio, aperto e fico maravilhado com a reação dela quando roço o outro mamilo com o polegar. Em uma fração de segundo, ele está alto e rígido, igual ao outro. Ela geme e começa a mexer os quadris em um ritmo que conheço muito bem. Passo a mão por seu corpo, acariciando-a pelo caminho, sem parar de provocar seus seios com os lábios.

Deslizo os dedos sob o elástico, e ela empurra o sexo na direção deles. Eu a tenho. Na palma da minha mão. Gemo. Ela está molhada.

Ela está pronta.

Porra.

Bem lentamente, deslizo o dedo para dentro dela.

Ela é apertada. E está molhada.

Isso.

Tiro o dedo e o deslizo para dentro mais uma vez.

— Ah. — Com o corpo tenso, Alessia agarra os lençóis.

— Ah, baby, eu quero tanto você... — Meus lábios estão entre os seios dela. — Senti tesão por você na primeira vez que te vi.

Ela ergue o corpo ao encontro da minha mão e inclina a cabeça para trás, pressionando o travesseiro. Beijo sua barriga e deixo uma trilha molhada, até seu umbigo. Circundo-o com o nariz, enquanto meus dedos entram e saem dela. Beijo sua barriga e passo a língua de um quadril a outro.

— *Zot...*

— Está na hora de se despedir disso aqui — murmuro em sua pele.

Tiro a mão de dentro dela e me sento na cama.

— Eu nunca pensei... — diz ela, mas sua voz some quando tiro a calça de pijama e a jogo em cima do meu jeans.

— Nossa — sussurro. Ela finalmente está nua na minha cama e é sexy para cacete. — Você já me viu pelado.

— Sim — murmura ela. — Mas você estava deitado de barriga para baixo.

— Muito bem.

Bem, isso pode ser educativo.

Arranco a cueca, liberando enfim meu pau duro. E antes que ela possa ficar chocada ou assustada ao ver minha ereção, eu me inclino para a frente e a beijo. Beijo de verdade, colocando todo o meu desejo e minha ânsia no ato, o primeiro beijo em que ela está totalmente nua. Alessia responde com os lábios ávidos. Acaricio sua cintura e deslizo as mãos até o quadril, puxando seu corpo doce e macio contra o meu. Com o joelho, abro suas pernas. Ela ergue o corpo na direção do meu, cravando os dedos na minha cabeça mais uma vez. Sentindo o sabor da sua pele, passo os lábios por seu pescoço até o pingente de crucifixo. Eu o giro na língua e sinto o gosto, levando de novo as mãos até o seio perfeito e redondo de Alessia.

Ela geme quando roço o polegar no mamilo dela, totalmente rígido sob meu toque. Meus lábios continuam o trabalho, beijando e sugando gentilmente.

— Ah, *Zot* — geme ela, puxando meu cabelo.

Não paro. Inquieta e ansiosa, minha boca passa de um mamilo para outro, puxando, lambendo, beijando... chupando. Ela se contorce e choraminga embaixo de mim, e minha mão viaja até meu objetivo final. Alessia fica imóvel enquanto meus dedos roçam seu sexo, a respiração entrecortada e rápida.

Isso.

Ela ainda está molhada.

Meu polegar encontra o prêmio final e eu circundo seu clitóris várias vezes e aos poucos deslizo mais uma vez o dedo para dentro dela. Suas mãos se afastam da minha cabeça, acariciando minhas costas, e então ela arrasta as unhas e as crava nos meus ombros. Mas eu persisto, enfiando e tirando o dedo, estabelecendo um ritmo enquanto meu polegar roça e circunda

repetidamente o clitóris.

Ela mexe os quadris naquele ritmo milenar, e suas pernas enrijecem embaixo de mim. Ela está quase. Abandonando os seios, beijo sua boca, morderisco e puxo o lábio inferior. Ela crava ainda mais as unhas nos meus ombros enquanto inclina a cabeça para trás.

— Alessia — sussurro enquanto ela grita, sendo consumida pelo orgasmo.

Eu a mantenho perto de mim enquanto seu corpo estremece, e me ajoelho entre suas pernas. Ela abre os olhos escuros, que me encaram intrigados.

Tentando manter meu corpo sob controle, pego uma camisinha e sussurro:

— Está pronta? Vai ser rápido.

Melhor ser sincero.

Ela assente.

Seguro seu queixo.

— Me responda.

— Sim.

Ela suspira.

Graças. A. Deus. Porra.

Abro a embalagem com os dentes, coloco a camisinha e, por um instante de pânico, acho que vou gozar imediatamente.

Porra.

Controlo meu pau e cubro o corpo dela com o meu, sustentando o peso sobre os cotovelos.

Ela fecha os olhos e fica tensa embaixo de mim.

— Ei — sussurro, beijando seus olhos, uma pálpebra de cada vez. Ela passa os braços ao redor do meu pescoço e geme. — Alessia.

Os lábios dela encontram os meus, e ela me beija avidamente. Febrilmente. Desesperadamente. E não consigo mais segurar.

Devagar. Devagar. Bem devagar, eu a penetro.

Ai. Meu. Deus.

Paraíso. Molhado. Apertado.

Ela grita e eu fico imóvel.

— Tudo bem? — falo com a voz rouca enquanto a deixo se adaptar à minha invasão.

— Tudo — murmura ela depois de um instante.

Não sei bem se acredito ou não, mas aceito e começo a me mexer. Para dentro dela. Uma. Duas. Três vezes. De novo. E de novo. Vou na direção dela.

Não goze. Não goze. Não goze.

Quero fazer com que dure para sempre.

Ela geme e começa a mexer os quadris em um contraponto instável e inexperiente.

— Isso, se mexa comigo, linda — incentivo, enquanto seus suspiros curtos e arfantes de prazer me deixam mais ligado.

— Por favor — sussurra ela, implorando por mais, e eu atendo de boa vontade.

Sinto o suor brotar nas costas enquanto meu corpo luta contra meu autocontrole. Meto sem parar, até que ela finalmente enrijece embaixo de mim e crava as unhas mais fundo na minha pele.

Então meto mais uma, duas... três vezes, e ela berra ao se liberar. Seu grito e seu clímax acabam comigo.

Eu gozo. Com força. Fazendo barulho. E repetindo o nome dela.

Capítulo Quinze

Maxim deixa o corpo pesar, a respiração entrecortada e urgente, com Alessia ofegante logo embaixo. Ela está sobrecarregada com tantas sensações, sobrecarregada com aquele cansaço imenso, mas, acima de tudo, sobrecarregada pela... invasão dele. Está se sentindo consumida. Ele balança a cabeça, apoia-se nos cotovelos, tirando o peso de cima dela, e olhos claros e preocupados ardem nos dela.

— Você está bem? — pergunta ele.

Ela faz um inventário mental do próprio corpo. Na verdade, está um pouco dolorida. Não fazia ideia de que o ato amoroso fosse tão físico. A mãe havia lhe dito que doeria na primeira vez.

E tinha razão.

Mas então, depois que seu corpo se acostumou à presença dele, ela gostou. Mais do que gostou. No final, perdeu toda a noção de si mesma e se fragmentou em pedacinhos minúsculos, explodindo por dentro. E foi... incrível.

Ele sai de dentro dela, e ela se encolhe com aquela estranha sensação. Ele cobre os dois com o edredom e, apoiando-se no cotovelo, olha para ela preocupado.

— Você não me respondeu. Está tudo bem?

Ela assente, mas os olhos estreitos que a questionam lhe dizem que ele não está convencido.

— Machuquei você?

Ela morde o lábio, ainda sem saber o que dizer. Ele cai na cama ao lado dela e fecha os olhos.

Merda. Machuquei ela.

Eu havia sido transportado das profundezas do desespero para um clímax capaz de abalar a terra, mas meu brilho rosado e pós-coito da melhor foda de todas desaparece como coelho na cartola. Arranco a camisinha do meu pau, com nojo de mim mesmo. Quando a largo no chão, fico chocado ao ver que

minha mão está suja de sangue.

Sangue dela.

Porra.

Esfrego a mão na coxa e me volto para encarar a recriação que deve estar estampada em seu rosto encantador. Mas ela está olhando fixo para mim, parecendo apreensiva e vulnerável.

Put a que pariu.

— Desculpe ter machucado você. — Beijo a testa dela.

— Minha mãe me disse que doeria. Mas só da primeira vez.

Ela puxa a colcha até o queixo.

— Só da primeira vez?

Ela assente, e sinto a esperança florescer no meu peito. Acaricio seu rosto.

— Então você tentaria uma segunda vez?

— Sim, acho que sim — diz ela, me dando um sorriso recatado, e meu pau reage, aprovando.

De novo? Já?

— Só... só se você quiser — acrescenta.

— Só se eu quiser? — Não consigo disfarçar a incredulidade na minha voz. Rio, me inclino e a beijo com intensidade. — Minha doce, querida Alessia — sussurro junto a seus lábios. Ela sorri para mim e, de repente, meu coração dispara. Eu preciso saber. — Foi bom... para você?

Ela cora, no seu tom de rosa não tão inocente assim.

— Foi — sussurra. — Ainda mais no final, quando eu...

Quando você gozou!

Sorrio, e a euforia irradia pelo meu peito.

Maravilha!

Ela volta a atenção para as próprias mãos, ainda agarradas à colcha, e sua testa se enrugava.

— Que foi? — pergunto.

— Para você — diz ela baixinho. — Foi bom para você?

Eu rio.

— Bom? — Rio de novo, com a cabeça inclinada para trás, e me sinto incrivelmente feliz. E faz tempo desde a última vez que me senti assim. — Alessia, foi fora de série. Foi a melhor trepada... hum... transa que tive em anos.

Por que isso?

Ela arregala os olhos e arfa, horrorizada.

— Isso é palavrão, Mister Maxim.

Ela tenta fingir reprovação, mas seus olhos brilham de malícia. Sorrio para ela e passo o polegar pelo seu lábio inferior.

— Diga “Maxim”. — Quero ouvir meu nome naquele sotaque provocante mais uma vez.

Seu rosto volta a corar.

— Diga. Diga o meu nome.

— Maxim — sussurra ela.

— De novo.

— Maxim.

— Assim está melhor. Acho que precisamos limpar você, linda. Vou preparar um banho para nós.

Jogo as cobertas de lado, saio da cama e, pegando a camisinha no chão, vou até o banheiro.

Porra.

Estou me sentindo...

Zonzo.

Sou um homem adulto e estou zonzo!

Sexo com ela é melhor do que cocaína... que qualquer droga! A qualquer dia.

Jogo o preservativo no lixo e abro as torneiras da banheira, em seguida acrescento espuma de banho e vejo a água se transformar em uma nuvem com cheiro adocicado. Deixo uma toalhinha de rosto logo ao lado.

Enquanto a água enche a banheira, fico maravilhado com os acontecimentos do dia. Finalmente transei com minha diarista. Em geral,

depois de levar uma mulher para a cama, mal posso esperar para ficar sozinho. Mas não me sinto assim hoje. Não com Alessia. Continuo encantado por qualquer que seja o feitiço que ela lançou em mim. Além disso, vou passar esta semana e talvez a próxima com ela... A perspectiva é animadora.

Meu pau se agita em concordância. Olho para meu reflexo no espelho, flagro meu sorriso eufórico e, por um instante, não me reconheço. *Que porra está acontecendo comigo?*

Passo a mão pelo cabelo, na tentativa de domá-lo, e me lembro do sangue dela na minha mão.

Uma virgem.

Preciso me casar com ela agora. Rio do meu pensamento ridículo enquanto lavo as mãos, mas me pergunto se algum dos meus antepassados já esteve nessa situação. Dois deles se envolveram em relacionamentos escandalosos bem documentados, mas meu conhecimento da história da família é, na melhor das hipóteses, precário. Kit conhecia muito bem a história e a linhagem. Ele prestava atenção. Meu pai se certificou disso. Minha mãe se certificou disso. Era parte dos deveres de Kit como herdeiro. Ele sabia que manter a integridade de tudo significava muito para a família.

Mas ele não está mais aqui.

Porra. Por que não prestei atenção?

Com a banheira cheia, volto para o quarto, me sentindo meio desanimado. Mas só de ver Alessia olhando para o teto já me animo.

Minha diarista.

Sua expressão é indecifrável. Ela se vira, me vê e fecha os olhos na hora.

O que foi?

Ah, estou pelado.

Quero rir, mas decido que provavelmente não é uma boa ideia, então me apoio no batente da porta, cruzo os braços e espero paciente até que ela reabra os olhos.

Depois de alguns segundos, ela baixa um pouquinho o lençol até o nariz e espia com apenas um olho aberto.

Sorriso.

— Pode olhar o quanto quiser.

Abro os braços.

Ela pisca, e seus olhos brilham com uma combinação de constrangimento, diversão, curiosidade e, ao que me parece, um pouco de admiração. Ela dá uma risadinha e cobre a cabeça de novo.

— Você está me provocando. — A voz dela sai abafada.

— Estou mesmo. — Sem conseguir me conter, vou até a cama, e os nós dos dedos dela empalidecem quando apertam a colcha com ainda mais força. Eu me inclino sobre ela e roço os lábios em seus dedos. — Solte — sussurro, e fico surpreso quando ela obedece. Arranco a roupa de cama e ela dá um gritinho, mas a ergo em meus braços e me ponho de pé. — Agora nós dois estamos pelados — digo, encostando o nariz em sua orelha.

Ela passa os braços em volta do meu pescoço e eu a carrego, rindo, até o banheiro, e a coloco sentada na borda da banheira. Ela cobre os seios imediatamente.

— Não precisa ficar tímida. — Pego uma mecha do seu cabelo e a enrolo no indicador. — Seu cabelo é lindo. Seu corpo também.

O meio sorriso e o olhar tímido dela me dizem que é isso que precisa ouvir. Puxo gentilmente a mecha, e ela se inclina na minha direção para que eu possa beijar sua testa.

— Além disso, olhe só.

Indico com o queixo a janela panorâmica atrás da banheira. Alessia se vira, e sua respiração forte deixa claro que ela adorou a vista. A janela tem vista para a enseada e, no horizonte, o sol beija o mar em uma sinfonia de cores espetacular: ouro, opala, rosa e laranja explodem pela paisagem violeta e pela água que escurece. É maravilhosa.

— *Sa bukur*. — Sua voz está encantada. — Muito lindo.

Ela solta os braços.

— Assim como você — digo, beijando seu cabelo.

O perfume delicioso dela, de lavanda e rosas, misturado com o cheiro de sexo, entra por minhas narinas. Fecho os olhos. Ela é mais do que linda. Ela é tudo. Inteligente. Talentosa. Divertida. E corajosa. Sim, acima de tudo, corajosa. Meu coração palpita e, de repente, sou dominado pela emoção.

Porra.

Engolindo em seco para conter meus sentimentos, eu lhe ofereço minha

mão e aproximo seus dedos dos meus lábios. Beijo cada um deles antes que ela entre na banheira.

— Sente-se.

Ela logo torce o cabelo em um nó que desafia a gravidade no alto da cabeça e afunda sob as bolhas. Ela estremece, e eu sinto uma pontada de culpa, mas seu rosto relaxa quando ela olha o pôr do sol hipnotizante.

Tenho uma ideia.

— Já volto.

E saio do banheiro.

A água é profunda, quente e relaxante, e as bolhas têm uma fragrância exótica que Alessia não reconhece. Examina o frasco de gel de banho, onde se lê:

JO MALONE

LONDON

ENGLISH PEAR & FREESIA

Tem cheiro de coisa cara.

Ela se inclina para trás, olha pela janela e seu corpo relaxa devagar.

A vista.

Ua!

É uma cena pitoresca. O pôr do sol em Kukës é espetacular, mas é atrás das montanhas. Ali, o sol afunda languidamente no mar, iluminando um caminho dourado na água.

Ela sorri ao lembrar como tropeçou nas ondas mais cedo. Como foi tola. Tola e livre por algumas horas, pelo menos, e agora está ali no banheiro do Mister Maxim. O cômodo é maior do que a suíte do quarto de hóspedes e tem duas pias sob espelhos ornamentados. Ela sente uma pontada de tristeza pelo irmão de Maxim, que construiu a propriedade e não pode mais aproveitá-la. É uma bela casa.

Alessia pega a toalhinha que encontra a seu lado e lava suavemente entre as coxas. A área está um pouco sensível.

Ela fez aquilo.

Aquilo.

Respeitando a sua vontade, com alguém que ela escolheu, alguém que ela deseja. Sua mãe ficaria chocada. O pai... Estremece ao pensar no que ele poderia fazer se soubesse. E ela fez com o Mister Maxim, um inglês de olhos verdes surpreendentes e rosto angelical. Abraça a si mesma, lembrando como ele foi atencioso e gentil, e seu coração acelera um pouco. Ele fez o corpo dela ganhar vida. Fecha os olhos e se lembra do cheiro limpo dele, dos dedos dele em sua pele, a suavidade do cabelo dele... o beijo. Os olhos ardentes, cheios de desejo. Ela inspira... E ele quer fazer aquilo de novo. Sente os músculos da barriga se tensionarem.

— Ah — sussurra.

É uma sensação deliciosa.

Sim. Ela também quer fazer aquilo de novo.

Dá um risinho e envolve o corpo com mais força, tentando conter a euforia inebriante. Não sente vergonha. É assim que deve se sentir. É assim que é o amor, não é? Ela sorri, toda convencida.

Maxim reaparece com uma garrafa e duas taças. Ainda nu.

— Champanhe? — oferece ele.

Champanhe!

Ela já leu sobre champanhe. Mas nunca pensou que sentiria o gosto.

— Sim, por favor — diz ela, deixando a toalhinha de lado e tentando olhar para qualquer lugar que não seja o pênis dele.

Está ao mesmo tempo fascinada e envergonhada.

Grande. Recoberto. Flexível. Diferente de antes.

Sua experiência com a genitália masculina era limitada a obras de arte. É a primeira vez que vê um pênis de verdade.

— Segure aqui. — Maxim interrompe os pensamentos dela, e um rubor toma conta do seu rosto. Ele lhe entrega as taças de champanhe e sorri. — Você vai se acostumar com isso — diz ele, os olhos brilhando por achar graça.

Alessia se pergunta se ele estava se referindo ao champanhe... ou ao pênis. O que a faz corar ainda mais. Rasgando o lacre cor de cobre, ele destorce o arame e tira a rolha com facilidade. Serve o líquido borbulhante nas taças. Alessia fica surpresa e encantada ao ver que é rosa. Colocando a

garrafa no peitoril da janela, ele entra na outra extremidade da banheira e afunda cuidadosamente na água. A espuma sobe até a borda. Ele sorri, esperando que a água transborde da banheira, mas isso não acontece. Alessia ergue os joelhos enquanto ele desliza os pés em ambos os lados dela.

Ele pega uma das taças e bate na que ela fica segurando.

— À mulher mais corajosa e bonita que conheço. Obrigado, Alessia Demachi — diz ele, e não está mais com um ar brincalhão, mas completamente sério, olhando com atenção para ela, os olhos mais sombrios, não mais brilhando.

Alessia engole em seco, reagindo à pulsação profunda que sente na barriga.

— *Gëzuar*, Maxim. — Sua voz sai rouca quando ela leva a taça aos lábios e toma um gole do líquido gelado. É leve, borbulhante e tem sabor de verões finos e colheitas ricas. É delicioso. — Humm — murmura ela em apreciação.

— Melhor do que cerveja?

— Sim. Muito melhor.

— Achei que devíamos celebrar. Às primeiras vezes.

Ele levanta a taça, e ela faz o mesmo.

— Às primeiras vezes — diz ela, virando-se para olhar o sol poente pela janela. — O champanhe é da mesma cor que o céu — comenta, maravilhada, e sabe que Maxim a observa, mas ele também se vira para apreciar a vista magnífica. — Que indecência — diz ela, quase para si mesma.

Está tomando banho com um homem, um homem que não é seu marido, um homem com quem acabou de fazer sexo pela primeira vez, e está bebendo champanhe rosa.

Ela nem sabe o nome todo dele.

Uma risadinha chocada surge do seu lugar feliz.

— O que foi? — pergunta ele.

— Seu sobrenome é Milorde?

Maxim fica boquiaberto e então ri. Alessia empalidece um pouco e toma outro gole.

— Desculpe. — Ele parece envergonhado. — Isso é só um... hum... Não. Meu sobrenome é Trevelyan.

— Trev-el-y-an.

Alessia repete algumas vezes. Um nome complicado para um homem complicado? Ela não sabe. Ele não parece complicado, apenas muito diferente de qualquer outro homem que conheça.

— Ei — diz Maxim. Colocando a taça no peitoril da janela, ele pega o sabonete e faz espuma entre as mãos.

— Deixe eu lavar seus pés.

Estende a mão.

Lavar meus pés!

— Deixe — sussurra ele quando ela hesita.

Colocando a taça no peitoril, ela apoia o pé vacilante na mão dele, que começa a massagear o sabonete em sua pele.

Ah.

Ela fecha os olhos enquanto dedos fortes trabalham metodicamente no peito do seu pé, no calcanhar e no tornozelo. Ele esfrega a sola com a pressão perfeita.

— Ah... — geme ela.

Quando ele alcança os dedos, lava cada um individualmente, depois os enxágua, puxando e torcendo um por um com delicadeza. Ela se contorce debaixo da água e abre os olhos. O olhar firme dele sustenta o dela e a deixa sem fôlego.

— Bom? — pergunta ele.

— Sim. Mais do que bom. — A voz dela está rouca.

— Onde você sente isso?

— Em todo lugar.

Quando ele aperta o mindinho, todos os músculos ficam profundamente tensos dentro dela. Alessia arfa, ele levanta o pé dela e, com um sorriso malicioso, beija seu dedão.

— Agora o outro — ordena ele com a voz suave.

Desta vez, ela não hesita. Os dedos dele fazem magia mais uma vez, e,

quando termina, o corpo inteiro de Alessia já se derreteu. Ele beija um dedo de cada vez, exceto pelo menor, que enfia na boca e chupa. Com força.

— Ah!

Ela sente a barriga se agitar. Abre os olhos e encontra o mesmo olhar intenso, embora os lábios dele estejam agora curvados em um sorriso singular. Ele beija a planta do pé dela.

— Melhor?

— Hummm...

Ela consegue soltar apenas um murmúrio incoerente.

Um desejo estranho surge em sua barriga.

— Ótimo. Acho melhor a gente sair antes que a água esfrie.

Ele se levanta e sai do banho. Alessia fecha os olhos. Acha que nunca vai se acostumar a vê-lo nu ou se adaptar à sensação dolorida e ávida que se prolonga dentro dela.

* * *

— VAMOS — DIZ ELE.

Com uma toalha enrolada na cintura, Maxim lhe oferece um roupão azul-marinho. Um pouco menos tímida, ela se levanta e pega a mão dele, que a ajuda a sair da banheira. Ele a envolve no roupão, macio, apesar de grande demais para ela. Alessia se vira para encará-lo, e ele a beija, um beijo de verdade, completo, a língua explorando sua boca. Os dedos em sua nuca, segurando-a, guiando-a. Quando a solta, ela está sem fôlego.

— Eu podia beijar você o dia todo — murmura ele.

Gotículas de água se agarram ao corpo dele como orvalho. Ainda aturdida, Alessia imagina qual seria o sabor se as lambesse.

Como assim?

Ela inspira com força diante daqueles pensamentos indóceis.

Que atrevida.

Ela sorri. Talvez se acostume a vê-lo nu.

— Tudo bem? — pergunta ele.

Ela assente, e, pegando sua mão, ele a leva de volta para o quarto. Ele apanha a calça jeans no chão e a veste. Com os olhos arregalados, Alessia o

observa enxugar as costas.

— Apreciando a vista?

Ele dá um sorrisinho.

Ela sente o rosto ficar subitamente quente, mas sustenta o olhar dele.

— Gosto de olhar você — sussurra Alessia.

A risadinha se transforma em um sorriso encantador e sincero.

— Bom, também gosto de olhar você, e sou todo seu — diz ele, mas sua expressão é de incerteza, e ele desvia o olhar. Recupera-se depressa, veste a camiseta e o suéter e então se vira para ela e acaricia sua bochecha, roçando o polegar na linha da mandíbula. — Você não precisa se vestir, se não quiser. Estou esperando Danny com o nosso jantar.

— Ah, é?

Danny de novo? Quem é ela? Por que não falamos sobre ela?

Ele se inclina e beija Alessia.

— Mais champanhe?

— Não, obrigada. Vou me vestir.

Ah. Pelo tom, acho que ela quer que eu a deixe sozinha enquanto se veste.

— Você está bem? — pergunto. Seu sorriso discreto e seu aceno de cabeça confirmam que sim. — Ótimo — murmuro, e volto ao banheiro para pegar nossas taças e o Laurent-Perrier.

O sol enfim desapareceu, encobrindo o horizonte com a escuridão. Lá embaixo, na cozinha, acendo as luzes e guardo o champanhe na geladeira enquanto penso em Alessia Demachi.

Cara, ela é surpreendente.

Ela parece mais feliz e relaxada, porém não tenho certeza se foi a massagem nos pés, o banho, o champanhe ou o sexo. Observar sua reação na banheira foi prazeroso. Alessia de olhos fechados e gemendo com aquela sensualidade natural enquanto eu massageava seus pés foi de tirar o fôlego.

As possibilidades...

Putá merda.

Balanço a cabeça diante dos pensamentos lascivos.

Eu estava determinado a deixá-la em paz.

Determinado.

Mas quando enfim me entreguei à minha dor, ela me distraiu e me reconfortou. E eu sucumbi... a uma mulher usando um pijama do Bob Esponja e uma camisa velha de time de futebol. Mal posso acreditar.

O que será que Kit teria feito com Alessia?

Você não está transando com uma funcionária, está, Reserva?

Não. Kit provavelmente não aprovaria o que fiz, embora fosse gostar de Alessia. Ele sempre teve um olho bom para garotas bonitas.

— Esta casa é tão quente — diz Alessia, interrompendo meus pensamentos.

Está diante do balcão da cozinha vestindo a calça do pijama e a blusa branca.

— Quente demais? — pergunto.

— Não.

— Ótimo. Mais fizz?

— Fizz?

— Champanhe?

— Sim. Por favor.

Recupero a garrafa na geladeira e encho nossas taças mais uma vez.

— O que gostaria de fazer? — pergunto, depois que ela toma um gole.

Sei o que eu quero fazer, mas, considerando que ela está dolorida, provavelmente não seria uma boa ideia.

Talvez mais tarde hoje à noite.

Pegando sua taça, Alessia se senta em um dos sofás na área de leitura e olha para o jogo de xadrez na mesa de centro. O interfone toca.

— Deve ser Danny — digo, liberando a entrada dela.

Alessia pula do sofá.

— Está tudo bem. Não precisa se preocupar — garanto.

Pela parede de vidro, vejo Danny dar passos hesitantes na escadaria íngreme iluminada, carregando uma caixa de plástico branca. Parece pesada.

Abro a porta e corro descalço para encontrá-la no meio do caminho.

Porra. O chão está congelante.

— Danny. Posso levar isso.

— Está tudo bem. Maxim, você vai pegar um resfriado aqui fora — repreende ela com uma expressão de censura. — Quero dizer, milorde — acrescenta, como uma reflexão tardia.

— Danny. Me dê a caixa. — Não vou aceitar não como resposta.

Comprimindo os lábios, ela me entrega a caixa, e eu sorrio.

— Obrigado.

— Vou entrar e arrumar para você.

— Está tudo bem. Tenho certeza de que posso cuidar disso.

— Seria muito mais fácil se você estivesse na casa, senhor.

— Eu sei. Desculpe. E agradeça a Jessie por mim.

— É o seu favorito. Ah, e Jessie adiantou as batatas que estão na caixa. Já foram aquecidas no micro-ondas, então não devem demorar muito para ficar crocantes. Agora, entre. Você está descalço.

Ela franze a testa enquanto me faz voltar para casa. Como está muito frio, obedeço. Pelas janelas do chão ao teto, espia Alessia no sofá e acena para ela, que retribui.

— Obrigado — digo, no abrigo da entrada com piso aquecido aconchegante.

Não a apresento a Alessia. Sei que é uma grosseria. Mas quero permanecer na nossa bolha mais um pouco. Apresentações podem ser feitas mais tarde.

Danny balança a cabeça, o cabelo branco despenteado pelo vento gelado, e se vira para subir os degraus de volta. Eu a observo. Ela não mudou nada durante todos esses anos em que a conheço. Cuidou dos meus joelhos ralados, tratou dos meus cortes e arranhões e colocou gelo nos meus machucados desde que eu tinha idade suficiente para andar. Sempre estava de saia xadrez e sapatos grossos, nunca de calça comprida. Não mesmo. Sorrio. Jessie, sua companheira há doze anos, usa calças. Pergunto-me se

algum dia elas vão se casar. Já é legalizado há um bom tempo. Não tem mais desculpa.

— Quem é aquela? — pergunta Alessia, espiando dentro da caixa.

— Aquela é Danny. Eu falei, ela mora aqui perto e trouxe nosso jantar.

Pego a caçarola na caixa. Tem quatro batatas grandes, e fico com a boca cheia d'água quando vejo a torta banoffee.

Cara, Jessie sabe cozinhar como ninguém.

— É só esquentar o cozido, e a gente pode comer com batatas assadas. Parece bom?

— Sim. Muito bom demais.

— Muito bom demais?

— Sim. — Ela pisca. — Meu inglês?

— É ótimo — respondo e, sorrindo, tiro o assador de batata de dentro da caixa.

— Posso fazer isso — diz ela, embora pareça um pouco indecisa.

— Não. Eu faço. — Esfrego as mãos uma na outra. — Estou me sentindo meio doméstico esta noite, e, acredite, isso não acontece com frequência. Então, aproveite.

Alessia arqueia uma sobrancelha, achando graça, como se estivesse me vendo de uma perspectiva totalmente nova. Espero que isso seja bom.

— Aqui. — Em um dos armários, encontro um balde de gelo. — Pode encher de gelo. Tem na geladeira da copa. É para o champanhe.

Uma ou duas taças depois, Alessia está enroscada em um dos sofás turquesa, com os pés debaixo do corpo, me observando enquanto termino de colocar o cozido no forno.

— Você joga? — pergunto, me sentando ao lado dela.

Os olhos de Alessia se movem para o jogo de xadrez de mármore e depois de volta para mim, a expressão indecifrável.

— Um pouco — diz ela, tomando um gole da bebida.

— Um pouco, é?

É a minha vez de erguer a sobrancelha. *O que ela quer dizer?* Sem desviar os olhos dela, pego um peão branco e um cinza, então os embaralho nas

mãos em concha e os ofereço com os punhos fechados. Ela lambe o lábio superior e traça deliberadamente o indicador nas costas de uma das minhas mãos. Um tremor corre da minha mão até o braço e vai direto para o meu pau.

Nossa.

— Este aqui — diz ela, me olhando pelos cílios escuros. Eu me remexo, tentando controlar meu corpo, e mostro a palma da mão. É o peão cinza. — Preto. — Viro o tabuleiro para que as peças cinza fiquem próximo a ela. — Está bem. Vou começar.

Quatro movimentos depois, passo as mãos no cabelo.

— Como de costume, você estava escondendo o jogo, não é? — Meu tom é irônico.

Alessia morde o lábio superior em um esforço para reprimir o sorriso e parecer séria. Mas seus olhos estão vivos de divertimento enquanto ela observa meu esforço para superá-la.

Claro que ela joga como uma profissional.

Cara, ela é cheia de surpresas.

Fecho a cara na esperança de que isso a intimide a ponto de fazê-la cometer um erro. O sorriso dela aumenta, iluminando seu lindo rosto, e não contengo o riso em resposta.

Ela é impressionante.

— Você é muito boa nisso — observo.

Ela dá de ombros.

— Não tem muito o que fazer em Kukës. Em casa, temos um computador antigo, mas nada de videogames e telefones espertos. Piano, xadrez, livros e um pouco de TV são o que temos.

Ela observa a estante de livros do outro lado da sala, os olhos cheios de admiração.

— Livros?

— Ah, sim. Muitos, muitos livros. Em albanês e inglês. Eu queria ser professora de inglês.

Ela estuda o tabuleiro por um momento, deixando o bom humor de lado.

Agora ela é uma faxineira fugindo dos bandidos do tráfico sexual.

— Mas você gosta de ler?

— Sim. — Ela se ilumina. — Ainda mais em inglês. Minha avó contrabandeava livros para o país.

— Você falou. Parece arriscado.

— Sim. Era perigoso para ela. Livros em inglês foram banidos pelos comunistas.

Banidos!

Mais uma vez percebo que sei muito pouco sobre o país dela.

Cara, se concentre.

Como o cavalo de Alessia e fico um pouco convencido. Mas basta olhar para o rosto dela para saber que está contendo o riso. Ela desliza a torre três casas para a esquerda e ri.

— *Schah...* não. Xeque.

Merda!

— Ok, esse é nosso primeiro e último jogo de xadrez — resmungo, enquanto balanço a cabeça me odiando.

É como jogar com Maryanne. Ela sempre ganha.

Alessia coloca o cabelo atrás da orelha, toma outro gole de champanhe e gira a cruz de ouro entre os dedos. Está se divertindo muito, acabando comigo.

É um momento de humildade.

Concentre-se.

Três movimentos depois, ela me venceu.

— Xeque-mate — diz, me observando atenta, e sua expressão solene me tira o fôlego.

— Bom jogo, Alessia Demachi — sussurro, o desejo aquecendo meu sangue. — Você é muito boa nisso.

Ela olha o tabuleiro, quebrando o feitiço. Quando ergue a cabeça, abre um sorriso tímido.

— Eu jogava xadrez com meu avô desde os seis anos. Ele era... Como se diz? Um demônio no jogo. E queria ganhar. Mesmo de uma criança.

— Ele ensinou bem — murmuro, me recompondo.

O que realmente quero fazer é pegá-la ali mesmo no sofá. Penso em pular em cima dela, mas admito que é melhor comermos primeiro.

— Ele ainda está vivo? — pergunto.

— Não, morreu quando eu tinha doze anos.

— Sinto muito.

— Ele teve uma vida boa.

— Você disse que queria ser professora de inglês. O que aconteceu?

— Minha universidade fechou. Eles não tinham dinheiro. E meus cursos acabaram.

— Puxa, que droga.

Ela ri.

— Sim. É uma droga. Mas eu gosto de trabalhar com crianças pequenas. E ensino música e leio inglês para elas. Mas só dois dias a cada semana, já que não sou... Qual é a palavra? Qualificada. E ajudo minha mãe em casa. Outra partida?

Faço que não com a cabeça.

— Acho que meu ego pode precisar de um tempo para se recuperar antes de fazermos isso de novo. Está com fome?

Ela assente.

— Ótimo. O cozido está com um cheiro incrível, e estou morrendo de fome.

Ensopado de carne com ameixas é o meu favorito de todos os pratos de Jessie. Ela costumava prepará-lo para caçadas de inverno na propriedade quando Kit, Maryanne e eu éramos convocados para o serviço como batedores, conduzindo os pássaros em direção às armas. O cheiro está tentador. Depois de todas as nossas atividades de hoje, estou faminto.

* * *

ALESSIA INSISTE EM trazer os pratos, e deixo que ela faça isso enquanto arrumo a mesa. Disfarçadamente, eu a observo trabalhando na cozinha. Seus movimentos são organizados e elegantes. Ela tem uma graça intrínseca e sensual, e me pergunto se já foi dançarina. Quando ela se vira, seu cabelo maravilhoso se espalha pelo rosto travesso e, com um movimento delicado do pulso, ela o tira da frente. Seus dedos compridos seguram a faca enquanto ela

corta as batatas assadas, liberando fios de vapor. Com o rosto sério e concentrado, ela passa manteiga nas batatas e para ao lamber um pouco de manteiga derretida do indicador.

Sinto um aperto entre as pernas.

Ai, minha nossa.

Ela olha para cima e me flagra observando.

— O que foi?

— Nada. — Minha voz está rouca. Pigarreio. — Só gosto de olhar você. É muito linda. — Eu me mexo depressa e a abraço, pegando-a desprevenida. — Estou feliz que você esteja aqui comigo.

Meus lábios encontram os dela em um beijo rápido e carinhoso.

— Também estou feliz — diz ela com um sorriso tímido. — Maxim.

Sorrio de orelha a orelha. Adoro ouvir meu nome com o sotaque dela. Pego nossos pratos.

— Vamos comer.

O cozido de carne e ameixa está cheiroso, doce e macio.

— Humm — murmura Alessia, fechando os olhos com gosto. — *I shijshëm.*

— Quer dizer “eu odeio isso” em albanês? — pergunta Maxim.

Ela ri.

— Não. É delicioso. Amanhã vou cozinhar para você.

— Você cozinha? — pergunta ele.

— Cozinho? — Alessia leva a mão ao peito, ofendida. — É claro. Sou uma mulher albanesa. Todas as mulheres albanesas cozinham.

— Está bem. Amanhã vamos comprar os ingredientes. — O sorriso dele é contagiante, mas, ao olhar para ela, fica sério. — Um dia você vai me contar toda a história?

— História?

Ela sente o coração disparar.

— De como e por que você veio parar na Inglaterra.

— Sim. Um dia — diz ela.

Um dia. Um dia! UM DIA!

O coração dela dá um salto. Essas duas palavras implicam um futuro tangível com aquele homem.

Não é?

Mas que tipo de futuro?

Alessia está confusa sobre como homens e mulheres interagem na Inglaterra. É diferente em Kukës. Já viu muitos programas de TV americanos — quando sua mãe não estava vigiando o que ela assistia —, e aprendeu que em Londres homens e mulheres ficam juntos em público com liberdade e tranquilidade. Se beijando. Conversando. De mãos dadas. E ela sabe que esses casais não são casados. São amantes.

Maxim segura a mão dela.

Eles conversam.

Ele faz amor com ela...

Amantes.

Com certeza é isso que ela e Mister Maxim são agora.

Amantes.

A esperança se agita em seu coração e é uma sensação empolgante, mas assustadora. Ela o ama. Devia dizer isso a ele. No entanto, é tímida demais para se declarar. E não sabe como ele se sente em relação a ela. Mas Alessia sabe que iria até o fim do mundo por ele.

— Quer sobremesa? — pergunta Maxim.

Alessia dá um tapinha na barriga.

— Estou cheia.

— É torta banoffee.

— Banoffee?

— Banana, caramelo e creme.

Ela nega com um gesto de cabeça.

— Não, obrigada.

Ele leva os pratos vazios até o balcão da cozinha e volta com uma fatia de

torta banoffee. Sentando-se, coloca o prato na mesa e come uma garfada.

— Hummm... — diz ele com um apreço exagerado.

— Você está me provocando. Quer que eu queira a sua sobremesa? — pergunta ela.

— Eu quero que você queira muitas coisas. Neste momento, é a sobremesa. — Maxim sorri e lambe os lábios. Com o garfo, pega um pedacinho de creme e oferece a ela. — Coma — sussurra, a voz sedutora e o olhar hipnotizante.

Em resposta, ela entreabre os lábios e aceita a garfada.

Oh, Zot i madh!

Fecha os olhos e saboreia o doce que se dissolve. É um pedaço do paraíso. Quando ela se concentra em Maxim outra vez, ele está sorrindo como se dissesse: “Eu avisei.” Ele oferece a ela outro pedaço, maior dessa vez. Então ela abre a boca sem hesitar. Mas ele coloca a garfada na própria boca, sorrindo com malícia enquanto mastiga. Ela ri. O Mister é brincalhão. Ela faz beicinho, e ele a recompensa com um sorriso malicioso e outro pedaço de torta. Seus olhos desviam para os lábios de Alessia enquanto ele limpa o canto da boca com o indicador.

— Você esqueceu isso aqui — murmura, erguendo o dedo cheio de creme.

Lá se vai o humor dele. Substituído por um olhar mais sério e sensual. A pulsação de Alessia dispara. E ela não sabe se é o champanhe que a deixa mais ousada ou o olhar ardente dele, mas se rende aos próprios instintos. Inclinando até o dedo e com os olhos fixos nos dele, lambe o creme com a ponta da língua. Maxim fecha os olhos e um leve gemido de deleite ressoa em sua garganta. Encorajada pela reação dele, ela lambe o dedo mais uma vez, depois beija a ponta antes de provocá-la de leve com os dentes. Maxim arregala os olhos e ela fecha os lábios ao redor do dedo dele e chupa. Com força.

Hummm... Tem gosto de limpeza. De homem.

Maxim fica boquiaberto. Alessia continua chupando, observando as pupilas dele dilatarem enquanto os olhos permanecem nos lábios dela. A reação dele é excitante. Quem diria que ela tinha o poder de provocá-lo? É uma revelação e tanto. Ela roça os dentes na ponta do dedo dele, que geme.

— Dane-se a torta — diz ele, quase para si mesmo, retirando devagar o

dedo da boca de Alessia.

Segura a cabeça dela e a beija, percorrendo com a língua no lugar do dedo. Molhada. Quente. Explorando-a e reivindicando-a para ele. Alessia reage na hora, os dedos se entrelaçando no cabelo dele e o beijando avidamente de volta. Ele tem gosto de torta e de Maxim. Uma mistura inebriante.

— Cama ou xadrez? — sussurra ele nos lábios dela.

De novo? Sim! Ela sente um arrepio correr por seu corpo na velocidade da luz.

— Cama.

— Boa resposta.

Ele acaricia o rosto dela, roçando o polegar em seu lábio inferior, e sorri, os olhos iluminados com uma promessa sensual. De mãos dadas, os dois sobem a escada. Na entrada do quarto, ele aperta o interruptor para que apenas as luzes da cabeceira iluminem o ambiente. Então se vira de repente e a beija, as mãos de cada lado do rosto dela enquanto a encosta na parede. O coração de Alessia acelera quando ele pressiona o corpo contra o dela. Ele a quer. Ela pode sentir.

* * *

— TOQUE EM MIM — sussurra ele. — Em todos os lugares. — E os lábios dele estão novamente nos de Alessia, possessivos e carentes, arrancando um gemido do fundo da garganta dela. — Sim. Quero ouvir você.

As mãos dele deslizam para a cintura dela. Alessia espalma as mãos no peito dele enquanto continua saboreando sua boca. Quando ele a solta, ambos estão ofegantes. Ele apoia a testa na dela, a respiração dos dois se misturando, ambos em busca de ar.

— O que você faz comigo... — A voz dele é suave como uma brisa de primavera. Olha para ela, o desejo nos olhos queimando na alma. Ele agarra a barra da blusa dela e a tira pela cabeça. Está nua por baixo, e a reação natural de Alessia é cobrir os seios. Mas ele apanha as mãos dela, encarando-a. — Você é maravilhosa. Não se esconda.

Ele a beija mais uma vez enquanto entrelaça os dedos nos dela, dando as mãos. Segurando-a, ele continua a doce invasão da sua boca. Quando ela se afasta em busca de ar, ele beija seu pescoço, sua mandíbula, e os dentes dele roçam seu queixo antes de dar beijos molhados e extensos onde a pulsação do

pescoço é palpável.

O sangue percorre o corpo dela desgovernado. Por dentro, ela está derretendo. Por inteiro. Contrai os dedos, mas ele não os solta.

— Quer tocar em mim? — pergunta ele ainda no pescoço dela.

Alessia geme.

— Me diga.

— Sim — sussurra, e ele mordisca suavemente o lóbulo de sua orelha. Se contorcendo contra ele, ela geme e contrai os dedos de novo. Desta vez, ele a solta e agarra os quadris dela, puxando-a na direção de sua ereção.

— Me sinta — murmura.

Ela sente. Todo ele.

Pronto. Esperando. Por ela.

O coração de Alessia acelera, e ela arfa.

Ele a quer. E ela o quer.

— Tire a minha roupa — diz ele, e os dedos dela encontram a barra da camiseta.

Hesitando apenas por um momento, ela a arranca pela cabeça. Depois que Alessia larga as roupas dele no chão, ele coloca as mãos na cabeça.

— O que vai fazer comigo agora? — pergunta, e um sorriso sexy e satisfeito curva seus lábios.

Alessia inspira, absorta pelo convite corajoso enquanto percorre o corpo dele com os olhos. Seus dedos estão ansiosos para tocar nele. Para sentir a pele dele na dela.

— Vá em frente — sussurra Maxim, a voz marcada pelo desafio sedutor.

Ela quer tocar no peito, no abdômen dele. Também quer beijá-lo lá. O pensamento provoca um aperto estranho e delicioso dentro dela. Hesitante, ela ergue a mão e, com o indicador, traça uma linha pelo peito, descendo entre os músculos abdominais e chegando ao umbigo. Os olhos de Maxim não desgrudam dos dela, a respiração ofegante, e ela continua passando o dedo pela barriga, através dos pelos, até o botão de cima da calça jeans. A coragem a abandona e ela hesita.

Maxim sorri e agarra a mão dela, levando-a à boca e beijando as pontas dos dedos. Ele a vira e planta os lábios e a ponta da língua no punho dela,

onde o sangue lateja com força. Ele passa a língua pelo punho de Alessia, e ela arfa. Com um sorriso, ele a solta e segura a cabeça dela. Seus lábios encontram os dela mais uma vez, e ele explora sua boca.

Ela está ofegante quando ele a solta.

— Minha vez — diz Maxim.

Com um cuidado infinito e um toque suave como uma pena, ele traça com o indicador um caminho entre os seios, descendo para a barriga, chegando ao umbigo, circundando duas vezes antes de prosseguir para o elástico do pijama. O coração de Alessia dispara, ecoando em um ritmo insano em sua cabeça.

De repente, ele se ajoelha diante dela.

Como assim?

Ela agarra os ombros dele para se apoiar. As mãos de Maxim se movem pelo traseiro dela enquanto ele beija a parte de baixo de cada seio e espalha uma trilha de beijos suaves e doces até o umbigo.

— Ah — murmura ela, enquanto a língua dele contorna e mergulha em seu umbigo.

Alessia passa os dedos pelo cabelo dele. Maxim a encara e dá um sorriso malicioso. Com as mãos em seu traseiro, ele se senta e a puxa, mantendo-a no lugar, roçando o nariz no sexo dela.

— O qu...! — exclama Alessia, chocada.

Ela agarra o cabelo de Maxim, e ele geme.

— Você é cheirosa — sussurra ele, fazendo-a arfar.

As mãos dele deslizam para dentro do pijama e seguram o traseiro nu, apertando-o enquanto esfrega, sem parar, o nariz no clitóris dela.

Não era o que ela estava esperando. A visão dele de joelhos a seus pés, fazendo o que está fazendo com o corpo dela, é estimulante demais. Ela fecha os olhos, inclina a cabeça para trás e geme. As mãos dele se mexem, e ela sente o pijama deslizando pelas pernas.

Zot!

O nariz dele fica no ápice de suas pernas.

— Maxim! — grita ela, escandalizada, e tenta afastar a cabeça dele.

— Shhh — murmura ele. — Está tudo bem.

E a língua substitui o nariz enquanto ele resiste às fracas tentativas de detê-lo.

— Ah — geme Alessia, enquanto ele continua provocando, a língua dando voltas e voltas e voltas.

Ela para de lutar e se entrega à sensação, se deliciando com o prazer do toque dele. As pernas de Alessia começam a tremer, e Maxim agarra os quadris dela, persistindo naquele tormento delicioso.

— Mais, por favor — implora ela, e ele fica de pé em um movimento fluido.

Ela agarra os quadris dele, e ele a beija de novo, as mãos no cabelo dela, puxando a cabeça para trás, e ela se abre para ele, saboreando sua língua. Ele está com um gosto diferente: salgado, escorregadio... Ela percebe que é o gosto dela!

O perëndi!

Com a boca na dela, Maxim desliza a mão pelo corpo de Alessia, roçando o mamilo com o polegar, traçando a linha da cintura e seguindo até a junção das coxas. Os dedos dele a provocam onde momentos antes estava sua língua, e ele desliza um dedo para dentro dela. Tremendo e movida pelo instinto, ela tenta encontrar alívio na mão dele, empurrando os quadris em sua direção.

— Isso — sibila Maxim com um prazer evidente enquanto circula o dedo dentro dela, para dentro e para fora.

Quando ela inclina mais a cabeça para trás e fecha os olhos, ele retira a mão e começa a tirar a calça jeans. O zíper se abre e, do bolso de trás, ele pega uma camisinha. Arranca depressa a calça jeans, e Alessia o observa, entre atordoada e fascinada, abrir a embalagem e desenrolar o preservativo sobre a ereção. A respiração dela está forte e acelerada... mas ela quer tocar nele. Lá. Só que não tem coragem. Ainda.

E eles nem estão na cama... O que Maxim vai fazer? Ele a beija novamente e coloca as mãos na cintura dela.

— Espere — sussurra ele, levantando-a. — Passe as pernas e os braços ao meu redor.

Como assim? De novo?

Ela faz o que ele pede, surpresa mais uma vez com a própria agilidade, enquanto ele coloca as mãos no traseiro dela e a encosta contra a parede.

Maxim está ofegante.

— Você está bem? — pergunta ele.

Ela assente, os olhos arregalados e carentes. Seu corpo anseia por ele. Ela o quer... muito. Ele a beija e empurra os quadris para a frente, afundando lentamente dentro dela.

Alessia geme e estremece quando ele cresce e a preenche.

Ele para.

— Demais? — pergunta, e ela percebe sua preocupação. — Me diga. — A voz dele é urgente. — Se quiser parar, é só dizer.

Ela contrai as coxas. Está tudo bem. Ela pode fazer aquilo. É o que ela quer. Encosta a testa na dele.

— Mais. Por favor.

Ele geme e volta a se mexer, empurrando os quadris. Devagar no começo, mas, quando Alessia arfa e geme, ele aumenta o ritmo. Ela se segura com mais força nele quando pegam velocidade. A sensação é intensa e atravessa o corpo dela. E ela começa a sentir mais e mais prazer enquanto ele se mexe.

Ah. Não. Isso é demais. É demais. Ela crava as unhas nos ombros dele.

— Maxim, Maxim — choraminga ela. — Eu não consigo.

Ele para de se mexer na mesma hora, a respiração entrecortada. Então a beija, respira fundo e, sem desfazer o contato íntimo, ele vai até a cama. Deita Alessia suavemente de costas e a encara com os olhos da cor de uma floresta primaveril, as pupilas dilatadas, expondo sua necessidade. Estendendo a mão, ela acaricia o rosto dele, impressionada com sua força.

— Melhor? — pergunta ele, aninhando-se entre as pernas dela e apoiando o próprio peso nos antebraços.

— Sim — sussurra Alessia, e passa os dedos pelo cabelo macio dele.

Ele mordisca os lábios dela e volta a se mexer. A princípio aos poucos, mas depois vai aumentando a velocidade. Assim é mais fácil, não tão profundo, e, antes que Alessia se dê conta, seu corpo não é mais dela: se mexe no ritmo do de Maxim, combinando com seu ir e vir mais uma vez. Ela está perdida nele, com ele... Sentindo cada vez mais prazer, os músculos cada vez mais tensos.

— Isso — sibila Maxim, pressionando uma vez mais, mas de repente se acalma com um grunhido.

Alessia grita ao explodir ao redor dele uma, duas vezes, mais uma, fora de controle embaixo do corpo tenso.

Quando ela abre os olhos, a testa de Maxim está encostada na dela, os olhos dele fechados.

— Ah, Alessia — sussurra ele.

Depois de um momento, abre os olhos e ela acaricia o rosto dele enquanto os dois se observam. Ele é tão precioso. Tão, tão precioso.

— *Të dua* — sussurra ela.

— O que isso quer dizer?

Ela sorri e ele reage com gentileza, a expressão cheia de admiração e... veneração, talvez. Ele se inclina e a beija nos lábios, nas pálpebras, nas bochechas, na mandíbula, e sai lentamente de dentro dela. Alessia choramanga, sentindo a perda, então se vira de lado, completa, mas exausta, e adormece nos braços dele.

Ela está enroscada ao meu lado, enrolada na colcha.

Pequena. Vulnerável. Linda.

A moça que já passou por tanta coisa agora está aqui ao meu lado, onde posso protegê-la. Eu me alongo, observando seu peito subir e descer: os lábios entreabertos enquanto ela respira, os cílios escuros se espalhando acima das bochechas. Ela tem a pele perfeita e os lábios rosados. É maravilhosa e sei que nunca vou me cansar de olhar para ela. Estou fascinado e enfeitiçado. Ela é mágica em todos os sentidos.

Perdi a conta de quantas vezes já transei, mas nunca me senti tão conectado. É um sentimento estranho e inquietante, assim como meu desejo por mais.

Afasto uma mecha de cabelo da testa dela apenas como uma desculpa para tocá-la. Alessia se mexe e murmura algo em albanês, e fico paralisado, com medo de tê-la acordado. Mas ela se acomoda mais uma vez em um sono tranquilo, e lembro que vai ficar com medo do escuro se acordar. Com cuidado para não a perturbar, saio da cama e desço a escada para pegar a luz noturna que comprei. Coloco as pilhas, acendo e a deixo na mesa de cabeceira ao lado de Alessia. Se acordar, ela não vai ficar na escuridão total.

Deslizando de volta para debaixo das cobertas, eu me deito e a observo.

Ela é maravilhosa: a curva da bochecha, do queixo, o jeito como a pequena cruz de ouro se aninha na base do pescoço. Ela é deliciosa. Parece jovem mas serena enquanto dorme. Pego uma mecha do seu cabelo e a enrolo no dedo. Peço a Deus que ela esteja se sentindo mais segura agora. E que seus sonhos não sejam os pesadelos de ontem. Ela suspira, e seus lábios se curvam em um sorriso discreto. Sua expressão é estimulante. Olho para ela até não conseguir mais manter os olhos abertos. E, antes de cair no sono, murmuro o nome dela.

Alessia.

Capítulo Dezesseis

Sinto a presença de Alessia antes mesmo de acordar de vez. O calor do corpo dela se infiltra no meu. Desfrutando a sensação da pele dela na minha, abro os olhos para me deparar com a manhã nublada e aquela figura adorável que é Alessia. Ela dorme, o sono profundo, grudada em mim, a mão na minha barriga, a cabeça no meu peito. Meu braço envolve seus ombros, se apossando e a mantendo bem junto a mim, e ela está nua. Abro um sorriso ao mesmo tempo que meu corpo desperta.

Quanta diferença um dia faz.

Permaneço deitado por alguns instantes apreciando seu calor e o perfume do seu cabelo. Ela muda de posição e balbucia algo incompreensível, então suas pálpebras se abrem.

— Bom dia, linda — murmuro. — É hora de acordar.

E a viro para que fique de costas. Ela pisca algumas vezes enquanto beijo a ponta do seu nariz e uso o meu para fazer carinho no ponto atrás de sua orelha, onde dá para sentir sua pulsação. Ela sorri e joga os braços em volta do meu pescoço, e minhas mãos viajam para os seus seios.

* * *

O SOL BRILHA no céu. O ar está fresco e frio. “No Diggity” ecoa no carro enquanto dirijo na A39 em direção a Padstow. Descarto a ideia de assistir à missa de domingo. Haverá muita gente conhecida na paróquia local. Uma vez que eu tiver contado a Alessia quem sou e o que faço... aí quem sabe. Olho para ela, que está batendo os calcanhares na cadência da música. Ela me lança um sorriso rápido, que provoca uma reação entre as minhas pernas.

Cara, como ela é cativante.

Seu sorriso ilumina o interior do Jaguar — e a mim.

Retribuo com um sorriso torto, lembrando-me dessa manhã. E da noite passada. Ela coloca a mecha rebelde atrás da orelha, e as bochechas coram de um jeito inocente. Talvez ela também esteja pensando no que aconteceu nessa manhã. Tomara que esteja. Eu visualizo Alessia, uma miragem na minha cama, a cabeça tombando para trás em êxtase, a boca aberta quando ela grita e goza, seu cabelo espalhado e caindo pela beirada da cama. Meu sangue desce até a virilha ao pensar nisso. Isso. Ela pareceu gostar. Pareceu

gostar muito. Remexendo-me no banco com essa lembrança, estendo o braço e aperto o joelho dela.

— Você está bem? — pergunto.

Ela confirma com um gesto de cabeça, os intensos olhos castanhos brilhando.

— Eu também. — Pegó sua mão, levo-a aos meus lábios e dou um beijo agradecido na palma.

Estou contente. Mais do que contente, eufórico. Não fico tão feliz desde... desde... desde antes da morte de Kit. E sei que é por causa de Alessia.

Estou encantado com ela.

Mas não vou ficar analisando meus sentimentos. Não quero. São emoções novas e puras e um pouco desconcertantes. Nunca me senti assim. A verdade é que estou animado. Vou fazer compras com uma mulher e estou ansioso — será que essa é a primeira vez que isso acontece?

No entanto, suspeito que vou travar uma batalha com Alessia. Ela é orgulhosa. Talvez seja uma característica albanesa. No café da manhã, foi inflexível ao dizer que eu não podia comprar nenhuma roupa nova para ela. Mesmo assim, está sentada ao meu lado com sua única calça jeans, a blusa branca fina e encardida, as botas caindo aos pedaços e o casaco velho da minha irmã. Essa é uma briga que ela não vai ganhar.

Deixo o carro no grande estacionamento perto do cais. Ela está curiosa, observando os arredores pelo vidro.

— Quer dar uma olhada? — pergunto, e saímos do carro.

É um cenário digno de cartão-postal: chalés e casas antigos construídos com pedras cinzentas da Cornualha, alinhados no pequeno porto, onde vemos alguns barcos de pesca atracados, já que é domingo.

— É uma boa vista — diz Alessia.

Ela está encolhida no casaco e eu a abraço.

— Vamos lá arranjar umas roupas para esquentar você — sugiro com um sorriso, mas ela logo se esquia de mim.

— Maxim, não tenho como pagar nenhuma roupa nova.

— Fica por minha conta.

— Sua conta? — Ela franze o cenho.

— Alessia, você não tem nada. Eu posso resolver isso sem o menor problema. Por favor. Me deixe fazer isso. Eu quero.

— Não é certo.

— Quem disse que não é certo?

Ela dá uma batidinha na boca com o dedo, parecendo não ter pensado em um argumento.

— Eu. *Eu* digo — acaba respondendo.

Solto um suspiro.

— É um presente por todo o seu trabalho árduo...

— Um presente porque tenho relações sexuais com você.

— O quê? Não! — Rio, achando tão assustador quanto engraçado. Passo os olhos depressa pelo cais para conferir se alguém pode nos ouvir. — Eu já tinha me oferecido para comprar as roupas antes de fazermos sexo, Alessia. Vamos. Olhe só para você. Está congelando. E eu sei que entra água nas suas botas. Vi as pegadas molhadas no corredor do meu apartamento.

Ela abre a boca para falar.

Levanto a mão para interrompê-la.

— Por favor — insisto. — Seria um enorme prazer para mim.

Ela contrai os lábios, sem se deixar impressionar. Tento outra abordagem.

— Vou comprar de qualquer maneira, quer você queira ou não. Ou seja, você pode vir comigo e escolher alguma coisa do seu agrado ou deixar tudo comigo.

Ela cruza os braços.

Merda. Alessia Demachi é cabeça-dura.

— Por favor. Por mim — imploro, estendendo a mão para ela.

Alessia me fita, e lhe ofereço o meu melhor sorriso. Então ela suspira — resignada, acho — e me dá a mão.

Ponto para mim.

O Mister Maxim tem razão. Ela precisa de roupas. Por que está sendo tão

teimosa com a generosidade dele? Porque ele já fez demais por ela. Alessia caminha a passos largos junto a Maxim ao longo do cais, tentando ignorar a voz escandalizada da mãe martelando em sua mente.

Ele não é seu marido. Ele não é seu marido.

Ela balança a cabeça.

Basta!

Não vai deixar a mãe ausente constrangê-la. Ela está na Inglaterra agora. Livre. Como uma garota inglesa. Como a avó. E o Mister Maxim disse que ela está de férias, e se isso seria um prazer para ele... Depois do prazer que ele lhe deu, como pode recusar? Ela cora ao se lembrar do... como foi que ele falou?

Bom dia, linda.

Alessia se esforça para não sorrir. Ele podia acordá-la daquela maneira todos os dias.

E ele preparou o café da manhã de novo.

Maxim a está mimando.

Ela não é mimada por alguém há muito tempo.

Será que pode dizer que já foi mimada alguma vez na vida?

Alessia olha para Maxim enquanto caminham até o centro de Padstow, e seu coração entra em descompasso. Ele a fita, os olhos vivos, e um sorriso largo se abre em seu rosto bonito. Ele tem um ar travesso nessa manhã. Deve ser a barba por fazer. Ela gosta da sensação dela sob sua língua. E ama a sensação dela contra sua pele.

Alessia!

Ela não tinha ideia de que podia ser tão atrevida. O Mister Maxim despertou um monstro. Ela ri para si mesma.

Quem diria?

Seus pensamentos dão uma guinada sombria. O que ela vai fazer quando voltarem para Londres e as férias terminarem? Ela enrosca um braço no bíceps de Maxim e aperta a mão dele. Não quer pensar nisso. Não agora. Não hoje.

São férias.

Enquanto caminham, essas palavras se tornam um mantra para ela.

São férias.

Ky është pushim.

Padstow é maior que Trevethick, mas as casas antigas e apertadas e as ruas estreitas são iguais. É uma cidadezinha pitoresca. O lugar está cheio, com turistas e moradores desfrutando o sol apesar do frio. Há crianças tomando sorvete. Jovens de mãos dadas, como Maxim e ela. E idosos felizes, de braços dados. Alessia fica maravilhada ao ver as pessoas expressarem carinho com tamanha liberdade nas ruas. Em Kukës não é assim.

Entro na primeira loja de roupa feminina. É de uma rede local, e fico parado ali no meio observando tudo o que vendem. Todas as peças parecem bem bonitas, mas, francamente, me sinto meio perdido. Alessia não solta o meu braço. Não faço ideia de por onde começar. Tinha a vaga impressão de que contaria com a cooperação dela, seu entusiasmo, até... mas ela não parece interessada nos produtos.

Uma vendedora jovem se aproxima. Loura e animada, com um sorriso brilhante e amigável e um rabo de cavalo balançando para combinar, pergunta:

— Posso ajudar, senhor?

— Minha... minha namorada precisa de tudo. Ela deixou todas as suas coisas em Londres, e vamos ficar uma semana aqui.

Namorada? É. Isso serve.

Alessia olha para mim, surpresa.

— Claro. Do que você precisa? — pergunta a vendedora, com um olhar alegre para Alessia.

Que por sua vez dá de ombros.

— Vamos começar com uma calça jeans — interfiro.

— De que tamanho?

— Não sei — responde Alessia.

A vendedora olha confusa e então dá um passo analítico para trás.

— Você não é daqui, é? — pergunta, simpática.

— Não. — Alessia cora ao responder.

— Acho que você é um tamanho pequeno, talvez um oito ou dez, aqui no Reino Unido. — Ela nos lança um olhar ansioso, esperando uma confirmação.

Alessia faz um gesto afirmativo com a cabeça, embora eu ache que é porque ela não quer ser mal-educada.

— Por que não vai para o provador, eu levo algumas calças desses tamanhos e começamos assim?

— Tudo bem — balbucia Alessia e, lançando um olhar indecifrável para mim, segue a vendedora até a cabine.

Ouçó a garota informar Alessia:

— Aliás, o meu nome é Sarah.

Solto um suspiro de alívio e observo Sarah pegar umas calças nas prateleiras.

— Uma lavagem clara, uma escura e uma preta — sugiro.

O rabo de cavalo da moça balança animado quando ela sorri para mim e pega várias peças.

Passeando por ali, remexo algumas araras de roupa tentando ver o que cairia bem em Alessia. Já saí para fazer compras com mulheres antes, mas elas sempre sabiam o que queriam. Sou arrastado para as lojas só para pagar ou dar uma opinião que será ignorada. Todas as mulheres que conheço confiam no próprio estilo. Será que ela devia fazer compras com Caroline?

O quê?

Em Londres?

Não. Provavelmente não é uma boa ideia.

Ainda não.

Franzo a testa. O que estou fazendo?

Estou trepando com a minha diarista. É isso que estou fazendo.

Na minha cabeça, eu a ouço gritando quando goza. Meu pau fica duro só de lembrar.

Putá merda.

É. Estou trepando com ela, e quero mais.

É por isso que estou aqui.

Eu gosto dela. Gosto de verdade. E quero protegê-la de toda a merda em que está metida... E eu tenho tanto, e ela não tem nada.

Deixo escapar uma risada. É uma redistribuição de riqueza. Isso sim. Que comportamento mais altruísta e socialista da minha parte. Minha mãe não ficaria nada feliz. E pensar nisso me faz sorrir.

Encontro dois vestidos de que gosto, um preto e um verde-esmeralda, e os entrego à vendedora.

Será que Alessia vai gostar?

Acomodo-me em um uma cadeira convenientemente posicionada do lado de fora do provador e aguardo, tentando espantar meus pensamentos inquietantes.

Alessia aparece com o vestido verde.

Uau.

Eu me sinto meio tonto.

Nunca a tinha visto de vestido.

Seu cabelo forma uma cascata que desce até abaixo dos seios, que, por sua vez, estão cobertos por um tecido macio ajustado no corpo.

No corpo todo.

Seios. Barriga lisinha. Quadris. O vestido acaba acima dos joelhos. Alessia está descalça e sensacional — parece um pouco mais velha, talvez, mas muito sofisticada.

— É demais? — pergunta Alessia, puxando o decote.

— Não. — Minha voz está rouca, e pigarreio para que volte ao normal. — Não, está ótimo.

— Você gostou?

— Gostei. Gostei. Muito. Você está linda.

Ela dá um sorriso tímido. Levanto o dedo e faço um movimento para ela dar uma voltinha. Ela dá um giro rápido e solta uma risadinha.

O tecido está justo na bunda dela também.

É. Ela é maravilhosa.

— Aprovado — digo, e ela volta para o provador.

Quarenta e cinco minutos depois, Alessia tem um novo guarda-roupa: três calças jeans, quatro blusas de manga comprida de cores variadas, duas saias, duas camisas lisas, dois cardigãs, dois vestidos, dois suéteres, um casaco, meias, meias-calças, sutiãs e calcinhas.

— Dá um total de 1.355 libras, por favor. — informa Sarah a Maxim.

— O quê?! — Alexia solta um guincho.

Maxim entrega o cartão de crédito a Sarah, puxa Alessia para seus braços e lhe dá um beijo demorado e intenso. Ela está sem fôlego quando ele a solta e fita o chão, morrendo de vergonha. Não consegue encarar Sarah. Na cidade de Alessia, dar as mãos em público é considerado um atrevimento. Beijar. Não. Nunca. Nunca em público.

— Ei — murmura Maxim, levando a mão ao queixo dela para fazer com que levante a cabeça.

— Você gasta demais — sussurra ela.

— Não é demais se é com você. Por favor. Não fique brava comigo.

Ela me encara por muito tempo, mas não faço ideia do que está pensando.

— Obrigada — acaba dizendo.

— Sempre às ordens — respondo, aliviado. — Agora vamos arrumar uns sapatos decentes para você.

O rosto de Alessia se ilumina como um dia de verão.

Ah. Sapatos... O caminho para o coração de toda mulher.

* * *

EM UMA LOJA próxima, ela escolhe um par de botas pretas de cano curto.

— Você precisa de mais do que apenas um par.

— Só preciso disso.

— Olhe, essas são bonitas. — Seguro um par de sapatilhas. Eu gostaria que essa loja vendesse sapatos de salto alto no melhor estilo “me fode”, mas, para a minha tristeza, tudo ali tem foco na praticidade.

Alessia hesita.

— Eu gosto desses — digo, esperando que minha opinião influencie sua

escolha.

— Tudo bem. Se você gosta. São bonitos.

Abro um sorriso.

— E gosto dessas também.

Seguro umas botas de couro marrom de cano bem longo e salto.

— Maxim — repreende Alessia.

— Por favor.

Ela dá um sorriso relutante e fala:

— Tudo bem.

— Podemos deixar suas botas para reciclar aqui — diz Maxim quando eles estão parados no caixa da loja.

Alessia olha para as botas novas que está calçando e depois para o par antigo. Aquilo é tudo o que restou das suas roupas da Albânia.

— Eu queria guardar essas botas — diz ela.

— Por quê?

— São da Albânia.

— Ah. — Ele parece surpreso. — Bom, talvez possamos mandá-las para restaurar.

— Restaurar? O que é isso?

— Consertar. Trocar a sola do sapato. Entende?

— Sim. Sim — responde ela, animada. — Restaurar.

Ela observa Maxim entregar o cartão mais uma vez.

Como ela vai conseguir devolver todo o dinheiro que ele gastou com ela?

Um dia Alessia vai ganhar dinheiro suficiente para pagar tudo de volta. Nesse meio-tempo, precisa pensar em algo que possa fazer por ele.

— Lembra, eu quero cozinhar — diz.

Essa é uma maneira.

— Hoje? — pergunta Maxim quando pega as sacolas.

— Sim. Quero cozinhar para você. Para agradecer. Hoje à noite.

— Tudo bem. Vamos deixar as sacolas no carro e podemos procurar os ingredientes depois do almoço.

Eles guardam as compras na pequena mala do carro, e, ao caminharem de mãos dadas até o restaurante, Alessia tenta não se afligir com a generosidade de Maxim. É falta de educação, na cultura dela, rejeitar um presente, mas ela sabe do que seu pai a chamaria se soubesse o que está fazendo. Ou ele a mataria, ou teria um ataque cardíaco. Provavelmente ambos. Ela já o desonrou e, até pouco tempo atrás, tinha hematomas como prova. Mais uma vez, ela desejou que ele tivesse a mente mais aberta — e fosse menos violento.

Baba.

O humor dela piora muito com esse pensamento.

Almoçamos no Rick Stein's Café. Alessia está calada e, quando fazemos nossos pedidos, parece um pouco desanimada. Fico imaginando se é porque gastei dinheiro com roupas para ela. Assim que a garçonete volta para a cozinha, estendo o braço para alcançar a mão de Alessia, dando um aperto tranquilizador.

— Alessia, não se preocupe com o dinheiro. Das roupas. Por favor.

Ela me dá um sorrisinho e toma um gole da água com gás.

— Qual o problema?

Ela faz que não com a cabeça.

— Me conte — insisto.

Volta a balançar a cabeça, virando-se para olhar pela janela.

Alguma coisa está errada.

Merda. Será que a chateei?

— Alessia?

Ela se vira para mim, e parece angustiada.

Cacete.

— O que foi?

Ela me encara, os olhos escuros cobertos de tristeza, e é como receber uma facada no peito.

— Me conte.

— Não posso fingir que estou de férias — diz ela baixinho. — Você compra todas essas coisas para mim, e nunca vou poder pagar. E não sei o que vai acontecer comigo quando voltarmos para Londres. E estou pensando no meu pai e no que ele faria comigo — ela faz uma pausa e engole em seco — e com você, se soubesse o que fizemos. Eu sei do que ele me chamaria. E estou cansada. Estou cansada de ter medo. — A voz dela é um sussurro áspero, e lágrimas brilham em seus olhos, fixos nos meus. — É nisso que estou pensando.

Eu a encaro. Sem reação, mas me sentindo vazio. E sofrendo por ela.

— É muita coisa para pensar — balbucio.

A garçonete volta com nossa comida e alegremente coloca o sanduíche de frango na minha frente e a sopa de abóbora na de Alessia.

— Tudo certo? — pergunta a moça.

— Aham. Tudo. Obrigado — digo, dispensando-a.

Alessia pega a colher e mexe a sopa enquanto me sinto impotente e penso no que dizer. Com a voz muito baixa, ela fala:

— Eu não sou problema seu, Maxim.

— Eu nunca disse que era.

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Eu sei o que você quis dizer, Alessia. O que quer que aconteça entre nós, quero ter a certeza de que você vai ficar bem.

Ela me oferece um sorriso triste.

— E fico muito grata. Obrigada.

Sua resposta me irrita. Eu não quero gratidão. Acho que ela tem alguma noção antiquada do que significa dormir comigo. E o que o pai dela tem a ver com a gente, eu não sei. Estamos em 2019. Não em 1819.

O que ela quer?

Merda. O que eu quero?

Observo ela levar a colher à boca, seu rosto pálido e triste.

Pelo menos ela está comendo.

O que eu quero? Dela?

Aquele corpo lindo dela foi meu.

E não é suficiente.

É então que cai a ficha. Como uma marreta. Bem na minha cabeça.

Eu quero o coração dela.

Cacete.

Capítulo Dezesete

Amor. Confuso. Irracional. Frustrante... Arrebatador. É a impressão que tenho. Estou perdida, louca e ridiculamente apaixonado pela mulher sentada à minha frente.

Minha diarista. Alessia Demachi.

Eu me senti assim na primeira vez que a vi, parada no corredor do meu apartamento segurando uma vassoura. Lembro como fiquei desconcertado... zangado. Como as paredes pareciam estar se fechando e precisei sair dali porque não entendia a profundidade dos meus sentimentos. Era disso que eu estava fugindo. Achei que estivesse só muito atraído por ela. Mas não. Não é só pelo corpo dela que anseio. Nunca foi apenas isso. Nenhuma mulher me atraiu como ela antes. Eu a amo. É por isso que fui atrás dela quando ela fugiu para Brentford. É por isso que eu a trouxe para cá. Quero protegê-la. Eu a quero feliz. Eu a quero comigo.

Porra.

Que revelação.

E ela não tem ideia de quem eu sou nem do que faço. E sei tão pouco sobre ela! Na verdade, não faço ideia do que sente por mim. No entanto, ainda assim ela está aqui comigo, então com certeza isso significa alguma coisa. Acho que ela gosta de mim. Mas, por outro lado, que alternativa tinha? Sou sua única opção. Ela estava com medo e não tinha para onde fugir. E de alguma maneira eu sabia disso, e tentei ficar longe, mas não consegui, porque ela encontrou um caminho até o meu coração.

Eu me apaixonei pela minha faxineira.

Mas que bagunça da porra.

E agora ela está finalmente se abrindo para mim — mas, apesar de tudo o que fiz, ela ainda tem medo. Não fiz o suficiente. Perco o apetite.

— Sinto muito. Eu não queria ser desmanchadora de prazeres — diz ela, interrompendo meus pensamentos.

— Desmanchadora de prazeres?

Ela franze a testa.

— Não é assim que fala?

— Acho que você quis dizer desmancha-prazeres.

Seu sorriso é tímido.

— Mas você não foi — tranquilizo. — Vamos dar um jeito, Alessia. Você vai ver.

Ela assente, mas não parece convencida.

— Não está com fome? — pergunta.

Fito meu sanduíche de frango e meu estômago ronca. Ela dá uma risadinha, e é o som mais maravilhoso do mundo.

— Assim é melhor. — Fico satisfeito com seu divertimento, aliviado por ela ter recuperado o ânimo, e volto minha atenção para a comida.

Alessia relaxa. Ela não se lembra de já ter conversado com ele sobre seus sentimentos, e ele não parece chateado. Quando Maxim a encara, os olhos dele são calorosos, a expressão, tranquilizadora.

Vamos dar um jeito, Alessia. Você vai ver.

Ela volta a se concentrar na sopa de abóbora, o apetite retornando. Reflete, admirada, sobre a sequência de acontecimentos que a levaram até ali. Quando sua mãe a colocou no micro-ônibus naquela estrada congelante em Kukës, Alessia sabia que sua vida mudaria por completo. Tinha tanta esperança de levar uma vida nova na Inglaterra. Não imaginava que a jornada fosse ser tão difícil nem tão perigosa. E a ironia é que ela partiu tentando fugir do perigo.

E, ainda assim, tudo a levou até ele.

O Mister Maxim.

O homem de rosto lindo, risada fácil e sorriso radiante. Ela o observa comer. Ele tem modos impecáveis à mesa. É organizado e limpo e mastiga com a boca fechada. A avó de Alessia defendia as boas maneiras. Ela o teria aprovado.

Quando ele a fita do outro lado da mesa, seus olhos são de um verde luminoso. A cor mais extraordinária. A cor do Drin. A cor do seu lar.

Ela podia contemplá-lo o dia inteiro.

Ele lhe oferece um sorriso tranquilizador.

— Tudo bem? — pergunta.

Alessia faz que sim com a cabeça. Ela ama a ternura do sorriso dele quando a observa, e ama o calor nos olhos dele... quando a deseja. Alessia cora e olha para a sopa. Ela nunca imaginou se apaixonar um dia.

O amor é para os tolos, dizia sua mãe.

Talvez Alessia seja uma tola, mas ela o ama. E ela admitiu isso para ele. Mas claro que o Mister Maxim não entende sua língua nativa.

— Ei — chama ele.

Ela volta os olhos para Maxim, que terminou de comer.

— Como está a sopa?

— Está boa.

— Bom, então coma. Quero levar você para casa.

— Tudo bem — diz Alessia, gostando da ideia de ir “para casa”. Ela gostaria de montar uma casa com ele. Permanentemente. Mas sabe que não é possível.

Uma garota pode sempre sonhar.

* * *

A VOLTA A Trevethick é mais silenciosa do que a viagem de ida. Maxim está absorto nos próprios pensamentos, escutando uma música estranha. Passaram em um supermercado chamado Tesco na saída de Padstow, e Alessia comprou todos os ingredientes de que precisa para preparar um *tavë kosi*, o prato preferido de seu pai. Torce para que Maxim goste. Ela olha para a paisagem pela janela. Ainda com ares de inverno, a cena a faz lembrar de casa. No entanto, aqui as árvores se partem e entortam com o vento severo da Cornualha.

Ela se pergunta como devem estar Magda e Michal em Brentford. É domingo, então é provável que Michal esteja fazendo o dever de casa ou jogando, e Magda, cozinhando ou conversando com o noivo Logan pelo Skype, ou talvez empacotando tudo para a mudança. Alessia torce para que estejam seguros. Dá uma espiada em Maxim, que parece perdido nos próprios pensamentos; ele deve saber notícias de Magda e Michal se estiver em contato com o amigo. Talvez a deixe usar seu telefone mais tarde, e ela possa saber as novidades de casa.

Não, Brentford não é a casa dela.

Alessia não sabe onde será sua próxima casa.

Decidida a não desanimar, ela se livra desse pensamento e volta a atenção mais uma vez para o extraordinário som saindo dos alto-falantes do carro. As cores são chocantes: roxos, vermelhos, turquesa... Ela nunca ouviu nada assim.

— Que música é essa? — pergunta.

— É da trilha sonora de *A Chegada*.

— A chegada?

— O filme.

— Ah.

— Você já viu?

— Não.

— É ótimo. Muito confuso. É sobre o tempo e os idiomas e a dificuldade de se comunicar. Podemos assistir em casa. Você gostou da música?

— Sim. É estranha. Expressiva. E colorida.

O sorriso dele é breve. Breve demais. Ele está pensando em outra coisa. Alessia se pergunta se ele está remoendo a conversa que tiveram. Ela precisa saber.

— Você está chateado comigo?

— Não. Claro que não! Por que eu estaria?

Ela dá de ombros.

— Não sei. Você está calado.

— Você me deu muito no que pensar.

— Desculpe.

— Não precisa se desculpar. Você não fez nada de errado. Pelo contrário... — Sua voz vai morrendo.

— Você também não fez nada de errado — diz ela.

— Fico feliz que você ache isso. — Ele dá um sorriso rápido e sincero que acaba com as dúvidas dela.

— Tem alguma coisa que você não come? — indaga ela, e deseja ter perguntado isso antes de comprar os ingredientes.

— Não. Eu como quase qualquer coisa. Fui aluno de colégio interno — responde ele, como se isso fosse explicação suficiente para sua relação com comida.

Porém, o conhecimento de Alessia a respeito de colégios internos se limita à coleção de livros Malory Towers, de Enid Blyton, uma das preferidas de sua avó.

— Você gostava? — pergunta ela.

— Do primeiro colégio, não. Fui expulso. Do segundo, gostava. É um bom colégio. Fiz bons amigos lá. Você os conheceu.

— Ah, sim. — Alessia cora ao se lembrar dos dois homens de cueca.

Eles engatam uma conversa mais amena, e ela está mais animada quando chegam em casa.

Carregamos as sacolas para a casa, e, enquanto Alessia guarda as compras, levo suas roupas para cima. Coloco-as no quarto de hóspedes, depois mudo de ideia e as deixo no closet do meu quarto. Quero ela ali comigo.

Uma atitude arrogante.

Cacete.

Estou me enrolando todo. Não sei como agir com ela.

Sentado na cama, apoio a cabeça entre as mãos. Eu tinha um plano antes de virmos para cá?

Não.

Estava pensando com o meu pau. E agora... Bom, espero estar pensando com a cabeça e seguindo meu coração. Enquanto voltávamos, refleti sobre o que fazer a partir de agora. Devo dizer que a amo? Ou não? Alessia não deu nenhum indício do que sente por mim, mas, por outro lado, ela é reticente com a maior parte das coisas.

Ela está aqui comigo.

Isso com certeza significa algo, não?

Ela podia ter ficado com a amiga, mas isso significaria que aqueles criminosos a encontrariam quando voltassem. Meu sangue gela. Estremeço só de pensar no que fariam com ela se isso acontecesse. Não. Eu era a única opção. Ela não tem nada. Como conseguiria fugir por mais tempo?

No entanto, Alessia chegou ao Reino Unido sem nada e sobreviveu. Ela é criativa; mas a que preço? Só de pensar nisso sinto um peso enorme. O que ela fez entre chegar na Inglaterra e encontrar Magda?

A angústia nos olhos dela no restaurante. Era... perturbadora.

Estou cansada de ter medo.

Imagino há quanto tempo ela se sente assim. Desde que chegou aqui? Nem sei há quanto tempo ela está no Reino Unido. Tem muita coisa que não sei sobre ela.

Mas quero que seja feliz.

Pense. O que fazer?

Antes de mais nada: precisamos legalizar a situação dela. E não tenho ideia de como fazer isso. Meus advogados devem saber. Só posso imaginar a cara de Rajah quando eu contar que estou abrigando uma imigrante ilegal.

A avó dela era inglesa. Talvez isso ajude.

Merda. Eu não sei.

O que mais posso fazer?

Eu podia me casar com ela.

O quê?

Casar?

Dou uma gargalhada, porque a ideia é absurda demais.

Por que não?

Isso deixaria minha mãe maluca. O que já é motivo suficiente para querer que Alessia seja minha esposa. As palavras de Tom naquela noite no pub voltam à minha mente: *Sabe, agora que você é o conde, vai ter que providenciar um herdeiro e um reserva.*

Alessia podia ser minha condessa.

Meu coração começa a martelar no peito. Essa seria uma manobra corajosa.

E talvez um pouco súbita.

Nem mesmo sei o que ela sente por mim.

Eu podia perguntar.

Reviro os olhos. Estou andando em círculos. A verdade é que preciso descobrir mais sobre ela. Como poderia pedir que se tornasse minha esposa? Sei onde a Albânia fica no mapa, mas nada além disso. Bem, pelo menos posso resolver essa falha agora.

Tiro o celular do bolso e abro o Google.

* * *

JÁ ANOITECEU QUANDO a bateria do celular começa a avisar que está acabando. Estou esparramado na cama, lendo tudo o que posso sobre a Albânia. É um lugar fascinante, meio moderno, meio antiquado, com uma história turbulenta. Encontrei a cidade natal de Alessia. É no nordeste, encravada entre cadeias de montanhas e a algumas horas de carro da capital. Pelo que li, parece mesmo que o estilo de vida é mais tradicional naquela região.

Isso explica um pouco as coisas.

Alessia está cozinhando lá embaixo. O que quer que ela esteja preparando, o cheiro é tentador. Eu me levanto, me espreguiço e desço para vê-la.

Ela ainda está de blusa branca e calça jeans, de costas para mim, mexendo alguma coisa em uma panela no fogão. Minha boca saliva; o cheiro é delicioso.

— Oi — eu a cumprimento e me sento em uma das banquetas altas diante da bancada.

— Oi. — Ela dá um sorriso rápido, e percebo que prendeu o cabelo numa trança.

Coloco meu celular para carregar em uma das tomadas embaixo da bancada e ligo o Sonos.

— Quer ouvir alguma música? — pergunto.

— Você escolhe.

Seleciono uma playlist tranquila. RY X começa a tocar superalto nas caixas de som no teto, fazendo nós dois darmos um pulo. Diminuo o volume.

— Desculpe. O que está cozinhando?

— É surpresa — responde ela, com uma olhadela faceira por cima do ombro.

— Adoro surpresas. O cheiro é bom. Posso ajudar com alguma coisa?

— Não. Esse é meu jeito de agradecer. Você gostaria de bebida?

Dou uma risada.

— Sim. Eu gostaria de uma bebida. Você se importa se eu corrigir seu inglês?

— Não. Quero aprender.

— Nós falamos assim: “Você gostaria *de uma* bebida?”

— Entendi. — Ela me lança outro sorriso.

— E sim, eu gostaria. Obrigado.

Ela deixa a panela de lado, pega uma garrafa aberta de vinho tinto na bancada e me serve uma taça.

— Eu estava lendo sobre a Albânia.

Na mesma hora, seus olhos encontram os meus, e seu rosto se ilumina como o alvorecer.

— Minha casa — sussurra.

— Você pode me contar mais sobre a vida em Kukës?

Talvez seja por estar distraída preparando o jantar, mas Alessia finalmente se abre e começa a descrever a casa onde morava com os pais. Ao lado de um grande lago, cercada de pinheiros... E, enquanto me conta, a observo e admiro a maneira como ela se movimenta atrás da bancada, com tanta graça e naturalidade que parece que ela cozinha aqui há anos. Seja ralando noz-moscada ou ajustando a temperatura do forno, ela se porta como uma profissional. E, enquanto prepara a comida, também completa minha taça de vinho, lava a louça e me dá pistas sobre sua vida claustrofóbica em Kukës.

— Então você não sabe dirigir?

— Não — responde, enquanto coloca a mesa para nós.

— Sua mãe dirige?

— Dirige. Mas não com frequência. — Ela sorri quando vê como fiquei impressionado com a notícia. — Você sabia que a maioria dos albaneses não dirigia até metade da década de 1990? Antes da queda dos comunistas. Ninguém tinha carro.

— Uau. Eu nem imaginava.

— Eu ia gostar de aprender.

— A dirigir? Eu ensino.

Ela se espanta.

— Naquele seu carro rápido? Acho que não. — Ela ri como se eu tivesse sugerido voar até a lua para almoçarmos lá.

— Eu podia ensinar.

Temos espaço suficiente aqui na propriedade, não precisamos ir para a autoestrada. Estaríamos seguros. De repente imagino Alessia dirigindo um dos carros de Kit, talvez o Morgan. Isso. Seria um carro digno de uma condessa.

Condessa?

— Vai levar mais uns quinze minutos para ficar pronto — diz ela, e dá uma batidinha na boca com o indicador.

Ela tem algo em mente.

— O que você quer fazer?

Alessia morde o lábio inferior.

— O que foi? — pergunto.

— Eu queria falar com a Magda.

É óbvio que ela quer falar com Magda. É provável que Magda seja sua única amiga, caramba. Por que não pensei nisso?

— Claro. Aqui.

Desconecto o celular e procuro Magda nos contatos. Quando a chamada completa, entrego o aparelho a Alessia, que sorri, grata.

— Magda... Sim, sou eu.

Alessia vai até o sofá e se senta enquanto tento não escutar a parte dela da conversa, o que é impossível. Imagino que Magda esteja aliviada em saber que Alessia ainda está inteira.

— Não. Tudo bem. — Alessia olha para mim, os olhos brilhando. — Muito bem — diz com um sorriso largo, e eu me vejo retribuindo o gesto.

Quero “muito bem” todos os dias.

Ela ri de algo que Magda fala, e meu coração aumenta dentro do peito. É tão bom ouvi-la rir, não é algo que acontece com frequência.

Enquanto Alessia fala ao telefone, tento não observar, mas não consigo

resistir. Inconscientemente, ela enrola entre os dedos uma mecha de cabelo que escapou da trança, ao mesmo tempo que conta para Magda sobre o mar e o mergulho improvisado do dia anterior.

— Não. É lindo aqui. Faz lembrar de casa. — Ela volta a me encarar, e sou capturado por aquele olhar arrebatador.

Casa.

Eu poderia fazer daqui a casa dela...

Minha boca fica seca.

Cara! Você está se adiantando demais!

Olho para o outro lado, quebrando o feitiço do olhar de Alessia. O rumo que meus pensamentos estão tomando me deixa perturbado e tomo um gole de vinho. Essa minha reação é muito nova e ousada.

— Como está Michal? E Logan? — pergunta ela, ansiosa por notícias, e logo está absorta em uma conversa animada sobre a mudança e o Canadá... e casamentos.

Alessia ri mais uma vez, e sua voz muda, tornando-se mais suave... mais doce. Ela está falando com Michal, e percebo pelo seu tom que ela gosta muito dele. Eu não devia ficar com ciúmes — ele é um garoto —, mas talvez isso esteja acontecendo... Não tenho certeza se compreendo esse sentimento novo e inoportuno.

— Se comporte, Michal... Saudades... Tchau.

Ela olha para mim mais uma vez.

— Tudo bem. Eu vou... Adeus, Magda. — Ela desliga e volta para perto de mim para me entregar o celular. Parece feliz.

Fico contente que ela tenha ligado para eles.

— Tudo bem? — pergunto.

— Tudo. Obrigada.

— E com a Magda?

— Ela está fazendo as malas. Está feliz e triste de partir da Inglaterra. E aliviada por ter o guarda-costas por perto.

— Ótimo. Ela deve estar animada para recomeçar a vida.

— É verdade. O noivo dela é um homem bom.

— O que ele faz?

— Alguma coisa com computadores.

— Eu devia comprar um celular para você, para poder falar com ela quando quisesse.

Alessia parece horrorizada.

— Não. Não. Isso é demais. Você não pode fazer isso.

Levanto uma sobrancelha, sabendo que posso, sim, sem problema algum.

Ela retribui, também arqueando a sobrancelha, indignada, mas sou salvo pelo apito do *timer* do forno.

— O jantar está pronto.

Alessia repousa a travessa na mesa, ao lado da salada que preparou. Está satisfeita por a crosta de iogurte ter crescido e formado uma superfície redonda dourada e crocante. Maxim está impressionado.

— Parece bom — comenta ele, e Alessia suspeita que ele está sendo caloroso além da conta.

Ela lhe serve uma porção e se senta.

— É cordeiro, arroz e iogurte com alguns ingredientes... hum... secretos. Chamamos de *tavë kosi*.

— Nós não cozinhamos iogurte aqui. Comemos com granola.

Ela ri.

Ele dá uma garfada e fecha os olhos ao colocá-la na boca.

— Humm. — Abre os olhos e faz um gesto afirmativo com a cabeça, com entusiasmo. Engole. — Está delicioso. Você não mentiu quando disse que sabia cozinhar!

Alessia cora diante do olhar caloroso dele.

— Pode cozinhar para mim quando quiser.

— Eu ficaria feliz — murmura ela.

Ela ficaria muito feliz.

Nós conversamos e bebemos e comemos. Eu a encho de vinho e de perguntas. Muitas perguntas. Sobre sua infância. Escola. Amigos. Família. Ler sobre a Albânia me inspirou. Sentar na frente de Alessia é inspirador também, ela é cheia de vida. Seus olhos são brilhantes e expressivos quando fala. E ela está animada, gesticulando enquanto dá sua opinião.

Alessia é cativante.

De vez em quando, ela afasta aquela mecha solta de cabelo, e, ao fazer isso, seus dedos passam pela parte superior de sua orelha.

Eu queria esses dedos me tocando.

Fico ansioso com a perspectiva de mais tarde desfazer a trança e correr os dedos por aquele cabelo macio e sedoso. É reconfortante vê-la tão despreocupada e falante, para variar. Suspeito, pelo doce rubor em suas bochechas, que possa ser o vinho. Tomo um gole milagroso do Barolo italiano.

Satisfeito, afasto meu prato e encho a taça de Alessia.

— Me conte como é um dia típico na Albânia.

— Para mim?

— É.

— Não tem muito o que contar. Se eu estiver trabalhando, meu pai me leva para a escola. E, quando estou em casa, ajudo minha mãe. Lavando. Limpando. Como faço para você. — Olhos cor de café me estudam, desvendando-me com sua expressão inteligente. É sensual para cacete. — E isso é tudo o que eu faço — acrescenta.

— Parece bem monótono. — Monótono demais para alguém brilhante como Alessia. E suspeito que seja um pouco solitário.

— E é. — Ela ri.

— Pelo que eu li, o norte da Albânia é bem conservador.

— Conservador. — Ela franze a testa e toma um golinho do vinho. — Você quer dizer tradicional?

— Isso.

— Onde nasci, somos tradicionais. — Ela se levanta para tirar a louça da mesa. — Mas a Albânia está mudando. Em Tiranë...

— Tirana?

— Sim. É uma cidade moderna. Não é tão tradicional nem conservador lá.

Ela coloca os pratos na pia.

— Você já esteve lá?

— Não.

— Gostaria de ir?

Ela volta a se sentar e inclina a cabeça para o lado, roçando o dedo indicador na boca. Seu olhar fica melancólico por um breve momento.

— Sim. Um dia.

— Você já viajou?

— Não. Só nos livros. — Seu sorriso ilumina a sala. — Já viajei o mundo todo pelos livros. E já fui aos Estados Unidos assistindo à TV.

— Programas de TV americanos?

— Sim. Netflix. HBO.

— Na Albânia?

Ela ri da minha surpresa.

— Sim! Nós temos televisão!

— O que você fazia para se entreter em casa? — pergunto.

— Entreter?

— Se divertir. Sabe. Diversão.

Ela parece um pouco confusa.

— Eu lia. Assistia à TV. Praticava música. Algumas vezes ouvia o rádio com a minha mãe. A BBC internacional.

— Você saía?

— Não.

— Nunca?

— Às vezes. No verão, passeávamos na cidade de noite. Mas isso era com a minha família. E às vezes eu tocava piano.

— Recitais? Públicos?

— Isso. Em escolas e em casamentos.

— Seus pais devem ter bastante orgulho.

Uma sombra atravessa o rosto de Alessia.

— Sim. Eles tinham. Têm — ela se corrige, e sua voz vacila e diminui, tornando-se baixa e triste. — Meu pai, ele gosta de atenção. — O comportamento dela muda, e Alessia parece se retrair.

Merda.

— Você deve sentir saudade deles.

— Da minha mãe. Sinto saudade da minha mãe — responde em voz baixa, e toma outro gole de vinho.

Não do pai? Eu não pressiono. Seu humor não é o mesmo de antes. Eu devia mudar de assunto, mas, se Alessia sente tanta falta da mãe, talvez ela queira voltar para lá. Eu me lembro do que ela falou antes:

Nós achávamos que vínhamos para cá para trabalhar. Para arranjar uma vida melhor. A vida em Kukës é difícil para algumas mulheres... Fomos enganadas...

Talvez seja isso o que ela quer. Voltar para casa. E, apesar de temer a sua resposta, eu lhe pergunto assim mesmo:

— Você gostaria de voltar?

— Voltar?

— Para casa.

Seus olhos se arregalam de medo.

— Não. Eu não posso. Não posso. — Sua voz é um sussurro abafado, apressado, e deixa os pelos finos da minha nuca arrepiados.

— Por quê?

Ela fica muda, mas eu quero saber. E insisto.

— É porque você não tem passaporte?

— Não.

— Então por quê? O que é tão ruim?

Ela fecha os olhos bem apertados e deixa a cabeça tombar para a frente como se estivesse com vergonha.

— Não — murmura. — É porque... é porque fui prometida.

Capítulo Dezoito

Sinto um aperto no peito como se tivesse levado um chute no plexo solar.

Prometida?

Que babaquice medieval é essa?

Ela levanta a cabeça e me encara. Os olhos bem abertos, angustiados. Sinto uma descarga de adrenalina; estou pronto para uma briga.

— Prometida? — repito num sussurro, sabendo muito bem o que isso quer dizer.

Cacete, a mão dela foi dada a outro cara.

Ela abaixa a cabeça de novo.

— Sim. — Sua voz é quase inaudível.

Tenho um rival. *Merda!*

— E quando você pretendia me contar isso?

Ela está com os olhos bem fechados, como se estivesse com dor.

— Alessia, olhe para mim.

Ela leva a mão à boca — para conter um soluço, talvez? Não sei. Engole em seco e me fita. Sua expressão é de um sofrimento intenso, o desespero palpável. Num segundo minha raiva se desfaz e me sinto em meio a um turbilhão.

— Estou contando agora — diz.

Ela está comprometida.

A dor é instantânea. Visceral. Chocante. Estou em queda livre.

Mas que merda!

Meu mundo caiu. Minhas ideias. Meus planos vagos. Ficar com ela... Me casar com ela...

Não posso.

— Você ama seu noivo?

Ela reage com um sobressalto, a boca aberta, em choque.

— Não! — É uma negação aflita, veemente. — Não quero casar com ele. Foi por isso que saí da Albânia.

— Para fugir dele?

— Sim. Eu devia ter me casado em janeiro. Depois do meu aniversário.

Tinha sido aniversário dela?

Sem reação, eu a encaro. E, de repente, parece que as paredes estão se fechando ao meu redor. Preciso de espaço. Como quando a conheci. Estou sufocando num redemoinho de dúvidas e confusão. Preciso pensar. Eu me levanto e, num gesto deliberado, ergo a mão para afastar o cabelo do rosto e organizar meus pensamentos. Alessia se encolhe ao meu lado. Ela se abaixa e leva as mãos à cabeça como se estivesse esperando...

O quê?

— Meu Deus. Alessia! Você achou que eu ia bater em você? — exclamo e recuo um passo, chocado com a reação dela.

Outra peça do quebra-cabeça que é Alessia Demachi se encaixa. Não espanta que ela sempre tenha mantido certa distância de mim. E estou pronto para matar o filho da mãe.

— Ele bateu em você? Hein, bateu?

Ela abaixa a cabeça, olhando as pernas. Envergonhada, eu acho.

Ou talvez sinta uma versão deturpada de lealdade em relação a esse babaca desgraçado saído de onde o diabo perdeu as botas e que acha que tem algum direito sobre a minha garota.

Que inferno.

Fecho os punhos, sentindo uma ira assassina. Alessia está completamente imóvel. A cabeça baixa. O corpo encolhido.

Você precisa se acalmar, amigo. Precisa se acalmar.

Respiro fundo, liberando a tensão, as mãos na cintura.

— Me desculpe.

Ela levanta a cabeça num gesto rápido, a expressão sincera e séria.

— Você não fez nada de errado — diz.

Mesmo agora, ela está tentando me acalmar.

Os poucos passos entre nós parecem uma distância imensa. Apreensiva,

ela me observa enquanto me aproximo e me agacho devagar a seu lado.

— Desculpe. Não quis assustar você. Só estou chocado por você ter um... pretendente em algum lugar, e por eu ter um rival quando o assunto é o seu coração.

Ela pisca várias vezes seguidas, e sua expressão relaxa com um rubor tomando conta das bochechas.

— Você não tem rival — sussurra.

Minha respiração volta ao normal. Um calor se espalha pelo meu peito e elimina o que restava de adrenalina. Essas foram as palavras mais doces que ela já me disse.

Há esperança.

— Esse homem... Não foi você que escolheu?

— Não, foi meu pai.

Levo a mão dela aos meus lábios e beijo os nós de seus dedos com carinho.

— Não posso voltar — sussurra ela. — Desonrei meu pai. E, se eu voltar, vou ser forçada a casar.

— Seu... prometido. Você o conhece?

— Sim.

— Você ama esse homem, Alessia?

— Não.

Essa resposta monossilábica e veemente me diz tudo que preciso saber. Talvez ele seja velho. Ou feio. Ou as duas coisas.

Ou talvez bata nela.

Cacete.

Fico de pé e a puxo para os meus braços, para onde ela vem de bom grado, apoiando as mãos no meu peito. Abraço-a com firmeza, e não sei se estou consolando a ela ou a mim mesmo. Pensar em Alessia com outra pessoa, alguém que a maltrate, é aterrorizante. Enterro meu rosto naquele cabelo cheiroso, grato por ela estar aqui. Comigo.

— Sinto muito por você ter enfrentado tanta merda — murmuro.

Ela levanta a cabeça e olha para mim, levando o indicador aos meus

lábios.

— Isso é um palavrão.

— Sim, é. Uma palavra ruim para uma situação ruim. Mas você está segura agora. Eu estou aqui.

Chego mais perto e roço meus lábios nos dela, e o efeito é como fagulha em madeira seca, despertando meu corpo. Fico sem ar. Ela fecha os olhos e deixa a cabeça tombar para trás, oferecendo-me a boca. Não resisto. Ao fundo, RY X ainda está cantando em seu falsete rouco e melancólico sobre simplesmente estar se apaixonando. Repleto de sentimento. E excitante. E relevante.

— Dance comigo.

Minha voz também está rouca. Alessia arqueja quando a abraço mais forte e começo a deslizar com ela em meus braços. Ela espalma as mãos no meu peito e as faz deslizar por cima da camisa, me sentindo. Me tocando. Me reconfortando. Então fecha os dedos nos meus braços enquanto me acompanha.

Devagar.

Nós nos balançamos de um lado para outro ao som do ritmo lento e sedutor da música etérea. As mãos dela sobem pelos meus braços, até os ombros e o cabelo. Ela encosta o nariz no meu peito.

— Nunca dancei assim — murmura.

Minha mão desce pelas costas dela até a lombar, trazendo-a para mais perto.

— Nunca dancei com você.

Com minha outra mão, puxo a trança dela para baixo com delicadeza, guiando seu rosto na minha direção para trazer seus lábios aos meus. E a beijo. Demoradamente. Devagar. Saboreando-a. Redescobrimo sua boca doce com minha língua enquanto dançamos juntos. Retiro o elástico que prende seu cabelo. Solto um gemido quando ela balança a cabeça, deixando os cabelos caírem livres e revoltos às costas. Segurando seu rosto com ambas as mãos, beijo-a outra vez. Quero mais. Muito mais. Preciso sentir que ela é minha. Que é comigo que ela está. Não com aquele filho da mãe violento de alguma cidade esquecida por Deus.

— Vamos para a cama — sussurro.

— Preciso lavar a louça.

Sério?

— Foda-se a louça, querida.

Ela franze a testa.

— Mas...

— Não, nada de “mas”. Deixe para lá.

E então eu penso: *Se eu me casasse com ela, ela nunca mais lavaria um prato.*

— Faça amor comigo, Alessia.

Ela inspira profundamente, e um sorriso tímido e convidativo surge em seus lábios.

* * *

ESTAMOS EM SINTONIA. Minhas mãos seguram sua cabeça, minha boca saboreia devagar cada pedacinho de Alessia. Sinto seu corpo delicado, forte e lindo sob o meu. Eu a beijo, deixando corpo e alma em sua boca. Nunca me senti assim. Cada investida me aproxima mais dela. Suas pernas me prendem, e suas mãos deslizam pelas minhas costas, as unhas cravando sua paixão na minha pele. Olho para ela e observo sua expressão extasiada. Seus olhos estão bem abertos, e as pupilas mais dilatadas e escuras do que nunca, como se fossem o espresso mais forte e afrodisíaco que já provei. Quero vê-la. Inteira. Paro e encosto minha testa na dela.

— Preciso ver você.

Saio devagar e com cuidado de dentro dela e giro, trazendo-a comigo, deixando-a por cima. Ela está sem fôlego e apreensiva. Com o braço debaixo da bunda dela, trago-a mais para cima, de modo que ela fique montada em mim. E me sento, com suas mãos em meus ombros. Pego seu rosto e a beijo. Abaixo a mão para acariciar seu peito, provoco seu mamilo entre o polegar e o indicador, enquanto meus lábios deixam sua boca para percorrer seu queixo e pescoço. A cabeça de Alessia tomba para trás, e ela solta um gemido rouco de puro prazer. Minha ereção pulsa em resposta.

Isso.

— Vamos experimentar uma coisa — murmuro contra o odor de perfume em seu ombro.

Passo meu braço por trás dela e a ergo, meus olhos nos dela enquanto vou abaixando-a devagar sobre mim.

Cacete.

Ela é apertada. E está molhada. E é maravilhosa.

Ela abre a boca num arquejo, os olhos bem abertos de desejo.

— Ah.

Ela ofega, e meus lábios se unem aos dela, meus dedos em seus cabelos quando trago sua boca de volta para perto da minha. Sua respiração está entrecortada, e ela agarra meus ombros quando me afasto.

— Tudo bem? — pergunto.

Ela balança a cabeça de um lado para outro freneticamente.

— Sim — diz, soltando o ar, e demoro um pouco para me dar conta de que ela gesticulou com a cabeça o sim albanês.

Pego suas mãos e me deito, olhando para a mulher montada em mim. A mulher que amo.

Seus cabelos se derramam sobre os ombros e os seios numa cascata bagunçada e sensual. Ela se inclina na minha direção e espalma as mãos no meu peito.

Isso. Me toque.

Passa os dedos e as palmas pela minha pele. Me sentindo. Acaricia os pelos do meu peito e meus mamilos, que se contraem de prazer.

— Ah — ofego.

Ela morde o lábio inferior, contendo um sorriso devasso e vitorioso.

— Sim, linda, eu amo quando você me toca.

Eu amo você.

Ela se abaixa e me beija.

— Gosto de tocar você — diz baixinho. Com timidez.

E meu pau fica mais duro, querendo mais.

— Vai fundo — murmuro.

Ela para por um instante, sem entender, e ergo meus quadris para mostrar o que quero dizer. Alessia grita, e é um som alto e gutural de prazer que quase me leva ao limite. Ela volta a espalmar as mãos em meu peito, tentando manter o equilíbrio. Agarro seus quadris.

— Mexa. Assim — sussurro entre os dentes.

Ergo e baixo seu corpo. Ela abre a boca, mas, apoiando as mãos nos meus ombros, começa a subir e descer por conta própria.

— Isso. — Fecho os olhos e aproveito aquele lado sensual dela.

— Ah! — grita Alessia.

Merda.

Quero que dure para sempre.

Ela se mexe. No início, devagar e hesitante. Mas, à medida que ganha confiança, encontra o ritmo. Abro os olhos, e ela sobe outra vez, e agora eu ergo os quadris para ir ao encontro dela. Seu grito é visceral e desperta todos os meus sentidos.

Cacete.

Agarro seus quadris, dando mais velocidade aos movimentos. Sua respiração é pesada. Arquejos curtos em busca de ar. Está segurando meus braços. A cabeça indo de um lado para outro a cada nova investida minha.

A cabeça tombada para trás. Invocando os deuses, ela mesma uma deusa. Ela para, montada em mim, e goza, enquanto grita e aperta meus braços com ainda mais força.

Isso é suficiente para mim, e eu grito, segurando-a, enquanto gozo sem parar.

Alessia está deitada, ainda impactada após terem feito amor. Maxim descansa a cabeça na barriga dela, os braços em torno do seu corpo, enquanto ela passa os dedos preguiçosamente pelo cabelo dele. Ela ama a sensação dos fios sob seus dedos. Sua mãe nunca deu nenhuma pista de que o ato sexual podia ser tão prazeroso. Talvez esse não seja o tipo de relação que a mãe tem com Baba. Alessia franze a testa. Ela não quer pensar nos pais fazendo sexo, mas sua mente começa a divagar e ela se lembra da avó, Virginia. *Ela*, sim, casou-se por amor. Seus avós eram felizes. Mesmo quando mais velhos, o casal trocava olhares que faziam Alessia corar. Ela queria ter um casamento como o da Nana. Não como o dos pais. Eles jamais demonstravam carinho um pelo outro.

Maxim nunca hesita em segurar a mão de Alessia ou beijá-la em público. E ele conversa com ela. Quando foi que ela passou a noite conversando de

verdade com um homem? De onde ela vem, se um homem passa algum tempo falando com uma mulher, isso é considerado um sinal de fraqueza.

Ela olha para o dragãozinho aceso perto da cabeceira, um farol na escuridão. Ele o comprou para Alessia porque conhece o seu medo do escuro. Ele a trouxe para cá para protegê-la. Cozinhou para ela. Comprou roupas. Fez amor com ela...

Os cantos dos olhos dela ardem, se enchendo de lágrimas, seu coração fica repleto de incerteza e anseio e ela sente a garganta queimando com uma emoção reprimida. Ela o ama. Segura com mais força o cabelo dele, os sentimentos por Maxim a esmagando. Ele não ficou zangado com Alessia quando ela contou que havia sido prometida. Se ele sentiu alguma coisa, foi medo de o coração dela pertencer a outro.

Não. Meu coração é seu, Maxim.

E ele ficou chocado por Alessia ter achado que ele poderia bater nela. Ela automaticamente leva a mão ao rosto ao pensar nisso. Seu pai falava menos e agia mais...

Alessia percorre o ombro de Maxim com os dedos, traçando sua tatuagem. Ela quer conhecê-lo melhor. Talvez devesse fazer mais perguntas. Ele é evasivo em relação à sua profissão. Será que tem mais de uma? Ela balança a cabeça. Uma mulher não deve interrogar um homem. O que sua mãe diria se Alessia se comportasse assim? Por enquanto, ela vai só apreciar a bolha que criaram na Cornualha.

Maxim esfrega o nariz na barriga de Alessia e a beija, distraíndo-a de seus pensamentos agitados sobre a Albânia. Ele levanta a cabeça para ela, os olhos esmeralda brilhantes sob a luz suave do dragãozinho.

— Fique comigo — pede ele.

Ela tira o cabelo da testa dele e franze o cenho.

— Estou ficando com você.

— Que bom — diz ele, e beija a barriga dela outra vez, mas agora sua boca vai descendo... e descendo.

Abro os olhos quando os primeiros raios de sol entram pelas brechas das persianas. Estou abraçado a Alessia. Minha cabeça no seu peito, meu braço em torno da cintura dela. Meus sentidos são invadidos pelo calor e pelo

cheiro doce da sua pele, e meu corpo desperta para se dirigir a ela. Encosto meu nariz suavemente em seu pescoço, plantando beijos lentos de sono.

Ela desperta, piscando um pouco antes de abrir os olhos de vez.

— Bom dia, princesa — sussurro.

Ela sorri com uma expressão sonolenta e satisfeita.

— Bom dia... Maxim.

Sua voz é suave, e acho que ouço amor no jeito como ela diz meu nome. Ou talvez seja só minha imaginação me fazendo ouvir o que eu quero.

É isso. Quero o amor dela.

Por completo.

Estou pronto para admitir isso para mim mesmo.

Mas será que consigo admitir para ela?

Temos o dia inteiro pela frente, completamente livre — e eu estou com ela.

— Vamos passar o dia na cama. — Minha voz está rouca de sono.

Ela leva os dedos ao meu queixo.

— Você está cansado?

Sorrio.

— Não...

— Ah — diz ela, seu sorriso refletindo o meu.

A língua dele. Sua boca. O que ele faz com ela. Alessia está perdida numa tempestade de sensações. Aperta com força os pulsos dele à medida que se aproxima da beira do precipício. Ela está quase lá. Quase lá mesmo. Ele continua provocando-a com a língua, hábil, então a penetra devagarinho com um dedo — e ela cai no abismo, o orgasmo reverberando por seu corpo enquanto ela grita.

Maxim beija sua barriga, seus seios, e vai subindo por seu corpo até parar em cima dela.

— Que som fantástico — sussurra ele, colocando uma camisinha e afundando tão, ah, tão devagar dentro dela.

Quando volto do banheiro, o lado dela da cama está vazio.

Ah.

Fico triste de verdade. Estou pronto para mais. Acho que nunca vou me cansar de Alessia.

Julgando pela luz cinzenta entrando no quarto, devemos estar no meio da manhã. E está chovendo. Abro as persianas, e quando a ouço volto correndo para a cama. Com a louça trepidando, ela entra no quarto. Está usando a camisa do meu pijama e traz o café da manhã numa bandeja.

— Bom dia de novo — diz ela com um sorriso radiante, o cabelo solto sobre os ombros.

— Olha só, café!

O cheiro me deixa com água na boca. Adoro café de verdade. Eu me sento, e ela apoia a bandeja no meu colo. Ovos. Café. Torradas.

— Que surpresa boa — comento.

— Você disse que queria ficar na cama.

Ela se senta ao meu lado e rouba um pedaço de torrada com manteiga.

— Aqui. — Pego um pouco dos ovos mexidos com o garfo e lhe ofereço.

Ela abre a boca.

— Hummm — diz, fechando os olhos, satisfeita com o sabor.

Meu pau se anima com a visão.

Calma. Vamos comer primeiro.

Os ovos estão fantásticos. Acho que ela colocou queijo *feta*.

— Está divino, Alessia!

Ela fica com as bochechas coradas e bebe um pouco de café.

— Eu queria tocar um pouco de música.

— No piano?

— Não, quero dizer... ouvir.

— Ah. Você vai precisar do celular. Aqui. — Estico o braço e pego meu iPhone.

Preciso comprar logo um celular para ela.

— A senha é esta. — Digito meu código de segurança para desbloqueá-lo.
— E uso este aplicativo. Sonos. Dá para ouvir música em qualquer lugar da casa.

Dou o celular a ela.

Alessia começa a explorar o aplicativo.

— Você tem tantas músicas.

— Eu gosto de música.

Ela me lança um sorriso breve.

— Eu também.

Bebo um gole de café.

Eca!

— Quanto açúcar você colocou aqui? — digo, quase cuspindo.

— Ah, desculpe. Esqueci que você não coloca açúcar. — Ela faz uma careta, e acho que é porque não consegue pensar em tomar café sem açúcar.

— É assim que vocês bebem?

— Na Albânia? Sim.

— Não sei como você ainda tem dentes.

Ela sorri, me mostrando seus dentes perfeitos.

— Nunca experimentei café sem açúcar. Vou fazer mais para você. — Ela pula da cama, com aquelas pernas compridas nuas e o cabelo preto esvoaçante.

— Não tem problema. Não precisa ir.

— Eu quero.

E ela desaparece outra vez, levando meu celular.

Pouco tempo depois, ouço a voz de Dua Lipa cantando “One Kiss” no sistema de som lá embaixo. Alessia não gosta só de música clássica. Sorrio. Acho que a Dua Lipa também é albanesa.

Alessia dança pela cozinha enquanto prepara mais café para Maxim. Ela não consegue lembrar a última vez que se sentiu tão alegre. O mais perto que chegou dessa sensação foi nas vezes que dançava e cantava com a mãe na

cozinha em Kukës. Mas aqui há mais espaço para dançar, e com as luzes acesas ela vê seu reflexo na vidraça que dá para a varanda. Ela sorri; parece muito feliz. Que diferença gritante em relação a quando chegou à Cornualha.

Lá fora, a manhã é fria e chuvosa. Ela vai dançando até a janela e dá uma olhada na paisagem. O céu e o mar são de um cinza lúgubre, e o vento balança as árvores prateadas que ladeiam o caminho até a praia, mas ainda assim é uma visão mágica para ela. As ondas quebram na praia com uma espuma branca, mas tudo o que Alessia consegue ouvir é um som distante, e ela não sente nenhum vento passar pelas portas de vidro. Está impressionada. A casa foi muito bem construída, e ela se sente grata por estar aqui, aquecida e aconchegada com Maxim.

A máquina de espresso começa a fazer barulho, e Alessia corre de volta para a cozinha para fazer o café dele.

* * *

MAXIM AINDA ESTÁ na cama, mas terminou de tomar café da manhã e apoiou a bandeja no chão.

— Aí está você. Senti saudades — diz ele, quando Alessia volta com seu café sem açúcar.

Ela lhe entrega a xícara, e ele bebe tudo enquanto ela volta para a cama.

— Bem melhor — elogia ele.

— Você gostou?

— Muito. — Ele deixa a xícara de café na mesa de cabeceira. — Mas gosto mais de você.

Ele engancha o dedo no primeiro botão da camisa do pijama que ela está vestindo e que é grande demais para o corpo dela, puxando-o. O botão se abre, expondo o relevo suave do peito de Alessia e, com os olhos fixos e ardentes nos dela, ele percorre sua pele com o dedo, delicadamente, passando pelo mamilo. Quando ele endurece sob o toque de Maxim, Alessia prende a respiração.

Os lábios dela se abrem num arquejo silencioso, e seu olhar é intenso e convidativo. Meu pau reage.

— Mais uma vez? — sussurro.

Será que algum dia vou me cansar dessa mulher?

O sorriso tímido de Alessia é o único encorajamento de que preciso. Inclinando para a frente, pressiono meus lábios contra os dela e desabotoo os outros botões, fazendo a camisa escorregar por seus ombros.

— Você é linda demais.

Minhas palavras saem como um encantamento.

Com os olhos nos meus, ela ergue a mão com hesitação e traça com o dedo o contorno da minha mandíbula, acariciando minha barba por fazer. Pelos lábios entreabertos, vejo-a passar a língua pelos dentes de cima.

— Hummm... — Ela solta um gemido gutural.

— Você gosta assim, ou quer que eu tire a barba? — pergunto baixinho.

Ela balança a cabeça.

— Gosto assim. — Seus dedos acariciam meu queixo.

— Gosta?

Ela confirma com um gesto afirmativo, dá um beijo delicado no canto da minha boca e passa a língua pela barba por fazer, seguindo o caminho que seu dedo havia traçado antes. Isso provoca uma reação entre as minhas pernas.

— Ah, Alessia.

Seguro seu rosto e me deito na cama com ela, beijando-a enquanto nos apoiamos no colchão. Meus lábios estão nos seus, minha língua contra a sua, e ela anseia mais do que nunca, querendo tudo o que tenho a oferecer. Minha mão viaja pelo seu corpo, pelo colo, pela cintura e pelos quadris, e seguro e aperto sua bunda. Meus lábios também descem, em uma adoração aos seus seios, um de cada vez, até ela começar a se contorcer sob meu corpo. E quando volto a olhar para Alessia, para tentar recuperar o fôlego, ela está com a respiração pesada.

— Quero experimentar uma coisa — murmuro.

Sua expressão é de surpresa.

— Tudo bem? — pergunto.

— Sim... — responde ela, mas seus olhos arregalados revelam insegurança.

— Não se preocupe. Acho que você vai gostar. Mas, se não gostar, é só

dizer que eu paro.

Ela acaricia meu rosto.

— Tudo bem — sussurra.

Beijo-a outra vez e falo:

— Vire-se.

Ela parece confusa.

— De barriga para baixo.

— Ah.

Ela dá uma risadinha, mas obedece. Eu me apoio nos cotovelos e tiro o cabelo das costas dela. Suas costas são lindas, e o que se segue mais ainda. Passo minha mão pelas costas dela até chegar à bunda, apreciando a superfície macia e delicada da sua pele. Inclinando-me sobre ela, beijo a pintinha que ela tem na nuca.

— Você é linda demais — murmuro novamente, dessa vez no seu ouvido, dando beijos suaves em seu pescoço até alcançar os ombros, enquanto minha mão continua descendo entre suas nádegas.

Ela rebola contra a palma da minha mão, que eu deslizo até encontrar o clitóris, circulando-o com os dedos. Está com a cabeça deitada na cama, a bochecha encostada no lençol, então posso observá-la. Os olhos de Alessia estão fechados, a boca aberta enquanto ela inspira, assimilando o prazer trazido pelos meus dedos.

— Isso mesmo — sussurro, penetrando-a com o polegar.

Ela geme baixinho. Ela está molhada, quente, maravilhosa. Ela empurra a bunda na direção da minha mão e giro o polegar dentro dela. Alessia ofega, e é como um chamado para o meu pau, que parece prestes a explodir. Mantenho o ritmo. Girando e girando. Ela segura os lençóis com mais força e aperta os olhos enquanto geme. Está quase lá. Quase lá mesmo. Tiro meu polegar e pego uma camisinha.

Ela pisca para mim. Cheia de desejo. Pronta.

— Não se mexa — murmuro, e me encaixo entre suas pernas, usando o joelho para separá-las.

Trago-a para o meu colo, fazendo-a montar em mim, mas dessa vez virada de frente para a parede. Meu pau se encaixa entre suas nádegas.

Um dia...

— Vamos fazer assim, por trás — murmuro.

Ela vira a cabeça para mim num movimento brusco, erguendo as sobrancelhas, preocupada.

Eu rio.

— Não. Não desse jeito. Assim.

Erguendo-a, guio seu corpo até minha ereção, penetrando-a devagarinho. Ela enterra as unhas nas minhas coxas, jogando a cabeça sobre o meu ombro enquanto mordisco o lóbulo da sua orelha. Ela está com a respiração pesada, mas contrai os músculos das pernas e, com esforço, começa a subir e descer.

Isso.

— Assim — sussurro, segurando os seios dela e brincando com cada um dos mamilos entre o polegar e o dedo indicador.

— Ah! — grita ela, um som primitivo e sensual.

Cacete.

— Tudo bem?

— Sim!

Eu a ergo devagar, e ela apoia as mãos na cama. Movimentando-me primeiro para trás e depois para a frente, penetro-a de novo. Ela grita mais uma vez, debruçando-se e apoiando a cabeça e os ombros na cama.

A visão é incrível. O cabelo espalhado nos lençóis, os olhos fechados com força, a boca aberta e a bunda empinada. Essa imagem por si só me faz querer gozar.

Senti-la também é maravilhoso.

Cada. Centímetro. Dela.

Seguro seus quadris, entrando e saindo.

— Assim... — ela arfa, e começo a me mexer.

Com mais força. Metendo de verdade. Mais forte ainda.

Isto é o paraíso.

Ela grita. E eu paro.

— Não! — Sua voz está rouca. — Por favor, não pare.

Ah, querida!

E então eu me solto. Eu a possuo. Sem parar, o suor molhando minha testa e escorrendo pelo meu corpo. Tento controlar o orgasmo, até que por fim ela grita e chega ao clímax, de novo e de novo. Eu meto mais uma vez e também gozo, e a amo, preenchendo-a e desabando por cima dela enquanto grito seu nome.

Alessia está deitada de barriga para baixo, sem ar, voltando a si depois do clímax, com Maxim deitado sobre ela. O peso dele é... agradável. Ela nunca soube que seu corpo tinha tanta capacidade de alcançar prazer. Ela está suada, sem forças e saciada, exausta depois de um orgasmo incrível.

Porém, enquanto recupera a compostura, verdade seja dita, sente um pouco de culpa por essa indolência. Nunca havia passado o dia inteiro na cama.

Ele usa o nariz para acariciar sua orelha.

— Você é incrível — sussurra, deitando a seu lado e a abraçando.

Ela fecha os olhos.

— Não, você que é. Eu nunca soube... Quer dizer... — Ela se interrompe no meio da frase e olha para ele.

— Que podia ser tão intenso?

— Sim.

Ele franze a testa.

— É. Sei o que quer dizer. — Ele olha pela janela para a vista cinzenta e chuvosa. — Você quer sair?

Ela se aninha mais perto de Maxim, até todos os seus sentidos serem tomados por ele. O cheiro da sua pele. O calor do seu corpo.

— Não. Gosto de ficar aqui com você.

— Também gosto. — Ele beija a cabeça dela e fecha os olhos.

Eu acordo de um cochilo sozinho e ouço um trecho de Rachmaninoff — meu concerto favorito dele — vindo lá de baixo. Algo está diferente... e então me dou conta de que é porque é só o piano. Claro que não há

orquestra.

Ah, preciso ver isso.

Pulo da cama e visto a calça correndo, mas não consigo encontrar meu suéter, então pego a colcha que está no pé da cama, jogo-a sobre os ombros e desço as escadas.

Alessia está ao piano vestindo apenas meu suéter creme. Ela encontrou um par de fones de ouvido e está ouvindo algo no meu iPhone com os olhos fechados enquanto toca. Sem a partitura. Sem uma orquestra. Será que está escutando o concerto?

Deve ser isso.

Seus dedos voam sobre as teclas, e a música se intensifica, invadindo o ambiente com tanto sentimento e elegância que me deixa sem fôlego. *Ela* me deixa sem fôlego. Na minha imaginação, quase dá para ouvir a orquestra.

Como ela faz isso?

Ela é mesmo um prodígio.

Observo-a. Continuo atônito enquanto a música cresce.

É... emocionante.

Ela chega ao crescendo no final, a cabeça balançando no ritmo da música, o cabelo se espalhando em ondas nas costas... e então para. Fica sentada por um momento. As mãos no colo, enquanto as notas desaparecem lentamente. Sinto-me um intruso, observando como se ela fosse um animal exótico em seu hábitat natural. Mas, sem conseguir me conter, quebro o encanto e a aplaudo.

Ela abre os olhos, acho que surpresa por me ver ali.

— Isso foi sensacional.

Ela tira os fones dos ouvidos e me dá um sorriso tímido.

— Desculpe, eu não queria acordar você.

— Não me acordou.

— Eu só tinha tocado isso algumas vezes. Estava aprendendo antes de partir da... — Ela se interrompe.

— Bom, você toca muito bem. Consegui até ouvir a orquestra.

— Do celular?

— Não, na minha imaginação. De tão bem que você tocou. Você estava ouvindo a peça?

Ela cora.

— Obrigada. Sim. Eu estava.

— Você devia estar nos palcos. Eu pagaria para assistir.

Ela sorri.

— Que cores você viu? — pergunto.

— Na música?

Faço que sim com a cabeça.

— Ah... isso é um arco-íris — responde ela, e é puro entusiasmo. — Tantas cores diferentes.

Abre os braços para tentar transmitir a complexidade do que vê... mas é algo que nunca entenderei.

— É... É...

— Como um caleidoscópio?

— Sim. Sim. — Ela balança a cabeça enfaticamente, com um sorriso largo, e percebo que a palavra deve ser a mesma em albanês.

— Como devia ser. Eu amo essa peça.

Eu amo você.

Vou até dela e beijo sua boca.

— Estou admirado com seu talento, Srta. Demachi.

Ela se levanta e envolve meu pescoço com os braços. Passo a colcha que estou usando em volta de nós dois.

— Estou admirada com o seu, Mister Maxim — diz ela, com os dedos no meu pescoço, puxando meus lábios até os seus.

Sério? Mais uma vez!

* * *

ELA SOBE E desce. Desta vez, com mais elegância. Confiante. Sua aparência é maravilhosa, os seios balançando junto com ela. Os olhos expressivos não desviam dos meus. Ela está aceitando o próprio poder, e isso é um tesão. Seu ritmo é perfeito, e ela me deixa cada vez mais próximo do clímax. Ela se

abaixa e enrosca os dedos nos meus, apertando-os, e em seguida me beija. É um beijo de língua, molhado, quente e exigente.

— Ah, linda — digo, com um gemido.

Estou quase lá.

Ela joga a cabeça para trás e grita meu nome, gozando.

Cacete! Não consigo me segurar. Eu me entrego e gozo com ela.

Quando abro os olhos, ela está me olhando maravilhada.

Alessia está esparramada sobre o peito de Maxim, os dois deitados no chão da sala de estar, ao lado do piano. O batimento cardíaco e a respiração dos dois estão voltando ao normal, mas ela treme. Está com um pouco de frio.

— Aqui. — Maxim a cobre com a colcha. — Você ainda vai acabar comigo.

Ele se contorce ao tirar a camisinha, mas sorri para ela.

— Gosto de acabar com você. E gosto de olhar para você de cima — sussurra ela.

— Gosto de ver você lá no alto.

Ver Maxim gozar quando ela está por cima lhe dá uma sensação de poder. Uma sensação que ela nunca imaginou ter — é intoxicante. Se ela tivesse coragem de tocar todo o corpo dele...

Seus olhos brilhantes encontram ardentes os dela.

— Você é mesmo demais, Alessia — diz ele ao afastar o cabelo do rosto dela.

Por um momento, ela acha que ele vai dizer outra coisa. Mas ele sorri, um sorriso glorioso. Então acrescenta:

— Estou com fome.

Ela arqueja.

— Preciso arranjar uma coisa para você comer.

Ela começa a levantar, mas ele a segura e fala:

— Não vá. Você está me aquecendo. Eu devia acender a lareira.

Ele beija o queixo dela, e ela se aninha nele, sentindo uma paz que não

acreditava existir.

— É melhor sairmos para comer — diz Maxim. — Já deve ter passado das quatro.

A chuva ainda cai forte lá fora.

— Quero cozinhar para você.

— Quer?

— Sim. Gosto de cozinhar — responde Alessia. — Ainda mais para você.

— Tudo bem.

Alessia treme ao sentar sobre mim.

— O que foi? — pergunto, me sentando bruscamente, nossos narizes quase se tocando.

A colcha cai até sua cintura, e eu a levanto para que se aqueça.

Ela cora.

— Estou um pouco dolorida.

Merda!

— Por que não disse nada?

— Porque você provavelmente não teria feito aquilo... — diz ela com a voz baixa, evitando me olhar nos olhos.

— Não teria mesmo! — Fecho os olhos e encosto a testa na dela. — Me desculpe — digo baixinho.

Sou um idiota.

Ela leva os dedos até os meus lábios.

— Não. Não. Não se desculpe.

— Não precisamos fazer isso.

O que estou dizendo?

— Eu quero fazer isso. Sério. Eu gosto muito — insiste ela.

— Alessia, você precisa falar comigo. Me contar as coisas. Sinceramente, eu podia passar o dia inteiro fazendo amor com você. Mas já chega. Vamos sair. Mas antes vamos tomar um banho.

Eu a levanto do meu colo, fico de pé, pego nossas roupas no chão, e juntos subimos as escadas.

Abro o chuveiro enquanto Alessia me observa, encolhida na colcha, os olhos enigmáticos. O sol da tarde começa a desaparecer. Acendo as luzes e experimento a água. Está agradável.

— Pronta? — pergunto.

Ela responde que sim com um movimento de cabeça e deixa a colcha cair no chão, correndo na minha frente em direção ao jato de água quente. Junto-me a ela, e deixamos a água cair e nos aquecer. Pego o sabonete líquido, feliz por ela estar ficando mais confortável em exibir seu corpo maravilhoso.

É isso que acontece quando se passa o dia trepando...

Sorrio e coloco um pouco de sabonete nas mãos.

Alessia nunca tomou banho com ninguém antes. Pode sentir Maxim se mexendo atrás dela, o corpo roçando no seu... *aquela* parte do corpo dele roçando no seu enquanto ela está debaixo do chuveiro. A parte que ela ainda não ousou tocar. Ela quer... só precisa encontrar a autoconfiança.

A água está deliciosamente quente. Ela fecha os olhos e aproveita a sensação reconfortante do líquido atingindo sua pele, deixando-a um pouco rosada.

Ele afasta o cabelo das suas costas e dá um beijo molhado no seu ombro.

— Você é linda demais.

Ela sente as mãos dele no pescoço, e com movimentos circulares ele começa a massagear sua pele com sabonete. Os dedos fortes de Maxim apertam os músculos dela.

— Ah — ela geme.

— Está gostando?

— Sim, bem demais.

— Bem demais?

— Falei errado?

Alessia sente que Maxim está sorrindo, e ele fala:

— Seu inglês é muito melhor do que o meu albanês.

Ela dá uma risadinha.

— Isso é verdade. É engraçado, eu digo a expressão errada, mas ela soa certa para mim, mas quando você repete soa mesmo errada.

— Deve ser meu sotaque. Você quer que eu lave seu corpo todo? — A voz dele está rouca.

— Todo? — A respiração de Alessia fica entrecortada.

— Aham — confirma Maxim, a voz num ruído baixo e sensual perto do ouvido dela.

Ele a envolve com os braços, ensaboa as mãos e começa a esfregar o sabonete contra a pele de Alessia. Lava o pescoço, os seios, a barriga e passa o sabonete entre as coxas delicadamente. A cabeça dela tomba para trás, contra o peito dele, e Alessia se entrega ao toque de Maxim, sentindo sua ereção nas costas. Ela geme, e a respiração de Maxim fica mais profunda, mais forte no ouvido dela.

De repente, ele para.

— Pronto, você está limpa. E acho que devemos sair.

— Como assim? — Ela se sente carente sem as mãos dele em seu corpo.

— Chega. — Ele abre a porta e sai do chuveiro.

— Mas...

Ele pega uma toalha e amarra na cintura, cobrindo a ereção.

— Estou me controlando ao máximo. E por incrível que pareça, meu corpo está pronto para ação outra vez.

Ela faz beicinho, e ele ri.

— Não me tente.

Ele segura o roupão azul e espera por ela. Alessia desliga a torneira e sai do chuveiro, e ele a envolve no roupão e a abraça.

— Você é irresistível. Mas, por mais que eu queira você... já chega. E eu estou com fome.

Maxim dá um beijo no alto da cabeça dela e a solta. Ela o observa deixar o banheiro, sentindo o coração aumentar de tamanho com o amor que sente por ele.

Devo dizer a ele?

Mas, ao segui-lo para o quarto, ela perde a coragem. Alessia gosta de como eles estão no momento. Não faz ideia de como ele vai reagir e não quer estourar a bolha dos dois.

— Vou me vestir e preparar uma coisa para você comer.

Ele ergue uma sobrancelha e comenta:

— Você não precisa se vestir.

Ela sente as bochechas corando. *Ele não tem vergonha*. Mas ele está radiante, seu sorriso é tão encantador que a deixa sem fôlego.

É quase meia-noite, e estou deitado olhando para Alessia, que caiu no sono ao meu lado.

Que segunda-feira preguiçosa, maravilhosa e apaixonante.

Foi um dia perfeito.

Fazer amor. Comer. Fazer amor. Beber. Fazer amor. E ouvir Alessia tocar piano... e observá-la cozinhar.

Ela muda de posição e resmunga alguma coisa dormindo. Sua pele está clara à luz do dragãozinho, a respiração baixa e regular. Deve estar exausta depois de tudo o que fizemos... e ainda está um pouco tímida. Um dia, quero que ela me toque. Que toque todo o meu corpo.

Fico duro só de pensar nisso.

Chega!

Ela vai me tocar. No tempo dela, tenho certeza. Nós nem saímos de casa hoje. O dia inteiro. E ela cozinhou para mim de novo, outra refeição deliciosa e reconfortante. Queria fazer algo especial com ela amanhã — algo ao ar livre, se o tempo melhorar.

Mostre para ela onde você cresceu.

Não. Ainda não.

Balanço a cabeça.

Conte a ela.

Tenho uma ideia, e se o tempo melhorar amanhã vai ser divertido, além de me dar a oportunidade de lhe contar quem eu sou... Vamos esperar para ver.

Dou um beijo delicado na testa dela, sentindo seu perfume. Ela se remexe e murmura algo ininteligível, mas logo se acalma e continua dormindo.

Eu me apaixonei por você, Alessia.

Fecho os olhos.

Capítulo Dezenove

Alessia acorda ao som baixo da voz de Maxim. Ela abre os olhos e o vê sentado a seu lado, falando ao telefone. Ele sorri para ela e retoma a conversa.

— Fico feliz que a Srta. Chenoweth tenha concordado — diz. — Acho que uma calibre .20 para minha convidada. Vou usar minhas Purdeys.

Alessia se pergunta do que ele está falando. Seja o que for, os olhos de Maxim estão brilhando de entusiasmo.

— Vamos usar os mais fáceis. Os verticais. — Maxim pisca para ela. — Umas dez? Ótimo. Eu encontro Jenkins nesse horário, então. Obrigado, Michael.

Ele encerra a ligação e se aconchega na cama outra vez, virado para ela.

— Bom dia, Alessia. — Ele lhe dá um selinho. — Dormiu bem?

— Sim. Obrigada.

— Você está linda. Está com fome?

Ela se espreguiça ao seu lado, e o olhar dele se intensifica.

— Hummm... — ela começa.

— Você está muito sexy.

Ela sorri.

— Mas disse que estava dolorida. — Ele dá um beijo no nariz dela. — E hoje tenho uma surpresa para você. Depois do café da manhã, vamos sair. Vista uma roupa quente. E talvez seja melhor fazer uma trança.

Ele se levanta.

Alessia faz beicinho. Ela estava dolorida ontem. Agora já se sente ótima, mas antes que possa convencê-lo a ficar um pouco mais na cama, ele vai para o banheiro, nu. Tudo que lhe resta é admirar aquele físico perfeito, os músculos se contraindo nas costas dele quando anda, as pernas compridas... seu traseiro. Ele se vira e exhibe um sorriso travesso, em seguida fecha a porta.

Ela sorri.

O que ele está aprontando?

— Aonde vamos? — pergunta Alessia.

Ela está usando o gorro verde e seu casaco novo, e sei que está com várias camadas de roupa por baixo dele. Acho que está aquecida o bastante.

— É surpresa. — Eu a olho de lado e dou partida no carro.

Antes de ela acordar de manhã, telefonei para a Mansão Tresyllian e falei com Michael, responsável por administrar a propriedade. O dia está frio, mas claro e agradável, perfeito para o que planejei. Depois de todo o exercício de ontem, precisamos de um descanso e de um pouco de ar fresco.

A Fazenda Rosperran pertence à propriedade Trevethick desde a era georgiana. A família Chenoweth é a arrendatária há mais de cem anos. A titular atual, Abigail Chenoweth, nos concedeu permissão para usarmos hoje as terras não cultivadas ao sul. Ao nos aproximarmos do local, paro para pensar que seria melhor se eu estivesse com o Discovery. Meu Jaguar não é muito bom no campo, mas podemos estacionar na estrada. Ao chegarmos, o portão já está aberto, e vejo Jenkins lá dentro com seu Land Rover Defender. Ele nos dá um aceno animado.

Sorrio para Alessia, entusiasmado.

— Vamos atirar.

Ela parece confusa.

— Atirar?

— É, praticar tiro, como se fosse tiro ao alvo, sabe?

Ela continua tão confusa quanto antes.

Agora já não sei se a ideia foi tão boa.

— Vai ser divertido — prometo.

Ela dá um sorriso apreensivo, e eu saio do carro. Pelo menos não está tão frio a ponto de eu ver minha respiração virando vapor.

— Bom dia, milorde — diz Jenkins.

— Oi — cumprimento de volta.

Dou uma espiada na direção de Alessia para checar se ela ouviu o que ele falou, mas ela ainda está saindo do carro.

— Pode me chamar de senhor, Jenkins — sussurro, quando ela se aproxima de nós. — Esta é Alessia Demachi.

Ela aceita a mão estendida dele.

— Bom dia, senhorita.

— Bom dia. — Ela lhe dirige um sorriso encantador, e Jenkins cora.

Sua família já serve aos Trevelyan há três gerações, embora principalmente em Angwin, nossa propriedade em Oxfordshire. Jenkins deixou o ninho da família há quatro anos para trabalhar na Mansão Tresyllian como caçador assistente. É um pouco mais novo do que eu e surfa muito bem. Já o vi em cima de uma prancha — ele deixava Kit e eu no chinelo. Também é um excelente atirador e um especialista quando o assunto é caça. Conduz muitas das caçadas na propriedade. Debaixo da boina e da cabeleira loira, ele tem uma mente afiada e um sorriso fácil e contagiante.

Alessia olha para mim com uma expressão intrigada.

— Vamos caçar pássaros?

— Não. Vamos atirar em pratos.

Ela continua sem entender.

— São discos de barro.

— Ah.

— Eu trouxe duas espingardas para a senhorita escolher. Estou com as suas Purdeys, e a Srta. Campbell insistiu que eu trouxesse sua jaqueta de tiro, senhor.

— Ótimo.

— E café. E enroladinhos de linguiça. E aquecedores de mão. — Jenkins sorri.

Confie em Danny.

— As plataformas lançadoras estão prontas — diz ele.

— Excelente. — Eu me viro para Alessia. — A surpresa foi boa? — pergunto um pouco em dúvida.

— Sim — diz ela sem muita convicção.

— Você já atirou alguma vez na vida?

Ela balança a cabeça.

— Meu pai tem armas.

— Ah, é?

— Ele caça.

— Caça?

Ela dá de ombros.

— Bom, ele sai com a arma. Sai à noite. Para atirar em lobos.

— Lobos!

Ela ri da minha reação.

— Sim. Temos lobos na Albânia. Mas nunca vi nenhum. Também não sei se meu pai já viu. — Ela sorri para mim. — Eu gostaria de atirar.

Jenkins sorri com simpatia para ela e a conduz ao banco traseiro do Defender, onde colocou nossas armas e todo o equipamento necessário.

Ela ouve com atenção o que ele tem a dizer. Ele lhe dá orientações de segurança e mostra como a arma funciona e o que ela precisa fazer. Enquanto Jenkins faz isso, eu rapidamente visto meu colete e a jaqueta. Estou bem aquecido. Abro a maleta de armas e tiro uma das minhas espingardas Purdey calibre .20. É um exemplar *vintage* raro que era do meu avô. Ele encomendou um par idêntico de Purdeys de dois canos sobrepostos em 1948. Elas têm gravações elegantes em prata com os símbolos do brasão Trevethick entrelaçados com a Mansão Tresyllian ao fundo, em grandes detalhes; a coronha é de uma belíssima nogueira lustrosa. As duas armas foram herdadas pelo meu pai quando meu avô morreu, e, quando Kit completou dezoito anos, ganhou uma delas de presente. Quando meu pai morreu, Kit me deu esta — a que pertencia a papai.

E agora que Kit também se foi, as duas são minhas.

Sou tomado por uma súbita onda de tristeza. Visualizo nós três na sala das armas, meu pai limpando esta arma, meu irmão limpando a calibre .20 que então era sua, e eu observando, um menino de oito anos animado por enfim ter recebido permissão de entrar na sala das armas. Meu pai explicou com toda a calma como desmontar a espingarda, como lubrificar a coronha e as partes de aço, como limpar o tambor e a telha. Ele era meticuloso. Kit também. Lembro-me de observá-los com os olhos arregalados de fascínio.

— Tudo de acordo, senhor? — Jenkins me tira dos meus devaneios.

— Sim. Tudo ótimo.

Alessia está usando os óculos de proteção e os abafadores de ouvido. Até

assim, continua linda. Ela inclina a cabeça de lado.

— O que foi? — pergunto.

— Gostei dessa jaqueta.

Eu rio.

— Esta coisa velha? É só uma Harris Tweed.

Pego alguns cartuchos, óculos de proteção e abafadores de ouvido e abro o tambor da minha arma.

— Pronta? — pergunto a Alessia.

Ela faz um gesto afirmativo com a cabeça, e, com sua espingarda Browning aberta, nós três caminhamos até a área de tiro improvisada por Jenkins com alguns fardos de feno.

— Armei as lançadoras logo depois daquele cume, para o alvo ser baixo — diz Jenkins.

— Pode me lançar um prato?

— Claro. — Jenkins aperta o botão no controle remoto, e um prato voa no ar cerca de 100 metros à nossa frente.

Alessia abre a boca num arquejo.

— Nunca vou conseguir acertar aquilo!

— Vai, sim. Observe. Afaste-se.

E é hora de eu me exibir um pouco. Ela é uma pianista melhor do que eu, cozinha melhor e me venceu no xadrez...

— Dois pratos, Jenkins.

— Sim, senhor.

Coloco os óculos de proteção e os abafadores de ouvido. Em seguida, abro o tambor, carrego com dois cartuchos e monto minha arma. Pronto.

— Agora!

Jenkins lança dois pratos, que surgem voando na nossa frente. Aperto o gatilho, disparando o primeiro tambor e depois o segundo, e acerto os dois pratos, que se quebram, seus cacos caindo no chão como granizo.

— Acertou, senhor — comenta Jenkins.

— Você acertou! — exclama Alessia.

— Isso! — Não consigo evitar um sorriso convencido. — Certo, sua vez.

Abro o tambor e fico ao lado dela.

— Pés separados. Coloque o peso do corpo no pé de trás. Assim. Olhe para a lançadora. Você já viu a trajetória do prato. Tente segui-la com um movimento suave.

Ela faz que sim com a cabeça de maneira enfática.

— Segure a coronha o mais firme que puder contra o ombro para evitar um coice.

— Certo.

Fico impressionado ao observar como ela segue minhas orientações.

— Pé direito um pouco mais para trás, senhorita — acrescenta Jenkins.

— Certo.

— Seus cartuchos. — Entrego dois, e ela carrega a arma.

Eu me afasto.

— Quando estiver pronta, grite “Agora”. Jenkins irá lançar um prato, e você terá duas chances de acertar.

Ela me dirige um olhar ansioso e monta a arma. Parece a própria mulher do campo — mesmo de gorro de lã —, com as bochechas rosadas e a trança caindo pelas costas.

— Agora! — grita ela, e Jenkins lança um prato.

Ele sai voando na nossa frente, e Alessia dispara um e em seguida outro tiro.

E erra.

As duas vezes.

Ela faz beicinho quando o prato se quebra no chão, a vários metros de nós.

— Você vai pegar o jeito. Tente outra vez.

Um brilho inflexível aparece em seus olhos, e Jenkins se aproxima para lhe dar algumas orientações.

No quarto prato, ela acerta.

— Isso! — grito para encorajá-la.

Ela vem dançando até mim.

— Opa! Opa! Cano abaixado! — gritamos Jenkins e eu ao mesmo tempo.

— Desculpe. — Ela dá uma risadinha e abre a espingarda. — Posso fazer outra tentada?

— Claro. Temos a manhã toda. E é “tentativa”.

Ela sorri com alegria. Seu nariz está rosado, mas os olhos estão vivos e brilhando com a animação daquela nova experiência. Seu sorriso derreteria até mesmo o coração mais frio, e o meu se enche de uma alegria imensa. É tão gratificante vê-la se divertindo depois de tudo pelo que passou.

Alessia e Maxim estão sentados no porta-malas aberto do carro do Sr. Jenkins, as pernas pendendo, bebendo café de uma garrafa térmica e comendo pãozinhos com algum tipo de carne dentro. Alessia acha que é porco.

— Você se saiu bem — elogia Maxim. — Vinte de quarenta pratos não é nada mau para a primeira vez.

— Você foi muito melhor.

— Eu já fiz isso antes. Muitas vezes. — Ele bebe um gole de café. — Você gostou?

— Sim. Eu gostaria de fazer de novo. Talvez num dia não tão frio.

— Seria ótimo.

Ela sorri enquanto seu coração dispara. Ele também quer fazer isso outra vez. O que com certeza é um bom sinal.

Alessia bebe um pouco de café.

— Ai! — Ela faz careta.

— O que foi?

— Sem açúcar.

— É tão ruim assim?

Ela bebe outro gole devagar.

— Não. Não é tão ruim.

— Seus dentes agradecem. O que você quer fazer agora?

- Podemos andar na praia de novo?
- Claro. E depois podemos ir almoçar.

Jenkins retorna.

- Já guardei a lançadora, senhor.
- Ótimo. Obrigado por essa manhã, Jenkins.
- É um prazer, mi... senhor.
- Quero levar minhas armas para o Esconderijo e limpá-las ali.
- Pois não. Está tudo na maleta.
- Excelente.
- Tenha um bom dia, senhor.

Damos um aperto de mãos.

— Senhorita — diz ele, tocando a boina com os dedos enquanto cora de leve.

— Obrigada, Jenkins — diz Alessia, e quando ela sorri para ele, radiante, as bochechas de Jenkins ficam ainda mais vermelhas.

Acho que ela conquistou mais um.

- Podemos ir? — pergunto.
- Essa arma é sua?
- É.

Ela franze o cenho.

— Jenkins cuida dela para mim. Por lei, ela precisa ficar trancada. Temos um armário para armas no Esconderijo.

- Ah — diz ela, sua confusão evidente.
- Pronta? — pergunto para distraí-la.

Ela responde positivamente com um aceno de cabeça.

— Preciso levar isto para casa. — Ergo a maleta. — Depois, podemos caminhar na praia e almoçar num lugar legal.

- Tudo bem.

Abro a porta do carro para Alessia, e ela me dá um sorriso rápido ao entrar.

Essa foi por pouco.

Conte logo a ela.

A cada dia que não lhe conto quem sou, estou mentindo para ela.

Cacete.

É simples. Abro o porta-malas e guardo a maleta com as armas.

Porra, conte logo a ela.

Entro ao seu lado, fecho a porta e olho para ela.

— Alessia...

— Olhe! — exclama ela, apontando em direção ao para-brisa.

Logo à nossa frente está um cervo magnífico, os pelos cinzentos compridos, para protegê-lo nos meses de inverno, as manchas brancas características escondidas sob a pelagem espessa. De onde ele saiu, cara? Deve ter menos de quatro anos, a julgar pelo tamanho, mas possui um par impressionante de chifres, que sei que vão crescer nos próximos meses. Eu me pergunto se ele faz parte do rebanho de gamos que temos na Mansão Tresyllian ou se é selvagem. Se for da Mansão, como veio parar aqui? Ele abaixa o focinho altivo, fixando os olhos negros em nós dois.

— *Ua* — sussurra Alessia.

— Você já tinha visto um cervo? — pergunto.

— Não.

Ficamos contemplando o animal enquanto ele dilata as narinas, farejando.

— Talvez os lobos de Albânia tenham devorado todos — respondo, também sussurrando.

Ela se vira para mim e ri, a cabeça caindo para trás, relaxada. É um som maravilhoso.

Eu a fiz rir!

Logo ao lado, Jenkins dá a partida em seu Land Rover, assustando o cervo. Ele ergue as patas dianteiras, salta o muro de pedra e dispara campo afora.

— Eu não sabia que havia animais selvagens neste país — diz Alessia.

— Temos alguns.

Dou a partida no carro, sentindo que perdi o momento de contar a ela quem sou.

Droga.

Conto mais tarde.

E lá no fundo sei que, quanto mais eu esperar, pior será quando eu enfim abrir o jogo.

O celular vibra na minha jaqueta. É uma mensagem, e sei que é de Caroline.

É outro problema com o qual vou ter de lidar em algum momento. Mas agora vou levar minha garota para outro passeio na praia.

Deitada na cama ao lado dele, Alessia segura o dragãozinho, um farol na escuridão.

— Obrigada — sussurra ela. — Por hoje. Por ontem. Por isto.

— O prazer é todo meu, Alessia. Tive um dia maravilhoso.

— Eu também. Não quero que ele acabe. Foi o melhor dia de todos.

Maxim acaricia a bochecha dela com o indicador.

— O melhor dia de todos. Estou feliz por ter passado com você. Você é mesmo maravilhosa.

Ela engole em seco, feliz por a luz suave estar escondendo seu rosto corado.

— Não estou mais dolorida — diz baixinho.

Maxim permanece imóvel por um momento, seus olhos sondando os dela.

— Ah, querida — diz ele, e cola a boca na dela.

Já passa da meia-noite, e Alessia cochila ao meu lado. Preciso contar a ela quem sou.

Conde de Trevethick.

Cacete.

Ela merece saber. Esfrego o rosto.

Por que estou tão relutante em abrir o jogo?

Porque não sei o que ela sente por mim.

Além disso, fora o meu título, tem ainda o probleminha da minha fortuna.

Droga.

A desconfiança da minha mãe deixou suas marcas.

As mulheres só vão querer você pela sua fortuna, Maxim. Não se esqueça disso.

Meu Deus. Rowena pode ser uma megera quando quer.

Devagarinho, para não acordar Alessia, pego uma mecha do seu cabelo e enrolo no meu dedo. Ela relutou em me deixar comprar roupas para ela mesmo sem ter nada. Não quer que eu compre um celular e sempre escolhe a comida mais barata do cardápio. Isso não é coisa de uma mulher interesseira.

Ou é?

E naquele dia ela disse que eu não tenho rival. Então acho que ela gosta de mim. Se for esse o caso, queria muito que me dissesse. Tudo ficaria muito mais fácil. Ela é talentosa, inteligente e corajosa — e cheia de desejo. Sorrio, pensando em como ela gosta de sexo. Isso. Cheia de desejo. Eu me inclino e beijo seu cabelo.

E ela sabe cozinhar.

— Eu amo você, Alessia Demachi — sussurro, colocando a cabeça no travesseiro e olhando para ela. Essa mulher sedutora.

Minha garota linda e perfeita.

* * *

SOU ACORDADO PELO meu celular. Já é manhã, mas cedo demais, a julgar pela luz fraca que invade o quarto pelas frestas das persianas. Alessia está enroscada em mim quando me estico para pegar o telefone. É a Sra. Beckstrom, minha vizinha de Londres.

Por que diabos ela está me ligando?

— Oi, Sra. Beckstrom. Tudo bem? — Falo baixo para não acordar Alessia.

— Ah, Maxim. Que bom que consegui falar com você. Desculpe estar

ligando tão cedo, mas acho que seu apartamento foi assaltado.

Capítulo Vinte

— O quê?

Um calafrio percorre meu corpo, e todos os meus pelos se arrepiam. De repente, estou totalmente desperto. Passo as unhas pelo couro cabeludo.

Furtado? Como? Quando?

Minha mente e meu coração estão a mil.

— Sim. Eu estava passeando com Hércules de manhã. Adoro caminhar cedo à margem do rio, não importa que tempo faça. É tão tranquilo e relaxante...

Reviro os olhos. *Vamos logo com isso, Sra. B.*

— Sua porta estava aberta. Talvez já estivesse assim há alguns dias. Não sei. Mas achei estranho. Então hoje dei uma olhada lá dentro e é claro que você não estava.

Será que esqueci de trancar o apartamento no pânico de sair e procurar Alessia?

Não lembro.

— Infelizmente, o lugar está uma bagunça horrorosa.

Cacete.

— Eu ia ligar para a polícia, mas achei melhor falar com você, querido.

— Bom. Obrigado. Agradeço. Vou cuidar disso.

— Desculpe por trazer más notícias.

— Tudo bem, Sra. B. Obrigado.

Desligo.

Merda! Cacete! Porra!

O que os desgraçados roubaram? Não tenho muita coisa... Tudo que é importante está no cofre. Espero que não tenham encontrado.

Droga. Droga. Droga.

Que saco. Talvez eu devesse voltar a Londres, mas não quero. Estou me divertindo muito com Alessia. Sento na cama e olho para ela. Está piscando

para mim, sonolenta, e lhe dou um sorriso tranquilizante.

— Preciso dar um telefonema.

Não quero preocupá-la com esses detalhes, então me levanto, enrolo a colcha em volta da cintura e vou até o quarto de hóspedes com o telefone. Ligo para Oliver enquanto ando de um lado para outro.

Por que o alarme não disparou?

Será que ativei? Merda! Saí com tanta pressa... Não sei.

— Maxim. — Ele fica surpreso com a minha ligação. — Está tudo bem?

— Bom dia. Minha vizinha acabou de ligar. Disse que fui furtado.

— Ah, merda.

— Pois é.

— Vou lá agora mesmo. Não devo levar mais de quinze minutos a essa hora.

— Ótimo. Ligo daqui a vinte minutos.

Desligo. Estou de mau humor e começo a pensar no que realmente me faria falta se perdesse. Minhas câmeras. Minhas mesas de som. Meu computador...

Porra! As câmeras do meu pai!

Que merda... Algum maldito viciado pé-rapado, ou uns adolescentes rebeldes destruindo meu apartamento.

Putá. Merda.

Eu tinha planos de passar o dia com Alessia, quem sabe ir até o Projeto Eden. Bom, talvez a gente ainda possa ir, mas preciso avaliar os danos e não quero fazer isso pelo celular. Se eu ligar para Oliver pelo FaceTime do iMac da casa principal, posso ter uma visão melhor e ele pode me mostrar o que aconteceu pelo telefone dele.

Sentindo-me sacaneado e arrasado, volto ao quarto, onde encontro Alessia ainda na cama.

— O que houve? — pergunta ela, se sentando, o cabelo caindo sobre os seios.

Sua aparência é sonolenta, sexy e muito trepável. Vê-la é um bálsamo que no mesmo instante me faz sentir melhor. Mas, infelizmente, devo deixá-la

por um tempinho. Não quero chateá-la com a notícia. Já precisou lidar com bastante coisa nas últimas semanas.

— Devo sair e resolver uma coisa. Talvez a gente tenha até que voltar a Londres. Mas fique na cama. Durma. Sei que está cansada. Já volto.

Ela puxa o cobertor, a testa franzida em sinal de preocupação. Dou um beijo rápido nela e vou tomar banho.

Quando saio do banheiro, ela não está mais na cama. Visto depressa uma calça jeans e uma camisa branca. Encontro-a na cozinha, usando apenas a blusa do meu pijama e recolhendo os pratos da noite anterior. Ela me entrega uma xícara de café espresso.

— Para você acordar — diz, com um sorriso devoto, embora seus olhos estejam arregalados e desconfiados.

Está ansiosa.

Bebo o café. Está quente, forte e delicioso. Um pouco como Alessia.

— Não se preocupe, eu volto logo.

Beijo-a mais uma vez, pego o casaco e saio, fugindo das gotas de chuva e subindo os degraus às pressas. Entro no carro e acelero na estrada.

Alessia observa Maxim subir os degraus a toda e fechar o portão. Parece preocupado, e ela se pergunta aonde ele vai. Aconteceu algo ruim. Um calafrio percorre suas costas, mas ela não sabe por quê. Suspira. Tem muita coisa que não sabe sobre ele.

E ele disse que talvez tivessem de voltar a Londres. O que significa que ela terá de encarar a realidade da sua situação.

Sem ter onde morar.

Zot.

Deixou tudo isso de lado nos últimos dias, mas tem muitos problemas em sua vida. Onde vai morar? Será que Dante parou de procurá-la? O que Maxim sente por ela? Alessia respira fundo enquanto tenta afastar as preocupações e espera que ele consiga resolver logo o problema, qualquer que seja, e volte. A casa parece vazia sem ele. Os últimos dias foram maravilhosos, e ela espera que não precisem retornar a Londres. Ainda não está pronta para voltar à realidade. Nunca foi tão feliz quanto com ele ali. Enquanto isso, vai terminar de colocar os pratos sujos no lava-louça. Depois

vai tomar banho.

Pego um atalho pelas ruas secundárias até a Mansão Tresyllian, porque é mais rápido do que seguir pela estrada principal. A chuva está ficando mais forte, batendo no vidro e no teto do carro enquanto percorro pistas estreitas. Passo pela entrada sul da propriedade, desacelero na altura do mata-burro e volto a acelerar na pista que atravessa o pasto. Sob a chuva de inverno, a paisagem é sombria, molhada e salpicada de ovelhas. Quando chegar a primavera, as vacas vão estar soltas, pastando outra vez. Avisto a casa entre as árvores sem folhas. Abrigada pelo amplo vale, cinza-ardósia e gótica, ela domina a paisagem como se tivesse saído de um romance de uma das irmãs Brontë. A casa original foi construída no terreno de um priorado beneditino. Mas a terra e a abadia foram apreendidas por Henrique VII durante a dissolução dos monastérios. Mais de um século depois, em 1661, após a restauração do mosteiro, a propriedade foi concedida, junto do título de Conde de Trevethick, a Edward Trevelyan por seus serviços a Carlos II. A casa principal construída por ele foi praticamente destruída por um incêndio em 1862, e essa monstruosidade neogótica, com todos os remates e as falsas ameias moldadas, surgiu em seu lugar. É a sede dos condes de Trevethick, uma construção gigantesca e extensa, que eu sempre amei.

E agora é minha.

Sou o administrador.

O carro balança ao passar por um segundo mata-burro enquanto dou a volta na casa e estaciono diante dos estábulos, onde fica a coleção de carros de Kit. Saio do Jaguar, corro até a porta da cozinha e fico feliz ao encontrá-la aberta.

Jessie está lá dentro preparando o café da manhã, com os cães de Kit aos seus pés.

— Bom dia, Jessie — digo ao entrar.

Jensen e Healey se levantam em um pulo e vêm correndo até mim.

A voz de Jessie me segue pelo corredor:

— Maxim! Quer dizer... milorde!

Eu a ignoro e entro no escritório de Kit. Merda. *Meu* escritório. O cheiro do cômodo dá a sensação de que meu irmão ainda está na casa e eu paro quando uma onda intensa de dor surge do nada.

Droga, Kit. Eu sinto sua falta.

A verdade é que o escritório dá a impressão de que meu pai ainda mora na casa. Kit não mudou nada ali, exceto pelo fato de ter instalado um iMac. Aquele era o refúgio do meu pai. As paredes estão pintadas de vermelho-sangue e cobertas de fotos, paisagens e retratos, alguns até da minha mãe. Os móveis são de antes da Segunda Guerra, dos anos 1930, eu acho. Com o típico entusiasmo canino — rabos abanando e línguas de fora —, os cachorros pulam em mim enquanto vou até a escrivaninha.

— Oi, meninos. Oi. Ei. Calma. Oi. Calma. Quietos.

Faço carinho nos dois.

— É ótimo ver o senhor, mas está tudo bem? — pergunta Jessie ao entrar no escritório atrás de mim.

— O apartamento de Chelsea foi furtado. Vou resolver daqui.

— Ah, não!

Jessie leva a mão à boca.

— Ninguém se machucou — afirmo. — Oliver está lá e vai avaliar os danos.

— Que coisa horrível.

Ela retorce as mãos.

— É um pé no saco, isso sim.

— Aceita alguma coisa?

— Gostaria de um café.

— Vou buscar agora mesmo.

Ela sai do cômodo e Jensen e Healey a seguem, lançando olhares melancólicos para mim. Olho a escrivaninha de... não, a minha escrivaninha.

Ligo o iMac, faço login e abro o FaceTime, então clico no contato de Oliver.

Alessia está de pé sob o jato potente do chuveiro, aproveitando a água quente que escorre pelo corpo. Vai sentir falta disso quando eles voltarem a Londres. Fica deprimida com esse pensamento enquanto molha o cabelo. Amou o

tempo mágico que passaram na Cornualha, só os dois. Vai sempre se lembrar com carinho do período que passou naquela casa extraordinária com ele.

Maxim.

Enquanto lava o cabelo, ela abre um dos olhos, sem conseguir se livrar da ansiedade. Por mais que tenha trancado a porta do banheiro, está nervosa. Não está acostumada a ficar sozinha e sente falta dele. Acostumou-se com a sua presença. Em todos os lugares. Ela cora e sorri.

Sim. Em todos os lugares.

Se ao menos ela criasse coragem para tocá-lo... em todos os lugares.

A maior parte do apartamento não foi afetada pelo furto. A sala de revelação está intacta, assim como meu equipamento fotográfico, e, ainda mais importante, do ponto de vista afetivo, as câmeras do meu pai. E tive sorte porque os ladrões não encontraram o cofre. Roubaram alguns dos meus sapatos e casacos do armário, embora seja difícil perceber, porque há roupas espalhadas pelo quarto inteiro.

A sala, no entanto, está uma bagunça. Todas as minhas fotos foram arrancadas das paredes. Meu iMac está quebrado no chão. O laptop e as mesas de som sumiram, os discos de vinil estão espalhados por todo o piso. Felizmente, não tocaram no piano.

— Parece não ter passado disso — diz Oliver.

Está usando a câmera do celular para que eu possa avaliar o estrago pela tela do meu computador.

— Babacas. Alguma ideia de quando eles entraram? — pergunto.

— Não. Sua vizinha não viu nada. Mas pode ter sido em qualquer momento do fim de semana.

— Pode ter sido na sexta, depois que saí. Como conseguiram entrar?

— Você viu o estado da porta.

— É... Devem ter arrombado com alguma coisa pesada. Babacas. Devo ter me esquecido de ativar o alarme na pressa de sair de casa.

— Olá...? — diz uma voz vinda de alguma parte distante do apartamento, nos interrompendo.

— Deve ser a polícia — explica Oliver.

— Você ligou para eles? Que rápido. Ótimo. Depois me conte o que disserem. Me ligue.

— Pode deixar, senhor.

Ele desliga.

Olho desanimado para a tela. Não quero voltar a Londres. Quero ficar aqui com Alessia.

Alguém bate na porta, então Danny surge.

— Bom dia, senhor. Soube que sua casa em Londres foi furtada.

— Bom dia, Danny. Sim. Mas parece que não perdi nada insubstituível. Fizeram só uma bagunça.

— A Sra. Blake vai dar um jeito. Mas que inconveniência.

— De fato.

— Onde quer tomar o café da manhã?

— Café da manhã?

— Senhor, Jessie preparou café da manhã. Rabanada. Sua preferida.

Ah. Eu queria voltar para Alessia.

Sentindo minha hesitação, Danny me lança Aquele Olhar por cima dos óculos. Aquele Olhar que fazia com que eu, Kit e Maryanne tremêssemos quando crianças.

Comportem-se, crianças, e comam tudo. Senão vou contar para a mãe de vocês.

Ela sempre nos ameaçava com a Nave Mãe.

— Vou comer na cozinha com você e o resto da equipe, mas não posso demorar.

— Está bem, senhor.

Alessia está envolta em toalhas, tentando se secar após o banho. No closet, faz uma busca em meio às roupas que Maxim comprou para ela alguns dias antes. Não consegue se livrar do sentimento de apreensão. Pula a cada barulho estranho que ouve. É incomum para ela ficar sozinha. Em Kukës, sua mãe sempre estava em casa, e à noite seu pai também. Até mesmo em

Brentford, quando morava com Magda, Alessia quase nunca ficava sozinha, pois Magda ou Michal estavam lá.

Ela se força a se concentrar na tarefa. Afinal, tem roupas novas. Decide vestir a calça jeans preta com uma blusa cinza e um belo cardigã cor-de-rosa. Espera que Maxim goste da escolha.

Finalmente vestida, ela pega o secador de cabelo e o liga, então o ruído agudo preenche o silêncio.

Quando entro, a cozinha está cheia, com o burburinho da conversa matinal de parte da equipe, inclusive Jenkins. Ao me verem, todos se levantam, uma demonstração de respeito visivelmente feudal, e que acho irritante. Mas deixo para lá.

— Bom dia a todos. Por favor. Sentem-se. Aproveitem o café da manhã.

Há vários murmúrios amáveis com a palavra “milorde”.

No auge, a Mansão Tresyllian já empregou mais de trezentos e cinquenta funcionários, mas agora nos viramos com doze em tempo integral e cerca de vinte em meio período. Também temos oito agricultores arrendatários, que conheci na viagem que fiz recentemente. Cuidam do gado e de vários terrenos aráveis em quatro mil hectares de terra. Tudo orgânico. Graças ao meu pai.

Segundo a tradição da família Trevethick, os funcionários que trabalham ao ar livre e os que trabalham dentro de casa fazem as refeições em momentos diferentes. Nesse instante, o assistente do gerente da propriedade, o guarda-florestal assistente e os jardineiros estão desfrutando o café da manhã preparado por Jessie. Percebo que meu prato é o único com rabanada.

— Soube que seu apartamento foi invadido, senhor — diz Jenkins.

— Infelizmente, sim. Um grande pé no saco.

— Sinto saber disso, milorde.

— Michael está por aqui?

— Foi ao dentista de manhã. Disse que chega por volta das onze.

Como uma garfada. A rabanada deliciosa de Jessie derrete na boca e me leva de volta à infância. Kit e eu conversando sobre placares de críquete ou brigando para saber quem estava chutando quem por debaixo da mesa,

Maryanne com o nariz enfiado em um livro... e a rabanada de Jessie servida com frutas cozidas. Hoje é maçã com canela.

— É bom ter o senhor aqui, milorde — diz Danny. — Espero que não precise voltar correndo para Londres.

— A polícia acabou de chegar. Vou descobrir mais tarde.

— Informei a Sra. Blake sobre o furto. Ela e Alice podem ir até o seu apartamento arrumar tudo.

— Obrigado. Vou pedir que Oliver entre em contato com ela.

— Está gostando do Esconderijo?

Dou um leve sorriso.

— Muito. Obrigado. É bastante confortável.

— Ouvi dizer que seu dia ontem foi bem-sucedido.

— Foi divertido. Obrigado de novo, Jenkins.

Ele acena com a cabeça para mim, e Danny sorri.

— Ah, isso me lembra que ontem dois sujeitos desagradáveis passaram aqui procurando o senhor — diz ela.

— Como assim?

Ela tem minha atenção imediata, assim como a de todos na cozinha. Danny fica pálida.

— Estavam perguntando pelo senhor. Eu os mandei embora, milorde.

— Desagradáveis?

— De aparência estranha, senhor. Agressivos. Do Leste Europeu, eu acho. Enfim...

— Merda!

Alessia!

Alessia escova o cabelo. Finalmente está seco. Ela desliga o secador, sentindo-se incomodada, com a impressão de ter ouvido algo. Mas é só o barulho das ondas na enseada lá embaixo. Ela fica de pé, observando o mar pela janela.

Mister Maxim lhe deu o mar.

Ela sorri ao se lembrar do seu comportamento na praia. A chuva está diminuindo. Talvez possam caminhar pela praia hoje. E depois almoçar naquele bar outra vez. Foi um dia bom. Todos os dias ali com ele foram bons.

Ela ouve o ruído de um móvel sendo arrastado pelo piso de madeira e vozes masculinas abafadas no andar de baixo.

Que isso?

Será que Maxim trouxe alguém para casa?

— *Urtë!* — resmunga alguém em um sussurro abafado.

É sua língua materna! Medo e adrenalina percorrem seu corpo, e ela fica imóvel no quarto.

São Dante e Ylli.

Eles a encontraram.

Capítulo Vinte e Um

Disparo pela trilha, fazendo o Jaguar tremer sobre o mata-burro e forçando-o a ir mais rápido. Preciso voltar para a casa. Mal consigo respirar. Minha ansiedade é um aperto no peito.

Alessia.

Por que a deixei lá? Se algo tiver acontecido com ela... nunca vou me perdoar.

Meu cérebro trabalha desesperado.

Será que são eles? Os babacas que a traficaram? Sinto um nó no estômago. Como nos encontraram? Como? Talvez tenham sido eles os merdas que arrombaram meu apartamento. Acharam informações sobre a propriedade Trevethick e a Mansão Tresyllian. E agora estão aqui. Fazendo perguntas. Que audácia a deles, irem até a minha casa. Agarro o volante com força.

Rápido. Rápido. Rápido.

Se a encontrarem no Esconderijo... nunca mais vou vê-la.

O pânico me vence.

Ela vai ser arrastada para um submundo horrível e nunca vou encontrá-la.

Não. Merda. Não.

Dou uma guinada na pista que leva ao Esconderijo, jogando cascalhos na cerca-viva.

O coração de Alessia está a mil, seu sangue pulsa nos ouvidos ao mesmo tempo que parece vagar de sua cabeça. O cômodo gira uma, duas vezes, e suas pernas começam a tremer.

Está vivendo seu pior pesadelo.

A porta do quarto está aberta, e ela os ouve sussurrar lá embaixo. Como entraram ali? Um ruído na escada a obriga a agir. Ela corre até o banheiro e fecha silenciosamente a porta. Com as mãos úmidas e trêmulas, tranca a porta enquanto tenta respirar.

Como a encontraram?

Como?

Está zozza de medo. Sentindo-se impotente, ela percorre o cômodo com os olhos em busca de algo com que possa se defender. *Qualquer coisa*. A lâmina de barbear dele? A escova de dentes dela? Alessia pega os dois e guarda no bolso de trás.

Mas as gavetas estão vazias... não há nada ali.

A única coisa que pode fazer é se esconder. E torcer para que a porta aguente até Maxim voltar.

Não. Maxim!

Não será páreo para eles. É apenas um homem... e eles são dois. Vão machucá-lo. Seus olhos se enchem de lágrimas, e ela cai no chão do banheiro quando suas pernas cedem. Apoia-se na porta como um lastro humano, segurando-a caso tentem arrombar.

— Ouvi uma coisa.

É Ylli. Está no quarto. Quando foi que seu próprio idioma se tornou tão aterrorizante?

— Cheque essa porta.

— Está aí, sua desgraçada? — grita Dante, sacudindo a porta do banheiro.

Alessia enfia o punho na boca para conter o grito, e lágrimas escorrem por suas bochechas. Seu corpo começa a tremer. O medo é avassalador. Ela arfa, a respiração entrecortada. Nunca se sentiu tão assustada. Nem mesmo no caminhão que a levou à Inglaterra. Está completamente impotente. Não sabe lutar e não há como fugir do banheiro. E ela não tem como avisar Maxim.

— Saia!

A voz de Dante a faz pular. Está a poucos centímetros do seu ouvido, do outro lado da porta.

— Vai ser pior para você se tivermos que arrombar a porta.

Alessia fecha os olhos com força e contém os soluços. De repente, um baque terrível, feito um saco de areia caindo no chão, seguido por um palavrão alto, e Alessia é empurrada para trás.

Zot. Zot. Zot.

Estão tentando arrombar a porta. Mas ela resiste. Alessia se levanta e põe um pé na porta, lamentando não estar de sapato ou meia. Seus pés se agarram ao chão de ardósia e ela joga o peso todo na porta, na esperança de que isso a ajude a resistir.

— Quando eu entrar aí, vou matar você. Sua filha da puta. Sabe quanto dinheiro me custou? Sabe?

Ele dá outro golpe na porta.

Alessia sabe que é só uma questão de tempo. Segura o choro quando o desespero a domina. Não chegou a tomar coragem de dizer a Maxim que o amava.

O Jaguar corre em direção ao Esconderijo, e eu avisto uma BMW velha que parece não ser lavada há mais de um ano largada aleatoriamente diante da garagem.

Merda. Estão aqui.

Não. Não. Não.

Meu medo e minha raiva aumentam, ameaçando tomar conta de mim.

Alessia!

Calma, cara. Calma, cacete. Pense. Pense. Pense.

Eu me aproximo e paro o carro bem encostado no portão. Por aqui eles não saem. Se eu subir pelos degraus da entrada, vão me ver e vou perder o elemento surpresa. Abro a porta do carro e corro até o portão lateral, que é menos usado, seguindo até a copa. Minha respiração está entrecortada e ofegante enquanto a adrenalina percorre meu sangue, dobrando meu batimento cardíaco.

Calma, cara. Calma.

A porta da copa está aberta.

Merda. Talvez tenham entrado por aqui. Inspiro fundo para me acalmar, meu coração a mil, e empurro devagar a porta, entrando. A adrenalina deixa meus sentidos mais aguçados. Minha respiração é ensurdecedora.

Silêncio. Faça silêncio, porra.

Ouçó gritos. Lá em cima.

Não. Não. Não.

Se encostarem em um fio de cabelo dela, vou matá-los. Vou para o armário de armas no alto da parede e o destranco. Guardei as espingardas ali ontem, antes de ir caminhar com Alessia na praia. Tentando manter a calma, eu me concentro em tirar uma das Purdeys da forma mais silenciosa possível. Com movimentos fluidos e deliberados, eu a pego, abro o cano e coloco duas balas dentro. Enfio mais quatro no bolso do casaco. Nunca fui tão grato quanto agora pelo fato de o meu pai ter me ensinado a atirar.

Fique calmo. Você só vai ter chance de salvá-la se ficar calmo.

Repito esse mantra na minha mente. Soltando a trava de segurança, apoio a espingarda no ombro e entro no cômodo principal. Não há ninguém ali embaixo, mas ouço um estrondo enorme lá em cima, seguido por gritos em uma língua estrangeira.

Alessia berra.

Alessia grita quando a porta cede e ela é arremessada no chão do banheiro. Dante quase cai lá dentro. Ela se encolhe toda, aos prantos, e o medo a paralisa. Sua bexiga cede, e a umidade reveladora escorre por suas pernas e em sua calça nova.

Seu destino está traçado.

Sua respiração se resume a arfadas curtas e fracas, e sua garganta se fecha. Está zozna. Zozna de medo.

— Aí está você, sua filha da mãe.

Ele agarra o cabelo dela, puxando a cabeça para cima.

Alessia grita, e ele dá um tapa forte no seu rosto.

— Sabe quanto dinheiro me custou, sua vagabunda fodida? Vai pagar cada centavo que me deve com o seu corpo.

Seu rosto está a centímetros do dela. Seus olhos sombrios e ferozes, cheios de fúria. Alessia tem ânsia de vômito. O hálito dele é podre, como se tivesse algo morto na língua, e o cheiro do seu suor a cobre como uma nuvem imunda.

Ele lhe dá outro tapa forte e a coloca de pé, puxando-a pelo cabelo. A dor é indescritível — parece que seu couro cabeludo está sendo arrancado.

— Dante! Não! Não! — resmunga ela.

— Cacete, sua vadia de merda, pare de choramingar e ande!

Ele a sacode com força e a joga para o quarto, onde Ylli aguarda. Ela cai no chão, esparramada como uma estrela do mar. Então logo se encolhe.

Isso não pode estar acontecendo.

Alessia fecha os olhos com força, aguardando os golpes inevitáveis.

Me mate logo. Me mate logo. Ela quer morrer.

— E você se mijou. Sua *pička* imunda. Vou acabar com você.

Dante dá a volta nela e chuta sua barriga com força.

Ela grita quando a dor dilacera seu corpo, deixando-a sem ar.

— Fique longe dela, seu babaca de merda! — A voz de Maxim ecoa no quarto.

Como?

Alessia abre os olhos turvos. *Ele está aqui.*

Maxim está de pé na entrada do quarto, seu casaco escuro lhe deixando com a aparência de um arcanjo vingador, seus olhos verdes com um brilho letal, e empunha a espingarda de cano duplo.

Ele está aqui. Com a arma.

O babaca se vira para me olhar. Fica pálido de choque e pula para trás, boquiaberto, gotículas de suor em sua cabeça calva e pálida. Seu amigo de rosto fino também dá um passo atrás e ergue as mãos, os lábios trêmulos. Parece a porra de um roedor, afogado dentro da parca grande demais. A vontade de puxar o gatilho é avassaladora. Preciso lutar contra todos os meus instintos para não fazer isso. O careca está me observando, os olhos focados, me avaliando. Vou atirar? Tenho colhão?

— Não me teste! — urro. — Mãos para o alto ou acabo com você. Saia de perto da garota. Agora!

Ele dá mais um passo cauteloso para trás, os olhos indo de mim para Alessia enquanto contempla as opções.

Ele não tem nenhuma.

Babaca.

— Alessia. Fique de pé. Agora. Ande! — ordeno, já que ela está perfeitamente ao alcance dele.

Ela se levanta com dificuldade. Seu rosto está vermelho de um lado, onde o escroto deve ter batido nela. Contenho o impulso de estourar os miolos dele.

— Venha para trás de mim — digo entre os dentes. Ela me obedece, e eu a ouço arfar de medo. — Vocês dois. No chão, de joelhos! — grito. — AGORA! E não quero ouvir uma palavra de nenhum dos dois.

Eles se entreolham. Preparo o dedo no gatilho.

— Dois canos. Ambos preparados. Posso matar os dois. Vou estourar as bolas de vocês.

E miro na virilha do Careca. As sobrancelhas dele se erguem na testa pálida, e os dois homens se ajoelham.

— Mãos atrás da cabeça.

Eles obedecem. Mas não tenho nada com que prendê-los.

Droga.

— Alessia, você está bem?

— Sim.

Meu telefone começa a vibrar no bolso. *Merda.* Aposto que é Oliver.

— Pode pegar o celular no bolso de trás da minha calça? — peço a Alessia, enquanto continuo mirando nos dois gângsteres. Ela me obedece com um movimento hábil. — Atenda.

Não consigo ver o que ela está fazendo, mas após um instante, eu a ouço.

— Alô? — diz ela, e há uma pausa antes de falar outra vez, numa voz sussurrada cheia de medo: — Sou a faxineira do Mister Maxim.

Cara. Ela é tão mais do que isso.

O Careca diz umas palavras para o seu colega com cara de rato:

— *Është pastruesja e tij. Nëse me pastruese do të thuash konkubinë.*

— *Ajo nuk vlen asgjë. Grueja asht shakull për me bajt* — responde o Roedor.

— Calem a boca, porra! — grito para os dois. — Quem é? — pergunto a

Alessia.

— Ele diz que se chama Oliver.

— Diga a ele que capturamos dois intrusos no Esconderijo e peça para chamar a polícia. Agora. Diga a ele para ligar para Danny e pedir a ela que envie Jenkins para cá.

Lentamente, ela obedece.

— Diga que eu explico mais tarde.

Ela repete o que eu falei.

— O Sr. Oliver disse que está fazendo isso... Tchau.

Ela desliga.

— Deitem-se, os dois. De bruços. Mãos atrás da cabeça.

O Careca olha para o Roedor. Ele vai tentar algo? Dou um passo à frente e abaixo o cano da espingarda, mirando em sua cabeça.

— Olá! — chama uma voz lá embaixo.

É Danny. Já? Não faz sentido.

— Aqui em cima, Danny! — grito, sem tirar os olhos dos dois miseráveis.

Gesticulo com a arma. *Fiquem deitados, porra.* Eles obedecem, e eu me aproximo dos dois sujeitos de bruços no chão do quarto.

— Não mexam um músculo. — Pressiono a boca da espingarda nas costas do Careca. — Me testem só para ver. A bala vai quebrar sua coluna, entrar na sua barriga, e você vai ter uma morte lenta e horrível... Já é mais do que merece, seu animal de merda.

— Não. Não. Por favor — pede ele com seu sotaque carregado, como se fosse um cachorro ferido.

— Cale a boca e fique parado. Está entendendo? Confirme com a cabeça se estiver.

Os dois homens assentem de forma rápida e furiosa, e eu arrisco olhar para Alessia, que está pálida, de olhos arregalados, abraçando a si mesma na porta do quarto. Atrás dela, Danny aparece, seguida por Jenkins.

— Ai, meu Deus. — Danny leva a mão à boca. — Que está acontecendo aqui?

— Oliver falou com vocês?

— Não, milorde. Nós seguimos o senhor depois que pulou da mesa do café da manhã. Sabíamos que havia algo errado...

Jenkins paira logo atrás.

— Esses dois sequestradores entraram na casa. Estavam atrás de Alessia.

Empurro o cano nas costas do Careca.

— Tem alguma coisa para amarrar os dois? — pergunto a Jenkins, mantendo os olhos fixos nos dois homens no chão.

— Tenho barbante no porta-malas da Land Rover.

Ele dá meia-volta e desce correndo a escada.

— Danny, leve Alessia para a Mansão, por favor.

— Não — protesta Alessia.

— Ande logo. Não pode estar aqui quando a polícia chegar. Vou encontrar você assim que puder. Vai estar a salvo com Danny.

— Venha, menina — diz Danny.

— Preciso de outra roupa — murmura Alessia.

Franzo a testa. *Por quê?*

Alessia corre para dentro do closet e sai alguns instantes depois com uma das sacolas das compras que fizemos no outro dia. Lançando um olhar enigmático para mim, ela segue Danny escada abaixo.

Alessia olha pelo para-brisa sem de fato enxergar nada, com as mãos ao redor do corpo enquanto aquela senhora chamada Danny dirige o carro grande e barulhento por uma estrada rural.

Aonde estamos indo?

Sua cabeça dói, seu couro cabeludo e seu rosto latejam. A lateral do corpo também dói quando ela respira. Tenta manter a respiração mais suave.

Danny a envolveu com o cobertor que pegou no sofá da casa de veraneio.

“Não queremos que fique resfriada, querida”, dissera ela.

Tem uma voz gentil e delicada, com um sotaque que Alessia não reconhece. Deve ser muito amiga do Mister Maxim para cuidar tão bem dela.

Maxim.

Ela nunca se esqueceria da aparência dele ao salvá-la, com o casaco comprido, empunhando a espingarda como um herói de filme americano.

E achara que ele ficaria à mercê dos outros.

Seu estômago se revira.

Vai vomitar.

— Por favor, pare o carro.

Danny obedece, e Alessia quase cai do veículo. Ela se inclina, vomitando no acostamento, colocando o café da manhã para fora.

Danny sai para ajudá-la e segura seu cabelo enquanto Alessia arqueja e esvazia o estômago. Por fim, se endireita, trêmula.

— Ah, menina. — Danny lhe oferece um lenço. — Vamos levar você para a Mansão.

Enquanto continuam o percurso, Alessia ouve sirenes à distância e imagina que a polícia está chegando ao Esconderijo. Ela treme, dando um nó no lenço entre os dedos.

— Está tudo bem, menina — diz a senhora. — Você está a salvo agora.

Alessia balança a cabeça, tentando assimilar tudo o que acabou de acontecer.

Ele a salvou. Mais uma vez.

Será que algum dia ela vai ser capaz de agradecer à altura?

Jenkins amarra com facilidade as mãos dos dois bandidos atrás das costas. Também amarra os tornozelos, por garantia.

— Milorde — diz, apontando para onde a parca do Roedor havia levantado, revelando a ponta de uma arma na cintura.

— Invasão de propriedade com porte de arma. Isso está ficando cada vez melhor.

Fico aliviado que ele não tenha tentado usar a arma contra mim — ou contra Alessia. Entrego a espingarda para Jenkins e, após uma breve hesitação, dou um chute rápido e forte nas costelas do Careca.

— Isso é pela Alessia, seu canalha de merda.

Ele geme de dor enquanto Jenkins observa, e eu chuto de novo, mais forte dessa vez.

— E por todas as outras mulheres que vendeu.

Jenkins arfa.

— Traficantes?

— Sim. Ele também! Atrás de Alessia.

Indico o Roedor com a cabeça, que me fuzila com os olhos cheios de ódio. Jenkins lhe dá um chute rápido.

Eu me ajoelho ao lado do Careca e seguro sua orelha, puxando a cabeça dele para trás.

— Você é uma vergonha para a humanidade. Vai apodrecer na cadeia, e vou garantir que joguem a chave fora.

Ele mexe os lábios e tenta cuspir no meu rosto, mas erra e o cuspe escorre pelo seu queixo. Bato sua cabeça no chão com um baque forte. Espero que fique com uma dor de cabeça lancinante. Eu me levanto, contendo o impulso renovado de acabar com ele.

— Podemos matar os dois e esconder os corpos, milorde — oferece Jenkins, encostando o cano da arma na cabeça do Roedor. — Ninguém nunca os encontraria aqui na propriedade.

Por um instante, não sei se Jenkins está brincando ou não, mas o Roedor acredita e fecha os olhos com uma expressão de absoluto terror.

Ótimo. Agora você sabe o que Alessia sentiu, seu merda.

— Por mais tentadora que essa ideia seja, faria muita bagunça aqui dentro e acho que a equipe de limpeza não ia gostar.

Todos erguemos a vista ao ouvir as sirenes.

— Tem também o pequeno detalhe da lei — acrescento.

Danny pega uma estradinha mais estreita, vizinha a uma casa antiga e charmosa, e o carro velho balança quando elas passam por umas barras de metal na pista. A terra ali é verde e exuberante, embora seja inverno. Elas percorrem um pasto aberto e amplo. Parece... bem-cuidado, não como o

campo selvagem que ela viu desde que chegou ali. Há ovelhas bem alimentadas em alguns pontos. Enquanto o carro sacoleja pela estrada, uma grande casa cinza surge diante delas. É imponente. A maior que Alessia já viu. Ela reconhece a chaminé. É a casa que viu da estrada enquanto caminhava com Maxim. Ele disse que pertencia a alguém, mas ela não lembra quem. Talvez seja ali que Danny mora.

Por que está cozinhando para o Mister Maxim se mora aqui?

Danny dá a volta até os fundos da casa e estaciona perto da porta de entrada.

— Chegamos — diz ela. — Bem-vinda à Mansão Tresyllian.

Alessia tenta sorrir, mas não consegue, e sai do carro. Ainda instável, ela segue Danny pela porta e entra no que parece ser a cozinha. É um cômodo grande e arejado, a cozinha mais espaçosa que Alessia já viu. Armários de madeira. Piso de azulejo. Está impecavelmente limpa. Antiga e moderna ao mesmo tempo. Há dois fogões. Dois! E uma mesa imensa onde cabem ao menos quatorze pessoas. Dois cachorros grandes de pelo castanho-avermelhado vêm pulando na direção das duas. Alessia recua.

— Quietos, Jensen. Quietos, Healey!

A ordem de Danny faz os dois cães ficarem imóveis. Eles se deitam, encarando as mulheres com grandes olhos expressivos. Alessia os espia com desconfiança. São cachorros bonitos... mas, de onde ela vem, cachorros não ficam dentro de casa.

— São inofensivos, querida. Só estão felizes de conhecer você. Venha comigo — diz ela. — Quer tomar um banho de banheira?

Seu tom de voz é solícito e gentil, mas Alessia cora, envergonhada.

— Sim — sussurra.

Ela sabe! Sabe que Alessia fez xixi na calça.

— Deve ter sentido um medo terrível.

Alessia assente e tenta conter as lágrimas que enchem seus olhos.

— Ah, menina, não chore. Sua Senhoria não ia querer isso. Vamos cuidar de você.

Senhoria?

Ela segue Danny por um corredor com painéis de madeira cujas paredes de ambos os lados estão repletas de pinturas de paisagens, cavalos, edifícios,

cenas religiosas e alguns retratos. Passam por várias portas fechadas e sobem por uma escadaria de madeira estreita até chegarem a outro corredor comprido com painéis de madeira. Danny para por fim e abre a porta de um quarto agradável com cama, móveis brancos e paredes azul-claras. Ela atravessa o quarto para chegar ao banheiro e gira as torneiras. Alessia fica de pé atrás dela, puxando o cobertor em torno do corpo e observado a água cair na banheira e o vapor subir. Danny adiciona espuma de banho aromática à água, que Alessia percebe ser da Jo Malone, a mesma marca que havia no Esconderijo.

— Vou trazer algumas toalhas para você. Se deixar suas roupas na cama, posso lavá-las rapidinho.

Ela dá um sorriso solidário para Alessia e sai, deixando-a sozinha.

Alessia olha fixo para a água que cai na banheira; uma espuma se formando e cobrindo a superfície. A banheira é antiga. Uma banheira com pés no formato de garras. Seu corpo começa a tremer e ela puxa o cobertor, mais para junto do corpo.

Ainda está ali parada quando Danny volta com as toalhas limpas. Colocando-as na cadeira branca de palha, ela fecha as torneiras, então volta a atenção para Alessia, seus olhos azuis sagazes brilhando de compaixão.

— Ainda quer o banho de banheira, querida?

Alessia faz que sim.

— Quer que eu saia?

Alessia faz que não. Não quer ficar sozinha. Danny suspira com empatia.

— Está bem, então. Quer que eu a ajude a tirar a roupa? É isso?

Alessia assente.

— E vamos ter que falar com a sua noiva — diz a policial Nicholls.

Ela tem mais ou menos a mesma idade que eu, é alta e esbelta, de olhos brilhantes e atentos, e anota cada palavra que digo. Tamborilo os dedos na mesa de jantar. Quanto tempo isso vai demorar? Estou ansioso para voltar para Alessia, *minha noiva*...

Tanto Nicholls quanto seu superior, o Sargento Nancarrow, escutaram pacientemente a história terrível sobre a tentativa de sequestro de Alessia. Naturalmente, fui econômico com a verdade, mas me mantive o mais

próximo possível dela.

— Claro — respondo. — Assim que ela se recuperar. Aqueles babacas a machucaram feio. Se eu não tivesse chegado aqui a tempo...

Fecho os olhos depressa e sinto um calafrio nas costas.

Talvez eu nunca mais a visse.

— Vocês dois passaram por uma experiência horrível. — Nancarrow balança a cabeça, enojado. — Vai levá-la para ser examinada por um médico?

— Vou.

Espero que Danny tenha pensado em marcar isso.

— Espero que ela logo se recupere — diz ele.

Estou satisfeito por Nancarrow estar aqui. Eu o conheço desde criança. Já nos desentendemos algumas vezes por causa de festas barulhentas tarde da noite e por algumas situações de bebedeira na praia. Mas ele sempre foi justo. E é claro que foi ele quem foi até a casa nos informar sobre o trágico acidente de Kit.

— Se esses sujeitos tiverem ficha suja, vai estar na nossa base de dados. Pequenos delitos, crimes mais sérios, vai aparecer tudo, Lorde Trevethick — continua Nancarrow. — Tem tudo de que precisa, Nicholls?

— Sim, senhor. Obrigada, milorde.

Parece animadíssima, e suspeito que nunca tenha lidado com uma tentativa de sequestro.

— Ótimo.

Nancarrow dá um sorriso de aprovação.

— Belíssima casa esta aqui, milorde.

— Obrigado.

— E como tem passado? Desde o falecimento do seu irmão?

— Vou levando.

— É uma história triste.

— É mesmo.

— Ele era um homem bom.

Concordo com a cabeça.

— Era.

Meu celular vibra, e eu verifico a tela. É Oliver. Ignoro a chamada.

— Nós vamos indo, senhor. Vou mantê-lo a par do andamento da investigação.

— Aposto que foram esses imbecis que invadiram meu apartamento em Chelsea.

— Vamos verificar isso, senhor.

Eu os acompanho até a porta.

— Ah, e parabéns pelo casamento iminente.

Nancarrow estende a mão.

— Obrigado. Vou passar os votos para a minha noiva.

Só preciso pedi-la em casamento primeiro...

A água está quente e relaxante. Danny saiu para lavar as roupas sujas de Alessia. Prometeu voltar em um *minutinho*. Vai pegar as outras roupas dela no carro e trazer um remédio para dor de cabeça. Sua cabeça está latejando porque Dante a puxou pelo cabelo. Alessia parou de tremer, mas sua ansiedade persiste. Ela fecha os olhos e só consegue ver o rosto de Dante rosnando diante do seu. Abre os olhos depressa e estremece ao se lembrar do cheiro.

Droga. O cheiro dele. Fétido. Suor velho. Imundo. E aquele hálito...

Ela tem ânsia de vômito. Joga água no rosto para afastar a lembrança, mas a água quente arde no local em que ele a estapeou.

As palavras de Ylli ecoam em sua mente.

— *Nëse me pastruese do të thuash konkubinë.*

Se por faxineira você quer dizer concubina.

Concubina.

A palavra é adequada. Ela não quer reconhecer, mas é a verdade. É a concubina de Maxim... e sua faxineira. Seu humor piora. O que esperava? No instante em que desafiou o pai, seu destino foi traçado. Mas ela não tinha

escolha. Se tivesse ficado em Kukës, estaria casada com um homem volátil e violento. Alessia estremece. Implorou ao pai que desfizesse o noivado. Mas ele ignorou suas súplicas e as da mãe. Tinha dado sua palavra de honra ao homem.

Sua *besa*.

E não havia nada que pudessem fazer. Baba não ia voltar atrás em sua promessa. Seria uma desonra enorme para o nome da família se o fizesse. A solução da sua mãe fora, ingenuamente, colocá-la nas mãos daqueles gângsteres. Mas agora que estão sob custódia policial, já não são mais uma ameaça, e ela precisa aceitar a realidade da sua situação. Durante aquele tempo na Cornualha, rindo na praia, bebendo no bar, comendo em restaurantes chiques, tendo relações sexuais e se apaixonando pelo Mister Maxim, perdeu a noção dessa realidade. Ficar com ele encheu sua cabeça de ilusões. Exatamente como sua avó fizera, dando-lhe ideias descabidas sobre independência e liberdade. Alessia deixou sua terra natal para escapar do noivado, mas também na esperança de encontrar trabalho. Era isso que precisava fazer. Trabalhar para ser independente... não uma concubina.

Ela olha para as bolhas que se espalham pela água.

Só não imaginava que fosse se apaixonar...

Danny entra rapidamente no banheiro com um roupão de banho azul-marinho grande.

— Venha. Vamos tirar você daí. Não queremos que vire uma uva-passa.

Uva-passa?

Alessia se levanta. No modo automático. E Danny coloca o roupão em torno do corpo dela, ajudando-a a sair da banheira.

— Está melhor?

Alessia faz que sim.

— Obrigada, senhora.

— Meu nome é Danny. Sei que não fomos apresentadas propriamente. Mas é assim que todos me chamam por aqui. Trouxe um copo d'água, alguns comprimidos e um saco de gelo para a sua cabeça, além de um creme de arnica para o seu rosto. Vai ajudar com a contusão. Também liguei para o médico vir dar uma olhada no machucado na sua costela. Agora, para a cama. Você deve estar exausta.

Ela leva Alessia até o quarto.

— Maxim?

— Sua Senhoria vai chegar assim que encerrar tudo com a polícia. Venha.

— Sua Senhoria?

— Sim, querida.

Alessia franze a testa, e a expressão de Danny espelha a sua.

— Você não sabia? Maxim é o Conde de Trevethick.

Capítulo Vinte e Dois

Conde de Trevethick?

— Esta casa é dele — diz Danny gentilmente, como se estivesse falando com uma criança. — Assim como a terra ao redor da casa. O vilarejo... — Ela faz uma pausa. — Ele não contou?

Alessia nega com a cabeça.

— Entendi. — As sobrancelhas brancas de Danny se juntam, mas depois ela dá de ombros. — Bom, tenho certeza de que ele teve seus motivos. Agora vou deixar você se vestir. Sua sacola de roupas está na cadeira.

Alessia assente e Danny sai, fechando a porta. Perplexa, Alessia fica olhando fixo para a porta fechada, a cabeça explodindo. Seu conhecimento da nobreza britânica é limitado aos dois livros de Georgette Heyer que sua avó contrabandeou para a Albânia. Até onde sabe, não existe aristocracia em seu país. Antigamente, sim, mas desde que os comunistas ocuparam todas as terras após a Segunda Guerra Mundial, os nobres fugiram.

Mas ali... Mister Maxim é um conde.

Não. Mister, não. Ele é o *Lorde Maxim*.

Milorde.

Por que não contou a ela?

E a resposta ecoa alta e dolorosa em sua mente.

Porque ela é sua faxineira.

Nëse me pastruese do të thotë konkubinë.

Se por faxineira você quer dizer concubina.

Ela respira fundo, apertando mais o roupão de banho, em uma tentativa de se proteger do frio do inverno e daquelas novidades aflitivas.

Por que ele escondeu isso dela?

Porque não é boa o bastante para ele, é claro.

Ela só é boa para uma coisa...

Seu estômago se revira com a traição dele. Como pôde ser tão ingênua?

Sentindo-se exposta e ferida por aquela desonestidade, Alessia seca as lágrimas que surgem em seus olhos. Ela estava em negação.

Seu relacionamento com ele era bom demais para ser verdade.

No fundo, suspeitava. E agora sabe a verdade.

Mas ele nunca lhe fez nenhuma promessa. As promessas estavam todas na cabeça dela. Ele nunca disse que a amava... Nunca fingiu amá-la. Mesmo assim, no curto período desde que o conheceu, ela havia se apaixonado. Havia se apaixonado perdidamente.

Sou uma boba. Uma boba iludida e apaixonada.

Ela fecha os olhos, angustiada, as lágrimas quentes de vergonha e arrependimento escorrendo pelo rosto. Furiosa, seca as lágrimas e começa a se enxugar depressa.

Essa é sua chamada para acordar.

Respira fundo. Já chorou demais. A raiva cada vez mais intensa serve de combustível. Não vai chorar por ele. Está brava com ele e consigo mesma por ter sido tão burra.

No fundo do coração, sabe que a fúria está disfarçando a mágoa e se sente grata por isso. É menos doloroso que a traição dele.

Larga o roupão no chão, pega a sacola de roupas na cadeira azul e a esvazia em cima da cama. Felizmente agiu por impulso e trouxe também as roupas velhas. Pega a calcinha cor-de-rosa, o sutiã, a calça jeans, a camisa do Arsenal e os tênis. É tudo o que tem. Não trouxe o casaco, mas pega um dos suéteres que o Mister Maxim — Lorde Maxim — comprou para ela e o cobertor que Danny trouxe do Esconderijo.

Dante e Ylli com certeza vão ser presos depois que a polícia estabelecer a extensão dos crimes deles. Aqueles dois brutamontes irão para trás das grades e não serão mais uma ameaça.

Ela pode ir embora.

Não vai ficar ali.

Não quer ficar com um homem que a enganou. Um homem que vai descartá-la quando se cansar dela. Prefere ir a ser mandada embora.

Precisa sair. Agora.

Engole depressa os dois comprimidos que Danny deixou para ela. Então, dando uma última olhada no quarto elegante, abre uma fresta da porta. Não

há ninguém no topo da escada. Sai do quarto, fechando a porta atrás de si. Ela precisa encontrar o caminho para o Esconderijo, para recuperar seu dinheiro e seus pertences. Não pode sair da casa por onde entrou; Danny pode estar na cozinha. Ela se vira e segue pelo longo corredor.

Paro o Jaguar diante dos antigos estábulos. Abro a porta com força e saio do carro apressado, correndo para dentro da casa. Estou desesperado para ver Alessia.

Danny, Jessie e os cachorros estão na cozinha.

— Agora não, meninos — digo aos cães, que pulam para me receber, querendo atenção.

— Bem-vindo de volta, milorde. A polícia já foi? — pergunta Danny.

— Já. Cadê ela?

— No quarto azul.

— Obrigado.

Sigo depressa para a porta.

— Ah, milorde... — chama Danny, e algo em sua voz me faz parar.

— O que foi? Como ela está?

— Abalada, senhor. Vomitou no caminho para cá.

— Ela está bem agora?

— Tomou banho. E está se vestindo. E...

Danny olha para Jessie, que volta a descascar batatas.

— O que foi? — pergunto.

Danny fica pálida.

— Eu mencionei que o senhor é o Conde de Trevethick.

O quê?

— Merda!

Saio correndo da cozinha, passo pelo corredor oeste e subo depressa a escada dos fundos na direção do quarto azul com Jensen e Healey no meu encalço. Meu coração está disparado.

Idiota. Idiota. Idiota. Eu queria contar. O que ela deve estar pensando?

Do lado de fora da porta do quarto azul, paro e respiro fundo, ignorando os cachorros, que vieram atrás de mim, convencidos de que se trata de uma nova brincadeira.

Alessia levou um susto terrível hoje. Agora está em um lugar que não conhece, com gente que não conhece. Deve estar sendo demais para ela.

E vai ficar furiosa por eu não ter lhe contado...

Dou uma batida de leve na porta.

E espero.

Bato de novo.

— Alessia!

Nenhuma resposta.

Merda. Está furiosa comigo.

Abro a porta com cuidado. Suas roupas estão espalhadas pela cama, o roupão, jogado no chão, mas não há sinal dela. Confiro o banheiro. Vazio, exceto pelo rastro do seu perfume. Lavanda e rosas. Por um instante, fecho os olhos e inspiro. É reconfortante.

Onde ela está, afinal?

Deve ter ido explorar a casa.

Ou foi embora.

Merda.

Saio correndo do quarto e grito seu nome no corredor. Minha voz ecoa pelas paredes cobertas de retratos dos meus ancestrais, mas é recebida por um silêncio retumbante. Meu corpo é dominado pelo pavor. Onde ela está? Será que desmaiou em algum lugar?

Ela fugiu.

Foi coisa demais. Ou talvez ela ache que eu não me importo...

Porra.

Atravesso o corredor, abrindo todas as portas, com Jensen e Healey atrás de mim.



Alessia está perdida, tentando encontrar a saída. Nas pontas dos pés, passa por uma porta depois da outra, um quadro depois do outro, ao longo de mais um corredor forrado de madeira, até por fim chegar a um par de portas duplas. Passa por elas e vai parar no topo de uma escadaria acarpetada ampla e grandiosa, em tons de escarlate e azul, que leva a um corredor escuro e cavernoso. No patamar há uma janela saliente gradeada, ao lado da qual duas armaduras seguram o que parecem ser lanças. Na parede acima da escadaria há uma tapeçaria desbotada imensa — maior do que a mesa da cozinha que viu mais cedo —, na qual um homem se ajoelha diante do soberano. Bom, Alessia *deduz* que deva ser o soberano, a julgar pela coroa. Nas paredes opostas acima da escadaria há dois retratos. Imensos. Ambos de homens. Um é antigo, o outro, mais recente. Ela vê a familiaridade nos rostos deles e tem um lampejo de reconhecimento. Ambos a encaram com os mesmos olhos verdes imperiais. Os olhos verdes *dele*.

Esta é a família de Maxim. A herança dele. Para ela, é quase impossível compreender.

Então seu olhar se fixa nas águias de duas cabeças entalhadas sobre os balaústres no topo, na curva e na parte de baixo da escada.

O símbolo da Albânia.

De repente, ela o escuta gritando seu nome e se assusta.

Não.

Ele voltou.

Ele grita novamente. Parece em pânico. Desesperado. Alessia para no topo da escadaria, olhando fixo para a história que a cerca. Ela está arrasada. De longe, abaixo dela, um relógio marca a hora com um estrondo, fazendo-a pular. Uma, duas, três badaladas...

— Alessia! — chama Maxim de novo, desta vez mais perto, e ela ouve seus passos.

Ele está correndo... correndo em sua direção.

O relógio continua batendo. Alto e claro.

O que ela deve fazer?

Apanha a águia ornamentada na curva da escada quando Maxim e os dois cães atravessam as portas duplas. Ele para quando a vê. Os olhos dele vão do rosto aos pés dela, e ele franze a testa.

Eu a encontrei. Mas meu alívio é arruinado pela expressão distante e indecifrável dela, e pelo fato de estar usando suas roupas antigas e carregando um suéter e um cobertor.

Merda. Isso não é nada bom.

Sua postura lembra a primeira vez que a encontrei no meu corredor, tantas semanas atrás. Ela está agarrada ao balaústre da mesma maneira como se agarrava à vassoura. Todos os meus sentidos estão em alerta absoluto.

Vá com cuidado, cara.

— Finalmente achei você. Aonde está indo? — pergunto.

Ela joga o cabelo por cima do ombro com sua graciosidade descontraída e ergue o queixo na minha direção.

— Vou embora.

Não! Sinto como se ela tivesse me dado um soco no estômago.

— Como assim? Por quê?

— Você sabe por quê — fala com altivez, exibindo uma expressão indignada.

— Alessia. Sinto muito, eu devia ter lhe contado.

— Mas não contou.

Não tenho o que argumentar. Olho para ela enquanto o sofrimento em seus olhos escuros queima um buraco na minha consciência.

— Eu entendo. — Ela levanta um dos ombros. — Sou só a sua faxineira.

— Não. Não. Não! — Dou passos largos na sua direção. — Não foi por isso.

— Senhor. Está tudo bem? — A voz de Danny ecoa pela escadaria e pelas paredes de pedra abaixo de nós.

Eu me inclino sobre a balaustrada e ela aparece com Jessie e Brody, um dos administradores da propriedade, no corredor abaixo. Os três estão nos olhando boquiabertos, feito carpas curiosas em um laguinho de peixes.

— Podem ir. Agora. Todos vocês. Podem ir!

Faço um gesto dispensando-os. Danny e Jessie trocam olhares ansiosos, mas os três se dispersam.

Porra, ainda bem.

Volto a atenção para Alessia.

— Foi por isso que não trouxe você aqui. Tem gente demais nesta casa.

Ela desvia o olhar, a testa franzida, os lábios apertados.

— Hoje tomei café da manhã com nove funcionários, e foi só a primeira reunião. Não queria intimidar você com tudo... isto. — Aponto para os retratos do meu pai e do primeiro conde enquanto ela percorre os entalhes intrincados da águia com o dedo. Continua quieta. — E eu queria você só para mim — sussurro.

Uma lágrima desliza pelo rosto dela.

Porra.

— Sabe o que ele disse? — sussurra ela.

— Quem?

— Ylli.

Um dos malditos intrusos do Esconderijo.

— Não.

Aonde ela quer chegar com isso?

— Ele disse que sou sua concubina. — A voz dela sai baixa, cheia de vergonha.

Não!

— Isso... é um absurdo. Estamos no século XXI... — Preciso de todo o autocontrole para não puxá-la para os meus braços, mas me aproximo, chegando tão perto que sinto o calor do corpo dela. De alguma maneira, não a toco. — Eu diria que você é minha namorada. É assim que a gente fala aqui. Mas não quero supor isso. Ainda não discutimos nosso relacionamento, afinal tudo aconteceu muito depressa. Mas é assim que eu quero chamar você. De namorada. Minha namorada. O que quer dizer que estamos juntos, em um relacionamento. Mas isso só se você aceitar.

Os cílios dela tremulam, mas ela não fala nada.

Merda.

— Você é uma mulher inteligente e talentosa, Alessia. E é livre. Livre para fazer as próprias escolhas.

— Não sou, não.

— *Aqui* você é. Sei que é de uma cultura diferente e que não temos a mesma condição, mas isso é só um acaso do destino... Somos iguais de todas as outras formas. Eu estraguei tudo. Devia ter contado, me desculpe mesmo. Mas não quero que vá embora. Quero que fique. Por favor.

Sinto-me exposto sob seu olhar insondável enquanto ela observa meu rosto, até que volta a atenção para a águia entalhada.

Por que ela está me evitando? O que está pensando?

Será que é o trauma pelo qual acabou de passar?

Ou é porque aqueles filhos da mãe estão fora do caminho, então ela não precisa mais de mim?

Merda. Talvez seja isso.

— Olhe, não posso segurar você aqui se quiser partir. Magda está se mudando para o Canadá. Então não sei para onde você iria. Fique pelo menos até descobrir para onde ir. Mas, por favor, não vá. Fique. Comigo.

Ela não pode ir... Não pode.

Me perdoe! Por favor.

Prendo a respiração. Esperando.

É uma agonia. Sou o réu aguardando o veredito do júri.

Ela vira para mim com o rosto marcado de lágrimas.

— Você não tem vergonha de mim?

Vergonha? *Não!*

Não consigo mais me segurar. Deslizo a parte de trás do indicador pela bochecha dela, secando uma lágrima.

— Não. Não, claro que não. Eu... eu... eu me apaixonei por você.

Ela entreabre os lábios e eu a ouço arfar.

Merda. Será que é tarde demais?

Seus olhos brilham com mais lágrimas, e sinto um aperto no coração causado por uma sensação nova e intimidante. Talvez ela me rejeite. Minha ansiedade aumenta demais. Nunca me senti tão vulnerável assim.

Qual é o veredito, Alessia?

Abro os braços e ela olha das minhas mãos para o meu rosto. Exibe uma expressão incerta. Isso está me matando. Ela morde o lábio inferior, dá um passinho hesitante e então está em meu abraço. Aperto Alessia contra o peito. Nunca mais quero soltá-la. Fechando os olhos, enfio o nariz no cabelo dela e sinto seu perfume doce.

— Meu amor — sussurro.

Ela estremece e começa a chorar.

— Eu sei. Eu sei. Eu estou aqui. Você levou um susto horrível. Desculpe por ter deixado você sozinha. Foi uma idiotice. Me perdoe. Mas aqueles cretinos estão com a polícia. Presos. Não vão mais machucar você. Eu estou aqui.

Seus braços me envolvem e agarram as costas do meu casaco. Ela me abraça enquanto chora.

— Eu devia ter contado a você, Alessia. Sinto muito.

Ficamos ali parados durante alguns segundos, minutos, não sei. Jensen e Healey desistem de nós e descem a escada.

— Você sempre pode chorar em mim — provoco. Ela funga, e eu levanto seu queixo, encarando aqueles olhos avermelhados lindos. — Eu achei... Ai, meu Deus, eu achei que se eles colocassem as mãos em você... eu nunca mais a veria.

Engolindo em seco, ela dá um meio sorriso.

— E você precisa saber — continuo — que eu ficaria honrado em chamar você de minha. Eu preciso de você.

Então, soltando o abraço, acaricio gentilmente seu rosto, evitando a leve marca vermelha na bochecha direita. A simples visão do machucado já me enche de raiva, mas, tomando muito cuidado para não chegar perto do ferimento, seco suas lágrimas com os polegares. Ela coloca a mão no meu peito. Sinto o calor passar pela camisa. Ele se espalha. Por tudo.

Alessia pigarreia.

— Eu fiquei tão assustada... Achei que nunca mais ia ver você. Mas a maior... hum, tristeza... hum, arrependimento — sussurra ela — era que... era que eu nunca disse que amo você.

Capítulo Vinte e Três

A alegria explode como um milhão de fogos de artifício dentro de mim, da cabeça aos pés. A intensidade me deixa sem fôlego. Não consigo acreditar.

— Você me ama?

— Sim — sussurra Alessia, com um sorriso tímido.

— Desde quando?

Ela faz uma pausa e dá de ombros, sem jeito.

— Desde que você me deu o guarda-chuva.

Sorrio para ela.

— Eu me senti tão bem com aquilo... Suas pegadas molhadas estavam por todo o corredor. Então... está dizendo que vai ficar?

— Sim.

— Aqui?

— Sim.

— Fico muito feliz de ouvir isso, meu amor.

Acaricio o lábio inferior dela com o polegar e me inclino para beijá-la. Coloco meus lábios nos dela com suavidade, mas ela se incendeia ao meu redor e me surpreendo com seu fervor. Seus lábios e língua estão ávidos, urgentes, as mãos no meu cabelo, puxando e torcendo. Ela quer mais. Muito mais. Gemo enquanto meu corpo ganha vida e intensifico o beijo, aceitando tudo o que ela tem para oferecer. Sua boca exigente está desesperada. Ela está carente. E eu quero ser quem supre essa carência. Passo as mãos pelo seu cabelo, segurando-a, firmando-a, diminuindo seu ritmo. Quero tê-la para mim, ali, agora, no patamar da escada.

Alessia.

Minha ereção é imediata.

Eu a quero.

Eu preciso dela.

Eu a amo.

Mas... ela passou pelo inferno. Estremece quando passo a mão pela lateral do seu corpo. E sua reação me faz voltar a mim.

— Não... — sussurro, e ela se afasta, me lançando um olhar cheio de desejo, mas perplexo e decepcionado. — Você está machucada — explico.

— Estou bem.

Ela está sem fôlego e estica o pescoço para me beijar outra vez.

— Vamos esperar um pouco — sussurro, e apoio a testa na dela. — Você teve uma manhã horrível.

Ela está extremamente emocionada, e o fervor pode ser uma reação direta pelos maus-tratos daqueles idiotas.

Esse pensamento me desanima.

Ou talvez seja porque ela me ama.

Gosto mais dessa ideia.

Mantemos uma testa apoiada na outra enquanto recuperamos o fôlego.

Ela acaricia meu rosto, então inclina a cabeça para um lado e seus lábios sugerem um sorriso.

— Você é o Conde de Trevethick? — provoca ela. — Quando ia me contar isso?

Há um brilho travesso em seus olhos, e eu rio, sabendo que ela está repetindo a minha pergunta da outra noite.

— Estou contando agora.

Ela sorri e bate no próprio lábio com o dedo. Eu me viro e indico com um floreio o retrato de 1667.

— Permita-me apresentar Edward, o primeiro Conde de Trevethick. E aquele cavalheiro — aponto para a outra pintura com o polegar — é meu pai, o décimo primeiro conde. Ele era agricultor e também fotógrafo. E um torcedor fervoroso do Chelsea, então não sei o que teria achado da sua camisa do Arsenal.

Alessia me lança um olhar intrigado.

— Eles são times rivais de Londres.

— Ah, não! — Ela ri. — Cadê seu retrato?

— Não tenho ainda. Não sou conde há tanto tempo. Meu irmão mais

velho, Kit... Ele era o conde de verdade. Mas nunca mandou pintar seu retrato.

— O seu irmão que morreu?

— Sim. O título e tudo o que vem junto eram responsabilidade dele até algumas semanas atrás. Não era para eu ter assumido esse papel ou tudo... isto. — Inclino a cabeça na direção das armaduras. — Administrar este lugar, este museu, é tudo novo para mim.

— Foi por isso que não me contou? — pergunta Alessia.

— Foi um dos motivos. Acho que parte de mim está em negação. Essa e as outras propriedades são muita responsabilidade, e não fui treinado para isso.

E Kit foi...

A conversa está ficando muito profunda e íntima. Continuo contando, com um leve sorriso:

— Eu tenho muita sorte. Nunca precisei trabalhar, e agora tudo isso é meu. E preciso preservar para a próxima geração. É meu dever. — Dou de ombros. — Esse é quem eu sou. Agora você sabe. E estou feliz por ter decidido ficar.

— Milorde? — chama Danny do andar de baixo.

Maxim relaxa um pouco os ombros. Alessia percebe que ele não quer ser incomodado.

— Sim, Danny? — responde ele.

— O médico está aqui para ver Alessia.

Maxim lança um olhar ansioso para ela.

— Médico?

— Eu estou bem — diz Alessia, hesitante.

Ele franze a testa.

— Mande-a para o quarto azul.

— Não é a Dra. Carter, é o Dr. Conway, senhor. Vou mandá-lo para lá imediatamente, milorde.

— Obrigado — diz Maxim a Danny, e em seguida pega a mão de Alessia.
— O que aquele infeliz fez com você?

Alessia não consegue encará-lo nos olhos. Ela sente vergonha, vergonha de ter trazido esse horror para a vida de Maxim.

— Ele me chutou — sussurra ela. — Danny quis que o médico visse isto.

Ela levanta a lateral da camisa do Arsenal para revelar uma marca de um tom forte de vermelho, do tamanho do punho de uma mulher.

— Merda. — A expressão de Maxim se fecha, a boca comprimida em uma linha fina. — Eu devia ter matado aquele sujeito — sibila ele.

Pega a mão dela e os dois voltam para o quarto azul, onde um homem idoso com uma bolsa grande de couro está à espera. Alessia fica surpresa ao ver que as roupas que ela deixou na cama e no chão foram arrumadas.

— Dr. Conway. Quanto tempo. — Maxim aperta sua mão. O médico tem cabelo branco e despenteado, barba e bigode combinando. Seus olhos azuis penetrantes são da mesma cor da gravata-borboleta torta. — Tiramos o senhor da aposentadoria?

— Sim, milorde. Mas só por hoje. A Dra. Carter está de férias. É bom vê-lo tão bem.

Ele coloca a mão no ombro de Maxim e os dois se entreolham.

— O senhor também, doutor — responde Maxim, a voz rouca, e Alessia desconfia que o médico esteja verificando o bem-estar dele depois da morte do irmão.

— Como está sua mãe?

— A mesma coisa de sempre.

Os lábios de Maxim formam um sorriso.

Dr. Conway solta uma risada profunda e grave. Ele volta a atenção para Alessia, que aperta a mão de Maxim com mais força.

— Bom dia, minha cara. Ernest Conway, ao seu serviço.

Ele faz uma pequena reverência.

— Dr. Conway, esta é minha namorada, Alessia Demachi. — Maxim a observa com os olhos brilhantes cheios de orgulho. Quando ele se volta para o médico, sua expressão endurece. — Ela foi agredida e chutada na lateral do corpo por alguém que agora está sob custódia da polícia. A Srta. Campbell

achou melhor que um médico a examinasse.

Srta. Campbell?

— Danny — responde ele à pergunta não formulada por ela. E aperta rapidamente sua mão. — Vou deixar vocês, então — acrescenta.

— Não. Por favor, não vá — pede Alessia.

Não quer ficar sozinha com aquele homem estranho.

Maxim assente, compreensivo.

— Claro, se prefere que eu fique.

Ele se senta em uma poltroninha azul, esticando as pernas compridas. Mais calma, Alessia volta a atenção ao médico. A expressão dele é séria.

— Agredida?

Alessia assente e seu rosto cora de vergonha.

— Gostaria que eu desse uma olhada? — pergunta o Dr. Conway.

— Tudo bem.

— Por favor, sente-se.

O médico é gentil e paciente. Faz várias perguntas antes de pedir a ela que levante a blusa e continua conversando enquanto a examina. A gentileza dele a ajuda a relaxar, e ela descobre que foi ele quem trouxe Maxim e os irmãos ao mundo. Alessia olha para Maxim, que lhe dá um sorriso reconfortante.

Sente um calor no coração.

Mister Maxim a ama.

Ela retribui o sorriso dele.

E ele ri.

O médico cutuca Alessia nas regiões do estômago e das costelas, e o feitiço entre ela e Maxim se rompe. Ela estremece com o toque do Dr. Conway.

— Sem danos permanentes. Tem sorte de não ter quebrado nenhuma costela. Apenas descanse. E tome ibuprofeno se sentir dor. A Srta. Campbell deve ter. — O Dr. Conway dá um tapinha de leve no braço dela. — Você vai sobreviver.

— Obrigada — diz Alessia.

— Vou só tirar uma foto do hematoma. A polícia pode precisar disso para

os registros.

— Como assim?

Alessia arregala os olhos.

— Boa ideia — diz Maxim.

— Lorde Trevethick, o senhor se incomoda? — Ele entrega o celular a Maxim. — Só da contusão.

— Amor, só vou fotografar o hematoma. Nada mais.

Ela assente e levanta a camisa mais uma vez. Maxim tira algumas fotos rápidas.

— Pronto — diz, devolvendo o telefone ao médico.

— Obrigado — responde o Dr. Conway.

Com um olhar de alívio, Maxim diz:

— Acompanho o senhor até a porta, doutor.

Alessia se levanta depressa e segura a mão de Maxim. Ele sorri e entrelaça os dedos nos dela.

— Nós dois o acompanhamos.

Maxim aponta para a porta e ambos seguem com o Dr. Conway até o corredor.

* * *

ELES OBSERVAM O médico partir no carro velho. Maxim está com o braço em volta dos ombros de Alessia, que se aninha nele. Parece algo... natural. Os dois estão de pé no amplo corredor na parte da frente da casa.

— Você também pode me abraçar, sabia? — diz Maxim, com um tom caloroso e encorajador. Ela serpenteia timidamente o braço ao redor da cintura dele. Ele sorri. — Está vendo como nos encaixamos bem? — E beija o topo da cabeça dela. — Mais tarde faço um tour pela casa com você. Agora quero mostrar uma coisa.

Os dois dão meia-volta, mas Alessia para ao notar a escultura grande acima da lareira de pedra que domina o salão. É o escudo que Maxim tem tatuado no bíceps, só que esse é mais ornamental. Há dois cervos de cada lado, um elmo de cavaleiro acima e, no alto, em um redemoinho amarelo e preto, uma pequena coroa na cabeça de um leão. Abaixo do escudo há uma legenda: FIDES VIGILANTIA.

— É o brasão da minha família — explica Maxim.

— E é o que está no seu braço. O que essas palavras querem dizer? — pergunta ela.

— É latim. “Lealdade na vigilância.”

Ela fica intrigada e Maxim dá de ombros.

— Algo a ver com o primeiro conde e o rei Charles II. Venha.

Ele parece não querer falar mais nada. Está animado, ansioso por mostrar algo a ela, e sua empolgação é contagiante. De algum lugar no fundo da casa, o relógio que Alessia ouviu mais cedo anuncia a hora, o som ecoando pelo saguão. Ele sorri, adquirindo uma aparência infantil e adorável. Alessia mal consegue acreditar que ele se apaixonou por ela. É talentoso, bonito, gentil, rico e a salvou de Dante e Ylli mais uma vez.

De mãos dadas, eles seguem por um corredor comprido cheio de pinturas e, de vez em quando, aparadores ostentando estátuas, bustos e cerâmicas. Sobem a grande escadaria onde conversaram mais cedo e seguem para o outro lado do patamar de portas duplas.

— Acho que você pode gostar disso — diz Maxim, abrindo a porta com um floreio.

Alessia entra em uma grande câmara com paredes revestidas de madeira e teto de estuque todo trabalhado. De um lado, uma estante cobre a parede por inteiro; do outro, banhado pela luz de uma janela gradeada enorme, há um piano de cauda em tamanho real, o mais ornamentado que Alessia já viu.

Ela ofega e vira a cabeça para Maxim.

— Por favor. Toque — diz ele.

Alessia bate palmas e dispara pelo chão de madeira, o som dos passos rápidos ecoando pelas paredes.

Ela para a centímetros do piano para apreciar sua grandiosidade. O instrumento é feito de madeira polida com um grão fino que brilha sob a luz. As pernas são sólidas e esculpidas em detalhes de folhas e uvas, as laterais incrustadas com uma marchetaria complexa de folhas douradas de hera. Ela passa o dedo pelo teclado. É incrível.

— É antigo — diz Maxim por cima do ombro de Alessia.

Maravilhada, ela não o ouviu se aproximar. Não entende por que ele

parece estar se desculpando.

— É magnífico. Nunca vi um piano assim — sussurra ela, admirada.

— É americano. Dos anos 1870. Meu tataravô se casou com a herdeira de uma ferrovia de Nova York. O piano veio para cá com ela.

— É lindo. Como é o som dele?

— Vamos descobrir. Aqui. — Maxim levanta rapidamente a tampa e usa o suporte mais comprido para mantê-la aberta. — Acho que não vai precisar, mas imaginei que você gostaria de ver isso. — Erguendo o suporte da partitura, ele a coloca no lugar. Foi esculpida em uma bela filigrana. — Legal, não é?

Alessia assente, admirada.

— Sente-se. Toque.

Ela dá um sorriso encantado para ele e puxa o banquinho ornamentado para a frente. Maxim sai do seu campo de visão, e ela fecha os olhos para se recompor. Coloca as mãos nas teclas, saboreando a sensação do marfim frio sob as pontas dos dedos. Ela pressiona e o acorde ré bemol maior domina o ambiente, ressoando nos painéis de madeira. O tom é rico, como o verde-escuro de uma sempre-viva, mas a ação é leve, surpreendentemente leve para um piano tão antigo. Abrindo os olhos, ela encara as teclas, imaginando como aquele instrumento pode ter sobrevivido por tanto tempo e percorrido uma jornada tão épica vindo dos Estados Unidos. Maxim e a família devem valorizar suas posses. Balançando a cabeça com incredulidade, coloca as mãos nas teclas mais uma vez e, ignorando a peça de aquecimento, começa a tocar seu prelúdio favorito de Chopin. As notas dos quatro primeiros compassos dançam até o outro lado da sala, em um verde primaveril intenso, a cor dos olhos de Maxim. Mas, conforme ela toca, as cores ficam mais escuras e ameaçadoras, enchendo a sala de assombro e mistério. Consumida pela música, ela se entrega a cada uma das preciosas notas. Isso afasta a ansiedade e o medo. Todo o horror da manhã some e desaparece no verde-escuro e esmeralda da extraordinária e movimentada obra-prima de Chopin.

Assisto, encantado, a Alessia tocando o prelúdio “Gota d’Água”. Com os olhos fechados, ela está imersa na música, o rosto expressando cada pensamento e sentimento que Chopin evoca na peça. Seu cabelo cai pelas costas, cintilando como a asa de um corvo à luz do sol de inverno que entra pela janela. Ela é cativante. Mesmo vestindo uma camisa de time de futebol.

As notas se expandem e preenchem o ambiente... e o meu coração.

Ela me ama.

Ela disse isso.

Preciso desvendar o motivo que a levou a pensar que seria melhor partir. Mas, por enquanto, vou ouvi-la e vê-la tocar. Ao escutar uma tosse abafada vinda do lado de fora da sala, ergo os olhos. Danny e Jessie estão paradas à porta, ouvindo. Faço um gesto indicando que entrem.

Quero exhibir Alessia.

Olhem o que a minha garota sabe fazer.

Elas entram na ponta dos pés e ficam observando Alessia com o mesmo olhar de espanto que tenho certeza de ter exibido quando a ouvi tocar pela primeira vez. E percebem que ela não está com uma partitura. Sabe tudo de cor.

Sim. Isso é o que ela faz de melhor.

Alessia toca os dois últimos compassos e as notas desaparecem no ar... nos deixando em transe. Quando ela abre os olhos, Danny e Jessie aplaudem assim como eu. Ela sorri com timidez para as duas.

— Bravo, Srta. Demachi! Foi excepcional — exclamo ao me aproximar e me inclinar para beijá-la, os lábios roçando os dela.

Quando olho para cima, Danny e Jessie foram embora, tão discretamente quanto apareceram.

— Obrigada — sussurra Alessia.

— Pelo quê?

— Por me salvar. De novo.

— Foi você quem me salvou.

Ela franze a testa como se não acreditasse em mim, então me sento ao seu lado no banquinho do piano.

— Acredite, Alessia, você me salvou de formas que não consigo nem explicar, e não sei o que teria feito se tivessem levado você.

Eu a beijo mais uma vez.

— Mas eu trouxe muitos problemas para a sua vida.

— Você não fez nada disso. Não é culpa sua. Pelo amor de Deus. Nunca

pense assim.

Ela comprime os lábios por um momento e sei que não concorda com meu ponto de vista, mas estende a mão e acaricia meu queixo.

— E por isso — sussurra ela, olhando para o piano —, obrigada. — Ela se inclina e me beija. — Posso tocar um pouco mais?

— O quanto quiser. Sempre. Vou dar uns telefonemas. Meu apartamento foi furtado no fim de semana.

— Não!

— Desconfio que tenham sido os mesmos dois filhos da mãe que agora estão sob a custódia da polícia de Devon e da Cornualha. Acho que foi assim que nos encontraram. Preciso falar com Oliver.

— O homem com quem falei no telefone?

— Isso. Ele trabalha para mim.

— Espero que não tenham levado muito.

Acaricio o rosto dela com a mão.

— Nada que não possa ser substituído... ao contrário de você.

Olhos escuros brilham para mim e ela apoia o rosto na minha mão. Roço o polegar sobre seu lábio inferior e ignoro o fogo que se acende na minha barriga.

Tenho tempo para isso depois.

— Não vou demorar.

Dou-lhe um beijo rápido e sigo para a porta. Alessia começa a tocar a peça “Le Coucou”, de Louis-Claude Daquin, que aprendi no sexto ano, e as notas intensas e alegres me acompanham para fora da sala.

No *meu* escritório — não de Kit —, ligo para Oliver. Nossa conversa é sobre negócios. Ele está lidando com as consequências do furto. A Sra. Blake e uma de suas assistentes estão no apartamento arrumando tudo, dois membros da equipe de construção de Mayfair foram até lá para consertar a porta, e um serralheiro vai trocar as fechaduras da entrada que dá para a rua. O alarme está intacto e funcionando, mas decidimos mudar o código. Escolho o ano do nascimento de Kit como novo número. Oliver está doido para que eu volte a Londres. Preciso assinar alguns documentos para o Escritório da Coroa e registrar minha sucessão ao título, entrando no rol da nobreza. Com os assaltantes de Alessia presos e sob custódia, não há motivo

para ficarmos na Cornualha. Quando termino de falar com Oliver, ligo para Tom e pergunto como estão Magda e o filho dela. Conto sobre a tentativa de sequestro.

— Mas que audácia da porra — dispara Tom. — Como está sua garota? Bem?

— Ela é mais corajosa que todos nós juntos.

— Bom saber. Acho que devo ficar de olho na Sra. Janeczek e no filho dela por uns dias. Até descobrirmos o que a polícia vai fazer com aqueles vermes.

— Concordo.

— Retorno para você se houver qualquer coisa suspeita.

— Obrigado.

— Você está bem?

— De boa.

Tom ri.

— Bom saber. Câmbio e desligo.

Instantes depois de encerrar a ligação com Tom, meu telefone vibra. É Caroline.

Droga. Eu disse a ela que ligaria na semana que vem.

Merda... já é semana que vem.

Perdi a noção do tempo.

Suspirando, atendo o celular com um “oi”.

— Aí está você — diz ela, irritada. — O que está aprontando?

— Oi, Caroline, bom falar com você também. Sim, tive um final de semana ótimo, obrigado.

— Não comece com esse papinho, Maxim. Por que não me ligou? — A voz dela embarga e sei que está magoada.

— Desculpe. As coisas saíram um pouco do controle por aqui. Por favor, me deixe explicar quando nos encontrarmos. Amanhã ou depois já vou estar de volta a Londres.

— Que coisas? O furto?

— Sim e não.

— Por que toda essa enrolação, Maxim? — sussurra ela. — O que está acontecendo? — A voz dela fica ainda mais baixa. — Senti sua falta.

O sofrimento dela ecoa em cada sílaba da resposta. E eu me sinto um merda.

— Conto quando nos encontrarmos. Por favor.

Ela funga e sei que está chorando.

Porra.

— Caro. Por favor.

— Promete?

— Prometo. Assim que eu voltar. Vou ver você.

— Tudo bem.

— Até logo.

Desligo e ignoro o nó no estômago. Não tenho ideia de como ela vai reagir ao que anda acontecendo aqui.

Tenho, sim. As coisas vão ficar feias.

Suspiro mais uma vez. Minha vida se complicou muito mais do que imaginado por Alessia Demachi, mas, mesmo quando penso nisso, não consigo evitar um sorriso.

Meu amor.

Podíamos voltar para Londres amanhã. Posso ver com os próprios olhos os danos no apartamento.

Alguém bate na porta.

— Entre.

É Danny.

— Jessie preparou almoço para o senhor e Alessia. Onde gostaria que o servíssemos?

— Na biblioteca. Obrigado, Danny.

Acho que a sala de jantar pode ser um pouco opressiva só para nós dois, e a sala de café da manhã é um pouco entediante. Como ela gosta de livros...

— Se for do agrado de Vossa Senhoria, arrumaremos tudo em cinco

minutos.

— Ótimo.

Eu me dou conta de como estou com fome. Uma rápida olhada no relógio de parede georgiano acima da porta me diz que são duas e quinze. O tique-taque constante me lembra das vezes que esperei neste escritório pelos sermões que meu pai dava sempre que eu fazia algo de errado... o que acontecia com frequência. Mas agora o relógio diz que... já passou muito da hora do almoço.

— Ah, Danny! — chamo-a de volta.

— Milorde?

— Depois do almoço, pode ir ao Esconderijo e trazer todos os nossos pertences? Coloque tudo no meu quarto, incluindo a luz noturna que está ao lado da cama.

— Pode deixar, senhor. — Ela assente e se afasta.

Quando me aproximo da parte inferior da escada, ouço a música. Alessia está imersa em outra peça complexa que não conheço. Até ali embaixo o som é incrível. Subo depressa a escada e paro logo depois da porta, observando-a de longe. Acho que é uma composição de Beethoven. Nunca a havia escutado tocando nenhum dos trabalhos dele. Uma sonata, talvez? A música é empolgante e arrebatadora em um momento e silenciosa e suave no seguinte. Que peça mais lírica. E ela a toca com primor. A garota devia estar lotando salas de concerto.

A música entra em espiral até o fim, e Alessia continua sentada por mais um segundo, com a cabeça baixa e os olhos fechados. Quando olha para cima, fica surpresa ao me ver.

— Mais uma apresentação excelente. O que era? — pergunto, indo até ela.

— É Beethoven. “Tempestade”.

— Eu podia ficar vendo e ouvindo você tocar o dia todo. Mas o almoço está servido. Bem tarde. Você deve estar com fome.

— Sim. Estou. — Ela pula do banquinho e aceita minha mão estendida.

— Adorei esse piano. Tem um... hum... tom rico.

— Tom. É a palavra certa.

— Você tem vários instrumentos aqui. No começo eu só tinha os olhos

para o piano.

Sorrio.

— Só tinha olhos. Sem “os”. Você não se importa mesmo de eu corrigir você?

— Não. Eu gosto de aprender.

— Violoncelo é o instrumento de Maryanne, minha irmã. Meu pai tocava contrabaixo. As guitarras são minhas. A bateria ali era do Kit.

— Do seu irmão? — pergunta ela.

— Sim.

— É um nome incomum.

— Kit é apelido de Christopher. Ele era um monstro na bateria. — Paro no címbalo e passo os dedos pelo bronze polido. — Kit. Kit de bateria. Entendeu? — Sorrio para ela. Alessia me responde com um olhar confuso. — A gente fazia essa piada. — Balanço a cabeça, me lembrando das peripécias de Kit na bateria. — Vamos. Estou com fome.

Os olhos de Maxim brilham em um tom intenso de verde quando a encara, mas ela percebe pela tensão na testa dele que seu sofrimento continua presente e ele sente falta do irmão.

— Então, aquela é a sala de música — diz ele, saindo e descendo a grande escadaria, parando lá embaixo. — A sala principal fica do outro lado dessas portas duplas, mas hoje vamos almoçar na biblioteca.

— Você tem uma biblioteca? — pergunta Alessia, animada.

Ele sorri.

— Sim, temos alguns livros. Alguns são bem velhos. — Os dois seguem de volta para a cozinha, mas Maxim para diante de uma das portas do corredor. — Preciso avisar que meu avô se interessava muito por tudo relacionado ao Egito.

Ele abre a porta, chegando para o lado para Alessia passar. Ela para logo depois de entrar. É como se tivesse adentrado outro mundo: um tesouro escondido de literatura e antiguidades. Em todas as paredes há prateleiras do chão ao teto lotadas de livros. Em cada canto há ou um pedestal, ou um armário com relíquias do Egito: vasos canópicos, estátuas de faraós, esfinges,

um sarcófago em tamanho real!

A lareira de mármore ornamentada está acesa, entre duas janelas altas, mas estreitas, com vista para um pátio. Pendurada acima da lareira há uma pintura antiga das pirâmides.

— Nossa, o pessoal se superou — diz Maxim, mais para si mesmo.

Alessia acompanha o olhar dele. Diante do fogo, uma mesinha coberta por uma toalha fina de linho está cuidadosamente posta para dois: talheres de prata, taças de cristal e pratos de porcelana delicados, decorados com raminhos. Ele puxa uma cadeira para ela.

— Pode sentar.

E indica o lugar para ela com a cabeça.

Alessia está se sentindo a nobre Donika Kastrioti, esposa de Skanderbeg, herói do século XV da Albânia. Lança para Maxim um sorriso gracioso e senta-se à mesa, de frente para o fogo. Ele se acomoda na cabeceira.

— Quando jovem, no início dos anos 1920, meu avô trabalhou com o Lorde Carnarvon e Howard Carter escavando vários sítios arqueológicos no Egito e pilhando todas essas antiguidades. Talvez eu devesse devolvê-las. — Ele faz uma pausa. — Até pouco tempo atrás, esse era o dilema de Kit.

— Vocês têm muita história aqui.

— Temos, sim. Talvez demais, até. É o legado da família.

Alessia não consegue imaginar a responsabilidade de lidar com uma herança dessas.

Alguém bate na porta e, sem esperar por uma resposta, Danny entra, seguida por uma moça carregando uma bandeja.

Maxim pega o guardanapo de linho e o coloca no colo. Observando-o, Alessia faz o mesmo. Danny apanha dois pratos da bandeja e serve a cada um deles o que parece uma salada com carne, abacate e sementes de romã.

— Porco desfiado de uma das fazendas locais com salada de folhas frescas, finalizada com molho de romã — diz Danny.

— Obrigado — responde Maxim, lançando-lhe um olhar curioso.

— Quer que eu sirva o vinho, milorde?

— Pode deixar comigo. Obrigado, Danny.

Ela responde com um aceno discreto de cabeça e com a mesma discrição

leva a moça para fora do aposento.

— Uma taça de vinho? — Maxim pega a garrafa e observa o rótulo. — É um bom Chablis.

— Sim. Por favor. — Alessia o observa encher a taça até a metade. — Nunca fui... aceita e servida assim... só quando estou com você.

— Aceita — diz ele. — Talvez acabe se acostumando enquanto estiver por aqui.

Ele dá uma piscadela.

— Você não tem uma equipe em Londres.

— Não. Embora talvez isso precise mudar. — Ele franze a testa por um momento, então levanta a taça. — A fugas.

Ela ergue a própria taça.

— *Gëzuar*, Maxim. Milorde.

Ele ri.

— Ainda não me acostumei com esse título. Agora, coma. Você teve uma péssima manhã.

— Acho que a tarde vai ser muito melhor.

O olhar de Maxim está fervoroso. Alessia sorri e toma um gole cauteloso do vinho.

— Hummm...

É muito melhor do que o vinho que ela provou com a avó.

— Gostou? — pergunta Maxim.

Ela assente e examina os talheres. Tem uma variedade de facas e garfos entre os quais escolher. Virando-se para Maxim, ela o vê sorrir e pegar a faca e o garfo mais distantes do prato.

— Sempre comece pelo lado de fora e vá entrando a cada prato.

Capítulo Vinte e Quatro

Damos uma saída depois do almoço. Estamos de mãos dadas e sinto a mão de Alessia quente na minha. O dia está claro e frio, e o sol bem baixo no céu quando descemos a avenida ladeada de faia que leva aos portões da frente. Jensen e Healey correm perto de nós, atrás, ao lado e na frente, contentes por aproveitarem o ar fresco. Depois do trauma daquela manhã, acho que nós dois estamos aproveitando essa caminhada tranquila e sossegada de fim de tarde.

— Olhe! — exclama Alessia, e aponta para o rebanho de cervos na linha do horizonte, no pasto norte.

— Temos cervos aqui há séculos.

— Aquele que vimos ontem. Era daqui?

— Não. Acho que era selvagem.

— Os cães não perseguem eles?

— Não. Mas mantemos os cães longe do pasto sul perto da época do nascimento das crias. Não queremos que incomodem as ovelhas.

— Tem cabras aqui?

— Não. Criamos ovelhas e gado.

— Nós criamos cabras.

Ela sorri. Seu nariz está rosado do frio, mas ela está de casaco, gorro e cachecol. Encantadora.

E acho até difícil acreditar que ela tenha sido mesmo vítima de uma tentativa de sequestro hoje de manhã.

Minha garota não se abala facilmente.

Mas há algo que vem me incomodando. Preciso saber.

— Por que você quis ir embora? Por que não quis ficar e tirar satisfação comigo? — Espero que ela não perceba a apreensão na minha voz.

— Tirar satisfação?

— Conversar comigo. Discutir comigo — explico.

Ela para embaixo de uma faia e olha as próprias botas. Não sei se vai me responder.

— Eu estava magoada — solta após uma eternidade.

— Eu sei. Desculpe. Não quis magoar você. Jamais ia querer isso. Mas para onde você ia?

— Não sei. — Ela me encara. — Acho que foi... Como se diz? Instinto. Sabe, Ylli e Dante... Já estou fugindo há muito tempo. Eu estava meio abalada.

— Não consigo nem imaginar como deve ter sido apavorante. — Eu me encolho e fecho os olhos, agradecendo a todos os deuses por ter chegado a tempo. — Mas você não pode fugir sempre que tivermos um problema. Fale comigo. Pergunte. Sobre o que for. Eu estou aqui. Vou escutar. Discuta comigo. Grite comigo. Vou discutir com você. Vou gritar com você. Vou entender errado as coisas. Você vai entender errado também. Tudo isso acontece. Mas, para resolvermos nossas diferenças, precisamos conversar.

Um olhar fugaz de ansiedade aparece no rosto de Alessia.

— Ei. — Levanto o queixo dela e trago seu corpo mais para perto do meu. — Não se preocupe. Se... se você vai morar comigo... sabe... Precisa me dizer como se sente.

— Morar com você? — sussurra ela.

— Isso.

— Aqui?

— Aqui. E em Londres. É. Quero que venha morar comigo.

— Como sua faxineira?

Rio e balanço a cabeça.

— Não. Como minha namorada. Eu estava falando sério na escada. Vamos tentar.

Prendo a respiração. Meu coração está disparado. E, no fundo, não sei se ela tem alguma opção... mas eu amo Alessia. Quero que fique comigo. Casar parece um passo ousado demais para sugerir no momento. E não quero que ela fuja de novo.

É um passo ousado para você também, cara!

— Eu vou, sim — sussurra ela.

— Vai?

— Vou!

Com um grito de alegria, eu a agarro, levantando-a e girando-a no ar. Os cães começam a latir e a pular em cima de nós abanando os rabos, ansiosos para participar da farra. Ela está rindo, mas de repente se retrai.

Merda.

Eu a devolvo ao chão imediatamente.

— Machuquei você?

— Não — responde, e seguro seu rosto entre as mãos; ela está aos prantos, os olhos brilhando de amor e talvez desejo.

Alessia.

Eu me abaixo e a beijo. E o que pretendia ser um beijo carinhoso de eu-te-amo se transforma em... outra coisa. Ela se abre como uma flor exótica, retribuindo meu beijo com uma paixão avassaladora, e eu me deleito com tudo o que ela tem para dar.

A língua dela em minha boca.

Suas mãos passando pelas minhas costas e apertando o tecido do meu casaco.

Toda a tensão da manhã — de encontrá-la com aqueles dois delinquentes, de pensar que talvez eu nunca mais a visse... Tudo isso desaparece, e despejo em nosso beijo meus medos e minha gratidão por ela ainda estar comigo. Quando nos separamos, sem fôlego, nossa respiração se mescla em uma névoa de vapor no frio ao nosso redor, e os seus dedos seguram as lapelas do meu casaco.

Jensen esfrega o focinho na minha coxa. Ignorando-o, volto a olhar a expressão admirada de Alessia.

— Acho que Jensen quer participar.

A risada dela sai rouca, e minha virilha reage àquele som.

— Também acho que estamos usando roupas demais. — Encosto minha testa na dela.

— Quer tirar as roupas? — Ela morde o lábio.

— Sempre.

— Estou com calor. Muito calor — sussurra ela.

O quê?

Eu a encaro mais uma vez. Era para ser um comentário irreverente, apenas uma gracinha — não um incentivo.

O que ela está dizendo?

— Ah, meu amor, você acaba de passar por uma experiência terrível.

Ela ergue um dos ombros, tipo “e daí?”, e desvia o olhar do meu.

— O que está querendo me dizer? — pergunto.

— Acho que você sabe.

— Quer ir para a cama?

Seu sorriso largo é todo o estímulo de que preciso, e, embora eu saiba que não devia, pego a mão dela. Radiantes e zonzos, voltamos rápido para casa, com os cães em nossos calcanhares.

— Este é meu quarto. — Maxim sai do caminho para Alessia poder entrar.

Fica a umas poucas portas do quarto azul para onde Danny a levou mais cedo.

Uma imponente cama com dossel domina o quarto em tons de verde-escuro. Da mesma madeira lustrosa que o piano, a cama tem entalhes igualmente intrincados. As chamas da lareira lançam sombras bruxuleantes sobre os entalhes. Acima da lareira, uma pintura reproduz a casa e os terrenos que a cercam, e no fundo do quarto há um guarda-roupa imenso da mesma madeira que a cama. Em todas as paredes, as prateleiras estão cobertas de livros e objetos raros, mas algo na mesa de cabeceira atrai o olhar de Alessia: a luzinha noturna em formato de dragão.

Maxim joga mais um tanto de lenha no fogo até formar labaredas.

— Ótimo. Fico feliz que alguém teve a ideia de acender a lareira. — Voltando para perto de Alessia, ele aponta para um cesto de vime sobre o pufe aos pés da cama. — Mandei que trouxessem suas coisas do Esconderijo. Espero que não se incomode. — A voz dele soa baixa e suave, os olhos estão brilhantes. Intensos. Cada vez mais profundos e escuros... cheios de desejo.

Um formigamento desce pelas costas de Alessia.

— Tudo bem — murmura ela.

— Você teve um dia difícil.

— Quero ir para a cama. — Ela se recorda do beijo na escada. Ela teria arrancado as roupas dele ali naquela hora, se tivesse tido coragem.

Ele acaricia o rosto de Alessia.

— Talvez você ainda esteja em estado de choque.

— Estou mesmo — sussurra ela. — Estou chocada por você me amar.

— Com todo o meu coração — diz Maxim com uma sinceridade genuína, mas depois sorri e a abraça. — E com isso. — Ele pressiona o quadril nela, de modo que Alessia possa sentir sua ereção.

Os olhos de Maxim estão repletos de desejo.

Ela retribui o sorriso, sentindo uma chama se avivar dentro de si. Ela deseja desesperadamente tocá-lo — afinal, ele a tocou em tudo que é lugar, com as mãos... os lábios... a língua, exatamente como havia prometido. O olhar de Alessia vai para a boca de Maxim, aquela boca sensual e habilidosa, e ela sente o fogo em seu íntimo se intensificar.

— O que você quer, minha linda? — As costas dos dedos dele acariciam o rosto de Alessia, e seu olhar atinge a alma dela.

Desde que Maxim confessou que a amava, seu desejo por ele a consome.

— Quero você. — As palavras mal podem ser escutadas.

Ele geme.

— Você está sempre me surpreendendo.

— Você gosta de surpresas?

— Vindas de você, muito.

Alessia puxa a camisa branca de Maxim de dentro do jeans.

— Você vai tirar minha roupa? — A voz de Maxim está rouca, quase como se ele tivesse parado de respirar.

Ela o encara por trás dos cílios.

— Vou.

Ela consegue fazer isso. E com dedos trêmulos, mas corajosos, abre o botão inferior da camisa de Maxim e o encara.

— Continue — incentiva ele, a voz doce e sedutora.

Alessia capta a excitação brotando na voz dele, o que alimenta seu desejo. Ela desabotoa o seguinte, revelando o botão superior do jeans e o caminho de pelos que segue em direção ao abdômen definido. O botão a seguir revela o umbigo e os músculos delineados da barriga. O ritmo da respiração de Maxim muda. Acelera. Fica mais rápido. O som excita Alessia, e seu dedos sobem pela camisa de Maxim, desabotoando-a até ficar aberta e solta, revelando seu peito bronzeado. Ela tem vontade de se aproximar e levar os lábios à pele dele.

— E agora, Alessia? — Ele está esperando. — O que você quiser — continua, excitando-a.

Ela se curva e pressiona os lábios contra o calor do peito dele, na altura em que o coração bate forte e acelerado sob a pele.

Estou louco para tocá-la. Mas não posso. Essa é a atitude mais audaciosa que ela já teve comigo desde que fizemos amor pela primeira vez. Meu corpo está tenso. Como seu toque inocente consegue ser tão erótico? Ela está me deixando maluco. Puxa minha camisa até os cotovelos. Eu estico os braços.

— Os punhos.

Ela me dirige uma centelha de sorriso e abre um botão de cada vez, depois puxa minha camisa e a deixa sobre a poltrona em frente à lareira.

— O que você vai fazer agora? — pergunta ele.

Alessia dá um passo para trás para admirar o corpo forte e belo de Maxim à luz tremeluzente do fogo. O dourado do cabelo dele cintila, e seus olhos são de um tom luminoso de verde. Eles a encaram, cheios de promessas.

Incentivada por aquele olhar, ela estica o braço e despe o próprio suéter, depois tira a camisa de time de futebol e balança a cabeça para soltar o cabelo. Porém, sua coragem falha no último minuto, e ela hesita, cobrindo os seios com o uniforme. Maxim dá um passo à frente e tira delicadamente a blusa das mãos dela.

— Você é linda. Gosto de olhar para você. Não vai precisar disso. — Ele joga a roupa em cima de onde está sua camisa, depois pega uma mecha do cabelo dela, enrola no dedo e a leva aos lábios, dando um beijo. — Você é

tão corajosa. De tantas maneiras. E eu me apaixonei por você. Todinha. Loucamente. Perdidamente.

Um calor percorre o corpo de Alessia ao ouvir as palavras de Maxim, e ele puxa a mecha, levando Alessia para seus braços. Ele vira o rosto dela e a beija como se sua vida dependesse disso.

— Quase perdi você — sussurra ele.

A pele de Maxim está quente contra a dela, e o desejo que ela sente queima mais forte. Ela o quer. Por inteiro. Ela o beija com avidez, a língua se enrolando na dele. Suas mãos pousam na parte de trás da cabeça de Maxim, puxando-o para si. Os lábios dele vão até o queixo e o pescoço de Alessia. E as mãos dela percorrem o corpo dele até o cóis da calça.

Ela quer tocá-lo. Cada centímetro do corpo dele. Mas trava. Não sabe o que fazer. Então Maxim segura seu queixo com ternura.

— Alessia — murmura contra o ouvido dela. — Quero que você me toque. — O desejo em sua voz é excitante.

— Eu também quero.

Ele mordisca o lóbulo da orelha de Alessia.

— Ah — ela geme, sentindo os músculos do abdômen se contraírem.

— Abra o botão da minha calça.

Ele faz carinho no pescoço dela, os cílios fazendo cócegas em sua pele, e os dedos de Alessia seguem, apressados e atrapalhados, passando pelo cóis da calça, roçando o pênis ereto. Ela se interrompe, fascinada com o corpo dele, e, em um movimento muito audacioso, coloca a mão na ereção.

— Ah, meu Deus — murmura ele.

Os dedos de Alessia se aproximam, hesitantes, percorrendo o comprimento do pênis de Maxim.

Ele ofega, e ela para.

— Machuquei você?

— Não. Não. Não. Está bom. Vai. — Ele está sem fôlego. — Bom demais. Não pare.

Ela dá um sorriso largo, sentindo-se mais confiante. Com habilidade, abre o botão da calça. Ele fica imóvel enquanto ela passa para o zíper.

Respiro fundo. Ela vai me fazer perder o controle. Seu prazer é contagioso, e adoro ver que ela está finalmente reunindo coragem para tirar a minha roupa. À luz da lareira, sua pele está radiante, e o vermelho e azul profundos realçam o brilho do seu cabelo. Quero jogá-la na cama e fazer amor com ela, da forma mais doce possível. Mas preciso me conter. Deixá-la descobrir as coisas no tempo dela. Ao abrir meu zíper, ela parece menos constrangida. E até se esqueceu de que não está de sutiã. Seus seios são volumosos e lindos. Quero dar atenção a eles até os mamilos ficarem duros como pedra e ela se contorcer debaixo de mim. Mas me contenho e abafa meu gemido. Alessia puxa minha calça para baixo. Piso para fora do jeans e fico de pé só de cueca.

— Sua vez — sussurro e, apressado, desço o zíper da calça dela e a baixo.

Alessia se livra da calça. Seguro seu rosto entre as mãos com cuidado e a beijo.

— Está frio. Vamos para a cama.

— Tudo bem. — Ela entra debaixo das cobertas, os olhos fixos em mim.

— Ah... a cama está fria! — reclama.

— Vamos aquecê-la.

Os olhos de Alessia vão para a cueca de Maxim, o tecido bem esticado por causa do volume.

Ele sorri.

— O quê? — pergunta.

Ela cora.

— O quê? — insiste Maxim.

— Tire.

— A cueca? — Maxim lhe dá um sorriso enviesado.

— Sim.

Ele sorri, cheio de malícia — e tira uma das meias. Depois a outra.

— Pronto!

— Não era disso que eu estava falando. — Ela solta uma risadinha, se maravilhando com o jeito de menino dele.

Ele ri e, com um movimento rápido, tira a cueca, liberando a ereção — e joga a peça de roupa na direção de Alessia.

— Ei! — exclama ela, brincando.

Ela desvia para não ser atingida, mas Maxim pula na cama, aterrissando ao seu lado.

— Brrr... chegue para lá. — Maxim se aconchega ao lado de Alessia embaixo das cobertas, passando o braço ao redor dela e puxando-a para si. — Quero abraçar você um pouquinho. Não acredito que quase perdi você hoje. — Ele dá um beijo suave em seu cabelo e a abraça bem apertado.

Ela percebe que ele fechou os olhos — como se estivesse sentindo dor.

— Mas isso não aconteceu. Estou aqui. Eu lutaria com eles para ficar com você — murmura ela.

— Eles teriam machucado você.

Sentando-se em um ímpeto, ele levanta o braço de Alessia para examinar o hematoma na lateral do corpo dela. A expressão de Maxim fica tensa.

— Veja o que fizeram com você. — Ele hesita, preocupado.

— Está tudo bem. — Ela já sofreu coisas piores...

— Talvez a gente devesse apenas tirar um cochilo. — Maxim parece inseguro.

— O quê? Não.

— Estou pensando, acho que não...

— Maxim! Não pense.

— Alessia...

Ela coloca um dedo nos lábios de Maxim.

— Por favor... — pede ela.

— Ah, baby.

Segurando a mão de Alessia, ele beija cada articulação dos seus dedos. Depois se curva e contorna o hematoma na costela dela com beijos suaves. Ela acaricia o cabelo dele e o puxa com força, obrigando Maxim a olhar para cima.

— Dói?

— Não — responde ela apressada. — Eu quero você.

Ele suspira e leva a boca até um dos seios, até o mamilo, provocando e chupando conforme avança. Ela geme e se contorce embaixo dele, fechando os olhos e se entregando ao prazer do seu toque e da sua boca. Aperta as costas dele e sente a ereção contra os quadris. Ela está ansiosa para explorar o corpo dele. O corpo todo.

Ele levanta a cabeça para olhar para ela.

— O que foi?

— Eu... eu... — Ela ruboriza.

— Me conte.

Ela ri, constrangida, e fecha os olhos.

— Me conte.

Ela abre um dos olhos e pisca para ele.

— Você está me deixando maluco. O que foi?

— Quero tocar você — diz ela, e esconde o rosto com as mãos.

Espiando por entre os dedos, ela observa os olhos de Maxim se abrandarem — achando graça, talvez. Ele se deita ao seu lado.

— Sou todo seu.

Ela se apoia em um dos cotovelos e os dois se encaram.

— Você é tão maravilhosa... — sussurra ele.

Ela acaricia a bochecha dele, gostando do toque da barba por fazer.

— Aqui, vou ajudar... — Ele pega a mão dela, dá um beijo na palma e a leva ao próprio peito.

Alessia pousa a mão com os dedos abertos e sente o calor da pele dele. Maxim abre a boca enquanto inspira bem fundo.

— Gosto quando você me toca.

Sentindo-se encorajada, ela desce um pouco a mão, os dedos percorrendo os pelos finos que salpicam o peito dele. Ela desliza sobre um dos mamilos, que se contrai ao toque.

— Ah... — Ela deixa escapar, extasiada.

— Ah — responde ele, a voz rouca, os olhos opacos, em um tom de verde-musgo escuro. Ele a observa com olhos de lince.

Ela morde o lábio superior, e ele geme.

— Não pare — murmura.

Sentindo-se mais atrevida e aproveitando que o está excitando, Alessia desce mais a mão na pele macia, pelo contorno dos músculos do abdômen. Ele se retesa sob aquele toque, enquanto sua respiração se acelera. Ela alcança a linha de pelos que leva ao seu destino e perde um pouco da coragem.

— Aqui — diz ele, e, pegando a mão dela, faz com que ela envolva sua ereção.

Ela ofega, igualmente chocada e entusiasmada. É grande e duro e aveludado ao mesmo tempo. Seu polegar desliza pela ponta, e Maxim fecha os olhos, inspirando com urgência. Ela aperta mais, gostando do contato, sentindo a pulsação. Ele a encara com olhos cheios de intensidade.

— Assim — murmura ele, e, guiando a mão de Alessia, faz com que ela se mova devagar um pouco para baixo e depois para cima.

Nunca precisei mostrar a uma mulher o que fazer. Talvez seja a coisa mais erótica que já fiz. Alessia franze a testa, concentrada, mas seus olhos estão vivos com fascínio e desejo, a boca um pouco aberta enquanto mexe a mão, encontrando enfim o ritmo e me levando à loucura. Quando ela passa a língua pelos lábios, tenho vontade de gozar na mão dela.

— Alessia, pare. Assim eu vou gozar.

Na mesma hora, ela retira a mão como se estivesse queimando, e me arrependo de ter falado qualquer coisa. Quero mergulhar em cima e dentro dela — mas não posso fazer isso, não com aquele maldito hematoma. Não quero machucá-la.

Ela toma as rédeas da situação e monta em mim, seus lábios encontrando os meus, empurrando a língua na minha boca. Sentindo-me. Seu cabelo forma uma cortina magnífica ao nosso redor. E, por um átimo de segundo, nós nos encaramos à luz da lareira. Olhos castanhos vivos nos verdes. Ela é tão fascinante. E generosa. E sensual. E está aqui comigo.

Alessia se abaixa e me beija mais uma vez, e estico a mão até a mesa de cabeceira para pegar uma camisinha.

— Aqui.

Mostro-lhe o pacote e, por um minuto, fico imaginando se ela vai pegar e colocar em mim... Mas ela pisca, insegura.

— Saia de cima. Vou mostrar como se faz. — Rasgo o pacote, tiro a camisinha e, apertando a extremidade, rapidamente a desenrolo sobre meu pau, já ansioso. — Pronto. É isso. Agora só temos que nos livrar dessa calcinha.

Ela ri quando eu a rolo para o colchão e engancho os polegares na calcinha cor-de-rosa. *Aquela* calcinha cor-de-rosa. A que agora deslizo por suas longas pernas e jogo no chão. Estou ajoelhado entre suas coxas, mas sento nos calcanhares e a puxo para o meu colo com o braço em sua cintura, tomando o cuidado de evitar o hematoma.

— Assim está bom?

Suas mãos estão sobre os meus ombros, e eu a levanto e a posiciono em cima do meu pau duro. Espero pela resposta. Ela se inclina para a frente, seus lábios ávidos nos meus, e interpreto isso como a minha deixa, e devagar... ah, porra, bem devagar... eu a desço sobre mim. Ela prende meu lábio inferior entre os dentes e, por um instante, acho que vai me morder de verdade.

Quando estou inteiro dentro dela, Alessia ofega e solta meu lábio.

— Tudo bem? — murmuro.

— Sim. — Ela faz um gesto afirmativo com a cabeça. Bem entusiasmado.

Seus dedos estão mais uma vez no meu cabelo, e ela me puxa com força, pegando novamente meus lábios com os dela. Ela está insaciável. Me devorando. Cheia de desejo. Beijando com a mesma intensidade do beijo na escada. E não sei se é por causa do que aconteceu mais cedo ou se é por eu ter dito que a amava, mas ela está a toda. Ela se mexe. Para cima e para baixo. Sem parar. Levando-me... levando-me...

É inebriante. É ardente. Mas é frenético.

Vai acabar rápido demais!

— Ei. — Eu a abraço com mais força, acalmando-a, e afasto o cabelo do seu rosto. — Devagar, baby. Devagar. Temos a noite toda. E amanhã. E depois de amanhã.

Olhos escuros e maravilhados piscam para mim. E meu coração se enche de um sentimento novo e intoxicante, que me consome.

— Eu estou aqui — sussurro. — Eu amo você.

— Maxim — murmura ela, aproximando-se e me beijando de novo, os braços entrelaçados ao redor do meu pescoço.

Ela começa a se mexer de novo, mais devagar, me deixando saboreá-la. Centímetro a centímetro. Em um ritmo regular... mais calmo... É o paraíso.

Porra.

E ela sobe e desce. Sobe e desce. Eu a acompanho... O prazer cada vez maior, até que ela fica paralisada e grita com o orgasmo, a cabeça jogada para trás, provocando meu próprio gozo, como uma explosão.

— Ah, Alessia...!

* * *

ESTAMOS DEITADOS, PARADOS e serenos, um de frente para o outro. Em silêncio. Apenas nos encarando. Olhos. Narizes. Bochechas. Lábios. Rostos. Ficamos nos olhando. Absorvendo um ao outro. A única fonte de luz são as chamas bruxuleantes da lareira, e tudo que escuto é o chiado e o estalido da lenha queimando, assim como o ruído forte das batidas do meu coração à medida que ele desacelera. Alessia levanta a mão e traça o contorno dos meus lábios com os dedos.

— Amo você, Maxim — sussurra.

E me aproximo e a beijo mais uma vez. Seu corpo se levanta para encontrar o meu e fazemos amor de novo.

* * *

FICAMOS EMBAIXO DAS cobertas, aconchegados em nossa própria barraca improvisada no meu quarto. Sentados de pernas cruzadas, os joelhos encostados, os olhos intensos um no outro, só temos como iluminação a luz do dragãozinho, no nosso esconderijo secreto.

Ela está falando.

Não para de falar.

E eu escuto.

Ela está nua, o cabelo solto até a cintura preservando seu recato, e me explica como aprende a tocar uma nova peça no piano.

— Eu leio a música pela primeira vez, e depois vejo as cores. Elas... como vocês dizem? Combinam com uma nota.

— Uma cor para cada nota?

— Isso. Ré bemol maior é verde. Verde como um pinheiro. De Kukës. O prelúdio “Gota d’Água”. Todo em verdes. Algumas tonalidades mais escuras à medida que a peça muda. Outras notas têm cores diferentes. E às vezes uma peça tem muitas cores. Como em Rachmaninoff. E elas... hum... ficam gravadas na minha cabeça. E aí eu me lembro de tudo. — Ela encolhe os ombros e me mostra um sorriso travesso. — Por muito tempo, achei que todo mundo via todas as cores da música.

— Ah, se todo mundo tivesse essa sorte... — Deslizo o dedo pela pele macia do seu rosto. — Você é especial. Muito especial para mim.

Suas bochechas ganham aquele tom rosado lindo só dela.

— E qual o seu compositor preferido? Bach? — pergunto.

— Bach. — Ela murmura o nome com muita veneração. — A música de Bach é... — Ela faz gestos com as mãos procurando inspiração, tentando capturar a magnitude do que quer dizer, e fecha os olhos como se estivesse experimentando um momento de êxtase religioso.

— Assombroso? — sugiro.

Ela ri.

— Sim. — Ela fica séria, baixa as pálpebras e depois me olha por entre os cílios. — Mas meu compositor preferido é você.

Inspiro com força. Não estou acostumado com elogios vindos dela.

— Minha música? Uau. Fico lisonjeado. Que cores você vê nela?

— É triste e séria. Azuis e tons de cinza.

— Combina — murmuro, e meus pensamentos se voltam para Kit.

Ela estica o braço e afaga minha bochecha, me trazendo de volta para perto dela.

— Eu vi você tocar no seu apartamento. Era para eu estar limpando. Mas tive que assistir. E escutar. É uma música linda. — Sua voz fica suave até ser um murmúrio quase inaudível. — Eu me apaixonei mais por você naquele momento...

— Ah, é?

Ela faz um gesto afirmativo com a cabeça, e suas palavras enchem meu coração.

— Queria ter percebido você ali, escutando. Fico contente em saber que

gostou. Você a tocou muito bem no Esconderijo.

— Eu adorei. Você é um compositor talentoso.

Pego a mão dela e traço um desenho na palma.

— E você é uma pianista genial.

Ela abre um sorriso largo e cora de novo.

Ela devia estar acostumada a receber elogios, sem dúvida.

— Você é talentosa demais. E bonita. E corajosa. — Acaricio seu rosto e trago seus lábios para junto dos meus.

Debaixo dos lençóis, nos perdemos em um beijo. Quando Alessia se afasta para recuperar o fôlego, ela me fita com desejo renovado.

— Será que podemos... fazer amor... de novo?

Ela se curva para a frente e pouisa os lábios no meu peito, acima do coração.

Caramba...

* * *

ALESSIA ESTÁ DEITADA atravessada sobre mim, a cabeça no meu peito, a mão espalmada na minha barriga, como se tocassem uma melodia. Não sei qual é — mas estou gostando. Interfono para a cozinha.

— Danny, eu gostaria de jantar no quarto. Pode providenciar uns sanduíches e uma garrafa de vinho?

— Claro, milorde. Carne?

— Perfeito. E uma garrafa de Château Haut-Brion.

— Vou deixar a bandeja na sua porta, senhor.

— Obrigado. — Sorrio diante da alegria evidente em sua voz e desligo.

Não sei como, mas Danny sabe que Alessia é diferente. Eu já trouxe outras mulheres para cá antes, mas Danny nunca foi tão solícita quanto hoje. Deve saber que estou apaixonado. Caidinho. Inteiramente. Completamente. Totalmente. Apaixonado.

— Você tem um telefone só para falar com outros cômodos da casa? — Alessia me encara.

— A casa é grande. — Sorrio.

Ela ri.

— É mesmo. — Ela dá uma olhada para a janela; está muito escuro lá fora.

Já são sete horas? Dez horas? Perdi a noção do tempo.

* * *

ALESSIA ESTÁ ACONCHEGADA em uma das poltronas em frente à lareira, enrolada em uma manta verde, saboreando um sanduíche de rosbife e salada e bebendo vinho tinto. Seu cabelo está uma confusão maravilhosa, caindo pelos ombros até a cintura. Ela é deslumbrante. E linda. E minha.

Jogo mais lenha no fogo, sento-me na poltrona em frente à dela e tomo um gole do delicioso vinho. Não sentia uma paz assim desde antes de Kit morrer... Na verdade, não consigo me lembrar de já ter me sentido assim algum dia.

Maxim repousa a taça e apanha um sanduíche. Ele está maravilhoso. Cabelo bagunçado, barba por fazer, olhos verdes travessos que brilham de desejo e amor à luz da lareira. Está vestindo o suéter creme volumoso e a calça jeans preta com um rasgo no joelho, e ela espia a pele embaixo... Alessia está fascinada.

— Feliz? — pergunta Maxim.

— Estou. Muito.

Ele dá um sorriso largo.

— Sinto o mesmo. Acho que nunca me senti tão feliz. Sei que você ia preferir ficar aqui, e eu também, mas acho que precisamos voltar a Londres amanhã. Se você concordar. Preciso resolver algumas coisas.

— Tudo bem. — Alessia morde o lábio.

— O que foi?

— Gosto de ficar na Cornualha. Não é tão cheia quanto Londres. Tem menos gente. Menos barulho.

— Eu sei. Mas preciso voltar e ver o estado do apartamento.

Alessia observa a taça de vinho.

— De volta à realidade — murmura.

— Ei. Vai ficar tudo bem.

Ela observa o fogo, algumas brasas caem para o piso da lareira.

— Querida, qual o problema? — Maxim está preocupado.

— Eu... eu quero trabalhar.

— Trabalhar? Fazendo o quê?

— Não sei. Limpeza?

Maxim franze o cenho.

— Alessia, não acho que seja uma boa ideia. Você não precisa mais trabalhar com limpeza. Você é talentosa. É isso mesmo que quer fazer? Podemos encontrar algo mais adequado às suas habilidades. E precisamos sobretudo fazer com que você trabalhe aqui de forma legal. Vou cuidar disso. Conheço quem possa ajudar. — O sorriso dele é sincero e encorajador.

— Mas... quero ganhar meu próprio dinheiro.

— Eu entendo. Só que, agora, se você for pega, vai ser deportada.

— Não quero que isso aconteça! — Alessia sente uma pontada no coração. Ela não pode voltar.

— Nenhum de nós quer — Maxim a tranquiliza. — Não se preocupe. Vamos achar uma saída. Talvez, mais adiante, você possa trabalhar com música.

Ela o encara.

— Vou acabar sendo só uma mulher sustentada por você. — Ela fala mais baixo agora. Queria evitar essa situação.

Maxim sorri em resposta, um sorriso pesaroso.

— Só enquanto você não tem visto para trabalhar legalmente aqui. Pense nisso como redistribuição de riqueza.

— Muito socialista, Lorde Trevethick — provoca ela.

— Quem diria? — Ele ergue a taça para Alessia, que retribui o gesto.

E, enquanto ela dá um gole no vinho, um pensamento lhe ocorre. Mas será que Maxim vai concordar?

— Que foi? — pergunta ele.

Alessia inspira bem fundo.

— Vou fazer faxina na sua casa. E você me paga por isso.

Maxim franze a testa, surpreso.

— Alessia. Você não precisa...

— Por favor... eu quero. — Ela o encara, silenciosamente implorando que ele concorde.

— Ales...

— Por favor.

Ele revira os olhos, exasperado.

— Tudo bem. Se é o que quer. Mas com uma condição.

— Qual?

— Posso vetar o uniforme e o lenço que você costuma usar?

— Vou pensar no assunto. — Ela sorri de modo afetado, sentindo-se mais leve.

Ele ri, e ela solta um suspiro de alívio. Pelo menos vai ter algo para fazer enquanto o *peçoal dele* resolve tudo com a imigração.

Uma sensação de calor se espalha pelo corpo de Alessia. Ela não imaginou que sua vida a levaria até ali: àquela casa antiga e grandiosa, com aquele homem bonito, gentil e generoso. É claro que ela fantasiou a respeito — devaneios vagos. Mas achou que seria impossível.

Ela havia desafiado o próprio destino e assumido um risco imenso ao deixar a Albânia, e o destino não facilitou em nada.

No entanto, seu Mister interferiu, e agora ela está com ele.

A salvo.

Ele a ama, e ela o ama. E o futuro se estende à sua frente, repleto de possibilidades. Talvez, depois de tanto tempo, seja hora de o destino sorrir para ela.

Capítulo Vinte e Cinco

Um grito primitivo de agonia perturba o meu sonho, de repente me acordando.

Alessia.

À luz suave do dragãozinho, vejo que ela dorme ao meu lado completamente imóvel, as mãos juntas e fechadas embaixo do queixo. Parece uma estátua petrificada por algum desastre natural. Sua boca se abre e ela grita de novo, os sons mais assustados e sinistros do mundo. Eu me apoio em um dos cotovelos e a sacudo com delicadeza, tentando acordá-la.

— Alessia. Meu amor. Acorde.

Suas pálpebras se abrem na mesma hora. Ela olha ao redor desesperada e começa a lutar comigo.

— Alessia. Sou eu. Maxim. — Agarro suas mãos antes que ela machuque algum de nós.

— M... M... Maxim — murmura ela e para de se debater.

— Você teve um pesadelo. Estou com você. Estou aqui. — Eu a abraço e a puxo para cima de mim, beijando o topo da sua cabeça.

Ela está tremendo.

— Eu... eu achei... eu achei... — gagueja ela.

— Está tudo bem. Foi só um pesadelo. Você está a salvo. — Eu a seguro firme e acaricio suas costas, desejando acabar com todo aquele medo e dor.

Ela estremece, mas parece se acalmar, e em pouco tempo cai no sono de novo.

Fecho os olhos, uma das mãos no cabelo dela, a outra nas costas, aproveitando a sensação do seu peso sobre mim, da sua pele contra a minha. Eu poderia muito bem me acostumar com isso.

Alessia acorda na luz cinzenta do início da manhã. Está aninhada sob o braço de Maxim, a mão aberta sobre a barriga dele. Maxim dorme profundamente, o rosto voltado para ela. Seu cabelo está despenteado, os

lábios meio abertos, as bochechas e o queixo obscurecidos pela barba por fazer. Ele parece relaxado e completamente irresistível. Ela se espreguiça ao seu lado, desfrutando a sensação de alongar os músculos. A lateral do corpo está um pouco dolorida, a área do hematoma continua sensível, mas ela se sente... bem.

Não. Mais do que bem.

Esperançosa. Tranquila. Poderosa. Segura.

Graças àquele homem maravilhoso dormindo ao seu lado.

Ela o ama. De todo o coração.

E, o que é mais extraordinário, ele a ama também. Ela mal pode acreditar nisso.

Ele lhe deu esperança.

Maxim se mexe, e suas pálpebras piscam e se abrem.

— Bom dia — sussurra ela.

— Acabou de ficar bom — responde ele com um brilho malicioso no olhar. — Você está linda. Dormiu bem?

— Dormi.

— Você teve um pesadelo.

— Eu? Essa noite?

— Não se lembra?

Alessia balança a cabeça. Ele roça as costas dos dedos na bochecha dela.

— Fico feliz de você não lembrar. Como está se sentindo?

— Bem.

— Bem ou *bem*? — O tom de voz dele é provocante.

— Muito bem. — Ela abre um largo sorriso.

Maxim rola, prensando-a contra o colchão, e a encara, os olhos verdes brilhando.

— Meu Deus, como eu gosto de acordar com você — murmura, e beija o pescoço dela.

Ela envolve o dele com os braços e fica feliz em se render àquela boca habilidosa.

* * *

— IMAGINO QUE DEVAMOS levantar e voltar para Londres — murmura Maxim, a cabeça apoiada na barriga dela.

Os dedos de Alessia brincam com o cabelo dele, mas ela está relaxada demais para se mexer. Está desfrutando os poucos momentos de tranquilidade depois da paixão tempestuosa deles. Por fim, ele interrompe seu devaneio.

— Venha comigo para o chuveiro. — E olha para o rosto dela, com um sorriso imenso nos lábios.

Como ela poderia resistir?

Alessia seca o cabelo com a toalha enquanto faço a barba. O hematoma na lateral do seu corpo parece menor, mais ainda tem uma cor roxa bem viva. Sou atingido por uma onda de culpa — ela não me deu a menor indicação na noite passada ou nessa manhã de que estava dolorida. Ela me oferece um sorriso deslumbrante por cima do ombro, e, tal como uma névoa soprada pela brisa marítima, minha culpa desaparece.

Uma parte de mim quer que fiquemos aqui para sempre. Mas também estou ansioso para ir. Não quero que o sargento Nancarrow ou sua parceira venham interrogar Alessia. Preciso mantê-la longe da polícia. Caso necessário, direi a eles que precisei voltar a Londres por conta dos negócios.

Será uma pena ir embora. Estou gostando da nossa confortável familiaridade, e fico maravilhado com as mudanças em Alessia. Ela parece muito mais confiante, e só se passaram alguns dias. Jogando o cabelo para o lado e olhando de relance para mim, ela sai do banheiro, nua como no dia em que nasceu. Eu espio o quarto pela porta; a visão é tentadora demais para não ser apreciada, seus cabelos balançando quase até a cintura em um movimento delicado conforme ela anda. Alessia para perto da cama e vasculha o cesto de vime sobre o pufe, à procura de roupas. Quando levanta os olhos e me pega olhando todo bobo em sua direção, ela sorri. Volto a encarar meu reflexo no espelho com um sorriso convencido. A confiança recém-descoberta de Alessia é muito, muito sensual.

Minutos depois ela reaparece e se apoia no batente da porta. Está vestindo as roupas que lhe comprei, e já sei que vai ser um bom dia.

— Tem uma mala no fundo do armário que você pode usar para guardar

suas roupas. Ou posso pedir a Danny que faça sua mala.

— Eu mesma faço. — Cruza os braços e me examina. — Gosto de ver você se barbear.

— Gosto que você me veja — murmuro enquanto termino. Girando, dou um beijo em sua boca, depois tiro o resto da espuma do rosto. — Vamos tomar café da manhã e cair na estrada.

* * *

ALESSIA ESTÁ ANIMADA na viagem de volta a Londres. Conversamos e rimos e conversamos um pouco mais — a risada dela é contagiosa. Quando pegamos a M4, ela cuida da música, e escutamos Rachmaninoff. À medida que os primeiros acordes do concerto de piano se iniciam, me recordo de que ela tocou essa peça no Esconderijo — e a lembrança é empolgante. Eu a observei absorva na música e me levando consigo. Com o canto do olho, reparo que os dedos de Alessia estão pressionando teclas imaginárias na cadência da música. Eu adoraria vê-la tocar isso de novo, mas em um espetáculo de verdade, acompanhada por uma orquestra completa.

— Você assistiu ao filme *Desencanto*?

— Não.

— É um clássico do cinema britânico. O diretor usou essa música durante o filme todo. É legal. Um dos preferidos da minha mãe.

— Eu ia gostar de assistir. Adoro essa música.

— E você a toca tão bem.

— Obrigada. — Ela me dá um sorriso tímido. — Como ela é?

— Minha mãe? Ela é... ambiciosa. Esperta. Engraçada. Não muito maternal.

Ao dizer isso, sinto uma pontada de deslealdade, mas a questão é que Rowena sempre pareceu entediada ou incomodada com os filhos pequenos. Ela ficava feliz em nos deixar com nossas várias babás e nos mandou para colégios internos. Foi só depois que nosso pai morreu que nos tornamos mais interessantes para ela.

Kit, no entanto, sempre atraiu seu interesse.

— Ah — solta Alessia.

— Meu relacionamento com a minha mãe é um pouco... tenso. Acho que nunca a perdooi por ter abandonado meu pai.

- Ela abandonou seu pai? — Alessia parece chocada.
- Ela abandonou a todos nós. Eu tinha doze anos.
- Sinto muito.
- Ela conheceu alguém mais jovem... e partiu o coração dele.
- Ah.

— Tudo bem. Foi há muito tempo. Estamos numa desconfortável trégua agora. Bem, isso desde que o Kit morreu. — Falar disso é triste. — Escolha outra música — eu me apresso a dizer quando acaba a peça de Rachmaninoff. — Alguma coisa alegre.

Ela sorri e estuda as músicas.

- “Melody”?

Eu rio.

- Rolling Stones? Isso. Escolhe essa.

Ela toca na tela, e a contagem regressiva começa: *Two. One, two, three*, seguida pelo piano tocando um blues. Alessia ri com vontade. Ela gostou. Meu Deus, tenho tantas músicas para dividir com ela.

* * *

AS ESTRADAS ESTÃO tranquilas, e seguimos em um ritmo bom. Passamos voando pela saída para Swindon, faltando ainda mais cerca de cento e trinta quilômetros para chegarmos em Chelsea. Mas preciso parar para abastecer e, por isso, pego a saída que vai dar no posto de gasolina de Membury. De repente, o comportamento de Alessia muda. Sua mão agarra a maçaneta da porta, e ela me fita com olhos arregalados e apreensivos.

— Sei que paradas no meio da estrada deixam você ansiosa. Só vamos abastecer. Tudo bem? — Levo a mão ao seu joelho e o aperto, tentando tranquilizá-la.

Ela assente, mas não parece convencida. paro ao lado de uma bomba de gasolina, e ela salta do carro para ficar ao meu lado enquanto encho o tanque.

- Vai me fazer companhia?

Ela concorda com a cabeça e pula de um pé para o outro tentando se manter aquecida, a respiração formando uma nuvem fina ao seu redor. Seus olhos esquadrinham todo o local e se fixam nos caminhões estacionados. Ela

está alerta. Desconfiada. É doloroso vê-la assim, ainda mais porque ela estava tão relaxada durante a manhã.

— Você sabe que está segura agora. A polícia prendeu aqueles dois — digo para tranquilizá-la, mas nesse momento a bomba para com um estampido metálico, nos dando um susto.

O tanque está cheio.

— Vamos pagar. — Enganchando o bocal no suporte, passo meu braço ao redor dos ombros dela, e nos dirigimos para dentro da loja.

Ela caminha ao meu lado, calada.

— Você está bem? — Estamos na fila, e Alessia irradia ansiedade, dando espiadas furtivas para todos no interior da loja.

— Foi ideia da minha mãe. — Ela deixa escapar, em voz baixa. — Minha mãe achou que estava ajudando.

Levo alguns segundos para perceber ao que ela está se referindo.

Putá merda. Ela está me contando *essa história* agora? Um arrepio desce pela minha coluna. Por que agora? Tenho que pagar a gasolina.

— Só um segundo. — Ergo o dedo indicador para ela e entrego o cartão de crédito ao atendente.

Os olhos do rapaz se voltam para Alessia, diversas vezes.

Cara, ela é areia demais para o seu caminhãozinho.

— Por favor, digite a senha — diz o atendente, sorrindo para Alessia, que mal lhe dirige o olhar.

Ela continua observando as bombas de gasolina, conferindo quem está lá fora.

Quando termino, pego a mão dela.

— Vamos continuar a conversa no carro?

Ela concorda.

Quando voltamos ao interior do veículo, fico pensando por que ela escolhe postos de gasolina e estacionamentos para me contar sua história. Levo o carro para longe das bombas, estaciono em frente a um terreno arborizado e deixo em ponto morto.

— Muito bem. Você ainda quer falar?

Alessia olha fixo para as árvores nuas diante de nós e confirma com a cabeça.

— O homem a quem fui prometida. Ele é violento. Um dia... — A voz dela falha.

Meu coração fica apertado. Era o que eu temia.

Que merda ele fez com ela?

— Ele não gosta que eu toque piano. Ele não gosta da... hum... da atenção que eu atraio.

Meu desprezo por ele cresce ainda mais.

— Ele fica bravo. Quer me impedir...

Minhas mãos apertam o volante.

A voz de Alessia é quase inaudível.

— Ele bate em mim. E quer quebrar os meus dedos.

— O quê?

Ela olha as mãos. Suas mãos preciosas. Cobre uma com a outra, segurando-se com ternura.

Esse merdinha machucou a Alessia.

— Eu tinha que fugir.

— É óbvio.

Preciso tocar em Alessia, para que ela saiba que estou ao seu lado. Envolvendo as mãos dela em uma das minhas, dou um aperto de leve. A tentação de puxá-la para o meu colo e abraçá-la é arrebatadora, mas resisto. Ela precisa falar. Ela me lança um olhar hesitante, e deixo que se abra.

— Fui em um micro-ônibus para Shkodër, e lá passamos para o caminhão grande. Dante e Ylli estão lá com mais cinco moças. Uma delas é... quer dizer... tem só dezessete anos.

Engulo em seco. Chocado. *Tão jovem.*

— O nome dela é Bleriana. Dentro do caminhão. Nós conversamos. Bastante. Ela também mora no norte da Albânia. Em Fierza. Nós ficamos amigas. Fizemos planos para encontrar trabalho juntas.

Ela se interrompe... perdida na monstruosidade da história, ou talvez imaginando o que pode ter acontecido com a amiga.

— E eles tiram tudo de nós. Menos as roupas do corpo e os sapatos. Só tem um balde nos fundos... Você imagina. — A voz dela vai diminuindo.

— Isso é horrível.

— Sim. O cheiro... — Ela estremece. — E tudo o que temos é uma garrafa de água. Uma garrafa para cada uma.

Sua perna começa a tremer, e seu rosto empalidece, o que me faz lembrar da sua aparência na primeira vez que a vi.

— Está tudo bem. Estou aqui. Quero saber.

Ela volta os olhos sombrios e arrasados para mim.

— Quer mesmo?

— Sim. Mas só se você quiser me contar.

Seus olhos se concentram no meu rosto, me examinando. Desvendando-me, como naquela primeira vez no corredor.

Por que será que eu quero saber?

Porque a amo.

Porque ela é a soma de todas as suas experiências, e essa infelizmente é uma delas.

Ela respira fundo e prossegue:

— Ficamos no caminhão por uns três, quatro dias, talvez. Não sei quanto tempo. Paramos quando o caminhão entrou em uma... qual é a palavra? Balsa. Para transportar carros e caminhões. Eles nos deram pão. E sacolas de plástico preto. Tínhamos que colocar na cabeça.

— Como assim?

— Tem a ver com a imigração. Eles medem o, humm... *dioksidin e karbonit*? — Ela se atropela com as palavras.

— Dióxido de carbono?

— É. Isso mesmo.

— Dentro da cabine?

Ela dá de ombros.

— Eu não sei, mas se tem muito, as autoridades sabem que tem gente no caminhão. Elas medem. De algum jeito.

Ela continua sua história:

— Seguimos na balsa. O barulho era alto. Alto demais. Os motores. Os outros caminhões... e nós estávamos no escuro. Minha cabeça dentro do saco plástico. E então o caminhão parou. O motor desligou, e ouvimos o chiado e o rangido do metal e dos pneus. O mar estava agitado. Agitado demais. Nós todas estávamos deitadas. — Seus dedos vão até o pequeno crucifixo no colar, e ela começa a mexer nele. — Era difícil respirar. Achei que ia morrer.

Sinto um nó na garganta. Minha voz sai rouca:

— Não é de espantar que você não goste do escuro. Deve ter sido apavorante.

— Uma das garotas estava passando mal. O cheiro. — Ela se interrompe e engasga.

— Alessia...

Mas ela continua. Parece que algo a obriga a falar.

— Antes de irmos para a balsa, quando estávamos comendo aquele pão, ouvi Dante falar em inglês. Ele não sabia que eu entendia o idioma. Ele disse que ia ganhar dinheiro com a gente, que nosso trabalho seria abrir as pernas. E foi assim que descobri qual seria nosso futuro.

Minha raiva é imediata, faz meu sangue ferver. Devia ter matado aquele merda quando tive a oportunidade e me livrado do corpo dele, seguindo a sugestão de Jenkins. Nunca me senti tão insuficiente quanto neste momento. Alessia deixa a cabeça cair, e levanto seu queixo delicadamente com os dedos.

— Eu lamento tanto.

Ela vira o rosto para mim, e percebo uma faísca em seus olhos. Não é tristeza que vejo refletida, nem autopiedade — ela está com raiva. Com raiva de verdade.

— Eu já tinha ouvido boatos. Garotas que sumiam de nossa cidade e de cidades vizinhas. E de Kosovo. Isso passou pela minha cabeça por um minuto quando subi no ônibus... mas sempre se tem esperança.

Ela engole em seco, e, por trás da raiva, vejo angústia em seus olhos. Ela se sente uma tola.

— Alessia, você não deve se culpar, nem à sua mãe. Ela agiu de boa-fé.

— É verdade. E eu tinha que sair de lá.

— Eu entendo.

— Conte para as outras moças o que Dante falou. E três delas acreditaram. Bleriana, ela acreditou em mim. E quando tivemos a chance de escapar, nós fugimos. Corremos. Não sei se as outras conseguiram. Não sei se Bleriana escapou. — Noto um vestígio de culpa em sua voz. — Eu tinha o endereço da Magda escrito em um pedaço de papel. As pessoas estavam comemorando o Natal. Andei por dias... acho que foram seis ou sete dias. Não sei. Até chegar na casa dela. E ela cuidou de mim.

— Graças a Deus Magda existe.

— É mesmo.

— Onde você dormia enquanto andava até a casa dela?

— Eu não dormia. Não dava. Estava frio demais. Achei uma loja e roubei um mapa. — Ela desvia o olhar.

— Não consigo imaginar o horror que você enfrentou, e sinto muito por isso.

— Você não tem por que sentir muito. — Ela me oferece um sorrisinho. — Isso aconteceu antes de nos conhecermos. Agora você sabe. Tudo.

— Obrigado por contar. — Eu me aproximo e beijo sua testa. — Você é uma mulher incrivelmente corajosa.

— Obrigada por ouvir.

— Vou sempre ouvir, Alessia. Sempre. Agora, vamos para casa?

Aparentemente aliviada, ela assente, então ligo o motor do carro e dou marcha a ré. Faço o retorno para voltar à estrada.

— Tem uma coisa que eu queria saber — acrescento, refletindo sobre a história terrível que ela acaba de contar.

— O quê?

— Ele tem um nome?

— Quem?

— O... homem a quem você foi prometida — cuspo as palavras.

Eu o odeio.

Ela balança a cabeça.

- Eu nunca digo o nome dele.
- Como Voldemort — murmuro baixinho.
- Harry Potter?
- Você conhece Harry Potter?
- Ah, conheço. Minha avó...
- Não me diga, ela contrabandeou os livros para a Albânia?

Alessia ri.

— Não. Ela encomendou de lá. Foi Magda quem mandou. Minha mãe leu para mim quando eu era criança. Em inglês.

— Ah, mais um motivo para você falar inglês tão bem. Ela também é fluente?

— Mama? É, sim. Meu pai... ele não gosta quando falamos uma com a outra em inglês.

— Imagino. — Quanto mais escuto sobre o pai dela, menos gosto dele também. Mas não compartilho isso com ela. — Por que você não escolhe outra música?

Ela passa os dedos pela tela, e seus olhos se iluminam quando encontra RY X.

— Dançamos esta música.

— Nossa primeira dança. — Sorrio com a lembrança. Parece que foi há muito tempo.

Ficamos em um silêncio confortável, nós dois desfrutando a música. Alessia parece absorta no ritmo, balançando um pouco para a frente e para trás. E fico feliz de ver que ela voltou ao normal, após ter me contado aquela história angustiante.

Enquanto ela escolhe outra canção, fico refletindo. Esse homem, esse merda que a machucou, a quem foi *prometida*, quero saber tudo a respeito dele para protegê-la. Preciso resolver o status legal de Alessia com urgência — mas não sei como. Ajudaria se eu me casasse com ela, mas acho que ela precisa estar no país de modo legal para então fazermos isso. Decido ligar para Rajah assim que possível.

Dou um sorriso malicioso quando passamos pela saída para Maidenhead, cujo nome significa “virgindade”, e balanço a cabeça, achando graça da

minha própria imbecilidade. Pareço um garoto de doze anos. Dou uma espiada em Alessia, mas ela parece não notar. Está absorta em seus pensamentos, batendo o dedo de leve contra os lábios.

— O nome dele é Anatoli. Anatoli Thaçi.

O quê?

— Aquele que não deve ser nomeado?

— Sim.

Faço questão de guardar o nome do babaca na minha cabeça.

— Você decidiu me contar?

— Decidi.

— Por quê?

— Porque ele tem mais força quando não tem um nome.

— Como Voldemort?

Ela confirma.

— O que ele faz?

— Não tenho certeza. Meu pai deve a ele muito dinheiro, alguma coisa a ver com o negócio dele, eu acho. Mas não sei o quê. Anatoli é um homem poderoso. Rico.

— É mesmo? — Minha voz está seca.

Rezo para que minha conta bancária seja maior que a dele.

— Não acho que o negócio dele seja... hum... legal. É isso?

— Isso. É como dizemos. Ele é um criminoso.

— Um gângster.

— Que mania é essa sua de se envolver com gângsteres? — indago, fazendo uma careta.

Ela dá risada, e é o som mais afável e inesperado do mundo.

— O que é tão engraçado?

— Seu rosto.

— Ah. — Sorrio. — Bom motivo.

— Amo o seu rosto.

— Também gosto dele.

Ela ri e depois fica séria.

— Mas você tem razão. Esse homem não é engraçado.

— Não é, não. Mas está bem longe. Não pode machucar você aqui. Vamos chegar em casa logo. Podemos ouvir Rachmaninoff de novo?

— Claro — diz ela, tocando mais uma vez na tela.

* * *

ESTACIONO O JAGUAR do lado de fora do escritório, e Oliver vem me cumprimentar e me entregar as novas chaves do meu apartamento.

— Esta é minha namorada, Alessia Demachi. — Eu me inclino para trás, e Oliver estica o braço para dentro do carro a fim de cumprimentar Alessia.

— Como vai? Sinto muito não nos conhecermos em circunstâncias melhores. — Ele lhe dirige um sorriso gentil.

Ela retribui com um sorriso deslumbrante.

— Espero que já tenha se recuperado do trauma.

Alessia concorda com a cabeça.

— Obrigado por organizar tudo isso — acrescento. — Vejo você no escritório amanhã.

Ele me dá um aceno, e volto devagar com o carro para a rua.

Maxim carrega as malas do carro até o elevador. É estranho estar ali de novo, sabendo que agora ela ficará. As portas se abrem, eles entram, e Maxim deixa cair a bagagem no chão e a abraça.

— Bem-vinda ao lar — sussurra, e o coração dela parece parar.

Ela se estica para beijá-lo. E os lábios de Maxim encontram os dela, em um beijo longo e intenso que chega a fazê-la esquecer o próprio nome.

Quando as portas voltam a se abrir, ambos estão sem fôlego.

Uma senhora idosa aguarda junto à entrada do elevador. Usa grandes óculos escuros, um chapéu vermelho extravagante, com brincos e casaco combinando, e segura seu cãozinho, que mais parece uma bolinha felpuda.

Maxim solta Alessia.

— Boa tarde, Sra. Beckstrom.

— Ah, Maxim. Que bom ver você — responde ela em uma voz aguda. — Ou será que agora devo me dirigir a você pelo título?

— Maxim está bom, Sra. B. — Ele conduz Alessia para fora do elevador e segura a porta para a idosa. — Esta é minha namorada, Alessia Demachi.

— Como vai? — A Sra. Beckstrom dá um grande sorriso para Alessia, mas volta a falar antes que a jovem possa responder. — Vi que você mandou consertar a porta da frente. Espero que não tenha perdido muito no assalto.

— Nada que não possa ser repostado.

— Espero que eles não voltem.

— Acho que a polícia já capturou os assaltantes.

— Ótimo. Espero que sejam enforcados.

Enforcados? Enforca-se gente aqui?

— Vou passear com o Hércules, agora que enfim parou de chover.

— Bom passeio.

— Ah, sim. Para você também! — E ela olha de soslaio para Alessia, que não consegue evitar que um rubor se espalhe pelo rosto.

As portas do elevador se fecham, e a Sra. Beckstrom se vai.

— Ela é minha vizinha há séculos. Deve ter uns mil anos, e é meio gagá.

— Gagá?

— Maluca — explica ele. — E não deixe aquele cachorro enganar você. É um capetinha feroz.

Alessia sorri.

— Há quanto tempo você mora aqui?

— Desde os dezenove anos.

— Não sei quantos anos você tem.

Ele ri.

— Velho o suficiente para ter juízo.

Ela franze a testa enquanto Maxim destranca a porta do apartamento.

— Tenho vinte e oito anos.

— Você é um velho!

— Velho! Vou mostrar a você quem é velho! — Ele se curva de repente, pegando-a de surpresa, e a joga sobre os ombros, evitando a parte machucada na lateral do corpo dela.

Alessia solta gritinhos e ri enquanto ele entra dançando no apartamento.

O alarme toca, e Maxim gira até Alessia ficar de frente para o painel do dispositivo. Sem fôlego, ela digita o novo código que ele lhe dita, e, quando o dispositivo cessa, Maxim a faz escorregar à sua frente de forma que ela fique de novo em seus braços.

— Estou feliz de ter você aqui comigo — diz ele.

— Também estou feliz.

Ele tira do bolso as chaves que Oliver entregou.

— Para você.

Alessia segura as chaves. Estão em um chaveiro com uma bolsinha de couro azul com os dizeres RESIDÊNCIA ANGWIN.

— As chaves para o reino — comenta ela.

Maxim abre um sorriso.

— Bem-vinda ao lar. — Ele se abaixa para beijá-la, seus lábios se encaixando nos dela.

Ela reage com um gemido, e os dois se perdem nos braços um do outro.

Alessia grita ao atingir o orgasmo. É um som de endurecer qualquer pau. Os dedos dela agarram os lençóis. A cabeça está jogada para trás. A boca, aberta. Beijo seu clitóris enquanto ela se contorce embaixo de mim, depois sua barriga, seu umbigo, seu estômago e seu esterno enquanto ela geme, e, calando seus gritos com a minha boca, eu a penetro.

* * *

MEU CELULAR VIBRA. Sem olhar o identificador de chamadas, sei que é Caroline. Prometi vê-la. Ignorando a ligação, fito Alessia, cochilando ao meu lado. Ela vem se tornando bastante exigente na cama — e gosto disso. Chego mais perto e beijo seu ombro, ao que ela estremece.

— Preciso sair — murmuro.

— Aonde você vai?

— Tenho que ver minha cunhada.

— Ah.

— Não a vejo há dias, e preciso conversar com ela sobre umas coisas. Não demoro.

Alessia se senta.

— Tudo bem.

Ela olha pela janela. Está escuro.

— São seis da tarde — esclareço.

— Faço alguma coisa para comermos?

— Se conseguir encontrar algo. Por favor.

Ela sorri.

— Vou cuidar disso.

— Se não achar nada, nós podemos sair. Volto em uma hora, mais ou menos.

Relutante, jogo a colcha para o lado, saio da cama e começo a me arrumar enquanto Alessia me observa, com um olhar admirado.

Não conto a ela que estou apreensivo com esse encontro.

Capítulo Vinte e Seis

— Boa noite, milorde — diz Blake, ao abrir a porta da frente da Residência Trevelyan.

— Olá, Blake. — Não o corrijo. Afinal, por mais que eu não goste, sou mesmo o conde. — Lady Trevethick está em casa?

— Acredito que ela esteja na sala íntima.

— Ótimo. Não precisa me levar lá. Ah, e agradeça à Sra. Blake pela limpeza depois do assalto. Ela fez um excelente trabalho.

— Pois não, milorde. Foi uma lástima o ocorrido. Posso ficar com seu sobretudo?

— Obrigado. — Tiro o casaco, e ele o dobra sobre um dos braços.

— Algo para beber?

— Não, estou bem. Obrigado, Blake.

Subo as escadas saltando os degraus, viro à esquerda, espero minha respiração voltar ao normal e abro a porta da sala íntima.

Alessia examina o caos que é o closet do quarto de Maxim. As gavetas, os cabideiros — tudo está abarrotado com as roupas dele, sem nenhum espaço para as suas. Ela leva sua mala até o quarto de hóspedes e começa a guardar as coisas no pequeno guarda-roupa.

Depois de colocar o *nécessaire* em cima da cama, ela começa a andar pelo apartamento. Tudo é extremamente familiar, mas agora ela enxerga as coisas de outra perspectiva. Ela sempre pensou na casa de Maxim como um lugar de trabalho. Nunca ousou imaginar que um dia poderia morar *aqui* com *ele*. Nunca havia almejado viver em um lugar tão magnífico quanto este. Ela rodopia na porta da cozinha, sentindo-se boba e grata — e feliz. É um sentimento precioso e raro. Ela ainda tem tanto a resolver na vida, mas pela primeira vez em um bom tempo tem esperança. Com Maxim ao seu lado, parece que nenhum obstáculo é intransponível. Ela se pergunta se ele vai ficar fora só uma hora... Está com saudades.

Passa os dedos pela parede do corredor. As fotografias que ficavam

penduradas ali desapareceram. Talvez tenham sido levadas no furto.

O piano!

Ela corre até a sala. Ainda está lá, são e salvo. Com um suspiro de alívio, Alessia acende as luzes. O cômodo está arrumado e limpo, a coleção de discos dele no lugar de sempre. Mas a mesa está vazia — sem o computador nem o equipamento de som. As fotografias que ficavam penduradas nas paredes daqui também desapareceram. Ela caminha com receio até o piano, analisando cada canto com cuidado. Sob a luz do lustre, ele está limpo e reluzente — recém-polido, ela acha. Ela apoia a mão no ébano e dá a volta em torno dele, acariciando suas curvas amplas. Quando chega ao suporte para partitura, percebe que todas as composições sumiram. Talvez tenham sido guardadas em algum lugar. Ela ergue a tampa e aperta o dó médio: é um som dourado que ressoa pela sala deserta, seduzindo-a, acalmando-a... deixando-a centrada outra vez. Ela senta no banco, tenta esquecer a solidão e começa a tocar o “Prelúdio N° 23 em Si Maior”, de Bach.

Caroline está sentada perto da lareira vendo as chamas, enrolada em uma colcha xadrez. Ela não se vira quando entro.

— Oi. — Meu cumprimento baixo compete com o crepitar do fogo.

Caroline volta a cabeça na minha direção, o olhar desolado, a boca curvada numa expressão de tristeza.

— Ah, é você — diz ela.

— Quem você esperava?

Ela não se levantou para me cumprimentar, e estou começando a me sentir uma presença indesejada.

Ela suspira.

— Desculpe, eu só estava pensando no que Kit estaria fazendo agora se estivesse aqui.

A dor da perda surge de maneira inesperada, sufocando-me como um cobertor de lã puído. Tento afastá-la, engolindo o nó que se formou na minha garganta. Quando me aproximo, percebo que Caroline estava chorando.

— Ah, Caro... — murmuro e me agacho ao lado da sua cadeira.

— Maxim, eu sou uma viúva. Tenho 28 anos e sou viúva. Isso não estava nos planos.

Seguro sua mão.

— Eu sei. Não estava nos planos de nenhum de nós. Nem nos de Kit.

Seus olhos azuis cheios de dor encontram os meus.

— Não sei — diz ela.

— Como assim?

Ela se aproxima para ficarmos cara a cara e sussurra em tom conspiratório:

— Acho que ele queria se matar.

Aperto seus dedos.

— Caro. Isso não é verdade. Não pense assim. Foi só um acidente horrível.

Fixo meus olhos nos seus, tentando transmitir o máximo de sinceridade, mas a verdade é que... pensei a mesma coisa. Mas não posso deixá-la saber disso, e tampouco quero acreditar. Suicídio é algo doloroso demais para os que ficam para trás.

— Não paro de repassar aquele dia na minha mente — diz ela, buscando respostas na minha expressão. — Mas não faço a menor ideia da razão...

Infelizmente, nem eu.

— Foi um acidente — repito. — Deixe eu me sentar.

Soltando-a, jogo meu corpo na cadeira em frente à dela e à lareira.

— Não quer beber alguma coisa? Afinal, esta casa é sua.

Há uma amargura na voz dela que decido ignorar. Não quero briga.

— Blake já me ofereceu, e eu disse que não.

Ela suspira e se vira para observar as labaredas. Nós dois fazemos isso, abortos, os dois, na dor da perda de Kit. Eu esperava um interrogatório, mas ela não parece disposta a isso, e um silêncio constrangedor se instaura. Passado algum tempo, o fogo se extingue. Eu me levanto, coloco mais dois pedaços de lenha na lareira e atijo o fogo.

— Quer que eu vá embora? — pergunto.

Ela balança a cabeça.

Então está bem.

Volto a me sentar, e ela inclina a cabeça, o cabelo caindo no rosto até ela prendê-lo atrás da orelha.

— Eu soube do furto. Você perdeu algo importante?

— Não. Só meu laptop e minhas mesas de som. Acho que quebraram o iMac.

— As pessoas são um lixo.

— São mesmo.

— O que estava fazendo na Cornualha?

— Um pouco disso, um pouco daquilo... — Estou tentando recorrer ao humor.

— Ah, isso é muito esclarecedor. — Ela revira os olhos, e tenho um vislumbre da Caroline bem-humorada que conheço. — O que estava fazendo na Cornualha?

— Fugindo de gângsteres, se quer mesmo saber.

— Gângsteres?

— Isso... E me apaixonando.

Alessia explora os armários e gavetas da cozinha, procurando algo para preparar para a janta. Ela nunca havia parado para examinar seu interior. Mas ao fazer isso, observa que todos os utensílios estão limpos e as panelas parecem novas. Suspeita que nunca foram usadas. Duas ainda estão com a etiqueta de preço. Ela encontra alguns ingredientes na despensa: massa, molho *pesto*, tomates secos, alguns potes de ervas e temperos. O bastante para preparar uma refeição, mas esses ingredientes não a inspiram. Ela dá uma olhada no relógio da cozinha. Maxim ainda vai demorar um pouco. Ela tem tempo para ir à loja mais próxima e providenciar algo mais atrativo para o seu homem.

Um sorriso bobo surge em seu rosto.

Seu homem.

Seu Mister.

No fundo do guarda-roupa, ela encontra o saco Ziploc que havia enfiado

na meia velha de rúgbi de Michal — o saco com suas preciosas economias. Ela retira duas notas de vinte libras e as guarda no bolso de trás da calça jeans, pega o casaco, liga o alarme e sai.

— Como é que é? — balbucia Caroline. — Você? Apaixonado?

— E por que isso seria tão improvável?

Observo que ela não pergunta mais nada sobre os “gângsteres”.

— Maxim, a única coisa que você ama é o seu pau.

— Isso não é verdade!

Ela ri alto. E é bom ouvi-la rir, mas não é tão bom que seja por ela estar zombando de mim. Ao perceber minha reação nem um pouco entusiasmada, ela tenta se controlar.

— Certo, então quem é a vítima? — pergunta com indulgência.

— Não precisa ser tão maldosa.

— Isso não é resposta.

Eu a encaro, e o carinho e o humor vão pouco a pouco sumindo da sua expressão.

— Quem? — insiste ela.

— Alessia.

Ela franze a testa por um segundo, e então ergue as sobrancelhas.

— Não! — diz, com um arquejo. — A sua diarista?

— Qual é o problema?

— Maxim, cacete, ela é sua diarista! — E uma nuvem escura atravessa seu rosto, uma tempestade se formando.

Eu me remexo na cadeira, irritado com a resposta.

— Bem, ela não é mais minha diarista.

— Eu sabia! Aquela vez que a encontrei. Na sua cozinha. Você estava tão esquisito e sendo todo atencioso com ela.

Ela cospe cada palavra como veneno. Está horrorizada.

— Não seja tão dramática. Você não é assim.

— *Claro* que sou.

— Desde quando?

— Desde que meu marido decidiu se matar, porra — diz ela entre os dentes, os olhos repletos de raiva.

Merda.

Ela passou dos limites. Está usando a morte de Kit no meio de uma discussão.

Engulo meu choque e minha tristeza enquanto nos encaramos, o ar pesado entre nós, com pensamentos que não ousamos dizer em voz alta.

Ela volta a atenção para o fogo, o desprezo evidente na forma como projeta o queixo.

— Pois então trepe com ela até ficar de saco cheio — resmunga.

— Acho que nunca vou me encher dela. Não quero. Estou apaixonado.

— Digo essas palavras com delicadeza, e elas pairam no ar enquanto espero a reação de Caroline.

— Você é louco.

— Por quê?

— Você sabe por quê! Ela é a sua *faxineira*, cacete.

— E isso importa?

— É claro que importa!

— Não importa, não.

— Eis a prova. Você perdeu o juízo se acha mesmo que isso não importa.

— Perdi foi meu coração.

Dou de ombros. Essa é a verdade.

— Para a empregada!

— Caro, não seja esnobe. A gente não escolhe quem ama. É o amor que nos escolhe.

— O cacete! — Ela se levanta de repente, se aproximando. — Não me venha com essa ladainha clichê. Ela não passa de uma interesseira imunda, Maxim. Você está cego?

— Cale a boca, Caroline! — Eu me levanto, furioso diante da injustiça, e

meu nariz quase toca o dela. — Você não sabe nada sobre Alessia...

— Conheço o tipo.

— De onde? De onde. Você. Conhece. O. Tipo. Dela. Lady Trevethick?
— pronuncio cada sílaba devagar, minhas palavras ecoando nas paredes azuis e nas obras de arte emolduradas.

Estou furioso.

Como ela ousa julgar Alessia? Porra. Caroline teve uma vida cheia de privilégios, assim como eu.

Ela empalidece e recua, me olhando como se eu tivesse acabado de lhe dar um tapa.

Cacete.

Amigo! Isso está saindo do controle.

Passo os dedos pelo cabelo.

— Caroline, não é o fim do mundo.

— Para mim, é.

— Por quê?

Ela me encara com um olhar ao mesmo tempo magoado e furioso. Balanço a cabeça.

— Não entendo. Por que está tão incomodada?

— E *a gente*? — pergunta ela, a voz falhando e os olhos arregalados.

— Não existe “a gente”. — Meu Deus, como ela é irritante. — Nós trepamos. Estávamos de luto. Ainda estamos. Eu enfim encontrei alguém que me faz querer ser melhor, que me faz refletir sobre a vida que eu levo e...

— Mas eu pensei... — ela me interrompe, mas sua voz some com o olhar que lhe dirijo.

— O que você pensou? Na gente? Nós dois juntos? Já passamos por isso! Já tentamos! E você escolheu meu irmão!

— Nós éramos jovens — sussurra ela. — E depois que Kit morreu...

— Não, não, não. Você não tem esse direito. Não tente fazer com que me sinta culpado. Sexo envolve duas pessoas, Caroline. Foi você quem tomou a iniciativa quando estávamos nos sentindo vazios e sofrendo com o luto.

Talvez tenha sido só uma desculpa. Não sei. Mas nós dois não combinamos. Nunca combinamos. Tivemos a nossa chance, mas você resolveu trepar com o meu irmão. Você escolheu a ele e o título dele. Não sou a porra do seu prêmio de consolação.

Ela me encara boquiaberta, horrorizada.

Cacete.

— Saia! — sussurra.

— Está me expulsando da minha própria casa?

— Seu filho da mãe! Saia daqui. Anda! — grita.

Ela pega uma taça vazia de vinho e a atira em mim. A taça bate na minha coxa e cai no chão, onde se quebra. Nos encaramos num silêncio opressivo.

Lágrimas se formam nos seus olhos.

E não aguento mais. Dou meia-volta e saio batendo a porta.

Alessia caminha apressada por uma rua secundária até o mercado que ela conhece na Royal Hospital Road. É uma noite fria, escura, e ela enfia as mãos bem fundo nos bolsos, grata pelo casaco quente que Maxim lhe comprou. Um calafrio percorre sua coluna, arrepiando todos os pelos finos na nuca.

Ela olha para trás, de repente preocupada. Mas tudo está quieto sob as luzes dos postes; ela está sozinha, exceto por uma mulher passeando com um cachorro grande do outro lado da rua. Alessia balança a cabeça, censurando-se por ter feito tempestade em copo d'água. Na Albânia, à noite, ela ficava com medo dos *djinn* — os demônios que percorrem a Terra depois do pôr do sol. Mas ela sabe que é só superstição. Ainda está nervosa depois do encontro com Dante e Ylli. Seja como for, ela apressa o passo até o fim da rua, virando a esquina em direção à Tesco Express.

A loja está mais cheia do que de costume, e ela se sente grata por haver tantos clientes explorando as seções. Pegando uma cesta de compras, ela vai até a parte de produtos naturais e começa a escolher verduras.

— Olá, Alessia. Como vai?

Demora uma fração de segundo para Alessia se dar conta de que a voz calma e conhecida está falando albanês. E demora mais uma fração de segundo para o medo tomar conta do seu coração e de sua alma.

Não! Ele está aqui!

Estou do lado de fora da Residência Trevelyan tentando me acalmar. Furioso, abotoo o casaco para me proteger do frio de fevereiro.

Isso não correu muito bem.

Fechando os punhos, enfio as mãos nos bolsos.

Estou com tanta raiva. Com raiva demais para encontrar Alessia em casa. Preciso andar um pouco para me acalmar. Dominado pelos meus pensamentos, mais do que puto, viro à direita e percorro o caminho pelo Chelsea Embankment.

Como Caroline pôde pensar que existia a possibilidade de ela e eu ficarmos juntos?

Nós nos conhecemos bem demais. Devíamos ser amigos. Ela é minha melhor amiga. E é viúva do meu irmão, droga.

Que confusão do cacete, cara.

Mas, verdade seja dita, eu não fazia ideia de que ela tinha qualquer intenção comigo além de transar de vez em quando.

Merda. Ela está com ciúmes.

De Alessia.

Cacete.

Minha cabeça está uma confusão só. Faço cara feia ao atravessar a Oakley Street e passar pela garagem da Mercedes-Benz. Nem a elegância, nem a beleza familiares da estátua do *Menino e o Golfinho* na esquina conseguem me alegrar. Minha raiva é tão sombria quanto a noite.

Alessia se vira, o coração disparado e o medo percorrendo suas veias na velocidade de um trovão. De repente, ela se sente tonta, com a boca seca. Anatoli está de pé na frente dela, invadindo seu espaço pessoal. Ele está perto. Perto demais.

— Estive procurando por você — continua ele na língua materna dos dois.

Seus lábios grossos estão contorcidos num sorriso que dá a impressão de ser casual, mas que não alcança os olhos azul-claros penetrantes. Ele a examina à procura de respostas. Seu rosto anguloso está mais magro, e os cabelos claros mais compridos do que ela se lembrava. Ele a encara de cima, enfiado no que parece um casaco italiano caro, intimidando-a como sempre.

Ela começa a tremer enquanto se pergunta como diabo ele a encontrou.

— O-o-o-olá, Anatoli — gagueja, a voz trêmula e repleta de medo.

— Você sem dúvida pode fazer melhor, *carissima*. Não vai nem dar um sorriso para o seu noivo?

Não. Não. Não.

Os pés de Alessia parecem pregados ao chão da loja enquanto uma onda de desespero atravessa seu corpo. A mente dela dispara — como pode fugir? Está cercada pelos outros clientes, mas nunca se sentiu tão aprisionada e solitária. Eles ignoram o que está acontecendo bem na sua frente.

Com delicadeza, Anatoli passa o dedo na bochecha dela, a luva encostando em seu rosto, e Alessia sente o estômago revirar.

Não me toque.

— Vim levá-la para casa — diz ele com naturalidade, como se tivessem conversado ontem mesmo.

Alessia o encara sem conseguir falar nada.

— Nenhuma palavra de carinho? Não está feliz em me ver?

Os olhos dele brilham com uma fagulha de irritação — e alguma outra coisa, algo mais sinistro. Suposições? Admiração? Um desafio aceito?

Alessia sente a bile subir na garganta, mas engole. Ele segura o braço dela na altura do cotovelo e aperta.

— Você vai vir comigo. Gastei uma pequena fortuna para localizar você. Seus pais estão arrasados com o seu desaparecimento, e seu pai me contou que você não entrou em contato com eles para que soubessem que estava sã e salva.

Alessia está confusa. Não foi isso que aconteceu. Será que ele sabe que a mãe a ajudou? Será que ela está bem? O que a mãe disse?

Ele aperta seu braço com ainda mais força.

— Você devia ter vergonha desse seu comportamento. Mas vamos cuidar

disso mais tarde. Agora, vamos pegar suas coisas. Vou levar você para casa.

Capítulo Vinte e Sete

Sigo pela Cheyne Walk a passos largos.

Foda-se. Preciso de uma bebida para me acalmar. Dou uma olhada no relógio. Alessia não me espera antes das sete. Tenho tempo. Dou a meia-volta e retorno à Oakley Street, decidindo ir ao Coopers Arms.

O vento me açoita, mas não sinto frio. Estou com raiva demais. Não consigo acreditar na reação de Caroline.

Ou talvez eu já soubesse que seria ruim.

Eu sabia? Tão ruim assim? A ponto de ela me botar para fora da casa?

Droga.

Em geral, a única pessoa que consegue me deixar com tanta raiva é minha mãe.

As duas são grandes esnobes.

Assim como eu.

Cacete.

Eu não! Não!

O que Caroline vai dizer quando eu contar que quero me casar com Alessia?

O que minha mãe vai dizer?

Case-se com alguém que tenha dinheiro, querido.

Kit escolheu bem.

Meu mau humor piora enquanto saio pisando forte noite adentro.

— Eu não vou com você — declara Alessia, a voz tremendo e entregando seu medo.

— Vamos conversar sobre isso lá fora. — Anatoli aperta o cotovelo dela até doer.

— Não! — grita Alessia e consegue se soltar dele. — Não me toque!

Ele a encara, furioso, o pescoço cada vez mais vermelho e os olhos se estreitando e se transformando em pedras afiadas de gelo.

— Por que está agindo assim?

— Você sabe por quê.

Os lábios dele se comprimem.

— Vim de muito longe atrás de você. Não vou embora de mãos vazias. Você foi prometida a mim pelo seu pai. Por que o está desonrando?

Alessia cora.

— É o homem?

— Homem?

O coração de Alessia dispara. *Ele sabe sobre Maxim?*

— Se for, eu vou matá-lo.

— Não tem homem nenhum — sussurra ela, mais que depressa, o medo começando a levar a melhor, fazendo-a mergulhar mais fundo no desespero.

— Aquela amiga da sua mãe. Ela mandou um e-mail. Disse que havia um homem.

Alessia está perplexa.

Magda?

Anatoli pega a cesta dela e segura mais uma vez seu cotovelo.

— Vamos — diz ele, levando-a em direção à porta automática e largando a cesta na pilha logo ao lado da saída.

Atordoada com o repentino aparecimento dele, Alessia se deixa ser levada para a rua.

Estou no bar tomando um Jameson. O líquido âmbar queima minha garganta, mas acalma a tempestade violenta no meu estômago.

Sou um idiota.

Um tremendo idiota.

Eu sabia que ainda pagaria o preço por ter ido para a cama com Caroline.

Putá merda.

Mas ela está certa. Eu sempre pensei com o pau. Até Alessia aparecer. Então, tudo mudou.

Para melhor.

Nunca conheci ninguém como ela, alguém que não tem nada — além do talento, da inteligência e de um rosto lindo. Imagino o que teria feito da minha vida se tivesse nascido menos privilegiado. Talvez fosse um músico sem um tostão — isso se tivesse aprendido a tocar. *Merda*. Tenho tanta coisa e não valorizo. Eu vinha levando a vida sem preocupação, recebendo tudo de mão beijada, nada me afetava, e eu fazia só o que queria. Agora, preciso trabalhar, e várias centenas de pessoas dependem de mim e das minhas decisões. É uma tarefa assustadora e uma responsabilidade gigante que preciso aceitar se quiser manter meu estilo de vida.

No meio dessa confusão, encontrei Alessia, e, num intervalo curtíssimo de tempo passei a gostar mais dela do que já gostei de alguém. Mais até do que eu gostava de mim mesmo. Eu a amo, e ela me ama e se preocupa comigo. Ela é um presente raro, uma mulher maravilhosa que precisa de mim. E eu preciso dela. Alessia é uma mulher que me faz querer ser mais.

Uma mulher que me faz querer ser um homem melhor.

Não é isso que todo mundo quer da pessoa com quem pretende passar o resto da vida?

Mas aí Caroline entra na história. Olhando desanimado para o meu copo, preciso admitir que detesto discutir com Caroline. Ela é minha melhor amiga. Sempre foi. Meu mundo parece ficar de cabeça para baixo quando brigamos. Isso já aconteceu algumas vezes, quando Kit estava aqui para mediar, mas ela nunca tinha me expulsado.

O pior é que eu pretendia lhe pedir ajuda para resolver a situação legal de Alessia. O pai de Caroline é diretor sênior no Ministério do Interior. Se há alguém que pode ajudar, é ele.

Mas isso no momento está fora de questão.

Esvazio meu copo. Caroline vai mudar de ideia.

Espero que ela mude de ideia.

Coloco o copo no balcão com força e chamo o barman. São 19h15, já está na hora de ir. Preciso voltar para a minha garota.

Anatoli aperta o cotovelo de Alessia com força enquanto a escolta pela rua de volta ao prédio de Maxim.

— Você é a empregada dele?

— Sim. — Sua resposta é entrecortada. Ela está tentando não entrar em pânico, pensando em suas opções.

E se Maxim estiver em casa?

Anatoli ameaçou matá-lo.

Pensar no que Anatoli pode fazer com Maxim é aterrorizante.

Magda deve ter escrito para a mãe dela. *Por quê?* Alessia havia implorado para que ela não fizesse isso.

Ela precisa fugir, mas sabe que ele é mais rápido.

Pense, Alessia, pense.

— Então, ele é seu patrão?

— Sim.

— Só isso?

Alessia vira a cabeça na mesma hora.

— É claro! — Seu tom é enfático.

Ele para, puxando-a com violência, e a analisa com olhos semicerrados que brilham de desconfiança sob a luz fraca dos postes.

— Ele não pegou o que é meu, certo?

Alessia precisa de um momento para entender do que ele está falando.

— Não — responde ela depressa, sem ar, corando tanto que suas bochechas ficam quentes apesar do ar frio de Londres em fevereiro.

Anatoli faz que sim com a cabeça, como se aceitasse sua resposta, e ela sente um alívio momentâneo.

Ele entra no apartamento logo atrás dela. O alarme faz barulho, e Alessia agradece mentalmente por Maxim não ter voltado. Anatoli olha ao redor. Pelo canto do olho, ela o vê levantar as sobrancelhas. Ele está impressionado.

— Esse homem tem dinheiro? — sussurra ele.

Ela não sabe se a pergunta é para ela ou não.

— E você vive aqui?

— Sim.

— Onde você dorme?

— Naquele quarto. — Alessia aponta para a porta do quarto de hóspedes.

— Onde ele dorme?

Ela inclina a cabeça em direção à porta do quarto principal. Anatoli a abre e entra. Alessia fica no corredor, paralisada de pânico. Será que consegue fugir? Mas ele retorna instantes depois com a lata de lixo.

— E isto? — rosna.

Alessia consegue forjar uma expressão de nojo, torcendo o nariz para a camisinha no lixo. Ela dá de ombros, tentando desesperadamente parecer indiferente.

— Ele tem uma namorada. Os dois saíram tem um tempo.

Ele coloca a lata no chão, parecendo satisfeito com a resposta.

— Pegue suas coisas. O carro está lá fora.

Ela fica imóvel, o coração disparado.

— Vá. Agora. Não quero esperar que ele volte. Não quero fazer cena. — Ele abre o casaco, enfia a mão na parte interna e tira dali uma pistola. — Estou falando sério.

Alessia empalidece ao ver a arma, e o pânico enfraquece sua respiração. Ele vai matar Maxim, disso ela não tem a menor dúvida. Sua cabeça começa a girar. Em silêncio, ela pede ao Deus da avó que mantenha Maxim longe do apartamento.

— Vim aqui resgatar você. Não sei por que está aqui. Podemos conversar sobre isso mais tarde. Mas agora quero que você arrume suas coisas. Estamos partindo.

O destino dela está selado. Ela vai embora com Anatoli. Precisa ir, é o jeito de proteger o homem que ama. Não tem opção. Como ela pensou que ia escapar do *besa* do pai?

Lágrimas de uma raiva impotente se formam nos olhos de Alessia enquanto ela se dirige ao quarto de hóspedes. Arruma as coisas em silêncio e com eficiência, as mãos trêmulas enquanto a fúria e o horror travam uma batalha dentro dela. Alessia quer partir antes de Maxim voltar. Precisa ser assim. Para protegê-lo.

Anatoli aparece na porta. Seus olhos vasculham o quarto vazio e se detêm nela.

— Você está muito... diferente. Ocidental. Eu gosto.

Alessia não diz nada enquanto fecha a mala, mas por alguma razão agradece por não ter tirado o casaco.

— Não sei por que está chorando. — Ele parece genuinamente perplexo.

— Eu gosto da Inglaterra. Queria ficar. Fui feliz aqui.

— Você já se divertiu bastante. Está na hora de voltar para casa e aceitar suas responsabilidades, *carissima*.

Enfiando a arma no bolso do sobretudo, ele pega a mala dela.

— Tenho que deixar um bilhete — fala ela, sem pensar.

— Por quê?

— Porque é o certo a fazer. Meu patrão vai ficar preocupado. Ele foi bom para mim. — Ela quase engasga com essas palavras.

Anatoli olha para Alessia, que não faz ideia do que ele está pensando. Talvez esteja realmente considerando o que ela acabou de dizer.

— Certo — acaba dizendo Anatoli.

Ele a segue até a cozinha, onde há um bloco e uma caneta ao lado do telefone. Alessia escreve apressada, escolhendo as palavras com cuidado na esperança de que Maxim entenda a mensagem nas entrelinhas. Ela não sabe se Anatoli fala ou lê bem em inglês. Não pode arriscar — não pode escrever o que quer dizer de verdade.

Obrigada por me proteger.

Obrigada por me mostrar o que é o amor.

Mas não posso fugir do meu destino.

Eu te amo. Eu te amarei para sempre. Até o dia em que eu morrer.

Maxim. Meu amor.

— O que diz aí?

Ela lhe mostra e o observa analisar as palavras. Ele balança a cabeça afirmativamente.

— Bom. Vamos.

Ela apoia as chaves novas em cima do bloco. Tinham sido suas apenas por algumas preciosas horas.

É uma noite silenciosa e fria, e uma camada de gelo começa a se formar, sua alvura brilhando sob a luz dos postes. Quando viro a esquina, a rua está quieta, exceto por um homem à distância que fecha a porta de um Mercedes preto, estacionado em frente ao meu prédio.

— Maxim!

Eu me viro e vejo Caroline correndo na minha direção.

Caroline? Mas que diabo?

Há algo no homem do Mercedes que atrai minha atenção. A cena é estranha, porque ele está dando a volta até o lado do passageiro. Algo está errado. Tem algo que eu não estou percebendo. Meus sentidos de repente estão completamente alertas: consigo ouvir com nitidez o ruído dos saltos de Caroline à medida que ela se aproxima, sinto o cheiro do inverno e do Tâmisa na brisa gelada, e aperto os olhos para tentar enxergar a placa do carro. Mesmo à distância, vejo que é de outro país.

O homem abre o que deve ser a porta do motorista.

— Maxim! — Caroline me chama outra vez.

Eu me viro e ela corre até mim, agarrando meu pescoço com tanta força que preciso abraçá-la para nos equilibrarmos e não cairmos no chão.

— Me desculpe. — Ela soluça.

Eu não digo nada, minha atenção de novo no carro. O motorista entra e bate a porta enquanto Caroline continua se desculpando, mas a ignoro enquanto a seta começa a piscar e o carro se afasta do meio-fio e vai na direção da luz do poste.

E é então que vejo. A pequena bandeira vermelha e preta da Albânia na placa.

Alessia ouve alguém gritar o nome de Maxim mais adiante na rua. Ela se vira no banco do passageiro quando Anatoli abre a porta do motorista. Maxim está de pé no final do quarteirão — e uma mulher de cabelo claro corre para os seus braços, abraçando-o.

Quem é ela?

Ele aninha a cabeça da mulher.

Não!

Ele segura sua cintura.

E ela se lembra — a mulher usando a camisa dele na cozinha.

Alessia, esta é minha amiga e cunhada, Caroline.

Anatoli bate a porta, fazendo Alessia se sobressaltar e olhar para a frente.

A cunhada dele? Sua cunhada casada — e o irmão dele está morto.

Caroline é a viúva.

Alessia engole um soluço.

Era onde ele estava. Com Caroline. E agora eles estão abraçados na rua. A sensação de traição é ágil e cruel, partindo Alessia em pedacinhos minúsculos e estilhaçando sua autoconfiança — e a confiança que tinha nele.

Nele. Seu Mister.

Uma lágrima desce em seu rosto enquanto Anatoli liga o carro. Ele manobra sem pressa para sair da vaga e se afasta da única felicidade que Alessia já conheceu.

— Cacete! — eu grito, um terror sinistro e mortal nas minhas entranhas.

Caroline se assusta.

— O que foi?

— Alessia!

Abandonando Caroline, corro pela rua, mas só consigo ver o carro desaparecendo ao longe.

— Merda. Merda. Merda. De novo não!

Agarro meu cabelo com ambas as mãos, me sentindo impotente. Completamente impotente.

— Maxim, o que foi?

Caroline agora está do meu lado, em frente à entrada do prédio.

— Eles a pegaram!

Tateio em busca das chaves da porta da frente.

— Quem? Do que você está falando?

— Alessia.

Entro correndo sem sequer pegar o elevador. Deixo Caroline ao pé da escada e subo os seis andares até meu apartamento. Quando destranco a porta, o alarme apita, confirmando meu pior receio.

Alessia não está aqui.

Desligo o alarme e fico escutando, na esperança de estar errado. É claro que não ouço nada além do vento fazendo a claraboia do corredor chacoalhar na moldura e do sangue pulsando em meus ouvidos.

Correndo feito um louco, percorro cada cômodo, minha imaginação descontrolada. Eles a pegaram. Eles a pegaram outra vez. Minha mulher linda e corajosa. O que aqueles monstros vão fazer com ela? Suas roupas não estão no meu quarto. Nem no de hóspedes...

Na cozinha, encontro suas chaves e o bilhete.

Mister Maxim.

O homem a quem fui prometida está aqui para me levar de volta à minha casa na Albânia.

Obrigada por tudo.

Alessia

— Não! — eu grito, dominado pelo desespero.

Pego o celular e o atiro na parede. Ele se quebra em vários pedaços, e eu caio no chão com as mãos na cabeça.

Pela segunda vez na mesma semana, tenho vontade de chorar.

Capítulo Vinte e Oito

— Maxim, que porra está acontecendo?

Afasto as mãos da cabeça e Caroline está parada na porta. Está com uma aparência péssima, como se tivesse enfrentado uma ventania, porém mais calma do que alguns minutos atrás.

— Ele a levou. — Minha voz sai rouca enquanto me esforço para controlar a raiva e o desespero.

— Quem?

— O noivo dela.

— Alessia tem um noivo?

— É complicado.

Ela cruza os braços e franze a testa, parecendo genuinamente preocupada.

— Você parece arrasado.

Lanço um olhar furioso para ela.

— E estou. — Eu me levanto devagar. — Acho que a mulher com quem pretendo me casar acaba de ser sequestrada.

— Casar?

Caroline fica pálida.

— Sim. Casar, porra! — Minha voz ressoa nas paredes e nos encaramos intensamente, as palavras pairando entre nós cheias de arrependimento e recriminação.

Caroline fecha os olhos e arruma o cabelo atrás da orelha. Quando me encara outra vez, seus olhos azuis estão determinados.

— Bom, então é melhor ir atrás dela — diz.

Alessia está com o olhar vidrado na janela do carro, afogada em lágrimas que não param de cair. Elas escorrem livres, a dor encobrindo sua tristeza.

Maxim e Caroline.

Caroline e Maxim.

O que ela viveu com ele era tudo mentira?

Não! Não pode pensar isso. Ele disse que a amava e ela acreditou. Ainda quer acreditar nele, mas é claro que isso não importa. Nunca mais vai vê-lo.

— Por que está chorando? — pergunta Anatoli, mas ela o ignora. Não se importa com o que fizerem com ela agora. Seu coração está despedaçado, e ela sabe que nunca vai se curar. Ele liga o rádio e uma música pop animada ressoa pelos alto-falantes, abalando os nervos de Alessia. Ela desconfia que ele tenha feito isso para se distrair dos soluços abafados. Anatoli abaixa o volume e lhe entrega uma caixa de lenços. — Aqui. Seque os olhos. Chega dessa bobagem, ou vou arranjar um motivo para você chorar.

Ela pega um chumaço de lenços e continua olhando pela janela, indiferente. Nem sequer consegue encará-lo.

Sabe que vai morrer nas suas mãos.

E não há nada que possa fazer.

Talvez consiga fugir. Na Europa. Talvez possa escolher como morrer...

Alessia fecha os olhos e mergulha em sua própria versão do inferno.

— Ir atrás dela? — pergunto, a mente a mil por hora.

— Sim — diz Caroline, enfática. — Mas preciso perguntar: o que faz você pensar que foi sequestro?

— O bilhete dela.

— Bilhete?

— Aqui.

Entrego a ela o pedaço de papel amassado e me viro, esfregando o rosto, tentando organizar meus pensamentos embaralhados.

Para onde ele vai levá-la?

Será que ela foi por vontade própria?

Não. Ela sentia repulsa pelo sujeito.

Ele tentou quebrar os dedos dela, cacete!

Deve tê-la forçado a ir.

Como foi que a encontrou?

— Maxim, este bilhete não passa a impressão de que ela foi sequestrada. Será que ela não decidiu ir para casa?

— Caro, ela não foi embora de boa vontade. Confie em mim.

Preciso trazê-la de volta.

Merda.

Passo por Caroline e sigo para a sala.

— Puta que pariu!

— O que foi agora?

— Não tenho nenhum computador funcionando, porra!

— Preciso do seu passaporte — diz Anatoli enquanto eles percorrem as ruas de Londres.

— Como assim?

— Estamos indo para o trem do Eurotúnel. Preciso do seu passaporte.

Eurotúnel. Não!

Alessia engole em seco. Aquilo é real. Está acontecendo. Ele a está levando de volta para a Albânia.

— Eu não tenho passaporte.

— O que quer dizer com isso?

Ela o encara.

— Por quê, Alessia? Me diga! Você se esqueceu de trazer? Não estou entendendo.

Ele franze a testa.

— Eu fui trazida clandestinamente para a Inglaterra por uns homens que levaram meu passaporte.

— Clandestinamente? Homens? — Ele cerra a mandíbula, e um músculo se contorce em seu rosto. — O que está acontecendo?

Ela está cansada e destruída demais para explicar.

— Eu não tenho passaporte.

— Puta que pariu!

Anatoli bate no volante com a palma da mão. Alessia se encolhe com o barulho.

* * *

— ALESSIA, ACORDE.

Alguma coisa mudou. Ela está confusa.

Maxim?

Ela abre os olhos e seu coração afunda ainda mais no inferno. Ela está com Anatoli no carro, no acostamento da estrada. Está escuro, mas, pelo brilho dos faróis, ela percebe que estão em uma estrada rural cercada por campos congelados.

— Saia do carro — diz ele.

Alessia o encara, e um broto de esperança floresce em seu peito.

Ele vai deixá-la ali. Ela pode voltar andando. Já fez isso uma vez.

— Saia — diz ele com mais agressividade.

Ele abre a porta do carro, sai e dá a volta até a porta dela, abrindo-a por completo. Segurando a mão de Alessia, ele a puxa para fora do banco e a leva para a parte de trás do carro, onde abre o porta-malas, que está vazio, exceto por uma mala pequena com rodinhas e a bagagem dela.

— Você vai entrar aqui.

— Como assim? Não!

— Não temos escolha. Você não tem passaporte. Entre.

— Por favor, Anatoli. Eu odeio o escuro. Por favor.

Ele franze a testa.

— Entre ou coloco você aí dentro.

— Anatoli. Por favor. Não. Eu não gosto do escuro!

Ele é rápido e a pega no colo, jogando-a no porta-malas e fechando-o antes que Alessia possa resistir.

— Não!

Lá dentro está um breu. Ela começa a chutar e a gritar, a escuridão

penetrando seus pulmões, sufocando-a como o saco plástico preto usado na última vez que atravessou o canal.

Ela não consegue respirar. Ela não consegue respirar. Ela grita.

O escuro, não. Não. O escuro, não. Odeio o escuro.

Segundos depois, o porta-malas se abre e uma luz ofuscante atinge o rosto dela. Alessia pisca.

— Aqui. Pegue isto. — Anatoli lhe entrega uma lanterna. — Não sei quanto tempo a bateria vai durar. Mas não temos escolha. Quando chegarmos no trem eu abro o porta-malas.

Atordoada, Alessia pega a lanterna e a abraça. Ele posiciona a mala dela para que Alessia possa usá-la como travesseiro, depois tira o sobretudo e a cobre.

— Você pode ficar com frio. Não sei se o aquecimento funciona aí. Volte a dormir. E fique quieta.

Ele lança um olhar sério para ela e fecha o porta-malas mais uma vez.

Alessia agarra a lanterna e aperta a vista, tentando regular a respiração enquanto o carro começa a se mover. Na sua cabeça, começa a tocar repetidamente o “Prelúdio N° 6 em Ré Menor”, de Bach — as cores piscando em tons brilhantes de azul e turquesa —, e ela flexiona os dedos, tocando cada nota na lanterna.

* * *

ALESSIA É ACORDADA com um chacoalhão. Olha, sonolenta, para Anatoli, que paira sobre ela segurando a maçaneta do porta-malas. Sua respiração forma uma nuvem ao redor dele, iluminada pela única luz do estacionamento. Seu rosto está sério e pálido.

— Por que demorou tanto para acordar? Achei que estivesse inconsciente!

Ele parece aliviado.

Aliviado?

— Vamos passar a noite aqui — diz ele.

Alessia pisca, aconchegando-se no casaco. Está frio. Ela está zonda de tanto chorar. Os olhos estão inchados. E ela não quer passar a noite com ele.

— Saia — dispara ele, estendendo a mão.

Suspirando, Alessia se senta. O vento frio gira em volta dela, espalhando o

cabelo em seu rosto. Ela sai do carro com dificuldade, recusando a ajuda de Anatoli. Não quer que ele encoste nela. Ele passa por Alessia para pegar o casaco e o veste. Pega a própria mala e entrega a Alessia a com as roupas dela antes de fechar o compartimento. O estacionamento está deserto, exceto por dois outros carros. Não muito longe, há um prédio pequeno e baixo que Alessia imagina ser um hotel.

— Venha comigo.

Ele caminha depressa em direção à entrada. Com calma, Alessia coloca a mala no chão, se vira e corre.

Olho fixo para o teto, a mente revirando todos os planos que fiz desde que Alessia foi levada. Amanhã vou pegar um voo para a Albânia com Tom. Infelizmente, o pedido foi feito muito em cima da hora para conseguirmos um jato particular, então vamos em um voo comercial. Graças a Magda, temos o endereço dos pais de Alessia. Foi também graças a ela que o noivo de Alessia a encontrou. Mas não me prenda muito nisso, porque essa parte me deixa completamente furioso.

Calma, cara.

Vamos pegar um carro até Tirana e passar a noite lá no hotel Plaza. Tom providenciou um encontro com o tradutor que vai nos acompanhar a Kukës no dia seguinte.

E vamos ficar lá pelo tempo que for preciso. Vamos esperar por Alessia e seu captor.

Já não é a primeira vez na noite que me arrependo de não ter comprado aquele telefone para ela. É muito frustrante não poder me comunicar.

Espero que ela esteja bem.

Fecho os olhos, imaginando horríveis desfechos.

Minha doce menina.

Minha doce Alessia.

Estou indo buscar você. Estou aqui.

Eu te amo.

Alessia adentra o escuro às cegas, impulsionada pela adrenalina. Ela corre pelo asfalto e depois pela grama alta. Logo atrás, ouve um grito. É ele. Escuta os passos dele no chão congelado. Chegando perto.

Mais perto ainda.

Então silêncio.

Ele está na grama.

Não.

Ela corre mais rápido, esperando que seus pés a levem para longe dele. Mas ele a agarra, e ela começa a cair. *E cair*. É jogada no chão com tanta força que arranha o rosto na grama congelada. Anatoli está deitado nas costas dela, ofegante.

— Sua vadia idiota. Onde acha que vai a essa hora? — sibila ele em seu ouvido.

Ele se ajoelha e a arrasta até colocá-la deitada de costas, então monta em cima dela. Dá um tapa com força em seu rosto, jogando sua cabeça para o lado. Ele se inclina em cima dela, coloca a mão em seu pescoço e aperta.

Vai matá-la.

Ela não resiste.

Ela o encara. Seus olhos nos dele. No tom frio de azul, ela vê a escuridão do coração dele. O ódio. A raiva. A inadequação. A mão dele aperta mais, sufocando a vida dela. Alessia sente a cabeça rodar. Ela ergue a mão e segura o braço dele.

É assim que vou morrer...

Ela vê seu fim. Aqui. Em algum lugar na França, nas mãos daquele homem violento. Ela quer isso. Aceita. Não quer levar a vida com medo, como a mãe.

— Me mate — murmura ela.

Anatoli grunhe algo incompreensível — e então a solta.

Alessia respira fundo e leva as mãos ao pescoço, tossindo e cuspidando, dominada pelo próprio corpo, lutando pela vida, puxando aquele ar precioso capaz de revivê-la.

Ela ofega.

— É por isso que não quero me casar com você.

A voz dela sai rouca e fraca, forçando o som pela laringe ferida.

Anatoli agarra a mandíbula dela e a encara de forma ameaçadora, intimidando-a, o rosto perto o suficiente para ela sentir seu hálito quente na bochecha.

— Uma mulher é um saco feito para resistir — rosna ele, com um brilho cruel nos olhos.

Alessia olha para ele, as lágrimas quentes inundando as laterais do rosto e empoçando seus ouvidos. Não tinha se dado conta de que estava chorando. Ele está citando o antigo Kanun de Lek Dukagjini, o código feudal primitivo que governou as tribos das montanhas no norte e no leste do seu país por séculos. O legado sobrevive. Anatoli se empertiga.

— Prefiro morrer a ficar com você. — A voz dela sai impassível.

Ele franze a testa, perplexo.

— Não seja ridícula. — Ele se ergue devagar, ficando acima dela. — Levante-se.

Alessia tosse mais uma vez e cambaleia dolorosamente até ficar de pé. Ele aperta o cotovelo dela e a leva de volta para perto da mala abandonada no estacionamento. Ele recolhe a bolsa e depois apanha a própria bagagem vários passos adiante.

Anatoli faz o check-in depressa. Alessia fica mais para trás enquanto ele entrega o passaporte e o cartão de crédito. Fala um francês fluente. Ela está cansada e dolorida demais para se surpreender.

A suíte espartana tem dois ambientes principais. A sala tem móveis cinza-escuro e uma cozinha pequena ao lado. A parede atrás do sofá é pintada com listras alegres e desencontradas. Pela porta aberta mais além, Alessia vê duas camas de casal. Suspira de alívio. Duas camas. Não uma. Duas.

Anatoli larga a mala dela no chão, arranca o casaco e o joga no sofá. Alessia o observa, ouvindo a própria pulsação forte nos ouvidos. No silêncio da sala, esse som é ensurdecedor.

E agora? O que ele vai fazer?

— Seu rosto está um horror. Vá se limpar.

Anatoli aponta para o banheiro.

— E de quem é a culpa? — dispara Alessia.

Ele a encara e, pela primeira vez, ela percebe seus olhos avermelhados e

sua pele pálida. Ele parece exausto.

— Ande logo.

Até a voz dele parece exausta. Ela segue para o quarto, depois para o banheiro, batendo a porta com tanta força que o estrondo a faz pular.

O banheiro é pequeno e sujo, mas no brilho insípido da luz acima do espelho Alessia vê o próprio reflexo e leva um susto. Um lado do rosto está vermelho por causa do tapa que levou, e o outro tem um arranhão causado pela queda. Ao redor do pescoço, há marcas vermelhas intensas na forma dos dedos dele. Amanhã serão hematomas. Mas o que a impressiona mais são os olhos sem vida encarando-a de volta, sob as pálpebras inchadas.

Ela já está morta.

Com movimentos rápidos e automáticos, lava o rosto, estremecendo quando a água ensaboada toca o arranhão. Depois usa uma toalha para se secar.

Quando volta para a sala, Anatoli pendurou o casaco dele e está vasculhando o frigobar.

— Está com fome? — pergunta.

Ela balança a cabeça.

Ele serve uma bebida — uísque, pensa ela — e bebe o copo todo em um só gole, fechando os olhos de satisfação. Quando olha para ela de novo, parece mais calmo.

— Tire o casaco.

Alessia não se mexe.

Ele aperta a ponte do nariz.

— Alessia, não quero brigar com você. Estou cansado. Está quente aqui. Amanhã vamos voltar para o frio. Por favor, tire o casaco.

Com relutância, ela tira o casaco enquanto Anatoli a observa, deixando-a constrangida.

— Gosto de você de calça jeans — diz, mas Alessia não consegue olhar para ele. Ela se sente uma ovelha premiada em um leilão enquanto ele a avalia. Ela ouve o tilintar de garrafas, mas desta vez Anatoli pega uma Perrier na geladeira. — Aqui, você deve estar com sede.

Ele serve em um copo e oferece a ela. Depois de um instante de

hesitação, ela pega o copo e bebe.

— É quase meia-noite. Devíamos dormir.

Os olhos de Alessia encontram os dele, e ele sorri.

— Ah, *carissima*, eu devia torná-la minha, depois do que você aprontou lá fora.

Ele segura seu queixo e Alessia se encolhe enquanto os dedos dele roçam sua pele.

Não toque em mim.

— Você é tão linda — murmura ele, como se falasse sozinho. — Mas não tenho energia para lutar com você. E acho que seria uma luta. Certo?

Ela fecha os olhos, contendo a onda de repulsa que revira seu estômago. Anatoli ri e seus lábios roçam a testa de Alessia, em um beijo suave.

— Você vai aprender a me amar — sussurra ele.

Depois pega as malas dos dois e as leva para o quarto.

Nunca.

O homem está delirando.

O coração dela pertence a outro. Sempre vai ser de Maxim.

— Vá vestir suas roupas de dormir — diz ele.

Ela balança a cabeça.

— Vou dormir assim.

Ela não confia nele.

Anatoli inclina a cabeça, a expressão severa.

— Não. Tire essa roupa. Você não vai fugir se estiver nua.

— Não.

Ela cruza os braços.

— Não, você não vai correr? Ou não, você não vai tirar a roupa?

— As duas coisas.

Ele bufa, frustrado e cansado.

— Não acredito em você. Mas também não entendo por que está fugindo.

— Porque você é um homem raivoso e violento, Anatoli. Por que eu ia

querer passar a vida com você? — A voz dela não transmite qualquer emoção.

Ele dá de ombros.

— Não tenho energia para essa conversa. Vá para a cama.

Aproveitando o momento, antes que ele mude de ideia, ela entra no quarto. Lá, tira as botas e se encolhe na cama mais distante, virando de costas para ele.

Ouve enquanto ele se mexe pelo quarto, tirando e dobrando as roupas. Sua ansiedade aumenta a cada movimento e som. Depois de uma eternidade, há a batida suave dos passos dele, se aproximando da cama em que ela está. Ele para ao seu lado, a respiração entrecortada, e Alessia sente aqueles olhos fixos nela. Passando por todo o seu corpo. Ela fecha bem os olhos, fingindo dormir.

Ele estala os lábios, ela ouve o farfalhar dos lençóis e dos cobertores e, para sua surpresa, ele coloca um cobertor em cima dela. Ele apaga a luz, mergulhando o quarto na escuridão, e a cama se afunda quando ele se deita.

Não! Era para ele estar na outra cama.

Ela enrijece, mas ele está debaixo das cobertas, enquanto ela está em cima. Anatoli coloca o braço em volta dela e se aproxima.

— Vou saber se você sair da cama — diz ele, beijando seu cabelo.

Alessia se encolhe e agarra a pequena cruz de ouro no pescoço.

A respiração regular dele logo lhe avisa que está dormindo.

Alessia olha para a escuridão que tanto teme e deseja ser engolida por ela. Suas lágrimas se recusam a cair. Já chorou tudo o que tinha para chorar.

O que será que Maxim está fazendo?

Será que está sentindo minha falta?

Será que está com Caroline?

Alessia a imagina nos braços de Maxim enquanto ele a abraça e sente vontade de gritar.

* * *

ALESSIA ESTÁ COM calor, e tem alguém murmurando ao fundo. Ela abre um dos olhos momentaneamente, desorientada quanto a onde pode estar.

Não. Não. Não.

É dominada pelo medo e fica desesperada ao lembrar.

Anatoli.

Ele está ao telefone no outro cômodo. Alessia se senta e escuta.

— Ela está bem... Não. Longe disso... Está resistindo a voltar para casa. Não entendo. — Ele está falando com alguém em albanês e parece confuso e chateado. — Não sei... talvez... havia um homem. O patrão dela. O que foi mencionado no e-mail.

Está falando sobre Maxim!

— Ela diz que é só a faxineira dele, mas não sei, Jak.

Jak! Ele está falando com meu pai!

— Eu amo tanto ela. Ela é tão linda.

O quê? Ele não sabe o significado da palavra “amor”!

— Ela ainda não me contou. Mas também quero saber. Por que ela iria embora? — A voz dele embarga. Está emocionado.

Eu fui embora por sua causa!

Foi embora para se afastar o máximo possível dele.

— Sim. Vou levá-la de volta para você. Vou cuidar para que fique sã e salva.

Alessia coloca as mãos no pescoço ainda dolorido.

Ah, é? Sã e salva?

Ele é um mentiroso.

— Ela está segura comigo.

Rá! Alessia quase tem vontade de rir da suprema ironia daquela afirmação.

— Amanhã à noite... Sim... Tchau. — Ela o ouve andar pelo quarto e, de repente, ele aparece na porta só de calça e camiseta. — Você está acordada?

— Infelizmente, parece que sim.

Ele lança um olhar estranho para ela e decide ignorar o comentário.

— Tem café da manhã para você aqui.

— Não estou com fome.

Alessia se sente desafiadora e ousada. Ela não se importa mais. Agora que Maxim está fora de perigo, pode se comportar como quiser.

Anatoli esfrega o queixo e olha para ela, pensativo.

— Fique à vontade — diz ele. — Saímos em vinte minutos. Temos um longo caminho pela frente.

— Não vou com você.

Ele revira os olhos.

— *Carissima*, você não tem escolha. Não dificulte isso para nós dois. Não quer ver seu pai e sua mãe?

Mamãe.

As sobrancelhas dele se erguem um milímetro. Ele notou a fresta na armadura dela e, sentindo a vitória, parte para o golpe final.

— Ela está com saudade.

Alessia se levanta da cama e, mal-humorada, agarra a mala. Passando o mais longe possível dele, vai até o banheiro tomar banho e trocar de roupa.

Embaixo do chuveiro, uma ideia começa a se formar em sua cabeça.

Está com dinheiro. Talvez *deva* ir para a Albânia. Lá pode fazer um novo passaporte, conseguir um visto e voltar para a Inglaterra.

Talvez eu devesse ficar viva.

E enquanto seca o cabelo com a toalha, ela sente um novo propósito.

Vai voltar para Maxim. E ver com os próprios olhos. Ver se tudo o que viveram foi ou não uma mentira.

Capítulo Vinte e Nove

Alessia cochila no banco da frente. Eles seguem por uma via expressa, viajando rápido demais. Estão no carro há horas, passando por França, Bélgica, e agora ela acha que se encontram em algum lugar na Alemanha. É um dia frio e úmido de inverno, e a paisagem é plana e triste, refletindo o humor de Alessia. Não. Ela se sente pior do que triste — está desolada.

Anatoli parece decidido a chegar à Albânia o mais rápido possível. No momento, está ouvindo um talk show alemão no rádio, que Alessia não entende. A monotonia das vozes, o ruído constante da estrada e a paisagem sombria entorpecem seus sentidos. Ela quer dormir. Enquanto dorme, sua angústia vira um zumbido, como a estática no rádio. Não é como a dor lancinante que rasga seu coração quando ela está consciente.

Ela volta a pensar em Maxim.

E a dor aumenta.

Pare. É dor demais.

Com os olhos cansados, ela examina o seu “prometido”. O rosto dele está sério e concentrado enquanto o Mercedes percorre os quilômetros. Ele tem a pele clara, traindo as raízes do norte da Itália. O nariz é reto, os lábios, cheios, e o cabelo louro, incomum na cidade dela, está comprido e desalinhado. Alessia pode olhar para ele de longe e considerá-lo um homem bonito. Mas aqueles lábios têm um toque cruel, e os olhos são penetrantes e frios quando ele a encara com raiva.

Ela se lembra de quando o conheceu. De como ele foi encantador. O pai de Alessia lhe dissera que Anatoli era um homem de negócios internacional. Durante o primeiro encontro dos dois, ele pareceu muito elegante e inteligente. Era viajado, e ela ficara encantada ao ouvir suas histórias sobre a Croácia, a Itália e a Grécia, aqueles lugares distantes. Havia ficado encabulada, mas satisfeita pelo pai ter escolhido um homem tão erudito.

Mal sabia ela.

Depois de sair com ele algumas vezes, começou a ver relances do homem que ele realmente era. A raiva irracional que sentia das crianças locais, que cercavam seu carro curiosas quando ele vinha visitar, o temperamento quando discutia com o pai dela sobre política e a admiração debochada que

demonstrou quando viu o pai xingar a esposa por derramar um pouco de *raki*. Os sinais estavam lá, e ele também repreendeu Alessia algumas vezes, mas sua verdadeira natureza tinha sido contida pela etiqueta social.

Foi no casamento de um dignitário local, no qual Alessia tocou piano, que Anatoli por fim revelou seu lado sombrio. Dois rapazes, que ela conhecera na escola, continuaram por perto depois que ela terminou de tocar. Eles flertaram com Alessia até que Anatoli a levou para uma sala lateral, para longe deles, afastada da festa. Secretamente emocionada, Alessia chegou a pensar que ele queria roubar um beijo, já que era a primeira vez que ficavam sozinhos juntos. Mas não. Anatoli estava furioso. Estapeou com força o rosto dela, duas vezes. Foi um choque, embora morar com o pai a tivesse preparado para agressão física.

Na segunda vez que aconteceu, ela estava na escola. Um rapaz veio lhe fazer umas perguntas depois do recital. Anatoli o expulsou e a arrastou para o vestiário. Lá, bateu nela algumas vezes, agarrou suas mãos e puxou os dedos para trás, ameaçando quebrá-los se a pegasse flertando outra vez. Ela implorou que ele parasse e felizmente ele obedeceu, mas a empurrou no chão e a deixou chorando, sozinha.

Na primeira vez, ela manteve o ataque em segredo. Ela o desculpou. Foi um caso isolado. Havia se comportado mal. Tinha encorajado os rapazes ao sorrir para eles.

Na segunda vez, Alessia ficou arrasada.

Achou que talvez pudesse quebrar o ciclo de violência que assolava a mãe, mas foi justamente a mãe que a encontrou deitada no chão, curvada, chorando e tremendo.

Não quero que você viva com um homem violento.

As duas choraram juntas.

E a mãe dela agiu.

Mas foi tudo a troco de nada.

Agora ali estava ela... com *ele*.

Anatoli olha de lado para ela.

— Que foi?

Alessia desvia o olhar, ignorando-o, e olha fixo pela janela.

— Precisamos parar. Estou com fome e você não comeu — diz ele.

Ela continua ignorando-o, embora sinta a fome contorcer seu estômago, lembrando-a da caminhada de seis dias até Brentford.

— Alessia! — grita ele, fazendo-a pular.

Então ela se vira para ele.

— O quê?

— Estou falando com você.

Ela dá de ombros.

— Você me sequestrou. Não quero estar com você, e ainda quer conversar?

— Não sabia que você conseguia ser tão desagradável — murmura Anatoli.

— Estou só começando.

A boca de Anatoli se contorce e, para surpresa de Alessia, ele parece estar se divertindo.

— Uma coisa posso dizer a seu respeito, *carissima*: você não é chata. — Ele liga a seta, e eles pegam uma saída na rodovia principal perto de um posto de gasolina. — Tem um café aqui. Vamos comer alguma coisa.

* * *

ANATOLI COLOCA UMA bandeja com café preto, vários sachês de açúcar, uma garrafa de água e uma baguete de queijo na frente dela.

— Não acredito que *eu* estou servindo você — resmunga ele e se senta. — Coma.

— Bem-vindo ao século XXI — retruca Alessia, cruzando os braços em um gesto de desafio.

Ele cerra a mandíbula.

— Não vou dizer de novo.

— Ah, faça o pior que puder, Anatoli. Eu não vou comer. Você comprou, você come — diz ela, ignorando o estômago roncando.

Os olhos dele brilham de surpresa, mas ele aperta os lábios, e Alessia suspeita que Anatoli esteja tentando não sorrir. Ele suspira, pega a baguete dela e dá uma grande e dramática mordida. Com a boca cheia, parece ao mesmo tempo absurda e ridiculamente satisfeito consigo mesmo, tanto que

Alessia deixa escapar uma risada involuntária.

Anatoli sorri, um sorriso de verdade, que vai até os olhos — olhos que se fixam calorosos nela, e ele não tenta mais esconder que está se divertindo.

— Aqui — diz ele, entregando a ela o restante da baguete.

O estômago dela escolhe aquele momento para roncar e, ao ouvir isso, o sorriso dele aumenta. Ela olha para a baguete, depois para ele, e suspira. Está com muita fome. Contrariada, aceita o pão e começa a comer.

— Assim é melhor — diz ele, comendo o que pediu para si.

— Onde estamos? — pergunta Alessia depois de algumas mordidas.

— Acabamos de passar por Frankfurt.

— Quando chegamos à Albânia?

— Amanhã. Espero estar em casa amanhã à tarde.

Os dois comem o resto da comida em silêncio.

— Termine. Quero ir. Precisa usar o banheiro?

Anatoli está de pé acima dela, ansioso para seguir em frente. Alessia toma o café sem açúcar.

Como faria Maxim.

É amargo, mas ela bebe tudo assim mesmo e pega a garrafa d'água. O posto de gasolina, com um estacionamento amplo e o cheiro de fumaça de diesel, é assombrosamente familiar e lembra a viagem que ela fez com Maxim. Mas a diferença é que ela queria estar com Maxim. Alessia sente um aperto no peito. Está ficando cada vez mais longe dele.

Estou sentado na sala da classe executiva da British Airways, no aeroporto de Gatwick, esperando o voo da tarde para Tirana. Tom folheia uma edição do *Times* e bebe uma taça de champanhe enquanto me perco em pensamentos. Estou sofrendo de ansiedade desde que Alessia foi tirada de mim.

Talvez ela tenha ido por vontade própria.

Talvez tenha mudado de ideia sobre nós dois.

Não quero acreditar nisso, mas a dúvida persiste.

É uma dúvida traiçoeira.

Se foi o que aconteceu, pelo menos vou poder confrontá-la sobre sua mudança de ideia. Para me distrair dos pensamentos inquietantes, tiro algumas fotos e posto no Instagram. Feito isso, penso no que aconteceu pela manhã.

Primeiro comprei um celular para Alessia, que agora está na minha mochila. Então me encontrei com Oliver e dei uma repassada rápida por todos os negócios imobiliários. Para o meu alívio, tudo parecia estar correndo perfeitamente bem. Assinei os papéis exigidos pelo Escritório da Coroa para a minha inclusão no rol da nobreza tendo o Sr. Rajah, meu advogado, como testemunha. Passei a ambos uma versão redigida dos eventos do fim de semana com Alessia e pedi que Rajah recomendasse um advogado especializado em serviços de imigração, para que pudéssemos iniciar o processo que garantisse a Alessia algum visto no Reino Unido.

Mais tarde, num impulso, visitei meu banco em Belgravia, onde o Patrimônio Trevethick fica em segurança. Se encontrar Alessia e não estiver tudo perdido, vou pedi-la em casamento. Ao longo dos séculos, meus ancestrais acumularam uma boa quantidade de joias finas, criadas pelos mais proeminentes artesãos de cada época. Quando não está emprestada a museus ao redor do mundo, o patrimônio fica muito bem guardado nas entranhas de Belgravia.

Eu precisava de um anel que fizesse jus à beleza e ao talento de Alessia. Havia dois no patrimônio que poderiam ser adequados, mas escolhi o Cartier de platina e diamantes de 1930 que meu avô, Hugh Trevelyan, deu à minha avó, Allegra, em 1935. É um anel requintado, simples e elegante: 2,79 quilates e atualmente avaliado em quarenta e cinco mil libras.

Espero que Alessia goste. Se tudo correr conforme o plano, ela vai voltar para o Reino Unido usando-o como minha noiva.

Toco mais uma vez no bolso, verificando se o anel está seguro, e faço uma careta para Tom, que está se entupindo de nozes. Ele ergue os olhos.

— Aguarde aí, Trevethick. Dá para ver que você está pirando. Ela vai ficar bem. Vamos salvar a garota.

Ele insistiu em me acompanhar quando liguei para contar o que havia acontecido. Deixou um dos seus homens vigiando Magda para estar aqui comigo. Tom adora uma aventura. É por isso que se alistou no Exército quando novo. Ele está montado em seu cavalo branco imaginário, pronto para briga.

— Espero que sim — respondo.

Será que Alessia vai nos ver assim, como salvadores, e não como uma inconveniência? Não sei. Estou ansioso para entrar no avião e ir para a casa dos pais dela. Não faço ideia do que vou encontrar lá, mas espero achar minha garota.

— Por que você foi embora da Albânia? — pergunta Anatoli, com a voz suave, quando eles voltam para a estrada.

Alessia se pergunta se ele está tentando passar uma falsa sensação de segurança. Ela não é tão burra assim.

— Você sabe por quê. Eu já disse. — Enquanto as palavras saem da sua boca, ela percebe que não sabe que história lhe contaram. Talvez possa melhorar a verdade. Isso pode facilitar as coisas para ela e a mãe. Mas depende do que Magda disse. — O que a amiga da minha mãe falou?

— Seu pai interceptou o e-mail. Viu seu nome e pediu que eu lesse para ele.

— E o que o e-mail dizia?

— Que você estava viva e bem e trabalhando para um homem.

— Só isso?

— Mais ou menos.

Então Magda não havia mencionado Dante e Ylli.

— O que meu pai disse?

— Ele me pediu para buscar você.

— E minha mãe?

— Não falei com a sua mãe. Isso não tem a ver com ela.

— Claro que tem! Deixe de ser pré-histórico!

Ele olha de lado para ela, surpreso com a explosão.

— Pré-histórico?

— Sim. Você é um dinossauro. Ela tem direito a dar opinião.

A carranca intrigada de Anatoli é muito eloquente: ele não faz ideia do que ela está falando. Alessia continua, gostando do assunto:

— Você é um homem do século passado. De outro tempo. Você e todos

os homens iguais a você. Em outros países, sua atitude neandertal em relação às mulheres seria inaceitável.

Ele balança a cabeça.

— Você passou tempo demais no Ocidente, *carissima*.

— Eu gosto do Ocidente. Minha avó era da Inglaterra.

— Foi por isso que você foi para Londres?

— Não.

— Por quê, então?

— Anatoli, você sabe por quê. Quero deixar claro: eu não quero me casar com você.

— Vai mudar de ideia, Alessia.

Ele balança a mão, querendo dispensar a rejeição dela como algo bobo.

Alessia bufa, sentindo-se aflita, mas também corajosa. Afinal, o que ele pode fazer enquanto dirige?

— Eu quero escolher com quem vou me casar. É um pedido muito simples.

— Você afrontaria seu pai?

Alessia cora. É claro que a atitude dela — sua ousadia, sua *obstinação* — causa grande vergonha à sua família.

Ela se volta para a janela, mas na sua cabeça aquela conversa ainda não acabou. Talvez ela possa apelar mais uma vez junto ao pai.

Ela se permite pensar por um momento em Maxim, e sua dor aumenta, crua e real. A bravata desaparece, e o humor afunda novamente na forma de desespero. Seu coração bate, mas está vazio.

Será que vai *vê-lo* outra vez?

* * *

EM ALGUM LUGAR na Áustria, Anatoli para em outro posto de gasolina, desta vez apenas para abastecer. Insiste que Alessia o acompanhe até a loja de conveniência. Relutante, ela vai atrás dele, alheia ao entorno.

De volta à estrada, ele anuncia:

— Logo mais vamos chegar na Eslovênia. Quando estivermos na Croácia, você vai voltar para o porta-malas.

— Por quê?

— Porque a Croácia não faz parte do Acordo de Schengen e tem uma fronteira.

Alessia fica pálida. Odeia ficar no porta-malas. Odeia o escuro.

— Comprei mais pilhas para a lanterna quando paramos para abastecer.
— Ela olha Anatoli, e ele faz contato visual. — Sei que não gosta, mas não tem outro jeito. — Ele volta a atenção para a estrada. — E não deve ser por muito tempo desta vez. Quando paramos em Dunquerque, achei que você estava inconsciente, que tinha sido envenenada por monóxido de carbono ou coisa parecida.

Ele franze a testa e, a não ser que esteja bem enganada, Alessia pode jurar que ele está preocupado. Naquela tarde, no restaurante, ele havia olhado para ela com carinho.

— Que foi? — pergunta ele, tirando-a do devaneio.

— Não estou acostumada a ver você preocupado. Só violento.

Anatoli aperta as mãos no volante.

— Alessia, se você não obedecer, vai sofrer as consequências. Espero que seja uma esposa *gheg* tradicional. Isso é tudo o que precisa saber. Acho que ficou muito cheia de opiniões enquanto esteve em Londres.

Ela não responde, mas se vira e olha o campo que corre pela janela, embalando a própria tristeza enquanto a tarde passa.

Nosso voo aterrissa em Tirana às 20h45 do horário local enquanto uma chuva congelante cai. Como estamos viajando só com a bagagem de mão, Tom e eu seguimos direto para a alfândega e saímos em um terminal moderno e bem-iluminado. Não sei bem o que eu estava esperando, mas o lugar se parece com qualquer aeroporto pequeno na Europa, com todas as facilidades que alguém pode precisar.

Nosso carro alugado, por outro lado, é uma revelação. Meu agente de viagens tinha me avisado que não havia carros de prestígio para alugar, então me vi ao volante de um veículo de cujo fabricante nunca tinha ouvido falar: um Dacia. O mais básico e analógico que já dirigi, embora tivesse entrada USB no rádio, de modo que pudemos conectar meu iPhone e usar o Google Maps. Fico até surpreso por gostar do carro: é prático e robusto. Tom o batiza

de “Dacy” e, depois de certa negociação na saída para o estacionamento e um pequeno suborno para o atendente, saímos.

Dirigir à noite — debaixo de uma chuva torrencial, do lado errado da estrada, em um país em que ter carros próprios era algo inexistente até meados da década de 1990 — é um desafio. Mas, quarenta minutos depois, Dacy e o Google Maps nos levam em segurança até o Plaza, no centro de Tirana.

— Porra, isso foi puxado — anuncia Tom quando paramos em frente ao hotel.

— Nem me fale.

— Por mais que eu já tenha dirigido em condições piores — resmunga ele.

Desligo a ignição sabendo que ele está se referindo ao tempo que passou no Afeganistão.

— Qual a distância até a cidade natal dessa menina mesmo?

— O nome dela é Alessia — rosno, pelo que parece ser a décima vez, e me questiono se fiz bem em aceitar a companhia de Tom. — Acho que são cerca de três horas de carro.

Ele é gente boa, mas diplomacia nunca foi seu forte.

— Desculpe, meu velho. Alessia. — Ele bate na própria testa. — Tudo bem. Espero que a chuva melhore amanhã. Vamos fazer o check-in e encontrar um lugar para beber.

No porta-malas do Mercedes, Alessia se agarra à lanterna quando o carro para. Devem ter chegado à fronteira com a Croácia. Ela fecha os olhos, cobre a cabeça com o casaco de Anatoli e apaga a luz. Não quer ser pega. Só quer chegar em casa. Alessia ouve vozes baixas e controladas. E o carro começa a andar. Ela suspira de alívio e acende a lanterna mais uma vez. Lembra-se do refúgio improvisado que compartilhou com Maxim e o dragãozinho sob os lençóis. Eles ficaram sentados conversando naquela cama enorme, os joelhos se tocando e... A dor é rápida e repentina. O sofrimento vem do fundo da alma.

Não demora muito para o Mercedes diminuir a velocidade e parar. O motor se acalma e, instantes depois, Anatoli abre o porta-malas. Alessia apaga

a luz e se senta, piscando na escuridão.

Estão em uma estrada rural deserta, com um pequeno bangalô à frente deles. Anatoli está iluminado pelos faróis traseiros do carro, o rosto com um tom demoníaco vermelho; a respiração, uma nuvem sinistra ao seu redor. Ele oferece a mão para ajudá-la a sair e Alessia aceita, já cansada e tensa. Ela tropeça quando sai do porta-malas, e ele a puxa para a frente, para os seus braços.

— Por que você está tão hostil?

Ele respira na têmpora dela. Apertando o braço ao redor da cintura de Alessia, agarra a nuca dela com a mão e prende seu cabelo entre os dedos. Apesar do frio, a respiração dele está quente e pesada. Enquanto Alessia registra o que está acontecendo, os lábios dele atingem os dela com força. Ele tenta forçar a língua para dentro da boca de Alessia, e ela reluta, o corpo sendo dominado por uma mistura potente de medo e aversão. Ela empurra inutilmente os braços dele e se retorce de forma frenética, tentando se libertar. Ele se inclina para trás e olha para ela. Antes que consiga se conter, ela lhe dá um tapa no rosto, sentindo a palma da mão latejar com o golpe, e ele se afasta. Chocado. Ela está arfando, a adrenalina percorrendo suas veias, afugentando o medo e dando espaço para a raiva. Anatoli a encara, esfregando o rosto, e antes mesmo que Alessia chegue a piscar, bate com força no rosto dela. Uma. Duas vezes. A cabeça dela vai da direita para a esquerda, e ela cambaleia com a força de cada golpe. Sem qualquer cuidado, ele a pega no colo e a joga de volta no porta-malas, fazendo com que ela bata o ombro, o traseiro e a cabeça. E, antes que ela se manifeste, ele fecha o porta-malas.

— Vai ficar aí dentro até aprender a se comportar e ser civilizada! — grita.

Alessia segura a cabeça latejante enquanto a raiva queima em sua garganta e atrás dos olhos.

Essa é sua vida agora.

Tomo um gole de Negroni. Tom e eu estamos em um bar ao lado do hotel. É contemporâneo, elegante e confortável, e os funcionários são simpáticos e atenciosos, mas sem exageros. Além disso, servem um bom Negroni.

— Acho que demos sorte com este lugar — diz Tom, tomando outro gole.
— Não sei o que eu estava esperando. Cabras e barracos de pau a pique, acho.

— Sim. Eu tinha a mesma ideia. Este lugar supera todas as expectativas.

Ele me olha com curiosidade.

— Me perdoe, Trevethick, mas eu preciso saber. Por que está fazendo isso?

— O quê?

— Perseguindo essa garota por toda a Europa. Por quê?

— Amor — declaro, como se fosse a razão mais compreensível do mundo.

Por que ele não entende?

— Amor?

— É. Simples assim.

— Pela sua diarista?

Reviro os olhos. Qual é o problema de Alessia ter sido minha faxineira? *E ainda querer continuar sendo!*

— Aprenda a lidar com isso, Tom. Vou me casar com ela.

Ele cospe na própria bebida, líquido vermelho respingando na mesa, e questiono novamente se fiz bem em trazê-lo nessa viagem.

— Calma aí, Trevethick. Ela é uma garota bonita, pelo que lembro, mas será que isso é mesmo sensato?

Dou de ombros.

— Eu a amo.

Ele balança a cabeça, confuso.

— Tom, não fique aí julgando só porque você não tem coragem de ser decente e fazer a maldita pergunta a Henrietta, que é uma santa por aturar você.

Ele franze a testa, e um brilho agressivo ilumina seus olhos.

— Escute aqui, cara, eu não estaria cumprindo meu dever como amigo se não dissesse o óbvio, porra.

— O óbvio?

— Você está de luto, Maxim. — Sua voz sai surpreendentemente gentil.

— Já parou para pensar que essa paixonite assim do nada é parte de como está lidando com a morte do seu irmão?

— Isso não tem nada a ver com Kit, e não estou tendo uma paixonite, porra. Você não a conhece como eu. Ela é uma mulher excepcional. E já conheci muitas mulheres. Ela é diferente. Não se preocupa com bobagens... É inteligente. Divertida. Corajosa. E você precisa ouvi-la tocar piano. É um gênio da porra.

— Sério?

— Sim. Isso aqui é pra valer. Passei a ver o mundo de uma forma bem diferente depois que a conheci. E a questionar meu lugar nele.

— Calma aí.

— Não, Tom. Calma aí você. Ela precisa de mim. É bom ter alguém que precise da gente, e eu preciso dela.

— Mas isso não é base para um relacionamento.

Cerro os dentes.

— Não é só isso. Você lutou pelo seu país. Agora administra um negócio de sucesso. Que porra eu já fiz na vida?

— Bom, você está prestes a marcar seu lugar na história da família Trevethick e preservar o legado para as gerações futuras.

— Eu sei. — Suspiro. — Isso é assustador, e quero alguém de confiança ao meu lado. Alguém que me ame. Alguém que goste de mim mais do que da minha riqueza e do meu título. É pedir muito?

Ele franze a testa.

— Você já encontrou essa pessoa — acrescento. — E acha que tudo com Henrietta está garantido.

Ele bufa e olha para o que resta da sua bebida.

— Tem razão — murmura ele. — Eu amo a Henry. Devia fazer a coisa certa.

— Devia mesmo.

Ele assente.

— Está bem. Vamos pedir mais um.

Ele faz sinal para o garçom servir mais uma rodada de bebidas, e me pergunto se precisarei lidar com esse tanto de dúvida a respeito de Alessia com todos os meus amigos... com a minha família.

— Pode fazer duplos — digo.

Alessia acorda e percebe que o carro parou. O motor está desligado. O porta-malas é aberto, e Anatoli aparece mais uma vez diante dela.

— Será que aprendeu boas maneiras?

Alessia lança um olhar furioso em sua direção e se senta, esfregando os olhos com os punhos.

— Saia. Vamos passar a noite aqui.

Ele não lhe oferece a mão desta vez, mas pega o casaco de cima dela e o veste. O vento cortante a envolve, e Alessia estremece. Está com dor no corpo todo, mas sai do porta-malas e, sentindo-se melancólica, para ao lado, esperando o próximo movimento dele.

O olhar de Anatoli a acompanha, e os lábios dele se comprimem em uma linha fina e irritada.

— Está um pouco mais dócil agora? — ironiza ele.

Alessia não diz nada.

Ele bufa e puxa a bagagem. Alessia olha ao redor. Estão em um estacionamento no centro de uma cidade. Há um hotel imponente ali perto. O prédio tem vários andares iluminados, como em um filme de Hollywood, com a palavra WESTIN coroando a fachada. Anatoli agarra sua mão de forma abrupta e a conduz até a entrada. Como ele não diminui o passo, ela precisa correr para acompanhar.

O saguão é todo de mármore, espelhos e modernidade, e Alessia vê a placa discreta. Estão no Westin Zagreb. Anatoli faz o check-in, falando o que parece um croata impecável, e alguns minutos depois os dois estão no elevador, subindo até o décimo quinto andar.

Anatoli reservou uma suíte de luxo mobiliada em tons de creme e marrom. Há um sofá, uma escrivaninha e uma mesinha e, para além das portas de correr, Alessia avista apenas uma cama.

Uma.

Não!

Ela permanece de pé junto à porta, cansada e desamparada.

Anatoli tira o casaco e o joga no sofá.

— Está com fome? — pergunta, abrindo as portas da cômoda embaixo da TV. Por fim, encontra o frigobar. — E então?

Alessia assente.

Anatoli faz um movimento com a cabeça na direção de um livreto com capa de couro em cima da mesa.

— Vamos pedir serviço de quarto. Escolha alguma coisa. E tire o casaco.

Alessia pega o livreto e folheia até a seção de jantares. Os nomes dos pratos estão em croata e em inglês. Ela examina as opções e imediatamente escolhe o item mais caro do cardápio. Não tem escrúpulos em fazer Anatoli gastar dinheiro. Franze a testa, lembrando como resistiu às tentativas de Maxim de pagar...

Anatoli pegou duas garrafinhas de uísque e está abrindo a tampa de cada uma. É, Alessia não sente qualquer remorso. Ela é uma vítima de sequestro e já sofreu bastante abuso físico dele. Anatoli deve a ela. Mas com Maxim... o saldo estava todo errado. Ela devia a ele. Muito. Seu Mister. Ela o deixa escapar em silêncio de sua mente para adiar o sofrimento.

— Vou comer o “New York steak” — declara ela. — Com salada extra. E fritas. E uma taça de vinho tinto.

Anatoli se vira para encará-la com surpresa.

— Vinho?

— Sim. Vinho

Ele reflete por um instante.

— Você virou muito ocidental.

Ela se empertiga.

— Eu gostaria de uma taça de vinho tinto francês.

— Francês, agora?

Ele ergue uma sobrancelha.

— Sim. — E, como que pensando melhor, acrescenta: — Por favor.

— Está bem, vamos pedir uma garrafa.

Ele dá de ombros com indiferença, parecendo *tão* compreensivo.

Mas ele não é compreensivo. É um monstro.

Ele serve os dois uísques em um copo e a observa enquanto pega o

telefone.

— Sabe, você é uma mulher muito atraente, Alessia.

Ela fica paralisada. *E agora?*

— Você ainda é virgem? — pergunta com a voz suave, adúladora.

Ela ofega e se sente um pouco tonta.

— É claro — responde baixinho, tentando parecer indignada e envergonhada ao mesmo tempo.

Ele não pode saber a verdade.

O olhar dele endurece.

— Você parece diferente.

— E estou. Abri os olhos.

— Alguém específico a fez abrir os olhos?

— Só... minhas experiências — sussurra ela, desejando nunca ter respondido.

Ela está argumentando com uma cobra. Anatoli digita o número do serviço de quarto e pede a comida, enquanto Alessia tira o casaco e se senta no sofá para observá-lo com cautela. Quando desliga, ele apanha o controle da TV, liga no noticiário local e se senta à mesa com sua bebida. Por um tempo, apenas assiste ao jornal, ignorando-a, dando um gole ou outro no uísque.

Alessia fica aliviada por a atenção dele estar voltada para outro lugar. Ela também assiste à TV, tentando entender o locutor, e capta algumas palavras. Ela se concentra. Não quer sua mente vagando. Vai acabar voltando para Maxim, e se recusa a sofrer sua perda na frente de Anatoli.

Quando o programa acaba, ele se volta para Alessia.

— Então você fugiu de mim? — pergunta.

Ele está falando de ontem?

— Quando saiu da Albânia.

Ele toma um último gole de uísque.

— Você ameaçou quebrar meus dedos.

Ele esfrega o queixo, pensativo por um momento.

— Alessia... eu... — Ele para.

— Não quero desculpas, Anatoli. Não há desculpa para tratar outro ser humano do jeito que você me tratou. Olhe o meu pescoço.

Ela puxa o suéter para baixo, revelando os hematomas que ele deixou no dia anterior, e ergue o queixo para evidenciá-los.

Ele cora.

Há uma batida discreta na porta, e Anatoli se afasta para abri-la, lançando um olhar frustrado para Alessia. Um rapaz vestindo o uniforme do Westin está do lado de fora com um carrinho de jantar. Anatoli abre caminho para o funcionário, que transforma o carrinho em uma mesa. Está coberta por uma toalha de mesa de linho branco e posta para dois. Há uma única rosa amarela em um vaso de cerâmica, numa tentativa de trazer um pouco de romance.

Irônico.

A tristeza de Alessia retorna, corroendo-a por dentro, e ela precisa conter as lágrimas enquanto o garçom abre o vinho. Colocando a rolha em um prato de cerâmica, ele tira vários pratos de uma gaveta aquecida embaixo do carrinho e remove as tampas metálicas com um floreio. O cheiro é tentador. Anatoli diz algo em croata e entrega discretamente ao garçom o que parece ser uma nota de dez euros, pelo que ele fica muito grato. Assim que o rapaz sai, Anatoli chama Alessia para a mesa.

— Venha comer.

Ele parece de mau humor.

Com fome e cansada de lutar, Alessia se senta à mesa improvisada. É assim que vai ser: uma erosão lenta e corrosiva da sua vontade, para que, com o tempo, ela se submeta a ele.

— Assim é mais ocidental? — pergunta enquanto se senta diante dela e ergue a garrafa de vinho, servindo-lhe uma taça.

Alessia reflete sobre o comentário anterior dele. Se Anatoli quer uma esposa albanesa tradicional, é isso que vai ter. Ela não vai comer com ele. Ou dormir com ele, exceto quando ele quiser sexo. Certamente não é isso o que ele quer. Ela olha para o jantar enquanto as paredes da sala se aproximam, sufocando-a.

— *Gëzuar*, Alessia — diz ele, e ela ergue o olhar.

Anatoli levanta a taça em um brinde silencioso, com os olhos bem abertos, a expressão carinhosa. Ela sente um arrepio no couro cabeludo. Não

estava esperando por tamanha... honra! Pegando a taça, oferece um brinde relutante a ele e toma um gole.

— Humm — faz ela, fechando os olhos, seduzida pelo sabor do vinho.

Quando os reabre, Anatoli a está observando, os olhos sombrios, e em sua expressão ela vê uma promessa de algo que não quer.

Seu apetite desaparece.

— Você não vai fugir de mim de novo, Alessia. Vai ser minha esposa — murmura ele. — Agora coma.

Ela olha para o bife no prato.

Capítulo Trinta

Anatoli volta a encher a taça de Alessia.

- Você mal tocou na comida.
- Não estou com fome.
- Nesse caso, acho que está na hora de irmos para a cama.

O tom de voz dele a fez erguer o olhar na hora. Anatoli está acomodado na cadeira, atento. À espera. Como um predador. Com o indicador, ele dá batidinhas no lábio superior como se estivesse imerso nos próprios pensamentos, os olhos brilhando. Já tomou pelo menos três taças de vinho. Além do uísque. Ele vira o restante da taça e se levanta devagar. Os olhos fixos nela, intensos, mais escuros. Ela fica paralisada diante daquele olhar.

Não.

- Não sei por que eu devia esperar até nossa noite de núpcias.

Ele se aproxima.

- Não. Anatoli — murmura ela. — Por favor. Não.

Ela se agarra à mesa.

Ele desliza um dedo pela bochecha de Alessia.

- Linda. Levante-se. Não dificulte as coisas para nós dois.
- Nós devíamos esperar — sussurra Alessia, o cérebro fervilhando, avaliando suas opções.
- Eu não quero esperar. E, se tiver que lutar com você, que assim seja.

Ele faz um gesto repentino, agarrando-a pelos ombros e colocando-a de pé com tanta força que a cadeira tomba no chão. Tanto o medo quanto a raiva percorrem seu corpo. Ela gira e chuta, o pé atingindo a canela de Anatoli e depois a mesa, chacoalhando a louça, derrubando a taça de vinho e derramando o restante da bebida.

- Ai. Merda — resmunga ele.

— Não! — grita Alessia, dando coices com os pés, batendo os punhos, na esperança de acertar Anatoli. Ele a agarra pela cintura, puxando-a com força para os seus braços. Depois a levanta no ar enquanto ela chuta qualquer coisa

que esteja à sua frente, no esforço de atingi-lo. — Não! — berra. — Por favor, Anatoli!

Ignorando os gritos, ele aperta ainda mais os braços ao redor dela e a leva para o quarto, meio a arrastando, meio a carregando.

— Não. Não. Pare!

— Quieta! — grita ele, enquanto a sacode e a joga na cama com o rosto para baixo.

Ele se senta ao seu lado, imobilizando-a, pressionando as costas dela com uma das mãos, enquanto com a outra começa a puxar as botas.

— Não! — berra ela de novo, e gira, chutando-o uma vez, depois outra, tentando se desvencilhar enquanto o esmurra.

— Puta que pariu, Alessia!

Ela está possessa, a raiva lhe dando uma força que não sabia que tinha. Ela luta, consumida pelo ódio, que concentra naquele homem detestável.

— Inferno.

Anatoli se joga em cima dela, esmagando-a contra o colchão e impedindo-a de respirar. Alessia tenta expulsá-lo de cima de si, mas ele é pesado demais.

— Calminha — sussurra no ouvido dela. — Calminha.

Ela fica imóvel, reunindo forças e se empenhando em bombear ar para os pulmões. Anatoli troca o peso de lugar e a vira bruscamente, de forma que roçam no nariz um do outro. Mantendo a perna nas coxas de Alessia, ele agarra as mãos dela e as puxa para cima da cabeça, prendendo-as com uma das mãos.

— Eu quero você. Você é minha esposa.

— Por favor. Não — sussurra ela, encarando os olhos selvagens e arregalados do homem. Dentro deles, ela capta a excitação de Anatoli, cujo corpo magro vibra de desejo. Ela sente nos próprios quadris. Ele a encara, a respiração pesada, e uma das mãos dele percorre o corpo dela, o seio, a barriga, o zíper da calça. — Não. Anatoli, por favor. Estou sangrando. Por favor. Estou sangrando.

Está mentindo, mas é uma última e desesperada tentativa de contê-lo. Ele franze a testa, como se não entendesse, e depois sua expressão muda da luxúria para o nojo.

— Ah — diz. Soltando as mãos de Alessia, ele rola para longe e olha fixo

para o teto. — Talvez a gente devesse esperar — resmunga.

Alessia vira para o lado, puxando os joelhos e se curvando em posição fetal, ficando tão pequena quanto possível. Desespero, repulsa, medo: esses agora são seus companheiros constantes. Suas lágrimas começam a sufocá-la, e ela sente a cama balançar quando Anatoli levanta e volta para a sala.

Por quanto tempo será que ela é capaz de chorar até as lágrimas secarem?

Instantes. Segundos. Horas.

* * *

MAIS TARDE, ANATOLI joga um cobertor sobre Alessia, que sente a cama afundar quando ele entra por debaixo das cobertas. Ele se aproxima, envolve-a com os braços e puxa seu corpo inerte para mais perto.

— Você vai me servir bem, *carissima* — murmura ele, e seus lábios roçam a bochecha de Alessia em um beijo surpreendentemente delicado.

Ela leva o punho à boca, abafando um grito silencioso.

* * *

ALESSIA ACORDA DE repente. O quarto está na penumbra, iluminado apenas pela luz cinzenta da aurora despontando. A seu lado, Anatoli dorme profundamente. Seu rosto está relaxado e menos sério. Alessia encara o teto, a mente em estado de alerta total. Ainda está vestida e de botas. Poderia fugir.

Vá. Agora. Ela se instiga.

Devagar, furtivamente, rola para fora da cama e sai do quarto na ponta dos pés.

Os restos da refeição da noite anterior continuam na mesa. Alessia observa as batatas fritas frias, pega logo uma porção e enche a boca. Enquanto come, dá uma olhada na bolsa e encontra seu dinheiro. Enfia as notas no bolso de trás.

Então para e escuta.

Ele ainda está dormindo.

Ela espia a mala de Anatoli ao lado da sua. Talvez ele guarde o dinheiro ali... Se for o caso, isso pode ajudá-la a escapar. Alessia abre o zíper com cautela, sem saber o que vai encontrar lá dentro.

Está organizada. Com algumas roupas e... a pistola dele.

A pistola.

Ela pega a arma.

Poderia matá-lo.

Antes que ele a mate.

Seu coração começa a acelerar, e sua cabeça gira.

Ela tem o poder. Os meios. A pistola pesa em sua mão.

Alessia anda furtivamente em direção à porta do quarto e observa Anatoli dormir. Ele não se mexeu. Um tremor sobe pelas costas dela e sua respiração fica entrecortada. Ele a sequestrou. Bateu nela. Sufocou-a. Quase a estuprou. Ela o despreza e também tudo o que ele representa. Morre de medo dele. Ergue a mão trêmula e mira. Em silêncio, libera a trava de segurança. Sua cabeça está latejando, o suor formando gotas em sua testa.

É agora.

Sua hora.

A mão dela oscila, e sua visão embaça com as lágrimas.

Não. Não. Não. Não.

Alessia seca o rosto e abaixa a mão.

Não é uma assassina.

Vira a pistola. E encara o cano da arma. Já viu muitos programas de TV americanos, sabe o que fazer.

Ela não quer aceitar cegamente o próprio destino. Essa poderia ser uma saída.

Podia acabar com tudo agora. Seu sofrimento terminaria.

Não vai sentir nada. Nunca mais.

O rosto angustiado da mãe lhe vem à mente.

Mama.

Quão arrasada a mãe ficaria...?

Ela pensa em Maxim. E afasta o pensamento de imediato.

Nunca mais vai vê-lo.

Sua garganta está fechando. Engasgada de emoção. Ela aperta os olhos com força. Ofegante.

Pode morrer por conta própria. Não precisa de Anatoli para isso...

E alguém vai ter que limpar depois.

Não. Não. Não.

Ela desmorona no chão. Derrotada. Fracassada. Não consegue tirar a própria vida. Não tem forças para isso. E lá no fundo quer continuar viva, na vaga esperança de ver Maxim de novo. Ela não pode fugir. Precisa chegar em casa. Zagreb não fica a cinco dias de distância a pé de Londres, é muito mais longe. Ela está desamparada. Balança devagar para a frente e para trás, abraçando a si mesma e segurando a arma, enquanto se rende, em silêncio, à tristeza. Nunca se sentiu tão angustiada. Nunca derramou tantas lágrimas. Nunca. Mesmo depois da fuga traumática ou durante a longa caminhada até a casa de Magda. Chorou a morte e sentiu a perda da avó, mas nunca se sentiu tão desamparada. Sua tristeza é avassaladora. Ela não consegue matá-lo e nem a si mesma. Perdeu o homem que ama e está atada a um que odeia.

Seu coração está despedaçado. *Não.* Ela não tem mais coração.

* * *

QUANDO O SOL começa a espreitar o horizonte, Alessia segura o choro e, em meio às lágrimas, examina a arma. É parecida com a do pai.

Há algo que ela *pode* fazer; já viu o pai fazer várias vezes. Solta o pente e fica surpresa em contar apenas quatro balas dentro. Ela as retira e depois puxa o ferrolho com precisão, pegando o resto da munição quando é ejetada do tambor. Recoloca o pente na arma e enfia as balas no bolso. Depois devolve a pistola para a mala de Anatoli e fecha o zíper.

Levantando-se, seca as lágrimas. *Chega de chorar*, ela se repreende. Dá uma olhada pela janela conforme o horizonte de Zagreb surge à luz do início da manhã. Na janela do décimo quinto andar do Westin, a cidade se estende como uma colcha de retalhos terracota. É uma vista impressionante e, em um momento de distração, ela fica imaginando se Tiranë é parecida.

— Você está acordada. — A voz de Anatoli a assusta.

— Eu estava com fome. — Ela olha para a mesa com os restos de comida.
— Agora vou tomar banho.

Pegando a bolsa, ela corre para o banheiro e tranca a porta.

* * *

QUANDO ALESSIA SAI do banheiro, Anatoli está de pé e vestido. A louça e os restos de comida foram retirados, e a mesa está posta, toalha de linho limpa,

com um típico café da manhã europeu.

— Você ficou — diz Anatoli baixinho.

Ele parece contido, apesar de vigilante como sempre.

— Para onde eu iria? — replica Alessia, com cautela.

Ele dá de ombros.

— Você já foi embora uma vez.

Alessia o encara. Muda. Deprimida. Exausta.

— É porque você gosta de mim? — murmura ele.

— Não fique se achando — diz ela e, sentando-se, pega um *pain au chocolat* da cesta de pães.

Ele escolhe a cadeira em frente e dá para ver que está escondendo um sorriso breve, mas esperançoso.

Tom e eu caminhamos pela vasta praça Skanderbeg, próxima ao hotel. A manhã está clara e fria, o sol refletindo os blocos de mármore multicoloridos que pavimentam o espaço gigantesco. Em um dos lados, a praça é dominada pela estátua de bronze do herói albanês do século XV; do outro, pelo Museu de História Nacional. Embora eu esteja ansioso para chegar à cidade de Alessia e encontrar sua casa, devemos esperar para encontrar nosso intérprete.

Estou inquieto, nervoso e incapaz de me acalmar; então, para passar o tempo, Tom e eu fazemos um breve passeio pelo museu. Eu me distraio tirando várias fotos e postando a mais estranha delas. Fui repreendido duas vezes, mas ignoro os guardas e continuo fotografando escondido. Não é exatamente o Museu Britânico, mas fico fascinado com os objetos dos ilírios. Tom, é claro, se interessa pelas vitrines de armamento medieval; a Albânia tem uma história rica e sanguinolenta.

Às dez horas, descemos devagar uma das três avenidas arborizadas em direção ao café onde combinamos de encontrar o intérprete. Fico impressionado com a quantidade de homens sentados do lado de fora bebendo café, apesar do frio.

Cadê as mulheres?

THANAS CEKA É um rapaz de olhos e cabelo escuros, aluno de doutorado em literatura inglesa na Universidade de Tirana. Seu inglês é excelente, ele tem um sorriso fácil e um comportamento afável, e trouxe a namorada. Drita — esse é o nome dela — faz faculdade de história. É bonita e delicada, e seu inglês não é tão fluente quanto o de Thanas. Ela quer nos acompanhar na viagem.

Bom, isso pode complicar tudo.

Tom me olha e dá de ombros. Não tenho tempo para discutir.

— Não sei bem quanto tempo vamos demorar — afirmo enquanto termino o café, que podia servir até como removedor de tinta, porque acho que nunca bebi um café tão forte.

— Tranquilo. Liberei minha agenda da semana — responde Thanas. — Eu mesmo nunca estive em Kukës, mas Drita já.

— O que você conhece de Kukës? — pergunto diretamente a ela, que dirige um olhar nervoso a Thanas. — É tão ruim assim?

Encaro os dois.

— Tem uma reputação. Quando os comunistas caíram, a Albânia foi... — Thanas faz uma pausa. — Passou por tempos difíceis.

Tom esfrega as mãos.

— Adoro um desafio! — diz, e Thanas e Drita riem por educação.

— Não vamos ter problemas com o clima — comenta Thanas. — A rodovia está aberta, e não neva há umas duas semanas.

— Então podemos ir? — pergunto, ansioso para seguirmos caminho.

A paisagem mudou. Os campos tristes e não cultivados do norte da Europa estão distantes; sob o sol do inverno, o terreno é árido, rochoso e infértil. Em quaisquer outras circunstâncias, Alessia poderia ter curtido a viagem, que acaba sendo uma excursão relâmpago pelas rodovias europeias. Porém, está com Anatoli, o homem com quem vai ser obrigada a casar, e ainda vai encarar o pai quando chegar a Kukës. Não está nada ansiosa pelo confronto inevitável e, no fundo, sabe que é porque a mãe vai sofrer as consequências da raiva do pai.

Eles atravessam mais uma ponte a uma velocidade assustadora. Abaixo deles há uma vasta extensão de água, o que faz Alessia se lembrar do Drin...

e também do mar.

O mar.

E Maxim.

Ele me deu o mar.

Será que algum dia ela vai voltar a vê-lo?

— O litoral da Croácia é muito bonito. Tenho vários negócios aqui — diz Anatoli, quebrando o silêncio que se instalou entre os dois desde que saíram de Zagreb.

Alessia lança um rápido olhar para Anatoli. Ela não se importa com os negócios dele. Não quer saber o que ele faz. Houve um tempo em que tinha curiosidade, mas essa época passou. Além disso, como sua esposa — uma *boa* esposa albanesa —, não vai fazer perguntas.

— Tenho várias propriedades aqui.

Anatoli dá um sorriso malicioso e voraz, e Alessia percebe que ele está tentando impressioná-la, como fez na primeira vez que se conheceram.

Ela lhe dá as costas, olhando fixo para o mar, e sua mente vagueia de volta para a Cornualha.

Sair de Tirana é verdadeiramente apavorante. Os pedestres têm o hábito irritante de simplesmente andar no meio da rua, e nas rotatórias vale tudo: carros, caminhões, ônibus, todos forçando passagem. É como um jogo gigantesco em que ninguém quer ceder o lugar, e nesse ritmo meus nervos estarão em frangalhos quando chegarmos a Kukës. Tom está batendo sem parar com a mão no painel e gritando tanto com os pedestres quanto com os motoristas. É chato para cacete.

— Pelo amor de Deus, Tom, cale a boca, porra! Estou tentando me concentrar.

— Desculpe, Trevethick.

Por algum milagre, conseguimos sair ilesos do centro da cidade. Quando alcançamos a estrada principal, começo a relaxar um pouco, mas dirijo devagar; os motoristas são imprevisíveis por aqui.

Há várias concessionárias de carros e postos de gasolina na beira da estrada. Assim que deixamos Tirana para trás, passamos por um prédio

neoclássico grandioso e imponente que parece muito com um bolo de casamento.

— Que lugar é esse? — pergunto.

— É um hotel — responde Thanas. — Está em construção há muitos anos.

Ele dá de ombros quando trocamos olhares pelo retrovisor.

— Ah.

As planícies parecem férteis e verdejantes, considerando a época do ano. Os campos estão salpicados de casas atarracadas com telhado vermelho. Enquanto dirijo, Thanas nos presenteia com uma breve história da Albânia e compartilha mais informações sobre si mesmo. Seus pais sobreviveram à queda do comunismo e aprenderam inglês assistindo à BBC Internacional, por mais que tenha sido banida pelo regime político. Fica claro que a BBC e a maioria das coisas britânicas são muito valorizadas pelos albaneses. É para onde todos querem ir. Para lá ou para os Estados Unidos.

Tom e eu nos entreolhamos.

Drita conversa com Thanas em voz baixa e ele traduz. Kukës foi nomeada para o Prêmio Nobel da Paz em 2000, após a cidade ter aceitado centenas de milhares de refugiados durante a Guerra do Kosovo.

Disso eu sabia. Lembro-me do olhar orgulhoso de Alessia quando ela me presenteou com histórias de Kukës e outras coisas referentes à Albânia no pub de Trevethick.

Faz dois dias que ela se foi, e parece que arrancaram uma parte de mim.

Onde você está, meu amor?

* * *

ENTRAMOS NA PRINCIPAL via expressa para Kukës e logo disparamos na direção do mais gelado dos céus azuis, em ritmo regular, subindo cada vez mais alto para os picos majestosos e cobertos de neve dos Alpes Albaneses e para as cadeias de montanhas Shar e Korab, que dominam a paisagem. Há desfiladeiros com rios de águas translúcidas, cânions íngremes e despenhadeiros escarpados e denteados. É deslumbrante e, com exceção da via expressa moderna, a terra ao nosso redor parece intocada pelo tempo. Aqui e ali se destaca um vilarejo com casas de tijolos de cerâmica, fumaça saindo das chaminés, montes de feno salpicados de neve, varais com roupas estendidas, cabras livres, cabras presas... Essa é a terra natal de Alessia.

Minha querida garota.

Espero que esteja bem.

Estou indo resgatar você.

* * *

A TEMPERATURA CAI quanto mais subimos. Tom assumiu a direção para eu bancar o DJ e tirar fotos com o celular. Thanas e Drita estão calados, apreciando a vista e ouvindo Hustle and Drone, que coloquei para tocar no som do carro pelo iPhone. Quando saímos de um longo túnel na montanha, percebemos que estamos bem no meio dos picos. Cobertos de neve, eles têm uma vegetação surpreendentemente rala, com pouquíssimas árvores. Thanas explica que, após a queda do regime comunista, havia muita escassez de combustível, e em alguns locais os residentes derrubaram todas as árvores para obter lenha.

— Achei que estivéssemos acima da linha das árvores — observa Tom.

No meio da aridez rochosa encontramos uma cabine de pedágio e, enquanto formamos fila atrás de alguns caminhões e carros malcuidados, meu telefone toca. Fico surpreso por conseguir sinal no alto das montanhas do Leste Europeu.

— E aí, Oliver?

— Desculpe interromper seu dia, Maxim, mas a polícia entrou em contato. Gostariam de interrogar sua... hum... noiva, a Srta. Demachi.

Ah... então ele sabe. Ignoro a parte em que ela é mencionada como minha noiva.

— Como você sabe, Alessia voltou para a Albânia. Vão ter que esperar seu retorno a Londres.

— Imaginei.

— Não disseram mais nada?

— Recuperaram seu laptop e parte do equipamento de som.

— Boas notícias!

— E o caso está agora nas mãos da Polícia Metropolitana. Parece que os agressores da Srta. Demachi são velhos conhecidos da justiça e procurados por outros crimes.

— Jura? Ótimo. O sargento Nancarrow disse que aqueles babacas podiam

ter ficha suja.

Tom me olha de lado.

— Já receberam a sentença?

— Que eu saiba, não, senhor.

— Me mantenha informado sobre o desenrolar do caso, se puder. Quero saber quando receberem a sentença e se pagarem fiança.

— Pode deixar.

— E passe meu recado sobre a Srta. Demachi para a polícia. Diga que ela precisou voltar para a Albânia para resolver um problema familiar. E com o resto, tudo bem?

— Nos trinquês, senhor.

— Nos trinquês? — Solto uma risadinha. — Ótimo.

Desligo e entrego cinco euros para Tom pagar o pedágio.

Se Dante e seu comparsa ainda estão em custódia, a polícia deve estar tratando o caso com seriedade. Talvez os tenha prendido por tráfico humano; espero que sim. Torço para que tranquilizem os filhos da mãe e joguem a chave fora.

Pouco tempo depois, vemos uma placa para Kukës e meu humor melhora. Estamos quase chegando. Seguimos ao longo de um lago imenso, o qual, quando consulto o Google Maps, é na verdade um rio, o Drin, que alimenta o lago Fierza. Eu me lembro de ouvir Alessia falando com uma paixão enorme sobre a paisagem que rodeia sua cidade natal. Minha expectativa cresce exponencialmente. Faço Tom dirigir mais rápido. Estou prestes a vê-la. Vou salvá-la. Assim espero.

Talvez ela não precise ser salva.

Talvez queira ficar.

Não pense nisso!

Assim que completamos uma curva prolongada na rodovia, Kukës enfim desponta: aninhada no vale, com um rio-lago amplo e azul-esverdeado na frente, rodeada de montanhas fantásticas. A vista é espetacular.

Uau...

Essa é a paisagem que Alessia via todos os dias.

Atravessamos uma ponte robusta sobre a água. Em um despenhadeiro no alto, um prédio abandonado e fantasmagórico se destaca e fico imaginando se não seria outro hotel inacabado.

Na periferia de Nikšić, em Montenegro, Anatoli vai até o estacionamento de um café de beira de estrada. Alessia olha com indiferença pela janela.

— Estou com fome. Você também deve estar. Vamos — diz ele.

Alessia não se dá ao trabalho de discutir e o segue. O lugar é simples e agradável, relativamente novo e com uma temática automobilística. A pintura de um carro vermelho-cereja turbinado estampa a parede acima do bar. É um espaço convidativo. Mas não para Anatoli; ele está irritadiço. Deu vários tapas no volante e buzinou alto nas últimas duas horas, enfurecido com os outros motoristas. Não é um homem paciente.

— Peça alguma coisa para nós dois. Vou ao banheiro. Não fuja. Ou vou encontrar você — diz ele, mal-humorado, e deixa para Alessia a tarefa de escolher uma mesa.

Agora ela está ansiosa para chegar em casa. Considerando o comportamento de Anatoli na noite anterior, não quer passar nem mais uma noite com ele. Prefere enfrentar o pai. Dá uma olhada no cardápio, tentando encontrar palavras comuns que possa reconhecer em inglês ou albanês, mas está cansada e não consegue se concentrar. Anatoli volta. Parece cansado. Claro, está dirigindo sem parar há vários dias, mas Alessia se recusa a sentir a mínima solidariedade.

— O que você pediu? — dispara ele.

— Nada. Aqui está o cardápio.

Ela lhe entrega antes que ele possa reclamar. Um garçom se aproxima e ele pede a comida sem perguntar o que Alessia quer. Ela se surpreende ao perceber que o montenegrino é outro idioma que ele fala com fluência. O garçom se afasta e Anatoli pega o celular.

Olhos azuis frios a encaram.

— Bico calado — diz ele, e tecla um número. — Boa tarde, Shpresa, Jak está?

Mama!

Alessia se empertiga. Totalmente interessada. Ele está falando com sua

mãe.

— Ah... Bom, diga para ele que vamos chegar aí por volta das oito da noite... — Os olhos de Anatoli se voltam para Alessia. — Sim, ela está comigo. Está bem... Não... Está no banheiro.

— O quê?!

Anatoli leva o indicador aos lábios.

— Anatoli, deixe eu falar com a minha mãe — insiste Alessia, estendendo a mão para pegar o telefone.

— Nos vemos em breve. Tchau.

Desliga.

— Anatoli!

Lágrimas de raiva ameaçam brotar junto com um nó que se forma em sua garganta. Nunca sentiu tanta saudade de casa quanto agora.

Mama.

Como ele pode privá-la de trocar algumas palavras com a mãe?

— Se você fosse um pouco mais dócil e agradecida, eu teria deixado você falar com ela. Percorri um longo caminho para trazer você de volta.

Alessia o encara com ódio, depois olha para baixo. Não quer ver o desafio estampado nos olhos dele; não consegue encará-lo depois desse último ultraje. Ele é cruel, vingativo, petulante e infantil. A raiva penetra silenciosamente cada uma de suas veias.

Ela nunca vai perdoá-lo por tudo o que fez.

Jamais.

Sua única esperança é argumentar com o pai e implorar para que ele não a force a se casar.

De perto, Kukës não é o que eu imaginava. Trata-se de uma cidadezinha desinteressante, com blocos de prédios malcuidados em estilo soviético. Drita nos conta, com a ajuda de Thanas, que Kukës foi construída durante a década de 1970. A cidade original está no fundo de um lago; o vale foi inundado para suprir a hidrelétrica que fornece energia para a região ao redor. Fileiras de pinheiros margeiam as vias, há um manto de neve no chão,

e as ruas estão silenciosas. Há algumas lojas, que vendem utensílios domésticos, roupas e equipamento agrícola, e uns dois supermercados. Também há um banco, uma farmácia e muitos cafés, onde, como de costume, os homens se sentam do lado de fora, sob o sol da tarde, agasalhados, tomando café.

De novo, cadê todas as mulheres?

A característica mais marcante da cidade é que, no final de toda rua, não importa para onde eu olhe, as montanhas se destacam altas e orgulhosas, formando um pano de fundo admirável. Estamos cercados pela beleza majestosa dessas montanhas, e me arrependo de não ter trazido minha Leica.

O agente de viagens nos reservou um hotel chamado, ironicamente, Amerika. O Google Maps nos leva por ruas secundárias até lá. É uma mistura curiosa de antigo e moderno, com uma entrada que mais parece uma gruta natalina, ainda mais agora, salpicada de neve.

O interior sem dúvida é um dos lugares mais bregas que já vi, abarrotado de quinquilharias turísticas típicas dos Estados Unidos, incluindo diversas Estátuas da Liberdade de plástico. A decoração é impossível de definir, uma mixórdia de estilos, mas o efeito geral é... alegre e amistoso. Somos recebidos de forma calorosa e simpática por um homem esguio, de barba, na casa dos trinta anos. Ele nos cumprimenta em um inglês meio capenga antes de nos conduzir por um elevador minúsculo até nossos quartos nos andares superiores. Tom e eu ficamos com o quarto que tem duas camas e deixamos o com cama de casal para Thanás e Drita.

— Pode pedir informação sobre como chegar a este lugar?

Entrego a Thanás um pedado de papel amassado com o endereço dos pais de Alessia.

— Claro. A que horas quer ir?

— Em cinco minutos. Só o tempo de desfazer as malas.

— Calma, Trevethick — intromete-se Tom. — Não podemos beber alguma coisa antes?

Hum... Como meu pai costumava dizer: uma dose para dar coragem não faz mal a ninguém.

— Um drinque rápido. E só um. Tudo bem? Vou conhecer os pais da minha futura esposa, não quero ficar bêbado.

Tom assente com entusiasmo e reivindica a cama mais próxima da porta.

— Só espero que você não ronque — digo, desfazendo as malas.

* * *

UMA HORA DEPOIS, estacionamos em um acostamento pequeno que leva a dois portões de metal enferrujados, abertos. Para além deles, no final de uma entrada de carros feita de concreto, há uma única casa de telhado terracota às margens do Drin. Apenas o telhado é visível.

— Thanas, é melhor você vir comigo — digo, e deixamos Drita e Tom no carro.

O brilho do sol poente forma sombras compridas na entrada de carros. Estamos em um espaço amplo, circundado de árvores nuas, embora haja alguns pinheiros e uma horta bem-cuidada e de bom tamanho. A casa foi pintada de verde-claro e, pelo que vejo, tem três andares e duas varandas com vista para a água. É maior do que as outras casas que vimos no caminho. Talvez os pais de Alessia sejam ricos. Não faço ideia. O lago está deslumbrante, iluminado pelos tons do pôr do sol do inverno.

Do lado de fora da casa, vejo uma antena parabólica, o que me faz lembrar uma conversa que tive com Alessia.

E já fui aos Estados Unidos assistindo à TV.

Programas de TV americanos?

Sim. Netflix. HBO.

Bato no que suponho ser a porta da frente. É feita de madeira maciça de boa qualidade, então bato novamente, mais forte dessa vez, para garantir que dê para ouvir. Meu coração está acelerado e, apesar do frio, uma gota de suor escorre pelas minhas costas.

Chegou a hora.

Agora é para valer, cara.

Estou prestes a conhecer meus sogros, embora eles ainda não saibam disso.

A porta se entreabre, e uma fenda de luz revela uma mulher de meia-idade, magra e com um lenço na cabeça. Na penumbra do fim da tarde, percebo que ela me olha com desconfiança, um pouco como Alessia.

— Sra. Demachi?

— Sim.

Ela parece assustada.

— Meu nome é Maxim Trevelyan e estou aqui por causa da sua filha.

Ela me olha boquiaberta, piscando furiosamente, depois abre um pouco mais a porta. É esbelta, ombros esguios, e se veste de forma muito desleixada, com uma blusa e uma saia volumosas. O lenço esconde seu cabelo, me fazendo lembrar o momento em que vi sua filha pela primeira vez, parada no meu corredor feito um coelho acuado.

— Alessia? — murmura.

— Sim.

Ela franze a testa.

— Meu marido... não está aqui. — Seu inglês soa enferrujado, e o sotaque é muito mais forte que o da filha. Ela espreita ansiosa por trás de mim, examinando a entrada de carros, não sei por quê, e depois olha direto nos meus olhos. — Você não pode entrar.

— Por quê? — indago.

— Meu marido não está em casa.

— Mas preciso falar com a senhora sobre Alessia. Acho que ela está voltando para casa.

Ela inclina a cabeça, de repente alerta.

— Estamos à espera, ela deve chegar logo. O senhor ouviu dizer que ela está voltando?

Meu coração reage, acelerando.

Ela está voltando para casa. Eu estava certo.

— Ouvi. E vim até aqui para pedir à senhora e ao seu marido... — engulo em seco — permissão... para casar com sua filha.

— Última fronteira que cruzamos, *carissima* — diz Anatoli. — De volta ao seu país. Você devia sentir vergonha de ter saído de fininho daqui feito uma ladra e desonrado a sua família. Quando chegarmos, pode pedir desculpas aos seus pais pela preocupação que causou.

Alessia evita os olhos de Anatoli, amaldiçoando-o no íntimo do seu ser por fazê-la sentir culpa de fugir. Ela estava fugindo dele! E sabe que muitos

homens albaneses deixam o país para trabalhar no exterior. Só que, para as mulheres, não é assim tão fácil.

— Essa é a última vez que você vai se esconder no porta-malas. Mas, espere, antes preciso pegar uma coisa.

Ela fica de costas e olha para o oeste, onde o sol acabou de desaparecer atrás das montanhas. O frio entra por suas roupas e envolve seu coração. E ela sabe o motivo: está ansiando pelo único homem que já amou e vai amar na vida. As lágrimas brotam inesperadas em seus olhos e ela pisca para reprimi-las.

Agora, não.

Ela não quer dar esse prazer a Anatoli.

Só vai chorar hoje à noite.

Com a mãe.

Ela inspira fundo. É esse o cheiro da liberdade: frio, estrangeiro. Quando inspirar novamente, estará na sua terra, e suas aventuras se tornarão... do que foi que Maxim chamou? Uma *tolice* do passado.

— Entre. Logo vai anoitecer — dispara Anatoli, ao mesmo tempo em que abre o porta-malas.

A noite pertence aos djinn.

E ela está encarando um deles neste momento. É o que ele é. A personificação de um djinn. Ela entra sem reclamar e sem encostar nele. Aproximando-se de casa, pela primeira vez está ansiosa para ver a mãe.

— Logo, logo, *carissima* — diz ele, e há um lampejo perturbador em seu olhar.

— Feche de uma vez — replica ela, enquanto agarra a lanterna.

Os lábios dele se erguem em um sorriso sarcástico, e ele fecha o porta-malas com força, deixando-a na mais completa escuridão.

A Sra. Demachi se surpreende e, com mais uma espiada ligeira e ansiosa por trás de mim, dá um passo para o lado.

— Entre.

— Espere no carro — digo para Thanás, e a sigo pelo hall apertado, onde

ela aponta para uma sapateira.

Ah. Tiro depressa as botas, aliviado por estar calçando meias iguais.

E isso graças a Alessia...

O corredor é pintado de branco, o piso ladrilhado brilhante coberto por um tapete kilim de cores vibrantes. Ela faz um sinal para eu entrar no cômodo contíguo, onde há dois sofás velhos, cobertos com mantas coloridas e ousadas, de frente um para o outro, com uma mesinha também coberta com uma toalha de estampa alegre no meio. Mais à frente, há uma lareira, cheia de fotos antigas acima dela. Estreito os olhos na esperança de ver uma foto de Alessia. Há uma de uma menina com olhos grandes e sérios, sentada perto de um piano.

Minha garota!

Na lareira há uma pilha de toras, mas elas permanecem apagadas apesar do frio, e suspeito que essa seja a sala usada para receber visitas. Em lugar de destaque encontra-se o velho piano vertical apoiado na parede. É simples e gasto, mas aposto que está afinado à perfeição. É aqui que ela toca.

Minha garota talentosa.

Ao lado do piano, uma estante alta tem pilhas de livros com marcas de uso.

A mãe de Alessia não se ofereceu para pegar meu casaco. Acho que não vou demorar muito tempo aqui.

— Por favor. Sente-se — pede ela.

Eu me acomodo em um dos sofás e ela se empoleira no canto do sofá em frente, irradiando tensão. Apertando as mãos, me encara, ansiosa. Seus olhos têm o mesmo tom escuro dos da filha, mas, enquanto os de Alessia são cheios de mistério, os da mãe só carregam tristeza. Acho que é por ela estar ansiosa com o destino da filha. Porém, pelas rugas em seu rosto e o tom grisalho do cabelo, é óbvio que não tem levado uma vida fácil.

A vida em Kukës é difícil para algumas mulheres.

As palavras sussurradas por Alessia voltam à minha mente.

Sua mãe pisca algumas vezes. Suspeito que a estou deixando nervosa ou pouco à vontade, por isso me sinto meio culpado.

— Minha amiga Magda, ela me escreve sobre um homem que ajuda a minha Alessia e a própria Magda. É o senhor? — A voz dela é suave e

hesitante.

— Sim.

— Como está minha filha? — murmura ela, me examinando com intensidade, claramente desesperada por notícias de Alessia.

— A última vez que vi sua filha, ela estava bem. Mais do que bem, estava feliz. Eu a conheci quando ela trabalhava para mim. Limpava minha casa.

Simplifico meu inglês, esperando que a mãe de Alessia me entenda.

— O senhor veio desde a Inglaterra?

— Vim.

— Por causa da Alessia?

— Sim. Eu me apaixonei pela sua filha e acho que ela também me ama.

Seus olhos se arregalam.

— Ama?

Ela parece aflita.

Bom... não era essa a reação que eu esperava.

— Ama. Ela me disse isso.

— E o senhor quer se casar com ela?

— Quero.

— Como sabe que ela quer se casar com o senhor?

Ah!

— Para falar a verdade, Sra. Demachi, eu não sei. Não tive a oportunidade de fazer o pedido. Acho que ela foi sequestrada e está sendo trazida para a Albânia contra sua vontade.

A mulher inclina a cabeça para trás, os olhos penetrantes me avaliando.

Merda.

— Minha amiga Magda fala bem do senhor — diz. — Mas não o conheço. Por que o meu marido deixaria o senhor se casar com nossa filha?

— Bom, eu sei que Alessia não quer se casar com o homem que o pai escolheu para ela.

— Ela conta isso para o senhor?

— Ela me contou tudo. E, mais importante, eu escutei tudo. Eu a amo.

A Sra. Demachi morde o lábio superior, e o gesto é tão parecido com o da filha que me obrigo a reprimir um sorriso.

— Meu marido vai voltar logo. E ele que decide o que vai acontecer com Alessia. Ele está firme na escolha do prometido. Ele deu sua palavra. — Ela olha para as mãos entrelaçadas no colo. — Eu deixei ela partir, e isso despedaçou meu coração. Acho que não consigo deixar de novo.

— A senhora quer ver Alessia presa em um casamento violento e abusivo?

Seus olhos se fixam nos meus e neles vejo um lampejo da sua dor e do seu discernimento, logo seguido pelo choque ao perceber o que eu sei — que essa tem sido a sua vida.

Lembro de tudo o que Alessia já me disse sobre o pai.

— O senhor precisa ir embora. Agora — murmura a Sra. Demachi, e se levanta.

Merda.

Eu a ofendi.

— Peço desculpas — digo ao ficar de pé também.

Ela franze a testa, parecendo confusa e indecisa por um instante. Depois deixa escapar:

— Alessia vai voltar para casa às oito da noite com o prometido dela.

Ela desvia os olhos dos meus por um instante, provavelmente imaginando se foi uma boa ideia revelar esse segredo de Estado.

Estendo o braço e quero apertar suas mãos como um gesto de gratidão, mas me contenho, pois imagino que meu toque pode não ser bem-vindo. Em vez disso, dou meu mais sincero e agradecido sorriso.

— Obrigado. Sua filha é tudo para mim.

A Sra. Demachi relaxa um pouco, me recompensando com um sorriso hesitante, e de novo vejo um pouco de Alessia nela.

Ela me leva até a porta, onde calço as botas, e me acompanha até o lado de fora.

— Tchau — diz.

— A senhora vai contar ao seu marido que estive aqui?

— Não.

— Está certo. Entendo.

Ofereço o que espero ser um sorriso tranquilizador e volto para o carro.

* * *

DE VOLTA AO hotel, estou inquieto. Tentamos ver TV. Nem Tom, nem eu entendemos ao que estamos assistindo. Tentamos ler, e acabamos no bar. Fica no último andar e, à luz do dia, deve ter uma vista impressionante de Kukës, do lago e das montanhas ao redor. Neste momento, porém, já está escuro, e a paisagem na penumbra não me oferece nenhum consolo.

Ela está a caminho de casa.

Com ele.

Espero que esteja bem.

— Sente. Beba alguma coisa — sugere Tom.

Olho-o de lado. É em momentos como este que eu gostaria de fumar. A expectativa e a tensão são quase insuportáveis. Após uma dose de uísque, não aguento mais.

— Está na hora de irmos.

— Está muito cedo.

— Não me importo. Não consigo ficar preso aqui esperando. Prefiro esperar com os pais dela.

* * *

ÀS 19H40, VOLTAMOS para a casa dos Demachi.

Hora de agir como adulto.

Mais uma vez Tom fica aguardando no carro com Drita, enquanto Thanás e eu passamos pela entrada.

— E, lembre-se, eu não estive aqui mais cedo. Não quero criar nenhum problema para a Sra. Demachi — alerta Thanás.

— Problema?

— Com o marido.

— Ah, entendo.

Thanás revira os olhos.

— Você entende?

— Entendo, sim. A vida é diferente em Tiranë. Aqui é muito mais tradicional. Homens. Mulheres.

Ele faz uma careta.

Seco o suor das palmas das mãos no casaco. Não fico nervoso assim desde minha entrevista para a Eton. Preciso passar uma boa impressão para o pai de Alessia. Convencê-lo de que sou uma opção melhor para a filha do que o babaca que ele escolheu.

Isso se ela me quiser.

Merda.

Bato à porta e espero.

A Sra. Demachi aparece. Seus olhos se fixam em Thanas e depois em mim.

— Sra. Demachi? — pergunto. Ela assente. — Seu marido está em casa?

Ela confirma de novo e, para o caso de estarem escutando nossa conversa, repito as palavras que usei ao me apresentar mais cedo, como se o primeiro encontro não tivesse acontecido.

— Entre — pede ela. — O senhor tem que falar com meu marido.

Depois que tiramos os sapatos, ela recolhe nossos casacos e os pendura.

O Sr. Demachi está de pé quando entramos em uma sala maior nos fundos da casa. É um cômodo arejado e impecável, um misto de cozinha e sala de estar, as duas áreas separadas por um arco. Uma espingarda de repetição pende de forma ameaçadora na parede acima da cabeça do Sr. Demachi. Ao alcance da mão, eu noto.

Demachi é mais velho do que a esposa, o rosto sério, o cabelo mais grisalho do que preto. Veste um terno preto sombrio que lhe dá uma aparência de chefe da máfia. Seus olhos não revelam nada. Fico contente de ver que ele é alguns centímetros mais baixo que eu.

À medida que a Sra. Demachi explica em voz baixa quem somos, sua expressão fica cada vez mais desconfiada.

Merda. O que ela está dizendo?

Thanas cochicha, fazendo uma tradução simultânea.

— Ela está contando que o senhor quer falar sobre a filha dele.

— Tudo bem.

Demachi nos dá um sorriso vago enquanto aperta nossas mãos, depois aponta para um sofá velho de estrutura de madeira, nos convidando a sentar. Ele me avalia com olhos astutos do mesmo tom que os de Alessia, enquanto a Sra. Demachi se dirige para a cozinha.

Demachi olha para mim e depois para Thanás e começa a falar. Sua voz tem um timbre forte e profundo que é quase relaxante aos ouvidos. Thanás logo começa a traduzir.

— Minha esposa disse que o senhor está aqui por causa da minha filha.

— Estou, Sr. Demachi. Alessia trabalhou para mim em Londres.

— Londres? — Ele fica impressionado por um instante, mas logo assume seu ar impassível. — O que ela fazia exatamente?

— Era minha faxineira.

Ele fecha os olhos por um minuto, como se essa notícia fosse dolorosa demais para ouvir, o que me surpreende. Ou talvez ele ache que é pouco para ela... ou pode ser que sinta saudades, não sei. Respiro fundo para acalmar o nervosismo crescente e prossigo:

— Vim para pedir a mão dela em casamento.

Seus olhos se abrem de repente, surpresos, e ele me encara, carrancudo. É uma expressão exagerada, mas não sei com que propósito.

— Ela já está prometida a outro homem — rebate.

— Ela não quer se casar com esse homem. Foi por causa dele que ela fugiu daqui.

Os olhos de Demachi se arregalam com a minha sinceridade e ouço um breve suspiro vindo da cozinha.

— Ela falou isso para você?

— Falou.

A expressão dele é inescrutável.

O que será que está pensando?

Os vincos na testa do pai de Alessia se aprofundam.

— Por que o senhor quer se casar com ela?

Ele parece perplexo.

— Porque eu a amo.

Kukës é dolorosamente familiar. Até no escuro. Alessia está tão entusiasmada quanto apreensiva com a perspectiva de ver os pais. O pai vai lhe dar uma surra. A mãe vai envolvê-la nos braços, e as duas vão chorar juntas.

Como sempre acontece.

Anatoli atravessa a ponte para a península de Kukës e vira à esquerda. Alessia se endireita no banco, esforçando-se para captar o primeiro sinal de casa. Menos de um minuto depois, vê as luzes da casa e franze a testa. Há um carro estacionado perto da entrada com duas pessoas encostadas nele, observando o rio e fumando. Alessia acha aquilo estranho, mas deixa para lá, preocupada com o encontro iminente com os pais. O Mercedes contorna o carro parado e prossegue.

Antes de parar por completo, Alessia abre de supetão a porta do carona e sobe depressa o caminho até a casa. Ela entra e, sem tirar os sapatos, dispara pelo corredor principal.

— Mama! — chama, e irrompe na sala, esperando ver a mãe.

Maxim e outro homem que ela mal nota se levantam. Eles estavam conversando com o pai dela, que agora a encara.

O mundo de Alessia para, e ela fica imóvel enquanto tenta processar o que está vendo.

Pisca algumas vezes à medida que seu coração, sofrido e vazio, volta a bater novamente. Alessia só tem olhos para um homem.

Ele está aqui.

Capítulo Trinta e Um

Meu coração bate em um ritmo frenético. Alessia está parada no meio da sala. Atônita.

Ela está aqui.

Finalmente chegou. Olhos muito escuros e enormes me fitam incrédulos.

Isso. Eu vim buscar você.

Eu estou aqui. Sempre estarei.

Ela está deslumbrante. Esguia. Doce. O cabelo bagunçado. Mas sua pele está pálida. Nunca a vi tão pálida, e ela tem um arranhão em uma bochecha e um hematoma na outra. Está com olheiras, e seus olhos brilham com lágrimas que ainda não foram derramadas.

Um nó se forma em minha garganta.

Pelo que você passou, meu amor?

— Olá — sussurro. — Você saiu sem se despedir.

Maxim está aqui. Por ela. Todas as outras pessoas na sala desaparecem. Ela só tem olhos para ele. Seu cabelo está despenteado. Ele parece pálido e cansado, mas aliviado. Seus impressionantes olhos verdes absorvem Alessia, e as palavras dele atingem sua alma. As mesmas palavras que ele usou quando a encontrou em Brentford. Mas a expressão dele deixa transparecer uma pergunta, uma súplica. A dúvida quanto a por que ela foi embora. Ele não sabe o que ela sente por ele. Mas veio assim mesmo.

Ele está aqui.

Não está com Caroline.

Como ela pôde duvidar dele? Como ele pôde duvidar dela?

Alessia deixa escapar um grito baixo e cortante, e corre para os braços ansiosos de Maxim. Ele a aninha contra o peito, em um abraço apertado. Ela inspira o cheiro dele. É limpo e acolhedor e familiar.

Maxim.

Nunca mais me solte.

Ela nota pelo canto do olho um movimento. Seu pai, que se levantou do sofá, observa estupefato os dois. Ele abre a boca para falar alguma coisa...

— Chegamos! — grita Anatoli da porta, e entra orgulhoso na sala carregando a mala com os pertences de Alessia, esperando uma recepção de herói.

— Confie em mim — sussurra Alessia para Maxim.

Ele a olha nos olhos, o rosto repleto de amor, e beija o topo da sua cabeça.

— Sempre.

Anatoli para na entrada. Atônito e mudo.

Alessia se vira para o pai, cujo olhar passa de nós para o filho da mãe que a sequestrou. Anthony? Antonio? Não lembro o nome dele, mas o babaca até que é bonito. A princípio, seus olhos de um azul glacial se arregalam de perplexidade, mas logo se estreitam, avaliando friamente a mim e à mulher a qual estou abraçado. Passo o braço ao redor de Alessia, protegendo-a dele e do pai.

— *Babë* — diz Alessia para o pai —, *më duket se jam shtatzënë dhe ai është i ati.*

Há um arquejo de choque coletivo que percorre a sala.

O que ela disse, porra?

— O quê? — ruge o filho da mãe em inglês, e então deixa cair a mala enquanto seu rosto se contorce de raiva.

O pai de Alessia lança um olhar furioso e aturdido para ela e para mim, seu rosto se tornando mais corado.

Thanas se inclina e sussurra:

— Ela acabou de falar para o pai que acha que está grávida e que você é o pai.

— O quê?

Eu me sinto um pouco tonto. Mas espere... Ela não pode... Nós só... Nós usamos...

Ela está mentindo.

O pai dela pega a espingarda.

Merda.

— Você me disse que estava sangrando! — grita Anatoli para Alessia, e uma veia na sua testa pulsa de raiva.

Mama começa a chorar.

— Eu menti! Não queria que você me tocasse! — Ela se vira para o pai.
— *Baba*, por favor. Não me faça casar com Anatoli. Ele é um homem violento e bravo. Ele vai me matar.

Baba a encara, perplexo e zangado ao mesmo tempo, enquanto que, ao lado de Maxim, um homem que Alessia não conhece traduz baixinho para o inglês tudo o que ela falou. Mas ela não tem tempo para o estranho agora.

— Veja — diz ela ao Baba e, abrindo o casaco, abaixa a gola do suéter, revelando os hematomas escuros na altura do pescoço.

Mama ofega bem alto.

— Puta merda! — berra Maxim, e avança em Anatoli, levando os dois ao chão.

Ele é um homem morto, caralho.

Meu corpo é tomado pela adrenalina. Pego o imbecil de surpresa e o deixo sem fôlego quando ele cai no chão comigo por cima.

— Seu fodido! — rosno e, montado em cima dele, soco seu rosto, atingindo sua cabeça na lateral.

Bato de novo enquanto ele luta, tentando atingir meu rosto em um golpe do qual me esquivo. Mas ele é forte e se debate embaixo de mim, então fecho os dedos em volta do seu pescoço e aperto. Ele agarra minhas mãos, tentando se livrar de mim. Cospe na minha cara, mas eu também me esquivo disso, e o cuspe cai de volta na sua bochecha, deixando-o coberto com a própria baba. Isso apenas o enfurece mais. E ele resiste sem parar. Grita comigo na sua língua materna. Palavras que não entendo — e estou cagando para o que ele fala.

Aperto com mais força.

Morra, seu merda.

O rosto dele fica vermelho. Seus olhos parecem saltar.

Levanto as mãos, trazendo a cabeça dele para cima, e então bato com ela contra os azulejos da cozinha. Satisfeito pelo barulho alto.

Em algum lugar às minhas costas, ouço um grito.

Alessia.

— Sai. De. Cima. De. Mim! — grita o filho da mãe, sem ar, em um inglês arranhado.

E de repente sinto mãos me segurarem, tentando me afastar dele. Lutando contra elas, me inclino muito, muito perto, o suficiente para sentir seu bafo fedorento.

— Se tocar nela de novo, vou matar você, porra! — rosno.

— Trevethick! Trevethick! Maxim! Max! — É Tom.

Ele agarra meus ombros e me puxa. Encho os pulmões de ar quando me levanto, o corpo inteiro vibrando de fúria e com sede de vingança. O filho da mãe olha para cima, para mim, e percebo o pai de Alessia parado entre nós dois empunhando a espingarda. Com uma expressão ameaçadora, ele balança o cano, fazendo um gesto para eu me afastar.

Relutantemente, obedeço.

— Acalme-se, Maxim. Você não quer causar um incidente internacional — diz Tom, enquanto ele e Thanos me puxam para trás.

O filho da mãe vacila para ficar de pé, puro ódio no olhar.

— Você é como todos os ingleses — rosna o imbecil. — Vocês são moles e fracos, suas mulheres é que são duronas.

— Mole o bastante para meter porrada em você, seu merdinha — falo com rispidez.

Quando a onda de fúria passa e volto ao controle, consigo ouvir Alessia aflita atrás de mim.

Merda.

O pai de Alessia está parado entre os dois homens, olhando para cada um em choque.

— Vocês vieram trazer violência para dentro da minha casa? Na frente da minha mulher e da minha filha? — dirige-se a Maxim e a seu amigo Tom.

De onde Tom surgiu?, pensa Alessia. Ela se lembra de tê-lo visto em Brentford e se recorda dele na cozinha de Maxim, o homem das cicatrizes nas pernas.

Tom passa uma das mãos pelo cabelo vermelho-ferrugem enquanto fita o pai dela.

O intérprete se inclina para Maxim e murmura em inglês as palavras do pai de Alessia. Maxim levanta as mãos e dá um passo para trás.

— Eu peço desculpas, Sr. Demachi. Amo sua filha, e não quero que nada de ruim aconteça a ela. Ainda mais vindo das mãos de um homem. — Maxim lança um olhar penetrante a Baba, que franze o cenho e volta sua atenção para Anatoli.

— E você. Você traz minha filha de volta coberta de hematomas?

— Sabe como ela é impetuosa, Jak. Ela precisa ser domada.

— Domada? Assim? — Baba aponta para o pescoço dela.

Anatoli dá de ombros.

— Ela é mulher. — Seu tom de voz insinua que ela não tem a menor importância.

Quando as palavras são traduzidas para Maxim, ele trava a mandíbula e cerra os punhos. Ele está dominado por tensão e raiva.

— Não — balbucia Alessia, estendendo a mão e tocando no braço dele para acalmá-lo.

— Calada, você! — fala seu pai rispidamente, girando para encará-la. — Você trouxe essa vergonha para nós. Você fugiu. E voltou como uma puta. Abrindo as pernas para esse inglês.

Alessia baixa a cabeça, o rosto pálido.

— Baba, Anatoli vai me matar — sussurra ela. — E se o senhor quer me ver morta, prefiro que o senhor atire em mim com essa arma que está segurando, pelo menos assim vou morrer pelas mãos de alguém que supostamente me ama.

Ela fita Baba, que fica lívido ao ouvir essas palavras enquanto Thanos as traduz em voz baixa.

— Não — diz Maxim, com tamanha convicção que todos os olhos se voltam para ele. Em um movimento rápido, ele se coloca na frente de Alessia. — Não toquem nela. Nenhum dos dois.

Baba o encara, mas Alessia não sabe se o pai está enfurecido ou impressionado.

— Sua filha é uma mercadoria contaminada, Demachi — diz Anatoli. — Por que eu ia querer as sobras de outro homem, além do filho bastardo que ela carrega? Pode ficar com a sua filha, e dê adeus ao dinheiro que eu tinha prometido a você.

Baba fala com Anatoli de cara feia.

— Você faria isso comigo?

— Sua palavra não vale nada — resmunga o outro.

Em voz baixa, o intérprete passa as palavras para o inglês.

— Dinheiro? — pergunta Maxim. Ele vira um pouco a cabeça e fala baixo, para que só Alessia possa ouvir: — Esse babaca *pagou* por você?

Alessia cora.

Maxim fita o pai dela e declara:

— Eu cubro qualquer quantia.

— Não — exclama Alessia.

O pai encara Maxim, furioso.

— Isso é uma afronta para ele — sussurra Alessia.

— *Carissima* — declara Anatoli da porta. Ele fala em inglês para que Maxim possa entender: — Eu devia ter fodido você quando tive a chance.

Maxim se vira rápido, colérico e disposto a brigar de novo, mas dessa vez Anatoli está preparado. Do bolso do casaco, ele tira uma pistola e mira no rosto de Maxim.

— Não! — Alessia dá um grito agudo, e corre para a frente de Maxim, agindo como um escudo.

— Não sei se atiro em você ou nele — rosna Anatoli para Alessia na língua materna deles, e se volta para o pai dela procurando permissão.

Baba olha para ele e depois para Alessia.

Todos estão mudos. A tensão cobre a sala inteira como um manto. Alessia

se inclina para a frente.

— O que vai fazer, Anatoli? — Ela aponta o dedo indicador para ele. — Vai atirar nele ou em mim?

Thanas traduz para o inglês as palavras de Alessia.

Maxim segura os braços dela, mas Alessia se desvencilha.

— Quem se esconde atrás de uma mulher? — desdenha Anatoli em inglês. — Tenho bala suficiente para vocês dois. — Seu olhar de triunfo a deixa nauseada.

— Não tem, não — replica Alessia.

Anatoli franze a testa.

— O quê? — E avalia o peso da arma em sua mão.

— Hoje de manhã, em Zagreb, tirei as balas enquanto você dormia.

Apontando a arma para Alessia, Anatoli aproxima o dedo do gatilho.

— Não! — urra o pai dela, e bate em Anatoli com a coronha da espingarda tão forte que o outro homem cai no chão.

Louco de raiva, Anatoli mira novamente, dessa vez no pai dela, e puxa o gatilho.

— Não! — gritam Alessia e sua mãe em uníssono.

Mas nada acontece. O cão da arma faz um clique e ecoa no tambor vazio.

— Porra! — berra Anatoli e encara Alessia, sua expressão uma mistura de admiração e desprezo. — Você é uma mulher irritante da porra — resmunga ele, e cambaleia para ficar de pé.

— Saia! — berra Baba. — Saia agora, Anatoli, antes que eu mesmo atire em você. Quer começar uma rixa com a minha família?

— Por causa da sua puta?

— Ela é minha filha, e essas pessoas são visitas em minha casa. Saia. Agora. Você não é mais bem-vindo aqui.

Anatoli fita o pai de Alessia, fúria e impotência estampadas em cada músculo tenso de seu rosto.

— Isso não acabou — rosna para Baba e Maxim.

Girando nos calcanhares, empurra Tom ao passar por ele e sai da sala. Segundos depois, todos ouvem um estrondo: Anatoli batendo a porta da

frente com força.

Quando Demachi lentamente se vira para encarar Alessia, os olhos estão em chamas. Ignorando-me, concentra o olhar ameaçador na filha.

— Você me desonrou — traduz Thanas. — Sua família. Sua cidade. E volta para cá nesse estado? — O pai balança a mão para cima e para baixo na frente do corpo dela. — Você se desonrou — continua a reprimenda.

Eu observo Alessia abaixar a cabeça de vergonha, uma lágrima descendo por seu rosto.

— Olhe para mim — rosna ele.

Quando ela o encara, ele estica o braço para trás para bater no rosto dela com as costas da mão, mas eu apanho Alessia e a tiro de seu alcance. Ela está tremendo.

— Não ouse encostar em um fio do cabelo dela! — falo, com raiva, me esticando para ficar acima dele. — Essa mulher já sofreu demais. E tudo por causa do senhor e da sua escolha de merda de marido para ela. Ela foi sequestrada por homens que trabalham com tráfico sexual. E escapou. Passou fome. Caminhou por dias apenas com a roupa do corpo. E depois de tudo teve força suficiente para conseguir um emprego e se manter sozinha sem quase nenhuma ajuda. Como o senhor pode tratá-la assim? Que tipo de pai o senhor é? Onde está a *sua* honra?

— Maxim! Você está falando com o meu pai. — Alessia segura o meu braço, uma expressão de pavor no rosto, enquanto eu repreendo o homem que ela chama de pai.

Mas agora que comecei, não paro mais, e Thanas parece estar acompanhando o que eu digo.

— Como o senhor pode falar de honra se é assim que o senhor trata sua filha? E, além do mais, ela pode estar carregando seu neto... e o senhor ameaça agredi-la?

Do canto do olho, avisto a mãe de Alessia, que aperta forte o avental, uma expressão de pavor no rosto. É angustiante.

Demachi me encara como se eu fosse completamente maluco. Olha para Alessia e depois se volta para mim, a fúria e o desprezo evidentes em seus olhos escuros.

— Como se atreve a entrar na minha casa e me dizer como devo me portar? Você. Você que devia ter mantido o pau dentro das calças. Não venha me falar de honra.

Thanas empalidece enquanto traduz.

— Você trouxe desonra a todos nós. Desonrou minha filha. Mas tem uma coisa que pode fazer. — Ele range os dentes e, em um impulso rápido, engatilha a espingarda com um clique alto.

Merda.

Eu exagerei.

Ele vai me matar.

Não consigo ver Tom na porta, mas dá para sentir que ele está tenso.

Demachi aponta a arma para mim e grita:

— *Do të martohesh me time bijë!*

Os albaneses ficam atônitos. Tom está pronto para atacar. E todos os olhos estão fixos em mim: os da Sra. Demachi. De Alessia. De Thanas. Todos engolem em seco em choque. E Thanas traduz baixinho:

— Você vai se casar com a minha filha.

Capítulo Trinta e Dois

Ah, Baba, não!

Alessia se dá conta de que não havia pensado nas consequências da mentira sobre a gravidez. Em pânico, ela se afasta apressada do pai e de sua espingarda, desesperada para explicar a verdade a Maxim. Ela não quer forçá-lo a casar!

Mas Maxim está sorrindo de orelha a orelha.

Seus olhos brilham de alegria, fica bem claro para todos.

Sua expressão a deixa sem fôlego.

Ele se ajoelha devagar e, do bolso interno da jaqueta, retira... um anel. Um lindo anel de diamantes. Alessia fica boquiaberta, tomada pela surpresa.

— Alessia Demachi — diz Maxim —, por favor, conceda-me a honra de se tornar minha condessa. Eu amo você. Quero ficar para sempre com você. Passe o resto da sua vida comigo. Ao meu lado. Sempre. Case comigo.

Os olhos de Alessia se enchem de lágrimas.

Ele trouxe um anel.

Foi isso que ele veio fazer aqui. Casar com ela.

Ela está em choque, sem ar.

E então uma alegria enorme a atinge como um trem. Ele a ama de verdade. Quer ficar com ela. Não com Caroline. Quer ficar com ela, para sempre.

— Sim — sussurra ela, lágrimas de alegria descendo por seu rosto.

Todos observam a cena, tão mudos e impressionados quanto Alessia, enquanto Maxim coloca o anel no dedo dela e beija sua mão. Em seguida, com um grito de júbilo, ele se levanta e a ergue nos braços.

— Eu te amo, Alessia Demachi — sussurro.

Devolvendo-a ao chão, eu a beijo. Com vontade. De olhos fechados. Não dou a mínima se temos uma plateia. Não dou a mínima se seu pai ainda está

com a espingarda apontada na minha direção ou se sua mãe continua na cozinha chorando baixinho, de olhos arregalados. Não dou a mínima se um dos meus melhores amigos está me observando chocado e com medo de eu ter enlouquecido.

Agora. Aqui. Em Kukës, Albânia, estou mais feliz do que nunca.

Ela aceitou.

Sua boca é macia e acolhedora. A língua acaricia a minha. Passaram-se só alguns dias, mas senti tanta saudade!

Suas lágrimas ficam no meu rosto. Molhadas e refrescantes.

Put a merda. Eu amo essa mulher.

O Sr. Demachi grunhe, e eu e Alessia paramos, ofegantes e tontos depois do beijo. Ele agita a espingarda indicando um espaço entre nós, e nos afastamos um do outro, mas seguro a mão dela com força. Nunca mais vou soltá-la. Alessia está sorridente e corada, e eu estou desnorteado de amor.

— *Konteshë?* — pergunta o pai dela a Thanas, franzindo o cenho.

Thanas olha para mim, mas não faço ideia do que Demachi disse.

— Condessa? — esclarece.

— Ah. É. Condessa. Alessia será Lady Trevethick, Condessa de Trevethick.

— *Konteshë?* — repete o pai, e parece que está avaliando a palavra e seu significado.

Balanço a cabeça afirmativamente.

— *Babë, zoti Maksim është Kont.*

Três albaneses se viram para mim e para Alessia como se fôssemos alienígenas.

— Como Lorde Byron? — pergunta Thanas.

Byron?

— Acho que ele era barão. Mas era um nobre. Então, sim, como ele.

O Sr. Demachi abaixa a arma, mas continua me olhando boquiaberto. Ninguém mais na sala se mexe ou diz nada.

Constrangedor.

Tom se aproxima.

— Parabéns, Trevethick. Não esperava que você fizesse o pedido assim, logo de cara. — Ele me abraça e me dá um tapinha nas costas.

— Obrigado, Tom — respondo.

— Essa vai ser uma história e tanto para os netos.

Eu rio.

— Parabéns, Alessia — acrescenta Tom, com uma reverência discreta, e ela retribui com um sorriso maravilhoso.

O Sr. Demachi se vira para a esposa e lhe grita alguma ordem. Ela vai para a cozinha e volta com uma garrafa de alguma bebida alcoólica transparente e quatro copos. Olho para Alessia, que está radiante. A mulher angustiada que há pouco tinha entrado nesta sala não existe mais.

Ela está exultante. Seu sorriso. Seus olhos. Ela me deixa sem fôlego.

Sou um cara de sorte.

A Sra. Demachi enche os copos e os distribui; só para os homens. O pai de Alessia ergue o seu.

— *Gëzuar* — diz ele, com um olhar de alívio nos perspicazes olhos escuros.

Desta vez, sei o que ele está dizendo. Também levanto meu copo.

— *Gëzuar* — repito, e Thanás e Tom me imitam.

Todos erguemos os copos e bebemos. É o líquido mais ardente e letal que já bebi.

Tento não tossir. Mas não consigo.

— Muito bom — minto.

— *Raki* — sussurra Alessia, tentando esconder o sorriso.

Demachi abaixa seu copo e o enche de novo, fazendo o mesmo com os nossos.

Mais um? Merda. Eu me preparo mentalmente.

O pai de Alessia ergue seu *raki* mais uma vez e fala:

— *Bija ime tani është problem yt dhe do të martoheni, këtu, brenda javës.*

— Ele bebe sua dose e brande a arma com uma expressão de pura alegria.

Thanás traduz em voz baixa:

— Minha filha é problema seu agora. E vocês vão se casar, aqui, em uma semana.

Como é que é?

Putá merda.

Capítulo Trinta e Três

Uma semana!

Dirijo um sorriso confuso a Alessia, que também sorri e solta minha mão.

— Mama! — exclama ela de repente, e a observo correr até a mãe, que a aguarda na cozinha.

Elas se abraçam como se não quisessem mais se soltar, e as duas começam a chorar baixinho como por vezes só as mulheres sabem fazer.

É... comovente.

É óbvio que sentiram saudades uma da outra. Mais do que isso.

A mãe seca as lágrimas da filha, falando rápido no idioma delas, e não faço ideia do que dizem. O barulho da risada de Alessia soa mais como um murmúrio, e as duas voltam a se abraçar.

O pai as observa e se vira para mim.

— Mulheres. São muito emotivas — traduz Thanas, mas acho que Demachi parece aliviado.

— É — concordo com a voz grossa, esperando soar viril. — Ela sentiu saudades da mãe.

Mas não de você.

A mãe a solta e Alessia se aproxima do pai.

— Baba — murmura ela, os olhos arregalados de novo.

Prendo a respiração, pronto para intervir se ele encostar sequer um dedo nela.

Demachi ergue uma das mãos e segura o queixo da filha com carinho.

— *Mos u largo përsëri. Nuk është mirë për nënën tënde* — fala.

Alessia lhe dirige um sorriso tímido, e ele se aproxima e a beija na testa, fechando os olhos ao fazer isso.

— *Nuk është mirë as për mua* — sussurra ele.

Olho para Thanas esperando que ele traduza, mas ele se afastou para dar privacidade aos Demachi — e acho que devo fazer o mesmo.

ESTÁ TARDE E estou exausto, mas não consigo dormir. Aconteceu tanta coisa, e minha mente está a mil. Fico deitado olhando para os reflexos da água, que dançam no teto. Os padrões formados são familiares e, por isso, tão reconfortantes que me fazem sorrir. São um espelho do meu êxtase. Não estou em Londres, estou na casa dos meus futuros sogros, e os reflexos são provocados pela lua cheia, que brilha sobre as águas escuras do lago Fierza.

Não tive escolha em relação à minha hospedagem; Demachi insistiu que eu ficasse aqui. Meu quarto fica no térreo e, embora seja simples, é confortável e aquecido, além de ter uma vista esplêndida do lago.

Ouçõ o barulho da porta e vejo Alessia entrar de fininho, fechando-a atrás de si. Todos os meus sentidos despertam e meu coração dispara. Ela vem na ponta dos pés até a cama, o corpo sob a maior e mais virginal camisola no estilo vitoriano que já vi. De repente, sinto-me em um romance gótico, e tenho vontade de rir do ridículo da situação. Mas ela leva o dedo aos lábios e, com um movimento rápido, tira a camisola pela cabeça, deixando-a cair no chão.

Prendo a respiração.

Seu lindo corpo é banhado pela luz pálida da lua.

Ela é perfeita.

Em todos os sentidos.

Fico com a boca seca e com o corpo agitado.

Removo as cobertas, e ela se deita na cama ao meu lado, gloriosamente nua.

— Oi, Alessia — sussurro, e meus lábios encontram os dela.

E, sem dizer nada, nós nos abraçamos, sua paixão me pegando de surpresa. Ela perdeu todo o pudor; dedos, mãos, língua e lábios exploram meu corpo. E eu exploro o dela.

Me perdi.

E fui encontrado.

Ah, a sensação de tê-la ali comigo.

E quando ela joga a cabeça para trás em êxtase, cubro sua boca para abafar os gritos, enterro a cabeça naquele cabelo volumoso e macio e a acompanho.

* * *

AO TERMINARMOS, ELA se aninha nos meus braços e adormece com o corpo entrelaçado ao meu. Deve estar exausta.

Deixo minha satisfação penetrar até o fundo da minha alma.

Ela está comigo de novo. O amor da minha vida está comigo, onde deve estar. Ainda que, se seu pai soubesse que ela está aqui, atiraria em nós dois, tenho certeza.

Ao observá-la com os pais nas últimas horas, aprendi muito sobre ela. O reencontro emocionado com a mãe — e o pai — foi comovente. Acho que, no fundo, ele a ama. Muito.

Mas parece que ela luta contra sua criação, para ser dona do próprio nariz desde antes de eu tê-la conhecido. E conseguiu. Além disso, ela me levou junto nessa jornada épica de autodescoberta. Quero passar o resto da minha vida com essa mulher. Eu a amo tanto, e quero lhe dar o mundo. Ela não merece menos que isso.

Ela se remexe e abre os olhos. Sorri para mim, uma expressão que ilumina o quarto.

— Eu te amo — sussurro.

— Eu te amo — responde ela, acariciando minha bochecha, os dedos fazendo cócegas na barba por fazer. — Obrigada por não ter desistido de mim.

Sua voz é delicada como a brisa do verão.

— Nunca. Eu estou aqui. Sempre.

— E eu estou aqui para você.

— Acho que seu pai vai atirar em mim se encontrar você aqui.

— Não, ele vai atirar em *mim*. Acho que ele gosta de você.

— Ele gosta do meu título.

— Pode ser.

— Você está bem? — Estou sério agora, a voz mais baixa enquanto estudo seu rosto, tentando descobrir pelo que ela passou nos últimos dias.

— Agora que estou com você, sim.

— Vou matá-lo se ele algum dia se aproximar de você de novo.

Ela coloca o dedo nos meus lábios.

— Não vamos falar dele.

— Tudo bem.

— Me desculpe. Pela mentira.

— Mentira? Sobre a gravidez?

Ela faz um gesto de concordância com a cabeça.

— Alessia, foi genial. Além disso, eu gostaria de ter filhos.

Um herdeiro e um reserva.

Ela sorri e se aproxima para me beijar, me tentando e provocando meus lábios com a língua, e me deixando ávido por mais.

Viro nossos corpos, deitando-a de costas na cama, e faço amor com ela mais uma vez.

Com cuidado. Com beleza. Nos completando.

Como deve ser.

Ao final desta semana, estaremos casados.

Mal posso esperar.

Só preciso contar à minha mãe...

Músicas interpretadas por Alessia

Capítulo Dois

“Le Coucou”, de Louis-Claude Daquin (música que Alessia toca como aquecimento)

“Prelúdio Nº 2 em Dó Menor”, BWV 847, de J. S. Bach (prelúdio de Bach que Alessia toca quando está com raiva)

Capítulo Quatro

“Prelúdio Nº 3 em Dó Sustenido Maior”, BWV 848, de J. S. Bach

Capítulo Cinco

“Prelúdio Nº 15 em Ré Bemol” (“Gota d’Água”), de Frédéric Chopin

Capítulo Seis

“Prelúdio e Fuga Nº 15 em Sol Maior”, BWV 884, de J. S. Bach

“Prelúdio Nº 3 em Dó Sustenido Maior”, BWV 872, de J. S. Bach

Capítulo Sete

Années de Pèlerinage, 3ème année, S. 163 IV, “Les jeux d’eaux à la Villa d’Este”, de Franz Liszt

Capítulo Doze

“Prelúdio Nº 2 em Dó Menor”, BWV 847, de J. S. Bach

Capítulo Treze

“Prelúdio Nº 8 em Mi Bemol Menor”, BWV 853, de J. S. Bach

Capítulo Dezoito

“Concerto Para Piano Nº 2 em Dó Menor”, op. 18, de Sergei Rachmaninoff

Capítulo Vinte e Três

“Gota d’Água”, de Frédéric Chopin

“Le Coucou”, de Louis-Claude Daquin

“Sonata para Piano Nº 17 em Ré Menor”, op. 31, Nº 2 (“A Tempestade”), de Ludwig van Beethoven

Capítulo Vinte e Seis

“Prelúdio Nº 23 em Si Maior”, BWV 868, de J. S. Bach

Capítulo Vinte e Oito

“Prelúdio Nº 6 em Ré Menor”, BWV 851, de J. S. Bach

Agradecimentos

À minha editora e querida amiga, Anne Messitte, obrigada. Por Tudo.

Sou grata a toda a equipe da Knopf e Vintage. Pela atenção aos detalhes, pela dedicação e pelo apoio, vocês superam as expectativas. Vocês fazem um trabalho fantástico. Agradecimentos especiais a Tony Chirico, Lydia Buechler, Paul Bogaards, Russell Perreault, Amy Brosey, Jessica Deitcher, Katherine Hourigan, Andy Hughes, Beth Lamb, Annie Lock, Maureen Sugden, Irena Vukov-Kendes, Megan Wilson e Chris Zucker.

A Selina Walker, Susan Sandon e a toda a equipe da Cornerstone, obrigada pelo excelente trabalho, entusiasmo e bom humor. Eu valorizo demais isso tudo.

Agradeço a Manushaqe Bako, pela tradução para o albanês.

Obrigada ao meu marido e meu porto seguro, Niall Leonard, pelas primeiras revisões e incontáveis xícaras de chá.

Obrigada a Valerie Hoskins, minha extraordinária agente, pelos conselhos cuidadosos e por todas as piadas.

Obrigada a Nicki Kennedy e a todo o pessoal da ILA.

Obrigada a Julie McQueen por sempre me apoiar.

Obrigada a Grant Bavister, do Escritório da Coroa, Chris Eccles, do Griffiths Eccles LLP, Chris Schofield e Anne Filkins, pelas orientações em assuntos relativos a títulos de nobreza, propriedades, heranças e heráldica.

Um agradecimento enorme a James Leonard por suas aulas sobre a linguagem de jovens aristocratas ingleses.

Por todas as informações sobre tiro ao prato, obrigada, Daniel Mitchell e Jack Leonard.

Às minhas leitoras beta, Kathleen Blandino e Kelly Beckstrom, e minhas pré-leitoras Ruth Clampett, Liv Morris e Jenn Watson — obrigada por todo o retorno e por estarem à disposição.

Ao Bunker — já são quase dez anos —, obrigada por me acompanharem nessa jornada. Meus amigos autores: vocês sabem quem são. Obrigada por me inspirarem todos os dias. E aos participantes do Bunker 3.0, obrigada pelo apoio constante.

Major e Minor, obrigada pela ajuda com a música e por serem jovens excepcionais. Brilhem, meninos lindos. Vocês me dão muito orgulho.

E, por fim, serei eternamente grata a todos os que leram meus livros, assistiram aos filmes e gostaram das histórias. Sem vocês, esta incrível aventura não teria sido possível.

Sobre a autora



© Nino Muñoz

E L JAMES é uma romântica incurável e fangirl confessa. Depois de vinte e cinco anos trabalhando na TV, decidiu ir atrás de seu sonho de infância e escrever histórias pelas quais os leitores se apaixonassem. O resultado foi o sensual romance *Cinquenta tons de cinza* e as sequências *Cinquenta tons mais escuros* e *Cinquenta tons de liberdade*. Em 2015, publicou o best-seller *Grey* e, em 2017, outro título que figurou nas listas de mais vendidos, *Mais escuro*. Seus livros foram publicados em mais de cinquenta idiomas e venderam mais de 150 milhões de exemplares no mundo todo. Considerada pela revista *Time* uma das pessoas mais influentes do mundo e personalidade do ano pela *Publishers Weekly*, James ainda coproduziu os filmes da série *Cinquenta Tons de Cinza*, que arrecadaram mais de 1 bilhão de dólares nas bilheterias. Hoje mora com os dois filhos, o marido — o também escritor e roteirista Niall Leonard — e seus cachorros no subúrbio de Londres.

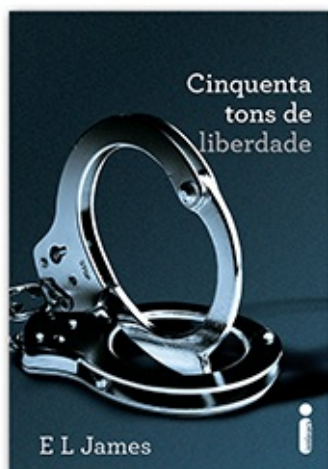
Conheça outros títulos da autora



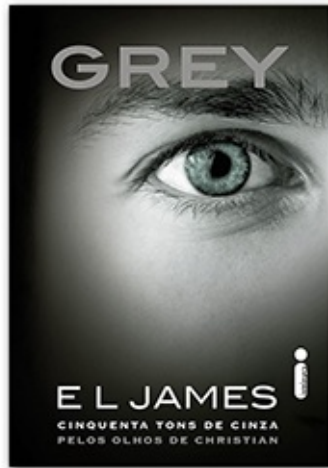
Cinquenta tons de cinza



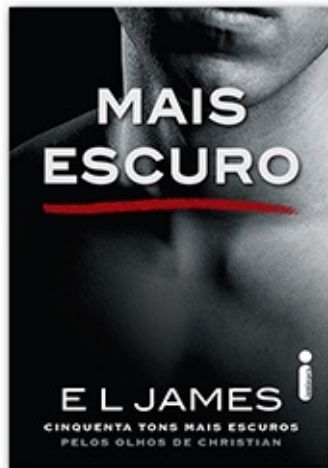
Cinquenta tons mais escuros



Cinquenta tons de liberdade



Grey



Mais escuro

Leia também



Como eu era antes de você
Jojo Moyes



O som do amor
Jojo Moyes



Tempo de luz

Whitney Scharer



Me chame pelo seu nome
André Aciman